



P E N G U I N  C O M P A N H I A

CLÁSSICOS

STENDHAL

*A cartuxa de Parma*

Prefácio de LYDIA DAVIS

# Introdução

Um fato impressionante ligado à obra *A cartuxa de Parma* é que este romance magnífico de mais de seiscentas páginas (na presente edição) foi escrito em apenas 53 dias. Sabemos o endereço e a data de seu início: uma casa alugada da rua Caumartin, 8, em Paris; o dia, 4 de novembro de 1838. Em seu diário daquele ano, Stendhal manteve um registro regular do número de páginas acrescentadas ao manuscrito: “10 de novembro de 38. 177 da *Cartuxa*”; “15 de novembro de 1838. O manuscrito da *Cartuxa* está na página 270”;<sup>1</sup> e assim por diante. Um ritmo exaustivo de composição, pode-se pensar, mas favorecido por um autor para quem a escrita devia ser tão direta quanto a fala. Seu ideal era uma prosa que fosse a mais urgente e livre de artifício possível (coisa que seus tradutores devem ter em conta).

E m 26 de dezembro de 1838, ele entregou ao velho amigo Romain Colomb seis “cadernos enormes” com o texto acabado e instruções para que ele saísse em busca de um editor. Foi o que Colomb fez sem grande dificuldade, pois Stendhal era muito conhecido pelos editores, embora estes não esperassem ganhar dinheiro publicando-o. Mas, na opinião dele, a *Cartuxa* foi um sucesso: publicada em abril de 1839 numa edição de 1200 exemplares, esgotou-se em dezoito meses — uma ótima demanda para a época.

Stendhal, por natureza o mais nômade dos homens, regressou a Paris de uma excursão ao noroeste da França dois dias antes de começar a escrever. Então fechou a porta para as visitas, suspendendo a sociabilidade que normalmente fazia parte de sua vida, deu instruções para que dissessem a quem aparecesse que ele viajara ao campo para atirar e se pôs a escrever. O fato de que esse trabalho composto com tanta pressa tenha resultado numa grande obra-prima é a prova de que, no livro, como observa seu principal biógrafo, Michel Crouzet, ele “talvez pela primeira vez na vida teve imaginação, imaginação em estado puro e feliz”.<sup>2</sup> O escritor estava então com 55 anos, e a *Cartuxa* foi o livro no qual as experiências que ele vivera naquele período e as fantasias de que sempre dependera para compensar essas experiências quando eram decepcionantes se uniram mais ou menos à perfeição. A principal locação da história é aquela parte do sul da Europa que ele conhecia intimamente e amava mais que todas as outras, o norte da Itália; o período é o século XIX burguês, na esteira das guerras napoleônicas, o qual Stendhal desprezava pela docilidade e a obsessão por dinheiro, com, suavemente alinhavado a ele, um passado italiano mais heroico, este sim admirado pelo autor devido às paixões a que dera rédeas soltas; e, como a ficção se equilibra entre um mundo real reconhecível e outro ternamente imaginário, seu estado de espírito oscila agradavelmente entre o satírico e o romântico. Não admira que Stendhal achasse *Dom Quixote*, em que as ilusões do herói cavaleiresco são sabotadas pelo rude realismo do escudeiro Sancho Pança, o mais perfeitamente construído de todos

os grandes romances.

O culto da Itália que transparece na *Cartuxa* tem muito a ver com as circunstâncias de Stendhal na época em que o escreveu. No outono de 1838, ele estava de licença prolongada do cargo de cônsul francês em Civitavecchia, um porto marítimo enfadonho e insalubre — segundo sua própria descrição — a uns cinquenta quilômetros de Roma. “Prolongada” é eufemismo: inicialmente, ele obtivera licença de um mês na primavera de 1836, de modo que fazia não um mês, e sim dois anos e meio que estava afastado do serviço. Férias de tais proporções eram no mínimo excepcionais, e Stendhal devia essa perpetuação ao favor ministerial, que se estendeu ao pagamento do vencimento integral, embora pelas normas o cônsul ausente devesse receber apenas a metade. Stendhal passou a vida adulta cronicamente endividado, portanto tinha um motivo extra para ser grato a sua esclarecida patronagem. Sabia, porém, que a licença não podia se prolongar indefinidamente, e a triste perspectiva de voltar à cidade de que não gostava e a um trabalho que o entediava há de ter intensificado seu desejo de criar uma versão mais atrativa e infinitamente mais dramática da Itália no romance que decidiu escrever enquanto ainda tinha oportunidade.

Mas como, aos cinquenta e tantos anos, um hedonista inveterado e ansioso por companhia divertida como Stendhal acabou assumindo, não sem relutância, o cargo de cônsul num lugar como Civitavecchia? Para ganhar mais dinheiro seria a resposta óbvia, coisa que ele nunca conseguiu como escritor. Mas precisamos conhecer mais sua vida anterior ou, pelo menos, os elementos que tenham relação com o presente romance. Stendhal não era o nome verdadeiro do escritor. Nascido em 1783, em Grenoble, no sudeste da França, ele se chamava Marie-Henri Beyle, filho do advogado Chérubin Beyle. Stendhal, o pseudônimo que usou pela primeira vez aos trinta e poucos anos — Stendhal era o nome de uma cidadezinha do norte da Alemanha pela qual ele passara anos antes —, era apenas um entre o número extraordinário de disfarces que adotou debochadamente em diversas etapas da vida. Os biógrafos não são unânimes quanto ao número preciso, mas as estimativas chegam a nada menos que 350. Pois Stendhal era uma pessoa que se deleitava com a ideia de sigilo, ainda que não o levasse muito a sério ao praticá-lo: uma história o apresenta enviando um despacho codificado a Paris, no curso de suas atividades consulares, e anexando ao despacho a própria chave do código usado. Inevitável e felizmente, não faltam códigos nem disfarces na *Cartuxa*, cujo protagonista, Fabrice del Dongo, se disfarça mais de uma vez e aparece no alto de uma torre trocando sinais codificados de lanterna com a tia.

Esconder-se sob pseudônimos era, à parte outras considerações, agradável para Stendhal por negar ao público provas de sua paternidade. Pois o jovem Henri Beyle não gostava do pai. No relato maravilhosamente mordaz de sua infância e adolescência, escrito no inverno de 1835-6 (considerado chocante, só foi publicado em 1890) e intitulado *A vida de Henry Brulard*, ele não demonstra senão desprezo pelo progenitor: um homem sério demais para o gosto do filho, realista demais para um garoto que afirma ter sido jacobino ou extremista revolucionário quase desde o berço, e sovina demais com seu dinheiro. Assim, o nome que Stendhal nunca assinou como escritor foi Beyle. Sair da casa triste de Chérubin

Beyle e de Grenoble passou a ser, como ele conta em *Henry Brulard*, a meta principal de sua sufocante juventude.

E ele saiu assim que pôde. Era um aluno ferozmente competitivo e, portanto, impopular, especialmente forte em matemática, matéria que enaltecia por um motivo tipicamente stendhaliano: ela não dava espaço à hipocrisia. Em matemática você está certo ou errado, não pode mentir ou enganar. Foi graças a essa disciplina que ele finalmente fugiu. Em 1799, aos dezesseis anos, foi enviado a Paris para prestar exame de admissão na École Polytechnique, a escola de elite fundada seis anos antes a fim de preparar engenheiros para o serviço público. Ele ainda estava na estrada quando Napoleão Bonaparte, com trinta anos, chegou ao poder na França mediante um golpe de Estado e foi nomeado primeiro cônsul, um grande passo rumo a ser coroado imperador cinco anos depois. Daquele momento em diante, Stendhal foi um napoleonista sem limites em sua admiração por aquele aventureiro e estrategista que, tendo saído do nada, graças à sua energia e gênio estava prestes a conquistar meia Europa. O glorioso momento napoleônico na história europeia e o anticlímax que o seguiu são cruciais no esquema da *Cartuxa*.

Stendhal não prestou exame nenhum: não tinha intenção de frequentar a École Polytechnique. Em vez disso, depois de ser acolhido por uma família de primos, os Daru, atravessou os Alpes na primavera de 1800 para se alistar no exército francês no norte da Itália, que estava uma vez mais em ação contra os austríacos. Aliás, Stendhal opta por iniciar o romance quatro anos antes, quando Napoleão acabava de empreender uma campanha particularmente brilhante e bem-sucedida na Lombardia. Em *Henry Brulard*, cuja narrativa termina com sua chegada à Itália, ele zomba de seu eu ingênuo, esperançoso, mas incuravelmente tímido aos dezessete anos. No entanto, essa chegada seria o deslocamento mais importante de sua vida. Despertou-o pela primeira vez para os lagos e montanhas da Lombardia, cuja grande beleza ele enaltece na *Cartuxa*; para os hábitos livres e simples dos italianos — especialmente os sexuais —, que tanto o impressionaram; para seu amor pela música, acima de tudo a ópera; e para as enérgicas italianas bem-nascidas, pelas quais ele estava prestes a se apaixonar sem sucesso. Toda essa experiência transformadora reflete-se obliquamente nas páginas iniciais da *Cartuxa*, que descrevem o efeito libertador sobre a população local da chegada do exército francês a Milão em 1796. Na versão de Stendhal, o exército presta ao norte da Itália o grande serviço de libertá-lo da tutela do poder imperial politicamente opressor de Viena e do poder clerical moralmente repressivo. Esse efeito libertador, agora transferido para a totalidade da população, é exatamente o mesmo que a Itália tivera sobre o Stendhal adolescente, enfim livre da tutela da família e entregue à independência e à maturidade.

Assim que vestiu a farda, mesmo sendo um cavaleiro desajeitado, foi designado para um regimento de dragões. No entanto, viu pouca ou nenhuma ação nos dois anos que passou na Itália. O serviço na guarnição era frustrante para um jovem que nada fazia senão sonhar com a glória militar e amatória, e, em julho de 1802, ele renunciou ao posto para voltar a Paris. Em outubro de 1806, novamente entediado e sem dinheiro, foi admitido na função de auditor assistente no Comissariado de Guerra em Brunswick, um cargo burocrático que ele exerceu bem; mostrou-se efficientíssimo e não tardou a subir ao posto mais elevado de intendente, responsável pela logística do distrito em que estava

estacionado. Passou dois anos na Alemanha, regressou por pouco tempo a Paris, então seguiu uma vez mais na esteira do exército, dessa vez a Viena. No caminho, presenciou pela primeira vez alguns horrores da guerra. Não chegou a combater, mas esteve perto o suficiente para ver os cadáveres enegrecidos de soldados franceses e alemães no campo. “Reconheço que a cena me virou o estômago”, escreveu em seu diário no dia 5 de maio de 1809, uma reação de asco que encontramos refletida na de Fabrice del Dongo quando apanhado pelas consequências do massacre de Waterloo.

De volta a Paris, Stendhal continuou participando da burocracia imperial, se bem que esta não lhe exigisse muito em termos de trabalho ou mesmo de frequência: parece que quarenta horas por mês satisfaziam os superiores, que reconheciam sua capacidade ao mesmo tempo que lhe criticavam a falta de dedicação. No entanto, o padrão de vida que para ele era um direito continuou fora de seu alcance. Contava com uma pequena mesada do pai e com seu salário, mas gastava muito mais do que recebia. Ainda que Stendhal diga, no presente romance, que a vaidade é o pecado que mais aflige o francês, tudo indica que ele era tão vaidoso quanto qualquer compatriota: na tentativa de brilhar socialmente, vestia-se com esmero, gastava em excesso e tentava ocultar o triste fato de estar engordando e perdendo cabelo. Em agosto de 1811, tirou licença e passou um novo período na Itália, pela primeira vez “um viajante” naquele país, como ele próprio o formulou, um “agente livre”, isto é, solto para ir e vir a seu bel-prazer. O principal atrativo era uma milanesa pela qual Stendhal se apaixonara onze anos antes, Angela Pietragnua, “morena, orgulhosa, voluptuosa”.<sup>3</sup> Em 1811, Stendhal enfim se tornou seu amante. Pietragnua era notoriamente promíscua, mas essa tão adiada conquista significava muito para ele, tanto que escreveu a data da consumação em seus suspensórios.

Em julho de 1812, Stendhal embarcou naquela que seria a mais terrível experiência de sua vida. Napoleão empreendera a invasão da Rússia com a Grande Armée, e Stendhal era um dos auditores incumbidos de levar-lhe despachos de Paris. Um mês depois, tendo chegado ao quartel-general do imperador no leste, passou a fazer parte de seu entourage; entrou em Moscou em meados de setembro. Assim, foi colhido pela catástrofe que atingiu a Grande Armée, quando os habitantes incendiaram a cidade, obrigando-a a iniciar a retirada em pleno inverno. O frio extremo, a fome e as depredações e saqueios implacáveis das tropas russas providenciaram para que apenas um décimo do contingente inicial de 700 mil soldados voltasse para a França. Stendhal teve um desempenho estoico e bom naquela situação horrenda, encarregado de abastecer um setor importante do combalido exército. Mas as coisas terríveis que presenciou foram um teste extremo para seu beylisme, a filosofia de divertida e egoística indiferença para a qual o mundo e tudo de bom ou de ruim que nele ocorria não passavam de um espetáculo indigno de envolvimento solidário por parte do eu superior. Ele continuou escrevendo seu diário durante toda a debacle russa, mas a experiência nunca teve acesso direto aos seus romances, recusando-se a assimilar de pronto a textura fundamentalmente irônica da ficção stendhaliana.

Em parte alguma essa textura irônica apresenta tão fina superioridade como aqui, na devidamente celebrada sequência em que Fabrice presencia a batalha de Waterloo. Mas a presencia mesmo? É uma das perguntas que ele se faz quando o confronto chega ao fim, já que não sabe ao certo se o que acaba de testemunhar foi de fato uma batalha, tanto ela

discrepa de como Fabrice, em seu imaturo entusiasmo, imaginava uma batalha. Tinha ouvido e visto fogo de canhão, observara as unidades de um exército perderem a disciplina e o espírito de camaradagem na derrota, passara mal ante o espetáculo da morte violenta e da mutilação: em suma, tivera uma experiência de batalha adequada não a um romancista onipresente, e sim a um soldado raso que realmente participou de uma. Pode ser que, a rigor, Stendhal nunca tenha tomado parte num combate, mas suas experiências de guerra certamente o credenciaram para retratar uma batalha nos termos inglórios que ele escolhe na *Cartuxa*.

Quanto à batalha de Waterloo, ele a vivenciou menos ainda. Ficara indiferente por ocasião da queda e exílio do imperador em 1814, e, quando este voltou à França e, no ano seguinte, perdeu a batalha final, Stendhal estava confortavelmente instalado na Itália, mas não sem antes ter tentado se aproximar do governo provisório na esperança de obter um cargo que o ajudasse a pagar as dívidas. Preferiu ficar em Milão a retomar a guerra, perpetuando da melhor maneira possível seu *affaire* com a pouco confiável Pietragnua. Aliás, Milão continuaria sendo sua base até 1821. Logo ele rompeu com Pietragnua e, em 1818, apaixonou-se demoradamente pela glamorosa esposa de um general polonês, Métilde Dembowski. Ela pertencia à facção politicamente progressista ou liberal da sociedade milanesa numa época em que se generalizava o descontentamento com o autoritário regime austríaco. O conflito entre os dois campos, o reacionário pró-austríaco e o liberal pró-francês, tem um papel importante no enredo da *Cartuxa*, que, como todos os grandes romances de Stendhal, deve ser lido como um livro político, ainda que apresente a sórdida política do principado de Parma a uma luz sardônica, não de um ponto de vista seriamente ideológico. Dizem que, se Maquiavel quisesse escrever um romance, seria bem parecido com este, e, com certeza, não há em toda a ficção um personagem mais maquiavélico que o conde Mosca, o operador político supremo de Stendhal, homem no qual o princípio é eterna e cinicamente traído no interesse do pragmatismo. Sempre espectador, Stendhal não se envolveu em nenhuma conspiração durante o período de Milão, mas simpatizava com os liberais e não deixava a menor dúvida quanto a suas opiniões subversivas. As autoridades não tinham motivo para gostar dele ou nele confiar, e foi o medo de ser preso como espião e agitador francês que, para seu grande ressentimento, o levou a deixar Milão e a Itália em 1821.

Ele passou os nove anos seguintes em Paris. Logo depois de voltar, em 1822, publicou *Do amor*, sua primeira obra verdadeiramente original, uma análise perspicaz da psicologia do amante, grandemente inspirada em seu torturado envolvimento com Métilde. Longe de ser compreendido, o livro foi um fracasso: vendeu quarenta exemplares em dois anos, ajudando a persuadir o autor de que ele estava adiante de seu tempo, de que o século XX o valorizaria mesmo que o XIX não o fizesse — e o século XX de fato o valorizou enfaticamente. Nesses anos, passou a frequentar os salões liberais, e sua conversa tornou-se cada vez mais ousada no desejo de brilhar socialmente: o interlocutor mais entretido de Paris, ninguém o negava, mas de opiniões demasiado extremas para o gosto de muitos. O problema financeiro persistia. Seu pai finalmente morrera em 1819, mas o tamanho da herança que deixou foi uma grande decepção; o detestado Chérubin Beyle andara especulando com terra e propriedade e dilapidara a maior parte de seu patrimônio. Isso

magooou o filho necessitado, cuja grande esperança era que a morte do pai lhe garantisse independência financeira.

O fato é que Stendhal não prosperou nesse período parisiense. Sua vida amorosa raramente correu como ele queria, coisa que o levava a cogitar o suicídio de quando em quando, não se sabe com que seriedade. Ele também se entregava a certa morbidez: só em 1827, escreveu nada menos que 36 versões diferentes de sua última vontade e testamento, muito embora não tivesse quase nada a deixar. Mas a década terminou auspiciosa para ele, com o levante de Paris posteriormente conhecido como os Trois Glorieuses ou “Os três dias gloriosos” (27-9 de julho de 1830), que conseguiu livrar o país do último rei Bourbon. Os Bourbon eram a dinastia que Henri Beyle detestava tanto, aos dez anos de idade, que se juntou à multidão para assistir à decapitação de Luís XVI, ainda que só para contrariar o pai; e foi com satisfação que recebeu o regime potencialmente mais liberal do sucessor de Carlos X, o rei Luís Filipe. Stendhal enxergou sua oportunidade de voltar a trabalhar para um governo mais tolerável num cargo importante e, acima de tudo, bem remunerado. Estava de olho numa prefeitura agradável e pouco exigente do interior da França; mas o ministério tinha outras ideias.

Em novembro de 1830, Stendhal foi nomeado cônsul francês em Trieste, no litoral do Adriático, não propriamente em sua adorada Itália, mas bem perto. No entanto, Trieste fazia parte dos domínios austríacos, que não o tinham esquecido nem perdoavam sua subversão real ou presumida em Milão dez anos antes. Recusaram-se a credenciá-lo, e foi assim que, em março do ano seguinte, ele acabou assumindo a função em Civitavecchia. Não era uma alternativa agradável. Para começar, Civitavecchia fazia parte dos estados papais, o que significava que o Vaticano tinha papel predominante em sua governança. Governo clerical era anátema para Stendhal, assim como seu liberalismo político e desdenhoso ateísmo eram anátema para o Vaticano, que, dois anos antes, incluía seus livros no índice das leituras proibidas. E, como desvantagem suplementar, o consulado em Civitavecchia pagava um terço a menos que em Trieste. Stendhal regressara à Itália, mas não estava tão satisfeito quanto esperava.

#### A CARTUXA DE PARMA

Stendhal se achava em Paris quando ocorreram as agitações dos Trois Glorieuses, mas não nas ruas com os insurretos. Estava em casa, examinando as provas do romance que acabara de escrever. Tratava-se de *O vermelho e o negro*, a segunda de suas duas obras-primas, publicada no começo do ano seguinte. Foi bem recebida, experiência nova para ele, ainda que a comoção crítica por ela suscitada em Paris mal tenha chegado ao escritor que estava a muitas centenas de quilômetros de distância, na Itália central. *O vermelho e o negro* é um romance francês e contemporâneo, desde que se entenda que isso quer dizer na França da Restauração, começando no sudeste natal de Stendhal e deslocando-se para Paris. Socialmente, o protagonista Julien Sorel, filho de carpinteiro, não passa de um João-ninguém, mas é inteligente, ambicioso e admirador de Napoleão, o que para ele significa subir na vida como seu herói. Sua ascensão de preceptor de uma família burguesa da

província a seminarista e a secretário particular de um aristocrata *ultra* de Paris possibilita a Stendhal pintar um retrato implacável da sociedade francesa pós-napoleônica governada pelo dinheiro, o status e a hipocrisia. Julien Sorel é bem-sucedido nessa sociedade, mas acaba rejeitado por ela, assim como ele a rejeita quando é condenado à guilhotina por ter matado a tiros sua primeira amante que estava rezando na igreja. A cena final do romance é inesperadamente macabra, com a segunda amante de Julien, a filha arrogante e vulnerável de seu empregador aristocrata, afastando-se numa carruagem com a cabeça decepada do jovem amante nas mãos.

Essa bizarra imagem final há de chocar todos os leitores do romance, a não ser os mais dóceis, como um anacronismo, um ato de paixão extrema pertencente a uma era muito diferente daquela em que Stendhal viveu e sobre a qual, até então, parecia escrever. De modo que serve muito bem para ligar *O vermelho e o negro* a seu grande sucessor, *A cartuxa de Parma*, escrito oito anos depois, apontando como aponta para o grau de alienação que atormentava Stendhal no tocante tanto ao seu país quanto à época desapaixonada em que lhe coube viver. O episódio da cabeça decepada com a qual ele topou ao estudar — como gostava — o Renascimento italiano, período em que, segundo acreditava, a vida, ao contrário de agora, era vivida como se devia: perigosamente, generosamente e com soberba indiferença pela convenção educada.

Foi certamente assim que, na *Cartuxa*, ele tomou partido de personagens que optavam por viver como se tivessem dado consigo no ambiente sem lei do século XVI, não na sociedade respeitável do XIX. Poucos anos antes de escrever esse romance, Stendhal exumou em bibliotecas italianas alguns manuscritos que narravam episódios violentos da vida renascentista, tipicamente repleta de amores frustrados, assassinios, vinganças e banditismo; e chegou a se comprometer com um editor parisiense a escrever uma série de novelas curtas neles baseados. (Depois de sua morte, algumas foram reunidas e publicadas num volume intitulado *Chroniques italiennes*.) Boa parte dessa atmosfera está preservada na *Cartuxa*, agora transposta para o principado de Parma, o qual não se deve confundir com o ducado de Parma (anexado à França de 1802 a 1816 e, posteriormente, governado por Maria Luíza, a ex-consorte do imperador Napoleão). Na Parma do século XIX de Stendhal, a facção política substituiu a família como fonte de animosidades que a qualquer momento podem levar à morte violenta, e onde os indivíduos superiores, guiados pelas paixões, não pela razão — Fabrice del Dongo, sua tia, a duquesa Gina Sanseverina, o fora da lei Ferrante Palla —, servem, pela coragem, pela arrogância e pela impulsividade, para condenar as almas tímidas e calculistas que os cercam. Para Stendhal, por trás do personagem Fabrice está a figura do século XVI de Alessandro Farnese, que, em 1534, se tornou o papa Paulo III e cuja celebrada família Stendhal estudara num de seus manuscritos, de modo que o enredo da ficção tem fonte num documento, por mais que o próprio documento estivesse longe de ser confiável. Foi Alessandro Farnese que criou o ducado de Parma, e membros de sua família o abasteceram de duques por quase duzentos anos. Os dois governantes de Parma que aparecem no romance só podem ser vistos, um em seu medo dos revolucionários, o outro em sua própria insegurança, como substitutos ridiculamente inadequados dos Farnese históricos.

## DEPOIS DA *CARTUXA*

A excessivamente prolongada licença de Stendhal terminou enfim no verão de 1839, obrigando-o a abandonar os prazeres de Paris e voltar para o deserto de Civitavecchia, cujo tédio só podia ser mitigado mediante fugas regulares a Roma, onde ele podia andar mais bem acompanhado e ouvir música melhor. Em setembro de 1840, ficou impressionado e gratificado quando Honoré de Balzac, então reconhecido como o maior romancista vivo da França, publicou uma resenha muito positiva e cheia de admiração da *Cartuxa*, descrevendo-a como um grande e lindo livro (na *Revue Parisienne* de 25 de setembro de 1840). Elogiava particularmente a sequência de Waterloo na primeira parte do romance, achando, aliás, que Stendhal devia ter começado por ela. Trata-se da sequência que, posteriormente, Tolstói também admirou muito por introduzir uma nova veracidade na descrição da guerra, e a teve em conta como modelo ao escrever as cenas de batalha de *Guerra e paz* (1868-9). Em sua resenha, por mais perceptiva e generosa que fosse, Balzac também se permitiu certas críticas ao livro de Stendhal, e Stendhal — o escritor que preferia não perder tempo com reconsiderações — levou tão a sério esses comentários que pegou a pena e iniciou uma revisão. Acabou abandonando esse trabalho, em parte porque sua saúde estava começando a se debilitar.

Em março de 1841, ele sofreu o primeiro ataque apoplético. Sobreviveu, continuou trabalhando e viajando, mas, em outubro de 1842, teve o segundo ataque numa noite em que estava na rua. Dessa vez, não recuperou a consciência e morreu na manhã seguinte, deixando para a posteridade o encargo de reconhecer — e a posteridade demorou a fazê-lo — que, com ele, a França perdera um de seus quatro ou cinco maiores escritores de ficção.

## CONTEXTO HISTÓRICO

A *cartuxa de Parma* não deve ser lida como um romance histórico *stricto sensu*; é uma obra da imaginação altamente pessoal. No entanto, uma ideia geral do que acontecia na França e no norte da Itália nos anos de que se ocupa Stendhal é útil à leitura do romance.

A França entrou em guerra com a Áustria imperialista em 1792, em defesa dos princípios republicanos da Revolução de 1789. Em 1795, planejou-se um ataque de três flancos contra a Áustria e seus territórios, cabendo ao general Napoleão Bonaparte (1769-1821), de 26 anos, o comando da campanha sulista no norte da Itália. Napoleão conduziu com brilho a invasão do Piemonte e da Lombardia: em 1796, o exército francês entrou triunfante em Milão. Em 1798, o governo francês declarou que as regiões por ele controladas na Itália constituíam a República Cisalpina. No entanto, com a partida de Napoleão, as forças francesas sofreram reveses, e ele voltou em 1800 para comandar outra campanha relâmpago, cujo ponto culminante foi a derrota dos austríacos em Marengo. A partir de então, as guerras conhecidas como napoleônicas foram empreendidas mais ao norte, na própria Áustria, na Alemanha e na Rússia, ou então na Espanha e em Portugal. Com a derrota final de Napoleão em Waterloo, em 1815, o acordo de paz firmado no Congresso de Viena transferiu para os austríacos o reino lombardo-veneziano.

Já o ducado de Parma, antes parte das possessões da dinastia Bourbon espanhola, foi anexado à República Cisalpina em 1802. Em 1815, passou para as mãos de Maria Luíza (1791-1847), uma filha do imperador austríaco, que se casara com Napoleão (coroado imperador francês em 1804) em 1810, mas deixara Paris em 1814 para nunca mais se reunir a ele.

1 *Oeuvres intimes* II (Paris, 1982), p. 339.

2 Michel Crouzet, *Stendhal ou monsieur moi-même* (Paris, 1990), p. 687.

3 Citado sem nenhuma referência in Crouzet, *ibid.*, p. 173.



# LIVRO I

Gia mi fur dolci inviti a empir le carte  
*I luoghi ameni.*<sup>a</sup>

ARIOSTO, *Sátiras IV*

a “Outrora lugares amenos me foram doces convites para encher folhas de papel.”

# Advertência

Foi no inverno de 1830 e a trezentas léguas de Paris que esta novela foi escrita; portanto, não há nenhuma alusão aos acontecimentos de 1839.

Muitos anos antes de 1830, no tempo em que nossos exércitos percorriam a Europa, o acaso me deu um boleto para a casa de um cônego: foi em Pádua, cidade encantadora da Itália; como a temporada se prolongou, tornamo-nos amigos.

Passando de novo em Pádua no fim de 1830, corri à casa do bom cônego: ele tinha morrido, eu sabia, mas queria rever o salão em que havíamos passado tantas noites agradáveis e, desde então, muitas vezes lembradas. Encontrei o sobrinho do cônego e a mulher desse sobrinho, que me receberam como a um velho amigo. Algumas pessoas apareceram e só nos separamos muito tarde; o sobrinho mandou vir do Café Pedroti um excelente zabaione. O que nos fez ficar acordados, sobretudo, foi a história da duquesa Sanseverina à qual alguém fez alusão, e que o sobrinho aceitou contar do início ao fim, em minha homenagem.

— No país para onde eu vou — disse a meus amigos — não encontrarei noites como esta, e para passar as longas horas noturnas escreverei uma novela com sua história.

— Nesse caso — disse o sobrinho — vou lhe dar os anais de meu tio, que, no artigo Parma, menciona algumas intrigas dessa corte, da época em que a duquesa ali mandava e desmandava; mas tome cuidado! Essa história é tudo menos moral, e agora que na França vocês se gabam de uma pureza evangélica, ela pode lhe trazer fama de assassino.

Publico esta novela sem nada mudar do manuscrito de 1830, o que pode ter dois inconvenientes.

O primeiro, para o leitor: como os personagens são italianos, talvez lhe interessem menos, pois os corações daquele país diferem bastante dos corações franceses; os italianos são sinceros, boas pessoas, e não amedrontados, dizem o que pensam; é só num acesso que exibem a vaidade; e então ela se torna paixão e toma o nome de *puntiglio*.<sup>a</sup> Por último, entre eles a pobreza não é vista como ridícula.

O segundo inconveniente é relativo ao autor.

Confesso que tive o atrevimento de deixar aos personagens as asperezas de seu caráter; mas, em compensação, declaro-o abertamente, despejo a reprimenda mais moral sobre muitas de suas ações. Para que lhes conferir a alta moralidade e as graças dos caracteres franceses, que gostam, acima de tudo, do dinheiro e não cometem pecados por ódio ou por amor? Os italianos desta novela são mais ou menos o contrário. Aliás, parece-me que toda vez que avançamos duzentas léguas desde o sul da França para o norte, há lugar tanto para uma nova paisagem como para um novo romance. A amável sobrinha do cônego conhecera a duquesa Sanseverina, e até gostava muito dela, e me pede para nada mudar em suas

aventuras, que são repreensíveis.

23 de janeiro de 1839.

a Questão de honra. [Esta e todas as demais notas chamadas por letras são da tradutora.]

## MILÃO EM 1796

No dia 15 de maio de 1796, o general Bonaparte fez sua entrada em Milão à frente desse jovem exército que acabava de passar pela ponte de Lodi e de comunicar ao mundo que, depois de tantos séculos, César e Alexandre tinham um sucessor. Os milagres de bravura e de gênio que a Itália testemunhara em poucos meses despertaram um povo adormecido; ainda oito dias antes da chegada dos franceses, os milaneses só os viam como uma corja de bandidos, acostumados a sempre fugir diante das tropas de Sua Majestade Imperial e Real: era, ao menos, o que lhes repetia três vezes por semana um jornaleco do tamanho de uma mão, impresso em papel sujo.

Na Idade Média, os lombardos republicanos tinham dado provas de uma bravura igual à dos franceses, e mereceram ver sua cidade inteiramente destruída pelos imperadores da Alemanha. Desde que tinham se tornado *súditos fiéis*,<sup>a</sup> o grande negócio deles era imprimir sonetos em lencinhos de tafetá cor-de-rosa por ocasião do casamento de uma moça que pertencesse a uma família nobre ou rica. Dois ou três anos depois desse grande momento de sua vida, a moça pegava um *chevalier servant*: às vezes o nome do chichisbéu escolhido pela família do marido ocupava um lugar de honra no contrato de casamento. Estavam longe desses costumes efeminados as profundas emoções provocadas pela chegada imprevista do exército francês. Logo surgiram costumes novos e apaixonados. Um povo inteiro percebeu, no dia 15 de maio de 1796, que tudo o que respeitara até então era sumamente ridículo e às vezes odioso. A partida do último regimento da Áustria marcou a queda das ideias antigas: arriscar a própria vida tornou-se moda; viu-se que, depois de séculos de sensações insípidas, para ser feliz era preciso amar a pátria com amor verdadeiro e buscar ações heroicas. Estavam todos mergulhados numa noite profunda devido à continuação do despotismo zeloso de Carlos V e de Filipe II; derrubaram suas estátuas, e de repente se viram inundados de luz. Fazia uns cinquenta anos, e mais ainda à medida que a *Encyclopédie* e Voltaire estouravam na França, que os monges bradavam ao bom povo de Milão que aprender a ler ou a fazer qualquer coisa no mundo era um esforço de todo inútil, e que, pagando corretamente o dízimo a seu cura e lhe contando fielmente todos os seus pecadilhos, tinha-se mais ou menos a certeza de obter um lindo lugar no paraíso. Para irritar de vez esse povo outrora tão terrível e tão argumentador, a Áustria lhe vendera barato o privilégio de não mais fornecer recrutas a seu exército.

Em 1796, o exército milanês se compunha de vinte e quatro patifes vestidos de vermelho, que guardavam a cidade em comum acordo com quatro magníficos regimentos de granadeiros húngaros. A liberdade de costumes era extrema, mas a paixão, muito rara: aliás, além do desprazer de ter de contar tudo ao cura, sob pena de ruína neste próprio mundo, o bom povo de Milão ainda era submetido a certos pequenos entraves

monárquicos que não deixavam de ser vexatórios. Por exemplo, o arquiduque, que residia em Milão e governava em nome do imperador, seu primo, tivera a lucrativa ideia de comandar o comércio do trigo. Por conseguinte, houve a proibição aos camponeses de venderem seus grãos até que Sua Alteza tivesse enchido os próprios armazéns.

Em maio de 1796, três dias depois da entrada dos franceses, um jovem pintor miniaturista, meio louco, chamado Gros,<sup>b</sup> célebre desde então, e que viera com o exército, ouvindo contar no grande Café Servi (então na moda) as façanhas do arquiduque, que para completar era enorme, pegou a lista dos sorvetes impressa numa folha de papel pardo ordinário. No verso da folha desenhou o gordo arquiduque; um soldado francês lhe dava um golpe de baioneta na barriga, e em vez de sangue dali saía uma quantidade incrível de trigo. Essa coisa chamada de pilhéria ou caricatura não era conhecida nesse país de despotismo cauteloso. O desenho deixado por Gros em cima da mesa do Café Servi pareceu um milagre caído do céu; foi gravado durante a noite e no dia seguinte o venderam a vinte mil exemplares.

No mesmo dia, afixaram o aviso de uma contribuição de guerra de seis milhões, lançada para as necessidades do exército francês, o qual, acabando de vencer seis batalhas e conquistar vinte províncias, necessitava apenas de sapatos, calças, casacos e chapéus.

Tão imensos foram a felicidade e o prazer que irromperam na Lombardia com esses franceses tão empobrecidos que só os padres e alguns nobres perceberam o peso dessa contribuição de seis milhões, que, breve, foi seguida por muitas outras. Aqueles soldados franceses riam e cantavam o dia todo; tinham menos de vinte e cinco anos e seu general em chefe, que tinha vinte e sete, passava por ser o homem mais idoso do exército. Essa alegria, essa juventude, essa despreocupação, respondiam de um jeito divertido às prédicas furibundas dos padres que, havia seis meses, anunciavam do alto do púlpito sagrado que os franceses eram monstros, obrigados, sob pena de morrerem, a tudo queimar e a cortar a cabeça de todos. Para isso, cada regimento marchava com a guilhotina à frente.

Nos campos, via-se na porta das cabanas o soldado francês ocupado em ninar o bebê da dona da casa, e quase toda noite algum tambor, tocando violino, improvisava um baile. Como as contradanças eram elaboradas e complicadas demais para que os soldados, que aliás não as sabiam, conseguissem ensiná-las às mulheres da terra, eram estas que mostravam aos jovens franceses *la monferrina*, *la saltarella* e outras danças italianas.

Os oficiais tinham sido alojados, tanto quanto possível, nas casas dos ricos; estavam mais que precisando se recuperar. Por exemplo, um tenente chamado Robert recebeu seu boleto para o palácio da marquesa Del Dongo. Esse oficial, jovem recruta muito lépido, possuía como único bem, ao entrar naquele palácio, um escudo de seis francos que acabava de receber em Piacenza. Depois da passagem pela ponte de Lodi, pegou de um belo oficial austríaco morto por bala de canhão umas magníficas calças de nanquim novas em folha, e nunca uma roupa veio mais a calhar. Suas dragonas de oficial eram de lã, e o tecido do forro das mangas da túnica estava costurado para que os pedaços se mantivessem unidos; mas havia uma circunstância mais triste: as solas de seus sapatos eram de pedaços de um chapéu igualmente capturado no campo de batalha, mais para lá da ponte de Lodi. Essas solas improvisadas estavam presas na parte de cima dos sapatos por barbantes bem visíveis, de modo que, quando o mordomo da casa se apresentou no quarto do tenente

Robert para convidá-lo a jantar com a senhora marquesa, este caiu num constrangimento mortal. Seu ordenança e ele passaram as duas horas que os separavam desse jantar fatal tentando recosturar um pouco a farda e tingir de preto, com tinta de escrever, os pobres barbantes dos sapatos. Finalmente, chegou o momento terrível. “Nunca na vida me senti mais constrangido”, disse-me o tenente Robert, “aquelas damas pensavam que eu ia amedrontá-las, e eu estava tremendo mais que elas. Olhava para meus sapatos e não sabia como andar com certa graça. A marquesa Del Dongo”, acrescentou, “estava então em todo o brilho de sua beleza: o senhor a conheceu, com seus olhos tão bonitos e uma doçura angelical, e seus lindos cabelos louros escuros que desenhavam tão bem o oval daquele rosto encantador. Eu tinha no meu quarto uma *Herodiades*, de Leonardo da Vinci, que parecia o retrato dela. Deus quis que eu ficasse tão impressionado com aquela beleza sobrenatural que esqueci minha roupa. Fazia dois anos que só via coisas feias e miseráveis nas montanhas da região de Gênova: ousei lhe dirigir umas palavras sobre meu deslumbramento.

“Mas meu bom senso era muito grande para que eu me prolongasse nesse gênero congratulatório. Enquanto compunha minhas frases, vi, numa sala de jantar toda de mármore, doze lacaios e criados de quarto vestidos com o que me parecia então o máximo da magnificência. Imagine que aqueles pilantras tinham não só bons sapatos, mas fivelas de prata. Eu observava de soslaio todos aqueles olhares estúpidos fixados na minha roupa, e talvez também nos meus sapatos, o que me trespassava o coração. Poderia, com uma só palavra, amedrontar toda aquela gente; mas como pô-la em seu lugar sem correr o risco de assustar as damas? Pois para se dar um pouco de coragem, como me disse cem vezes desde então, a marquesa mandara trazer do convento, onde na época era pensionista, Gina del Dongo, irmã de seu marido, a qual foi, mais tarde, essa encantadora condessa Pietranera: ninguém na prosperidade a superou em alegria e espírito amável, como ninguém a superou na adversidade em coragem e serenidade de alma.

“Gina, que na época podia ter treze anos, mas aparentava dezoito, era viva e franca, como o senhor sabe, e teve tanto medo de cair na risada por causa de meu traje que não ousou comer; a marquesa, ao contrário, me cobria de cortesias constrangidas; via muito bem em meus olhos gestos de impaciência. Em suma, eu estava parecendo uma triste figura, e ruminava o desprezo, coisa que dizem ser impossível num francês. Finalmente, uma ideia caída do céu veio me iluminar: comecei a contar àquelas damas minha miséria e o que tínhamos sofrido nos últimos dois anos nas montanhas da região de Gênova, onde nos retinham velhos generais imbecis. Lá, dizia eu, nos davam *assignats*<sup>c</sup> que não tinham curso na região, e três onças de pão por dia. Eu não falara dois minutos e a boa marquesa já estava com lágrimas nos olhos, enquanto Gina ficou séria.

— Como, senhor tenente! — ela me disse. — Três onças de pão!

— Sim, senhorita; mas, em compensação, três vezes por semana falhava a distribuição, e como os camponeses que nos alojavam eram ainda mais miseráveis que nós, dávamos a eles um pouco de nosso pão.

“Saindo da mesa, ofereci o braço à marquesa até a porta do salão, e em seguida, voltando atrás rapidamente, dei ao doméstico que me servira à mesa aquele único escudo de seis francos, sobre cujo emprego eu construía tantos castelos no ar.”

“Uma semana depois”, continuou Robert, “quando ficou bem estabelecido que os franceses não guilhotinavam ninguém, o marquês Del Dongo voltou de seu castelo de Griante, no lago de Como, onde bravamente se refugiara diante da aproximação do exército, abandonando aos acasos da guerra sua jovem mulher tão bela e sua irmã. O ódio que esse marquês tinha por nós era igual a seu medo, isto é, incomensurável: era divertido ver seu gordo rosto pálido e devoto quando ele me fazia cortesias. No dia seguinte de seu regresso a Milão, recebi três varas de tecido e duzentos francos, da contribuição militar dos seis milhões: reequilibrei minhas finanças e tornei-me o cavalheiro dessas damas, pois os bailes começaram.”

A história do tenente Robert foi mais ou menos a de todos os franceses; em vez de debocharem da miséria desses valentes soldados, tiveram pena deles, gostaram deles.

Essa época de felicidade imprevista e de embriaguez só durou dois curtos anos; a loucura fora tão excessiva e tão generalizada que me seria impossível dar uma ideia dela, a não ser por essa reflexão histórica e profunda: fazia cem anos que aquele povo se entediava.

A volúpia natural dos países meridionais reinara outrora na corte dos Visconti e dos Sforza, esses famosos duques de Milão. Mas, desde o ano de 1624, quando os espanhóis se apoderaram da província de Milão, e se apoderaram como senhores taciturnos, desconfiados, orgulhosos e sempre temendo a revolta, a alegria desaparecera. Os povos, adotando os costumes de seus senhores, pensavam mais em se vingar do menor insulto com uma punhalada que em desfrutar o momento presente.

A louca alegria, o júbilo, a volúpia, o esquecimento de todos os sentimentos tristes, ou somente sensatos, chegaram a tal ponto, desde o dia 15 de maio de 1796, quando os franceses entraram em Milão, até abril de 1799, quando foram expulsos da cidade em seguida à batalha de Cassano, que houve até mesmo velhos comerciantes milionários, velhos usurários e velhos tabeliães que, nesse meio-tempo, esqueceram de ser soturnos e de ganhar dinheiro.

Teria sido possível contabilizar, no máximo, umas poucas famílias da alta nobreza que haviam se retirado para seus palácios no campo, como para mostrar seu amuo diante do júbilo geral e do desafogo de todos os corações. Também é verdade que essas famílias ricas e nobres tinham sido distinguidas de um modo nada simpático na partilha das contribuições de guerra exigidas pelo exército francês.

O marquês Del Dongo, contrariado por ver tanta alegria, fora um dos primeiros a voltar para seu magnífico castelo de Griante, mais adiante de Como, para onde as damas levaram o tenente Robert. Esse castelo, numa localização talvez única no mundo, sobre um planalto de cento e cinquenta pés acima do lago sublime do qual domina uma grande parte, fora uma praça-forte. A família Del Dongo o mandou construir no século xv, como testemunhavam por toda parte os mármores com suas armas gravadas; ali ainda se viam pontes levadiças e fossos profundos, na verdade sem água; mas, com esses muros de oitenta pés de altura e seis pés de espessura, o castelo estava ao abrigo de uma investida; e era por isso que o desconfiado marquês o apreciava tanto. Cercado por vinte e cinco ou trinta domésticos que ele supunha devotados, aparentemente porque jamais lhes dirigia a palavra senão com injúrias na boca, ali era menos atormentado pelo medo que em Milão.

Esse medo não era de todo gratuito: o marquês se correspondia muito ativamente com

um espião instalado pela Áustria na fronteira suíça, a três léguas de Griante, para conseguir que os prisioneiros feitos no campo de batalha se evadissem, o que poderia ser levado a sério pelos generais franceses.

O marquês deixara sua jovem esposa em Milão: ali ela dirigia os negócios da família e se encarregava de pagar as contribuições impostas à *Casa del Dongo*, como se diz na terra; tentava diminuí-las, o que a obrigava a ver aqueles nobres que tinham aceitado funções públicas, e até mesmo alguns não nobres mas muito influentes. Ocorreu um grande acontecimento nessa família. O marquês tinha arranjado o casamento de sua jovem irmã Gina com um personagem muito rico e da mais alta estirpe; mas ele usava pó nos cabelos, o que levava Gina a recebê-lo às gargalhadas, e em breve cometeu a loucura de se casar com o conde Pietranera. Na verdade, era um excelente gentil-homem, muito bem-apeçoado, mas arruinado de pai para filho e, para cúmulo da desgraça, impetuoso partidário das ideias novas. Pietranera era subtenente na legião italiana, o que aumentava o desespero do marquês.

Depois desses dois anos de loucura e felicidade, o Diretório<sup>d</sup> de Paris, dando-se ares de soberano bem estabelecido, mostrou um ódio mortal por tudo o que não era medíocre. Os generais ineptos que ele deu ao exército da Itália perderam uma série de batalhas naquelas mesmas planícies de Verona, testemunhas, dois anos antes, dos prodígios de Arcole e de Lonato. Os austríacos se aproximaram de Milão; o tenente Robert, agora chefe de batalhão e ferido na batalha de Cassano, foi se alojar pela última vez na casa de sua amiga, a marquesa Del Dongo. As despedidas foram tristes; Robert partiu com o conde Pietranera, que seguia os franceses em sua retirada para Novi. A jovem condessa, cuja parte da herança seu irmão se negou a pagar, seguiu o exército aboletada numa carroça.

Então começou essa época de reação e de regresso das ideias antigas, que os milaneses chamavam *i tredici mesi* (os treze meses), porque de fato quis a sorte deles que essa volta à cretinice só durasse treze meses, até Marengo. Tudo quanto era velho, devoto, sombrio, reapareceu à frente dos negócios e retomou a direção da sociedade: logo as pessoas que tinham se mantido fiéis às boas doutrinas espalharam nas aldeias que Napoleão fora enforcado pelos mamelucos no Egito, como o merecia por tantas razões.

Entre aqueles homens que tinham ido para suas terras a fim de demonstrar sua contrariedade e que voltavam sedentos de vingança, o marquês Del Dongo se distinguiu pelo furor; seu exagero o levou naturalmente à frente do partido. Esses senhores, pessoas muito honradas quando não tinham medo, mas que continuavam a tremer, conseguiram manipular o general austríaco; bom sujeito, ele se deixou convencer de que a severidade era alta política e mandou prender cento e cinquenta patriotas: era, na época, o que havia de melhor na Itália.

Logo foram deportados para as Bocche di Cattaro<sup>e</sup> e jogados nas grutas subterrâneas, onde a umidade e, sobretudo, a falta de pão fizeram pronta e boa justiça a todos esses vagabundos.

O marquês Del Dongo ganhou uma grande praça, e, como juntava a avareza sórdida a uma profusão de outras belas qualidades, gabou-se publicamente de não enviar um só escudo à irmã, a condessa Pietranera: ainda louca de amor, ela não queria largar o marido e morria de fome na França, junto com ele. A boa marquesa estava desesperada; finalmente

conseguiu roubar uns diamantezinhos do escrínio, que o marido lhe retomava todas as noites para trancá-lo dentro de uma caixa de ferro, embaixo da cama: a marquesa levava oitocentos mil francos de dote para o marido, e recebia oitenta francos por mês para suas despesas pessoais. Durante os treze meses que os franceses passaram fora de Milão, essa mulher tão tímida encontrou pretextos para só se vestir de preto.

Confessaremos que, seguindo o exemplo de muitos autores circunspectos, começamos a história de nosso herói um ano antes de seu nascimento. Esse personagem essencial não é outro, na verdade, senão Fabrice Valserra, *marchesino* Del Dongo, como se diz em Milão.<sup>1</sup> Justamente, ele acabava de se dar ao trabalho de nascer quando os franceses foram expulsos, e era, pelo acaso de seu nascimento, o segundo filho desse marquês Del Dongo tão *grand seigneur*, e de quem vocês já conhecem o gordo rosto pálido, o sorriso falso e o ódio sem limites das ideias novas. Toda a fortuna da casa era, por substituição, do filho mais velho, Ascanio del Dongo, digno retrato do pai. Ele tinha oito anos, e Fabrice dois, quando de repente aquele general Bonaparte, que todas as pessoas bem-nascidas pensavam estar há tempos enforcado, desceu do monte San Bernardo. Entrou em Milão: esse momento ainda é único na história; imaginem todo um povo loucamente apaixonado. Poucos dias depois, Napoleão ganhou a batalha de Marengo. O resto é inútil contar. A embriaguez dos milaneses chegou ao auge; mas dessa vez estava misturada com ideias de vingança: tinham ensinado o ódio àquele bom povo. Logo se viu chegar o que restava dos patriotas deportados para as Bocche di Cattaro; a volta deles foi celebrada com uma festa nacional. Seus rostos pálidos, seus grandes olhos espantados, seus membros emagrecidos, formavam um estranho contraste com a alegria que explodia em toda parte. A chegada deles foi o sinal de partida para as famílias mais comprometidas. O marquês Del Dongo foi um dos primeiros a fugir para seu castelo de Griante. Os chefes das grandes famílias estavam cheios de ódio e medo; mas suas mulheres, suas filhas, se lembravam das alegrias da primeira temporada dos franceses, e tinham saudades de Milão e dos bailes tão alegres, que logo depois de Marengo se organizaram na *Casa Tanzi*. Passados poucos dias da vitória, o general francês encarregado de manter a tranquilidade na Lombardia percebeu que todos os colonos dos nobres, todas as velhas do campo, bem longe de ainda sonharem com aquela espantosa vitória de Marengo que mudara o destino da Itália e reconquistara treze praças-fortes num dia, só ocupavam a alma com uma profecia de são Giovita, o primeiro padroeiro de Brescia. Segundo essas palavras sagradas, a prosperidade dos franceses e de Napoleão devia cessar treze semanas exatas depois de Marengo. O que desculpava um pouco o marquês Del Dongo e todos os nobres que, emburrados, tinham ido para o campo, é que realmente, e sem qualquer fingimento, acreditavam na profecia. Toda essa gente não tinha lido quatro livros na vida: ocupavam-se abertamente dos preparativos para voltar a Milão ao cabo das treze semanas, mas, à medida que o tempo passava, marcavam-se novos triunfos para a causa da França. De volta a Paris, Napoleão, por meio de sábios decretos, salvava a revolução no interior, como a salvara em Marengo contra os estrangeiros. Então, os lombardos nobres, refugiados em seus castelos, descobriram que, primeiro, tinham entendido mal a previsão do santo padroeiro de Brescia: não se tratava de treze semanas, mas de treze meses. Os treze meses se passaram e a prosperidade da França parecia aumentar dia a dia.

Passemos por alto os dez anos de progresso e felicidade, de 1800 a 1810; Fabrice passou os primeiros anos no castelo de Griante, dando e recebendo muitos socos, no meio dos camponesinhos da aldeia, e não aprendendo nada, nem mesmo a ler. Mais tarde, mandaram-no para o colégio dos jesuítas em Milão. O marquês seu pai exigiu que lhe ensinassem latim, não seguindo esses velhos autores que sempre falam de repúblicas, mas a partir de um magnífico livro ornamentado com mais de cem gravuras, obra-prima de artistas do século XVII; era a genealogia latina dos Valserra, marqueses Del Dongo, publicada em 1650 por Fabrizio del Dongo, arcebispo de Parma. Como a carreira dos Valserra era militar, as gravuras representavam muitas batalhas e sempre se via um herói com esse nome desferindo fantásticos golpes de espada. O jovem Fabrice gostava muito desse livro. Sua mãe, que o adorava, de vez em quando conseguia autorização para ir vê-lo em Milão; mas, como o marido nunca lhe oferecia dinheiro para essas viagens, era sua cunhada, a amável condessa Pietranera, que lhe emprestava. Depois da volta dos franceses, a condessa se tornara uma das mulheres mais brilhantes da corte do príncipe Eugène, vice-rei da Itália.<sup>f</sup>

Quando Fabrice fez primeira comunhão, ela conseguiu do marquês, ainda exilado voluntário, autorização para fazê-lo sair algumas vezes do colégio. Achou-o singular, espirituoso, muito sério, mas um menino bonito, e não fazendo muito feio no salão de uma mulher na moda; aliás, extremamente ignorante e mal sabendo escrever. A condessa, que imprimia a qualquer coisa seu temperamento entusiasta, prometeu sua proteção ao chefe do estabelecimento se o sobrinho Fabrice fizesse progressos surpreendentes, e no fim do ano tivesse muitos prêmios. Para lhe dar os meios de merecê-los, mandava-o buscar todo sábado à noite, e volta e meia só o devolvia a seus mestres na quarta ou quinta-feira. Os jesuítas, conquanto carinhosamente afagados pelo príncipe vice-rei, eram rechaçados da Itália pelas leis do reino, e o superior do colégio, homem hábil, sentiu todo o partido que poderia tirar de suas relações com uma mulher todo-poderosa na corte. Não pensou em se queixar das ausências de Fabrice, o qual, mais ignorante que nunca, no final do ano conseguiu cinco primeiros prêmios. Por conta disso, a brilhante condessa Pietranera, acompanhada pelo marido, general comandante de uma das divisões da Guarda, e por cinco ou seis dos maiores personagens da corte do vice-rei, foi assistir à distribuição de prêmios nos jesuítas. O superior foi cumprimentado por seus chefes.

A condessa levava o sobrinho a todas essas festas brilhantes que marcaram o reino curto demais do agradável príncipe Eugène. Do sobrinho fizera, só por sua própria autoridade, oficial de hussardos, e Fabrice, com doze anos de idade, portava esse uniforme. Um dia, encantada com sua linda aparência, a condessa pediu ao príncipe um lugar de pajem para ele, o que queria dizer que a família Del Dongo aderira à situação. No dia seguinte, precisou de todo o seu prestígio para fazer com que o vice-rei não se lembrasse desse pedido, ao qual nada faltava a não ser o consentimento do pai do futuro pajem, e esse consentimento foi recusado com vigor. Em seguida a essa loucura, que fez o marquês amuado estremecer, ele encontrou um pretexto para chamar a Griante o jovem Fabrice. A condessa desprezava sobejamente o irmão; olhava-o como a um parvo tristonho, e que seria perverso se um dia tivesse poder para isso. Mas era louca por Fabrice, e depois de dez anos de silêncio escreveu ao marquês para exigir a presença do sobrinho: a carta foi

deixada sem resposta.

Ao regressar àquele palácio formidável, construído pelo mais belicoso de seus ancestrais, Fabrice nada sabia do mundo a não ser fazer exercícios e montar a cavalo. Muitas vezes o conde Pietranera, tão louco por esse menino como a mulher, o fazia montar a cavalo e o levava à parada.

Ao chegar ao castelo de Griante, Fabrice, com os olhos ainda muito vermelhos das lágrimas derramadas ao deixar os belos salões da tia, encontrou apenas as carícias apaixonadas da mãe e das irmãs. O marquês estava trancado em seu gabinete, com o filho mais velho, o *marchesino* Ascanio. Ali fabricavam cartas cifradas que tinham a honra de enviar a Viena; pai e filho só apareciam nas horas das refeições. O marquês repetia com afetação que ensinava a seu sucessor natural fazer, em partidas dobradas, a contabilidade dos produtos de cada uma de suas propriedades. Na realidade, o marquês era cioso demais de seu poder para falar dessas coisas a um filho, herdeiro necessário de todas essas terras submetidas ao regime de substituição. Ele o empregava em cifrar despachos de quinze ou vinte páginas que, duas ou três vezes por semana, transmitia à Suíça, de onde eram encaminhados a Viena. O marquês pretendia comunicar a seus soberanos legítimos o estado interno do reino da Itália, que ele mesmo não conhecia, e no entanto suas cartas tinham muito sucesso. Eis como. O marquês mandava algum agente de confiança contar na estrada real o número de soldados de tal regimento francês ou italiano que mudava de guarnição e, prestando contas desse fato à corte de Viena, tomava o cuidado de diminuir de uma boa quarta parte o número dos soldados presentes. Essas cartas, aliás ridículas, tinham o mérito de desmentir outras mais verídicas, e agradavam. Assim, pouco antes da chegada de Fabrice ao castelo, o marquês recebera a medalha de uma ordem renomada: era a quinta que ornava sua casaca de camarista. Na verdade, tinha a tristeza de não se atrever a arvorar aquela casaca fora de seu gabinete; mas nunca se permitia ditar um despacho sem ter vestido o traje bordado, guarnecido de todas as suas ordens. Pensava faltar ao respeito se agisse de outro modo.

A marquesa ficou maravilhada com os encantos do filho. Mas ela conservara o hábito de escrever duas ou três vezes por ano ao general conde d'A\*\*\*: era o nome atual do tenente Robert. A marquesa tinha horror de mentir às pessoas de quem gostava; interrogou seu filho e ficou apavorada com a ignorância dele.

“Se ele me parece pouco instruído”, ela pensava, “a mim, que não sei nada, Robert, que é tão culto, acharia a educação dele absolutamente falha; ora, atualmente é preciso ter mérito.” Outra peculiaridade que a espantou quase tanto como essa foi que Fabrice levava a sério todas as coisas religiosas que lhe tinham ensinado os jesuítas. Se bem que ela mesma fosse muito devota, o fanatismo daquele menino a fez estremecer. “Se o marquês tiver inteligência suficiente para adivinhar esse meio de influência, vai me roubar o amor de meu filho.” Chorou muito e sua paixão por Fabrice aumentou.

A vida naquele castelo, povoado por trinta ou quarenta domésticos, era muito triste; assim, Fabrice passava os dias inteiros na caça ou a percorrer o lago num barco. Logo ficou estreitamente ligado aos cocheiros e aos moços das estrebarias; todos eram loucamente partidários dos franceses e debochavam abertamente dos criados de quarto, dedicados, afeiçoados à pessoa do marquês ou à de seu filho mais velho. O grande mote

das pilhérias contra esses personagens sisudos era que eles usavam pó, a exemplo dos patrões.

a Esta e várias outras palavras e expressões em itálico seguem o texto original.

b Antoine-Jean Gros (1771-1835), pintor romântico, autor de vários retratos de Napoleão.

c Promissórias emitidas pela primeira vez em 1790, pelo governo revolucionário, e cuja garantia eram os bens nacionais. Desvalorizaram-se muito nos anos seguintes.

d Período de transição, de outubro de 1795 a novembro de 1799, entre os primeiros anos pós-revolucionários e o golpe de Estado de Napoleão.

e Fiorde do mar Adriático, na costa de Montenegro, usado como colônia penal.

f Eugène de Beauharnais (1781-1824) era filho de Joséphine de Beauharnais, futura mulher de Napoleão I, que depois o adotou.

1 Pronuncia-se *marquesino*. Nos usos do país, tomados da Alemanha, esse título é dado a todos os filhos de marquês; *contino*, a todos os filhos de conde; *contessina*, a todas as filhas de conde etc. [Esta e as demais notas chamadas por números são do próprio Stendhal.]

[...]  
*Alors que Vesper vient embrunir nos yeux,  
 Tout épris d'avenir, je contemple les cieux,  
 En qui Dieu nous escrit, par notes non obscures,  
 les sorts et les destins de toutes créatures.  
 Car lui, du fond des cieux regardant un humain,  
 Parfois mû de pitié, lui montre le chemin;  
 Par les astres du ciel qui sont ses caractères,  
 Mais les hommes chargés de terre et de trépas,  
 Méprisent tel écrit, et ne le lisent pas.<sup>a</sup>*

RONSARD

O marquês professava um vigoroso ódio pelas Luzes. “São as ideias”, dizia, “que perderam a Itália.” Não sabia muito bem como conciliar esse santo horror à instrução com o desejo de ver o filho Fabrice aperfeiçoar a educação tão brilhantemente iniciada com os jesuítas. Para correr um mínimo de riscos, encarregou o bom padre Blanès, cura de Griante, de fazer Fabrice prosseguir os estudos em latim. Seria preciso que o próprio cura soubesse essa língua; ora, ela era objeto de seu desprezo; seus conhecimentos nessa matéria se limitavam a recitar, de cor, as orações do missal, cujo significado conseguia mais ou menos transmitir às suas ovelhas. Mas, ainda assim, esse cura era muito respeitado e até mesmo temido no cantão; sempre dissera que não era em treze semanas nem sequer em treze meses que veriam realizar-se a famosa profecia de são Giovita, o padroeiro de Brescia. Acrescentava, quando falava a amigos de confiança, que esse número *treze* devia ser interpretado de uma maneira que espantaria muito o mundo se fosse permitido dizer tudo (1813).<sup>b</sup>

O fato é que o padre Blanès, personagem de uma honestidade e de uma virtude *primitivas*, e além disso homem inteligente, passava todas as noites no alto de seu campanário; era louco por astrologia. Depois de gastar os dias em calcular conjunções e posições de estrelas, empregava a melhor parte de suas noites a segui-las no céu. Por causa de sua pobreza, não tinha outro instrumento além de uma longa luneta com tubo de papelão. Pode-se calcular o desprezo que sentia pelo estudo de línguas um homem que passava a vida a descobrir a época exata da queda dos impérios e das revoluções que mudam a face do mundo. “Que sei eu a mais sobre um cavalo”, dizia a Fabrice, “desde que me ensinaram que em latim ele se chama *equus*?”

Os camponeses temiam o padre Blanès como a um grande mágico: quanto a ele, amparado no medo que inspiravam aquelas horas passadas no campanário, os impedia de roubar. Os curas das redondezas, seus confrades, muito invejosos de sua influência, o detestavam; o marquês Del Dongo o desprezava simplesmente porque ele raciocinava demais para um homem de tão baixa extração. Fabrice o adorava: para agradá-lo, passava às vezes noites inteiras fazendo adições ou multiplicações enormes. Depois subia ao campanário: era um grande favor, que o padre Blanès jamais concedera a ninguém; mas ele amava aquele menino por sua ingenuidade.

— Se você não se tornar hipócrita — dizia-lhe —, será talvez um homem.

Duas ou três vezes por ano, Fabrice, intrépido e apaixonado em seus prazeres, por pouco não se afogava no lago. Era o chefe de todas as grandes expedições dos camponesinhos de Griante e da Cadenabbia. Essas crianças tinham conseguido algumas chaves pequenas e quando a noite estava bem escura tentavam abrir os cadeados das correntes que prendem os barcos a uma pedra grande ou a uma árvore próxima da margem. É preciso saber que sobre o lago de Como a indústria dos pescadores estende linhas de fundo, a grande distância da beira. A ponta superior da corda é presa a uma tabuinha forrada de cortiça, e, fixado nessa tabuinha, um galho de avelaneira muito flexível sustenta uma pequena campainha que tilinta quando o peixe, fígado, dá um puxão na linha.

O grande objetivo dessas expedições noturnas, cujo comandante em chefe era Fabrice, consistia em ir visitar as linhas de fundo antes que os pescadores tivessem ouvido o aviso dado pelos sininhos. Escolhiam as noites de tempestade; e para essas excursões arriscadas embarcavam de madrugada, uma hora antes do raiar do sol. Ao subirem no barco, essas crianças pensavam em se jogar nos maiores perigos, era esse o lado bonito de sua ação; e, seguindo o exemplo dos pais, recitavam devotamente uma ave-maria. Ora, costumava acontecer de, na hora da partida e logo em seguida à ave-maria, Fabrice ser tomado por um presságio. Era esse o fruto que retirava dos estudos astrológicos de seu amigo, o padre Blanès, em cujas previsões não acreditava. Seguindo sua jovem imaginação, esse presságio lhe anunciava com toda a certeza o êxito ou o fracasso; e, como ele era mais resolutivo que qualquer outro de seus companheiros, pouco a pouco a tropa se acostumou tanto aos presságios que se, na hora de embarcar, avistassem na margem um padre, ou vissem um corvo voar do lado esquerdo, apressavam-se em repor o cadeado na corrente do barco, e todos voltavam para casa e iam se deitar. Assim, o padre Blanès não comunicara a Fabrice sua ciência bastante difícil, mas sem querer lhe inoculava uma confiança ilimitada nos sinais capazes de prever o futuro.

O marquês pressentia que um acidente em sua correspondência cifrada poderia deixá-lo à mercê de sua irmã; portanto, todos os anos, na época do dia de santa Ângela, festa onomástica da condessa Pietranera, Fabrice conseguia autorização para passar oito dias em Milão. Vivia o ano inteiro na expectativa ou nas saudades desses oito dias. Nessa grande ocasião, para realizar tal viagem política, o marquês entregava ao filho quatro escudos, e, como de praxe, não dava nada à esposa, que o acompanhava. Mas um dos cozinheiros, seis lacaios e um cocheiro com dois cavalos partiam para Como na véspera da viagem, e, em Milão, todo dia a marquesa encontrava uma carruagem à sua disposição e um jantar para doze convivas.

O gênero de vida rabugenta que o marquês Del Dongo levava era seguramente muito pouco divertido; mas tinha a vantagem de enriquecer de uma vez por todas as famílias que faziam a bondade de se entregar a ela. O marquês, que tinha mais de duzentas mil libras de renda, não gastava nem um quarto disso; vivia de esperanças. Durante os treze anos entre 1800 a 1813, acreditou constante e firmemente que Napoleão seria derrubado antes de seis meses. Que se imagine seu júbilo quando, no início de 1813, soube dos desastres de Beresina!<sup>c</sup> A tomada de Paris e a queda de Napoleão por pouco não o fizeram perder a cabeça; então se permitiu os comentários mais ultrajantes com a mulher e a irmã. Finalmente, depois de catorze anos de espera, teve essa alegria inexprimível de ver as tropas austríacas entrarem em Milão. Seguindo as ordens vindas de Viena, o general austríaco recebeu o marquês Del Dongo com uma consideração vizinha ao respeito; apressaram-se em lhe oferecer um dos primeiros postos no governo, que ele aceitou como pagamento de uma dívida. O filho mais velho teve um posto de tenente num dos mais belos regimentos da monarquia; mas o segundo jamais quis aceitar o lugar de cadete que lhe era oferecido. Esse triunfo, que o marquês desfrutava com rara insolência, só durou uns meses e foi seguido por um revés humilhante. Nunca ele tivera talento para os negócios públicos, e catorze anos passados no campo, entre seus criados, seu tabelião e seu médico, unidos ao mau humor da velhice que chegara, o haviam transformado em um homem perfeitamente incapaz. Ora, em terra austríaca não é possível manter um posto importante sem ter o gênero de talento exigido pela administração lenta e complicada, mas muito sensata, dessa velha monarquia. As gafes do marquês Del Dongo escandalizavam os empregados e até interrompiam o andamento dos negócios. Suas declarações ultramonarquistas irritavam a população que gostaria de mergulhar na letargia e na indiferença. Um belo dia, soube que Sua Majestade se dignara a aceitar graciosamente sua demissão do emprego na administração, e ao mesmo tempo lhe conferia um lugar de *segundo grão-mordomo-mor* do reino lombardo-veneziano. O marquês ficou indignado com a atroz injustiça de que era vítima; ele, que tanto execrava a liberdade de imprensa, conseguiu que um amigo imprimisse uma carta. Por fim, escreveu ao imperador que seus ministros o traíam e não passavam de jacobinos. Feitas essas coisas, voltou tristemente para seu castelo de Griante. Teve um consolo. Depois da queda de Napoleão, certos personagens poderosos em Milão mandaram matar nas ruas o conde Prina, ex-ministro do rei da Itália e homem de grande mérito. O conde Pietranera expôs a vida para salvar a do ministro, que morreu a golpes de guarda-chuva, e cujo suplício durou cinco horas. Um padre, confessor do marquês Del Dongo, poderia ter salvado Prina abrindo-lhe o portão da igreja de San Giovanni, para onde arrastaram o coitado do ministro, mas este acabou abandonado na sarjeta, no meio da rua, pois o padre se recusou a abrir o portão, escarnecendo dele; seis meses depois o marquês teve a satisfação de conseguir para ele uma bela promoção.

Ele execrava o conde Pietranera, seu cunhado, o qual, não tendo cinquenta luíses de renda, ousava viver muito contente, atrevia-se a mostrar-se fiel ao que amara por toda a vida, e tinha a insolência de pregar esse espírito de justiça sem diferenciar as pessoas, o que o marquês chamava de jacobinismo infame. O conde se recusara a servir na Áustria; aproveitaram-se dessa recusa e, alguns meses depois da morte de Prina, os mesmos

personagens que tinham pagado aos assassinos conseguiram que o general Pietranera fosse jogado na prisão. Então a condessa, sua mulher, pegou um passaporte e pediu cavalos de posta para ir a Viena contar a verdade ao imperador. Os assassinos de Prina ficaram com medo e um deles, primo da sra. Pietranera, foi lhe levar à meia-noite, uma hora antes de sua partida para Viena, a ordem de pôr o marido em liberdade. No dia seguinte, o general austríaco mandou chamar o conde Pietranera, recebeu-o com toda a distinção possível e lhe garantiu que sua pensão da reforma não tardaria a ser paga nas bases mais vantajosas. O bravo general Bubna,<sup>d</sup> homem de espírito e de coração, parecia muito envergonhado pelo assassinato de Prina e pela prisão do conde. Depois dessa borrasca, conjurada pelo caráter firme da condessa, os esposos viveram, mal ou bem, com a pensão da reforma, que graças à recomendação do general Bubna não se fez esperar.

Ainda bem que a condessa, fazia cinco ou seis anos, tinha grande amizade com um rapaz muito rico, que também era amigo íntimo do conde e não deixava de pôr à disposição deles a mais bela atrelagem de cavalos ingleses que havia então em Milão, assim como seu camarote no teatro La Scala, e seu castelo no campo. Mas o conde tinha consciência da própria bravura, sua alma era generosa, e ele facilmente se arrebatava, permitindo-se então estranhas declarações. Um dia em que estava caçando com uns jovens, um deles, que servira sob outra bandeira que não a dele, começou a fazer brincadeiras a respeito da valentia dos soldados da República Cisalpina;<sup>e</sup> o conde lhe deu uma bofetada, logo começaram a lutar e o conde que, no meio de todos aqueles rapazes, estava sozinho em seu campo, foi morto. Falou-se muito dessa espécie de duelo, e as pessoas que lá estavam tomaram a decisão de viajar para a Suíça.

Essa coragem ridícula a que chamam de resignação, a coragem de um tolo que se deixa agarrar sem dizer uma palavra, não era do feitio da condessa. Furiosa com a morte do marido, gostaria que Limercati, aquele rapaz rico, seu amigo íntimo, também tivesse tido a fantasia de viajar à Suíça e dar um tiro de carabina ou uma bofetada no assassino do conde Pietranera.

Limercati achou esse plano de um absoluto ridículo, e a condessa se deu conta de que nela o desprezo matara o amor. Desdobrou-se em atenções com Limercati; queria despertar seu amor, e em seguida deixá-lo plantado ali, no desespero. Para que na França esse plano de vingança seja inteligível, direi que em Milão, terra muito afastada da nossa, ainda se chega ao desespero por amor. A condessa, que em seus trajes de luto eclipsava a léguas de distância todas as suas rivais, mostrou-se muito coquete com os rapazes que eram o suprassumo da alta roda e um deles, o conde N\*\*\*, que desde sempre dissera achar o mérito de Limercati um pouco afetado, um pouco pesado demais para uma mulher de tanto espírito, ficou loucamente apaixonado pela condessa. Ela escreveu a Limercati:

Quer agir uma vez como homem de espírito? Pois imagine que jamais me conheceu.

Sou, talvez com um pouco de desprezo, sua muito humilde servidora,  
GINA PIETRANERA.

Ao ler esse bilhete, Limercati partiu para um de seus castelos; seu amor se exaltou, ele enlouqueceu e falou em estourar os miolos, coisa inusitada nos países em que se acredita

no inferno. Já no dia seguinte de sua chegada ao campo, escrevera à condessa para lhe oferecer sua mão e suas duzentas mil libras de renda. Ela lhe mandou de volta, pelo cavalição do conde N\*\*\*, a carta não aberta. Diante disso, Limercati passou três anos em suas terras, voltando a cada dois meses a Milão mas sem jamais ter a coragem de lá ficar, e aborrecendo todos os amigos com seu amor apaixonado pela condessa e com o relato circunstanciado das bondades que outrora ela demonstrara. Nos primeiros tempos, acrescentava que com o conde N\*\*\* ela estava se perdendo, e que uma ligação dessas a desonrava. O fato é que a condessa não tinha nenhuma espécie de amor pelo conde N\*\*\*, e foi o que lhe declarou quando teve absoluta certeza do desespero de Limercati. O conde, que era homem experimentado, pediu a ela para não divulgar a triste verdade que acabava de lhe confidenciar:

— Se tiver a extrema indulgência — acrescentou — de continuar a me receber com todas as distinções exteriores concedidas ao amante titular, encontrarei talvez um lugar conveniente.

Depois dessa declaração heroica, a condessa não quis mais os cavalos nem o camarote do conde N\*\*\*. Mas fazia quinze anos que estava acostumada com a vida mais elegante; teve de resolver esse problema difícil, ou melhor, impossível: viver em Milão com uma pensão de mil e quinhentos francos. Saiu de seu palácio, alugou dois quartos num quinto andar, despediu toda a criadagem, e até a camareira, substituída por uma pobre velha que fazia serviços domésticos. Na verdade, esse sacrifício era menos heroico e menos penoso do que nos parece; em Milão, a pobreza não é ridícula, e portanto não se mostra às almas assustadas como o pior dos males. Depois de alguns meses nessa pobreza nobre, assediada pelas cartas contínuas de Limercati, e até mesmo do conde N\*\*\*, que também queria se casar com ela, ocorreu que o marquês Del Dongo, via de regra de uma avareza execrável, chegou a pensar que seus inimigos poderiam muito bem triunfar graças à miséria da irmã. Como? Uma Del Dongo ser reduzida a viver com a pensão que a corte de Viena, da qual ele tinha tantas queixas, concede às viúvas de seus generais?

Escreveu-lhe que um apartamento e um tratamento dignos de uma irmã esperavam por ela no castelo de Griante. A alma volúvel da condessa abraçou com entusiasmo a ideia desse novo gênero de vida; fazia vinte anos que não morava naquele castelo venerável que se elevava majestoso no meio de velhos castanheiros plantados na época dos Sforza. “Lá”, pensou, “encontrarei sossego, e na minha idade, não é isso a felicidade? (Como estava com trinta e um anos, pensava ter chegado a hora de se retirar.) Nesse lago sublime, à beira do qual eu nasci, espera-me finalmente uma vida feliz e serena.”

Não sei se ela se enganava, mas o que é certo é que essa alma apaixonada, que acabava de recusar tão prontamente a oferta de duas imensas fortunas, levou a felicidade ao castelo de Griante. Suas duas sobrinhas ficaram loucas de alegria.

— Você me devolveu meus belos dias da juventude — disse-lhe a marquesa beijando-a —; na véspera de sua chegada eu estava com cem anos.

A condessa começou a rever, junto com Fabrice, todos aqueles lugares encantadores vizinhos de Griante e tão celebrados pelos viajantes: a Vila Melzi, do outro lado do lago, defronte do castelo, e que lhe serve de panorama, acima do bosque sagrado dos Sfondrata, e o arrojado promontório que separa os dois braços do lago, o de Como, tão voluptuoso, e

o que corre para Lecco, muito severo: aspectos sublimes e graciosos, que o lugar mais renomado do mundo, a baía de Nápoles, iguala mas não supera. Era com encantamento que a condessa reencontrava as lembranças de sua primeira juventude e as comparava com suas sensações atuais. “O lago de Como”, pensava consigo mesma, “não é cercado, como o lago de Genebra, por grandes lotes de terra bem fechados e cultivados segundo os melhores métodos, coisa que lembra o dinheiro e a especulação. Aqui, de todos os lados vejo colinas de alturas desiguais, cobertas por pequenos bosques de árvores plantadas pelo acaso, e que a mão do homem ainda não estragou nem forçou *a dar renda*. No meio dessas colinas de formas admiráveis e se precipitando para o lago por ladeiras tão singulares, posso guardar todas as ilusões das descrições de Tasso e de Ariosto. Tudo é nobre e meigo, tudo fala de amor, nada lembra as feiuras da civilização. As aldeias que ficam a meia encosta são escondidas por grandes árvores, e acima das copas se ergue a arquitetura maravilhosa de seus lindos campanários. Se um pequeno campo de cinquenta passos de largura vem de vez em quando interromper os pequenos bosques de castanheiros e de cerejeiras silvestres, o olhar satisfeito ali vê crescerem plantas mais vigorosas e mais felizes que em outro lugar. Além das colinas, cujo cume oferece ermitágios que todos gostariam de habitar, o olhar admirado avista os picos dos Alpes, sempre cobertos de neve, e sua severa austeridade nos lembra as desgraças da vida, algo necessário para aumentar a volúpia presente. A imaginação é tocada pelo som distante do sino de alguma aldeiazinha escondida sob as árvores: esses sons, transportados sobre as águas que os suavizam, adotam uma tonalidade de doce melancolia e de resignação, e parecem dizer ao homem: ‘A vida se esvai, portanto não te mostres tão difícil com a felicidade que se apresenta, apressa-te em desfrutá-la’.” A linguagem desses locais encantadores, e que não há iguais no mundo, devolveu à condessa seu coração de dezesseis anos. Ela não imaginava como conseguira passar tantos anos sem rever o lago. “Será, então, que a felicidade terá se refugiado no começo da velhice?”, pensou. Comprou um barco que Fabrice, a marquesa e ela enfeitaram com as próprias mãos, pois faltava dinheiro para tudo, em meio a um padrão de vida tão esplêndido; desde sua desgraça, o marquês Del Dongo redobrou o fausto aristocrático. Por exemplo, para ganhar dez passos de terreno sobre o lago, perto da famosa alameda dos plátanos, ao lado da Cadenabbia, mandara construir um dique cujo orçamento chegava a oitenta mil francos. Na ponta do dique erguia-se, a partir dos desenhos do famoso marquês Cagnola, uma capela toda construída em blocos de granito enormes, e, dentro da capela, Marchesi, o escultor da moda em Milão, construíra para ele um túmulo em que os numerosos baixos-relevos deviam representar as belas ações de seus ancestrais.

O irmão mais velho de Fabrice, o *marchesino* Ascanio, quis se juntar aos passeios das senhoras; mas sua tia jogou água em seus cabelos empoados, e todo dia inventava de pregar uma nova peça no sobrinho tão sério. Afinal, ele livrou da visão de seu gordo rosto pálido a alegre trupe, que não ousava rir em sua presença. Pensava-se que ele era o espião do marquês, seu pai, e convinha tratar bem aquele déspota severo e sempre furioso desde sua demissão forçada.

Ascanio jurou se vingar de Fabrice.

Houve uma tempestade em que eles correram perigos; embora tivessem pouquíssimo dinheiro, pagaram generosamente os dois barqueiros para que nada dissessem ao marquês,

que já manifestava muita irritação por terem levado suas duas filhas. Enfrentaram uma segunda tempestade; elas são terríveis e imprevisas naquele belo lago: rajadas de vento saem inesperadamente das duas gargantas de montanhas situadas em direções opostas e lutam sobre as águas. No meio do furacão e dos trovões, a condessa quis desembarcar; alegava que, subindo num rochedo isolado no meio do lago, e do tamanho de um quartinho, teria um espetáculo singular; já se via sendo assediada de todos os lados por ondas furiosas, mas ao saltar do barco caiu na água. Fabrice se jogou atrás dela, para salvá-la, e os dois foram arrastados para bem longe. Com certeza, afogar-se não tem nada de bonito, mas o tédio estava banido do castelo feudal. A condessa se apaixonara pelo temperamento primitivo e pela astrologia do padre Blanès. O pouco dinheiro que lhe restava depois da compra do barco fora empregado em comprar por uma pechincha um pequeno telescópio, e quase toda noite, com as sobrinhas e Fabrice, ia se instalar na plataforma de uma das torres góticas do castelo. Fabrice era o sábio da turma, e ali passavam várias horas muito alegres, longe dos espões.

É preciso reconhecer que havia dias em que a condessa não dirigia a palavra a ninguém; era vista passeando sob os altos castanheiros, mergulhada em sombrios devaneios; tinha muita inteligência para não sentir, às vezes, o tédio que significa não trocar ideias. Mas no dia seguinte ria como na véspera: eram as queixas da marquesa, sua cunhada, que produziam essas impressões sombrias naquela alma naturalmente tão ativa.

— Então passaremos o que nos resta de mocidade neste triste castelo! — exclamava a marquesa.

Antes da chegada da condessa, ela não tinha nem sequer a coragem de sentir esses desgostos.

Viveram assim durante o inverno de 1814-5. Duas vezes, apesar de sua pobreza, a condessa foi passar uns dias em Milão; tratava-se de ver um balé sublime de Vignano, apresentado no La Scala, e o marquês não proibiu sua esposa de acompanhar a cunhada. Iam receber os trimestres da pequena pensão, e era a pobre viúva do general cisalpino que emprestava alguns sequins à riquíssima marquesa Del Dongo. Essas excursões eram deliciosas; convidavam velhos amigos para jantar e se consolavam rindo de tudo, como verdadeiras crianças. Essa alegria italiana, cheia de brio e de imprevisto, as fazia esquecerem a tristeza sombria que os olhares do marquês e de seu primogênito espalhavam ao redor em Griante. Fabrice, com apenas dezesseis anos, representava muito bem o chefe da casa.

No dia 7 de março de 1815, fazia dois dias que as senhoras estavam de volta de uma maravilhosa viagemzinha a Milão; passeavam pela bela alameda dos plátanos recém-prolongada até a beira do lago. Apareceu um barco vindo do lado de Como, e que fez sinais estranhos. Um agente do marquês saltou para o dique: Napoleão acabava de desembarcar no Golfe-Juan.<sup>f</sup> A Europa teve a bondade de ficar surpresa com esse acontecimento, que não surpreendeu nem um pouco o marquês Del Dongo; ele escreveu a seu soberano uma carta cheia de efusão e afeto; oferecia-lhe seus talentos e vários milhões, e lhe repetia que seus ministros eram jacobinos em conluio com os agitadores de Paris.

No dia 8 de março, às seis horas da manhã, o marquês, portando suas insígnias, estava ouvindo seu primogênito lhe ditar o rascunho de um terceiro despacho político; ocupava-se

pomposamente em transcrevê-lo com sua bela letra caprichada, num papel que trazia em filigrana a efígie do soberano. No mesmo instante, Fabrice se fez anunciar nos aposentos da condessa Pietranera.

— Vou partir — ele lhe disse —, vou me juntar ao imperador, que também é rei da Itália; ele tinha tanta amizade por seu marido! Passo pela Suíça. Esta noite, em Menagio, meu amigo Vasi, o comerciante de barômetros, me deu seu passaporte; agora me dê uns napoleões, pois de meus mesmo só tenho dois; mas, se for preciso, irei a pé.

A condessa chorava de alegria e angústia.

— Meu Deus do céu! Por que resolveu ter essa ideia? — exclamou, tomando as mãos de Fabrice.

Levantou-se e foi pegar no armário de roupa, onde estava cuidadosamente escondida, uma bolsinha enfeitada de pérolas; era tudo o que possuía no mundo.

— Tome — disse a Fabrice —, mas pelo amor de Deus! Não se deixe morrer. O que restará para sua pobre mãe e para mim se você nos faltar? Quanto ao sucesso de Napoleão, é impossível, meu pobre amigo; nossos cavalheiros saberão muito bem acabar com ele. Você não ouviu, há uma semana, em Milão, a história dos vinte e três projetos de assassinato, todos tão bem armados e aos quais ele só escapou por milagre? E naquela altura era todo-poderoso. E viu que não é vontade de destruí-lo que falta a nossos inimigos; a França não era mais nada desde a partida dele.

Era com o toque da mais profunda emoção que a condessa falava a Fabrice sobre o futuro destino de Napoleão.

— Permitindo-lhe que você vá se juntar a Napoleão, a ele sacrifico o que tenho de mais querido no mundo — disse.

Os olhos de Fabrice ficaram rasos d'água, ele derramou lágrimas ao beijar a condessa, mas sua resolução de partir não foi nem um instante abalada. Explicava com efusão a essa amiga tão querida todas as razões que o determinavam, e que tomamos a liberdade de considerar bem divertidas.

— Ontem à noite, faltavam sete minutos para as seis quando passeávamos, como você sabe, na beira do lago, pela alameda dos plátanos, abaixo da Casa Sommariva, e andávamos para o sul. Lá, pela primeira vez observei ao longe um barco que vinha de Como, portador de uma grande notícia. Quando eu olhava para aquele barco sem pensar no imperador, e somente invejando a sorte dos que podem viajar, de repente fui tomado por profunda emoção. O barco atracou, o agente falou baixo com meu pai, que mudou de cor e nos levou à parte para nos anunciar a *terrível notícia*. Virei-me para o lago sem outro objetivo além de esconder as lágrimas de alegria que inundaram meus olhos. De repente, a uma altura imensa e à minha direita vi uma águia, a ave de Napoleão; voava majestosa, dirigindo-se para a Suíça, e, por conseguinte, para Paris. E eu também, pensei naquele instante, atravessarei a Suíça com a rapidez da águia, irei oferecer a esse grande homem bem pouca coisa, mas, afinal, tudo o que posso oferecer, o socorro de meus braços fracos. Ele quis nos dar uma pátria e gostou de meu tio. No mesmo instante, enquanto eu ainda via a águia, por um efeito singular minhas lágrimas secaram; e a prova de que essa ideia vem do alto é que no mesmo momento, sem titubear, tomei minha decisão e enxerguei os meios de realizar essa viagem. Num piscar de olhos todas as tristezas que, como você sabe,

envenenam minha vida, sobretudo aos domingos, foram como que levadas por um sopro divino. Vi essa grande imagem da Itália se levantar da lama onde os alemães a mantêm mergulhada;<sup>2</sup> ela estendia para seu rei e libertador seus braços machucados e ainda semicarregados de correntes. E eu, pensei, filho ainda desconhecido desta mãe infeliz, partirei, irei morrer ou vencer ao lado desse homem marcado pelo destino, e que quis nos lavar do desprezo que jogam sobre nós até mesmo os mais escravos e mais vis habitantes da Europa. Sabe — acrescentou em voz baixa, aproximando-se da condessa e fixando nela seus olhos dos quais jorravam chamas —, sabe aquele jovem castanheiro que minha mãe, no inverno de meu nascimento, plantou ela mesma na beira da grande fonte, em nossa floresta, a duas léguas daqui? Antes de fazer qualquer coisa, quis ir visitá-lo. A primavera não estava muito avançada, e pensei: pois bem, se minha árvore tiver folhas, será um sinal para mim! Eu também devo sair do estado de torpor em que definho neste triste e frio castelo. Você não acha que esses velhos muros enegrecidos, agora símbolos, e outrora instrumentos do despotismo, são uma verdadeira imagem do triste inverno? São para mim o que o inverno é para minha árvore. Você acreditaria, Gina? Ontem à noite, às sete e meia, cheguei ao meu castanheiro; ele tinha folhas, lindas folhinhas já bem grandes! Beijei-as sem lhes fazer mal. Cavei a terra com respeito, ao redor da árvore querida. Logo tomado por um novo ímpeto, atravessei a montanha; cheguei a Menagio: precisava de um passaporte para entrar na Suíça. O tempo voava, já era uma hora da manhã quando me vi à porta de Vasi. Pensei que teria de bater muito tempo para acordá-lo; mas ele estava de pé com três amigos. À minha primeira frase, exclamou: “Você vai se juntar a Napoleão!”, e pulou no meu pescoço. Os outros também me abraçaram, cheios de entusiasmo. “Por que sou eu casado?”, dizia um deles.

A sra. Pietranera ficou pensativa; imaginou ter de apresentar algumas objeções. Se Fabrice tivesse a menor experiência, teria visto muito bem que a própria condessa não acreditava nas boas razões que se apressava em lhe dar. Mas, à falta de experiência, ele tinha resolução; não se dignou sequer a escutar essas razões. Logo a condessa se limitou a conseguir que, pelo menos, ele comunicasse o projeto à mãe.

— Ela o contará às minhas irmãs, e essas mulheres me trairão sem querer! — exclamou Fabrice com uma espécie de altivez heroica.

— Fale com mais respeito — disse a condessa, sorrindo no meio de lágrimas — do sexo que fará sua fortuna; pois você sempre desagradará aos homens, tem muito ardor para as almas prosaicas.

A marquesa caiu no choro ao saber do estranho projeto do filho; não sentia seu heroísmo, e fez todo o possível para retê-lo. Quando se convenceu de que nada no mundo, exceto os muros de uma prisão, conseguiria impedi-lo de partir, entregou-lhe o pouco dinheiro que possuía; depois se lembrou de que, desde a véspera, tinha oito ou dez pequenos diamantes valendo talvez dez mil francos, que o marquês lhe entregara para mandá-los engastar em Milão. As irmãs de Fabrice entraram no quarto da mãe enquanto a condessa costurava esses diamantes na casaca de viagem de nosso herói; ele devolveu a essas pobres mulheres seus miseráveis napoleões. Suas irmãs ficaram tão entusiasmadas com o projeto, beijaram-no com uma alegria tão ruidosa que ele pegou na mão alguns diamantes que ainda não tinham sido escondidos e resolveu partir imediatamente.

— Vocês me trairiam, mesmo sem querer — disse ele às irmãs. — Já que tenho tanto dinheiro, é inútil levar essas roupas; nós as encontramos em qualquer lugar.

Beijou aquelas pessoas que lhe eram tão queridas e partiu no mesmo instante, sem desejar entrar em seu quarto. Andou tão depressa, temendo sempre ser perseguido por criados a cavalo, que na mesma noite entrou em Lugano. Graças a Deus, estava numa cidade suíça e já não temia ser atacado na estrada solitária por guardas pagos por seu pai. Daquele lugar, escreveu-lhe uma bela carta, fraqueza de criança que deu consistência à raiva do marquês. Fabrice pegou a mala-posta, passou por São Gotardo; sua viagem foi rápida e ele entrou na França por Pontarlier. O imperador estava em Paris. Lá começaram as desgraças de Fabrice; partira com a firme intenção de falar com o imperador: nunca lhe tinha vindo ao espírito que fosse coisa difícil. Em Milão, dez vezes por dia via o príncipe Eugène e poderia ter lhe dirigido a palavra. Em Paris, toda manhã ia ao pátio do castelo das Tuileries assistir às revistas passadas por Napoleão; mas jamais conseguiu se aproximar do imperador. Nosso herói acreditava que todos os franceses estavam profundamente comovidos, como ele, diante do extremo perigo que a pátria corria. À mesa do hotel onde se hospedara, não fez nenhum mistério de seus planos e de seu devotamento; encontrou jovens de uma doçura amável, ainda mais entusiastas que ele, e que em poucos dias não deixaram de lhe roubar todo o dinheiro que possuía. Felizmente, por pura modéstia não tinha falado dos diamantes dados por sua mãe. Na manhã em que, depois de uma orgia, viu que realmente fora roubado, comprou dois belos cavalos, pegou como doméstico um ex-soldado palafrenero do vendedor de cavalos e, em seu desprezo pelos jovens parisienses falantes e inteligentes, partiu para o exército. Não sabia nada, senão que o exército estava reunido na direção de Maubeuge. Mal chegou à fronteira, achou ridículo pernoitar numa casa, preocupado em se aquecer diante de uma boa lareira, enquanto os soldados acampavam. Apesar do que lhe disse seu doméstico, a quem não faltava bom senso, correu para se misturar, imprudentemente, aos bivaques da fronteira mais extrema, na estrada para a Bélgica. Assim que chegou ao primeiro batalhão, instalado ao lado da estrada, os soldados começaram a olhar para aquele jovem burguês cuja roupa não tinha nada que lembrasse um uniforme. Caía a noite, soprava um vento frio. Fabrice se aproximou de uma fogueira e pediu hospitalidade, em troca de pagamento. Os soldados olharam para ele, espantados sobretudo com a ideia de pagar, e lhe concederam bondosamente um lugar perto da fogueira; seu criado lhe arrumou um abrigo. Mas uma hora depois o quartel-mestre do regimento passou ao alcance do bivaque e os soldados foram lhe contar a chegada daquele estrangeiro que falava mal francês. O quartel-mestre interrogou Fabrice, que lhe falou de seu entusiasmo pelo imperador, com um sotaque muito suspeito; e, nisso, o suboficial lhe pediu que o seguisse até o coronel, instalado numa granja vizinha. O criado de Fabrice se aproximou com os dois cavalos. A visão deles pareceu impressionar tão profundamente o suboficial que logo ele mudou de ideia e começou a interrogar também o doméstico. Este, ex-soldado, adivinhando primeiro o plano de campanha de seu interlocutor, falou das proteções com que seu patrão contava, acrescentando que, evidentemente, não iriam lhe *surrupiar* seus belos cavalos. Logo um soldado chamado pelo quartel-mestre agarrou sua gola; outro soldado se encarregou dos cavalos, e com um ar severo o quartel-mestre ordenou a Fabrice que o seguisse sem retrucar.

Depois de fazê-lo andar uma boa légua, a pé, na escuridão agora mais profunda em comparação com a fogueira dos bivaques que por todo lado iluminavam o horizonte, o suboficial entregou Fabrice a um oficial de gendarmeria que, com ar grave, lhe pediu seus documentos. Fabrice mostrou o passaporte que o qualificava como comerciante de barômetros *levando sua mercadoria*.

— São uns idiotas — exclamou o oficial —, e essa também é forte demais!

Fez perguntas ao nosso herói, que falou do imperador e da liberdade nos termos do mais vivo entusiasmo; e nisso o oficial de gendarmeria foi tomado por um acesso de riso.

— Por Deus! Você não é dos mais jeitosos! — exclamou. — Eles estão exagerando na dose ao ousarem nos despachar uns fedelhos de sua laia!

E, por mais que dissesse Fabrice, o qual se matava para explicar que, na verdade, não era vendedor de barômetros, o oficial o mandou para a prisão de B\*\*\*, pequena aldeia da vizinhança aonde nosso herói chegou às três horas da manhã, indignado de raiva e morto de cansaço.

Fabrice, primeiro espantado, depois furioso, não compreendendo absolutamente nada do que lhe acontecia, passou trinta e três dias intermináveis naquela miserável prisão; escreveu carta após carta ao comandante da praça, e era a mulher do carcereiro, bela flamenga de trinta e seis anos, que se encarregava de entregá-las. Mas, como ela não tinha a menor vontade de mandar fuzilarem um menino tão bonito, e que aliás pagava bem, não deixava de jogar no fogo todas aquelas cartas. À noite, muito tarde, dignava-se a ir escutar as queixas do prisioneiro; dissera ao marido que o pirralho tinha dinheiro, e então o prudente carcereiro lhe dera carta branca. Usou essa permissão e recebeu alguns napoleões de ouro, pois o sargento só tinha roubado os cavalos, e o oficial de gendarmeria não tinha confiscado nada. Numa tarde do mês de junho, Fabrice ouviu um forte canhoneio bem afastado. Então lutavam, enfim! Seu coração pulava de impaciência. Também ouviu muito barulho na cidade; de fato, um grande movimento se operava, três divisões atravessavam B\*\*\*. Quando, por volta das onze da noite, a mulher do carcereiro foi partilhar suas penas, Fabrice se mostrou ainda mais amável que de costume; depois, pegando suas mãos, disse:

— Faça-me sair daqui, jurarei pela honra que volto para a prisão assim que eles tiverem parado de lutar.

— Conversa-fiada, tudo isso! Você tem *a gaita*?

Ele pareceu inquieto, não compreendeu o significado de *gaita*. A carcereira, vendo essa expressão, julgou que as águas andavam baixas e, em vez de falar em napoleões de ouro, como decidira, daí em diante só falou em francos.

— Escute — ela disse —, se puder dar uns cem francos, porei um duplo napoleão em cada um dos olhos do cabo que vai vir montar guarda durante a noite. Ele não poderá vê-lo sair da prisão e, se o regimento dele tiver de ir embora durante o dia, ele aceitará.

Logo fecharam o negócio. A carcereira aceitou até mesmo esconder Fabrice em seu quarto, de onde poderia mais facilmente fugir na manhã seguinte.

No dia seguinte, antes da aurora, essa mulher muito carinhosa disse a Fabrice:

— Meu querido menino, você ainda é muito novo para exercer essa feia profissão; ouça-me: não volte mais aqui.

— Mas como?! — retrucou Fabrice. — Então é crime querer defender a pátria?

— Chega! Lembre-se sempre de que salvei sua vida; seu caso era óbvio, você teria sido fuzilado, mas não diga isso a ninguém porque nos faria perder nosso lugar, a meu marido e a mim; sobretudo, nunca repita sua história esquisita de um gentil-homem de Milão disfarçado de vendedor de barômetros, é muita idiotice. Escute-me bem, vou lhe dar as roupas de um hussardo morto anteontem na prisão: abra a boca o menos possível, mas, afinal, se um quartel-mestre ou um oficial o interrogar de modo a forçá-lo a responder, diga que adoeceu e ficou na casa de um camponês que o recolheu por caridade, pois você estava tremendo de febre numa valeta da estrada. Se não ficarem satisfeitos com essa resposta, acrescente que vai se juntar ao seu regimento. Talvez o prendam por causa do seu sotaque: então diga que nasceu no Piemonte, que é um recruta que ficou na França no ano passado etc.

Pela primeira vez, depois de trinta e três dias de furor, Fabrice compreendeu o significado oculto do que lhe acontecia. Tomavam-no por um espião. Argumentou com a carcereira, que naquela manhã estava muito meiga, e finalmente, enquanto, armada de uma agulha, ela apertava as roupas do hussardo, ele contou sua história, muito claramente, a essa mulher espantada. Ela acreditou, por um instante; ele tinha o ar tão ingênuo, e estava tão bonito vestido de hussardo!

— Já que tem tanta boa vontade para lutar — ela lhe disse, afinal meio convencida —, deveria então, ao chegar a Paris, se alistar num regimento. Pagando um trago a um quartel-mestre, seu caso estará resolvido!

A carcereira acrescentou diversos bons conselhos para o futuro, e por fim, quando o dia despontava, pôs Fabrice para fora de casa, depois de fazê-lo jurar cem e mais cem vezes que nunca pronunciaria seu nome, o que quer que acontecesse. Assim que Fabrice saiu da cidadezinha, caminhando galhardamente com o sabre de hussardo debaixo do braço, veio-lhe um escrúpulo. “Eis-me”, pensou, “com a roupa e a caderneta militar de um hussardo morto na prisão, para onde fora levado, diziam, pelo roubo de uma vaca e de alguns talheres de prata! Por assim dizer, herdei a existência dele... e isso, sem querer nem prever de nenhuma maneira! Cuidado com a prisão!... O presságio é claro, terei de sofrer muito com a prisão!”

Não havia uma hora que Fabrice deixara sua benfeitora quando a chuva começou a cair com tamanha força que o novo hussardo mal podia andar, atrapalhado por suas botas grosseiras que não eram feitas para ele. Encontrou um camponês montado num pangaré, e comprou esse cavalo, explicando-se por sinais; a carcereira lhe recomendara falar o menos possível, por causa de seu sotaque. Nesse dia, o exército, que acabava de ganhar a batalha de Ligny, estava em plena marcha para Bruxelas; era véspera da batalha de Waterloo. Por volta do meio-dia, a chuva torrencial continuava e Fabrice ouviu o troar do canhão; essa felicidade o fez esquecer por completo os horríveis momentos de desespero que aquela prisão tão injusta acabava de lhe provocar. Andou até noite muito avançada, e como começava a ter algum bom senso foi tentar alojamento numa casa de camponês muito distante da estrada. Esse camponês chorava e alegava que lhe tinham levado tudo; Fabrice lhe deu um escudo e ele encontrou aveia. “Meu cavalo não é bonito”, pensou Fabrice, “mas isso tanto faz, pois poderá muito bem ser do agrado de algum sargento-ajudante”, e

foi dormir no estábulo, ao lado dele. Uma hora antes de o dia raiar, Fabrice estava na estrada e, com muitos afagos, conseguiu fazer seu cavalo pegar um trote. Por volta das cinco horas, ouviu o canhoneio: eram as preliminares de Waterloo.

a “Quando Vesper vem nos obscurecer os olhos/ Todo apaixonado pelo futuro, contemplo os céus/ Em quem Deus nos escreve, em notas não obscuras/ A sorte e os destinos de todas as criaturas./ Pois ele, do fundo dos céus olhando um humano,/ Às vezes movido de piedade lhe mostra o caminho;/ Pelos astros do céu que são seus caracteres,/ Coisas nos prediz, tanto boas como contrárias;/ Mas os homens, carregados de terra e de mortes,/ Desprezam tal escrito e não o leem.”

b Isto é, o 13<sup>o</sup> ano do século veria a profecia se cumprir.

c Em novembro de 1812, Napoleão, que já ocupara Moscou, teve de recuar diante dos russos, numa retirada que causou a morte de mais de 30 mil franceses, na batalha travada às margens do rio Beresina, hoje da Bielorrússia.

d Ferdinando Bubna Littiz (1772-1825) tornou-se governador militar da Lombardia em 1818.

e A República Cisalpina era a parte do norte da Itália sob ocupação francesa.

f Em março de 1815 Napoleão sai da ilha de Elba, onde estava desde que abdicara um ano antes, desembarca em Golfe-Juan, na Costa Azul, e volta triunfalmente para Paris. Têm início os Cem Dias, que terminam com a derrota na batalha de Waterloo.

2 É um personagem apaixonado que fala, ele traduz em prosa alguns versos do célebre Monti [1754-1828].

Fabrice logo encontrou as vivandeiras, e a gratidão extrema que tinha pela carcereira de B\*\*\* o levou a lhes dirigir a palavra: perguntou a uma delas onde estava o Quarto Regimento dos Hussardos, ao qual pertencia.

— Seria muito melhor que você não se apressasse tanto, meu soldadinho — disse a moça da cantina, impressionada com a palidez e os belos olhos de Fabrice. — Você ainda não tem o pulso firme o suficiente para os golpes de sabre que vão ser dados hoje. Ainda se tivesse um fuzil, não digo nada, pois poderia disparar sua bala como qualquer outro.

Esse conselho desagradou a Fabrice; porém, por mais que tivesse incitado seu cavalo, não podia ir mais depressa que a carroça da cantineira. De vez em quando o troar do canhão parecia se aproximar e os impedia de se ouvirem: Fabrice retomara a conversa, de tal forma estava alucinado por conta do entusiasmo e da felicidade. Cada palavra da moça da cantina redobrava sua alegria, levando-o a compreendê-la. Com exceção de seu verdadeiro nome e de sua fuga da prisão, acabou por dizer tudo a essa mulher que parecia tão boa. Ela estava muito espantada e não entendia rigorosamente nada do que lhe contava aquele belo e jovem soldado.

— Vejo o que está por trás disso — ela exclamou enfim, com ar triunfal —; você é um moço burguês apaixonado pela mulher de algum capitão do quarto regimento dos hussardos. Sua namorada lhe terá dado de presente o uniforme que está usando e você está correndo atrás dela. Deus, que está lá no alto, não me deixa mentir: você nunca foi soldado; mas, como menino valente que é, já que seu regimento está no fogo, quer aparecer por lá, para não passar por capão.

Fabrice concordou com tudo: era o único jeito de receber bons conselhos. “Ignoro tudo sobre os modos de agir desses franceses”, pensou, “se não for guiado por alguém, vou novamente ser jogado na prisão e vão roubar meu cavalo.”

— Primeiro, meu menino — disse-lhe a moça da cantina, que ia ficando cada vez mais sua amiga —, reconheça que não tem vinte e um anos: no máximo dos máximos, tem dezessete.

Era verdade, e Fabrice confessou de bom grado.

— Portanto, não é nem sequer um recruta; é unicamente por causa dos lindos olhos da madame que você vai deixar que lhe quebrem os ossos. Diachos! Ela não se faz de rogada! Se você ainda tiver algumas dessas *amarelinhas* que ela lhe entregou, precisa, *primeiro*, comprar outro cavalo; veja como seu pangaré levanta as orelhas quando o barulho do canhão ronca mais pertinho; esse aí é um cavalo de camponês e o deixará ser morto assim que você estiver na linha de frente. Aquela fumaça branca que está vendo lá no alto da cerca são os tiros do pelotão, meu pequeno! Portanto, prepare-se para ter um medo dos

diabos quando ouvir as balas assobiarem. E também faria muito bem se comesse alguma coisa enquanto tem tempo.

Fabrice seguiu esse conselho e, apresentando um napoleão à vivandeira, pediu-lhe que se considerasse paga.

— Dá pena ver uma coisa dessas! — a mulher exclamou. — O pobre garoto não sabe nem gastar seu dinheiro! Você bem que merecia que eu, depois de ter embolsado seu napoleão, pusesse Cocotte para sair no trote rápido; nem que o diabo quisesse seu pangaré conseguiria me pegar! O que faria, bobinho, ao me ver dando no pé? Aprenda que, quando o brutamontes ronca, a gente nunca mostra o ouro. Tome — ela lhe disse —, aqui estão dezoito francos e cinquenta centavos, e seu almoço lhe custa trinta vinténs. Agora vamos ter, muito em breve, cavalos para revender. Se o bicho for pequeno, você dará dez francos por ele, e em nenhum caso, nunca mais que vinte francos, ainda que fosse o cavalo dos Quatro Filhos de Aymon.<sup>a</sup>

Terminado o almoço, a vivandeira, que continuava a perorar, foi interrompida por uma mulher que avançava pelos campos e passou pela estrada.

— Olá, ei! — gritou-lhe essa mulher. — Ei, Margot! Seu Sexto Ligeiro está à direita.

— Tenho de deixá-lo, meu menino — disse a vivandeira ao nosso herói —, mas você me dá pena, de verdade; gosto de você, santo Cristo! Não sabe nada vezes nada, vai ser pego como um bobo, como dois e dois são quatro! Venha comigo até o Sexto Ligeiro.

— Compreendo muito bem que não sei nada — disse-lhe Fabrice —, mas quero lutar e estou decidido a ir para lá, na direção daquela fumaça branca.

— Olhe como seu cavalo está mexendo as orelhas! Assim que ele chegar lá, por menos vigor que tiver vai forçar sua mão, vai disparar no galope, e só Deus sabe para onde o levará. Pode acreditar em mim! Assim que estiver com os soldadinhos, apanhe um fuzil e uma cartucheira, ponha-se ao lado dos soldados e faça que nem eles, exatamente. Mas, meu Deus, aposto que não sabe nem mesmo rasgar um cartucho.

Fabrice, muito irritado, confessou à sua nova amiga que ela adivinhara tudo.

— Coitadinho! Vai ser morto já, já. Deus não me deixa mentir! Não vai demorar. Você tem de vir comigo, de qualquer maneira — recomeçou a cantineira com ar de autoridade.

— Mas eu quero lutar.

— Você também vai lutar, ora essa, o Sexto Ligeiro é famoso, e hoje tem para todo mundo.

— Mas logo chegaremos a esse seu regimento?

— No máximo em quinze minutos.

“Recomendado por essa boa mulher”, pensou Fabrice, “minha ignorância a respeito de tudo não me deixará ser pego como um espião, e poderei lutar.” Nesse instante, o ronco do canhão redobrou, um tiro não esperava o outro.

— É igual a um rosário — disse Fabrice.

— A gente começa a distinguir o fogo da infantaria — disse a vivandeira, dando uma chicotada em seu cavalinho, que parecia todo animado com os disparos.

A cantineira virou à direita e pegou um caminho transversal, no meio dos prados; havia lama na altura de um pé; a carrocinha esteve prestes a ficar ali mesmo: Fabrice empurrou a roda. Seu cavalo caiu duas vezes; logo o caminho, menos encharcado, não foi mais que

uma trilha no meio da relva. Fabrice não tinha dado quinhentos passos quando seu pangaré parou de chofre: era um cadáver atravessado na trilha, e que inspirava horror ao cavalo e ao cavaleiro.

O rosto de Fabrice, naturalmente muito pálido, passou a um tom verde bastante pronunciado: a cantineira, depois de olhar o morto, disse como se falando consigo mesma: — Isso não é da nossa divisão.

Depois, levantando os olhos para nosso herói, caiu na risada.

— Ha, ha, meu anjinho! — exclamou. — Vai ser uma beleza!

Fabrice ficou gelado. O que mais o impressionava era a sujeira dos pés daquele cadáver que já estava despojado dos sapatos e em quem só tinham deixado uma calça vagabunda toda suja de sangue.

— Aproxime-se — disse-lhe a cantineira —; apeie, precisa se acostumar; veja — exclamou —, ele foi pego na cabeça.

Uma bala, que entrara ao lado do nariz, tinha saído pela têmpora oposta e desfigurava medonhamente esse cadáver; estava com um olho aberto.

— Mas desça do cavalo, menino — disse a cantineira —, e dê-lhe um aperto de mão para ver se ele responde.

Sem hesitar, embora prestes a pôr os bofes pela boca de tanto nojo, Fabrice se jogou no chão e pegou a mão do cadáver, sacudindo-a com firmeza; depois ficou como que aniquilado; sentia que não tinha forças para montar de novo no cavalo. O que o horrorizava, sobretudo, era aquele olho aberto.

“A vivandeira vai achar que sou um covarde”, pensou com amargura; mas sentiu a impossibilidade de fazer um gesto: teria caído. Esse momento foi pavoroso; de repente, Fabrice estava prestes a desmaiar. A vivandeira percebeu, pulou prontamente de sua carrocinha e lhe entregou, sem dizer uma palavra, um copo de aguardente, que ele tomou de um só gole; conseguiu montar de novo em seu rocim e continuou pela estrada sem dizer uma palavra. A vivandeira o olhava de vez em quando, de rabo de olho.

— Você vai lutar amanhã, meu menino — disse-lhe afinal —, hoje ficará comigo. Está vendo muito bem que precisa aprender o ofício de soldado.

— Ao contrário, quero ir lutar imediatamente — exclamou nosso herói com ar sombrio, que pareceu de bom augúrio para a vivandeira.

O troar do canhão redobrava e parecia se aproximar. Os tiros começaram a formar como um baixo contínuo; nenhum intervalo separava um estrondo e o seguinte, e nesse baixo contínuo, que lembrava o ronco de uma torrente longínqua, distinguia-se à perfeição o fogo da infantaria.

Naquele ponto, a estrada afundava no meio de um pequeno bosque; a vivandeira viu três ou quatro soldados dos nossos que iam até ela correndo em disparada; saltou prontamente da carroça para o chão e correu para se esconder a quinze ou vinte passos da estrada. Encolheu-se dentro de um buraco que se formara no lugar de onde acabavam de arrancar uma grande árvore. “Pois é”, pensou Fabrice, “vou testar se sou um covarde!” Parou ao lado da carrocinha abandonada pela cantineira e desembainhou o sabre. Os soldados não prestaram atenção nele e passaram, correndo, ao longo do bosque, à esquerda da estrada.

— São dos nossos — disse tranquila a vivandeira, voltando completamente sem fôlego

para sua carrocinha... — Se seu cavalo fosse capaz de galopar, eu lhe diria: vá correndo sempre em frente até o fim do bosque, e veja se há alguém na planície.

Fabrice não esperou que lhe dissesse duas vezes, arrancou um galho de álamo, desfolhou-o e começou a bater em seu cavalo com toda a força; o pangaré saiu a galope por uns instantes e depois voltou a seu trotezinho costumeiro. A vivandeira pôs o seu para galopar: — Mas pare, pare! — gritou a Fabrice.

Logo os dois foram dar fora do bosque; ao chegarem à beira da planície, ouviram uma barulheira assustadora, o canhão e a mosquetaria trovejavam de todos os lados, à direita, à esquerda, atrás. E, como o pequeno bosque de onde eles saíram ocupava um morrinho oito ou dez pés acima da planície, avistaram muito bem um canto da batalha; mas não havia ninguém no prado, mais para lá do bosque. Aquele campo era rodeado, a mil passos de distância, por uma longa fileira de salgueiros muito densos; acima dos salgueiros aparecia uma fumaça branca que às vezes se elevava no céu, rodopiando.

— Se pelo menos eu soubesse onde está o regimento! — exclamou a cantineira, atrapalhada. — Não devemos atravessar este campo extenso em linha reta. A propósito — disse a Fabrice —, se vir um soldado inimigo, enfie-lhe a ponta do sabre, não vá se divertir em trespassá-lo.

Nesse momento, a cantineira avistou os quatro soldados de quem acabamos de falar, vinham do bosque e iam dar na planície à esquerda da estrada. Um deles estava a cavalo.

— Aí está sua chance! — ela disse a Fabrice. — Ei! Oi! — gritou para aquele que estava a cavalo —, mas venha aqui tomar um copo de aguardente.

Os soldados se aproximaram.

— Onde está o Sexto Ligeiro? — ela gritou.

— Está lá, a cinco minutos daqui, na frente daquele canal que margeia os salgueiros; e parece que o coronel Macon acaba de ser morto.

— Você aí, quer cinco francos por seu cavalo?

— Cinco francos! Você adora uma pilhéria, hein, mãezinha, um cavalo de oficial que eu vou vender por cinco napoleões daqui a quinze minutos!

— Passe para cá um de seus napoleões — disse a vivandeira a Fabrice.

Depois, aproximando-se do soldado a cavalo, disse-lhe:

— Desça depressa, e tome aqui seu napoleão.

O soldado apeou, Fabrice pulou alegremente para a sela, a vivandeira soltou o pequeno porta-mantas que estava sobre o pangaré.

— Mas me ajudem, vocês aí! — ela disse aos soldados. — É assim que deixam uma mulher trabalhar?

Porém, mal o cavalo de parada sentiu o porta-mantas, começou a empinar e Fabrice, que montava muito bem, precisou de toda a sua força para contê-lo.

— Bom sinal! — disse a vivandeira. — Esse cavalheiro não está acostumado com as cócegas provocadas pelo porta-mantas.

— Um cavalo de general — exclamou o soldado que o vendera —, um cavalo que vale dez napoleões, nem um vintém a menos!

— Aqui estão vinte francos — disse-lhe Fabrice, que não cabia em si de contente ao sentir entre as pernas um cavalo que se movimentava.

Nesse momento, uma bala de canhão foi parar no renque dos salgueiros, pegando-o de raspão, e Fabrice viu o curioso espetáculo de todos aqueles galinhos voando de um lado para outro como que destruídos por um golpe de foice.

— Xi, o brutamontes está avançando — disse-lhe o soldado, pegando seus vinte francos. Deviam ser duas horas.

Fabrice ainda estava no encantamento daquele espetáculo curioso quando uma tropa de generais, seguidos por uns vinte hussardos, atravessou a galope um dos cantos do vasto descampado à beira do qual ele estava parado: seu cavalo relinchou, empinou duas ou três vezes seguidas, depois deu violentas cabeçadas contra a brida que o segurava. “Pois então, que seja!”, pensou Fabrice.

O cavalo, entregue a si mesmo, partiu em disparada e foi se juntar à escolta que seguia os generais. Fabrice contou quatro chapéus bordados. Quinze minutos depois, por algumas palavras que disse um hussardo, seu vizinho, Fabrice compreendeu que um daqueles generais era o célebre marechal Ney. Sua felicidade chegou ao auge; todavia, não conseguiu adivinhar qual dos quatro generais era o marechal Ney; teria dado tudo no mundo para sabê-lo, mas se lembrou de que não devia falar. A escolta parou a fim de passar por uma valeta larga cheia de água de chuva desde a véspera, e margeada por árvores grandes, terminando à esquerda o descampado, em cuja entrada Fabrice comprara o cavalo. Quase todos os hussardos tinham pulado para o chão; o barranco da valeta era vertical e muito escorregadio, e a água ficava bem três ou quatro pés abaixo do nível do descampado. Fabrice, distraído por sua alegria, pensava mais no marechal Ney e na glória que no seu cavalo, o qual, muito animado, pulou no canal; isso fez a água jorrar numa altura considerável. Um dos generais ficou encharcado por causa do lençol de água e exclamou, xingando:

— Aos diabos o p... desse animal!

Fabrice se sentiu profundamente ferido com a injúria. “Devo ir lhe pedir satisfações?”, pensou. Enquanto isso, para provar que não era tão desastrado, resolveu que seu cavalo subiria a margem oposta do fosso; mas era uma pirambeira que media cinco a seis pés. Teve de desistir; então, foi subindo a corrente, estando seu cavalo com água até o pescoço, e finalmente encontrou uma espécie de bebedouro; por aquela ladeira suave chegou facilmente ao campo, do outro lado do canal. Foi o primeiro homem da escolta que apareceu ali e começou a trotar, todo orgulhoso, ao longo da margem. No fundo do canal os hussardos se agitavam, um tanto atrapalhados com a situação em que estavam; pois em muitos locais a água chegava a cinco pés de profundidade. Dois ou três cavalos se amedrontaram e quiseram nadar, o que produziu um lamaçal horroroso. Um quartel-mestre percebeu a manobra que acabava de fazer aquele fedelho, cujo jeito era tão pouco militar.

— Subam de novo! Tem um bebedouro à esquerda! — exclamou, e aos poucos todos passaram.

Ao chegar à outra margem, Fabrice encontrou os generais sozinhos; o barulho do canhão pareceu-lhe redobrar; mal e mal ouviu o general que ele molhara até os ossos, e que gritava ao seu ouvido:

— Onde pegou este cavalo?

Fabrice estava tão perturbado que respondeu em italiano:

— *L'ho comprato poco fa.* (Comprei-o há pouco.)

— O que está dizendo? — gritou o general.

Mas nesse momento a barulheira ficou tão ensurdecedora que Fabrice não conseguiu responder. Confessaremos que naquele instante nosso herói era muito pouco heroico. No entanto, nele o medo era uma preocupação secundária; estava sobremodo chocado com aquele barulho que lhe doía nos ouvidos. A escolta saiu a galope; atravessaram um grande terreno lavrado, que ficava além do canal, e esse campo estava juncado de cadáveres.

— Os casacos vermelhos! Os casacos vermelhos! — gritavam de alegria os hussardos da escolta.

E de início Fabrice não entendeu; mas depois reparou que, de fato, quase todos os cadáveres estavam vestidos de vermelho.<sup>b</sup> Um pormenor lhe deu um arrepio de horror: notou que muitos daqueles infelizes casacos vermelhos ainda estavam vivos, gritavam, evidentemente, para pedir socorro, o que ninguém parava para lhes dar. Nosso herói, muito humano, fazia todos os esforços do mundo para que seu cavalo não pisasse em nenhuma roupa vermelha. A escolta parou; Fabrice, que não prestava atenção em seu dever de soldado, continuava a galopar, olhando para algum pobre coitado ferido.

— Quer fazer o favor de parar, seu fedelho! — gritou-lhe o quartel-mestre.

Fabrice percebeu que estava na frente dos generais, vinte passos à direita, e justamente do lado para o qual eles olhavam com suas lunetas. Voltando para se alinhar na retaguarda com os outros hussardos que tinham ficado alguns passos para trás, viu o mais gordo dos generais falando com seu vizinho, general também, com ar de autoridade e quase de reprimenda; xingava. Fabrice não conseguiu conter a curiosidade; e, apesar do conselho para não abrir a boca, dado a ele por sua amiga, a carcereira, arranjou uma frasezinha bem francesa, bem correta, e disse a quem estava ao seu lado:

— Quem é esse general que *passa pito* no vizinho?

— Santo Deus, é o marechal!

— Qual marechal?

— O marechal Ney, estúpido! Ah, essa não! Onde você serviu até agora?

Fabrice, embora muito suscetível, não pensou em se zangar com o insulto; contemplava, perdido numa admiração infantil, aquele famoso príncipe do Moskova, o mais valente dos valentes.<sup>c</sup>

De repente, partiram a todo galope. Instantes depois, Fabrice viu, vinte passos à frente, uma terra arada que se revolia de um jeito singular. O fundo dos sulcos estava cheio de água, e a terra muito úmida que formava a crista desses sulcos voava em pequenos fragmentos pretos lançados a três ou quatro pés de altura. Fabrice observou, ao passar, esse efeito singular; depois seu pensamento voltou a se fixar na glória do marechal. Ouviu um grito seco perto de si: eram dois hussardos que caíam, atingidos por balas de canhão; e, quando olhou para eles, já estavam a vinte passos da escolta. O que lhe pareceu horrível foi um cavalo todo ensanguentado que estrebuchava na terra revolvida, enfiando as patas dentro das próprias tripas; queria seguir os outros: o sangue corria na lama.

“Ah! Até que enfim, eis-me no fogo!”, pensou. “Vi o fogo!”, repetia a si mesmo, com satisfação. “Agora sou um verdadeiro militar.” Nesse instante, a escolta ia em disparada, e

nosso herói compreendeu que eram balas de canhão que faziam voar terra por todo lado. Por mais que olhasse para o lado de onde vinham as balas, via apenas a fumaça branca da bateria a uma distância enorme, e no meio do ronco igual e contínuo produzido pelos canhoneiros parecia-lhe ouvir as descargas muito mais próximas; não entendia rigorosamente nada.

Nessa altura, os generais e a escolta desceram por um caminhozinho cheio de água, uns cinco pés mais abaixo.

O marechal parou e olhou de novo com sua luneta. Dessa vez, Fabrice pôde vê-lo à vontade; achou-o muito louro, com um rosto grande e vermelho. “Não temos rostos assim na Itália”, pensou. “Eu, que sou tão pálido e tenho os cabelos castanhos, nunca serei assim”, acrescentou com tristeza. Para ele essas palavras queriam dizer: “Nunca serei um herói”. Olhou para os hussardos; com exceção de um único, todos tinham bigodes louros. Se Fabrice olhava para os hussardos da escolta, todos olhavam para ele também. Esses olhares o fizeram corar, e a fim de acabar com seu constrangimento virou a cabeça para o inimigo. Eram fileiras muito extensas de homens vermelhos, mas o que muito o espantou é que aqueles homens lhe pareciam pequeninhos. Suas longas fileiras, que eram regimentos ou divisões, não lhe pareciam mais altas que cercas. Uma linha de cavaleiros vermelhos trotava para se aproximar do caminho que ficava mais embaixo, por onde o marechal e sua escolta tinham começado a seguir aos passinhos, chafurdando na lama. A fumaça impedia distinguir qualquer coisa no lado para onde avançavam; de vez em quando se viam homens a galope que se destacavam contra essa fumaça branca.

De repente, do lado do inimigo, Fabrice viu quatro homens que chegavam a toda a brida. “Ah! Estamos sendo atacados”, pensou. Depois, viu dois desses homens falarem com o marechal. Um dos generais do séquito deste último saiu a galope para as bandas do inimigo, seguido por dois hussardos da escolta e pelos quatro homens que acabavam de chegar. Depois de um pequeno canal que todos cruzaram, Fabrice se viu ao lado de um quartel-mestre com jeito de bom moço. “Preciso falar com esse aí”, pensou, “talvez eles parem de olhar para mim.” Meditou muito tempo.

— Cavalheiro, é a primeira vez que assisto a uma batalha — disse afinal ao quartel-mestre —; mas isso é uma batalha de verdade?

— Um pouco. Mas quem é você?

— Sou irmão da mulher de um capitão.

— E como é o nome desse capitão?

Nosso herói ficou tremendamente atrapalhado; não previra essa pergunta. Por sorte, o marechal e a escolta partiam de novo a galope. “Que nome francês eu lhe direi?”, pensou. Finalmente, lembrou-se do nome do dono do hotel em que se hospedara em Paris; aproximou seu cavalo do cavalo do quartel-mestre e lhe gritou a plenos pulmões:

— Capitão Meunier!

O outro, ouvindo mal por causa do ronco do canhão, respondeu:

— Ah! O capitão Teulier? Pois é! Ele foi morto.

“Bravo!”, pensou Fabrice. “O capitão Teulier; tenho de bancar o aflito.”

— Ai, meu Deus! — ele gritou, e fez uma cara de dar pena.

Tinham saído do caminho mais abaixo, atravessavam um pequeno prado, iam em

disparada, as balas de canhão voltavam a atacar, e o marechal se dirigiu para uma divisão de cavalaria. A escolta se encontrou no meio de cadáveres e feridos; mas esse espetáculo já não impressionava tanto nosso herói; ele tinha mais no que pensar.

Enquanto a escolta estava parada, avistou a carrocinha de uma vivandeira e, como sua ternura por essa corporação respeitável a tudo se impunha, saiu a galope para ir encontrá-la.

— Mas fique aqui, seu s...! — gritou o quartel-mestre.

“O que ele pode fazer comigo aqui?”, pensou Fabrice, e continuou a galopar até a cantineira.

Ao esporear o cavalo, tivera alguma esperança de que fosse sua boa cantineira da manhã; os cavalos e as carrocinhas se pareciam muito, mas a proprietária era outra, e nosso herói achou que ela tinha um jeito um tanto mal-encarado. Quando foi abordá-la, Fabrice ouviu-a dizer:

— E era um homem muito bonito!

Um espetáculo medonho esperava o novo soldado; estavam cortando a perna de um couraceiro, belo rapaz de cinco pés e dez polegadas. Fabrice fechou os olhos e bebeu, um atrás do outro, quatro copos de aguardente.

— Que rapidez, seu baixotinho! — exclamou a cantineira.

A aguardente lhe deu uma ideia: “Preciso comprar a benevolência dos meus companheiros, os hussardos da escolta”.

— Dê-me o resto da garrafa — disse à vivandeira.

— Mas você sabe — ela respondeu — que este resto aqui custa dez francos, num dia como hoje?

Quando ele voltava a galope para perto da escolta, ouviu o quartel-mestre exclamar:

— Ah! Está nos trazendo a pinga! Foi por isso que desertou? Passe para cá.

A garrafa circulou; o último que a pegou jogou-a para os ares, depois de ter bebido.

— Obrigado, companheiro! — gritou para Fabrice.

Todos os olhos o observaram com benevolência. Esses olhares tiraram um peso de cem libras de cima do coração de Fabrice: era um desses corações de fabricação muito delicada, que precisam da amizade dos que os cercam. Finalmente, já não era malvisto pelos companheiros, havia uma ligação entre eles! Fabrice respirou fundo e depois, num tom desembaraçado, perguntou ao quartel-mestre:

— E, se o capitão Teulier morreu, onde eu poderia encontrar minha irmã?

Julgava-se um pequeno Maquiavel, por dizer tão bem Teulier no lugar de Meunier.

— É o que saberá esta noite — respondeu-lhe o quartel-mestre.

A escolta tornou a partir e se dirigiu para as divisões de infantaria. Fabrice se sentia completamente embriagado; bebera aguardente demais, balançava um pouco em cima da sela; lembrou-se, muito a propósito, de uma frase que repetia o cocheiro de sua mãe: “Quando a gente enche a cara, tem de olhar entre as orelhas do cavalo e fazer o que o vizinho faz”. O quartel-mestre ficou muito tempo parado perto de vários corpos de cavalaria, aos quais ordenou disparar; mas durante uma hora ou duas nosso herói não teve a menor consciência do que estava acontecendo ao seu redor. Sentia-se muito cansado, e quando seu cavalo galopava ele caía sobre a sela como um pedaço de chumbo.

De repente o quartel-mestre gritou para seus homens:

— Então vocês não estão vendo o imperador, seus s...!

Imediatamente a escolta gritou *Vive l'Empereur!*, aos brados. É de imaginar que nosso herói olhou com todos os seus olhos, mas viu apenas generais galopando, seguidos, eles também, por uma escolta. As longas crineiras caídas que os dragões do séquito usavam em seus capacetes o impediram de distinguir os rostos. “Portanto, não pude ver o imperador num campo de batalha, por causa daqueles malditos copos de aguardente!” Essa reflexão o acordou de vez.

Desceram de novo até um caminho cheio de água, que os cavalos quiseram beber.

— Então foi o imperador que passou por ali? — perguntou ao vizinho.

— Ah! Com toda a certeza, era aquele que não tinha casaco bordado. Como você não o viu? — respondeu o camarada, bondoso.

Fabrice morreu de vontade de galopar atrás da escolta do imperador e a ela se incorporar. Que felicidade fazer realmente a guerra no séquito daquele herói! Era para isso que tinha ido à França. “Estou perfeitamente dono da situação”, pensou, “pois, afinal, não tenho outra razão para fazer o serviço que faço a não ser a vontade do meu cavalo, que se pôs a galopar para seguir esses generais.”

O que determinou Fabrice a ficar foi que os hussardos, seus novos companheiros, pareciam ir com sua cara; começava a se julgar o amigo íntimo de todos os soldados com quem galopava fazia algumas horas. Via entre eles e si mesmo aquela nobre amizade dos heróis de Tasso e de Ariosto. Caso se juntasse à escolta do imperador, teria de travar novas relações; talvez até lhe fizessem cara feia, pois aqueles outros cavaleiros eram dragões e ele usava o uniforme de hussardo, assim como todos os que seguiam o marechal. O modo como agora olhavam para ele deixou nosso herói no auge da felicidade; teria feito qualquer coisa no mundo por seus companheiros; sua alma e seu espírito estavam nas nuvens. Agora que estava com amigos, tudo lhe parecia ter mudado de aspecto, e ele morria de vontade de fazer perguntas. “Mas ainda estou meio bêbado”, pensou, “preciso me lembrar da carcereira.” Ao sair do caminho esburacado observou que a escolta não estava mais com o marechal Ney; o general que eles seguiam era alto, magro, tinha o rosto seco e o olhar terrível.

Esse general não era outro senão o conde d'A\*\*\*, o tenente Robert do dia 15 de maio de 1796. Que felicidade teria sentido ao ver Fabrice del Dongo!

Já fazia muito tempo que Fabrice não via a terra voando em migalhas pretas devido aos efeitos das balas de canhão. Chegaram atrás de um regimento de couraceiros; Fabrice ouviu nitidamente os balins baterem nas couraças e viu diversos homens tombarem.

O sol já estava bem baixo e ia se pôr quando a escolta, saindo de um caminho estreito, subiu uma pequena rampa de três ou quatro pés para entrar num terreno cultivado. Fabrice ouviu um barulhinho singular bem perto dele: virou a cabeça, quatro homens tinham caído, junto com seus cavalos; o próprio general fora derrubado, mas se levantava, todo coberto de sangue. Fabrice olhou para os hussardos jogados no chão: três ainda faziam movimentos convulsos, o quarto gritava:

— Tirem-me daqui de baixo.

O quartel-mestre e dois ou três homens tinham descido do cavalo para socorrer o general

que, se apoiando em seu ajudante de ordens, ensaiava dar uns passos; tentava se afastar de seu cavalo, que se debatia, derrubado no chão, e dava coices furibundos.

O quartel-mestre se aproximou de Fabrice. Nesse instante nosso herói ouviu dizerem atrás de si, e pertinho de seu ouvido:

— É o único que ainda pode galopar.

Sentiu-se agarrado pelos pés; levantaram-no, ao mesmo tempo que sustentavam seu corpo por debaixo dos braços; fizeram-no passar por cima da garupa de seu cavalo, depois o deixaram escorregar até o chão, onde ele caiu sentado.

O ajudante de ordens pegou pela rédea o cavalo de Fabrice; o general, ajudado pelo quartel-mestre, montou e partiu a galope; foi seguido rapidamente pelos seis homens que restavam. Fabrice se levantou, furioso, e começou a correr atrás deles gritando: *Ladri! Ladri!* (Ladrões! Ladrões!). Era engraçado correr atrás de ladrões no meio de um campo de batalha.

A escolta e o general, conde d'A\*\*\*, logo desapareceram atrás de uma fileira de salgueiros. Fabrice, fulo de raiva, também chegou àquela linha de salgueiros; foi parar num canal muito profundo, e o atravessou. Depois, tendo chegado ao outro lado, recomeçou a xingar quando tornou a ver, mas a imensa distância, o general e a escolta que se perdiam entre as árvores. “Ladrões! Ladrões!”, agora ele gritava em francês. Desesperado, bem menos com a perda do cavalo que com a traição, deixou-se cair na beira da valeta, cansado e morto de fome. Se seu belo cavalo lhe tivesse sido tirado pelo inimigo, não pensaria nisso; mas ver-se traído e roubado por aquele quartel-mestre de quem tanto gostava e por aqueles hussardos que ele olhava como se fossem irmãos, era isso que lhe partia o coração. Não conseguia se conformar com tanta infâmia, e com as costas apoiadas num salgueiro começou a chorar copiosamente. Desfazia, um a um, todos os seus belos sonhos de amizade cavalheiresca e sublime, como a dos heróis da *Jerusalém libertada*. Ver chegar a morte não era nada, cercado de almas heroicas e ternas, de nobres amigos que lhe apertam a mão na hora do último suspiro! Mas manter o entusiasmo, cercado de larápios infames!!! Fabrice exagerava, como qualquer homem indignado. Depois de uns quinze minutos de autocompaixão, reparou que as balas de canhão começavam a chegar à fileira de árvores à sombra das quais meditava. Levantou-se e tentou se orientar. Olhava para aqueles campos margeados por um canal largo e pelo renque de salgueiros frondosos: teve a impressão de que se localizava. Avistou um corpo de infantaria que cruzava o fosso e entrava nos prados, a um quarto de légua à sua frente. “Eu estava quase pegando no sono”, pensou. “O negócio é não ser feito prisioneiro.” E começou a andar bem depressa. Ao avançar, tranquilizou-se, pois reconheceu o uniforme e viu que os regimentos pelos quais temia ser retalhado eram franceses. Virou à direita para ir ao encontro deles.

Depois da dor moral de ter sido tão indignamente traído e roubado, havia outra que, a todo instante, se fazia sentir mais profundamente: estava morto de fome. Portanto, foi com extrema alegria que, depois de ter andado, ou melhor, corrido por dez minutos, percebeu que o corpo de infantaria, que também marchava muito depressa, parara como para tomar posição. Minutos depois, viu-se no meio dos primeiros soldados.

— Camaradas, poderiam me vender um pedaço de pão?

— Ih, esse aí pensa que nós somos padeiros!

Essas palavras duras e a gargalhada geral que se seguiu arrasaram Fabrice. Então a guerra já não era esse entusiasmo nobre e comum de almas amantes da glória que ele imaginara a partir das proclamações de Napoleão! Sentou-se, ou melhor, deixou-se cair na relva; ficou muito pálido. O soldado que falara com ele, e que parara a dez passos para limpar com o lenço a bateria do fuzil, aproximou-se e lhe jogou um pedaço de pão. Depois, vendo que ele não o apanhava, o soldado lhe pôs na boca um naco daquele pão. Fabrice abriu os olhos e comeu o pão sem forças para falar. Quando, afinal, buscou com os olhos o soldado, a fim de pagá-lo, viu-se sozinho, os soldados mais próximos tinham se afastado cem passos e marchavam. Levantou-se mecanicamente e os seguiu. Entrou num bosque; ia desabar de cansaço e já procurava com os olhos um lugar cômodo; mas qual não foi sua alegria ao reconhecer, primeiro o cavalo, depois a carroça, e finalmente a cantineira daquela manhã! Ela acorreu e ficou assustada com seu aspecto.

— Ande até aqui, meu pequeno — ela lhe disse —; então está ferido? E seu belo cavalo?

Enquanto falava assim, conduziu-o até a carroça, aonde o fez subir, segurando-o por baixo dos braços. Nem bem entrou na carroça, nosso herói, morto de cansaço, dormiu profundamente.<sup>3</sup>

a Nome de um romance de cavalaria do século XII, em que o imperador Carlos Magno luta contra os quatro filhos do duque de Aymon, que tem um cavalo mágico, Bayard, capaz de cruzar grandes distâncias e alturas.

b Tratava-se dos soldados ingleses, cuja farda era vermelha.

c Dois dos apelidos do marechal Michel Ney (1769-1815), herói das guerras napoleônicas.

<sup>3</sup> Para V. P. y E. 15 X. 38. [A inscrição de Stendhal significa: “Para vosostras, Paquita y Eugenia, 15 décembre 1838”. Trata-se das duas filhas de sua amiga, a condessa de Montijo. O romancista quer fazer um relato da batalha que seja compreensível para essas crianças de dez anos.]

Nada foi capaz de acordá-lo, nem os tiros de fuzil disparados bem perto da carrocinha nem o trote do cavalo que a cantineira chicoteava com toda a força. O regimento, atacado de improviso por nuvens de cavalaria prussiana, depois de ter acreditado na vitória durante o dia todo, batia em retirada, ou melhor, fugia para as bandas da França.

O coronel, belo rapaz, muito *arrumadinho*, que acabava de suceder a Macon, foi acutilado; o chefe de batalhão que o substituiu no comando, um velhote de cabelos brancos, mandou o regimento fazer alta. “P...! Nos tempos da república esperávamos, para dar o fora, ser forçados pelo inimigo... Defendam cada polegada de terreno e deixem-se morrer”, ele gritava, xingando; “agora é o solo da pátria que esses prussianos querem invadir!” A carrocinha parou, Fabrice acordou de repente. Fazia tempo que o sol tinha se posto; ele ficou muito espantado ao ver que era quase noite. Os soldados corriam de um lado para outro numa confusão que surpreendeu nosso herói; achou que eles estavam com uma cara envergonhada.

— Mas o que há? — perguntou à cantineira.

— Rigorosamente nada. É que estamos fritos, meu pequeno; é a cavalaria dos prussianos que está nos matando a sabre, só isso. Primeiro, o estúpido do general acreditou que era a nossa. Vamos, coragem, me ajude a consertar o tirante de Cocotte, que arrebentou.

Alguns tiros de canhão partiram a dez passos de distância: nosso herói, fresco e bem-disposto, pensou: “Mas realmente, durante o dia inteiro eu não combati, apenas escoltei um general”.

— Preciso combater — disse à cantineira.

— Sossegue, você vai combater, e mais do que deseja! Estamos perdidos. Aubry, meu rapaz — gritou para um cabo que passava —, de vez em quando dê uma olhada na carrocinha.

— O senhor vai combater? — perguntou Fabrice a Aubry.

— Não, vou pôr meus sapatinhos para ir ao baile!

— Vou acompanhá-lo.

— Recomendo-lhe o pequeno hussardo — gritou a cantineira —, o jovem burguês é corajoso.

O cabo Aubry ia andando sem dizer uma palavra. Oito ou dez soldados se juntaram a ele, correndo, e ele os levou para trás de um grande carvalho cercado de espinheiros. Chegando lá, e ainda sem dizer uma palavra, deixou-os na beira do bosque, formando uma linha muito extensa; cada um estava a pelo menos dez passos do vizinho.

— Ei! Vocês aí — disse o cabo, e era a primeira vez que falava —, não vão abrir fogo antes da ordem, pensem que não têm mais que três cartuchos.

“Mas afinal, o que está acontecendo?”, perguntava-se Fabrice. Por fim, quando se viu sozinho com o cabo, disse-lhe:

— Não tenho fuzil.

— Primeiro, cale essa boca! E avance para lá, cinquenta passos mais adiante do bosque; você encontrará algum dos pobres soldados do regimento que acabam de ser mortos acutilados; pegue a cartucheira e o fuzil de um deles. Mas não vá despojar um ferido; pegue o fuzil e a cartucheira de alguém que esteja mortinho da silva, e se apresse, do contrário recebe os tiros de fuzil da nossa gente.

Fabrice foi correndo e voltou bem depressa com um fuzil e uma cartucheira.

— Carregue o fuzil e ponha-se ali atrás dessa árvore, e, sobretudo, não atire antes da ordem que eu lhe der... Deus do céu! — disse o cabo, interrompendo-se. — Ele não sabe nem sequer carregar sua arma!... (Ajudou Fabrice, enquanto continuava sua falação.) Se um cavaleiro inimigo galopar para cima de você a fim de acutilá-lo, gire ao redor da árvore e só largue o disparo à queima-roupa, quando o cavaleiro estiver a três passos; sua baioneta tem quase que tocar o uniforme dele.

— Mas jogue fora esse seu sabre imenso! — exclamou o cabo —, quer que ele o jogue no chão? Santo Deus! Que soldados nos dão agora!

E, enquanto falava, ele mesmo pegou o sabre e o jogou longe, com raiva.

— Limpe a pedra do fuzil com seu lenço. Mas já deu algum tiro de fuzil?

— Eu sou caçador.

— Deus seja louvado! — continuou o cabo, com um grande suspiro. — Acima de tudo, não atire antes de eu lhe dar a ordem.

E foi embora.

Fabrice estava todo contente. “Até que enfim vou lutar de verdade”, pensava, “matar um inimigo! De manhã eles nos mandavam balas de canhão, e eu não fazia nada a não ser me expor a ser morto; profissão de bobo.” Olhava para todos os lados com extrema curiosidade. Um pouco depois, ouviu partirem, pertinho dele, sete ou oito tiros de fuzil. Mas, não recebendo ordem para atirar, manteve-se tranquilo atrás da árvore. Era quase noite; parecia-lhe estar *à espera*, durante a caçada aos ursos, na montanha da Tramezzina, acima de Griante. Veio-lhe uma ideia de caçador; pegou um cartucho na cartucheira e separou a bala: “Se eu o vir”, pensou, “não posso perdê-lo”, e enfiou essa segunda bala no cano do fuzil. Ouviu dispararem dois tiros bem ao lado da árvore; ao mesmo tempo, viu um cavaleiro vestido de azul passando a galope na frente dele e indo da direita para a esquerda. “Ele não está a três passos”, pensou, “mas a essa distância tenho certeza de que não erro o alvo”; seguiu o cavaleiro com a mira do fuzil e, finalmente, apertou o gatilho; o cavaleiro tombou junto com seu cavalo. Nosso herói se imaginava numa caçada: correu todo alegre para o bicho que acabava de matar. Já estava encostando no homem, que lhe parecia moribundo, quando, com incrível rapidez, dois cavaleiros prussianos foram para cima dele a fim de matá-lo com o sabre. Fabrice deu no pé, em disparada, para o bosque; e para correr melhor jogou longe o fuzil. Os cavaleiros prussianos não estavam mais que a três passos quando ele alcançou outra plantação de pequenos pés de carvalhos da grossura de um braço e bem retinhos, margeando o bosque. Esses pequenos carvalhos detiveram os cavaleiros por um instante, mas eles passaram e recomeçaram a perseguir Fabrice numa

clareira. Mais uma vez estavam prestes a atingi-lo quando ele se esgueirou entre sete ou oito árvores grandes. Nessa altura, quase queimou o rosto com a chama de cinco ou seis tiros de fuzil disparados na frente dele. Baixou a cabeça; quando a ergueu, viu-se cara a cara com o cabo.

— Matou o seu? — perguntou-lhe o cabo Aubry.

— Matei, mas perdi meu fuzil.

— Não são fuzis que nos faltam; você é um bom moleque; apesar do jeito apalermado, ganhou bem seu dia, e estes soldados aqui acabam de deixar passar os dois que o estavam perseguindo e iam direto para cima deles; eu não os estava vendo. Agora, o negócio é fugir, depressa; o regimento deve estar a meio quarto de légua, e além disso há um pedacinho de descampado onde podemos ser apanhados em semicírculo.

Enquanto falava, o cabo andava depressa à frente de seus dez homens. A duzentos passos dali, entrando no pequeno descampado a que se referira, encontraram um general ferido sendo carregado por seu ajudante de ordens e um criado.

— Você vai me dar quatro homens — ele disse ao cabo com voz sumida —, preciso ser transportado até a ambulância; estou com a perna quebrada.

— Vá se f....! — respondeu o cabo —, você e todos os generais. Hoje vocês todos traíram o imperador.

— Como? — disse o general, furioso. — Está ignorando minhas ordens! Sabe que eu sou o general conde B\*\*\*, comandante de sua divisão?

E dá-lhe discurso. O ajudante de ordens se atirou sobre os soldados. O cabo lhe lançou um golpe de baioneta no braço, depois foi embora com seus homens, dobrando o passo.

— Tomara que todos eles fiquem iguais a você — repetiu o cabo, xingando —, de braços e pernas quebrados! Seu bando de mequetrefes! Todos vendidos aos Bourbon, e traindo o imperador!

Fabrice ouviu assombrado essa terrível acusação.

Lá pelas dez da noite, a pequena tropa juntou-se ao regimento, na entrada de uma grande aldeia formada por várias ruas estreitinhas, mas Fabrice observou que o cabo Aubry evitava falar com qualquer oficial.

— Impossível avançar! — exclamou o cabo.

Todas aquelas ruas estavam atravancadas de infantaria, cavaleiros e, sobretudo, de caixotes de artilharia e furgões. O cabo se apresentou à saída daquelas três ruas; depois de dar vinte passos, precisou parar: todo mundo estava irritado e xingava.

— Mais um traidor que está comandando! — exclamou o cabo. — Se o inimigo tiver a inteligência de rodear a aldeia, seremos todos agarrados como cães. Vocês aí, sigam-me.

Fabrice olhou; não havia mais que seis soldados com o cabo. Por uma grande porta aberta entraram num vasto galinheiro; do galinheiro passaram para um curral, cuja portinhola dava para uma horta. Ali se perderam por um instante, zanzando de um lado a outro. Mas afinal, passando por cima de uma cerca, foram parar numa vasta plantação de trigo-sarraceno. Em menos de meia hora, guiados pelos gritos e pelo barulho confuso, voltariam para a estrada real, mais adiante da aldeia. As valas dessa estrada estavam repletas de fuzis abandonados; Fabrice escolheu um, mas a estrada, embora muito larga, estava tão atravancada de fugitivos e carroças que, em meia hora, o cabo e Fabrice mal

conseguiram avançar quinhentos passos; dizia-se que aquela estrada levava a Charleroi. Quando batiam onze horas no relógio da aldeia, o cabo gritou:

— Peguemos de novo pelo campo.

Agora a pequena tropa só era composta de três soldados, do cabo e de Fabrice. Quando estavam a um quarto de légua da estrada real, disse um dos soldados:

— Não aguento mais.

— E eu, idem — disse outro.

— Grande coisa! Estamos todos no mesmo barco — disse o cabo —, mas me obedecem, e não terão do que se queixar.

Ele viu cinco ou seis árvores ao longo de uma valeta no meio de um imenso campo de trigo.

— Para as árvores! — disse a seus homens. — Deitem-se ali — acrescentou quando chegaram — e, acima de tudo, nada de barulho. Mas, antes de dormirem, quem é que tem pão?

— Eu — disse um dos soldados.

— Passe para cá — disse o cabo, com ar magistral. Dividiu o pão em cinco pedaços e pegou o menor. — Quinze minutos antes do nascer do sol vocês terão nas costas a cavalaria inimiga. O negócio é não se deixar matar. Nessas grandes planícies, com a cavalaria nos calcanhares, só um se dá mal, e cinco, ao contrário, podem se salvar: fiquem comigo, bem unidos, só atirem à queima-roupa, e amanhã à noite me comprometo a levá-los a Charleroi.

O cabo os acordou uma hora antes do dia; mandou-os recarregarem as armas, enquanto na estrada real continuava a barulheira, que durara a noite toda: era como o ruído de uma torrente ouvido ao longe.

— São como carneiros que fogem — disse Fabrice ao cabo, com jeito ingênuo.

— Quer calar a boca, seu pirralho? — disse o cabo, indignado.

E os três soldados que compunham todo o seu exército, junto com Fabrice, olharam para ele com ar de cólera, como se tivesse blasfemado. Tinha insultado a nação.

“Era o que faltava!”, pensou nosso herói; “já notei isso com o vice-rei, em Milão; ah, não, eles não estão fugindo, não! Com esses franceses não é permitido dizer a verdade, quando ela choca a vaidade deles. Mas têm de entender que estou pouco ligando que me façam cara feia.” Continuavam a andar a quinhentos passos daquela torrente de fujões que cobriam a estrada real. A uma légua dali, o cabo e sua tropa atravessaram um caminho que ia dar na estrada e no qual muitos soldados estavam deitados. Fabrice comprou um cavalo bastante bom que lhe custou quarenta francos, e entre todos os sabres jogados de um lado e outro escolheu com cuidado um bem grande e reto. “Já que dizem que é preciso acutilar”, pensou, “este aqui é o melhor.” Assim equipado, pôs seu cavalo a galope e logo se juntou ao cabo, que tomara a dianteira. Firmou-se nos estribos, pegou com a mão esquerda a bainha do sabre reto e disse aos quatro franceses:

— Essa gente que foge pela estrada real tem cara de um rebanho de carneiros... Andam iguais a carneiros apavorados...

Por mais que Fabrice acentuasse a palavra *carneiro*, seus companheiros já não se lembravam de ter se aborrecido com essa palavra uma hora antes. Aqui se revela um dos

contrastes entre os temperamentos italiano e francês; o francês é, com toda a certeza, o mais feliz, pois passa por cima dos acontecimentos da vida e não guarda rancor.

Não esconderemos que Fabrice ficou muito satisfeito com sua pessoa depois de ter falado dos *carneiros*. Iam conversando um pouco enquanto andavam. A duas léguas dali, o cabo, sempre muito espantado em não ver a cavalaria inimiga, disse a Fabrice:

— Você é a nossa cavalaria, galope até aquela granja, em cima daquele morrinho, pergunte ao camponês se quer nos *vender* algo para almoçar, diga que somos apenas cinco. Se ele hesitar, dê-lhe cinco francos adiantados, do seu dinheiro, mas fique tranquilo, depois do almoço pegaremos de volta essa moeda de prata.

Fabrice olhou para o cabo, viu nele uma imperturbável gravidade e, de fato, o ar da superioridade moral; obedeceu. Tudo se passou como o comandante em chefe previra, só que Fabrice insistiu para que ele não retomasse à força os cinco francos que dera ao camponês.

— O dinheiro é meu — disse aos companheiros —, não pago por vocês, pago pela aveia que ele deu ao meu cavalo.

Fabrice pronunciava tão mal o francês que seus companheiros imaginaram ver em suas palavras um tom de superioridade. Ficaram tão chocados que, a partir daí, em seu espírito germinou uma rixa para o fim do dia. Acharam-no muito diferente de si mesmos, e isso os chocava; Fabrice, ao contrário, começava a sentir muita amizade por eles.

Fazia duas horas que estavam andando sem dizer uma palavra, quando o cabo, olhando para a estrada real, exclamou com ímpeto de alegria:

— Lá está o regimento!

Logo chegaram à estrada; mas, infelizmente, em volta da águia não havia duzentos homens. Os olhos de Fabrice logo avistaram a vivandeira; ela andava a pé, tinha os olhos vermelhos e chorava de vez em quando. Fabrice procurou em vão a carrocinha e Cocotte.

— Pilhados, perdidos, roubados — exclamou a vivandeira, respondendo às miradas de nosso herói.

Este, sem dar uma palavra, desceu do cavalo, pegou-o pela brida e disse à vivandeira:

— Suba.

Não precisou dizer duas vezes.

— Diminua a altura dos estribos — disse.

Uma vez bem acomodada no cavalo, começou a contar a Fabrice todos os desastres da noite. Depois de um relato infinitamente longo, mas avidamente ouvido por nosso herói, que a bem da verdade não entendia nada vezes nada porém sentia uma terna amizade pela vivandeira, ela acrescentou:

— E dizer que foram os franceses que me saquearam, que me bateram, que me arrebutaram...

— Como? Não foram os inimigos? — perguntou Fabrice com um ar ingênuo que tornava encantador seu belo rosto grave e pálido...

— Como você é bobo, meu pobre menino! — disse a vivandeira, sorrindo em meio às lágrimas —; e, apesar de tudo, é muito bonzinho.

— E tal como o vê, ele derrubou muito bem um prussiano — disse o cabo Aubry, que, no meio do tumulto geral, estava por acaso do outro lado do cavalo montado pela cantineira.

— Mas é orgulhoso — continuou o cabo...

Fabrice fez um gesto.

— E como você se chama? — prosseguiu o cabo. — Afinal, se houver um relatório quero citá-lo.

— Eu me chamo Vasi — respondeu Fabrice, fazendo um trejeito singular —, quer dizer, *Boulot* — acrescentou, se corrigindo depressa.

Boulot era o nome do proprietário da caderneta militar que a carcereira de B\*\*\* lhe entregara; na antevéspera ele a estudara com cuidado, enquanto marchava, pois começava a refletir um pouco e já não ficava tão espantado com as coisas. Além da caderneta militar do hussardo Boulot, conservara preciosamente o passaporte italiano graças ao qual podia pleitear o nobre sobrenome de Vasi, vendedor de barômetros. Quando o cabo lhe repreendera por ser orgulhoso, esteve prestes a responder: “Eu, orgulhoso? Eu, Fabrice Valserra, *marchesino* Del Dongo, que aceita usar o nome de um Vasi, comerciante de barômetros?”.

Enquanto fazia reflexões e pensava: “Não posso esquecer que me chamo Boulot, ou eu que me cuide com a prisão com que o destino me ameaça”, o cabo e a cantineira tinham trocado muitas palavras sobre ele.

— Que o senhor não me acuse de ser curiosa — disse-lhe a cantineira, parando de chamá-lo de você —; é para seu bem que lhe faço perguntas. Quem é o senhor realmente?

A princípio, Fabrice não respondeu; considerava que nunca poderia encontrar amigos mais dedicados para lhes pedir conselho e tinha uma necessidade premente de conselhos. “Vamos entrar numa praça de guerra, o governador quererá saber quem eu sou, e me exponho à prisão se der a entender por minhas respostas que não conheço ninguém no quarto regimento de hussardos, cuja farda estou usando!” Em sua qualidade de súdito da Áustria, Fabrice sabia de toda a importância que se deve atribuir a um passaporte. Os membros de sua família, embora nobres e devotos, embora pertencendo ao partido vencedor, tinham sido humilhados mais de vinte vezes por causa de seus passaportes; portanto, não ficou nada chocado com a pergunta que a cantineira lhe dirigia. Mas como, antes de responder, procurava as palavras francesas mais claras, a cantineira, estimulada por uma viva curiosidade, acrescentou, para levá-lo a falar:

— O cabo Aubry e eu vamos lhe dar bons conselhos de como se comportar.

— Não duvido — respondeu Fabrice. — Eu me chamo Vasi e sou de Gênova; minha irmã, famosa por sua beleza, casou-se com um capitão. Como eu tinha apenas dezessete anos, ela me mandou vir para perto de si a fim de me mostrar a França e me formar um pouco; não a encontrando em Paris, e sabendo que ela estava neste exército, vim para cá, procurei-a por todo lado mas não consegui achá-la. Os soldados, espantados com meu sotaque, me prenderam. Naquele momento eu tinha dinheiro, dei ao gendarme, que me entregou uma caderneta militar, um uniforme e me disse: “Fuja, e jure nunca pronunciar meu nome”.

— Como se chamava? — perguntou a cantineira.

— Dei minha palavra — disse Fabrice.

— Ele tem razão — retrucou o cabo —, o gendarme é um velhaco, mas o companheiro não deve dar o nome dele. E como se chama esse capitão, marido de sua irmã? Se

soubermos o nome dele, poderemos procurá-lo.

— Teulier, capitão do Quarto Hussardos — respondeu nosso herói.

— Quer dizer — disse o cabo, muito fino — que pelo seu sotaque estrangeiro os soldados o tomaram por um espião?

— É essa a palavra infame! — exclamou Fabrice, com os olhos brilhando. — Eu, que amo tanto o imperador e os franceses! E é por causa desse insulto que me sinto mais melindrado.

— Não há insulto, é este seu equívoco; o erro dos soldados era muito natural — continuou, grave, o cabo Aubry.

Então lhe explicou com muita pedanteria que no exército é preciso pertencer a um corpo e vestir um uniforme, sem o que é muito natural que o confundam com um espião. “O inimigo nos solta vários deles: nesta guerra, todo mundo trai.” Fabrice se deu conta do engano; pela primeira vez compreendeu que se equivocara em relação a tudo o que lhe acontecia havia dois meses.

— Mas o menino precisa nos contar tudo — disse a cantineira, cuja curiosidade estava cada vez mais excitada.

Fabrice obedeceu. Quando terminou, a cantineira disse ao cabo, em tom grave:

— Na verdade, esta criança não é militar; vamos fazer uma guerra feia, agora que fomos derrotados e traídos. Por que deixar que ele quebre os ossos *gratis pro Deo*?<sup>a</sup>

— E tanto mais — disse o cabo — que não sabe carregar um fuzil, nem para uma saraivada nem para seu próprio uso, fui eu que carreguei o tiro que derrubou o prussiano.

— Além disso, mostra seu dinheiro a todo mundo — acrescentou a cantineira —; vão lhe roubar tudo assim que não estiver mais conosco.

— O primeiro suboficial de cavalaria que encontrar — disse o cabo — vai confiscá-lo em proveito próprio para pagar a pinga e talvez o recrutem para o inimigo, pois todo mundo trai. E o primeiro que aparecer vai mandar que ele o siga, e ele o seguirá; seria melhor se entrasse em nosso regimento.

— Isso, não, faça-me o favor, cabo! — exclamou vivamente Fabrice. — É mais cômodo andar a cavalo, e aliás não sei carregar um fuzil, e o senhor viu que sei manejar um cavalo.

Fabrice ficou muito orgulhoso desse pequeno discurso. Não levaremos em conta a longa conversa sobre seu destino futuro, travada entre o cabo e a cantineira. Fabrice reparou que, ao conversarem, aquelas pessoas repetiam três ou quatro vezes todas as circunstâncias de sua história: as suspeitas dos soldados, o gendarme lhe vendendo uma caderneta militar e um uniforme, o modo como, na véspera, ele se vira fazendo parte da escolta do marechal, o imperador visto a galope, o cavalo *surrupiado* etc.

Com curiosidade de mulher, a cantineira voltava sem parar ao modo como o haviam despojado do bom cavalo que ela o fizera comprar.

— Você se sentiu agarrado pelos pés, fizeram-no passar devagarinho por cima do rabo do seu cavalo e o sentaram no chão!

“Para que repetir tanto”, pensava Fabrice, “o que nós três conhecemos perfeitamente bem?” Ele ainda não sabia que, na França, é assim que as pessoas do povo vão em busca das ideias.

— Quanto dinheiro você tem? — perguntou-lhe de repente a cantineira.

Fabrice não titubeou em responder; tinha certeza da nobreza de alma dessa mulher: era o lado belo da França.

— Ao todo, podem me sobrar trinta napoleões de ouro e oito ou dez escudos de cinco francos.

— Nesse caso, tem o campo livre! — exclamou a cantineira. — Vá embora do meio deste exército em debandada; atire-se para um lado, pegue a primeira estrada um pouco trilhada que encontrar por lá, à sua direita; mantenha seu cavalo com firmeza, sempre se afastando da tropa. Na primeira ocasião, compre roupas de paisano. Quando estiver a oito ou dez léguas, e não vir mais soldados, pegue a mala-posta e vá descansar uma semana e coma bifês em alguma boa cidade. Nunca diga a ninguém que esteve no exército; os gendarmes o apanhariam como desertor; e, embora seja muito bonzinho, meu pequeno, você ainda não é bastante esperto para responder aos gendarmes. Assim que tiver nas costas roupas de burguês, rasgue sua caderneta em mil pedaços e pegue de novo seu nome verdadeiro; diga que é Vasi. E de onde ele deverá dizer que vem? — ela perguntou ao cabo.

— De Cambrai, no L'Escaut: é uma boa cidade, bem pequena, sabe? E tem uma catedral, e Fénelon.

— É isso — disse a cantineira —; jamais diga que esteve na batalha, não fale uma só palavra de B\*\*\* nem do gendarme que lhe vendeu a caderneta. Quando quiser voltar para Paris, vá primeiro a Versailles, e passe a barreira de Paris por esse lado, perambulando, andando a pé como quem faz um passeio. Costure seus napoleões na calça; e, acima de tudo, quando tiver de pagar alguma coisa, só mostre o dinheiro necessário para pagar. O que me entristece é que vão tapeá-lo, vão roubar tudo o que você tem; e o que fará quando ficar sem dinheiro? Você, que não sabe se comportar?

A boa cantineira ainda falou muito tempo; o cabo apoiava suas opiniões com acenos de cabeça, não conseguindo encontrar uma brecha para tomar a palavra. De repente, aquela multidão que cobria a estrada real primeiro apertou o passo, depois, num piscar de olhos, cruzou a pequena vala que margeava a estrada à esquerda e começou a fugir, pernas, para que te quero!

— Os cossacos! Os cossacos! — gritavam de todos os lados.

— Pegue de novo seu cavalo! — exclamou a cantineira.

— Deus me livre! — disse Fabrice. — Galope! Fuja! Dou meu cavalo a você. Tem com que comprar outra carrocinha? A metade do que eu tenho é seu.

— Pegue de novo seu cavalo, estou lhe dizendo! — exclamou a cantineira, furiosa; e fazia questão de apear.

Fabrice puxou o sabre:

— Agarre-se bem! — ele gritou, e com o sabre deu duas ou três pranchadas no cavalo, que saiu a galope e seguiu os fugitivos.

Nosso herói olhou para a estrada real; antes, três ou quatro mil indivíduos ali se amontoavam, apertados como camponeses seguindo uma procissão. Depois da palavra *cossacos* ele não viu propriamente mais ninguém; os fugitivos tinham abandonado barretinas, fuzis, sabres etc. Fabrice, espantado, subiu por um campo à direita do caminho, a vinte ou trinta pés de altura; olhou para os dois lados da grande estrada e para a planície, não viu rastro de cossacos. “Gente estranha, esses franceses!”, pensou. “Já que devo ir

para a direita, é melhor andar logo; é possível que essa gente tenha para correr uma razão que não conheço.” Apanhou um fuzil, verificou se estava carregado, sacudiu a pólvora da espoleta, limpou a pedra, depois escolheu uma cartucheira bem fornida e olhou de novo para todos os lados; estava absolutamente sozinho no meio daquela planície outrora tão repleta de gente. Na extrema lonjura, via os fujões que começavam a desaparecer atrás das árvores, e sempre correndo. “Que coisa mais esquisita!”, pensou; e, lembrando-se da manobra feita na véspera pelo cabo, foi se sentar no meio de um campo de trigo. Não se afastou, porque desejava rever seus bons amigos, a cantineira e o cabo Aubry.

No meio daquele trigal, verificou que não tinha mais que dezoito napoleões, em vez de trinta, como pensava; mas lhe restavam os pequenos diamantes que ele pusera no forro das botas do hussardo, de manhã, no quarto da carcereira, em B\*\*\*. Escondeu os napoleões o melhor que pôde, enquanto refletia profundamente nesse desaparecimento tão súbito. “Isso é mau presságio para mim?”, pensou. Sua principal tristeza era não ter feito essa pergunta ao cabo Aubry: “Assisti realmente a uma batalha?”. Parecia-lhe que sim, e ele ficaria no auge da felicidade se tivesse tido certeza. “Todavia”, pensou, “assisti a ela usando o nome de um prisioneiro, carregava no bolso a caderneta de serviço de um preso e, bem mais, tinha a roupa dele em cima de mim! Eis algo fatal para o futuro: o que teria dito o padre Blanès? E aquele desgraçado do Boulot morreu na prisão! Tudo isso é de sinistro agouro; o destino me levará à prisão.” Fabrice teria dado tudo no mundo para saber se o hussardo Boulot era realmente culpado; evocando suas lembranças, parecia-lhe que a carcereira de B\*\*\* lhe dissera que o hussardo fora apanhado não só por alguns talheres de prata, mas também por ter roubado a vaca de um camponês, e batido no homem com toda a violência: Fabrice não duvidava de que, um dia, fosse parar na prisão por uma falta que tivesse alguma relação com a do hussardo Boulot. Pensava em seu amigo, o padre Blanès; o que não daria para poder consultá-lo! Depois se lembrou de que não tinha escrito à tia desde que deixara Paris. “Pobre Gina!”, pensou, e estava com lágrimas nos olhos quando, de repente, ouviu um barulhinho bem perto dele: era um soldado que dava trigo para três cavalos comerem, depois de ter lhes tirado o freio; pareciam mortos de fome e ele os segurava pelo bridão. Fabrice se ergueu como um filhote de perdiz, o soldado ficou com medo. Nosso herói o observou e cedeu ao prazer de brincar um instante fazendo-se de hussardo.

— Um desses cavalos me pertence, seu p...! — exclamou. — Mas aceito lhe dar cinco francos pelo trabalho que teve de trazê-lo até aqui.

— Está zombando de mim? — indagou o soldado.

Fabrice apontou a arma a seis passos de distância.

— Largue o cavalo ou o queimo!

O soldado estava com o fuzil a tiracolo, girou o ombro para pegá-lo.

— Se fizer o menor gesto, morre! — exclamou Fabrice correndo para cima dele.

— Pois bem! Dê os cinco francos e pegue um dos cavalos — disse o soldado, confuso, depois de ter lançado um olhar de tristeza para a estrada real onde não havia absolutamente ninguém.

Fabrice, segurando o fuzil na mão esquerda, com a direita lhe jogou três moedas de cinco francos.

— Desça, ou morre... Passe a brida no preto e vá para longe, com os dois outros... Eu o mato se você se mexer.

O soldado obedeceu, reclamando. Fabrice se aproximou do cavalo e passou a rédea por seu braço esquerdo, sem tirar o olho do soldado que se afastava devagar. Quando Fabrice o viu a uns cinquenta passos, pulou agilmente para cima do cavalo. Nem bem montara, ainda procurava com o pé o estribo da direita quando ouviu assobiar uma bala bem pertinho: era o soldado que lhe disparava seu tiro de fuzil. Fabrice, furo de raiva, se pôs a galopar para cima do soldado, que fugiu em disparada, e logo Fabrice o viu montado num dos dois cavalos e galopando. “Bem, está fora de alcance”, pensou. O cavalo que acabava de comprar era magnífico, mas parecia estar morrendo de fome. Fabrice voltou para a estrada real, que continuava a não ter vivalma; cruzou-a e pôs o cavalo no trote, para chegar a uma pequena dobra de terreno à esquerda, onde esperava encontrar a cantineira; mas quando chegou ao alto da pequena ladeira só avistou, a mais de uma légua de distância, alguns soldados isolados. “Está escrito que não a reverei mais”, pensou com um suspiro, “brava e boa mulher!” Chegou a uma granja que vislumbrava lá longe e à direita da estrada. Sem descer do cavalo, e depois de ter pago adiantado, conseguiu que dessem aveia a seu pobre animal, tão faminto que mordia a manjedoura. Uma hora depois, Fabrice trotava pela estrada real, ainda com a vaga esperança de encontrar a cantineira, ou pelo menos o cabo Aubry. Indo sempre em frente e olhando para todos os lados, chegou a um riacho pantanoso cruzado por uma ponte de madeira muito estreita. Antes da ponte, à direita da estrada, havia uma casa isolada com a tabuleta LE CHEVAL BLANC. “É lá que vou jantar”, pensou Fabrice. Um oficial de cavalaria, com o braço na tipoia, postava-se na entrada da ponte; estava a cavalo e tinha uma aparência muito triste; a dez passos dele, três cavaleiros a pé cuidavam de seus cachimbos.

“Essas pessoas aí”, pensou Fabrice, “têm cara de que querem comprar meu cavalo ainda mais barato do que me custou.” O oficial ferido e os três pedestres o olhavam chegar e pareciam esperá-lo. “O que eu deveria fazer era passar por essa ponte e seguir pela beira do rio, à direita, é a estrada que a cantineira me aconselharia para sair dessa enrascada... Sim”, pensou nosso herói; “mas, se eu der no pé, amanhã ficarei morto de vergonha: aliás, meu cavalo tem boas patas, e o do oficial provavelmente está cansado; se ele resolver me apear, sairei a galope.” Enquanto fazia esses raciocínios, Fabrice *aprontava* seu cavalo e seguia no passo mais miúdo possível.

— Mas avance, hussardo! — gritou-lhe o oficial com jeito de autoridade.

Fabrice avançou uns passos e parou.

— Querem pegar meu cavalo? — gritou.

— Por nada neste mundo; adiante-se.

Fabrice olhou para o oficial: tinha bigodes grisalhos e o aspecto mais honesto do mundo; o lenço que sustentava seu braço esquerdo estava cheio de sangue e sua mão direita também estava enrolada num pano ensanguentado. “São os pedestres que vão pular na brida do meu cavalo”, pensou Fabrice; mas, olhando mais de perto, viu que os pedestres também estavam feridos.

— Em nome da honra — disse-lhe o oficial que usava dragonas de coronel —, fique aqui de sentinela, e diga a todos os dragões, caçadores e hussardos que encontrar que o coronel

Le Baron está naquele albergue ali, e que lhes ordeno que venham se juntar a mim.

O velho coronel parecia compungido de dor; desde a primeira palavra conquistara nosso herói, que lhe respondeu com bom senso:

— Sou muito moço, cavalheiro, para que alguém se disponha a me ouvir; necessitaria de uma ordem escrita de seu próprio punho.

— Ele tem razão — disse o coronel, olhando-o fixamente —, você, La Rose, que tem a mão direita, escreva a ordem.

Sem nada dizer, La Rose tirou do bolso uma cadernetinha de pergaminho, escreveu umas linhas e, destacando a folha, a entregou a Fabrice; o coronel repetiu a ordem, acrescentando que, depois de duas horas de serviço, ele seria rendido, como deve ser, por um dos três cavaleiros feridos que o acompanhavam. Dito isso, entrou no albergue com seus homens. Fabrice os olhava andar e ficou imóvel no fim da ponte de madeira, de tal forma estava impressionado com a dor sombria e silenciosa daqueles três personagens. “Parecem gênios encantados”, pensou. Por fim, abriu o papel dobrado e leu a ordem assim concebida:

O coronel Le Baron, do Sexto Dragões, comandante da segunda brigada da primeira divisão de cavalaria do décimo quarto corpo, ordena a todos os cavaleiros, dragões, caçadores e hussardos não passarem pela ponte e juntarem-se a ele no albergue Le Cheval Blanc, perto da ponte, onde está seu quartel-general.

No quartel-general, perto da ponte de La Sainte, 19 de junho de 1815.

Pelo coronel Le Baron, ferido no braço direito, e por ordem sua, o quartel-mestre  
LA ROSE.

Fazia apenas meia hora que Fabrice estava de sentinela na ponte, quando viu chegarem seis caçadores montados e três a pé; comunicou-lhes a ordem do coronel.

— Vamos voltar — disseram quatro dos caçadores montados, e passaram pela ponte num bom trote.

Fabrice falou então com os dois outros. Durante a conversa, que se animava, os três homens a pé passaram pela ponte. Um dos dois caçadores montados que restavam acabou por pedir para rever a ordem, e a levou, dizendo:

— Vou levá-la a meus companheiros, que não deixarão de voltar; espere por eles, sem falta.

E partiu a galope; seu companheiro o seguiu. Tudo isso aconteceu num piscar de olhos.

Fabrice, furioso, chamou um dos soldados feridos, que apareceu numa das janelas do Le Cheval Blanc. Esse soldado, em quem Fabrice viu galões de quartel-mestre, desceu e gritou, ao se aproximar:

— Sabre na mão, ora essa! Você está de serviço.

Fabrice obedeceu e depois lhe disse:

— Eles levaram a ordem.

— É que estão enfezados por causa do negócio de ontem — retrucou o outro, com ar tristonho. — Vou lhe dar uma de minhas pistolas; se novamente desobedecerem à ordem, atire para o ar e voltarei, ou o próprio coronel aparecerá.

Fabrice tinha flagrado direitinho um gesto de surpresa no quartel-mestre, diante do anúncio de que a ordem fora levada embora; compreendeu que era um insulto pessoal que lhe tinham feito e prometeu a si mesmo não mais se deixar enganar.

Armado com a pistola guardada no arção da sela do quartel-mestre, Fabrice retomara orgulhosamente seu serviço quando viu chegarem perto dele sete hussardos montados: postara-se de modo a barrar a ponte, e então lhes comunicou a ordem do coronel; ficaram muito contrariados, o mais atrevido tentou passar. Fabrice, seguindo o sábio preceito de sua amiga vivandeira, que na manhã da véspera lhe dizia que ele tinha de espetar o sabre mas não trespassá-lo, abaixou a ponta de seu grande sabre reto e fingiu dar uma acutilada naquele que queria desobedecer à ordem.

— Ah! Ele quer nos matar, esse pirralho! — exclamaram os hussardos. — Como se ontem não nos tivessem matado em número suficiente!

Todos puxaram seus sabres ao mesmo tempo e caíram sobre Fabrice; ele pensou estar morto; mas imaginou a surpresa do quartel-mestre e não quis se sentir novamente desprezado. Recuando na ponte, tentava dar estocadas com a ponta. Estava com uma cara tão engraçada ao manejar aquele grande sabre de cavalaria pesada, volumoso demais para ele, que os hussardos logo viram com quem estavam lidando; então, procuraram não feri-lo, mas lhe rasgar a roupa do corpo. Fabrice recebeu assim três ou quatro pequenos golpes de sabre nos braços. De seu lado, sempre fiel ao preceito da cantineira, lançava com toda a sua coragem muitas estocadas. Infelizmente, uma desses estocadas feriu na mão um hussardo: furioso por ter sido tocado por um soldado daqueles, revidou com uma estocada a fundo, que atingiu Fabrice no alto da coxa. O golpe acertou nosso herói porque seu cavalo, longe de fugir da briga, parecia sentir prazer em ficar ali e se jogou sobre os agressores. Estes, vendo correr o sangue de Fabrice ao longo de seu braço direito, temeram ter levado a brincadeira longe demais e, empurrando-o para o parapeito esquerdo da ponte, partiram a galope. Tão logo teve um momento de folga, Fabrice disparou no ar um tiro de pistola para avisar ao coronel.

Quatro hussardos montados e dois a pé, do mesmo regimento que os outros, vinham para a ponte e ainda estavam a duzentos passos quando o tiro de pistola partiu: olhavam muito atentamente o que acontecia na ponte, e, imaginando que Fabrice atirara em seus companheiros, os quatro a cavalo partiram para cima dele a galope e com o sabre para o alto; era uma verdadeira carga. O coronel Le Baron, avisado pelo tiro de pistola, abriu a porta do albergue e se precipitou para a ponte no momento em que os hussardos a galope ali chegavam, e os intimou pessoalmente a acatarem a ordem de parar.

— Não há mais coronel aqui — exclamou um deles, impelindo o cavalo.

Exasperado, o coronel interrompeu a admoestação que lhes dirigia e, com a mão direita ferida, agarrou a rédea desse cavalo do lado oposto ao de montar.

— Pare, mau soldado! — disse ao hussardo. — Eu o conheço, você é da companhia do capitão Henriet.

— Pois é! Que o próprio capitão me dê a ordem! O capitão Henriet foi morto ontem — acrescentou, rindo —; e vá para o quinto dos infernos...

Ao dizer essas palavras, quis forçar a passagem e empurrou o velho coronel, que caiu sentado no calçamento da ponte. Fabrice, que estava dois passos mais longe, na ponte, mas

de frente para o albergue, empurrou seu cavalo e, enquanto o peitoral do cavalo do agressor jogava no chão o coronel, que não largava a rédea do lado de montar, Fabrice, indignado, deu no hussardo uma estocada a fundo. Ainda bem que o cavalo do hussardo, sentindo-se puxado para o chão pela brida que o coronel segurava, fez um movimento lateral, de modo que a longa lâmina do sabre de cavalaria pesada de Fabrice escorregou pelo colete do hussardo e passou diante de seus olhos. Furioso, o hussardo se virou e, com toda a força, desferiu-lhe um golpe, que rasgou a manga de Fabrice e entrou profundamente em seu braço: nosso herói caiu.

Um dos hussardos apeados, vendo no chão os dois defensores da ponte, pulou para o cavalo de Fabrice e quis se apoderar dele, lançando-o a galope sobre a ponte.

O quartel-mestre, acorrendo do albergue, vira seu coronel cair e achou que ele estava gravemente ferido. Correu para perto do cavalo de Fabrice e afundou a ponta de seu sabre nos rins do ladrão; este caiu. Os hussardos, não vendo na ponte mais ninguém além do quartel-mestre a pé, passaram a galope e se safaram depressa. Aquele que estava a pé fugiu pelo campo. O quartel-mestre se aproximou dos feridos. Fabrice já tinha se levantado, sentia pouca dor mas perdia muito sangue. O coronel se levantou mais devagar; estava completamente tonto com a queda mas não tinha nenhum ferimento.

— Só sinto dor — disse ao sargento-mor — no antigo ferimento da mão.

O hussardo ferido pelo quartel-mestre estava morrendo.

— Que o diabo o carregue! — exclamou o coronel, mas disse ao quartel-mestre e aos dois outros cavaleiros que acorriam: — Pensem neste rapazinho que expus inconvenientemente. Vou ficar eu mesmo na ponte para tentar deter esses alucinados. Conduzam o rapazote ao albergue e façam um curativo no braço dele; peguem uma de minhas camisas.

a A troco de nada, gratuitamente.

Toda essa aventura não durara um minuto; os ferimentos de Fabrice não eram nada; apertaram seu braço com faixas cortadas da camisa do coronel. Queriam lhe arranjar um leito no primeiro andar do albergue:

— Mas enquanto eu estiver aqui bem mimado no primeiro andar — disse Fabrice ao sargento-mor —, meu cavalo, que está na estrebaria, se aborrecerá por ficar sozinho e irá embora, com outro dono.

— Nada mal para um recruta! — disse o quartel-mestre.

E instalaram Fabrice sobre a palha bem fresca, na própria manjedoura à qual seu cavalo estava preso.

Depois, como Fabrice se sentia muito fraco, o quartel-mestre lhe levou uma tigela de vinho quente e ficou dando uma prosinha com ele. Alguns cumprimentos incluídos nessa conversa puseram nosso herói no sétimo céu.

Fabrice só acordou no dia seguinte, no raiar da aurora; os cavalos soltavam longos relinchos e faziam uma barulheira horrorosa; a estrebaria se enchia de fumaça. No início, Fabrice não entendeu nada de todo esse barulho; nem sequer sabia onde estava. Meio sufocado pela fumaça, pensou que a casa estivesse pegando fogo; num piscar de olhos pulou fora da estrebaria e para cima do cavalo. Levantou a cabeça; a fumaça violenta saía pelas duas janelas no alto da estrebaria e o telhado estava coberto de uma fumaça negra que rodopiava. Uma centena de fugitivos chegara durante a noite ao albergue Le Cheval Blanc; todos gritavam e praguejavam. Os cinco ou seis que Fabrice conseguiu ver de perto pareceram-lhe completamente bêbados; um deles quis pará-lo e gritava:

— Para onde você está levando meu cavalo?

Quando Fabrice estava a um quarto de légua, virou a cabeça; ninguém o seguia, a casa ardia em chamas. Fabrice reconheceu a ponte, pensou em seu ferimento e sentiu o braço apertado pelas faixas, e muito quente. “E o velho coronel, que fim terá levado? Deu sua camisa para fazerem um curativo no meu braço.” Nessa manhã, nosso herói estava com o mais belo sangue-frio do mundo; a quantidade de sangue que perdera o livrara de todo o lado romanesco de seu temperamento.

“À direita! E fuja”, pensou. Pôs-se tranquilamente a seguir o curso do rio que, depois de passar sob a ponte, corria à direita da estrada. Lembrava-se dos conselhos da boa cantineira. “Que amizade! Que caráter aberto!”, pensava.

Depois de uma hora de marcha, viu que estava muito fraco. “Ah, essa não! Vou desmaiar?”, pensou. “Se desmaiar, roubam meu cavalo e talvez minhas roupas, e com as roupas, o tesouro.” Não tinha mais força para conduzir o cavalo e tentava se manter em equilíbrio, quando um camponês, que capinava um campo ao lado da estrada real, viu sua

palidez e lhe ofereceu um copo de cerveja e pão.

— Ao vê-lo assim tão pálido, pensei que fosse um dos feridos da grande batalha! — disse o camponês.

Nunca um socorro chegou mais a calhar. Quando Fabrice mastigava o pedaço de pão preto, seus olhos começaram a doer ao olhar para a frente. Quando se sentiu um pouco refeito, agradeceu.

— E onde estou? — perguntou.

O camponês disse que três quartos de légua mais longe ficava o burgo de Zonders, onde ele seria muito bem tratado. Fabrice chegou a esse burgo não sabendo muito bem o que estava fazendo, e só pensando, a cada passo, em não cair do cavalo. Viu uma grande porta aberta e entrou: era o albergue de L'Étrille. Logo acorreu a boa dona da casa, mulher enorme; chamou por socorro com uma voz embargada pela piedade. Duas moças ajudaram Fabrice a pôr o pé no chão; mal desceu do cavalo, desmaiou de vez. Um cirurgião foi chamado e o sangrou. Nesse dia e nos que se seguiram, Fabrice não sabia muito bem o que lhe faziam, dormia quase o tempo todo.

A estocada na coxa ameaçava formar um abcesso considerável. Quando estava lúcido, recomendava que tomassem conta de seu cavalo, e volta e meia repetia que pagaria bem, o que ofendia a boa dona do albergue e suas filhas. Fazia quinze dias que estava sendo admiravelmente bem tratado e começava a recuperar um pouco suas ideias quando percebeu, uma noite, que suas anfitriãs estavam com um jeito muito perturbado. Logo um oficial alemão entrou no quarto: elas empregavam, para lhe responder, uma língua que ele não entendia; mas viu direitinho que falavam dele; fingiu dormir. Algum tempo depois, quando pensou que o oficial podia ter ido embora, chamou as hospedeiras:

— Esse oficial não vem me inscrever numa lista e me prender?

A hospedeira concordou, com lágrimas nos olhos.

— Pois bem! Tem dinheiro no meu dólmã! — exclamou, recostando-se na cama. — Comprem-me roupas burguesas e, esta noite, parto no meu cavalo. Vocês já me salvaram a vida uma vez, recebendo-me na hora em que eu ia cair morto na rua; salvem-me de novo, dando-me os meios de ir encontrar minha mãe.

Nesse instante, as filhas da patroa desataram a chorar, aos prantos; temiam por Fabrice; e, como mal compreendiam francês, se aproximaram de seu leito para lhe fazer perguntas. Discutiram em flamengo com a mãe. Mas a todo instante olhos enternecidos se viravam para nosso herói; ele teve a impressão de compreender que sua fuga podia comprometê-las gravemente, mas que elas queriam de fato correr esse risco. Agradeceu-lhes efusivamente, juntando as mãos. Um judeu da terra forneceu um traje completo; mas quando o levou, pelas dez da noite, as senhoritas admitiram, comparando a roupa com o dólmã de Fabrice, que era preciso ajustá-la muito. Logo puseram mãos à obra; não havia tempo a perder. Fabrice indicou alguns napoleões escondidos em suas roupas e pediu às anfitriãs que os costurassem nas roupas que acabava de comprar. Tinham levado, junto com as roupas, um belo par de botas novas. Fabrice não hesitou em pedir a essas boas moças que cortassem as botas em estilo hussardo, no lugar que lhes indicou, e ali escondessem seus pequenos diamantes, no forro das novas botas.

Por um efeito singular da perda de sangue e da fraqueza que dela decorria, Fabrice

esquecera quase por completo o francês; dirigia-se em italiano às suas anfitriãs, que falavam um patoá flamengo, de modo que quase só se entendiam por sinais. Quando as moças, aliás perfeitamente desinteressadas, viram os diamantes, o entusiasmo por ele não teve mais limites; julgaram-no um príncipe disfarçado. Aniken, a caçula e a mais ingênua, o beijou sem a menor cerimônia. Fabrice, de seu lado, as achava encantadoras; e lá pela meia-noite, quando o cirurgião lhe permitiu um pouco de vinho, por causa da estrada que ia pegar, ele quase não tinha mais vontade de partir. “Onde eu poderia estar melhor que aqui?”, dizia a si mesmo. Contudo, por volta das duas da madrugada se vestiu. No momento de sair do quarto, a boa hospedeira lhe informou que seu cavalo tinha sido levado pelo oficial que, horas antes, fora visitar a casa.

— Ah, canalha! — exclamou Fabrice, xingando. — Fazer isso com um ferido!

Esse jovem italiano não era filósofo o bastante para se lembrar a que preço ele mesmo comprara aquele cavalo.

Aniken lhe informou, chorando, que tinham alugado um cavalo para ele; quis que ele não fosse embora; as despedidas foram carinhosas. Dois rapagões, parentes da boa anfitriã, puseram Fabrice na sela; foram a cavalo pela estrada, ajudando-o, enquanto um terceiro, que precedia de algumas centenas de passos o pequeno comboio, verificava se não havia patrulha suspeita nas estradas. Depois de duas horas de marcha, pararam na casa de uma prima da dona do L'Étrille. Independentemente do que Fabrice pudesse ter lhes dito, os jovens que o acompanhavam não quiseram deixá-lo; alegavam conhecer melhor que ninguém as passagens pelas matas.

— Mas amanhã de manhã, quando souberem da minha fuga e não os virem no vilarejo, a ausência de vocês há de comprometê-los — disse Fabrice.

Recomeçaram a andar. Felizmente, quando raiou o dia a planície estava coberta por um nevoeiro espesso. Lá pelas oito da manhã, chegaram perto de uma cidadezinha. Um dos jovens se separou para ver se os cavalos da posta tinham sido roubados. O cocheiro da posta tivera tempo para fazê-los desaparecer, e para recrutar uns pangarés infames com os quais enchera suas estrebarias. Foram buscar dois cavalos nos pântanos onde eles estavam escondidos, e três horas depois Fabrice montou num pequeno cabriolé todo arrebitado, mas atrelado com dois bons cavalos de posta. Ele recuperara as forças. O momento da separação dos jovens, parentes da estalajadeira, foi extremamente patético; em nenhuma hipótese, por mais amável que fosse o pretexto que Fabrice conseguiu encontrar, queriam aceitar dinheiro.

— Em seu estado, o senhor precisa mais dele do que nós — respondiam sempre esses bravos jovens.

Finalmente, partiram com as cartas em que Fabrice, um pouco fortalecido pela agitação da estrada, tentara levar suas anfitriãs a saber tudo o que sentia por elas. Fabrice escrevia com lágrimas nos olhos, e certamente havia amor na carta dirigida à pequena Aniken.

O resto da viagem nada teve de extraordinário. Chegando a Amiens, ele sentia muita dor na estocada que recebera na coxa; o cirurgião do vilarejo não pensara em tirar o tecido necrosado da ferida, e apesar das sangrias ali se formara um edema. Durante os quinze dias que Fabrice passou no albergue de Amiens, mantido por uma família adúladora e ávida, os aliados<sup>a</sup> invadiram a França e Fabrice se tornou como que outro homem, tantas

foram as reflexões profundas que fez sobre as coisas que acabavam de lhe acontecer. Só continuava a ser uma criança num ponto: o que ele tinha visto fora uma batalha? E, em segundo lugar, aquela batalha seria a de Waterloo? Pela primeira vez na vida encontrou prazer em ler; esperava sempre descobrir nos jornais, ou nos relatos da batalha, alguma descrição que lhe permitisse reconhecer os locais que percorrera no séquito do marechal Ney, e mais tarde com o outro general. Durante a temporada em Amiens, escreveu quase todos os dias às suas boas amigas do L'Étrille. Assim que ficou curado, foi para Paris; encontrou em seu antigo hotel vinte cartas de sua mãe e de sua tia, que lhe suplicavam voltar o quanto antes. Uma última carta da condessa Pietranera tinha um certo quê enigmático que o inquietou bastante; essa carta acabou com todos os seus ternos devaneios. Era um temperamento a que bastava uma palavra para fazê-lo prever facilmente as maiores desgraças; em seguida, sua imaginação se encarregava de lhe pintar essas desgraças com os detalhes mais horríveis.

“Evite assinar as cartas que escreve para dar notícias”, dizia-lhe a condessa. “Na sua volta, não deve vir logo para o lago de Como; pare em Lugano, em território suíço.” Ele devia chegar a essa cidadezinha sob o nome de Cavi; encontraria no principal albergue o criado de quarto da condessa, que lhe indicaria o que deveria fazer. Sua tia concluía com estas palavras: “Esconda de todas as maneiras possíveis a loucura que fez, e sobretudo não guarde consigo nenhum papel impresso ou escrito; na Suíça estará cercado pelos amigos de Santa Margarita.<sup>4</sup> Se eu tiver dinheiro suficiente”, dizia-lhe a condessa, “enviarei alguém a Genebra, ao Hôtel des Balances, e saberá dos detalhes que não posso escrever e que, porém, você precisa saber antes de chegar. Mas, pelo amor de Deus, nem mais um dia em Paris; aí você seria reconhecido por nossos espiões.” A imaginação de Fabrice começou a elaborar as coisas mais estranhas, e ele foi incapaz de qualquer outro prazer que não o de tentar adivinhar o que sua tia teria de tão estranho para lhe contar. Duas vezes, atravessando a França, foi detido; mas soube se livrar; deveu esses contratempos a seu passaporte italiano e a essa estranha qualidade de vendedor de barômetros, que não combinava nada com seu rosto jovem e o braço na tipoia.

Por fim, em Genebra encontrou um homem a serviço da condessa, que lhe contou, da parte dela, que ele, Fabrice, fora denunciado à polícia de Milão como tendo ido levar a Napoleão propostas feitas por uma vasta conspiração organizada no antigo reino da Itália. Se não fosse esse o objetivo de sua viagem, dizia a denúncia, para que pegar um nome falso? Sua mãe tentaria provar a verdade, isto é:

1º Que ele jamais saíra da Suíça;

2º Que ele deixara o castelo inopinadamente após uma briga com o irmão mais velho.

Diante desse relato, Fabrice teve um sentimento de orgulho. “Eu teria sido uma espécie de embaixador junto a Napoleão!”, pensou. “Teria tido a honra de falar com esse grande homem! Se Deus assim quisesse!” Lembrou-se de que seu sétimo antepassado, o neto daquele que chegou a Milão no séquito dos Sforza, teve a honra de ter a cabeça cortada pelos inimigos do duque, que o flagraram quando ia para a Suíça levar propostas aos louváveis cantões e recrutar soldados. Via com os olhos da alma a gravura relativa a esse fato, que figurava na genealogia da família. Ao interrogar esse lacaios, Fabrice o achou indignado com um detalhe que, afinal, lhe escapou, apesar da ordem expressa de ocultá-lo,

várias vezes repetida pela condessa. Era Ascanio, seu irmão mais velho, que o denunciara à polícia de Milão. Essa informação cruel provocou como um acesso de loucura em nosso herói. Para se ir de Genebra à Itália, passa-se por Lausanne; ele quis partir a pé e imediatamente, e percorrer assim dez ou doze léguas, embora a diligência de Genebra a Lausanne devesse partir duas horas depois. Antes de sair de Genebra, pôs-se a brigar, num dos tristes cafés da cidade, com um rapaz que o olhava, dizia, de um jeito singular. Nada mais verdadeiro, pois o jovem genebrino, fleumático, equilibrado e só pensando em dinheiro, o tomava por louco; Fabrice, ao entrar, lançara olhares furibundos para todos os lados, e depois derramou em sua calça a xícara de café que lhe serviam. Naquela briga, o primeiro gesto de Fabrice foi totalmente do século XVI: em vez de falar de duelo ao jovem genebrino, puxou seu punhal e se jogou em cima dele para trespassá-lo. Nesse momento de paixão, Fabrice esquecia tudo o que aprendera sobre as regras da honra e voltava ao instinto, ou melhor, às lembranças da primeira infância.

O homem de plena confiança que ele encontrou em Lugano aumentou sua fúria ao lhe dar novos detalhes. Como Fabrice era amado em Griante, ninguém teria pronunciado seu nome, e sem o amável procedimento de seu irmão todos teriam fingido acreditar que ele estava em Milão, e jamais sua ausência teria chamado a atenção da polícia dessa cidade.

— Provavelmente os guardas alfandegários têm sua descrição física — disse-lhe o enviado de sua tia — e, se seguirmos pela estrada real, na fronteira do reino lombardo-veneziano, o senhor será preso.

Fabrice e sua gente conheciam os menores atalhos da montanha que separa Lugano e o lago de Como: disfarçaram-se de caçadores, isto é, de contrabandistas, e, como eram três, e com rostos um tanto decididos, os guardas alfandegários que encontraram só pensaram em cumprimentá-los. Fabrice deu um jeito para só chegar ao castelo por volta da meia-noite; a essa hora, fazia tempo que seu pai e todos os criados de quarto empoados já estavam deitados. Desceu sem dificuldade para o fosso profundo e penetrou no castelo pela janelinha de uma adega: lá era esperado pela mãe e pela tia, e logo suas irmãs acorreram. As efusões de ternura e as lágrimas se sucederam por muito tempo, e apenas começavam a falar de coisas sérias quando os primeiros clarões da aurora vieram advertir àquelas criaturas que se julgavam infelizes que o tempo voava.

— Espero que seu irmão não tenha desconfiado de sua chegada — disse-lhe a sra. Pietranera —; desde a bela leviandade dele não lhe dirigi mais a palavra, e me senti honrada vendo-o muito ofendido em seu amor próprio: esta noite, ao cear, dignei-me a falar com ele; precisava encontrar um pretexto para ocultar minha louca alegria, que poderia levantar suspeitas. Depois, quando me dei conta de que ele estava todo orgulhoso com essa pretensa reconciliação, aproveitei a alegria dele para fazê-lo beber imoderadamente, e decerto não terá pensado em armar uma emboscada para prosseguir seu ofício de espião.

— É em seu apartamento que nosso hussardo deve se esconder — disse a marquesa —, neste primeiro momento ele não pode partir imediatamente, pois não estamos bastante donas de nossa razão, e trata-se de escolher a melhor maneira de despistar essa terrível polícia de Milão.

Seguiram esse plano; mas no dia seguinte o marquês e seu filho mais velho repararam que

a marquesa estava o tempo todo no quarto da cunhada. Não nos deteremos na descrição das explosões de ternura e de alegria que, naquele dia, ainda agitaram essas criaturas tão felizes. Os corações italianos são, muito mais que os nossos, atormentados pelas suspeitas e pelas ideias alucinadas que lhes apresenta uma imaginação ardente, mas, em compensação, suas alegrias são mais intensas e duram mais tempo. Naquele dia, a condessa e a marquesa estavam absolutamente privadas de razão; Fabrice foi obrigado a recommençar todos os relatos: por fim, decidiram ir em busca da alegria comum em Milão, de tal forma parecia difícil esconder-se mais tempo da polícia, do marquês e de seu filho Ascanio.

Para irem a Como, pegaram o barco habitual da casa; agir de outra maneira teria despertado mil suspeitas; mas ao chegar ao porto de Como a marquesa se lembrou de que esquecera em Griante papéis da maior importância: apressou-se em mandar até lá os barqueiros, e esses homens não conseguiram se inteirar como as duas senhoras empregaram seu tempo em Como. Mal chegaram, elas alugaram ao acaso um desses carros que esperam clientela perto daquela torre alta da Idade Média que se ergue acima da porta de Milão. Partiram no mesmo instante, sem que o cocheiro tivesse tempo de falar com ninguém. A um quarto de légua da cidade encontraram um jovem caçador conhecido delas, e que por condescendência, como não tinham nenhum homem no carro, aceitou lhes servir de cavalheiro até as portas de Milão, aonde ele ia caçar. Corria tudo bem e as senhoras mantinham a conversa mais alegre com o jovem viajante, quando, num desvio que faz a estrada para rodear a colina encantadora e o bosque de San Giovanni, três guardas disfarçados pularam sobre as rédeas dos cavalos.

— Ah! Meu marido nos traiu! — exclamou a marquesa, e desmaiou.

Um quartel-mestre, que ficara um pouco para trás, se aproximou do carro, tropeçando, e disse com uma voz que parecia sair de uma taberna:

— Muito me aborrece a missão que tenho de cumprir, mas o senhor está preso, general Fabio Conti.

Fabrice pensou que o quartel-mestre lhe fazia uma brincadeira de mau gosto chamando-o de *general*. “Você vai me pagar”, pensou; olhava para os guardas disfarçados e espreitava o momento favorável para pular do carro e dar no pé campo afora.

A condessa sorriu, por via das dúvidas, creio, e depois disse ao quartel-mestre:

— Mas, meu caro quartel-mestre, então é este menino de dezesseis anos que o senhor pensa ser o general Conti?

— A senhora não é a filha do general? — indagou o quartel-mestre.

— Veja meu pai — disse a condessa, mostrando Fabrice.

Os guardas desataram num acesso de riso.

— Mostrem seus passaportes sem discutir — recommençou o quartel-mestre, contagiado pela alegria geral.

— Essas senhoras nunca os trazem para ir a Milão — disse o cocheiro com um ar frio e filosófico —; elas vêm de seu castelo de Griante. Esta é a senhora condessa Pietranera, aquela, a senhora marquesa Del Dongo.

O quartel-mestre, todo desconcertado, se pôs à frente dos cavalos e ali deliberou com seus homens. A conferência durava bem uns cinco minutos quando a condessa Pietranera

pediu àqueles senhores que permitissem que o carro avançasse uns passos e se pusesse à sombra; o calor era sufocante, embora fossem apenas onze horas da manhã, e Fabrice, que olhava muito atentamente para todos os lados, procurando um jeito de se safar, viu surgir de um pequena trilha no campo, e chegar à estrada real, uma moça de catorze ou quinze anos, coberta de poeira, chorando timidamente e segurando seu lenço. Ia andando a pé entre dois guardas fardados, e, três passos atrás dela, também entre dois gendarmes, andava um homem alto e seco que fingia ares de dignidade como um prefeito seguindo uma procissão.

— Mas onde os encontraram? — perguntou o quartel-mestre, nessa altura completamente embriagado.

— Escapando pelos campos, e sem nenhum passaporte na mão.

O quartel-mestre pareceu perder por completo a cabeça; tinha diante de si cinco prisioneiros em vez dos dois de que precisava. Afastou-se uns passos, só deixando um homem para vigiar o prisioneiro com ares de majestade, e outro para impedir que os cavalos avançassem.

— Fique — disse a condessa a Fabrice, que já tinha pulado para o chão —, vai dar tudo certo.

Ouviu-se um guarda exclamar:

— Pouco importa! Se eles não têm passaportes, são mesmo assim uma boa presa.

O quartel-mestre parecia não estar totalmente decidido; o nome da condessa Pietranera lhe dava inquietação, ele conhecera o general, cuja morte desconhecia. “O general não é homem de não se vingar se eu prender a mulher dele despropositadamente”, pensava.

Durante essa deliberação, que foi longa, a condessa puxara conversa com a moça que estava a pé na estrada e na poeira, ao lado da caleça; ficara impressionada com sua beleza.

— O sol vai lhe fazer mal, senhorita; este bravo soldado — acrescentou falando com o guarda postado à frente dos cavalos — lhe permitirá subir na caleça.

Fabrice, que rondava em torno do carro, se aproximou para ajudar a moça a subir. Esta já se lançava para o estribo, com o braço agarrado por Fabrice, quando o homem imponente, que estava seis passos atrás do carro, gritou com uma voz engrossada pela vontade de ser digno:

— Fique na estrada, não suba num carro que não lhe pertence.

Fabrice não tinha ouvido essa ordem; a moça, em vez de subir na caleça, quis descer de novo e, como Fabrice continuava a ampará-la, ela caiu em seus braços. Ele sorriu, ela enrubesceu profundamente; ficaram um instante a se olhar, depois que a moça se soltou de seus braços.

“Seria uma encantadora companheira de prisão: que pensamento profundo sob essa frente! Ela saberia amar”, pensou Fabrice.

O sargento se aproximou com um ar de autoridade:

— Qual dessas senhoras se chama Clélia Conti?

— Eu — disse a jovem.

— E eu — exclamou o homem mais velho — sou o general Fabio Conti, camarista de S. A. S., monsenhor o príncipe de Parma; acho muito inconveniente que um homem de minha espécie seja perseguido como um ladrão.

— Anteontem, ao embarcar no porto de Como, o senhor não mandou passear o inspetor de polícia que lhe pedia seu passaporte? Pois bem! Hoje, ele o impede de passear.

— Eu já estava me afastando com meu barco, estava apressado, o tempo anunciava tempestade; um homem sem uniforme gritou do cais para que eu voltasse ao porto, eu lhe disse meu nome e continuei minha viagem.

— E esta manhã o senhor fugiu de Como?

— Um homem como eu não pega passaporte para ir de Milão ver o lago. Esta manhã, em Como, me disseram que eu seria detido na porta; saí a pé com minha filha; esperava encontrar algum carro na estrada que me levasse a Milão, onde, sem dúvida, minha primeira visita será para levar minhas queixas ao general comandante da província.

O sargento pareceu aliviado de um grande peso.

— Pois bem, general! O senhor está preso e vou conduzi-lo a Milão. E o senhor, quem é? — perguntou a Fabrice.

— Meu filho — retrucou a condessa —, Ascanio, filho do general de divisão Pietranera.

— Sem passaporte, senhora condessa? — disse o sargento, muito mais suave.

— Na idade dele, jamais o pegou; nunca viaja sozinho, está sempre comigo.

Durante esse colóquio, o general Conti mostrava sua dignidade cada vez mais ofendida por causa dos guardas.

— Chega de conversa — disse-lhe um deles —, o senhor está preso, basta!

— Dê-se por muito feliz — disse o sargento — por termos consentido que alugue um cavalo de algum camponês; do contrário, apesar da poeira e do calor, e do título de camarista de Parma, o senhor iria andar direitinho, a pé, no meio dos nossos cavalos.

O general começou a xingar.

— Você vai calar a boca? — continuou o guarda. — Onde está sua farda de general? O primeiro que aparece não pode dizer que é general?

O general se zangou tremendamente. Enquanto isso, dentro da caleça os negócios iam muito melhor.

A condessa passava uma conversa nos guardas como se fossem seus domésticos. Acabava de dar um escudo a um deles para ir buscar vinho e, sobretudo, água fresca num casebre que se avistava a duzentos passos. Ela encontrara tempo para acalmar Fabrice, que queria, de qualquer maneira, dar no pé pelo bosque que cobria a colina. “Tenho boas pistolas”, ele dizia. Ela conseguiu que o general irritado deixasse a filha subir no carro. Na ocasião, o general, que gostava de falar de si e de sua família, informou àquelas senhoras que sua filha tinha apenas doze anos, tendo nascido em 1803, no dia 27 de outubro; mas todo mundo lhe dava catorze ou quinze anos, de tão ajuizada que era.

Homem perfeitamente banal, diziam os olhos da condessa à marquesa. Graças à condessa, tudo se arranjou depois de uma conversa de uma hora. Um gendarme, que tinha um negócio para fazer na aldeia vizinha, alugou seu cavalo ao general Conti, depois que a condessa lhe disse:

— Você receberá dez francos.

O quartel-mestre partiu sozinho com o general; os outros guardas ficaram sob uma árvore em companhia de quatro enormes garrafas de vinho, espécie de garrafões empalhados, que o guarda enviado ao casebre tinha trazido, ajudado por um camponês.

Clélia Conti foi autorizada pelo digno camarista a aceitar, para voltar a Milão, um lugar no carro daquelas senhoras, e ninguém pensou em prender o filho do valoroso general conde Pietranera. Depois dos primeiros momentos dedicados à cortesia e aos comentários sobre o pequeno incidente que acabava de se encerrar, Clélia Conti notou o tom de entusiasmo com que uma senhora tão bonita como a condessa falava com Fabrice; certamente não era mãe dele. Sua atenção foi aguçada sobretudo pelas repetidas alusões a algo de heroico, de corajoso, de perigoso no mais alto grau, que ele fizera pouco antes; apesar de toda a sua inteligência, a jovem Clélia não conseguiu adivinhar do que se tratava.

Olhava com espanto para aquele jovem herói cujos olhos ainda pareciam faiscar todo o fogo da ação. Quanto a ele, estava meio perturbado com a beleza tão singular daquela mocinha de doze anos, e seus olhares a faziam corar.

Uma légua antes de chegar a Milão, Fabrice disse que ia ver seu tio e se despediu das senhoras.

— Se acaso eu me safar dessa enrascada — disse a Clélia —, irei ver os belos quadros de Parma, e nesse caso você se dignaria a recordar esse nome: Fabrice del Dongo?

— Bem! — disse a condessa. — É assim que sabe manter o anonimato? Senhorita, digne-se a lembrar que esse malandrinho é meu filho e se chama Pietranera, e não Del Dongo.

À noite, muito tarde, Fabrice entrou em Milão pela porta Renza, que conduz a um passeio na moda. O envio de dois criados à Suíça esgotara as minguadas economias da marquesa e de sua cunhada; felizmente, Fabrice anda tinha uns napoleões e um dos diamantes, que resolveram vender.

Aquelas senhoras eram amadas e conheciam toda a cidade; os vultos mais consideráveis do partido austríaco e devoto foram falar em favor de Fabrice com o barão Binder, chefe da polícia. Esses cavalheiros não concebiam como se podia levar a sério a travessura de uma criança de dezesseis anos que briga com o irmão mais velho e deserta da casa paterna.

— Minha profissão é levar tudo a sério — respondeu suavemente o barão Binder, homem sensato e triste; controlava então aquela famosa polícia de Milão, e se comprometera a prevenir uma revolução como a de 1740, que expulsou de Gênova os austríacos. Essa polícia de Milão, desde então muito famosa pelas aventuras dos srs. Pellico e d'Andryane,<sup>b</sup> não foi exatamente cruel, mas executava criteriosamente e sem piedade leis severas. O imperador Francisco II queria que se infundisse terror àquelas imaginações italianas tão atrevidas.

— Deem-me dia a dia — repetia o barão Binder aos protetores de Fabrice — as indicações comprovadas do que fez o jovem *marchesino* Del Dongo; tomemo-las desde o momento de sua partida de Griante, no dia 8 de março, até sua chegada, ontem à noite, nesta cidade, onde está escondido num dos quartos do apartamento de sua mãe, e estou pronto a tratá-lo como o mais amável e mais travesso jovem da cidade. Se não conseguirem me fornecer o itinerário do moço durante todos os dias que se seguiram à sua partida de Griante, quaisquer que sejam a grandeza de seu nascimento e o respeito que tenho pelos amigos de sua família, meu dever não é mandá-lo prender? Não devo retê-lo na cadeia até que ele me prove que não foi levar recados a Napoleão da parte de alguns descontentes que podem existir na Lombardia entre os súditos de Sua Majestade Imperial e Real? Observem também, senhores, que, se o jovem Del Dongo conseguir se justificar

sobre esse ponto, continuará a ser culpado de ter passado ao estrangeiro sem passaporte expedido em regra, e, além disso, adotando um nome falso e fazendo uso, cientemente, de um passaporte expedido a um simples operário, isto é, a um indivíduo de uma classe tão inferior àquela a que pertence.

Essa declaração, cruelmente sensata, era acompanhada de todos os sinais de deferência e respeito que o chefe de polícia devia à alta posição da marquesa Del Dongo e à das personalidades importantes que acabavam de intervir em nome dela.

A marquesa caiu no desespero quando soube da resposta do barão Binder.

— Fabrice vai ser preso — exclamou, chorando — e, uma vez na prisão, Deus sabe quando sairá! Seu pai o renegará!

A sra. Pietranera e sua cunhada se reuniram com dois ou três amigos íntimos e, apesar do que eles disseram, a marquesa quis absolutamente que seu filho partisse já na noite seguinte.

— Mas você está vendo muito bem — dizia-lhe a condessa — que o barão Binder sabe que seu filho está aqui; esse homem não é mau.

— Não, mas quer agradar ao imperador Francisco.

— Mas, se considera útil para sua promoção jogar Fabrice na cadeia, ele já estaria lá, e deixá-lo escapar é demonstrarmos a ele uma desconfiança injuriosa.

— Mas nos confessar que sabe onde está Fabrice é nos dizer: façam-no partir! Não, não viverei enquanto puder me repetir: daqui a quinze minutos meu filho pode estar entre quatro muralhas! Qualquer que seja a ambição do barão Binder — acrescentava a marquesa —, ele julga útil para sua posição pessoal neste país alardear a consideração que tem por um homem do nível de meu marido, e vejo nisso uma prova dessa singular franqueza com que confessa que sabe onde pegar meu filho. Bem mais, o barão esmiúça, condescendente, as duas contravenções de que Fabrice é acusado de acordo com a denúncia do irmão indigno; explica que essas duas contravenções levam à prisão; não é isso nos dizer que, se preferimos o exílio, cabe a nós escolher?

— Se você escolher o exílio — a condessa não parava de repetir —, nunca mais voltaremos a vê-lo.

Fabrice, presente a toda a conversa, junto com um dos antigos amigos da marquesa, agora conselheiro no tribunal formado pela Áustria, estava totalmente convencido de que deveria bater asas. E, de fato, na mesma noite saiu do palácio, escondido dentro do carro que conduzia a mãe e a tia ao teatro La Scala. O cocheiro, de quem desconfiavam, foi, como de costume, dar um pulo à taberna, e enquanto o lacaio, homem de confiança, vigiava os cavalos, Fabrice, disfarçado de camponês, se esgueirou para fora do carro e saiu da cidade. Na manhã seguinte, passou pela fronteira com a mesma felicidade, e algumas horas depois estava instalado numa terra que sua mãe possuía no Piemonte, perto de Novara, mais exatamente em Romagnano, onde Bayard<sup>c</sup> foi morto. Pode-se imaginar com que atenção aquelas senhoras, ao chegarem a seu camarote no La Scala, assistiram ao espetáculo. Só tinham ido para poder consultar vários amigos que pertenciam ao partido liberal, e cuja aparição no palácio Del Dongo poderia ser mal interpretada pela polícia. No camarote, decidiu-se fazer uma nova diligência junto ao barão Binder. Estava fora de questão oferecer uma quantia de dinheiro a esse magistrado perfeitamente honesto, e aliás

aquelas senhoras estavam paupérrimas, tinham forçado Fabrice a levar tudo o que restava da venda do diamante.

Era muito importante, porém, terem a última palavra do barão. Os amigos da condessa lhe lembraram um certo cônego Borda, jovem muito amável, que outrora quisera cortejá-la, e com modos um tanto feios; não conseguindo ser bem-sucedido, denunciara ao general Pietranera sua amizade com Limercati, no que foi repellido como um vilão. Ora, esse cônego organizava agora, toda noite, partidas de tarô com a baronesa Binder, e naturalmente era amigo íntimo do marido. A condessa se decidiu a fazer a diligência horrivelmente penosa de ir ver o cônego; e na manhã seguinte, bem cedinho, antes que ele saísse de casa, fez-se anunciar.

Quando o único empregado do cônego pronunciou o nome da condessa Pietranera, o homem ficou emocionado a ponto de perder a voz; não tentou nem mesmo ajeitar o desmazelo do roupão tão simples que usava.

— Mande-a entrar e se retire — disse com voz apagada.

A condessa entrou; Borda se jogou a seus pés.

— É nessa posição que um pobre louco deve receber suas ordens — disse à condessa, que naquela manhã, dentro de sua roupa caseira meio disfarçada, estava irresistivelmente atraente.

A profunda tristeza com o exílio de Fabrice, a violência a que ela se submetia para aparecer diante de um homem que agira traiçoeiramente, tudo se juntava para dar a seu olhar um brilho inacreditável.

— É nesta posição que quero receber suas ordens — exclamou o cônego —, pois é evidente que você tem algum favor a me pedir, do contrário não teria honrado com sua presença a pobre casa de um desgraçado louco: outrora desvairado de amor e ciúmes, ele se comportou com você como um covarde, quando viu que não podia agradá-la.

Essas palavras eram sinceras e mais bonitas ainda na medida em que o cônego gozava agora de grande poder: a condessa ficou tocada até as lágrimas; a humilhação e o temor gelavam sua alma, em um instante a ternura e uma certa esperança lhes sucederam. De uma situação muito infeliz ela passou, num piscar de olhos, quase à felicidade.

— Beije minha mão — disse ao cônego, apresentando-a a ele — e levante-se. (Convém saber que na Itália o tratamento mais íntimo indica a boa e franca amizade e também um sentimento mais meigo.) Venho pedir a você indulgência para meu sobrinho Fabrice. Eis a verdade completa e sem o menor disfarce, conforme a contamos a um velho amigo. Com dezesseis anos e meio, ele acaba de cometer uma notável loucura; estávamos no castelo de Griante, à beira do lago de Como. Uma noite, às sete horas, fomos informados por um barco de Como do desembarque do imperador em Golfe-Juan. Na manhã seguinte, Fabrice partiu para a França, depois de ter recebido o passaporte de um seu amigo do povo, um vendedor de barômetros chamado Vasi. Como não tem propriamente o aspecto de um vendedor de barômetros, mal tinha percorrido dez léguas na França, prenderam-no, por conta de seu bom aspecto; seus arroubos de entusiasmo em mau francês pareciam suspeitos. Ao fim de certo tempo fugiu e conseguiu chegar a Genebra; enviamos ao encontro dele, em Lugano...

— Quer dizer, em Genebra — disse o cônego, sorrindo.

A condessa terminou a história.

— Farei por você tudo o que é humanamente possível — continuou o cônego, com efusão —; ponho-me inteiramente às suas ordens. Farei até mesmo imprudências — acrescentou. — Diga-me, o que devo fazer quando este pobre salão for privado dessa aparição celeste, e que marca época na história de minha vida?

— É preciso ir ver o barão Binder e lhe dizer que você gosta de Fabrice desde seu nascimento, que viu esse menino nascer quando vinha à nossa casa, e que, enfim, em nome da amizade que ele lhe concede, você suplica que empregue todos os seus espiões para verificar se, antes da partida para a Suíça, Fabrice teve a menor entrevista com algum desses liberais que ele vigia. Por pouco que o barão seja atilado, verá que se trata aqui unicamente de uma verdadeira traquinagem de mocidade. Você sabe que eu tinha, no meu belo apartamento do palácio Dugnani, as estampas das batalhas ganhas por Napoleão: foi soletrando as legendas dessas gravuras que meu sobrinho aprendeu a ler. Desde que ele tinha cinco anos, meu pobre marido lhe explicava essas batalhas; púnhamos na cabeça dele o capacete de meu marido, o garoto arrastava seu grande sabre. Pois bem! Um belo dia, fica sabendo que o deus de meu marido, o imperador, está de volta à França; partiu para encontrá-lo, como um estouvado, mas não conseguiu. Pergunte ao seu barão com que pena quer castigar esse instante de loucura.

— Ia me esquecendo de uma coisa — disse o cônego —, você vai ver que não sou totalmente indigno do perdão que me concede. Aqui está — disse, procurando sobre a mesa, entre seus papéis —, aqui está a denúncia desse infame *col-torto* (hipócrita), veja, assinada *Ascanio Valserra del Dongo*, que deu início a toda essa história; peguei-a ontem à noite nas salas da polícia e fui ao La Scala, na esperança de encontrar alguém que costumasse ir ao seu camarote, por meio de quem eu pudesse entregá-la a você. Há muito tempo uma cópia desse documento está em Viena. Eis o inimigo que devemos combater.

O cônego leu a denúncia junto com a condessa, e combinaram que durante o dia ele lhe enviaria uma cópia por pessoa de confiança. Foi com alegria no coração que a condessa voltou para o palácio Del Dongo.

— É impossível ser homem mais galante que esse antigo *patife* — ela disse à marquesa; esta noite, no La Scala, às dez e quarenta e cinco pelo relógio do teatro, despacharemos todos os que estiverem em nosso camarote, apagaremos as velas, fecharemos nossa porta e, às onze horas, o próprio cônego virá nos dizer o que pôde fazer. Foi o que encontramos de menos comprometedor para ele.

Esse cônego tinha muito espírito; não se atreveu a faltar ao encontro: mostrou grande bondade e uma franqueza sem reservas que só se encontram nos países em que a vaidade não domina todos os sentimentos. A denúncia da condessa ao general Pietranera, seu marido, era um dos grandes remorsos de sua vida, e ele dera um jeito de abolir esse remorso.

De manhã, quando a condessa saía de sua casa, ele pensara com amargura, pois não estava totalmente curado: “Ei-la de amores com o sobrinho. Altiva como é, ter vindo à minha casa!... Na morte desse pobre Pietranera, rejeitou com horror meus préstimos e favores, embora muito cortes e muito bem-apresentados pelo coronel Scotti, seu amante. A bela Pietranera viver com mil e quinhentos francos!”, continuou o cônego,

passando esfogeadado por seu quarto! “Depois, ir morar no castelo de Griante com um abominável *seccatore*,<sup>d</sup> esse marquês Del Dongo!... Agora tudo se explica! Na verdade, esse jovem Fabrice é cheio de encantos, alto, bem-apegoado, um rosto sempre risonho... e, melhor que isso, um certo olhar carregado de doce volúpia... uma fisionomia à Correggio”, acrescentava o cônego com amargura.

“A diferença de idade... não muito grande... Fabrice nascido depois da entrada dos franceses, por volta de 98, parece-me; a condessa pode ter vinte e sete ou vinte e oito anos, impossível ser mais bonita, mais adorável; neste país fértil em belezas, ela bate todas; a Marini, a Gherardi, a Ruba, a Aresi, a Pietragrua,<sup>e</sup> ela vence todas essas mulheres... Viviam felizes, escondidos à beira daquele lindo lago de Como, quando o rapaz quis se juntar a Napoleão... Ainda há almas belas na Itália! E pouco importa o que façam! Querida pátria!... Não”, prosseguiu esse coração inflamado pelo ciúme, “impossível explicar de outra forma essa resignação em vegetar no campo, com o desgosto de ver todos os dias, em todas as refeições, aquela figura horrível do marquês Del Dongo, e mais essa infame fisionomia macilenta do *marchesino* Ascanio, que será pior que o pai!... Pois bem! Vou servi-la, com toda a franqueza. Ao menos terei o prazer de vê-la de outra forma que não seja só com meu binóculo.”

O cônego Borda explicou muito claramente o caso àquelas senhoras. No fundo, Binder tinha muita disposição em ajudar; estava encantado que Fabrice tivesse batido asas antes das ordens que poderiam chegar de Viena; pois Binder não tinha poder de decidir nada, esperava ordens para esse caso como para todos os outros; diariamente despachava a Viena a cópia exata de todas as informações: depois, esperava.

Em seu exílio em Romagnano, era preciso que Fabrice:

1º Não deixasse de ir à missa todo dia, pegasse como confessor um homem inteligente, devotado à causa da monarquia, e só lhe confessasse, no tribunal da penitência, os mais irrepreensíveis sentimentos.

2º Não frequentasse nenhum homem com fama de inteligente, e quando se apresentasse a ocasião devia falar da revolta com horror, e como jamais sendo permitida.

3º Não se mostrasse nos cafés, e nunca devia ler outros jornais além das gazetas oficiais de Turim e de Milão; em geral, mostrar horror pela leitura, jamais ler, sobretudo nenhuma obra impressa depois de 1720, exceto, no máximo, os romances de Walter Scott.

4º Finalmente — acrescentou o cônego com certa malícia —, é preciso, sobretudo, que ele corteje abertamente alguma das lindas mulheres da terra, da classe nobre, evidentemente; isso mostrará que não tem o gênio sombrio e descontente de um conspirador em gestação.

Antes de se deitar, a condessa e a marquesa escreveram a Fabrice duas cartas intermináveis em que lhe explicaram com maravilhosa ansiedade todos os conselhos dados por Borda.

Fabrice não tinha a menor vontade de conspirar: gostava de Napoleão, e em sua qualidade de nobre pensava ter sido feito para ser mais feliz que qualquer outro, e achava os burgueses ridículos. Nunca tinha aberto um livro desde o colégio, ou só tinha lido livros fornecidos pelos jesuítas. Instalou-se a certa distância de Romagnano, num palácio magnífico, uma das obras-primas do famoso arquiteto San Micheli; mas fazia trinta anos que não era habitado, de modo que chovia em todos os aposentos e nenhuma janela

fechava. Apoderou-se dos cavalos do administrador, que ele montava sem cerimônia durante o dia todo; não falava, e refletia. O conselho de pegar uma amante numa família *ultra* lhe pareceu agradável e ele o seguiu literalmente. Escolheu como confessor um jovem padre intrigante que queria se tornar bispo (como o confessor do Spielberg);<sup>5f</sup> mas percorria três léguas a pé e se envolvia num mistério que ele acreditava ser impenetrável para ler *Le Constitutionnel*,<sup>g</sup> que achava sublime. “Isso é tão bonito como Alfieri e Dante!”, costumava exclamar. Fabrice tinha em comum com a juventude francesa o fato de que se ocupava muito mais a sério de seu cavalo e de seu jornal que de sua amante bem-pensante. Mas ainda não havia lugar para a *imitação dos outros* nessa alma ingênua e firme, e ele não fez amigos na sociedade do grande burgo de Romagnano; sua simplicidade passava por ser orgulho; não se sabia o que dizer desse temperamento. “É um caçula descontente por não ser o primogênito”, disse o cura.

a Os ingleses e prussianos, depois da batalha de Waterloo, junto com as forças russas.

b Alexandre d’Andryane (1797-1863), francês de nascimento, ativista das conspirações liberais em Milão, foi preso pelos austríacos em 1823, enviado para a fortaleza de Spielberg, e escreveu as *Memórias de um prisioneiro de Estado*. Silvio Pellico, ver nota 4, de Stendhal, p. 118.

c Pierre Terrail, senhor de Bayard, cavaleiro medieval francês (1473-1524), conquistou inúmeras vitórias para o rei Francisco I. Tornou-se o lendário “*chevalier sans peur et sans reproche*” (cavaleiro sem medo e sem reproche).

d Maçante, chato.

e Nomes verdadeiros de mulheres famosas com as quais Stendhal cruzou em sua primeira visita a Milão, em 1800. Onze anos depois, Angela Pietragrua se tornou sua amante.

f Essa fortaleza em Brno, na Morávia, atual República Tcheca, foi a mais famosa prisão do Império Austro-húngaro.

g Jornal liberal francês, lido pelos que se opunham à ocupação austríaca na Itália.

4 O sr. Pellico tornou esse nome europeu, é o nome da rua de Milão na qual se encontram o palácio e as prisões da polícia. [Silvio Pellico (1789-1854), escritor italiano, carbonário, é autor do relato autobiográfico *Le mie prigioni*, que inspirou muitos trechos de *A cartuxa de Parma*.]

5 Ver as curiosas *Memórias* do sr. Andryane, divertidas como um conto, e que permanecerão, como Tácito.

Admitiremos com sinceridade que o ciúme do cônego Borda não era nem um pouco infundado; em sua volta da França, Fabrice apareceu aos olhos da condessa Pietranera como um belo estrangeiro que outrora ela tivesse conhecido muito. Se ele tivesse falado de amor, ela o teria amado; já não tinha por sua conduta e sua pessoa uma admiração apaixonada e, por assim dizer, sem limites? Mas Fabrice a beijava com tamanha efusão de inocente gratidão e de simples amizade que ela se horrorizaria se tivesse procurado outro sentimento nessa afeição quase filial. “No fundo”, pensava a condessa, “alguns amigos que me conheceram há seis anos, na corte do príncipe Eugène, ainda podem me achar bonita e até mesmo jovem, mas para ele sou uma mulher respeitável... e, se for preciso dizer tudo, sem qualquer consideração por meu amor-próprio, uma mulher de idade.” A condessa se iludia sobre a época da vida a que chegara, mas não como o faria uma dessas mulheres vulgares. “Na idade dele, aliás”, acrescentava, “exageram-se um pouco os estragos do tempo; um homem mais avançado na vida...”

A condessa passeava por seu salão e parou diante de um espelho; depois sorriu. É preciso saber que de uns meses para cá o coração da sra. Pietranera estava seriamente atacado por um personagem singular. Pouco depois da partida de Fabrice para a França, a condessa, que sem reconhecer totalmente já começava a se ocupar muito dele, caíra numa profunda melancolia. Nenhum de seus afazeres lhe parecia prazeroso e, se ousamos dizer assim, todos eram sem sabor; ela pensava que Napoleão, querendo atrair a si os povos da Itália, pegaria Fabrice como ajudante de ordens.

— Ele está perdido para mim! — exclamava, chorando. — Não o verei mais; irá me escrever, mas o que serei para ele daqui a dez anos?

Estava nesse estado de espírito quando fez uma viagem a Milão; ali esperava encontrar notícias mais diretas de Napoleão e quem sabe, talvez por tabela, notícias de Fabrice. Sem confessar a si mesma, essa alma ativa começava a se sentir muito cansada da vida monótona que levava no campo. “É se impedir de morrer”, pensava, “não é viver.” Ver todo dia aquelas figuras *empoadas*, o irmão, o sobrinho Ascanio, os criados de quarto! Que seriam os passeios pelo lago sem Fabrice? Seu único consolo vinha da amizade que a unia à marquesa. Mas fazia algum tempo que essa intimidade com a mãe de Fabrice, mais velha que ela, e já sem esperanças na vida, começava a lhe ser menos agradável.

Esta era a posição singular da sra. Pietranera: tendo Fabrice partido, pouco esperava do futuro; seu coração precisava de consolação e de novidade. Chegando a Milão, tomou-se de paixão pela ópera, então na moda; durante longas horas ia se trancar sozinha no La Scala, no camarote do general Scotti, seu velho amigo. Os homens que tentava encontrar para ter notícias de Napoleão e de seu exército lhe pareciam vulgares e grosseiros. Ao voltar para

casa, improvisava no piano até três horas da madrugada. Uma noite, no La Scala, no camarote de uma de suas amigas, aonde ia à cata de notícias da França, apresentaram-lhe o conde Mosca, ministro de Parma: era um homem amável e que falou da França e de Napoleão de modo a dar a seu coração novas razões de esperar ou de temer. No dia seguinte, retornou a esse camarote: aquele homem de espírito voltou também, e durante todo o espetáculo conversaram prazerosamente. Desde a partida de Fabrice ela não tivera uma noite tão animada como aquela. Esse homem que a divertia, o conde Mosca della Rovere Sorezana,<sup>a</sup> era então ministro da Guerra, da Polícia e das Finanças do famoso príncipe de Parma, Ernest IV, muito famoso por suas severidades, que os liberais de Milão chamavam de crueldades. Mosca podia ter de quarenta a quarenta e cinco anos; tinha feições finas, nenhum rasgo de importância, e um ar simples e alegre que contava em seu favor; ainda estaria melhor se uma esquisitice de seu príncipe não o tivesse obrigado a usar pó nos cabelos, como testemunho de bons sentimentos políticos. Como na Itália pouco se teme chocar a vaidade, chega-se muito depressa ao tom da intimidade e a dizer coisas pessoais. O corretivo desse costume é, quando alguém se sente magoado, não rever quem o magoou.

— Mas por que, conde, o senhor usa pó? — perguntou-lhe a sra. Pietranera na terceira vez que o viu. — Pó! Um homem agradável, ainda jovem, e que fez a guerra na Espanha conosco!

— É que eu nada roubei nessa Espanha, e é preciso viver. Eu vivia alucinado pela glória; uma palavra lisonjeira do general francês, Gouvion-Saint-Cyr, que nos comandava, era, na época, tudo para mim. Na queda de Napoleão, aconteceu que, enquanto eu devorava meus bens a serviço dele, meu pai, homem de imaginação e que já me via general, construía para mim um palácio em Parma. Em 1813, vi que eu tinha como único bem um grande palácio para terminar e uma pensão.

— Uma pensão: três mil e quinhentos francos, como meu marido?

— O conde Pietranera era general de divisão. Minha pensão, pobre chefe de esquadrão, nunca foi mais que oitocentos francos, e ainda assim só fui pago depois que me tornei ministro das Finanças.

Como ali no camarote só havia mais uma pessoa, uma senhora de opiniões muito liberais a quem ele pertencia, a conversa continuou com a mesma franqueza. O conde Mosca, perguntado, falou de sua vida em Parma.

— Na Espanha, na época do general Saint-Cyr, enfrentei tiros de fuzil para ganhar a cruz<sup>b</sup> e um pouco de glória, agora me visto como um personagem de comédia para ganhar um alto padrão de vida e alguns milhares de francos. Quando entrei nessa espécie de jogo de xadrez, chocado com as insolências de meus superiores, quis ocupar um dos primeiros postos; e consegui: porém, meus dias mais felizes continuam a ser aqueles que, vez por outra, posso vir passar em Milão; aqui ainda vive, parece-me, o coração do exército de vocês na Itália.

A franqueza, a *disinvoltura* com que falava esse ministro de um príncipe tão temido excitou a curiosidade da condessa; pelo título dele, ela tivera a impressão de encontrar um pedante cheio de importância, mas via um homem envergonhado da gravidade de seu posto. Mosca prometera lhe passar todas as notícias da França que conseguisse recolher:

isso era uma grande indiscrição em Milão, naquele mês que precedeu Waterloo; para a Itália, tratava-se, então, de ser ou não ser; em Milão, todos estavam com febre, febre de esperança ou de temor. Em meio a essa agitação universal, a condessa andou indagando a respeito desse homem que falava com tanta irreverência de um posto tão invejado e que era seu único meio de vida.

Coisas curiosas e de interessante bizarrice foram contadas à sra. Pietranera:

— O conde Mosca della Rovere Sorezana — disseram-lhe — está prestes a se tornar primeiro-ministro e favorito declarado de Ranuce-Ernest IV, soberano absoluto de Parma, e, além disso, um dos príncipes mais ricos da Europa. O conde já teria chegado a esse posto supremo se tivesse aceitado adotar um jeito mais circunspecto; dizem que volta e meia o príncipe lhe passa um carão a esse respeito.

— Que importam minhas maneiras a Vossa Alteza, se cumpro bem minhas obrigações? — ele responde, livremente.

— A felicidade desse favorito — acrescentava-se — não é sem espinhas. É preciso agradar a um soberano, homem de sentimentos e de espírito, sem dúvida, mas que, desde que subiu a um trono absoluto, parece ter perdido o juízo e mostra, por exemplo, desconfianças dignas de uma mulherzinha.

Ernest IV só é corajoso na guerra. Nos campos de batalha, viram-no vinte vezes guiar uma coluna no ataque, como um valente general; mas, depois da morte do pai, Ernest III, ao voltar aos seus estados, onde, para sua desgraça, tem um poder sem limites, ele se pôs a deblaterar loucamente contra os liberais e a liberdade. Não demorou a imaginar que o odiavam; por fim, num momento de mau humor, mandou enforcar dois liberais, talvez culpados, aconselhado a isso por um miserável chamado Rassi, espécie de ministro da Justiça.

Desde esse momento fatal, a vida do príncipe mudou; vemo-lo atormentado pelas suspeitas mais estranhas. Não tem cinquenta anos, e o medo o diminuiu tanto, se é possível dizer assim, que basta falar dos jacobinos e dos projetos do comitê diretor de Paris para que vejam nele a fisionomia de um velho de oitenta anos; torna a cair nos medos quiméricos da primeira infância. Seu favorito Rassi, promotor geral (ou grande juiz), só tem influência por causa dos medos do chefe; e basta que ele tema por sua própria reputação para se apressar em descobrir alguma nova conspiração, das mais negras e das mais quiméricas. Trinta imprudentes se reúnem para ler um número de *Le Constitutionnel*, e Rassi os declara conspiradores e os despacha como prisioneiros para essa famosa cidadela de Parma, terror de toda a Lombardia. Como ela é muito alta, cento e oitenta pés, dizem, é possível avistá-la de muito longe, do meio da planície imensa; e a forma física dessa prisão, da qual se contam coisas horríveis, e o medo que dela se tem, a tornam a rainha de toda essa planície que se estende de Milão a Bolonha.

— A senhora acreditaria? — disse à condessa um outro viajante. — À noite, no terceiro andar de seu palácio, vigiado por oitenta sentinelas que, a cada quinze minutos, berram uma frase inteira, Ernest IV treme em seu quarto. Com todas as portas fechadas por dez trancas, e os cômodos vizinhos, tanto acima como abaixo, repletos de soldados, ele tem medo dos jacobinos. Se uma tábua do soalho começa a ranger, pula para cima de suas pistolas e acredita que há um liberal escondido debaixo de sua cama. Logo todas as

campainhas do castelo se põem a tocar, e um ajudante de ordens vai acordar o conde Mosca. Chegando ao castelo, esse ministro da Polícia evita negar a conspiração: ao contrário, a sós com o príncipe, e armado até os dentes, revista todos os cantos dos aposentos, olha debaixo das camas, em suma, entrega-se a uma profusão de gestos ridículos, dignos de uma velha senhora. Todas essas precauções pareceriam bem degradantes para o próprio príncipe nos tempos felizes em que ele guerreava e não matava ninguém senão com tiros de fuzil. Como é um homem de imensa inteligência, tem vergonha dessas precauções; parecem-lhe ridículas, mesmo quando se dedica a elas, e a fonte do imenso prestígio do conde Mosca é que ele emprega toda a sua habilidade para fazer com que o príncipe nunca tenha de corar em sua presença. É ele, Mosca, que, em sua qualidade de ministro da Polícia, insiste em olhar debaixo dos móveis, e, dizem em Parma, até dentro dos estojos dos contrabaixos. É o príncipe que se opõe e que brinca com seu ministro sobre seus escrúpulos excessivos. “Isto é uma aposta”, responde-lhe o conde Mosca, “pense nos sonetos satíricos com que os jacobinos nos esmagariam se deixássemos que o matassem. Não é apenas sua vida que defendemos, é nossa honra.” Mas parece que o príncipe só se deixa enganar pela metade, pois, se alguém na cidade resolve dizer que, na véspera, se passou uma noite em claro no castelo, o promotor geral Rassi despacha para a cidadela quem fez a brincadeira de mau gosto; e, uma vez dentro dessa morada elevada e *muito arejada*, como se diz em Parma, só mesmo um milagre para que alguém se lembre do prisioneiro. É por ser ele militar, e por na Espanha ter se salvado vinte vezes com a pistola na mão, em meio a surpresas, que o príncipe prefere o conde Mosca a Rassi, que é bem mais flexível e mais vil. Esses desgraçados prisioneiros da cidadela estão no mais rigoroso sigilo, e inventam-se histórias sobre eles. Os liberais pretendem que, por invenção de Rassi, os carcereiros e confessores têm ordem de persuadi-los de que mais ou menos uma vez por mês um deles é conduzido à morte. Nesse dia, os presos são autorizados a subir até a esplanada da imensa torre, a cento e oitenta pés de altura, e de lá veem desfilar um cortejo, com um espião fazendo o papel de um pobre-diabo caminhando para a morte.

Essas histórias, e vinte outras do mesmo gênero e não menos autênticas, interessavam vivamente a sra. Pietranera; no dia seguinte, pediu detalhes ao conde Mosca, com quem fazia brincadeiras, alegremente. Achava-o engraçado e lhe afirmava que, no fundo, ele era um monstro sem suspeitá-lo. Um dia, voltando para seu hotel, o conde pensou: “Não só essa condessa Pietranera é uma mulher encantadora, mas quando passo a noite em seu camarote consigo esquecer certas coisas de Parma cuja lembrança me trespassa o coração”.

“Esse ministro, apesar de seu ar leviano e de suas maneiras brilhantes, não tinha uma alma *à francesa*; não sabia *esquecer* as tristezas. Quando à cabeceira de sua cama tinha um espinho, era obrigado a quebrá-lo e a gastá-lo de tanto espetá-lo em seus membros palpitantes.” Peço perdão por essa frase, traduzida do italiano. No dia seguinte dessa descoberta, o conde achou que, apesar dos negócios que o chamavam a Milão, o dia estava imensamente longo; não conseguia parar quieto; cansou os cavalos de sua carruagem. Lá pelas seis da tarde, montou a cavalo para ir ao *Corso*; tinha uma leve esperança de encontrar a sra. Pietranera; não a tendo visto, lembrou-se de que às oito horas o La Scala abria; entrou e não viu nem dez pessoas naquela sala imensa. Sentiu certo pudor de se encontrar ali. “É possível”, pensou, “que aos quarenta e cinco anos feitos eu cometa

loucuras de ruborizar um subtenente? Felizmente, ninguém suspeita delas.” Saiu e tentou matar o tempo passeando por aquelas ruas tão bonitas que rodeiam o teatro La Scala. Elas são ocupadas por cafés que, àquela hora, estão repletos de gente; diante de cada um desses cafés, multidões de curiosos instalados em cadeiras, no meio da rua, tomam sorvetes e criticam os passantes. O conde era um transeunte digno de nota; assim, teve o prazer de ser reconhecido e abordado. Três ou quatro importunos, desses que não podemos despachar bruscamente, aproveitaram a ocasião para ter uma audiência com um ministro tão poderoso. Dois lhe entregaram pedidos; o terceiro se contentou em lhe dar conselhos muito longos sobre seu comportamento político.

— Não se dorme — disse ele — quando se tem tanto talento; não se passeia quando se é tão poderoso.

Entrou no teatro e teve a ideia de alugar um camarote na terceira fila; de lá seus olhares poderiam mergulhar, sem ser notados por ninguém, no camarote da segunda fila, aonde esperava ver a condessa chegar. Duas horas de espera não pareceram longas demais para esse apaixonado; seguro de não ser visto, entregou-se feliz à toda a sua loucura. A velhice, pensava, não é antes de tudo não ser mais capaz dessas deliciosas infantilidades?

Finalmente a condessa apareceu. Armado com seu binóculo, examinava-a, arrebatado. Moça, brilhante, leve como um pássaro, pensava ele, não tem vinte e cinco anos. Sua beleza é seu menor encanto: onde mais encontrar essa alma sempre sincera, que jamais age *com prudência*, que se entrega por inteiro à impressão do momento, que só pede para ser arrastada por algum novo objeto? “Posso entender as loucuras do conde Nani.”

O conde descobria em si mesmo excelentes razões para ser louco, à medida que só pensava em conquistar a felicidade que via diante dos olhos. Não as achava tão boas quando considerava sua idade e as preocupações por vezes muito tristes que preenchiam sua vida. “Um homem astuto, a quem o medo priva de juízo, me concede uma vida esplêndida e muito dinheiro para ser seu ministro; mas, se amanhã me despedir, fico velho e pobre, isto é, tudo o que há no mundo de mais desprezado; eis um agradável personagem para oferecer à condessa!” Esses pensamentos eram muito negros, e ele voltou à sra. Pietranera; não conseguia se cansar de olhá-la, e para melhor pensar nela não descia de seu camarote. “Ela só pegou Nani, acabam de me dizer, para pregar uma peça a esse imbecil de Limercati, que não quis ouvir falar de desferir um golpe de espada ou mandar alguém dar uma punhalada no assassino do marido dela. Eu lutaria vinte vezes por ela!”, exclamou o conde, entusiasmado. A todo instante consultava o relógio do teatro que, com algarismos resplandecentes de luz e se destacando contra um fundo preto, alerta os espectadores, a cada cinco minutos, sobre o momento em que é permitido entrarem no camarote de um amigo. O conde pensava: “Eu só seria capaz de passar meia hora, no máximo, no camarote dela, eu, um conhecido recente; se ficar mais que isso, chamarei a atenção, e por conta de minha idade, e mais ainda dessas malditas perucas empoadas, ficarei parecendo um atraente Cassandro”.<sup>c</sup> Mas uma reflexão o decidiu de repente: “Se ela fosse sair do camarote para fazer uma visita, eu seria muito recompensado pela avareza com que me estou poupando esse prazer”. Levantou-se para descer até o camarote em que via a condessa; de súbito, praticamente perdeu a vontade de aparecer ali. “Ah! Isso sim é que tem graça”, exclamou, rindo de si mesmo e parando na escada; “é um gesto de genuína

timidez! Eis que faz vinte e cinco anos que tal aventura não me acontece.”

Entrou no camarote fazendo quase um esforço consigo mesmo; e, como homem inteligente, aproveitando-se do incidente que lhe acontecia, nem de longe procurou mostrar desembaraço ou se fazer de espirituoso atirando-se em algum relato divertido; teve a coragem de ser tímido, empregou sua inteligência em deixar entrever sua perturbação sem ser ridículo. “Se ela tomar mal a coisa”, pensou, “estou perdido para sempre. Como? Tímido, cabelos cobertos de pó, e que sem o auxílio da peruca empoada pareceriam grisalhos?! Mas, afinal, isso é um fato, portanto não pode ser ridículo, a não ser que eu exagere ou o transforme em troféu.” A condessa se enfastiara tanto no castelo de Griante, diante das figuras empoadas do irmão, do sobrinho e de alguns enfadonhos bem-pensantes da vizinhança, que não cogitou em se preocupar com o penteado de seu novo adorador.

Sendo o espírito da condessa um escudo contra a gargalhada inicial, ela só prestou atenção às notícias da França que Mosca sempre tinha para lhe dar especialmente quando chegava ao seu camarote; é provável que ele inventasse. Discutindo-as com ele, a condessa observou, naquela noite, que seu olhar era bonito e benevolente.

— Imagino — ela lhe disse — que em Parma, no meio de seus escravos, você não terá esse olhar afável, pois isso estragaria tudo e lhes daria alguma esperança de não ser enforcados.

A absoluta ausência de presunção de um homem que tinha fama de ser o primeiro diplomata da Itália pareceu singular à condessa; ela até achou que o conde era atraente. Afinal, como ele falava bem e animadamente, não a chocou o fato de ter ele julgado conveniente assumir por uma noite, e sem consequências, o papel de admirador.

Foi um grande passo dado, e bem perigoso; felizmente para o ministro, que em Parma não encontrava mulheres cruéis, só fazia poucos dias que a condessa chegara de Griante; seu espírito ainda estava um tanto insensível devido ao tédio da vida campestre. Ela como que se esquecera dos gracejos; e todas as coisas que fazem parte de um modo de vida elegante e leve tinham assumido a seus olhos como que um matiz de novidade que as tornava sagradas; não estava disposta a caçoar de nada, nem mesmo de um apaixonado de quarenta e cinco anos e tímido. Uma semana depois, a temeridade do conde poderia ter recebido uma acolhida muito diferente.

No La Scala, é de praxe não durarem mais que vinte minutos essas visitinhas feitas aos camarotes; o conde passou a noite toda naquele onde tinha a felicidade de encontrar a sra. Pietranera. “É uma mulher”, pensava, “que me devolve todas as loucuras da mocidade!” Mas sentia muito bem o perigo. “Minha qualidade de paxá todo-poderoso a quarenta léguas daqui me fará perdoar essa insensatez? Eu me aborreço tanto em Parma!” Todavia, de quinze em quinze minutos prometia a si mesmo ir embora.

— Há que confessar, senhora — disse, rindo à condessa —, que em Parma eu morro de tédio, e deve me ser permitido inebriar-me de prazer quando encontro algum em meu caminho. Assim, sem consequência, e por uma noite, permita-me representar perto de si o papel de apaixonado. Infelizmente, daqui a poucos dias estarei bem longe deste camarote que me faz esquecer todas as tristezas e até mesmo, a senhora dirá, todas as conveniências.

Uma semana depois dessa visita fundamental ao camarote do La Scala, e em seguida a vários pequenos incidentes cujo relato talvez parecesse longo, o conde Mosca estava

completamente louco de amor e a condessa já pensava que a idade não devia ser uma objeção, se o achasse agradável. Estavam nesses pensamentos quando Mosca foi chamado por um correio de Parma. Pelo visto, seu príncipe estava com medo de ficar sozinho. A condessa regressou a Griante; como sua imaginação já não embelezava aquele adorável lugar, ele lhe pareceu deserto. “Teria eu me afeiçoado a esse homem?”, pensou. Mosca escreveu e não teve de representar nada, pois a ausência lhe secara a fonte de todos os seus pensamentos; suas cartas eram divertidas, e por uma pequena singularidade que não foi levada a mal, e que visava evitar os comentários do marquês Del Dongo, o qual não gostava de pagar o porte das cartas, ele enviava mensageiros que entregavam suas cartas na posta de Como, em Lecco, em Varese ou em alguma outra dessas cidadezinhas encantadoras dos arredores do lago. Com isso, Mosca visava obter que o mensageiro trouxesse as respostas; conseguiu.

Logo os dias de correio passaram a ser um acontecimento para a condessa; esses correios levavam flores, frutas, presentinhos sem valor mas que a divertiam, bem como à sua cunhada. A lembrança do conde misturava-se à ideia de seu grande poder; a condessa se tornara curiosa de tudo o que se dizia a respeito dele, e até os próprios liberais prestavam homenagem a seus talentos.

A principal fonte da má reputação do conde é que ele passava por ser o chefe do partido *ultra* na corte de Parma, e que o partido liberal tinha à sua frente uma intrigante capaz de tudo, e até mesmo de triunfar, a marquesa Raversi, imensamente rica. O príncipe era muito atento a não desencorajar aquele dos dois partidos que não estava no poder; sabia muito bem que sempre seria o chefe, mesmo com um ministério formado no salão da sra. Raversi. Em Griante corriam mil detalhes sobre essas intrigas; a ausência de Mosca, que todos pintavam como um ministro do maior talento e um homem de ação, permitia não mais pensar nas perucas empoadas, símbolo de tudo o que é lento e triste; era um detalhe sem importância, uma das obrigações da corte, na qual, aliás, ele exercia um tão belo papel. “Uma corte é algo ridículo”, dizia a condessa à marquesa, “mas é divertido; é um jogo que interessa, cujas regras é preciso aceitar. Quem jamais teve a ideia de gritar contra o ridículo das regras do uíste? No entanto, uma vez que nos acostumamos com as regras, é agradável repicar e dar capote no adversário.” A condessa costumava pensar no autor de tantas cartas amáveis. O dia em que as recebia era-lhe agradável; pegava seu barco e ia lê-las nos belos lugares do lago, na Pliniana, em Belan, no bosque dos Sfondrata. Essas cartas pareciam consolá-la um pouco da ausência de Fabrice. Pelo menos, não podia recusar ao conde o fato de ele estar muito apaixonado; um mês não se passara e pensava nele com carinhosa amizade. De seu lado, o conde Mosca mostrou-se quase de boa-fé quando lhe propôs pedir demissão, sair do ministério e irem viver juntos em Milão ou em outro lugar.

— Tenho quatrocentos mil francos — acrescentou —, o que sempre nos dará quinze mil libras de renda.

“Mais uma vez um camarote, cavalos! etc.”, pensava a condessa; eram sonhos simpáticos. As belezas sublimes das paisagens do lago de Como recomeçaram a encantá-la. Ia sonhar em suas margens com esse retorno à vida brilhante e singular que, contra todas as aparências, para ela tornava a ser possível. Via-se no Corso, em Milão, feliz e animada como no tempo do vice-rei. “A juventude, ou pelo menos a vida ativa, recomeçaria para

mim!”

Às vezes sua imaginação ardente lhe escondia as coisas, mas com ela nunca existiam essas ilusões voluntárias resultantes da covardia. Era, acima de tudo, uma mulher de boa-fé consigo mesma. “Se sou um pouco velha para fazer loucuras”, pensava, “o desejo, que se ilude tanto quanto o amor, pode envenenar minha temporada em Milão. Depois da morte de meu marido, minha pobreza nobre teve sucesso, assim como a recusa de duas grandes fortunas. Meu pobre pequeno conde Mosca não tem a vigésima parte da opulência que punham a meus pés esses dois patetas Limercati e Nani. A mirrada pensão de viúva obtida a duras penas, os empregados despedidos, coisa que deu o que falar, o quartinho do quinto andar que atraía vinte carruagens à minha porta, tudo isso formava, outrora, um espetáculo singular. Mas terei momentos desagradáveis, por mais habilidade que demonstre, se, tendo como única fortuna a pensão de viúva, eu voltar a viver em Milão com o bom confortozinho burguês que podem nos dar as quinze mil libras que restarão a Mosca depois de sua demissão. Uma poderosa objeção, que para os invejosos será uma arma terrível, é que o conde, embora separado da mulher há muito tempo, é casado. Essa separação é conhecida em Parma, mas em Milão será uma novidade, que atribuirão a mim. Portanto, meu belo teatro de La Scala, meu divino lago de Como... adeus! adeus!”

Apesar de todas essas previsões, se a condessa tivesse a menor fortuna teria aceitado a proposta da demissão de Mosca. Considerava-se uma mulher de idade, e a corte lhe dava medo; mas o que parecerá completamente inverossímil neste lado dos Alpes é que o conde pedisse demissão com prazer. Pelo menos, foi disso que ele chegou a convencer sua amiga. Em todas as suas cartas solicitava com loucura sempre crescente um segundo encontro em Milão; foi-lhe concedido.

— Jurar que sinto por você uma paixão louca — disse-lhe a condessa, um dia em Milão — seria mentir; eu seria muito feliz por amar hoje, com trinta anos feitos, como outrora amava aos vinte e dois! Mas vi caírem tantas coisas que eu pensava ser eternas! Tenho por você a mais terna amizade, concedo-lhe uma confiança sem limites, e de todos os homens você é o que prefiro.

A condessa se julgava perfeitamente sincera, mas o final dessa declaração continha uma pequena mentira. Se Fabrice tivesse desejado, teria talvez triunfado por completo dentro do coração da condessa. Mas Fabrice não passava de uma criança aos olhos do conde Mosca; este chegara a Milão três dias depois da partida do jovem atordoado para Novara, e se apressou a interceder em seu favor junto ao barão Binder. O conde pensou que o exílio era um caso irremediável.

Não chegara sozinho a Milão, pois trazia em sua carruagem o duque Sanseverina-Taxis, bonito velhote de sessenta e oito anos, grisalho, bem-educado, bem-arrumado, imensamente rico, mas não bastante nobre. Sua fortuna vinha apenas do avô, que amealhara milhões no cargo de arrecadador geral dos impostos do estado de Parma. Seu pai se fizera nomear embaixador do príncipe de Parma na corte de \*\*\*, como resultado do seguinte raciocínio:

— Vossa Alteza concede trinta mil francos a seu enviado à corte de \*\*\*, o qual é ali uma figura muito medíocre. Caso se digne a me dar esse posto, aceitarei seis mil francos de ordenado. Minha despesa na corte de \*\*\* jamais será inferior a cem mil francos por ano, e

meu intendente entregará todo ano vinte mil francos à caixa dos Negócios Estrangeiros em Parma. Com essa quantia, poderão instalar a meu lado qualquer secretário de embaixada que desejarem, e não me mostrarei nem um pingo curioso dos segredos diplomáticos, se houver algum. Meu objetivo é dar brilho à minha linhagem, ainda nova, e ilustrá-la por meio de um dos grandes cargos do país.

O atual duque, filho daquele embaixador, cometera a inabilidade de se mostrar meio liberal, e fazia dois anos que estava desesperado. Na época de Napoleão, perdera dois ou três milhões por causa de sua obstinação em permanecer no estrangeiro, e todavia, desde o restabelecimento da ordem na Europa, não conseguira obter uma certa condecoração que enfeitava o retrato de seu pai; a ausência dessa condecoração o estava consumindo.

No nível de intimidade que na Itália acompanha o amor, já não havia qualquer objeção de vaidade entre os dois amantes. Portanto, foi com a mais perfeita simplicidade que Mosca disse à mulher que ele adorava:

— Tenho dois ou três planos de conduta a lhe oferecer, todos muito bem arquitetados; há três meses só penso nisso.

“1<sup>o</sup> Peço demissão, e viveremos como bons burgueses em Milão, Florença, Nápoles, onde você quiser. Temos quinze mil libras de renda, independentemente dos favores do príncipe, que durarão mais ou menos.

“2<sup>o</sup> Você aceita vir para esta terra onde eu posso ser alguma coisa, compra uma propriedade, Sacca, por exemplo, uma casa encantadora, no meio da floresta, dominando o curso do Pó, e pode conseguir o contrato de venda assinado daqui a oito dias. O príncipe lhe dá uma posição na corte. Mas aqui se apresenta uma enorme objeção. Não de recebê-la muito bem nesta corte; ninguém sonharia em protestar diante de mim; aliás, a princesa se considera infeliz, e acabo de fazer a ela certos favores, pensando em você. Mas lembro uma objeção capital: o príncipe é perfeitamente devoto, e, como você também sabe, quer a fatalidade que eu seja casado. Daí, um milhão de contrariedades menores. Você é viúva, o que é um belo título que se deveria trocar por outro, e isso é o objeto de minha terceira proposta: poderíamos encontrar um novo marido que não incomode. Mas, primeiro, ele precisaria ser de idade muito avançada, pois, do contrário, por que você me recusaria a esperança de substituí-lo um dia? Pois bem! Cheguei a esse acordo peculiar com o duque Sanseverina-Taxis, que, bem entendido, não sabe o nome da futura duquesa. Sabe apenas que ela o fará embaixador e lhe dará a grande condecoração que o pai dele possuía, e cuja ausência o torna o mais desafortunado mortal. Com o pequeno detalhe de que esse duque não é um rematado imbecil; manda vir de Paris suas roupas e suas perucas. Não é, de jeito nenhum, homem de fazer maldades *premeditadas*, acredita piamente que a honra consiste em ter uma condecoração, e tem vergonha de seus bens. Há um ano veio me propor fundar um hospital para ganhar essa condecoração; caçoei dele, mas ele não zombou de mim quando lhe propus um casamento; minha primeira condição foi, bem entendido, que nunca mais ele poria os pés em Parma.

— Mas sabe que isso que me propõe aqui é muito imoral? — indagou a condessa.

— Não mais imoral do que tudo que se fez em nossa corte e em vinte outras. O poder absoluto tem isto de cômodo: tudo santifica, aos olhos da população; ora, o que é um ridículo do qual ninguém se dá conta? Nossa política, durante os próximos vinte anos,

consistirá em ter medo dos jacobinos, e que medo! Todo ano acreditaremos estar às vésperas de 1793.<sup>d</sup> Você ouvirá, espero, as frases que faço sobre isso nas minhas recepções! É bonito! Tudo o que puder minorar um pouco esse medo será *sumamente* moral aos olhos dos nobres e dos devotos. Ora, em Parma todos os que não são nobres ou devotos estão na prisão, ou fazendo suas trouxas para entrar nela; convença-se de vez de que esse casamento só parecerá, entre nós, algo singular no dia em que eu cair em desgraça. Esse arranjo não é uma patifaria com ninguém, isso é o essencial, parece-me. O príncipe, de cujos favores fazemos ofício e comércio, só impôs uma condição para seu consentimento, é que a futura duquesa tivesse nascido nobre. No ano passado, meu lugar, com tudo calculado, me valeu cento e sete mil francos; minha renda deve ter sido, no total, cento e vinte e dois mil; apliquei vinte mil em Lyon. Pois bem! Escolha: 1<sup>o</sup> uma esplêndida existência, baseada em cento e vinte e dois mil francos para gastar, o que, em Parma, equivale a pelo menos quatrocentos mil em Milão, mas com esse casamento que lhe dá o sobrenome de um homem sofrível e que você jamais verá senão no altar, ou, 2<sup>o</sup>, a vidinha burguesa com quinze mil francos em Florença ou em Nápoles, pois sou de sua opinião e acho que a admiraram demais em Milão; ali a inveja nos perseguiria e talvez conseguisse nos deixar de mau humor. A vida esplêndida em Parma terá, espero, certos toques de novidade, mesmo para seus olhos que viram a corte do príncipe Eugène; seria sensato conhecê-la antes de fechar-lhe a porta. Não creia que tento influenciar sua opinião. Quanto a mim, minha escolha está bem decidida: prefiro viver num quarto andar com você a prosseguir sozinho essa fantástica existência.

A possibilidade desse estranho casamento foi debatida diariamente pelos dois amantes. A condessa viu no baile do La Scala o duque Sanseverina-Taxis, que lhe pareceu muito apresentável. Numa de suas últimas conversas, Mosca resumiu assim sua proposta: “É preciso tomar uma decisão firme se quisermos passar o resto de nossas vidas de modo alegre e não envelhecemos antes do tempo. O príncipe deu sua aprovação; Sanseverina é um personagem mais para o bem que para o mal; possui o mais lindo palácio de Parma e uma fortuna sem limites; tem sessenta e oito anos e uma paixão alucinada pela grande condecoração; mas uma grande mancha estraga sua vida, pois outrora comprou por dez mil francos um busto de Napoleão feito por Canova. Seu segundo pecado, que o fará morrer se você não ajudá-lo, é ter emprestado vinte e cinco napoleões a Ferrante Palla, um louco do nosso país, mas de certa forma um homem de gênio, que desde então condenamos à morte, felizmente, à revelia. Esse Ferrante compôs em sua vida duzentos versos, que não podem se comparar com coisa nenhuma; vou recitá-los para você, é tão bonito quanto Dante. O príncipe envia Sanseverina à corte de \*\*\*, ele a desposa no dia da partida, e no segundo ano dessa temporada, a que ele chamará de embaixada, recebe essa condecoração de \*\*\* sem a qual não consegue viver. Nele você terá um irmão que não será nem um pouco desagradável, ele assina de antemão todos os documentos que eu quiser, e além disso você o verá pouco ou nunca, como lhe convier. Tudo o que deseja é não se mostrar em Parma, onde o avô arrecadador de impostos e seu pretenso liberalismo o incomodam. Rassi, nosso carrasco, alega que o duque foi assinante, secretamente, de *Le Constitutionnel*, por intermédio de Ferrante Palla, o poeta, e por muito tempo essa calúnia foi sério obstáculo ao consentimento do príncipe.”

Por que o historiador, que segue fielmente os menores detalhes do relato que lhe fizeram, seria culpado? É culpa sua se os personagens, seduzidos por paixões que ele não compartilha, infelizmente para ele, caem em ações profundamente imorais? É verdade que coisas dessa natureza não mais se praticam num país onde a única paixão que sobrevive a todas as outras é o dinheiro, meio de se satisfazer a vaidade.

Três meses depois dos acontecimentos contados até aqui, a duquesa Sanseverina-Taxis surpreendia a corte de Parma com sua afabilidade fácil e a nobre serenidade de seu espírito; sua casa foi, sem comparação, a mais agradável da cidade. Foi isso que o conde Mosca prometera a seu chefe. Ranuce-Ernest IV, o príncipe reinante, e sua mulher, a princesa, aos quais ela foi apresentada por duas das maiores damas do país, lhe fizeram uma recepção muito distinta. A duquesa estava curiosa para ver aquele príncipe dono do destino do homem que ela amava, quis agradá-lo e conseguiu muito bem. Encontrou um homem de estatura alta, mas um pouco cheio; seus cabelos, seus bigodes, suas enormes suíças eram, segundo as cortesãs, de um belo louro; em outro lugar teriam suscitado, por sua cor desbotada, a qualificação ignóbil de *ruços*. No meio do rosto gordo sobressaía muito pouco um nariz pequenininho, quase feminino. Mas a duquesa observou que, para notar todos esses motivos de feiura, era preciso analisar detalhadamente as feições do príncipe. No conjunto, tinha um jeito de homem inteligente e de caráter firme. O porte do príncipe, sua maneira de se apresentar, não eram sem majestade, mas volta e meia queria se impor ao interlocutor; então, ele mesmo se atrapalhava e caía num balanço quase contínuo de uma perna para a outra. Aliás, Ernest IV tinha um olhar penetrante e dominador; os gestos de seus braços mostravam nobreza e suas palavras eram a um só tempo comedidas e concisas.

Mosca prevenira a duquesa de que o príncipe tinha, no grande gabinete onde recebia em audiência, um retrato de Luís XIV em pé, e uma mesa muito bonita de *scagliola*<sup>e</sup> de Florença. Ela achou que a imitação era impressionante; evidentemente, ele buscava o olhar e a fala nobre de Luís XIV, e se apoiava na mesa de *scagliola* de modo a se dar ares de José II. Sentou-se logo depois das primeiras palavras dirigidas à duquesa, a fim de lhe dar o ensejo de fazer uso do *tabouret*<sup>f</sup> que cabia à sua posição. Nessa corte, as duquesas, princesas e mulheres dos grandes de Espanha se sentam por conta própria; as outras mulheres esperam que o príncipe ou a princesa as convidem a isso; e, para marcar a diferença das posições, essas augustas pessoas têm sempre o cuidado de deixar passar um pequeno intervalo antes de convidar as damas não duquesas a se sentar. A duquesa achou que em certos momentos a imitação de Luís XIV era, no príncipe, um pouco exagerada; por exemplo, em seu modo de sorrir com bondade, enquanto virava a cabeça para trás.

Ernest IV vestia um fraque da moda, vindo de Paris; todo mês lhe enviavam dessa cidade, que ele abominava, um fraque, uma casaca e um chapéu. Mas, por uma estranha mistura de costumes, no dia em que a duquesa foi recebida ele usava uma calça vermelha, meias de seda e sapatos de gáspea muito alta, cujos modelos podemos encontrar nos retratos de José II.

Recebeu com graça a sra. Sanseverina; disse-lhe coisas espirituosas e finas; mas ela observou muito bem que não havia exagero na boa recepção.

— Sabe por quê? — indagou o conde Mosca no retorno da audiência. — É porque Milão

é uma cidade maior e mais bonita que Parma. Dando-lhe a acolhida que eu esperava e que ele me fizera esperar, temia ficar parecendo um provinciano em êxtase diante das graças de uma bela dama que chega da capital. Provavelmente também ainda esteja contrariado com uma peculiaridade que não me atrevo a lhe contar: o príncipe não vê em sua corte nenhuma mulher que possa disputar com você em *beleza*. Ontem à noite, na hora de se deitar, esse foi o único assunto da conversa dele com Pernice, seu primeiro criado de quarto, que tem certas bondades comigo. Prevejo uma pequena revolução na etiqueta; meu maior inimigo nesta corte é um idiota a quem chamam de general Fabio Conti. Imagine um excêntrico que esteve na guerra talvez um dia de sua vida, e que parte daí para imitar o comportamento de Frederico, o Grande. Ademais, também faz questão de reproduzir a afabilidade nobre do general Lafayette,<sup>8</sup> e isso porque é aqui o chefe do partido liberal. (Deus sabe que tipo de liberais!)

— Conheço Fabio Conti — disse a duquesa —; eu o vi perto de Como, ele brigava com os gendarmes.

Contou a pequena aventura de que o leitor talvez se lembre.

— Um dia saberá, duquesa, se acaso seu espírito conseguir penetrar nos segredos de nossa etiqueta, que as senhoritas só aparecem na corte depois do casamento. Pois bem, o príncipe tem pela superioridade da cidade de Parma sobre todas as outras um patriotismo tão ardente que eu apostaria que dará um jeito para que lhe apresentem a pequena Clélia Conti, filha de nosso Lafayette. Ela é encantadora, palavra, e há uma semana ainda passava por ser a mais bela pessoa dos estados do príncipe. Não sei — continuou o conde — se os horrores que os inimigos do soberano publicaram sobre ele chegaram ao castelo de Griante; fizeram dele um monstro, um bicho-papão. O fato é que Ernest IV tinha uma profusão de boas pequenas virtudes, e pode-se acrescentar que, se tivesse sido invulnerável como Aquiles, teria continuado a ser o modelo dos potentados. Mas, num momento de tédio e de raiva, e também um pouco para imitar Luís XIV mandando cortar a cabeça de não sei qual herói da Fronda quando se descobriu que o homem vivia tranquila e insolentemente numa propriedade ao lado de Versailles, cinquenta anos depois da Fronda, Ernest IV mandou enforcar, um belo dia, dois liberais. Parece que esses imprudentes se reuniam em dias fixos para falar mal do príncipe e dirigir aos céus votos ardorosos a fim de que a peste chegasse a Parma e os livrasse do tirano. A palavra *tirano* ficou provada. Rassi chamou a isso conspirar; conseguiu condená-los à morte e a execução de um deles, o conde L\*\*\*, foi atroz. Isso foi antes de minha administração. Desde esse momento fatal — acrescentou o conde, baixando a voz —, o príncipe é dado a acessos de medo *indignos de um homem*, mas que são a única fonte da simpatia de que desfruto. Sem o medo soberano, meu mérito seria muito brusco, muito áspero para esta corte, na qual pulula a imbecilidade. Acredita que o príncipe olha debaixo das camas de seus aposentos antes de se deitar, e gasta um milhão, o que em Parma é como quatro milhões em Milão, para ter uma boa polícia? E na sua frente, senhora duquesa, está o chefe dessa polícia terrível. Pela polícia, isto é, pelo medo, tornei-me ministro da Guerra e das Finanças; e, como o ministro do Interior é meu chefe nominal, na medida em que tem a polícia entre suas atribuições, consegui que dessem essa pasta ao conde Zurla-Contarini, um imbecil que é uma máquina de trabalhar e se dá ao prazer de escrever oitenta cartas por dia. Acabo de receber uma

delas esta manhã, na qual o conde Zurla-Contarini teve a satisfação de escrever, de próprio punho, o número 20 715.

A duquesa Sanseverina foi apresentada à triste princesa de Parma, Clara-Paolina, que, por seu marido ter uma amante (a marquesa Balbi, mulher muito bonita), considerava-se a criatura mais infeliz do universo, o que talvez a tivesse transformado na mais maçante. A duquesa encontrou uma mulher muito alta e muito magra, que não tinha trinta e seis anos e parecia ter cinquenta. Se a princesa não tivesse se abandonado, seu rosto regular e nobre poderia ser belo, embora um pouco desfigurado por grandes olhos redondos que não enxergavam bem. Ela recebeu a duquesa com uma timidez tão pronunciada que alguns cortesãos inimigos do conde Mosca ousaram dizer que a princesa tinha ares da mulher que é apresentada, e a duquesa, de soberana. A duquesa, surpresa e quase desconcertada, não sabia onde encontrar as palavras para se pôr num lugar inferior ao que a princesa atribuía a si mesma. Para que essa pobre princesa, que no fundo não carecia de inteligência, recuperasse uma certa serenidade, a duquesa não encontrou nada melhor que entabular e prolongar uma longa dissertação sobre a botânica. A princesa era realmente erudita nesse assunto; tinha estufas muito bonitas com diversas plantas dos trópicos. A duquesa, tentando simplesmente sair do embaraço, conquistou para sempre a princesa Clara-Paolina, que de tímida e encabulada como ficara no início da audiência, viu-se, lá pelo fim, de tal modo à vontade que essa audiência, contra todas as regras da etiqueta, durou nada menos que uma hora e quinze minutos. No dia seguinte, a duquesa mandou comprar plantas exóticas e se apresentou como grande amante de botânica.

A princesa passava a vida com o venerável padre Landriani, arcebispo de Parma, homem de ciência, homem de espírito até, e perfeitamente honrado, mas que oferecia um espetáculo singular quando estava sentado em sua poltrona de veludo carmesim (era um privilégio de seu cargo), defronte da poltrona da princesa, cercada de suas damas de honra e de suas damas *para acompanhar*. O velho prelado, de longos cabelos brancos, ficava ainda mais tímido, se possível, que a princesa; viam-se todos os dias, e todas as audiências começavam por um silêncio de um bom quarto de hora. A tal ponto que a condessa Alvizi, uma das damas de companhia, se tornara uma espécie de favorita porque aprendera a arte de encorajá-los a se falar e de fazê-los quebrar o silêncio.

Para terminar o percurso de suas apresentações, a duquesa foi admitida nos aposentos de S. A. S., o príncipe herdeiro, personagem de maior estatura que o pai e mais tímido que a mãe. Era perito em mineralogia, e tinha dezesseis anos. Enrubescou ao extremo ao ver a duquesa entrar, e ficou tão desorientado que jamais conseguiu descobrir uma palavra para dizer àquela linda senhora. Era um homem muito bonito e passava a vida nos bosques, com um martelo na mão. Quando a duquesa se levantou para encerrar essa audiência silenciosa, o príncipe herdeiro exclamou:

— Meu Deus! Como a senhora é linda!

O que a senhora apresentada não considerou de muito mau gosto.

A marquesa Balbi, moça de vinte e cinco anos, ainda podia passar pelo mais perfeito modelo da *beleza italiana*, dois ou três anos antes da chegada da duquesa Sanseverina a Parma. Agora, ainda eram os mais belos olhos do mundo e os pequenos trejeitos mais graciosos; mas, vista de perto, sua pele estava salpicada por uma infinidade de ruguinhas

finas, que faziam da marquesa como que uma moça velha. Vista a certa distância, por exemplo no teatro, em seu camarote, ainda era uma beldade; e as pessoas da plateia achavam o príncipe um homem de muito bom gosto. Ele passava todos os serões com a marquesa Balbi, mas volta e meia sem abrir a boca, e o tédio que ela enxergava no príncipe jogara essa pobre mulher numa magreza extraordinária. Pretendia ter uma sagacidade sem limites, e sempre sorria com malícia; tinha os mais belos dentes do mundo e, caso suas palavras não tivessem sentido, ela desejava, por um sorriso malicioso, dar a entender outra coisa que não aquilo que essas palavras expressavam. O conde Mosca dizia que eram esses sorrisos contínuos, enquanto ela bocejava interiormente, que lhe davam tantas rugas. A marquesa Balbi se metia em todos os negócios, e o Estado não fazia uma negociação de mil francos sem que houvesse uma *lembrança* (era o termo consagrado em Parma) para ela. O rumor público rezava que ela teria posto dez milhões de francos na Inglaterra, mas sua fortuna, na verdade de data recente, só se elevava mesmo a um milhão e quinhentos mil francos. Era para ficar ao abrigo de suas astúcias, e para tê-la em sua dependência, que o conde Mosca se fizera ministro das Finanças. A única paixão da marquesa era o medo, disfarçado de sórdida avareza: “Morrerei na miséria”, dizia às vezes ao príncipe, que ficava indignado com essa afirmação. A duquesa reparou que a antecâmara, resplandecente de dourados, do palácio da Balbi era iluminada por uma única vela que escorria sobre uma mesa de mármore precioso, e as portas de seu salão estavam enegrecidas pelos dedos dos lacaios.

— Ela me recebeu — disse a duquesa a seu amante — como se esperasse de mim uma gratificação de cinquenta francos.

A trajetória de êxitos da duquesa foi um pouco interrompida pela recepção que lhe fez a mulher mais astuta da corte, a célebre marquesa Raversi, intrigante consumada que se achava à frente do partido oposto ao do conde Mosca. Ela queria derrubá-lo, mais ainda de uns meses para cá, pois era sobrinha do conde Sanseverina e temia ver a herança atacada pelas graças da nova duquesa.

— A Raversi não é mulher de se desprezar — dizia o conde à sua amiga —, considero-a tão capaz de tudo que me separei de minha mulher unicamente porque ela se obstinava em pegar como amante o cavaleiro Bentivoglio, um dos amigos da Raversi. Essa senhora, uma virago alta de cabelos muito pretos, notável pelos diamantes que usava desde a manhã e pelo carmim com que cobria as faces, se declarara de antemão inimiga da duquesa, e ao recebê-la em casa assumiu a tarefa de começar a guerra. O duque Sanseverina, nas cartas que escrevia de \*\*\*, parecia tão encantado com sua embaixada e, sobretudo, com a esperança da grande condecoração, que sua família temia que ele deixasse parte da fortuna para a mulher, que ele cobria de presentinhos. A marquesa Raversi, embora um tanto feia, era amante do conde Balbi, o homem mais bonito da corte: em geral conseguia tudo o que empreendia.

A duquesa mantinha um alto padrão de vida. O palácio Sanseverina sempre havia sido um dos mais magníficos da cidade de Parma, e o duque, por ocasião de sua embaixada e de sua futura grande condecoração, gastava quantias colossais para embelezá-lo: a duquesa dirigia as obras.

O conde adivinhara perfeitamente: poucos dias depois da apresentação da duquesa, a

jovem Clélia Conti foi à corte, onde a haviam feito cônia. <sup>h</sup> A fim de evitar o golpe que esse favor podia parecer desferir na boa reputação do conde, a duquesa deu uma festa com a desculpa de inaugurar o jardim de seu palácio, e por suas maneiras muito graciosas fez de Clélia, a quem chamava de sua jovem amiga do lago de Como, a rainha da noite. Seu monograma estava, como por acaso, nas principais transparências. <sup>i</sup> A jovem Clélia, embora meio pensativa, foi amável em seu jeito de falar da pequena aventura perto do lago, e de sua profunda gratidão. Diziam que era muito devota e muito amiga da solidão.

— Sou capaz de apostar — dizia o conde — que ela tem inteligência suficiente para se envergonhar do pai.

A duquesa fez dessa moça uma amiga, sentia afeição por ela; não queria parecer ciumenta e a incluía em todas as suas festas; em suma, seu sistema era tentar minorar todos os ódios de que o conde era alvo. Tudo sorria para a duquesa; ela se divertia com essa vida de corte em que a tempestade é sempre de se temer; parecia-lhe recomeçar a vida. Estava carinhosamente ligada ao conde, que se sentia, literalmente, louco de felicidade. Essa situação agradável lhe proporcionara uma serenidade perfeita diante de tudo o que dizia respeito a seus interesses e sua ambição. Assim, apenas dois meses depois da chegada da duquesa, ele conseguiu a patente e as honras de primeiro-ministro, as quais se aproximam muito das que se prestavam ao próprio soberano. O conde tinha seu chefe na palma da mão, e disso se teve em Parma uma prova que impressionou todas as mentes.

A dez minutos da cidade, a sudeste, eleva-se essa famosa cidadela tão renomada na Itália e cuja grande torre tem cento e oitenta pés de altura e é vista de tão longe. Essa torre, construída segundo o modelo do mausoléu de Adriano, em Roma, pelos Farnese, netos de Paulo III, por volta do começo do século XVI, é tão sólida que, na esplanada que a termina, foi possível construir um palácio para o governador da cidadela e uma nova prisão chamada Torre Farnese. Essa prisão, construída em homenagem ao filho primogênito de Ranuce-Ernest II, o qual se tornara o amante querido de sua madrasta, tem na região fama de bela e singular. A duquesa teve a curiosidade de vê-la; no dia de sua visita, o calor em Parma estava sufocante, e lá em cima, nessa posição elevada, ela encontrou ar, o que a deixou tão radiante que ali passou várias horas. Logo se apressaram em lhe abrir as salas da Torre Farnese.

A duquesa encontrou na esplanada da grande torre um pobre liberal preso, que fora desfrutar da meia hora de passeio que lhe concediam a cada três dias. Ao regressar a Parma, e ainda não tendo a discricção necessária numa corte absolutista, falou daquele homem que lhe contara toda a sua história. O partido da marquesa Raversi apropriou-se desses comentários da duquesa e os repetiu muitas vezes, esperando ardentemente que eles chocassem o príncipe. De fato, Ernest IV costumava repetir que o essencial era, acima de tudo, impressionar as imaginações do povo. “*Perpétuo* é uma grande palavra”, ele dizia, “mais terrível na Itália que em outra parte”; por conseguinte, em toda a sua vida não concedera nenhum indulto. Uma semana depois de sua visita à fortaleza, a duquesa recebeu uma carta de comutação de pena assinada pelo príncipe e pelo ministro, com o nome em branco. O preso cujo nome ela escrevesse deveria obter a restituição de seus bens e a permissão para ir passar o resto de seus dias na América. A duquesa escreveu o nome do homem com quem falara. Infelizmente, esse homem era meio canalha, uma alma fraca; foi

baseado em suas confissões que o famoso Ferrante Palla fora condenado à morte.

A singularidade desse perdão levou ao auge a aprovação da posição da sra. Sanseverina. O conde Mosca ficou louco de felicidade, foi uma bela época de sua vida e teve uma influência decisiva no destino de Fabrice. Este continuava em Romagnano, perto de Novara, confessando-se, caçando, não lendo e cortejando uma nobre, como rezavam suas instruções. A duquesa continuava meio chocada com esta última necessidade. Outro sinal, que não valia muito para o conde, era que a duquesa, embora fosse com ele de absoluta franqueza em relação a tudo neste mundo, e pensasse alto em sua presença, jamais lhe falava de Fabrice sem ter medido as próprias palavras.

— Se quiser — disse-lhe um dia o conde —, escreverei a esse amável irmão que você tem no lago de Como e forçarei esse marquês Del Dongo, com um pouco de trabalho para mim e para meus amigos de \*\*\*, a pedir um perdão para seu gentil Fabrice. Se for verdade, como preferiria não pôr em dúvida, que Fabrice é um pouco superior aos jovens que passeiam seus cavalos ingleses pelas ruas de Milão, que tipo de vida é essa, de quem aos dezoito anos não faz nada e tem a perspectiva de nunca fazer nada! Se o céu lhe tivesse concedido uma verdadeira paixão pelo que quer que fosse, ainda que sendo a pesca de caniço, eu a respeitaria; mas que fará ele em Milão, mesmo depois de obtido o indulto? Em determinada hora montará um cavalo que terá mandado buscar na Inglaterra, em outra, a ociosidade o levará à casa da amante, que ele amará menos que ao cavalo... Mas, se você me der ordens, tentarei proporcionar esse gênero de vida a seu sobrinho.

— Gostaria que ele fosse oficial — disse a duquesa.

— Você aconselharia a um soberano confiar um posto que, um belo dia, pode ser de alguma importância, a um jovem rapaz que, primeiro, é dado a entusiasmos; e segundo, entusiasmou-se por Napoleão, a ponto de ir juntar-se a ele em Waterloo? Pense no que todos nós seríamos se Napoleão tivesse vencido em Waterloo! Não teríamos de temer os liberais, é verdade, mas os soberanos das antigas famílias só poderiam reinar casando-se com as filhas de seus marechais. Por isso, a carreira militar para Fabrice é a vida do esquilo dentro da gaiola que gira: muito movimento para não avançar nada. Ele terá a tristeza de ver que todos os dedicados plebeus passarão na sua frente. A primeira qualidade num rapaz de hoje, isto é, durante talvez cinquenta anos, enquanto tivermos medo e enquanto não se restabelecer a religião, é não ser capaz de se entusiasmar nem ter inteligência. Pensei numa coisa, mas que vai fazê-la, primeiro, soltar altos gritos, e que me dará, a mim, tristezas infinitas e durante mais de um dia: é uma loucura que quero fazer por você. Mas me diga, se souber, que loucura eu não faria para obter um sorriso?

— E então? — perguntou a duquesa.

— E então! Nós tivemos como arcebispos de Parma três membros de sua família: Ascanio del Dongo, que escreveu, em 16\*\*, Fabrizio, em 1699, e um segundo Ascanio, em 1740. Se Fabrice quiser entrar na prelazia e se distinguir por virtudes de primeira grandeza, eu o faço bispo em algum lugar, depois arcebispo aqui, caso minha influência perdure. A objeção real é esta: permanecerei ministro por tempo suficiente para realizar esse belo projeto que exige vários anos? O príncipe pode morrer, pode ter o mau gosto de me despedir. Mas, afinal, é o único meio que tenho de fazer por Fabrice algo que seja digno de você.

Conversaram por um longo tempo: essa ideia repugnava muito à duquesa.

— Prove-me de novo — ela disse ao conde — que qualquer outra carreira é impossível para Fabrice.

O conde provou.

— Você tem saudades — acrescentou — do brilhante uniforme; mas para isso não sei o que fazer.

Depois de um mês que a duquesa pediu para refletir, ela se rendeu, suspirando, às ideias sensatas do ministro.

— Montar com ar empertigado um cavalo inglês em alguma cidade grande — repetiu o conde — ou adotar uma posição que não compromete a linhagem dele, não vejo meio-termo. Infelizmente, um fidalgo não pode se tornar médico nem advogado, e o século é dos advogados. Lembre-se sempre, minha senhora — repetia o conde —, de que está oferecendo a seu sobrinho, nas calçadas de Milão, o destino de que gozam os moços mais afortunados da idade dele. Obtido o indulto, você lhe dá quinze, vinte, trinta mil francos; pouco lhe importa, nem você nem eu pretendemos fazer economias.

A duquesa era sensível à glória; não queria que Fabrice fosse um simples dissipador de dinheiro; voltou ao plano de seu amante.

— Repare — dizia-lhe o conde — que não pretendo fazer de Fabrice um padre exemplar como vemos tantos. Não; antes de tudo ele é um grande nobre; poderá continuar a ser perfeitamente ignorante, se assim preferir, e nem por isso deixará de ser bispo e arcebispo, se o príncipe continuar a me olhar como um homem útil. Se suas ordens se dignarem a mudar minha proposta em decreto imutável — acrescentou o conde —, Parma não deve ver nosso protegido em situação de fortuna precária. A situação dele chocará, se o virem aqui como um simples padre: ele só deve aparecer em Parma com as *meias roxas*<sup>6</sup> e um padrão de vida adequado. Então, todo mundo adivinhará que o seu sobrinho deve ser bispo, e ninguém ficará chocado. Se acredita em mim, mande Fabrice fazer sua teologia e passar três anos em Nápoles. Durante as férias da Academia Eclesiástica ele irá, se quiser, ver Paris e Londres; mas nunca se mostrará em Parma.

Essa frase deu como um arrepio na princesa.

Ela enviou um correio ao sobrinho e marcou encontro com ele em Piacenza. É preciso dizer que esse correio era portador de todos os meios de pagamento e de todos os passaportes necessários?

Tendo chegado primeiro a Piacenza, Fabrice correu ao encontro da duquesa e a beijou com ímpetos que a fizeram cair em lágrimas. Ela ficou feliz que o conde não estivesse presente; desde seus amores, era a primeira vez que tinha essa sensação.

Fabrice ficou profundamente tocado, e em seguida aflito, com os planos que a duquesa fizera para ele; sua esperança sempre foi que, arranjando-se seu caso de Waterloo, acabaria sendo militar. Uma coisa impressionou a duquesa e aumentou ainda mais a opinião romanesca que formara do sobrinho; ele se recusou terminantemente a levar a vida de cafés numa das grandes cidades da Itália.

— Você se vê no Corso de Florença ou de Nápoles — dizia a duquesa —, com cavalos ingleses puros-sangues? E à noite, um carro, um bonito apartamento etc.?

Ela insistia, deliciada, na descrição dessa felicidade vulgar que via Fabrice rejeitar com

desdém. “É um herói”, pensou.

— E depois de dez anos dessa vida agradável, o que terei feito? — perguntava Fabrice. — O que serei? Um rapaz *maduro* que deve ceder a posição de prestígio ao primeiro belo adolescente que estiver debutando no mundo, igualmente montado num cavalo inglês.

Fabrice, primeiro, rejeitou para bem longe a proposta da Igreja; falava em ir para Nova York, virar cidadão e soldado republicano na América.

— Que engano o seu! Você não terá a guerra e cairá na vida de café, só que sem elegância, sem música, sem amores — retrucou a duquesa. — Creia-me, tanto para você como para mim seria uma vida triste essa da América.

Ela lhe explicou o culto ao *deus* dólar, e esse respeito que eles devem ter pelos artesãos da rua, que com seus votos decidem tudo. Voltaram à proposta da Igreja.

— Antes de protestar — disse-lhe a duquesa —, compreenda, pois, o que o conde lhe pede: não se trata de jeito nenhum de ser um pobre padre mais ou menos exemplar e virtuoso, como o padre Blanès. Lembre-se do que foram seus tios, os arcebispos de Parma; releia os apontamentos sobre as vidas deles, no suplemento da genealogia. Antes de mais nada, convém a um homem com seu nome ser um grande fidalgo, nobre generoso, protetor da justiça, destinado de antemão a se ver à frente de sua classe... e durante toda a vida cometendo uma só baixeza, mas esta, muito útil.

— Portanto, todas as minhas ilusões vão por água abaixo — disse Fabrice suspirando profundamente —; o sacrifício é cruel! Confesso, eu não tinha refletido sobre esse horror ao entusiasmo e à inteligência, mesmo que exercidos em proveito desses soberanos absolutos, e que agora será a regra entre eles.

— Pense que uma proclamação, um capricho do coração, precipita o homem entusiasta no partido contrário àquele a que serviu durante toda a sua vida!

— Eu, um entusiasta! — repetiu Fabrice. — Estranha acusação! Não consigo nem sequer me apaixonar!

— Como? — exclamou a duquesa.

— Quando tenho a honra de cortejar uma beldade, ainda que de boa estirpe, e devota, não posso pensar nela senão quando a vejo.

Essa confissão causou uma estranha impressão na duquesa.

— Peço-lhe um mês — continuou Fabrice — para me despedir da sra. C., de Novara e, o que é ainda mais difícil, dos castelos na Espanha de toda a minha vida. Escreverei à minha mãe, que será boa o bastante para vir me ver em Belgirate, na margem piemontesa do lago Maior, e no trigésimo primeiro dia depois deste estarei incógnito em Parma.

— Evite fazer isso! — exclamou a duquesa.

Não queria que o conde Mosca a visse falar com Fabrice.

Os mesmos dois personagens se reviram em Piacenza; a duquesa, dessa vez, estava muito agitada; uma tempestade se armara na corte, o partido da marquesa Ravarsi beirava o triunfo; possivelmente, o conde Mosca seria substituído pelo general Fabio Conti, chefe do que se chamava em Parma de *partido liberal*. Excetuando-se o nome do rival, que crescia junto aos favores do príncipe, a duquesa contou tudo a Fabrice. Tornou a discutir as oportunidades de seu futuro, até mesmo na perspectiva de lhe faltar a todo-poderosa proteção do conde.

— Vou passar três anos na Academia Eclesiástica de Nápoles — exclamou Fabrice —, mas, já que devo ser antes de tudo um gentil-homem, e que você não me obriga a levar a vida severa de um seminarista virtuoso, essa temporada em Nápoles não me apavora nem um pouco, essa vida se equivalerá à de Romagnano; a boa sociedade desse lugar começava a me ver como um jacobino. No meu exílio descobri que não sei nada, nem mesmo latim, nem mesmo ortografia. Eu planejava refazer minha educação em Novara, de bom grado estudarei teologia em Nápoles; é uma ciência complicada.

A duquesa ficou radiante.

— Se formos enxotados — ela lhe disse —, iremos vê-lo em Nápoles. Mas já que você aceita, até nova ordem, o partido das meias roxas, o conde, que conhece bem a Itália atual, me encarregou de lhe comunicar uma proposta. Creia ou não creia no que vão lhe ensinar, *mas jamais faça nenhuma objeção*. Imagine que estão lhe ensinando as regras do jogo de uíste; será que faria objeções às regras do uíste? Eu disse ao conde que você era um crente, e ele se felicitou; isso é útil neste mundo e no outro. Mas, se você crê, não caia na vulgaridade de falar com horror de Voltaire, Diderot, Raynal, e de todos esses franceses desmiolados, precursores das duas Câmaras. Que esses nomes se encontrem raramente em sua boca; mas, afinal, quando for necessário, fale desses cavalheiros com calma ironia; são pessoas há muito tempo refutadas, e cujos ataques não têm mais nenhuma consequência. Creia cegamente em tudo o que lhe disserem na Academia. Pense que há pessoas que manterão anotações fiéis de suas menores objeções; hão de perdoá-lo uma pequena aventura galante, se for bem conduzida, mas não uma dúvida; a idade suprime a intriga e aumenta a dúvida. Aja a partir desse princípio no tribunal da penitência. Você terá uma carta de recomendação para um bispo *factotum* do cardeal arcebispo de Nápoles; só a ele deve confessar sua escapada à França, e sua presença, no dia 18 de junho, nas redondezas de Waterloo. Aliás, abrevie muito, diminua essa aventura, confesse-a somente para que não possam criticá-lo por tê-la escondido; na época você era tão jovem! O segundo conselho que o conde lhe envia é este: se lhe ocorrer um argumento brilhante, uma réplica vitoriosa que mude o rumo da conversa, não ceda à tentação de brilhar, mantenha o silêncio; as pessoas finas verão sua inteligência nos seus próprios olhos. Você terá tempo de se mostrar inteligente quando for bispo.

Fabrice estreou em Nápoles com um carro modesto e quatro criados, bons milaneses, que sua tia lhe enviou. Depois de um ano de estudos ninguém dizia que era um homem inteligente, olhavam-no como um nobre aplicado, muito generoso, mas meio libertino.

Esse ano, um tanto divertido para Fabrice, foi terrível para a duquesa. Por três ou quatro vezes o conde esteve a dois passos de sua perda; o príncipe, mais medroso que nunca por estar doente, acreditava que ao demiti-lo se livraria do odioso que eram as execuções feitas antes da chegada do conde ao ministério. Rassi era o favorito de seu coração, era quem queria conservar, acima de tudo. Os perigos corridos pelo conde deixaram a duquesa apaixonadamente afeiçoada a ele, e sem mais pensar em Fabrice. Para dar um colorido à possível retirada de ambos, alegaram que o ar de Parma, de fato um pouco úmido, como o de toda a Lombardia, não convinha de jeito nenhum à saúde do conde. Por fim, depois de intervalos de desfavor, que levaram o conde a passar, por vezes, vinte dias inteiros sem ver seu patrão em privado, Mosca venceu; conseguiu nomear o general Fabio Conti, o pretenso

liberal, como governador da cidadela onde se trancavam os liberais julgados por Rassi. “Se Conti for indulgente com os prisioneiros”, dizia Mosca à sua amante, “cairá em desgraça como um jacobino cujas ideias políticas o fazem esquecer seus deveres de general; caso se mostre severo e implacável, e parece-me que é para esse lado que ele penderá, deixará de ser o chefe do próprio partido, e alienará de si todas as famílias que têm um dos seus na cidadela. Esse pobre homem sabe adotar com o príncipe uma atitude muito melíflua de respeito; se necessário, muda de roupa quatro vezes ao dia; pode discutir uma questão de etiqueta, mas não tem cabeça capaz de seguir o único caminho difícil pelo qual pode se salvar; e, em todos as hipóteses, estou aqui.”

No dia seguinte à nomeação do general Fabio Conti, que encerrava a crise ministerial, soube-se que Parma teria um jornal ultramonarquista.

— Quantas brigas vão nascer com esse jornal! — disse a duquesa.

— Desse jornal, cuja ideia é talvez minha obra-prima — respondeu o conde, rindo —, deixarei que pouco a pouco, bem a contragosto, os ultrafuribundos me tirem da direção. Mandei atribuir belos ordenados aos cargos de redator. De todos os lados virão solicitar esses cargos: esse negócio vai nos fazer atravessar um ou dois meses, e esquecerão os perigos que acabo de correr. Os sisudos personagens P. e D. já estão entre os candidatos.

— Mas esse jornal será de um absurdo revoltante.

— É com isso que conto — retrucou o conde. — O príncipe o lerá todas as manhãs e admirará minha doutrina, a minha, sim, que sou seu fundador. Quanto aos detalhes, aprovará ou ficará chocado; das horas que dedica ao trabalho, duas já estarão ocupadas. O jornal criará problemas, mas daqui a oito ou dez meses, quando chegarem as queixas sérias, ele estará inteiramente nas mãos dos ultrafuribundos. O partido que me incomoda é que deverá responder, e eu levantarei objeções contra o jornal; no fundo, prefiro cem absurdos atroztes que um só enforcado. Quem se lembra de um absurdo dois anos depois de publicado no jornal oficial? Enquanto os filhos e a família do enforcado me devotarão um ódio que durará tanto quanto eu e que talvez abreviará minha vida.

A duquesa, sempre apaixonada por alguma coisa, sempre ativa, jamais ociosa, tinha mais inteligência que toda a corte de Parma; mas lhe faltavam paciência e impassibilidade para triunfar nas intrigas. Todavia, conseguira acompanhar com paixão os interesses dos diversos grupos, e até começava a ter prestígio pessoal junto ao príncipe. Clara-Paolina, a princesa reinante, cercada de honrarias, mas aprisionada na etiqueta mais antiquada, se via como a mais infeliz das mulheres. A duquesa Sanseverina cortejou-a e resolveu provar-lhe que ela não era tão infeliz. Convém saber que o príncipe só via a esposa no jantar: essa refeição durava trinta minutos e o príncipe passava semanas inteiras sem dirigir a palavra a Clara-Paolina. A sra. Sanseverina tentou mudar tudo isso; divertia o príncipe, e mais ainda porque soubera conservar toda a sua independência. Mesmo se quisesse, jamais conseguiria ferir nenhum dos tolos que pululavam naquela corte. Era essa perfeita inabilidade de sua parte que a fazia execrar a vulgaridade dos cortesãos, todos condes ou marqueses, em geral gozando de cinco mil libras de rendas. Ela compreendeu essa desgraça desde os primeiros dias, e se empenhou exclusivamente em agradar ao soberano e à mulher dele, a qual dominava por completo o príncipe herdeiro. A duquesa sabia divertir o soberano e se aproveitava da extrema atenção que ele dava às suas menores palavras para cobrir de

ridículo os cortesãos que a odiavam. Desde as idiotices que Rassi o levara a fazer — e idiotices de sangue não têm conserto —, de vez em quando o príncipe sentia medo e volta e meia se entediava, e tudo isso o fazia se sentir tristemente invejoso; dava-se conta de que não se divertia mais e tornava-se taciturno quando acreditava ver que outros se divertiam; a felicidade o deixava furioso. “Precisamos esconder nossos amores”, disse a duquesa a seu amante; e ela deixou o príncipe adivinhar que só estava mediocrementemente afeiçoada ao conde, homem, aliás, tão estimável.

Essa descoberta proporcionara a Sua Alteza um dia feliz. De vez em quando, a duquesa soltava umas palavras sobre o projeto de se conceder, todo ano, umas férias de alguns meses, que ela empregaria em ver a Itália que não conhecia: iria visitar Nápoles, Florença, Roma. Ora, nada no mundo podia dar mais pena ao príncipe do que tamanha aparência de deserção: essa era uma de suas fraquezas mais marcantes, e as atitudes que podiam ser assimiladas a desprezo por sua cidade lhe trespassavam o coração. Sentia que não havia nenhuma maneira de reter a sra. Sanseverina, e a sra. Sanseverina era, de muito longe, a mulher mais brilhante de Parma. Coisa única, considerando-se a preguiça italiana: vinha gente dos campos das cercanias para assistir às suas *quintas-feiras*; eram verdadeiras festas; quase sempre a duquesa oferecia ali algo novo e picante. O príncipe morria de vontade de assistir a uma dessas quintas-feiras; mas como fazer? Ir à casa de um simples particular! Era coisa que nem seu pai nem ele nunca tinham feito!

Uma certa quinta-feira, chovia e fazia frio; à noite, a todo instante o duque ouvia carruagens que abalavam o calçamento da praça do palácio, indo para a casa da sra. Sanseverina. Teve um gesto de impaciência; outros se divertiam, e ele, príncipe soberano, senhor absoluto, que devia se divertir mais que ninguém no mundo, conhecia o tédio! Tocou a sineta do ajudante de ordens, que precisou de tempo para pôr uma dúzia de pessoas de confiança na rua que levava do palácio de Sua Alteza ao palácio Sanseverina. Por fim, depois de uma hora, que para o príncipe pareceu um século, e durante a qual ele ficou vinte vezes tentado a enfrentar os punhais e sair como um tonto e sem nenhuma precaução, apareceu no primeiro salão da sra. Sanseverina. Tivesse um raio caído naquele salão, e não teria produzido tamanha surpresa. Num piscar de olhos, e à medida que o príncipe avançava, instalava-se naqueles salões tão ruidosos e alegres um silêncio de estupor; todos os olhos, fixos no príncipe, se arregalavam exageradamente. Os cortesãos pareciam desconcertados; só a duquesa não tinha ares de espanto. Quando afinal recuperaram a força de falar, a grande preocupação de todos os presentes foi resolver esta importante questão: a duquesa fora avisada dessa visita ou ficou surpresa como todo mundo?

O príncipe se divertiu, e assim será possível julgar o efeito do caráter espontâneo da duquesa e o poder infinito que suas vagas ideias de partir, habilmente manipuladas por ela, tiveram sobre ele.

Ao acompanhar à porta o príncipe, que lhe dirigia palavras muito amáveis, veio-lhe uma ideia singular e que ela ousou expor muito simplesmente, como coisa das mais correntes.

— Se Vossa Alteza Sereníssima quisesse dirigir à princesa três ou quatro dessas frases encantadoras que me prodigaliza, faria minha felicidade bem mais seguramente do que me dizendo que sou bonita. É que eu não desejaria por nada no mundo que a princesa pudesse

ver com maus olhos a marca insigne de simpatia com que Vossa Alteza vem me honrar.

O príncipe encarou-a fixamente e retrucou de um jeito seco:

— Aparentemente, tenho o direito de ir aonde me agrada.

A duquesa ficou vermelha.

— Eu queria apenas — retomou no mesmo instante — não expor Sua Alteza a fazer um trajeto inútil, pois esta quinta-feira será a última; vou passar uns dias em Bolonha ou em Florença.

Quando voltou para seus salões, todos acreditaram que estava no auge dos favores do príncipe, e ela acabava de arriscar o que, de memória de homem, ninguém tinha ousado em Parma. Fez um sinal para o conde, que saiu da mesa de uíste e a seguiu até um salãozinho iluminado, mas solitário:

— O que você fez é muito atrevimento — ele lhe disse —, eu não a teria aconselhado, mas nos corações muito enamorados a felicidade aumenta o amor, e, se você partir amanhã de manhã, hei de segui-la amanhã à noite. Só me retardará essa maçada do Ministério das Finanças de que fiz a bobagem de me encarregar, mas em quatro horas bem empregadas é possível despachar muitos expedientes. Voltemos, minha querida, e representemos a fatuidade ministerial com absoluta liberdade, e sem qualquer moderação, talvez seja a última representação que damos nesta cidade. Quando se crê desafiado, o homem é capaz de tudo; a isso chamará *dar um exemplo*. Quando essa gente sair, pensaremos nos meios de armar uma barricada para você esta noite; o melhor talvez seja partir sem demora para sua casa de Sacca, perto do Pó, que tem a vantagem de ficar a apenas meia hora dos estados austríacos.

O amor e o amor-próprio da duquesa tiveram um delicioso momento; ela olhou para o conde e seus olhos ficaram molhados de lágrimas. Um ministro tão poderoso, cercado por aquela multidão de cortesãos que o cobriam de homenagens iguais às que dirigiam ao próprio príncipe, abandonar tudo por ela, e com essa naturalidade!

Ao voltar para os salões, estava louca de alegria. Todos se prosternavam diante dela.

“Como a felicidade transforma a duquesa”, diziam por todo lado os cortesãos, “está irreconhecível. Finalmente essa alma romana e que paira acima de tudo se digna, porém, a apreciar o favor exorbitante de que acaba de ser alvo por parte do soberano!”

Pelo fim da noite, o conde foi encontrá-la:

— Preciso contar as novidades.

Logo as pessoas que estavam perto da duquesa se afastaram.

— Ao voltar para o palácio — prosseguiu o conde —, o príncipe se fez anunciar nos aposentos da esposa. Imagine a surpresa! “Venho lhe prestar contas”, ele lhe disse, “de um sarau muito agradável, que, na verdade, passei na casa da duquesa Sanseverina. Foi ela que me pediu para lhe contar em detalhes como arrumou aquele velho palácio enfumaçado.” Então o príncipe, depois de se sentar, começou a fazer a descrição de cada um dos seus salões. Passou mais de vinte e cinco minutos com a mulher, que chorava de alegria; apesar de sua inteligência, ela não conseguiu encontrar uma palavra para sustentar a conversa no tom leve que Sua Alteza fez o obséquio de lhe conferir.

Esse príncipe não era um mau sujeito, apesar do que diziam os liberais da Itália. Na verdade, mandara jogar nas prisões uma quantidade bastante grande deles, mas era por

medo, e às vezes repetia, como para se consolar de certas lembranças: “É melhor matar o diabo que o diabo nos matar”. No dia seguinte à noitada de que acabamos de falar, estava todo alegre, fizera duas belas ações: ir àquela quinta-feira e conversar com sua mulher. No jantar, dirigiu-lhe a palavra; em suma, aquela *quinta-feira* da sra. Sanseverina causou uma revolução doméstica que ressoou em toda Parma; a Raversi ficou consternada, e a duquesa teve uma dupla alegria: pudera ser útil a seu amante e o encontrara mais apaixonado que nunca.

— Tudo isso por causa de uma ideia bem imprudente que me veio! — ela disse ao conde. — Sem dúvida eu seria mais livre em Roma ou em Nápoles, mas lá encontraria um jogo tão cativante? Na verdade, meu querido conde, não, e você faz minha felicidade.

a No famoso artigo que Balzac escreve em *La Revue Parisienne* sobre *A cartuxa de Parma*, assim que o livro foi publicado, ele afirma que o conde Mosca é o “mais notável retrato que se possa fazer do príncipe de Metternich, mas transportado da Grande Chancelaria do império da Áustria para o modesto estado de Parma”. Stendhal lhe respondeu que não teria se inspirado nesse grande estadista e diplomata europeu. Talvez seu modelo tenha sido o conde Saurau, que foi governador da Lombardia de 1815 e 1818 e com quem ele conviveu em Milão, reconhecendo-o como um homem superior.

b Da Legião de Honra, condecoração criada por Napoleão para recompensar os méritos prestados à nação por civis e militares.

c Personagem de velho ridículo da *commedia dell'arte*.

d Ano em que Luís XVI foi executado e começou de fato o período do Terror.

e Imitação de mármore.

f Banquinho dobradiço em que nobres de certa posição podiam se sentar em presença do rei da França.

g O marquês de Lafayette (1757-1834) lutou com os rebeldes americanos na guerra da independência contra a Inglaterra, e ao retornar à França exerceu influência como um moderado nos anos que se seguiram à Revolução Francesa. Em 1792, emigrou e só voltou em 1800, quando Napoleão tomou o poder. Era um liberal admirado por Stendhal, que frequentou seu salão nos anos 1820.

h Título sem qualquer acepção religiosa, e que dá à mulher o direito de receber uma renda.

i As *transparences* eram painéis iluminados por trás, que mostravam os nomes e os brasões de convivas e hóspedes eminentes.

6 Na Itália, os jovens protegidos ou eruditos se tornam *monsignor* ou *prelado*, o que não quer dizer bispo; usam, então, meias violetas. Se não fazem votos para ser *monsignor*, podem abandonar as meias roxas e se casar.

É com detalhes da vida de corte tão insignificantes como o que acabamos de contar que teríamos de encher a história dos quatro anos que se seguiram. Toda primavera, a marquesa ia com suas filhas passar dois meses no palácio Sanseverina ou na propriedade de Sacca, às margens do Pó; havia momentos muito agradáveis, e se falava de Fabrice; mas o conde jamais lhe permitiu uma só visita a Parma. A duquesa e o ministro tiveram de dar um jeito em certas estripulias, mas em geral Fabrice seguia, um tanto sensato, a linha de conduta que tinham lhe indicado: um nobre que estuda teologia e que não conta em nada com a própria virtude para progredir. Em Nápoles, desenvolvera um gosto muito profundo pelo estudo da antiguidade, e fazia escavações; essa paixão quase substituíra a dos cavalos. Vendera seus cavalos ingleses para continuar as escavações em Miseno, onde encontrara um busto de Tibério, ainda moço, que ocupara um lugar entre os mais belos restos da Antiguidade. A descoberta desse busto foi praticamente o maior prazer que teve em Nápoles. Tinha a alma demasiado ativa para tentar imitar os outros jovens, e, por exemplo, para querer representar com alguma seriedade o papel de apaixonado. Provavelmente não deixava de ter amantes, mas para ele não tinham maiores conseqüências, e apesar da idade podia-se dizer que não conhecia o amor; nem por isso era menos amado. Nada o impedia de agir com o mais belo sangue-frio, pois para ele uma mulher jovem e bonita era sempre igual a outra mulher jovem e bonita; só que a última que conhecia lhe parecia mais sedutora. Uma das damas mais admiradas em Nápoles fizera loucuras em sua homenagem durante o último ano de sua temporada, o que primeiro o divertiu mas acabou por saturá-lo de tédio, de tal forma que uma das felicidades de sua partida foi se livrar das atenções da encantadora duquesa d'A\*\*\*. Foi em 1821 que, tendo Fabrice sido aprovado sofrivelmente em todos os seus exames, seu diretor de estudos, ou preceptor, recebeu uma condecoração e um presente, e ele partiu para conhecer enfim aquela cidade de Parma, na qual pensara tantas vezes. Era *monsignore* e tinha uma carruagem com quatro cavalos; na posta antes de Parma, mandou atrelar apenas dois, e na cidade mandou parar defronte da igreja de San Giovanni. Lá ficava o rico túmulo do arcebispo Ascanio del Dongo, seu tio-bisavô, autor da *Genealogia latina*. Rezou perto do túmulo, depois chegou a pé ao palácio da duquesa, que só o esperava alguns dias mais tarde. Ela estava com muita gente em seu salão, mas logo a deixaram sozinha.

— E então? Está contente comigo? — ele perguntou, jogando-se em seus braços. — Graças a você, passei quatro anos muito felizes em Nápoles, em vez de me entediar em Novara com uma amante autorizada pela polícia.

A duquesa não conseguia se livrar de seu espanto, não o teria reconhecido ao vê-lo passar na rua; via-o como aquilo que ele era de fato, um dos homens mais bonitos da Itália; sua

fisionomia, sobretudo, era um encanto. Ela o enviara para Nápoles com pinta de atrevido temerário; o chicote que então sempre levava consigo parecia fazer parte inerente de seu ser: agora, tinha um jeito mais nobre e mais comedido diante dos estranhos, mesmo que nele ela ainda encontrasse, particularmente, todo o fogo de sua primeira mocidade. Era um diamante que nada perdera ao ser lapidado. Não fazia uma hora que Fabrice chegara quando o conde Mosca apareceu; veio um pouco cedo demais. O rapaz falou com ele em termos tão calorosos sobre a cruz de Parma concedida a seu preceptor, e expressou com uma descrição tão perfeita seu profundo reconhecimento por outros favores de que não ousava falar tão abertamente, que já de saída o ministro teve uma opinião favorável a seu respeito.

— Esse sobrinho — disse baixinho à duquesa — está feito para ornamentar todas as dignidades às quais você há de querer elevá-lo de agora em diante.

Até então, tudo corria maravilhosamente bem, mas quando o ministro, muito contente com Fabrice, e até ali atento apenas a seus feitos e gestos, olhou para a duquesa, achou que ela estava com olhos singulares. “Este rapaz causa aqui uma estranha impressão”, pensou. A reflexão foi amarga; o conde chegara aos *cinquenta*, o que é uma palavra muito cruel e talvez só um homem perdidamente apaixonado possa sentir todo o seu impacto. Ele era muito bom, muito digno de ser amado, excetuando talvez por suas severidades como ministro. Mas, em seu entender, essa expressão cruel, *os cinquenta*, jogava uma sombra negra em toda a sua vida e teria sido capaz de torná-lo cruel por sua própria conta. Fazia cinco anos que convencera a duquesa a vir para Parma, várias vezes ela excitara seu ciúme, sobretudo nos primeiros tempos, mas nunca lhe dera verdadeiro motivo de queixa. Ele até acreditava, e estava certo, que era com o objetivo de melhor se assegurar da posse de seu coração que a duquesa recorrera àquelas aparências de distinguir certos bonitões da corte. Tinha certeza, por exemplo, de que ela recusara as homenagens do príncipe, que até mesmo, nessa ocasião, dissera umas palavras instrutivas.

— Mas, se eu aceitasse as homenagens de Vossa Alteza — dissera-lhe a duquesa, rindo —, com que cara ousaria reaparecer diante do conde?

— Eu ficaria quase tão atrapalhado quanto a senhora. O querido conde! Meu amigo! Mas o embaraço que conjecturei é muito fácil de contornar: o conde seria posto na cidadela para o resto de seus dias.

No momento da chegada de Fabrice, a duquesa ficou tão arrebatada de felicidade que não pensou de jeito nenhum nas ideias que seus olhos poderiam despertar no conde. O efeito foi profundo e as desconfianças, irremediáveis.

Fabrice foi recebido pelo príncipe duas horas depois de sua chegada; havia dois meses que a duquesa, prevendo o bom resultado que essa audiência inesperada devia produzir no público, a solicitara: esse favor punha Fabrice em situação excepcional desde o primeiro instante; o pretexto fora que ele apenas passava por Parma, para ir ver sua mãe no Piemonte. Na hora em que um delicioso bilhete da duquesa foi dizer ao príncipe que Fabrice esperava suas ordens, Sua Alteza estava entediado. “Vou ver”, pensou, “um santinho bem bobo, uma carinha insignificante ou sonsa.” O comandante da praça já prestara conta da primeira visita que Fabrice fizera ao túmulo do tio arcebispo. O príncipe viu entrar um rapaz alto, que, sem suas meias roxas, ele teria confundido com algum

jovem oficial.

Essa pequena surpresa expulsou seu tédio. “Aí está um rapazote”, pensou, “para quem vão me pedir sabe Deus que favores, todos os que eu puder fazer. Ele está chegando, deve estar emocionado: vou me fazer um pouco de político jacobino; veremos como ele responderá.”

Depois das primeiras graciosas palavras, o príncipe disse a Fabrice:

— Muito bem! *Monsignore*, os povos de Nápoles são felizes? O rei é amado?

— Alteza Sereníssima, passando pela rua, eu via o excelente comportamento dos soldados dos diversos regimentos de S. M., o Rei; a boa sociedade é respeitosa de seus senhores, como deve ser; mas confessarei que jamais na vida tolerei que as pessoas das classes baixas me falassem de outra coisa que não do trabalho pelo qual lhes pago.

— Diachos! — disse o príncipe —, que *águia*! Eis-me diante de uma ave bem amestrada, é o espírito da duquesa Sanseverina.

Estimulado com o jogo, o príncipe empregou muita habilidade em fazer Fabrice falar sobre esse assunto tão escabroso. O rapaz, animado com o perigo, teve a felicidade de encontrar respostas admiráveis:

— É quase insolência exhibir amor por seu rei — ele disse —, é obediência cega que lhe devemos.

Vendo tanta prudência, o príncipe quase ficou de mau humor. “Parece que aqui está um homem de espírito que nos chega de Nápoles, e não gosto *dessa choldra*; um homem inteligente, por mais que se comporte segundo os melhores princípios e até mesmo esteja de boa-fé, é sempre, por algum lado, primo de Voltaire e de Rousseau.”

O príncipe se via como que desafiado pelas maneiras tão corretas e as respostas tão inatacáveis do jovem saído do colégio; o que previra não acontecia: num piscar de olhos adotou o tom da bonomia e, recuando, com poucas palavras, até os grandes princípios das sociedades e do governo, soltou, adaptando-as à circunstância, algumas frases de Fénelon que lhe tinham feito aprender de cor desde a infância, para as audiências públicas.

— Esses princípios o espantam, meu jovem — disse a Fabrice (ele o chamara de *monsignore* no início da audiência, e contava chamá-lo de *monsignore* ao despedi-lo, mas no correr da conversa achava mais hábil, mais favorável aos toques patéticos, interpelá-lo com um tratamento de amizade). — Esses princípios o espantam, meu jovem, confesso que em nada se assemelham aos *lero-leros absolutistas* (foi a expressão) que podemos ler todos os dias no meu jornal oficial... Mas, meu Deus! por que é que estou citando isso? Esses redatores do jornal lhe são totalmente desconhecidos.

— Peço desculpas a Vossa Alteza Sereníssima; não só leio o jornal de Parma, que me parece bastante bem escrito, como também concordo, junto com ele, que tudo o que foi feito desde a morte de Luís XIV, em 1715, é a um só tempo um crime e uma bobagem. O maior interesse do homem é sua salvação, não pode haver duas maneiras de encarar esse assunto, e essa é uma felicidade que deve durar uma eternidade. As palavras *liberdade, justiça, felicidade do maior número* são infames e criminosas: dão aos espíritos o hábito da discussão e da desconfiança. Uma câmara de deputados *desconfia* do que essa gente chama de o *ministério*. Uma vez contraído esse hábito fatal da *desconfiança*, a fraqueza humana o aplica a tudo, o homem chega a desconfiar da Bíblia, das ordens da Igreja, da tradição etc.;

a partir daí, está tudo perdido. Mesmo que, o que é horrivelmente falso e criminoso dizer, essa desconfiança da autoridade dos príncipes *ungidos por Deus* proporcionasse felicidade durante os vinte ou trinta anos de vida a que cada um de nós pode aspirar, o que é um meio século ou um século inteiro, comparado a uma eternidade de suplícios? Etc.

Via-se, pelo seu jeito de falar, que Fabrice tentava arrumar suas ideias de modo a que o ouvinte as captasse o mais facilmente possível, e estava claro que não recitava uma lição.

Logo o príncipe deixou de se preocupar em lutar com esse rapaz cujas maneiras simples e graves o incomodavam.

— Adeus, *monsignore* — disse-lhe bruscamente —, vejo que se dá uma excelente educação na Academia Eclesiástica de Nápoles, e quando esses bons preceitos caem em espírito tão distinto, é muito simples se obter resultados brilhantes. Adeus.

E virou-lhe as costas.

“Não agradei a esse animal”, pensou Fabrice.

“Agora nos resta ver”, disse o príncipe assim que ficou sozinho, “se esse belo rapaz é capaz de ter paixão por alguma coisa; nesse caso, seria completo... É possível alguém repetir com mais inteligência as lições da tia? Parecia-me ouvi-la falar; se houvesse uma revolução aqui, seria ela que redigiria *Il Monitore*,<sup>a</sup> como outrora a San Felice<sup>b</sup> em Nápoles! Mas a San Felice, apesar de seus vinte e cinco anos e de sua beleza, foi enforcada! Aviso às mulheres inteligentes demais! Ao acreditar que Fabrice era aluno da tia, o príncipe se enganava: as pessoas inteligentes que nascem no trono ou ao lado dele logo perdem toda e qualquer finura de tato; proscovem, em torno de si, a liberdade de expressão que lhes parece grosseria; não querem ver senão máscaras, e pretendem julgar a beleza da tez; o divertido é que se creem com muito tato. Nesse caso, por exemplo, Fabrice acreditava mais ou menos em tudo o que nós o ouvimos dizer; é verdade que não pensava duas vezes por mês em todos aqueles grandes princípios. Tinha gostos vivos, tinha inteligência, mas tinha a fé.

O gosto da liberdade, a moda e o culto da *felicidade do maior número*, a que o século XIX se apegara, eram apenas, em seu entender, uma *heresia* que passará como as outras, mas depois de ter matado muitas almas; assim como a peste, enquanto reina numa região, mata muitos corpos. E, apesar de tudo, Fabrice lia deliciado os jornais franceses, e até cometia imprudências para consegui-los.

Quando Fabrice voltou todo desganhado de sua audiência no palácio, e contou à tia os diversos ataques do príncipe, ela lhe disse:

— Você precisa ir agora mesmo ver o padre Landriani, nosso excelente arcebispo; vá a pé, suba devagar a escada, faça pouco barulho nas antecâmeras; se o deixarem esperando, melhor ainda, mil vezes melhor! Em suma, seja *apostólico*!

— Entendo — disse Fabrice —, nosso homem é um Tartufo.

— Por nada neste mundo! É a virtude em pessoa.

— Mesmo depois do que fez — continuou Fabrice, espantado —, durante a execução do conde Palanza?

— Sim, meu amigo, depois do que fez: o pai de nosso arcebispo era um funcionário do Ministério das Finanças, um pequeno burguês, eis o que explica tudo. Monsenhor Landriani é um homem de uma inteligência viva, extensa, profunda; é sincero, ama a

virtude: estou convencida de que, se um imperador Décio voltasse ao mundo, ele sofreria o martírio assim como o Polieucto da ópera que nos apresentaram semana passada. Este é o belo lado da medalha, e eis seu reverso: assim que está em presença do soberano, ou apenas do primeiro-ministro, fica maravilhado com tanta grandeza, perturba-se, enrubesce; para ele é materialmente impossível dizer não. Daí as coisas que fez, e que lhe valeram essa cruel reputação em toda a Itália; mas o que não se sabe é que, quando a opinião pública veio esclarecê-lo sobre o processo do conde Palanza, ele se impôs como penitência viver de pão e água durante treze semanas, tantas semanas quanto há de letras nos nomes  *Davide Palanza*. Temos nesta corte um patife infinitamente inteligente, chamado *Rassi*, grande juiz ou promotor público, que por ocasião da morte do conde Palanza enfeitiçou o padre Landriani. Na época da penitência das treze semanas, o conde Mosca, por piedade e um pouco por malícia, o convidava para jantar uma e até duas vezes por semana; o bom arcebispo, para cortejá-lo, jantava como todo mundo. Acreditava que havia rebelião e jacobinismo em exhibir uma penitência decorrente de uma ação aprovada pelo soberano. Mas se sabia que, para cada jantar, em que seu dever de súdito fiel o obrigara a comer como todo mundo, ele se impunha uma penitência de dois dias de alimentação de pão e água. “Monsenhor Landriani, espírito superior, erudito de primeira grandeza, só tem um fraco: *quer ser amado*; portanto, entorneça-se ao olhar para ele e, na terceira visita, goste dele profundamente. Isso, junto com a sua linhagem, o fará ser adorado de imediato. Não demonstre surpresa se ele o acompanhar até a escada, faça de conta que está acostumado com essas maneiras; é um homem nascido de joelhos perante a nobreza. Aliás, seja simples, apostólico, nada de inteligência, nada de brilhantismo, nada de réplicas atiladas; se não o amedrontar, ele se sentirá à vontade com você; pense que ele deve, por iniciativa própria, fazer de você seu vigário-geral. O conde e eu ficaremos surpresos e mesmo aborrecidos com essa promoção rápida demais, isso é essencial diante do soberano.

Fabrice correu ao arcebispado: por uma singular felicidade, o laçao do bom prelado, meio surdo, não entendeu o sobrenome Del Dongo; anunciou um jovem padre chamado Fabrice; o arcebispo estava com um cura de costumes pouco exemplares e que ele convocara para uma repreensão. Estava lhe passando um carão, coisa muito penosa para ele, e não queria carregar por mais tempo no coração esse desconforto; portanto, fez o sobrinho-neto do grande arcebispo Ascanio del Dongo esperar quarenta e cinco minutos.

Como pintar suas desculpas e seu desespero quando, depois de acompanhar o cura até a segunda antecâmara, e quando perguntava, passando por esse homem que esperava, *em que podia servi-lo*, avistou as meias roxas e ouviu o nome de Fabrice del Dongo? A coisa pareceu tão divertida para nosso herói que, desde essa primeira visita, ele se arriscou a beijar a mão do santo prelado, num ímpeto de ternura. Teve de ouvir o arcebispo repetir desesperado: “Um Del Dongo esperar na minha antecâmara!”. À guisa de desculpa, viu-se obrigado a lhe contar toda a história do cura, seus erros, suas respostas etc.

“Será mesmo possível”, pensava Fabrice voltando ao palácio Sanseverina, “que esse seja o homem que apressou o suplício daquele pobre conde Palanza?”

— Que pensa Vossa Excelência? — perguntou-lhe rindo o conde Mosca, ao vê-lo chegar à casa da duquesa (o conde não queria que Fabrice o tratasse de Excelência).

— Caí das nuvens; não conheço nada do caráter dos homens: teria apostado, se não

soubesse o nome dele, que não consegue ver uma galinha sangrar.

— E teria ganhado — retrucou o conde. — Mas, quando ele está diante do príncipe, ou apenas diante de mim, não consegue dizer não. Na verdade, para que minha presença lhe cause a maior impressão, preciso estar com a grande fita amarela da condecoração passada por cima da casaca; de fraque, ele me contradiria, portanto sempre visto um uniforme para recebê-lo. Não cabe a nós destruir o prestígio do poder, os jornais franceses já o demolem um tanto depressa; mal e mal, essa *mania respeitante* viverá tanto quanto nós, e você, meu sobrinho, você sobreviverá ao respeito. Será sempre um bom homem!

Fabrice se sentia muito à vontade na companhia do conde: era o primeiro homem superior que se dignara a lhe falar sem representar um papel; aliás, tinham um gosto em comum, o das antiguidades e das escavações. O conde, de seu lado, ficava lisonjeado com a extrema atenção com que o rapaz o escutava; mas havia uma objeção capital: Fabrice ocupava um apartamento no palácio Sanseverina, passava sua vida com a duquesa, deixava ver em total inocência que essa intimidade fazia sua felicidade, e Fabrice tinha os olhos e uma tez de desesperante frescor.

De longa data, Ranuce-Ernest IV, que raramente encontrava mulheres que lhe resistiam, estava espicaçado com o fato de a virtude da duquesa, bem conhecida na corte, não ter aberto uma exceção em seu favor. Conforme vimos, o temperamento e a presença de espírito de Fabrice o chocaram desde o primeiro dia. Ele encarou mal a excessiva amizade que a tia e o sobrinho demonstravam levemente; prestou extrema atenção aos comentários de seus cortesãos, que foram infinitos. Durante um mês, a chegada desse rapaz e a audiência tão extraordinária que conseguira foram a notícia da corte e causaram um grande espanto; a partir daí, o príncipe teve uma ideia.

Tinha em sua guarda um simples soldado que suportava admiravelmente o vinho; esse homem passava a vida na taberna, e dava conta do espírito militar diretamente ao soberano. Carlone não tinha educação, e não fosse isso desde muito tempo teria conseguido uma promoção. Ora, a ordem era para que estivesse diante do palácio diariamente, quando batesse meio-dia no grande relógio. O príncipe foi pessoalmente, um pouco antes do meio-dia, arrumar de certa maneira a persiana de um entressolo contíguo a um aposento onde Sua Alteza se vestia. Voltou para esse entressolo um pouco depois de dar meio-dia e ali encontrou o soldado; o príncipe tinha no bolso uma folha de papel e, numa escrivantina portátil, ditou ao soldado o seguinte bilhete:

Vossa Excelência tem muito espírito, sem dúvida, e é graças à sua profunda sagacidade que vemos este estado tão bem governado. Mas, meu caro conde, êxitos tão grandes não funcionam sem um pouco de inveja, e temo fortemente que se ria um pouco às suas costas se sua sagacidade não adivinhar que um certo belo rapaz teve a felicidade de inspirar, talvez sem querer, um amor dos mais peculiares. Esse feliz mortal só tem, dizem, vinte e três anos e, caro conde, o que complica o problema é que o senhor e eu temos muito mais que o dobro dessa idade. À noite, a uma certa distância, o conde é encantador, irrequieto, homem espirituoso, amável o mais possível; mas de manhã, na intimidade, a bem considerar as coisas, o recém-chegado talvez tenha mais encantos. Ora, nós, mulheres, damos muita importância a esse frescor da juventude, sobretudo

quando passamos dos trinta anos. Já não se fala em instalar esse amável adolescente em nossa corte, em algum belo cargo? E quem é afinal a pessoa que fala disso mais frequentemente a Vossa Excelência?

O príncipe pegou a carta e deu dois escudos ao soldado.

— Tome isso, além do seu soldo — disse-lhe com ar abatido. — Silêncio absoluto com todo mundo, ou então o mais úmido calabouço na cidadela.

O príncipe tinha em seu gabinete uma coleção de envelopes com os endereços da maioria das pessoas da corte, subscritos pela mão desse mesmo soldado que passava por não saber escrever, e que nunca escrevia nem sequer seus relatórios de polícia: o príncipe escolheu aquele que era necessário.

Horas depois, o conde Mosca recebeu uma carta pelo correio; haviam calculado o momento em que ela poderia chegar, e quando o carteiro, que tinham visto entrar segurando uma cartinha na mão, saiu do palácio do Ministério, Mosca foi chamado por Sua Alteza. Nunca o favorito pareceu dominado por uma tristeza mais negra; para desfrutar disso mais à vontade, o príncipe gritou, ao vê-lo:

— Preciso me distrair tagarelando ao acaso com o amigo, e não trabalhando com o ministro. Esta noite estou com uma dor de cabeça alucinante, e além disso me vêm ideias negras.

Será preciso falar do humor abominável que agitava o primeiro-ministro, conde Mosca della Rovere, no instante em que lhe foi permitido deixar seu augusto chefe? Ranuce-Ernest IV era perfeitamente hábil na arte de torturar um coração, e eu poderia fazer aqui, sem grande injustiça, a comparação com o tigre que gosta de brincar com sua presa.

O conde se fez levar para casa a galope; ao entrar, gritou que não deixassem subir vivalma, mandou dizer a seu *auditor* de serviço que o liberava (saber que um ser humano está ao alcance de sua voz lhe era odioso) e foi correndo se trancar na grande galeria dos quadros. Lá, finalmente, conseguiu se entregar a toda a sua fúria; lá passou a noite sem luzes, a perambular ao léu, como um homem fora de si. Tentava impor silêncio ao coração, para concentrar toda a força de sua atenção na discussão sobre a decisão a tomar. Afundado em angústias que teriam dado pena a seu mais cruel inimigo, pensava: “O homem que eu abomino está hospedado com a duquesa, passa todos os seus momentos com ela. Devo tentar que uma de suas criadas abra a boca? Nada mais perigoso; ela é tão boa; paga-lhes bem! É adorada! (E por quem, meu Deus, não é adorada?). Eis a questão!”. E continuou, raivoso: “Devo deixar que ela adivinhe o ciúme que me devora ou não falar nada? Se me calar, ninguém se esconderá de mim. Conheço Gina, é uma mulher de gestos impulsivos; seu comportamento é imprevisível, mesmo para ela; quando quer traçar um papel de antemão para si mesma, ela se atrapalha; sempre, na hora da ação, vem-lhe uma nova ideia, que ela segue com entusiasmo como sendo o que há de melhor no mundo, e que estraga tudo. Não dizendo uma palavra de meu martírio, não se esconderão de mim e verei tudo o que pode acontecer... Sim, mas falando, faço nascerem outras circunstâncias; suscito reflexões; previno muitas dessas coisas horríveis que podem acontecer... Talvez o afastem (o conde suspirou), então quase terei ganhado o jogo; ainda que sinta um pouco de mau humor no momento, hei de acalmá-lo... e esse mau humor, o que há de mais natural?

... Há quinze anos ela o ama como a um filho. Aí reside toda a minha esperança: *como a um filho*... mas deixou de vê-lo desde sua fuga de Waterloo; porém, ao voltar de Nápoles, era um outro homem, sobretudo para ela. *Um outro homem*”, repetiu com raiva, “e esse homem é encantador; tem, acima de tudo, esse ar ingênuo e meigo e esse olhar risonho que prometem tanta felicidade! E aqueles olhos, a duquesa não deve estar acostumada a encontrar em nossa corte!... Aqui são substituídos pelo olhar sombrio e sardônico. Eu mesmo, perseguido pelos negócios, reinando apenas por minha influência sobre um homem que gostaria de me pôr no ridículo, que tipo de olhar devo ter em geral? Ah! Sejam quais forem os cuidados que tomo, é sobretudo meu olhar que deve ser velho em mim! Minha alegria não é sempre vizinha da ironia?... Direi mais, e aqui preciso ser sincero: minha alegria não deixa entrever, como algo bem próximo, o poder absoluto... e a maldade? Será que às vezes não digo a mim mesmo, sobretudo quando me irritam: ‘Eu posso o que eu quero?’, e até mesmo acrescento uma bobagem: ‘Devo ser mais feliz que outro, já que possuo o que os outros não têm: o poder soberano em três quartos das coisas?’ Pois é! Sejam justos; o hábito de ter esse pensamento deve estragar meu sorriso... deve me dar um ar de egoísmo... contente... E como o sorriso dele é encantador! Respira a felicidade fácil da primeira juventude, e a faz nascer”.

Infelizmente para o conde, naquela noite o tempo estava quente, abafado, anunciando a tempestade; em suma, era um desses tempos que naquelas paragens levam às resoluções extremas. Como relatar todos os raciocínios, todos os modos de ver o que lhe acontecia, que, durante três horas mortais, puseram sob tortura esse homem apaixonado? Por fim, o partido da prudência venceu, unicamente depois desta reflexão: “Estou louco, provavelmente; acredito raciocinar, mas não raciocino; apenas me reviro, para procurar uma posição menos cruel, passo sem vê-lo ao lado de algum argumento decisivo. Já que estou ofuscado pela dor extrema, sigamos esta regra, aprovada por todas as pessoas sensatas, e que se chama *prudência*. Aliás, uma vez pronunciada a palavra fatal, *ciúme*, meu papel estará traçado para sempre. Ao contrário, não dizendo nada hoje, amanhã poderei falar, continuarei a ser dono da situação”.

A crise era forte demais, o conde teria enlouquecido se ela tivesse durado. Ficou aliviado por alguns instantes, sua atenção conseguiu se fixar na carta anônima. De quem poderia vir? Houve ali uma procura de nomes, e um julgamento a respeito de cada um deles, o que o distraiu de sua dor. No final, o conde se lembrou de um lampejo de malícia que brotara nos olhos do soberano quando ele dissera, pelo fim da audiência:

— Sim, caro amigo, admitamos, os prazeres e as preocupações com a mais feliz ambição, mesmo a do poder sem limites, não são nada ao lado da felicidade íntima dada pelas relações de ternura e amor. Sou homem antes de ser príncipe, e, quando tenho a felicidade de amar, minha amante se dirige ao homem e não ao príncipe.

O conde aproximou esse momento de malévola felicidade e esta frase da carta: *É graças à sua profunda sagacidade que vemos este Estado tão bem governado*. “Essa frase é do príncipe”, exclamou, “num cortesão seria de uma imprudência gratuita; a carta vem de Sua Alteza.”

Resolvido esse problema, a pequena alegria causada pelo prazer de adivinhar foi logo apagada pela cruel aparição das graças encantadoras de Fabrice, que regressou. Foi como

um peso enorme que voltou a cair no coração do infeliz. “Pouco importa de quem seja a carta anônima!”, exclamou com fúria, “nem por isso o fato que ela me denuncia deixa de existir! Esse capricho pode mudar minha vida”, disse como para se desculpar por estar tão alucinado. “No primeiro momento, se ela o ama de certo modo partirá com ele para Belgirate, para a Suíça, para algum canto do mundo. É rica, e aliás, ainda que vivesse com uns poucos luíses por ano, que lhe importa? Ela não me confessava, não faz oito dias, que seu palácio, tão bem-arrumado, tão magnífico, a entedia? Essa alma tão jovem precisa de novidade! E com que simplicidade se apresenta essa felicidade nova! Será arrastada antes de ter pensado no perigo, antes de ter imaginado sentir pena de mim! E, no entanto, sou tão infeliz!”, exclamou o conde, debulhando-se em lágrimas.

Jurara a si mesmo não ir à casa da duquesa nessa noite, mas não conseguiu se conter; nunca seus olhos tinham sentido tamanha sede de olharem para ela. Por volta de meia-noite, apresentou-se na casa; encontrou-a a sós com o sobrinho, pois às dez horas despachara toda a criadagem e fechara sua porta.

Pelo aspecto de intimidade carinhosa que reinava entre aquelas duas criaturas, e pela alegria ingênua da duquesa, uma horrível dificuldade se elevou diante dos olhos do conde, repentinamente! Não tinha pensado nisso durante a longa deliberação na galeria dos quadros: como esconder seu ciúme?

Não sabendo a que pretexto recorrer, pretendeu dizer que, naquela noite, encontrara o príncipe excessivamente de pé atrás contra ele, contradizendo todas as suas asserções etc. Teve a dor de ver a duquesa mal escutá-lo, e não prestar a menor atenção nessas circunstâncias que, ainda na antevéspera, a teriam jogado em considerações infinitas. O conde olhou para Fabrice: nunca essa bela figura lombarda lhe parecera tão simples e tão nobre! Fabrice prestava mais atenção que a duquesa nos embaraços que ele contava.

“Realmente”, pensou, “essa cabeça alia a extrema bondade à expressão de uma certa alegria ingênua e carinhosa, que é irresistível. Parece dizer: só o amor e a felicidade que dele resulta são coisas sérias neste mundo. E no entanto, quando se chega a algum detalhe em que o espírito é necessário, seu olhar desperta e nos espanta, e ficamos confusos.

“Tudo é simples a seus olhos porque tudo é visto do alto. Santo Deus! Como combater um inimigo desses? E, afinal de contas, o que é a vida sem o amor de Gina? Com que júbilo ela parece escutar as maravilhosas tiradas desse espírito tão jovem, e que, para uma mulher, deve parecer único no mundo!”

Uma ideia atroz apoderou-se do conde, como uma cãibra: “Apunhalá-lo ali, na frente dela, e me matar depois?”.

Deu uma volta pelo quarto, mal se aguentando sobre as pernas, mas com a mão apertada convulsamente em torno do cabo do punhal. Nenhum dos dois prestava atenção no que ele podia fazer. Disse que ia dar uma ordem a seu lacaios, nem sequer o ouviram; a duquesa ria carinhosamente de uma palavra que Fabrice acabava de lhe dirigir. O conde se aproximou de uma lâmpada no primeiro salão, e verificou se a ponta do punhal estava bem afiada. “É preciso ser gracioso e de maneiras perfeitas com esse rapaz”, pensou ao voltar e se aproximar deles.

Estava enlouquecendo; pareceu-lhe que, ao se curvarem, eles trocavam beijos, ali, diante de seus olhos. “Isso é impossível em minha presença”, pensou; “Estou perdendo a razão.

Tenho de me acalmar; se mostrar modos rudês, a duquesa é capaz, por simples acesso de vaidade, de segui-lo para Belgirate; e lá, ou durante a viagem, o acaso pode trazer uma palavra que dará um nome ao que sentem um pelo outro; e depois, num instante, virão todas as consequências.

“A solidão tornará essa palavra decisiva, e aliás, uma vez com a duquesa longe, o que será de mim? E se, depois de muitas dificuldades superadas ao lado do príncipe, eu for mostrar meu rosto velho e preocupado em Belgirate, que papel representaria no meio dessas pessoas loucas de felicidade?

“Aqui mesmo sou eu outra coisa além do *terzo incomodo* (essa bela língua italiana é totalmente feita para o amor)? *Terzo incomodo* (um terceiro presente que incomoda!). Que dor para um homem inteligente sentir que representa esse papel execrável e não conseguir se decidir a levantar-se e ir embora!”

O conde ia estourar ou, pelo menos, trair sua dor pela decomposição de suas feições. Quando, dando voltas pelo salão, ficou perto da porta, fugiu, gritando com ar bondoso e íntimo:

— Adeus a vocês!

“É preciso evitar o sangue”, pensou.

No dia seguinte a essa noite horrorosa, passada ora a esmiuçar as vantagens de Fabrice, ora nos pavorosos delírios do mais cruel ciúme, o conde teve a ideia de mandar chamar um jovem criado seu; esse homem cortejava uma moça chamada Chekina, uma das camareiras da duquesa e sua favorita. Felizmente, esse jovem doméstico era muito pacato em sua conduta, avarento até, e desejava um lugar de porteiro num dos estabelecimentos públicos de Parma. O conde ordenou a esse homem que mandasse buscar Chekina, sua amante. O homem obedeceu e uma hora depois o conde surgiu repentinamente no quarto onde a moça estava com seu pretendente. O conde assustou os dois com a quantidade de ouro que lhes deu e depois dirigiu estas poucas palavras à trêmula Chekina, mirando-a entre os olhos:

— A duquesa faz amor com o *monsignore*?

— Não — disse a moça, decidindo-se depois de um momento de silêncio...; — não, *ainda não*, mas costuma beijar as mãos da senhora, rindo, é verdade, mas com arrebatamento.

Esse testemunho foi completado por cem respostas a outras tantas perguntas furibundas do conde; sua paixão inquieta fez com que essas pobres pessoas ganhassem o dinheiro que ele lhes jogara, e o conde acabou por acreditar no que diziam, ficando menos infeliz.

— Se acaso a duquesa desconfiar desta conversa — disse a Chekina —, mandarei seu pretendente passar vinte anos na fortaleza, e você só tornará a vê-lo de cabelos brancos.

Alguns dias se passaram, durante os quais Fabrice, por sua vez, perdeu toda a alegria.

— Garanto-lhe — dizia ele à duquesa — que o conde Mosca tem antipatia por mim.

— Pior para Sua Excelência — ela respondia com uma espécie de zanga.

Não era esse o verdadeiro motivo da inquietação que fizera desaparecer a alegria de Fabrice. “A posição em que o acaso me coloca é insustentável”, pensou. “Tenho certeza de que ela jamais falará, dizer uma palavra significativa demais seria um horror tão grande como um incesto. Mas se uma noite, depois de um dia imprudente e louco, ela vier a fazer um exame de consciência, se acreditar que eu pude adivinhar o gosto que parece tomar por mim, que papel eu representaria a seus olhos? Exatamente o do *casto Giuseppe* (provérbio

italiano, alusão ao papel ridículo de José com a mulher do eunuco Putifar).

“Dar a entender, por uma bela confiança, que não sou capaz de um amor sério? Não tenho suficiente firmeza de espírito para anunciar esse fato sem que ele se pareça, como duas gotas d’água, com uma impertinência. Só me resta o recurso a uma grande paixão deixada em Nápoles, e nesse caso, voltar para lá por vinte e quatro horas: essa decisão é sensata, mas que trabalheira! Restaria apelar para um amorzinho de baixa condição em Parma, o que poderia desagradá-la; mas tudo é preferível ao papel horrendo do homem que se recusa a compreender. Esta última hipótese poderia, é verdade, comprometer meu futuro; eu precisaria reduzir o perigo, na base da prudência e comprando a discrição das pessoas.”

O que havia de cruel no meio de todos esses pensamentos é que Fabrice realmente gostava da duquesa e, de longe, mais que de nenhum outro ser no mundo. “É preciso ser muito desajeitado”, pensava com raiva, “para ter tanto receio de não conseguir persuadir alguém daquilo que é tão verdadeiro!” Faltando-lhe habilidade para se livrar dessa situação, ele ficou sombrio e triste. “O que seria de mim, meu Deus!, se me zangasse com o único ser no mundo por quem tenho apaixonado afeto?” Por outro lado, Fabrice não conseguia se decidir a estragar uma felicidade tão deliciosa por uma palavra indiscreta. Sua situação era tão repleta de encantos! A amizade íntima com uma mulher tão agradável e tão bonita era tão doce! Quanto aos aspectos mais vulgares da vida, a proteção dela criava-lhe uma situação tão agradável naquela corte, em que as grandes intrigas, que ela lhe explicava, o divertiam como uma comédia! “Mas a qualquer momento posso ser acordado por um trovão!”, ele pensava. “Se essas noitadas tão alegres, tão ternas, passadas quase a sós com uma mulher tão estimulante, levarem a algo melhor, ela acreditará encontrar em mim um amante; há de me pedir arrebatamentos, loucuras, e tudo o que terei a lhe oferecer será apenas a amizade mais profunda, mas sem amor; a natureza me privou dessa espécie de loucura sublime. Quantas críticas não tive de sofrer a esse respeito! Creio ainda ouvir a duquesa d’A\*\*\*, e eu pouco ligava para a duquesa! Ela acreditará que me falta amor por sua pessoa, ao passo que é o amor que falta em mim; jamais quererá me compreender. Volta e meia, depois de uma anedota sobre a corte contada por ela com essa graça, com essa loucura que só ela possui no mundo, e aliás necessária à minha instrução, beijo-lhe as mãos e às vezes a face. Que serei eu se essa mão apertar a minha de certa maneira?”

Fabrice apresentava-se diariamente nas casas mais consideradas e menos alegres de Parma. Guiado pelos conselhos hábeis da duquesa, fazia uma corte engenhosa aos dois príncipes, pai e filho, à princesa Clara-Paolina e ao monsenhor, o arcebispo. Tinha êxitos, mas que não o consolavam do medo mortal de se indispor com a duquesa.

a Jornal italiano republicano.

b A marquesa Louise de San Felice (1768-1800) foi enforcada em Nápoles por ter participado de uma conspiração contra os franceses. Aqui haveria um erro de Stendhal, pois quem participou da redação desse jornal foi a princesa de origem portuguesa Leonor Fonseca-Pimentel.

Assim, menos de um mês apenas depois de sua chegada à corte, Fabrice tinha todas as tristezas de um cortesão, e a amizade íntima que fazia a felicidade de sua vida estava envenenada. Uma noite, atormentado por essas ideias, saiu daquele salão da duquesa, onde tinha por demais o jeito de um amante que reina; perambulando ao acaso pela cidade, passou defronte ao teatro, que estava iluminado; entrou. Era uma imprudência gratuita para um homem de sua posição e que ele prometera a si mesmo evitar em Parma, a qual, afinal de contas, não passa de uma cidadezinha de quarenta mil habitantes. É verdade que desde os primeiros dias ele se libertara de seu traje oficial; à noite, quando não ia ver a altíssima sociedade, estava simplesmente vestido de preto, como um homem de luto.

No teatro, pegou um camarote na terceira fila, para não ser visto; representavam *La locandiera*, de Goldoni. Ele olhava a arquitetura da sala: mal virava os olhos para o palco. Mas o público, numeroso, caía na gargalhada a todo instante; Fabrice virou os olhos para a jovem atriz que fazia o papel da hospedeira, achou-a engraçada. Olhou com mais atenção e ela lhe pareceu extremamente simpática e, sobretudo, muito natural: era uma moça ingênua, a primeira a rir com as coisas bonitas que Goldoni punha em sua boca, e tinha um jeito muito espantado de pronunciar. Perguntou como se chamava, disseram-lhe: *Marietta Valserra*.

“Ah!”, pensou, “ela tomou meu nome, é estranho.” Apesar de seus planos, só saiu do teatro no fim da peça. No dia seguinte, voltou; três dias depois, sabia o endereço de Marietta Valserra.

Na própria noite do dia em que conseguira esse endereço, a duras penas, observou que o conde lhe dava um sorriso encantador. O pobre amante ciumento, que tinha todas as dificuldades do mundo para se manter nos limites da prudência, pusera espiões atrás do rapaz, e sua expedição ao teatro lhe agradava. Como descrever a alegria do conde quando, no dia seguinte àquele em que conseguira ser amável com Fabrice, soube que este, na verdade meio disfarçado graças a uma sobrecasaca comprida azul, subira até o miserável apartamento que Marietta Valserra ocupava no quarto andar de uma velha casa atrás do teatro? Sua alegria redobrou quando soube que Fabrice se apresentara com nome falso e tivera a honra de excitar o ciúme de um patife perigoso chamado Giletti, que, nas cidades, representava papéis de figurante como criado, e nas aldeias dançava na corda bamba. Esse nobre amante da Marietta se desmanchava em injúrias contra Fabrice e dizia que queria matá-lo.

As companhias de ópera são formadas por um *impresario* que contrata aqui e acolá os sujeitos que pode pagar ou que encontra desempregados, e a trupe reunida ao acaso permanece junta por uma temporada ou duas no máximo. O mesmo não acontece com as

*companhias de teatro*; embora indo de cidade em cidade e mudando de residência a cada dois ou três meses, mesmo assim formam uma espécie de família em que todos os membros gostam um do outro ou se odeiam. Há nessas companhias casais estabelecidos que os *frajolas* das cidades em que a trupe vai se apresentar enfrentam por vezes a maior dificuldade em desunir. Era justamente o que acontecia com nosso herói: a pequena Marietta gostava muito dele, mas tinha um medo terrível de Giletti, que pretendia ser seu dono único e a vigiava de perto. Ele anunciava por todo lado que mataria o *monsignore*, pois tinha seguido Fabrice e conseguira descobrir seu nome. Esse Giletti era mesmo a criatura mais feia e menos feita para o amor: exageradamente alto, horrivelmente magro, muito marcado pela bexiga e meio vesgo. Aliás, dado às gracinhas de sua profissão, costumava entrar nos bastidores em que seus companheiros estavam reunidos, dando cambalhotas ou plantando bananeira ou fazendo alguma outra mimosa brincadeira. Triunfava nos papéis em que o ator deve aparecer com o rosto esbranquiçado de farinha e receber ou dar uma infinidade de pauladas. Esse digno rival de Fabrice tinha trinta e dois francos de ordenado por mês e se achava riquíssimo.

O conde Mosca deu a impressão de voltar das portas do túmulo quando seus observadores lhe confirmaram todos esses pormenores. Seu espírito afável ressurgiu; pareceu mais alegre e foi melhor companhia que nunca no salão da duquesa, evitando a todo custo lhe dizer algo sobre a pequena aventura que o devolvia à vida. Até tomou precauções para que ela só fosse informada de tudo o que acontecia o mais tarde possível. Por fim, teve a coragem de ouvir a razão que, fazia um mês, lhe gritava em vão que, sempre que o prestígio de um amante desvanece, ele deve viajar.

Um negócio importante o chamou a Bolonha, e duas vezes por dia correios do gabinete lhe traziam não tanto papéis oficiais do gabinete como notícias dos amores da pequena Marietta, da raiva do terrível Giletti e das aventuras de Fabrice.

Um dos agentes do conde pediu várias vezes *Arlequim, esqueleto e pastel*, um dos triunfos de Giletti (ele sai do pastel quando seu rival Brighella vai mordê-lo e então lhe dá uma paulada); foi um pretexto para lhe entregar cem francos. Giletti, crivado de dívidas, evitou falar dessa boa sorte, mas exibiu uma soberbia surpreendente.

O capricho de Fabrice transformou-se em mágoa de amor-próprio (suas preocupações já o tinham reduzido a ter *caprichos*, na idade dele!): a vaidade o levava ao teatro; a mocinha representava, muito engraçada, e o divertia; ao sair do teatro ele ficava apaixonado durante uma hora. O conde voltou a Parma com a notícia de que Fabrice corria perigos reais; Giletti, que fora dragão no belo regimento dos dragões de Napoleão, falava seriamente em matar Fabrice e tomava medidas para fugir em seguida para Romagna. Se o leitor for muito jovem, irá se escandalizar com nossa admiração por esse belo rasgo de coragem. No entanto, voltar de Bolonha não foi um pequeno esforço de heroísmo por parte do conde; pois, afinal, de manhã ele costumava ter a aparência cansada, e Fabrice tinha tanto frescor, tanta serenidade! Quem pensaria em lhe dar uma reprimenda pela morte de Fabrice, ocorrida em sua ausência, e por uma razão tão tola? Mas ele tinha uma dessas almas raras que sentem um remorso eterno por uma ação generosa que podiam fazer e não fizeram; aliás, não conseguiria suportar a ideia de ver a duquesa triste, e por culpa sua.

Ao chegar, encontrou-a calada e sombria. Eis o que acontecera: Chekina, a camareirinha, atormentada pelo remorso, e julgando a gravidade de seu erro pela enormidade da quantia que recebera para cometê-lo, adoecera. Uma noite, a duquesa, que gostava dela, subiu até seu quarto. A mocinha não pôde resistir a essa manifestação de bondade, caiu em prantos, quis entregar à patroa o que ainda possuía do dinheiro recebido, e finalmente teve a coragem de lhe confessar as perguntas feitas pelo conde e suas respostas. A duquesa correu até a lâmpada, apagou-a, e depois disse à pequena Chekina que a perdoava, contanto que nunca dissesse uma palavra sobre essa estranha cena a quem quer que fosse:

— O pobre conde — acrescentou, como quem nada quer — teme o ridículo; todos os homens são assim.

A duquesa se apressou em descer para seus aposentos. Mal se trancou no quarto, caiu no choro; achava algo horrível a ideia de fazer amor com aquele Fabrice que ela vira nascer; no entanto, o que queria dizer seu comportamento?

Esta tinha sido a causa principal da negra melancolia em que o conde a encontrou mergulhada; assim que o conde chegou, ela teve acessos de impaciência contra ele, e quase contra Fabrice; gostaria de não mais revê-los, nem a um nem a outro; sentia-se despeitada pelo papel, ridículo a seus olhos, que Fabrice representava junto à pequena Marietta; pois o conde tudo lhe dissera, como verdadeiro apaixonado incapaz de guardar um segredo. Ela não conseguia se acostumar com essa desgraça: seu ídolo tinha um defeito; finalmente, num momento de boa afeição, pediu conselho ao conde, o que foi para ele um instante delicioso e uma bela recompensa pelo gesto honrado que o fizera voltar a Parma.

— Nada mais simples! — disse o conde, rindo. — Os rapazes querem possuir todas as mulheres, e depois, no dia seguinte, não pensam mais nisso. Ele não deve ir a Belgirate, ver a marquesa Del Dongo? Pois bem! Que vá! Durante sua ausência, pedirei à trupe de atores que levem seus talentos a outro lugar, pagarei as despesas da viagem; mas em breve o veremos apaixonado pela primeira mulher bonita que o acaso puser em seu caminho: está na ordem das coisas, e eu não gostaria de vê-lo de outra forma. Se necessário, faça com que a marquesa escreva a ele.

Essa ideia, expressa com a aparência de uma completa indiferença, foi um raio de luz para a duquesa, que tinha medo de Giletti. À noite, o conde anunciou, como por acaso, que havia um correio que, indo a Viena, passaria por Milão; três dias depois, Fabrice recebia uma carta da mãe. Partiu muito irritado por ainda não ter conseguido, devido ao ciúme de Giletti, aproveitar as excelentes intenções que a pequena Marietta lhe demonstrava por meio de uma *mammacia*, velha mulher que lhe servia de mãe.

Fabrice encontrou a mãe e uma das irmãs em Belgirate, grande aldeia piemontesa, na margem direita do lago Maior; a margem esquerda pertence à província de Milão, e por conseguinte à Áustria. Esse lago, paralelo ao lago de Como, e que também corre de norte a sul, fica a umas vinte léguas mais a oeste. O ar das montanhas, o aspecto majestoso e tranquilo desse lago fantástico, que lhe lembrava aquele junto ao qual passara a infância, tudo contribuiu para transformar em suave melancolia a tristeza de Fabrice, que estava próxima da raiva. Era com infinita ternura que, agora, a lembrança da duquesa se apresentava a ele; parecia-lhe que, de longe, sentia por ela esse amor que jamais

experimentara por nenhuma mulher; nada lhe teria sido mais penoso que ficar separado dela para sempre, e nessas disposições, se a duquesa tivesse se dignado a recorrer à menor faceirice, teria conquistado aquele coração, opondo-lhe, por exemplo, um rival. Mas, bem longe de tomar uma decisão tão firme, não era sem dirigir a si mesma profundas críticas que ela encontrava seu pensamento sempre preso aos passos do jovem viajante. Criticava-se o que ainda chamava de uma fantasia, como se isso fosse um horror; redobrou as atenções e amabilidades com o conde, que, seduzido por tantos encantos, não escutava a saudável razão que prescrevia uma segunda viagem a Bolonha.

A marquesa Del Dongo, apressada pelo casamento da filha mais velha, que ela casava com um duque milanês, só pôde dar três dias a seu filho adorado; nunca encontrara nele um afeto tão terno. Em meio à melancolia que se apoderava cada vez mais da alma de Fabrice, uma ideia estranha e até mesmo ridícula surgiu e, de repente, foi posta em prática. Ousaremos dizer que ele queria consultar o padre Blanès? Esse excelente velhote era perfeitamente incapaz de compreender as tristezas de um coração atenazado por paixões pueris e quase equivalentes em força; aliás, ele precisaria de pelo menos uma semana para apenas entrever todos os interesses de que Fabrice devia tratar em Parma; mas, pensando em consultá-lo, Fabrice recuperava o frescor de suas sensações dos dezesseis anos. É possível acreditar nisso? Não era simplesmente como a um homem sensato, como a um amigo perfeitamente dedicado, que Fabrice queria lhe falar; o objetivo dessa viagem e os sentimentos que agitaram nosso herói durante as cinquenta horas que ela durou são tão absurdos que, sem a menor dúvida, no interesse de nossa história, teria sido preferível suprimi-los. Temo que a credulidade de Fabrice o prive da simpatia do leitor; mas, afinal, ele era assim, por que incensá-lo, a ele, e não a outro? Não incensei o conde Mosca nem o príncipe.

Portanto, já que é preciso tudo dizer, Fabrice acompanhou a mãe até o porto de Laveno, na margem esquerda do lago Maior, margem austríaca, onde ela desembarcou por volta das oito da noite. (O lago é considerado território neutro, e não se pede passaporte a quem não baixa a terra.) Porém, mal anoiteceu, ele desembarcou naquela mesma margem austríaca, no meio de um pequeno bosque que avançava pelo lago. Alugara uma *sediola*, espécie de tílburri campestre e rápido, com auxílio do qual pôde seguir, a quinhentos passos de distância, o carro de sua mãe; estava disfarçado de criado da *Casa del Dongo*, e nenhum dos inúmeros funcionários da polícia ou da alfândega teve a ideia de lhe pedir seu passaporte. A um quarto de légua de Como, onde a marquesa e sua filha deviam parar para o pernoite, pegou um atalho à esquerda que, contornando o burgo de Vico, ia dar, depois, numa estradinha recém-aberta, no final da margem do lago. Era meia-noite e Fabrice podia esperar não ver nenhum gendarme. As árvores dos pequenos bosques que a estradinha cruzava a todo instante desenhavam o contorno negro de suas folhagens contra um céu estrelado, mas coberto por ligeira bruma. As águas e o céu eram de uma tranquilidade profunda; a alma de Fabrice não conseguiu resistir a essa beleza sublime; ele parou, depois se sentou num rochedo que avançava no lago, formando como que um pequeno promontório. O silêncio universal só era perturbado, a intervalos iguais, pela leve marola da água do lago que ia morrer na praia. Fabrice tinha um coração italiano; peço desculpas por ele. Esse defeito, que o tornará menos amável, consistia sobretudo no seguinte: só era

vaidoso por acessos, e se sentia enternecido com o mero aspecto da beleza sublime, o que tirava de suas tristezas a pungência áspera e dura. Ao sentar naquele rochedo isolado, já não precisando se precaver contra os agentes da polícia, protegido pela noite profunda e pelo vasto silêncio, doces lágrimas molharam seus olhos e ele encontrou ali, sem muito esforço, os momentos mais felizes que saboreara havia muito tempo.

Decidiu jamais contar mentiras à duquesa, e por amá-la naquele momento até a adoração jurou a si mesmo nunca lhe dizer que *a amava*; nunca pronunciaria perto dela a palavra *amor*, já que o que chamamos de paixão era alheio a seu coração. No ímpeto de generosidade e coragem que fazia sua felicidade naquele instante, tomou a decisão de lhe dizer tudo na primeira ocasião: seu coração jamais conhecera o amor. Uma vez tomada essa decisão corajosa, sentiu-se como que liberto de um peso enorme. “Ela me dirá talvez algumas palavras sobre Marietta: pois bem! nunca mais tornarei a ver a pequena Marietta”, respondeu a si mesmo, alegre.

O calor sufocante que reinara durante o dia começava a ser temperado pela brisa da manhã. A aurora já desenhava, com um fraco clarão branco, os picos dos Alpes que se erguiam ao norte e a leste do lago de Como. Seus volumes, embranquecidos pelas neves, mesmo no mês de junho, se desenhavam contra o azul-claro de um céu sempre puro naquelas alturas imensas. Um ramo dos Alpes que avança para o sul, na direção da feliz Itália, separa as vertentes do lago de Como e as do lago de Garda. Fabrice acompanhava com o olhar todos os ramos daquelas montanhas sublimes, e a aurora, ao clarear, ia marcar os vales que os separam, iluminando a leve bruma que se elevava do fundo das gargantas.

Fazia alguns instantes que Fabrice recomeçara a caminhar; passou a colina que forma a península de Durini, e finalmente surgiu diante de seus olhos aquele campanário do vilarejo de Griante, onde tantas vezes ele fizera observações de estrelas junto com o padre Blanès. “Que ignorância a minha naquele tempo! Eu não conseguia compreender nem mesmo o latim ridículo desses tratados de astrologia que meu mestre folheava”, dizia, “e creio que os respeitava sobretudo porque, só entendendo algumas palavras aqui e acolá, minha imaginação se encarregava de lhes dar um significado, e o mais romanesco possível.”

Pouco a pouco seu devaneio enveredou por outro caminho. “Haveria algo real nessa ciência? Por que seria diferente das outras? Um certo número de imbecis e de pessoas hábeis combinam entre si que sabem *mexicano*, por exemplo; nessa qualidade, impõem-se à sociedade, que os respeita assim como aos governos que os pagam. Cobrem-nos de favores justamente porque não têm inteligência, e porque o poder não receia que eles sublevem os povos e façam discursos patéticos com o auxílio de seus sentimentos generosos! Por exemplo, o padre Bari, a quem Ernest IV acaba de conceder quatro mil francos de pensão e a cruz de sua ordem por ter restabelecido dezenove versos de um ditirambo grego!

“Mas, santo Deus! Tenho afinal o direito de achar essas coisas ridículas? Cabe a mim, afinal, queixar-me?”, pensou consigo mesmo, de repente, parando. “Não foi essa mesma cruz que acaba de ser dada a meu preceptor em Nápoles?” Fabrice teve uma profunda sensação de mal-estar; o belo ímpeto de virtude que, pouco antes, acabara de fazer seu

coração disparar tornava-se o prazer vil de ficar com uma boa parcela no roubo. “Muito bem!”, pensou, enfim, com os olhos embaçados de um homem descontente consigo mesmo. “Já que minha estirpe me dá o direito de me aproveitar desses abusos, seria um notável equívoco de minha parte não pegar meu pedaço; mas não devo pensar em amaldiçoá-los em público.” Esses argumentos não deixavam de ser corretos; mas Fabrice de fato caíra daquelas alturas de sublime felicidade para onde se transportara uma hora antes. O pensamento do privilégio ressecara essa planta sempre tão delicada a que chamamos de felicidade.

“Se não se deve acreditar na astrologia”, ele recomeçou, procurando se atordoar, “se essa ciência é, como três quartos das ciências não matemáticas, uma reunião de imbecis entusiastas e de hipócritas espertos e pagos por aqueles a quem eles servem, de onde vem o fato de que eu penso com tanta frequência e com emoção naquela circunstância fatal? Outrora, saí da prisão de B\*\*\*, mas com a roupa e a caderneta militar de um soldado atirado na prisão por motivos justos.”

O raciocínio de Fabrice jamais conseguiu penetrar mais fundo; ele girava de cem maneiras em torno da dificuldade sem conseguir superá-la. Ainda era muito moço; em seus momentos de lazer, sua alma se ocupava, radiante, em saborear as sensações produzidas por circunstâncias romanescas que sua imaginação estava sempre pronta a lhe fornecer. Estava bem longe de empregar seu tempo em examinar com paciência as particularidades reais das coisas para, em seguida, adivinhar suas causas. O real ainda lhe parecia insípido e lamento; admito que não gostemos de olhar para o real, mas então não devemos raciocinar a seu respeito. Não devemos, sobretudo, fazer objeções com os diversos testemunhos da própria ignorância.

Foi assim que, sem lhe faltar inteligência, Fabrice não conseguiu ver que sua semicrença nos presságios era para ele uma religião, uma impressão profunda recebida em seu ingresso na vida. Pensar nessa crença era sentir, era uma forma de felicidade. E ele teimava em procurar saber como isso podia ser uma ciência *provada*, real, no gênero da geometria, por exemplo. Buscava com ardor, em sua memória, todas as circunstâncias em que presságios observados por ele não tinham sido seguidos pelo feliz ou infeliz acontecimento que pareciam anunciar. Mas, embora acreditando seguir um raciocínio e andar rumo à verdade, sua atenção se fixava felizmente na lembrança dos casos em que o presságio fora amplamente seguido pelo fausto ou infausto acidente que lhe parecia predizer, e sua alma era invadida pelo respeito e pela ternura; e ele teria sentido invencível repugnância pela criatura que houvesse negado os presságios, em especial se ela tivesse empregado a ironia.

Fabrice ia caminhando, sem se dar conta das distâncias, e estava nesse ponto de seus raciocínios impotentes quando, levantando a cabeça, viu o muro do jardim de seu pai. Esse muro, que sustentava um belo terraço, se erguia a mais de quarenta pés acima da estrada, à direita. Um cordão de pedras de cantaria bem no alto, perto da balaustrada, lhe dava um ar monumental. “Não está mal”, pensou friamente Fabrice, “isso é boa arquitetura, quase no gosto romano.” Aplicava seus recentes conhecimentos em antiguidades. Depois, virou a cabeça, com repugnância; as severidades do pai e sobretudo a denúncia de seu irmão Ascanio no regresso da viagem à França vieram-lhe ao espírito.

“Essa denúncia desnaturada foi a origem de minha vida atual; posso odiá-la, posso

desprezá-la, mas, afinal, mudou meu destino. Que seria de mim, uma vez relegado a Novara e sendo quase apenas tolerado na casa daquele administrador de meu pai, se minha tia não tivesse tido relações amorosas com um ministro poderoso? Se acaso essa tia só tivesse uma alma seca e comum em vez dessa alma carinhosa e apaixonada, e que me ama com uma espécie de entusiasmo que me espanta? Onde estaria eu agora se a duquesa tivesse tido a alma de seu irmão, o marquês Del Dongo?”

Acabrunhado por essas lembranças cruéis, Fabrice agora só caminhava com um passo incerto; chegou à beira do fosso bem em frente da magnífica fachada do castelo. Mal dirigiu um olhar para aquele grande edifício enegrecido pelo tempo. A nobre linguagem da arquitetura o encontrou insensível; a lembrança do irmão e do pai fechava sua alma a qualquer sensação de beleza, ele só se preocupava em se manter alerta na presença de inimigos hipócritas e perigosos. Olhou um instante, mas com acentuado asco, para a janelinha do quarto que ocupava antes de 1815, no terceiro andar. O caráter de seu pai despojara de qualquer encanto as lembranças da primeira infância. “Não entrei lá”, pensou, “desde o dia 7 de março às oito da noite. Saí de lá para ir pegar o passaporte de Vasi, e no dia seguinte o temor dos espões me levou a precipitar minha partida. Quando passei de novo por aqui, depois da viagem à França, não tive tempo de subir nem mesmo para rever minhas gravuras, e isso por causa da denúncia de meu irmão.”

Fabrice virou a cabeça, horrorizado. “O padre Blanès tem mais de oitenta e três anos”, pensou tristemente, “quase não vem mais ao castelo, pelo que me contou minha irmã; as enfermidades da velhice tiveram esse efeito. Esse coração tão firme e tão nobre está congelado pela idade. Deus sabe há quanto tempo não vai mais ao campanário! Vou me esconder na adega, debaixo das cubas ou do lagar, até a hora de seu despertar; não irei perturbar o sono do bom velhote; provavelmente ele terá se esquecido até de minhas feições; nessa idade, seis anos é muita coisa! Encontrarei apenas o túmulo de um amigo! É uma verdadeira criancice ter vindo aqui enfrentar o asco que me causa o castelo de meu pai.”

Então Fabrice entrou na pracinha da igreja; foi com um espanto beirando o delírio que viu, no segundo andar do antigo campanário, a janela estreita e comprida iluminada pela lanternazinha do padre Blanès. O padre costumava pô-la ali, ao subir à gaiola de tábuas que formava seu observatório, a fim de que a claridade não o impedisse de ler em seu planisfério. Esse mapa do céu ficava estendido sobre um grande vaso de terracota que outrora pertencera a uma laranjeira do castelo. Na abertura, no fundo do vaso, queimava a lâmpada mais exígua; um tubinho de lata levava a fumaça para fora do vaso, e a sombra do tubo marcava o norte no mapa. Todas essas lembranças de coisas tão simples inundaram de emoções a alma de Fabrice e a encheram de felicidade.

Quase sem pensar nisso, ele deu, com a ajuda das duas mãos, o assobiozinho baixo e curto que antigamente era o sinal de sua admissão. Logo ouviu alguém puxar várias vezes a corda que, do alto do observatório, abria o trinco da porta do campanário. Precipitou-se pela escada, emocionado até o êxtase; encontrou o padre em seu banco de madeira, no lugar habitual; seus olhos estavam fixados na pequena luneta de um quadrante mural. Com a mão esquerda o padre lhe fez sinal para não interrompê-lo em sua observação; um instante depois, escreveu um algarismo numa carta de baralho, e depois, virando-se em sua

poltrona, abriu os braços para nosso herói, que neles se atirou desmanchando-se em lágrimas. O padre Blanès era seu verdadeiro pai.

— Eu o esperava — disse Blanès, depois das primeiras palavras de efusão e ternura.

Estaria o padre exercendo seu ofício de cientista ou, como volta e meia Fabrice pensava, algum sinal astrológico lhe anunciara, por puro acaso, seu regresso?

— Aqui está minha morte, que se aproxima — disse o padre Blanès.

— Como! — exclamou Fabrice, todo comovido.

— Sim — continuou o padre em tom sério, mas não triste —: cinco meses e meio ou seis meses e meio depois que o tiver revisto, minha vida se extinguirá, tendo encontrado seu complemento de felicidade.

*Come face al mancar dell'alimento<sup>a</sup>*

(como a pequena lâmpada quando lhe falta o óleo.)

“Antes do momento supremo, provavelmente passarei um ou dois meses sem falar, depois do que serei recebido no seio de nosso pai; se todavia ele achar que cumpri meu dever no posto de sentinela em que me instalou. Quanto a você, está morto de cansaço, sua emoção o dispõe ao sono. Desde que o espero, escondi um pão e uma garrafa de aguardente na caixa grande de meus instrumentos. Dê esses sustentos à sua vida e tente reunir forças suficientes para me ouvir mais uns instantes. Está em meu poder lhe dizer várias coisas antes que a noite seja totalmente substituída pelo dia; agora as vejo muito mais distintamente do que talvez as verei amanhã. Pois, meu filho, sempre somos fracos, e sempre devemos levar em conta essa fraqueza. Amanhã talvez o velho homem, o homem terrestre estará ocupado dentro de mim com os preparativos de minha morte, e amanhã à noite, às nove horas, você tem de me deixar.”

Fabrice lhe obedeceu calado, como era seu costume.

— Então é verdade — continuou o velhote — que, quando você tentou ver Waterloo, só encontrou, no início, uma prisão?

— Sim, meu pai — retrucou Fabrice, espantado.

— Pois bem, foi uma rara felicidade, já que, advertido por minha voz, sua alma pode se preparar para outra prisão muito mais dura, muito mais terrível! Provavelmente você só sairá dela por meio de um crime, mas graças aos céus esse crime não será cometido por você. Jamais caia no crime, por mais violenta que seja a tentação; creio ver que se tratará de matar um inocente, que, sem sabê-lo, usurpa seus direitos; se resistir à violenta tentação que parecerá justificada pelas leis da honra, sua vida será muito feliz aos olhos dos homens... e razoavelmente feliz aos olhos do sábio — acrescentou, depois de um instante de reflexão. — Você morrerá igual a mim, meu filho, sentado num banco de madeira, longe de qualquer luxo, e desiludido do luxo, e, como eu, não tendo de fazer a si mesmo nenhuma crítica grave. Agora, as coisas do futuro terminaram entre nós, eu não poderia acrescentar nada de importante. Foi em vão que tentei ver quanto tempo durará essa prisão; trata-se de seis meses, de um ano, de dez anos? Nada consegui descobrir; aparentemente cometi algum erro, e o céu quis me castigar com a tristeza dessa incerteza. Vi somente que, depois da prisão, mas não sei se é no próprio momento da saída, haverá o

que chamo de um crime, mas felizmente creio estar seguro de que não será cometido por você. Se tiver a fraqueza de se envolver nesse crime, todo o restante de meus cálculos não será senão um longo erro. Então você não morrerá com a alma em paz, num banco de madeira e vestido de branco.

Ao dizer essas palavras, o padre Blanès quis se levantar; foi então que Fabrice se apercebeu dos estragos do tempo; ele levou quase um minuto para se levantar e se virar para Fabrice. Este, imóvel e calado, o deixava agir. O padre se jogou em seus braços várias vezes; ele o apertou com extrema ternura. Depois disso, retomou toda a sua alegria de outrora:

— Tente se arranjar no meio de meus instrumentos para dormir um pouco comodamente, pegue minhas peles; encontrará várias delas, de grande valor, foi a duquesa Sanseverina que as enviou, há quatro anos. Pedi-me uma predição sobre você, que evitei de lhe enviar, embora guardando suas peles e seu belo quadrante. Toda previsão de futuro é uma infração à regra, e tem esse perigo de que pode mudar o acontecimento, e nesse caso toda a ciência cai por terra como um verdadeiro jogo de criança; e, aliás, havia coisas duras a dizer a essa duquesa sempre tão linda. A propósito, não fique assustado em seu sono com os sinos que vão fazer uma barulheira terrível ao lado de suas orelhas, quando badalarem para a missa das sete; mais tarde, no andar de baixo vão movimentar o sino grande que sacode todos os meus instrumentos. Hoje é dia de são Giovita, mártir e soldado. Sabe, o pequeno vilarejo de Griante tem o mesmo padroeiro da grande cidade de Brescia, o que, entre parênteses, enganou de um jeito muito divertido meu ilustre mestre Thiago Marini de Ravena. Várias vezes ele me anunciou que eu faria uma bela carreira eclesiástica, pois acreditava que eu seria cura da magnífica igreja de São Giovita, em Brescia; fui cura de um pequeno vilarejo de setecentas e cinquenta bocas! Mas tudo deu muito certo. Vi, não tem dez anos, que, se eu tivesse sido cura em Brescia, meu destino seria ser jogado na prisão, numa colina da Morávia, no Spielberg. Amanhã lhe trarei todos os tipos de iguarias finas roubadas do grande jantar que ofereço hoje para todos os curas das redondezas, que vêm cantar em minha missa solene. Vou levá-las até lá embaixo, mas não procure me ver, não desça para se apoderar dessas coisas gostosas, senão quando tiver me ouvido sair de novo. Você não deve me rever *de dia*, e como amanhã o sol se põe às sete horas e vinte e sete minutos, só virei abraçá-lo lá pelas oito horas, e você precisa partir enquanto as horas ainda se contarem por nove, isto é, antes que o relógio bata dez horas. Preste atenção para não ser visto nas janelas do campanário: os gendarmes têm sua descrição física e de certa forma estão sob as ordens de seu irmão, que é um tremendo tirano. O marquês Del Dongo está decaindo — acrescentou Blanès com ar triste —, e se o revisse talvez pusesse alguma coisa em sua mão. Mas tais vantagens, manchadas de fraude, não convêm a um homem como você, cuja força estará, um dia, em sua consciência. O marquês abomina o filho Ascanio, e é a esse filho que caberão os cinco ou seis milhões que ele possui. É a justiça. Você, na morte dele, terá uma pensão de quatro mil francos, e cinquenta varas de pano preto para o luto dos seus criados.

A alma de Fabrice estava exaltada com os discursos do velhinho, a profunda atenção e o extremo cansaço. Custou muito a dormir e seu sono foi agitado por sonhos, talvez presságios do futuro; de manhã, às dez horas, foi acordado pelo tremor geral do campanário, um barulho horroroso parecia vir lá de fora. Levantou-se, perdido, imaginou-se no fim do mundo, depois pensou que estava na cadeia; levou tempo para reconhecer o som do grande sino que quarenta camponeses punham em marcha em homenagem ao grande são Giovita, quando dez teriam bastado.

Fabrice procurou um lugar conveniente para ver sem ser visto; percebeu que, daquela grande altura, seu olhar mergulhava nos jardins, e até mesmo no pátio interno do castelo de seu pai. Tinha-o esquecido. A ideia desse pai chegando aos limites da vida mudava todos os seus sentimentos. Distinguia até os pardais que procuravam algumas migalhas de pão no grande balcão da sala de jantar. “São os descendentes daqueles que outrora eu domesticava”, pensou. Aquele balcão, como todos os outros balcões do palácio, estava carregado de uma profusão de laranjeiras dentro de vasos de terra maiores e menores: essa visão o enterneceu; o aspecto daquele pátio interno, assim decorado com suas sombras bem nítidas, e marcadas por um sol brilhante, era realmente grandioso.

O enfraquecimento de seu pai voltava-lhe ao espírito. “Mas é de fato singular”, pensava, “meu pai tem apenas trinta e cinco anos mais que eu; trinta e cinco mais vinte e três são só cinquenta e oito!” Seus olhos, fixos nas janelas do quarto daquele homem severo que nunca o amara, se encheram de lágrimas. Estremeceu, e um frio súbito correu em suas veias quando julgou reconhecer o pai atravessando um terraço repleto de laranjeiras, que ficava bem no nível de seu quarto; mas era apenas um lacaio. Bem embaixo do campanário, moças vestidas de branco e divididas em diferentes grupos estavam ocupadas em traçar desenhos com flores vermelhas, azuis e amarelas sobre o calçamento das ruas por onde devia passar a procissão. Mas havia um espetáculo que falava mais profundamente à alma de Fabrice: do campanário, seus olhares mergulhavam sobre os dois ramos do lago, a uma distância de várias léguas, e aquela vista sublime logo o fez esquecer todas as outras; ela lhe despertava os sentimentos mais elevados. Todas as lembranças de sua infância vieram atropeladas assediá-lo o pensamento; e esse dia passado na prisão de um campanário foi talvez um dos mais felizes de sua vida.

A felicidade o levou a uma elevação de pensamentos bastante estranha a seu caráter; ele, tão moço, considerava os acontecimentos da vida como se já tivesse chegado ao último. “É preciso convir, desde minha chegada a Parma”, pensou afinal, “depois de várias horas de devaneios deliciosos, não tive uma alegria serena e perfeita, como a que encontrava em Nápoles galopando pelos caminhos do Vomero ou correndo pelas margens de Miseno.

Todos os interesses tão complicados dessa pequena corte malvada me tornaram malvado... Não tenho o menor prazer em odiar, creio mesmo que me seria uma triste felicidade humilhar meus inimigos, se os tivesse; mas não tenho inimigos... Alto lá!”, pensou de repente; “tenho como inimigo Giletti... Eis algo singular”, pensou; “o prazer que sentiria em ver esse homem tão feio ir para todos os infernos sobreviveu ao gosto muito leve que eu tinha pela pequena Marietta... Ela não se compara, nem de longe, à duquesa d’A\*\*\*, que eu era obrigado a amar em Nápoles, já que dissera estar apaixonado por ela! Santo Deus! Quantas vezes me entediei durante os longos encontros que essa bela duquesa me concedia; nunca houve nada de parecido no quarto deteriorado e servindo de cozinha onde a pequena Marietta me recebeu duas vezes, e cada vez por dois minutos. Ó santo Deus! O que é que essa gente come? É de dar pena! Eu deveria ter dado a ela e à *mammacia* uma pensão de três bifés, pagáveis diariamente... A pequena Marietta”, acrescentou, “me distraía dos pensamentos malvados que me dava a vizinhança dessa corte.

“Talvez eu fizesse bem em adotar a vida dos cafés, como diz a duquesa; ela parecia pender para esse lado, e tem para isso bem mais talento que eu. Graças às dádivas dela, ou somente com essa pensão de quatro mil francos e esse fundo de quarenta mil investidos em Lyon e que minha mãe me destina, eu teria sempre um cavalo e alguns escudos para fazer as escavações e formar uma coleção. Como, pelo visto, eu não devo conhecer o amor, estas serão sempre para mim as grandes fontes de felicidade; gostaria, antes de morrer, de rever o campo de batalha de Waterloo e tentar reconhecer o descampado onde me surrupiaram tão alegremente meu cavalo e me sentaram no chão. Feita essa peregrinação, eu voltaria muitas vezes para este lago sublime; nada tão belo pode ser visto no mundo, pelo menos para meu coração. Para que ir buscar tão longe a felicidade, ela está aqui, diante de meus olhos!

“Ah!”, pensou Fabrice, como uma objeção, “a polícia me expulsa do lago de Como, mas sou mais jovem que as pessoas que estão jogando a polícia em cima de mim. Aqui”, acrescentou rindo, “eu não encontraria nenhuma duquesa d’A\*\*\*, mas encontraria uma dessas mocinhas lá de baixo, que arrumam flores sobre o calçamento, e na verdade eu a amaria tanto quanto: a hipocrisia me gela, até mesmo no amor, e nossas grandes damas visam efeitos por demais sublimes. Napoleão lhes deu ideias sobre como se comportar e sobre a constância.

“Diabo!”, disse para si mesmo de repente, tirando a cabeça da janela como se temesse ser reconhecido apesar da sombra da enorme gelosia de madeira que preservava os sinos contra a chuva, “eis que estão chegando gendarmes em uniforme de gala.” De fato, dez gendarmes, sendo quatro suboficiais, apareciam no alto da rua principal do vilarejo. O quartel-mestre os distribuía a cada cem passos, ao longo do trajeto que a procissão devia percorrer. “Aqui todos me conhecem; caso me vejam, vai ser só um salto das margens do lago de Como ao Spielberg, onde me prenderão em cada perna uma corrente pesando cento e dez libras; e que dor para a duquesa!”

Fabrice precisou de dois ou três minutos para se lembrar que, primeiro, estava instalado a mais de oitenta pés de altura; depois, que o lugar onde estava era relativamente escuro, que os olhos das pessoas que poderiam olhar para ele recebiam bem em cheio um sol deslumbrante, e que enfim passeavam de olhos arregalados pelas ruas onde todas as casas

acabavam de ser caiadas em homenagem à festa de são Giovita. Apesar desses argumentos tão claros, a alma italiana de Fabrice teria ficado, daqui para a frente, sem condições de saborear algum prazer se ele não tivesse interposto, entre si mesmo e os gendarmes, um trapo de pano velho, que pregou na janela e no qual fez dois buracos para os olhos.

Fazia dez minutos que os sinos sacudiam o ar, a procissão saía da igreja, os *mortaretti*<sup>a</sup> se fizeram ouvir. Fabrice virou a cabeça e reconheceu aquela pequena esplanada guarnecida por um parapeito e dominando o lago, onde tantas vezes, em sua mocidade, ele se expusera para ver os *mortaretti* explodirem entre suas pernas, o que levava sua mãe a querer vê-lo perto de si na manhã dos dias de festa.

É preciso saber que os *mortaretti* (ou pequenos morteiros) não são outra coisa senão canos de fuzil serrados de modo a só lhes deixar quatro polegadas de comprimento; é por isso que os camponeses recolhem avidamente os canos de fuzil que, desde 1798, a política da Europa semeou em profusão nas planícies da Lombardia. Uma vez reduzidos a quatro polegadas de comprimento, esses caninhos são carregados até a boca e colocados na terra em posição vertical, e um rastilho de pólvora vai de um a outro; são enfileirados em três linhas, como um batalhão, e em número de duzentos ou trezentos, em algum lugar próximo do itinerário que a procissão deve percorrer. Quando se aproxima o Santo Sacramento, põe-se fogo no rastilho de pólvora e então começa um fogo em fila com explosões secas, o mais desigual e ridículo do mundo; as mulheres ficam esfuziantes. Nada é tão alegre como o barulho desses *mortaretti* ouvido de longe, no lago, e suavizado pelo balanço das águas; esse barulho peculiar e que tantas vezes fizera a alegria de sua infância expulsou as ideias um pouco sérias demais que assediavam nosso herói; ele foi buscar a grande luneta astronômica do padre, e reconheceu a maioria dos homens e mulheres que seguiam a procissão. Muitas meninas encantadoras, que Fabrice deixara com a idade de onze e doze anos, agora eram mulheres fantásticas em plena flor da mais vigorosa mocidade; fizeram renascer a coragem em nosso herói e, para falar com elas, ele bem que desafiaria os gendarmes.

Tendo a procissão passado e entrado na igreja por uma porta lateral que Fabrice não conseguia ver, o calor logo se tornou extremo, mesmo no alto do campanário; os moradores voltaram para casa e fez-se um grande silêncio no vilarejo. Várias barcas se encheram de camponeses voltando para Belagio, Menagio e outras aldeias à beira do lago; Fabrice distinguia o ruído de cada remada: esse detalhe tão simples o extasiava; sua atual alegria se compunha de toda a infelicidade, de todo o constrangimento que encontrava na vida complicada das cortes. Como seria feliz nesse momento se navegasse uma légua por aquele belo lago tão tranquilo e que refletia tão bem a profundidade dos céus! Ouviu abrirem a porta ao pé do campanário: era a velha criada do padre Blanès, que trazia uma cesta grande; Fabrice teve a maior dificuldade do mundo para se conter e não ir falar com ela. “Ela tem por mim quase tanta amizade quanto seu patrão”, pensou, “e, aliás, parto esta noite às nove horas; será que ela não guardaria o segredo que teria me jurado, somente por algumas horas? Mas”, continuou Fabrice, “eu desagradaria a meu amigo! Poderia comprometê-lo com os gendarmes!” E deixou Ghita ir embora, sem falar com ela. Fez um excelente jantar, conseguiu dormir alguns minutos: só acordou às oito e meia da noite, o padre Blanès lhe sacudia o braço e era noite.

Blanès estava extremamente cansado, parecia ter cinquenta anos a mais que na véspera. Não falou de coisas sérias; sentado em seu banco de madeira, disse a Fabrice:

— Abrace-me.

Ele o apertou várias vezes em seus braços.

— A morte — disse enfim — que vai terminar esta vida tão longa não terá nada tão penoso quanto esta separação. Tenho uma bolsa que deixarei com Ghita, com a ordem de tirar o necessário para as necessidades dela, mas de entregar-lhe o que restar caso você venha a pedir. Eu a conheço; depois dessa recomendação, ela é capaz, por economia para você, de só comprar carne quatro vezes por ano, se você não lhe der ordens bem precisas. Você mesmo pode estar reduzido à miséria, e o óbolo do seu velho amigo lhe servirá. Não espere nada de seu irmão além de comportamentos atrozes, e tente ganhar dinheiro com um trabalho que o torne útil para a sociedade. Prevejo estranhas tempestades; talvez daqui a cinquenta anos não se queiram mais ociosos. Sua mãe e sua tia podem lhe faltar, suas irmãs deverão obedecer a seus maridos... Vá embora, vá embora! Fuja! — exclamou Blanès, ansioso.

Acabava de ouvir um barulhinho no relógio que anunciava que iam dar dez horas, e não quis nem sequer permitir a Fabrice abraçá-lo uma última vez.

— Depressa! Depressa! — gritou-lhe. — Você levará ao menos um minuto para descer a escada; cuidado para não cair, seria um horrível presságio.

Fabrice se precipitou pela escada e, chegando à praça, se pôs a correr. Nem bem chegara diante do castelo do pai, o relógio bateu dez horas; cada badalada retinia em seu peito e lhe causava uma singular perturbação. Parou para refletir, ou melhor, para se entregar aos sentimentos apaixonados que lhe inspirava a contemplação daquele edifício majestoso que, na véspera, ele julgara tão friamente. Em meio a seu devaneio, passos de homem foram despertá-lo; olhou e se viu entre quatro gendarmes. Tinha duas excelentes pistolas cujas escorvas acabara de renovar, enquanto jantava, e o estalinho que fez ao armá-las atraiu a atenção de um dos gendarmes, que esteve prestes a prendê-lo. Ele se deu conta do perigo que corria e pensou em atirar primeiro; tinha direito, pois era o único jeito de resistir a quatro homens bem armados. Felizmente, os gendarmes, que circulavam para esvaziar as tabernas, não se mostraram totalmente insensíveis às amabilidades que haviam recebido em vários daqueles lugares simpáticos; não se decidiram suficientemente rápidos a cumprirem seu dever. Fabrice deu no pé, correndo em disparada. Os gendarmes deram uns passos, correndo também e gritando:

— Pare! Pare!

Depois tudo voltou ao silêncio. A trezentos passos dali, Fabrice parou para tomar fôlego. “O barulho de minhas pistolas quase fez com que me prendessem; é por isso mesmo que a duquesa me teria dito, se jamais me fosse dado rever seus belos olhos, que minha alma encontra prazer em contemplar o que acontecerá daqui a dez anos e esquece de olhar o que se passa atualmente ao meu lado.”

Fabrice estremeceu pensando no perigo que acabara de evitar; apressou o passo mas logo foi obrigado a correr, o que não era muito prudente, pois se fez notar por vários camponeses que voltavam para casa. Só conseguiu se decidir a parar na montanha, a mais de uma légua de Griante, e, mesmo tendo parado, sentiu um suor frio ao pensar no

Spielberg.

“É um baita medo!”, pensou, e, ao ouvir o som dessa palavra, ficou quase tentado a se envergonhar. “Mas minha tia não me diz que a coisa de que mais preciso é aprender a me perdoar? Sempre me comparo com um modelo perfeito, e que não pode existir. Muito bem! Eu perdoou meu medo, pois, por outro lado, estava muito disposto a defender minha liberdade, e certamente nem todos aqueles quatro gendarmes teriam ficado de pé para me conduzir à prisão. O que faço neste momento não é militar; em vez de bater depressa em retirada, depois de ter cumprido minha missão, e talvez dado o alarme a meus inimigos, divirto-me com uma fantasia talvez mais ridícula que todas as previsões do bom padre.”

De fato, em vez de se retirar pela linha mais curta e chegar às margens do lago Maior, onde seu barco esperava por ele, fez um enorme desvio para ir ver *sua árvore*. O leitor talvez se lembre do amor que Fabrice tinha por um castanheiro plantado por sua mãe vinte e três anos antes. “Seria digno de meu irmão”, pensou, “ter mandado cortar a árvore; mas essas criaturas não sentem as coisas delicadas; ele não terá pensado nisso. E, aliás, não seria de mau agouro”, acrescentou com firmeza. Duas horas depois, seu olhar ficou consternado; gente perversa ou uma tempestade tinham quebrado um dos principais galhos da árvore nova, que pendia ressecado; Fabrice o cortou com respeito, com a ajuda de seu punhal, e fez um talho bem firme a fim de que a água não pudesse se introduzir no tronco. Em seguida, embora o tempo fosse muito precioso para ele, pois o dia ia raiar, passou uma boa hora em revolver a terra em torno da árvore querida. Realizadas todas essas loucuras, retomou depressa a estrada do lago Maior. Pensando bem, não estava triste, a árvore tivera um belo crescimento, mais vigorosa que nunca, e em cinco anos quase dobrara de tamanho. O galho era apenas um acidente sem consequência; uma vez cortado, não prejudicava mais a árvore, e até mesmo a tornava mais esbelta, pois a armação de seus galhos começaria mais alto.

Fabrice não tinha percorrido uma légua quando uma faixa resplandecente de brancura desenhava a oriente os picos do Resegon di Lek,<sup>b</sup> montanha famosa na região. A estrada que seguia ia se cobrindo de camponeses; mas, em vez de ter ideias militares, Fabrice se deixou enternecer pelos aspectos sublimes ou tocantes daquelas florestas dos arredores do lago de Como. São talvez as mais belas do mundo; não quero dizer as que rendem mais *escudos novos*, como se diria na Suíça, mas as que mais falam à alma. Escutar aquela linguagem na situação em que estava Fabrice, exposto às atenções dos senhores gendarmes lombardos-venezianos, era uma verdadeira criancice. “Estou a meia légua da fronteira”, pensou afinal, “vou encontrar guardas alfandegários e gendarmes fazendo a ronda da manhã: essa roupa de tecido fino será suspeita para eles, que vão pedir meu passaporte; ora, esse passaporte traz com todas as letras um nome fadado à prisão; eis-me com a agradável necessidade de cometer um homicídio. Se, como de costume, os gendarmes estiverem andando em duplas, não posso esperar tranquilamente, para abrir fogo, que um dos dois tente me agarrar pela gola; por pouco que, ao cair, ele me segure um instante, eis-me no Spielberg.” Tomado de horror, sobretudo por essa necessidade de ser o primeiro a abrir fogo, talvez contra um antigo soldado de seu tio, o conde Pietranera, Fabrice correu para se esconder no tronco oco de um enorme castanheiro; estava pondo uma nova escorva nas suas pistolas quando ouviu um homem que avançava pelo bosque cantando muito bem uma ária deliciosa de

Mercadante, então na moda na Lombardia.

“Isso é um bom sinal!”, pensou Fabrice. Essa melodia que ele escutou religiosamente tirou-lhe a pontinha de raiva que começava a se misturar com seu raciocínio. Olhou atentamente para os dois lados da estrada real, não viu ninguém. “O cantor chegou por algum caminho transversal”, pensou. Quase no mesmo instante, viu um criado de quarto muito corretamente vestido à inglesa e montado num cavalo de séquito, e que avançava aos passinhos, segurando a rédea de um belo cavalo de raça, talvez um pouco magro demais.

“Ah, se eu raciocinasse como Mosca!”, conjecturou Fabrice, “quando ele me repete que os perigos enfrentados por um homem são sempre a medida de seus direitos sobre o vizinho! Eu quebraria a cabeça desse criado de quarto com um tiro de pistola, e, uma vez montado no cavalo magro, muito zombaria de todos os gendarmes do mundo. Nem bem de regresso a Parma, mandaria dinheiro para esse homem ou para sua viúva... mas isso seria um horror!”

a *Mortaretto*: uma espécie de buscapé.

b O monte Resegone di Lecco, à beira do lago de Como. Stendhal usa aqui o dialeto milanês.

Enquanto dava a si mesmo uma lição de moral, Fabrice pulava para a estrada real que vai da Lombardia à Suíça: nesse lugar, ela fica bem uns quatro ou cinco pés abaixo do nível da floresta. “Se meu homem se amedrontar”, pensou Fabrice, “sai disparado a galope e eu fico plantado aqui fazendo verdadeiro papel de bobo.” Nessa altura, estava a dez passos do criado, que não cantava mais: viu em seus olhos que ele estava com medo; talvez fosse virar os cavalos para o outro lado. Sem ainda estar decidido, Fabrice deu um pulo e agarrou a rédea do cavalo magro.

— Meu amigo — disse ao criado —, não sou um ladrão corrente, pois vou começar por lhe dar vinte francos, mas sou obrigado a tomar emprestado seu cavalo; serei morto se não cair fora daqui bem depressa. Tenho nos calcanhares os quatro irmãos Riva, esses grandes caçadores que com certeza você conhece; acabam de me flagrar no quarto da irmã deles, pulei a janela e aqui estou. Saíram para a floresta com seus cães e fuzis. Eu tinha me escondido naquele grande castanheiro oco, porque vi um deles cruzar a estrada, os cachorros vão seguir meu rastro! Vou subir em seu cavalo e galopar até uma légua além de Como; vou a Milão me jogar aos pés do vice-rei. Deixarei seu cavalo na posta, com dois napoleões para você, se aceitá-los de bom grado. Se opuser a menor resistência, mato-o com as pistolas que aqui estão. Se, quando eu tiver ido embora, puser os gendarmes no meu encalço, meu primo, o bravo conde Alari, escudeiro do imperador, tratará de lhe quebrar os ossos.

Fabrice inventava esse discurso à medida que o proferia de um jeito perfeitamente pacífico.

— De resto — disse, sorrindo —, meu nome não é um segredo; sou o *marchesino* Ascanio del Dongo, meu castelo fica pertinho daqui, em Griante. Mas solte o cavalo, diachos! — disse, erguendo a voz.

O criado, estupefato, não dizia uma palavra. Fabrice passou a pistola para a mão esquerda, pegou a brida que o outro largou, pulou para o cavalo e partiu a galope. Quando chegou a trezentos passos, percebeu que tinha esquecido de dar os vinte francos prometidos; parou: continuava a não haver viva alma na estrada a não ser o criado, que o seguiu a galope; com o lenço, ele lhe fez sinal para se achegar, e quando o viu a cinquenta passos jogou na estrada um punhado de moedas, e tornou a partir. Viu de longe o criado apanhar as moedas de prata. “Este é um homem realmente sensato, nem uma só palavra inútil”, pensou Fabrice, rindo. Correu depressa para o sul, parou numa casa afastada e pegou de novo a estrada horas mais tarde. Às duas da madrugada estava na beira do lago Maior; logo avistou seu barco, que balançava na água e se aproximou a um sinal combinado. Não viu nenhum camponês a quem entregar o cavalo; devolveu a liberdade ao

nobre animal, três horas depois estava em Belgirate. Lá, achando-se em terra amiga, descansou um pouco; estava muito alegre, e tudo tinha se passado perfeitamente bem. Ousaremos indicar as verdadeiras causas de sua alegria? Sua árvore estava com um crescimento fantástico, e sua alma fora refrescada pela ternura profunda que encontrara nos braços do padre Blanès. “Será que ele acredita realmente”, pensava, “em todas as previsões que me fez? Ou, tendo meu irmão me atribuído a reputação de um jacobino, de um homem sem fé nem moral, capaz de tudo, ele quis apenas que eu me compromettesse a não ceder à tentação de quebrar a cabeça de algum monstro que tiver me dado um golpe?” Dois dias mais tarde Fabrice estava em Parma, onde divertiu muito a duquesa e o conde ao narrar nos mínimos detalhes, como sempre fazia, toda a história de sua viagem.

À sua chegada, Fabrice encontrou o porteiro e todos os empregados do palácio Sanseverina carregados das insígnias do luto mais fechado.

— Que perda tivemos? — perguntou à duquesa.

— Esse homem excelente a quem chamavam de meu marido acaba de morrer em Baden. Deixou-me este palácio; era uma coisa combinada, mas em sinal de boa amizade acrescenta um legado de trezentos mil francos, que me constrange muito; não quero renunciar a isso em favor da sobrinha dele, a marquesa Raversi, que todo santo dia me prega peças de péssimo gosto. Você, que é um amador de arte, terá de me encontrar um bom escultor; elevarei ao duque um túmulo de trezentos mil francos.

O conde começou a rir das anedotas sobre a marquesa Raversi.

— Foi em vão que procurei amansá-la com benesses — disse a duquesa. — Quanto aos sobrinhos do duque, fiz de todos eles coronéis ou generais. Em compensação, não se passa mês sem que me dirijam uma carta anônima abominável, fui obrigada a pegar um secretário para ler as cartas desse tipo.

— E essas cartas anônimas são os menores pecados deles — retrucou o conde Mosca —; têm uma manufatura de denúncias infames. Vinte vezes eu poderia ter feito toda essa corja comparecer perante os tribunais, e Vossa Excelência pode imaginar — acrescentou se dirigindo a Fabrice — se meus bons juízes os teriam condenado.

— Pois é! Eis o que me estraga todo o resto — retrucou Fabrice com uma ingenuidade bem divertida na corte —, eu preferiria vê-los condenados por magistrados que julgassem em sã consciência.

— Você, que viaja para se instruir, me dará o prazer de fornecer o endereço de tais magistrados, escreverei a eles antes de ir para a cama.

— Se eu fosse ministro, essa ausência de juízes honestos feriria meu amor-próprio.

— Mas me parece — respondeu o conde — que Vossa Excelência, que tanto ama os franceses, e que até mesmo outrora lhes prestou auxílio com seu braço invencível, esquece neste momento uma de suas grandes máximas: “Mais vale matar o diabo que ser morto pelo diabo”. Eu gostaria de ver como você governaria essas almas ardentes, e que leem toda a história da *Revolução da França*, diante de juízes que mandassem para casa, absolvidas, as pessoas que eu acuso. Eles chegariam a não condenar os patifes mais obviamente culpados e se veriam como uns Brutus. Mas quero provocá-lo: sua alma tão delicada não tem nenhum remorso a respeito daquele belo cavalo meio magro que você acaba de abandonar às margens do lago Maior?

— Tenho o firme propósito — disse Fabrice com grande seriedade — de mandar entregar o que for preciso ao dono do cavalo para reembolsá-lo pelas despesas de cartazes e outras, e depois disso os camponeses que o tiverem achado o devolverão a ele; vou ler assiduamente o jornal de Milão a fim de procurar o anúncio de um cavalo perdido; conheço muito bem a aparência deste.

— Ele é realmente *primitivo!* — disse o conde à duquesa. — E o que teria acontecido com Vossa Excelência — prosseguiu, rindo — se, quando galopava a toda brida no cavalo emprestado, ele tivesse resolvido dar um passo em falso? Você estaria no Spielberg, meu caro sobrinhozinho, e todo o meu prestígio mal conseguiria diminuir umas trinta libras o peso da corrente presa a cada uma de suas pernas. Você teria passado nesse lugar de recreio uma dezena de anos; talvez suas pernas ficassem inchadas e gangrenadas, e então iriam cortá-las muito cuidadosamente...

— Ai! Por misericórdia, não leve mais longe um romance tão triste — exclamou a duquesa com lágrimas nos olhos. — Ei-lo de volta...

— E por isso sinto mais alegria que você, pode acreditar — retrucou o ministro, muito sério. — Mas, afinal, por que essa criança cruel não me pediu um passaporte com um nome conveniente, já que queria penetrar na Lombardia? À primeira notícia de detenção dele eu teria partido para Milão, e os amigos que tenho naquela região de bom grado fechariam os olhos e suporiam que a gendarmeria prendera um súdito do príncipe de Parma. O relato de sua viagem é um encanto, divertido, admito de bom grado — retrucou o conde, adotando um tom menos sinistro —; sua saída dos bosques para a estrada principal me agrada um bocado; mas, cá entre nós, já que esse criado tinha entre as mãos sua vida, você tinha direito de tirar a dele. Vamos construir para Vossa Excelência uma carreira brilhante, pelo menos aqui está a senhora que me ordena isso, e não creio que meus maiores inimigos possam me acusar de ter algum dia desobedecido às ordens dela. Que tristeza mortal para ela e para mim se, nessa espécie de viagem ao campanário que você acaba de fazer com esse cavalo magro, ele tivesse dado um passo em falso. Quase seria preferível que o cavalo lhe tivesse quebrado o pescoço — acrescentou o conde.

— Você está muito trágico esta noite, meu querido — disse a duquesa toda comovida.

— É que estamos envoltos em acontecimentos trágicos — retrucou o conde também com emoção. — Aqui não estamos na França, onde tudo acaba em canções ou numa prisão de um ano ou dois, e realmente estou errado em rir quando lhe falo de todas essas coisas. Ah, pois é! Meu sobrinhozinho, suponho que darei um jeito de fazê-lo bispo, pois não posso simplesmente começar pelo arcebispado de Parma, assim como quer, muito sensata, a senhora duquesa aqui presente; nesse bispado onde você ficará longe de nossos sábios conselhos, diga-nos um pouco qual será sua política?

— Matar o diabo de preferência a ser morto por ele, como dizem muito bem meus amigos, os franceses — retrucou Fabrice com olhos ardentes —; conservar por todos os meios possíveis, inclusive a tiro de pistola, a posição que terá me conferido. Li na genealogia dos Del Dongo a história daquele nosso antepassado que construiu o castelo de Griante. No fim da vida, seu bom amigo Galeas, duque de Milão, o manda visitar um castelo forte em nosso lago; temiam uma nova invasão por parte dos suíços. “Preciso, porém, escrever uma palavra de cortesia ao comandante”, disse-lhe o duque de Milão, ao

se despedir dele; escreve e lhe entrega uma carta de duas linhas; depois, pede-a de volta para lacrá-la. “Será mais cortês”, disse o príncipe. Vespasiano del Dongo parte, mas navegando pelo lago lembra-se de um velho conto grego, pois era um erudito; abre a carta de seu bom senhor e lá encontra a ordem dirigida ao comandante do castelo de mandar matá-lo assim que ele chegar. O Sforza, muito atento à comédia que estava representando com nosso antepassado, deixara um intervalo entre a última linha do bilhete e sua assinatura; Vespasiano del Dongo ali escreve a ordem de reconhecê-lo como governador-geral de todos os castelos do lago, e suprime o início da carta. Chegando ao forte, onde foi reconhecido, joga o comandante num poço, declara guerra ao Sforza e, ao fim de alguns anos, troca sua fortaleza por aquelas terras imensas que fizeram a fortuna de todos os ramos de nossa família, e que um dia me valerão, a mim, quatro mil libras de renda.

— Você fala como um acadêmico — exclamou o conde, rindo —; é uma bela decisão impulsiva que nos conta aí, mas só a cada dez anos é que se tem a divertida ocasião de fazer essas coisas tão estimulantes. Uma criatura semiestúpida, mas atenta, e prudente todos os dias, com muita frequência degusta o prazer de triunfar contra os homens de imaginação. Foi por uma loucura da imaginação que Napoleão se entregou ao prudente *John Bull*, em vez de tentar chegar à América. *John Bull*, em seu balcão, riu um bocado da carta em que ele cita Temístocles. Em todos os tempos, os ignominiosos Sancho Pança vencerão, a longo prazo, os sublimes Dom Quixote. Se quiser consentir em nada fazer de extraordinário, não duvido que será um bispo muito respeitado, se não for muito respeitável. Todavia, minha observação subsiste; Vossa Excelência se conduziu com leviandade no caso do cavalo, ficou a um triz de uma prisão eterna.

Essa expressão fez Fabrice estremecer, ele mergulhou num profundo assombro. “Seria essa”, pensava, “a prisão de que estou ameaçado? Seria o crime que eu não devia cometer?” As previsões de Blanès, das quais ele debochava um bocado na condição de profecias, assumiam a seus olhos toda a importância de presságios verdadeiros.

— Nossa! Mas o que é que você tem? — perguntou-lhe a condessa, espantada. — O conde o afundou em negras imagens.

— Estou iluminado por uma verdade nova, e, em vez de me revoltar contra ela, meu espírito a adota. É verdade, passei bem perto de uma prisão sem-fim! Mas aquele criado estava tão bonito dentro de seu traje à inglesa! Seria uma pena matá-lo!

O ministro ficou encantado com seu arzinho bem-comportado.

— De todos os pontos de vista, ele é formidável — disse o conde, olhando para a duquesa. — Vou lhe dizer, meu amigo, que você fez uma conquista, e a mais desejável de todas, talvez.

“Ah!”, pensou Fabrice, “esta é uma brincadeira sobre a pequena Marietta.” Enganava-se. O conde acrescentou:

— Sua simplicidade *evangélica* ganhou o coração de nosso venerável arcebispo, o padre Landriani. Um dia desses vamos fazer de você um vigário-geral, e, o que faz a graça dessa brincadeira é que os três vigários-gerais atuais, gente de mérito, trabalhadora, e sendo que dois, penso eu, eram vigários-gerais antes do seu nascimento, pedirão, por uma bela carta dirigida ao arcebispo, que você seja o primeiro entre eles. Esses senhores se baseiam, de início, nas suas virtudes, e depois no fato de que você é sobrinho-neto do célebre arcebispo

Ascanio del Dongo. Quando eu soube do respeito que tinham por suas virtudes, imediatamente nomeei capitão o sobrinho do mais antigo vigário-geral; ele era tenente desde o cerco de Tarragona pelo marechal Suchet.

— Vá imediatamente, mesmo com essa roupa de andar em casa, como você está, fazer uma visita afetuosa ao seu arcebispo — exclamou a duquesa. — Conte-lhe o casamento de sua irmã; quando ele souber que ela vai ser duquesa, irá achá-lo bem mais apostólico. Aliás, você ignora tudo o que o conde acaba de contar sobre sua futura nomeação.

Fabrice correu ao palácio arquiepiscopal; lá, foi simples e modesto, e era este um tom que ele adotava com muita facilidade; inversamente, precisava fazer um esforço para bancar o grande nobre. Enquanto escutava os relatos meio longos de monsenhor Landriani, pensou: “Deveria eu ter disparado um tiro de pistola no criado que segurava pela brida o cavalo magro?”. Sua razão lhe dizia sim, mas seu coração não conseguia se acostumar com a imagem ensanguentada do belo rapaz caindo do cavalo, desfigurado.

“Essa prisão onde eu ia me enterrar, se o cavalo tivesse tropeçado, era a prisão de que estou ameaçado por tantos presságios?” Essa pergunta era da maior importância para ele, e o arcebispo ficou contente com seu ar de profunda atenção.

Ao sair do arcebispado, Fabrice correu à casa da pequena Marietta; ouviu de longe a voz de Giletti, que mandara vir vinho e se regalava com o ponto e os atiçadores de vela, seus amigos. A *mammacia*, que fazia as vezes de mãe, foi a única a responder a seu sinal.

— Há novidades desde que você partiu — ela exclamou. — Dois ou três de nossos atores foram acusados de ter celebrado com uma orgia a festa do grande Napoleão, e nossa pobre trupe, que eles chamam de jacobina, recebeu ordem de evacuar os estados de Parma, e viva Napoleão! Mas o ministro, dizem, soltou dinheiro por baixo do pano. O que há de certo é que Giletti está com dinheiro, e não sei quanto, mas o vi com um punhado de escudos. Marietta recebeu cinco escudos de nosso diretor para despesas de viagem até Mântua e Veneza, e eu, um. Ela continua muito apaixonada por você, mas Giletti lhe mete medo; há três dias, na última apresentação que fizemos, ele queria a todo custo matá-la; tascou-lhe duas tremendas bofetadas, e, o que é abominável, rasgou seu xale azul. Se você quisesse lhe dar um xale azul, seria um bom menino, e diríamos que o ganhamos numa loteria. O tambor-mor dos carabineiros faz uma apresentação amanhã, você encontrará a hora afixada em todas as esquinas das ruas. Venha nos ver; se ele tiver ido para a apresentação, de modo que a gente possa esperar que passe um tempão fora, estarei na janela e lhe farei sinal para subir. Tente nos trazer alguma coisa bem bonita, e Marietta vai amá-lo apaixonadamente.

Ao descer a escada em caracol desse pardieiro infame, Fabrice estava muito compungido. “Praticamente não mudei”, pensou, “todas as minhas belas resoluções tomadas à beira de nosso lago, quando eu via a vida com um olhar tão filosófico, se evaporaram. Minha alma estava fora de seus trilhos correntes, tudo aquilo era um sonho e desaparece diante da austera realidade. Seria o momento de agir!”, pensou Fabrice voltando para o palácio Sanseverina por volta das onze da noite. Mas foi em vão que procurou em seu coração a coragem de falar com essa sublime sinceridade que lhe parecia tão fácil na noite em que passou às margens do lago de Como. “Vou aborrecer a pessoa de que mais gosto no mundo; se falar, terei ares de um mau ator; só valho realmente alguma coisa em certos momentos de exaltação.”

— O conde é admirável comigo — ele disse à duquesa, depois de ter lhe prestado conta da visita ao arcebispo. — Aprecio tanto mais o comportamento dele na medida em que creio perceber que só lhe agrado muito medianamente; por isso, meu modo de agir com ele deve ser correto. Ele tem suas escavações de Sanguigna, pelas quais é apaixonado, ao menos a julgar pela viagem que fez anteontem; percorreu doze léguas a galope para passar duas horas com seus operários. Se encontrarem fragmentos de estátuas no templo antigo cujas fundações ele acaba de descobrir, teme que alguém as roube; tenho vontade de lhe

propor ir passar trinta e seis horas em Sanguigna. Amanhã, lá pelas cinco da tarde, devo rever o arcebispo, poderei partir à noitinha e aproveitar o fresco da noite para bater a estrada.

De início, a duquesa não respondeu.

— Parece que você busca pretextos para se afastar de mim — ela lhe disse em seguida, com extrema ternura. — Mal voltou de Belgirate, já encontra um motivo para partir.

“Eis uma bela ocasião de falar”, pensou Fabrice. “Mas no lago eu estava meio louco, não percebi, no meu ímpeto de sinceridade, que meu elogio acaba sendo uma impertinência; seria o caso de dizer: ‘Amo-a com a amizade mais devotada etc. etc., mas minha alma não é capaz de amor’. Não seria isso dizer: ‘Vejo que tem amor por mim; mas tome cuidado, não lhe posso pagar na mesma moeda’? Se a duquesa tem amor, pode se zangar por se ver adivinhada, e ficará revoltada com minha impudência se não tiver por mim senão uma simples amizade... e essas são ofensas que não se perdoam.”

Enquanto pesava essas ideias importantes, Fabrice, sem se dar conta, passeava pelo salão com ar grave e cheio de altivez, como homem que enxerga a desgraça a dez passos diante de si.

A duquesa o olhava com admiração; não era mais a criança que ela vira nascer, não era mais o sobrinho sempre pronto para obedecer: era um homem grave e pelo qual seria delicioso ser amada. Levantou-se da otomana em que estava sentada e, jogando-se em seus braços com arroubo, disse-lhe:

— Então quer fugir de mim?

— Não — ele respondeu com o ar de um imperador romano —, mas gostaria de ser sensato.

Essa palavra se abria a várias interpretações; Fabrice não se sentiu com coragem de ir mais longe e correr o risco de ferir aquela mulher adorável. Era muito moço, muito capaz de se emocionar; seu espírito não lhe fornecia nenhum fraseado agradável para dar a entender o que queria dizer. Por um arrebatamento natural, e apesar de toda e qualquer argumentação, pegou nos braços aquela mulher encantadora e a cobriu de beijos. No mesmo instante ouviu-se o barulho do carro do conde, que entrava no pátio, e quase ao mesmo tempo ele mesmo apareceu no salão; estava com um aspecto muito comovido.

— Você inspira paixões muito singulares — disse a Fabrice, que ficou um tanto atrapalhado com essas palavras. — O arcebispo tinha esta noite a audiência que Sua Alteza Sereníssima lhe concede toda quinta-feira; o príncipe acaba de me contar que o arcebispo, todo confuso, a iniciou por um discurso aprendido de cor e muito erudito, do qual de início o príncipe não entendia nada. Landriani acabou declarando que era importante para a igreja de Parma que *monsignore* Fabrice del Dongo fosse nomeado seu primeiro vigário-geral, e mais adiante, assim que completasse vinte e quatro anos, seu coadjutor, *com futura sucessão*. Essa expressão, confesso, me assustou — disse o conde —; é ir um pouco depressa demais, e eu temia uma réplica mal-humorada do príncipe. Mas ele me olhou, rindo, e me disse em francês: “*Ce sont là de vos coups, monsieur!*”.<sup>a</sup> “Posso jurar perante Deus e perante Vossa Alteza” — exclamei com toda a unção possível — “que eu ignorava totalmente a expressão *futura sucessão*.” Então, eu disse a verdade, o que repetimos aqui mesmo há algumas horas; acrescentei, com entusiasmo, que mais adiante eu me

consideraria como que cumulado pelos favores de Sua Alteza se ela se dignasse a me conceder um bispadozinho para início de conversa. Acho que o príncipe acreditou em mim, pois considerou oportuno bancar o gracioso; disse-me, com toda a simplicidade possível: “Este é um negócio oficial entre o arcebispo e eu, o senhor não entra em nada disso; o bom homem me dirigiu uma espécie de relatório muito comprido e razoavelmente maçante, depois do qual chegou a uma proposta oficial; respondi-lhe muito friamente que o rapaz era muito moço, e sobretudo muito novo na minha corte; que eu ficaria quase com cara de pagar uma letra de câmbio sacada contra mim mesmo pelo imperador, dando a perspectiva de tão alto posto ao filho de um dos grandes oficiais de seu reino lombardo-veneziano. O arcebispo protestou dizendo que nenhuma recomendação desse gênero tinha sido feita. Era uma grande bobagem dizer isso *a mim*; fiquei surpreso com isso, vindo de um homem tão sabido; mas ele está sempre desorientado quando me dirige a palavra, e nessa noite estava mais perturbado que nunca, o que me deu a impressão de que desejava alguma coisa apaixonadamente. Disse-lhe que eu sabia melhor que ele que não houvera alta recomendação em favor de Del Dongo, que ninguém em minha corte lhe negava capacidade, que não se falava muito mal de seus costumes, mas que eu temia que ele fosse suscetível de *entusiasmo*, e que eu prometera a mim mesmo jamais elevar a postos muito importantes os loucos dessa espécie com os quais um príncipe nunca está seguro de nada. Então”, continuou Sua Alteza, “tive de aguentar uma arenga patética quase tão longa como a primeira: o arcebispo me fazia o elogio do entusiasmo da casa de Deus. Desastrado, eu pensava comigo mesmo, o senhor está se perdendo, está comprometendo a nomeação que estava quase concedida! Era preciso que ele desse um basta e me agradecesse com efusão. Que nada; continuava sua homilia com uma intrepidez ridícula, e eu buscava uma resposta que não fosse muito desfavorável ao pequeno Del Dongo; encontrei-a, e muito feliz, como o senhor vai julgar. ‘Monsenhôr’, eu lhe disse, ‘Pio VII foi um grande papa e um grande santo; entre todos os soberanos, só ele ousou dizer *não* ao tirano que via a Europa a seus pés! Pois bem! Ele era suscetível de entusiasmo, o que o levou, quando era bispo de Ímola, a escrever sua famosa pastoral do *cidadão cardeal* Chiaramonti em favor da República Cisalpina.’ Meu pobre arcebispo ficou estupefato, e para acabar sua estupefação, eu lhe disse com ar muito sério: ‘Adeus, monsenhor, dedicarei vinte e quatro horas para refletir sobre sua proposta’. O pobre homem acrescentou umas súplicas muito mal formuladas e bastante inoportunas depois da palavra *adeus* pronunciada por mim. Agora, conde Mosca della Rovere, encarrego-o de dizer à duquesa que não quero retardar vinte e quatro horas uma coisa que pode lhe ser agradável; sente-se aí e escreva ao arcebispo o bilhete de aprovação que encerra todo esse assunto.” Escrevi o bilhete, ele o assinou, e me disse: “Leve-o agora mesmo à duquesa”. Eis o bilhete, minha senhora, e foi o que me deu um pretexto para ter a felicidade de vir vê-la esta noite.

A duquesa leu, radiante, o bilhete. Durante o longo relato do conde, Fabrice tivera tempo de se refazer: não parecia espantado com esse incidente, encarou a coisa como um verdadeiro nobre que naturalmente sempre pensou ter direito a essas promoções extraordinárias, a esses golpes de sorte que fariam um burguês perder as estribeiras; falou de seu reconhecimento, mas em termos corretos, e acabou dizendo ao conde:

— Um bom cortesão deve adular a paixão dominante; ontem o senhor demonstrava o

temor de que seus operários de Sanguigna roubassem os fragmentos de estátuas antigas que poderiam descobrir; gosto muito das escavações; se quiser me dar a permissão, irei ver os operários. Amanhã à noite, depois dos adequados agradecimentos no palácio e na casa do arcebispo, partirei para Sanguigna.

— Mas você adivinha — indagou a duquesa ao conde — de onde vem essa paixão súbita do bom arcebispo por Fabrice?

— Não preciso adivinhar; o vigário-geral cujo irmão é capitão me dizia ontem: “O padre Landriani parte deste princípio certo, de que o titular é superior ao coadjutor”, e não cabe em si de tanta alegria por ter sob suas ordens um Del Dongo e por tê-lo em posição de agradecido. Tudo o que põe em evidência a alta estirpe de Fabrice aumenta sua felicidade íntima: ele, ter um tal homem como ajudante de ordens! Em segundo lugar, monsenhor Fabrice lhe agradou, ele não se sente tímido em sua frente; por fim, tem há dez anos um ódio bem nutrido pelo bispo de Piacenza, que exhibe claramente a pretensão de lhe suceder na sé de Parma, e que, além do mais, é filho de um moleiro. Foi com esse objetivo de sucessão futura que o bispo de Piacenza travou relações muito estreitas com a marquesa Raversi, e agora essas ligações fazem o arcebispo estremecer diante do êxito de seu desígnio favorito, ter um Del Dongo em seu estado-maior, e lhe dar ordens.

Dois dias depois, bem cedo, Fabrice dirigia os trabalhos de escavação de Sanguigna, diante de Colorno (é o Versailles dos príncipes de Parma); essas escavações se estendiam pela planície bem perto da estrada real que leva de Parma à ponte de Casal-Maggiore, primeira cidade da Áustria. Os operários cortavam a planície numa longa trincheira com oito pés de profundidade e tão estreita quanto possível; estavam tentando achar, ao longo da antiga via romana, as ruínas de um segundo templo que, dizia-se na região, ainda existia na Idade Média. Apesar das ordens do príncipe, vários camponeses não viam sem inveja aqueles fossos longos atravessando suas propriedades. Pouco importa o que lhes diziam, eles se imaginavam à procura de um tesouro, e a presença de Fabrice era sobretudo conveniente para impedir algum pequeno motim. Ele não se aborrecia, acompanhava aqueles trabalhos com paixão; de vez em quando encontravam uma medalha, e ele não queria dar tempo aos operários para combinarem entre si como escamoteá-la.

O dia estava bonito, podiam ser seis horas da manhã: ele pegou uma velha espingarda de um só tiro, matou algumas cotovias; uma delas, ferida, foi cair na estrada principal; Fabrice, perseguindo-a, avistou ao longe um carro que vinha de Parma e se dirigia para a fronteira de Casal-Maggiore. Acabava de recarregar sua espingarda quando no carro muito estropeado, aproximando-se em ritmo lento, reconheceu a pequena Marietta; ao lado dela estava o desajeitado varapau, Giletti, e aquela mulher idosa que lhe fazia as vezes de mãe.

Giletti imaginou que Fabrice se postara assim no meio da estrada, e com uma espingarda na mão, para insultá-lo e talvez até para raptar a pequena Marietta. Como homem de coragem, pulou para fora do carro; tinha na mão esquerda uma grande pistola muito enferrujada e segurava na direita uma espada ainda dentro da bainha, da qual ele se servia quando as necessidades da trupe o forçavam a assumir algum papel de marquês.

— Ah, bandido! — exclamou. — Estou muito satisfeito por encontrá-lo aqui a uma légua da fronteira; vou lhe dar um castigo, aqui você não está mais protegido por suas meias

roxas.

Fabrice fazia trejeitos para a pequena Marietta e já não ligava para os gritos ciumentos de Giletti, quando de repente viu a três pés de seu peito a ponta da pistola enferrujada; só teve tempo de dar uma pancada na arma, servindo-se de sua espingarda como de um bastão; a pistola disparou mas não feriu ninguém.

— Mas pare, seu s... — gritou Giletti ao *vetturino*; ao mesmo tempo, teve a habilidade de pular para cima da ponta da espingarda do adversário e mantê-la afastada de seu corpo. Fabrice e ele puxavam, cada um, a espingarda com toda a força. Giletti, muito mais vigoroso, pondo uma mão na frente da outra, continuava a avançar para o gatilho, e estava prestes a agarrar a espingarda quando Fabrice, para impedi-lo de usá-la, disparou o tiro. Antes, ele observara bem que a ponta da espingarda estava a mais de três polegadas acima do ombro de Giletti: o disparo passou rente à orelha dele. Ficou meio espantado mas se refez num abrir e fechar de olhos.

— Ah! Você quer me explodir os miolos, canalha! Vou lhe dar o que merece.

Giletti atirou a bainha de sua espada de marquês e partiu para cima de Fabrice com uma rapidez admirável. Este não tinha arma e se viu perdido.

Correu para o carro que estava parado a uns dez passos atrás de Giletti; passou à esquerda e, agarrando-se na mola do carro, rodeou-o rapidamente e tornou a passar pertinho da portinhola direita, que estava aberta. Giletti, projetando-se com suas pernas compridas, não tivera a ideia de se segurar na mola do carro; deu vários passos em sua primeira direção antes de conseguir parar. Na hora em que Fabrice passava perto da portinhola aberta, ouviu Marietta lhe dizendo a meia-voz:

— Tome cuidado, ele vai matá-lo. Pegue!

No mesmo momento, Fabrice viu cair da porta uma espécie de grande facão de caça; abaixou-se para apanhá-lo, mas nesse instante foi tocado no ombro por um golpe de espada que Giletti lhe lançou. Levantando-se, Fabrice viu-se a seis polegadas de Giletti, que lhe deu no rosto uma furiosa pancada com o punho de sua espada; foi uma pancada com tamanha violência que abalou completamente a capacidade de Fabrice raciocinar; nesse momento ele esteve prestes a ser morto. Felizmente para ele, Giletti ainda estava muito perto para conseguir lhe dar uma estocada. Quando voltou a si, Fabrice fugiu correndo com todas as suas forças; em disparada, jogou a bainha do facão de caça e em seguida, virando-se prontamente, ficou a três passos de Giletti, que o perseguia. Giletti vinha desabalado, Fabrice lhe deu uma estocada; Giletti, com sua espada, teve tempo de desviar um pouco do facão de caça, mas recebeu a estocada bem em cheio na bochecha esquerda. Passou rente a Fabrice, que sentiu que lhe furavam a coxa: era a navalha que Giletti tivera tempo de abrir. Fabrice deu um pulo à direita; virou-se e finalmente os dois adversários ficaram a uma distância razoável de combate. Giletti xingava como um condenado.

— Ah! Vou lhe cortar a garganta, padre velhaco! — repetia a todo instante.

Fabrice estava muito ofegante e não conseguia falar; a pancada com o punho da espada no rosto lhe doía muito e seu nariz sangrava abundantemente; aparou vários golpes com o facão de caça e tascou vários pontapés sem saber direito o que fazia; parecia-lhe vagamente estar numa luta pública. Essa impressão lhe fora sugerida pela presença de seus operários que, num total de vinte e cinco ou trinta, formavam um círculo ao redor dos dois

combatentes, mas a uma distância muito respeitosa; pois os viam correr a toda hora e se lançarem um em cima do outro.

O combate parecia arrefecer um pouco; os golpes não se seguiam com a mesma rapidez, quando Fabrice pensou: “Pela dor que sinto no rosto, ele deve ter me desfigurado”. Tomado de raiva diante dessa ideia, pulou sobre o inimigo com a ponta do facão de caça para a frente. Essa ponta entrou no lado direito do peito de Giletti e saiu pelo ombro esquerdo; no mesmo instante a espada de Giletti penetrou em todo o seu comprimento no alto do braço de Fabrice, mas a espada resvalou sob a pele e fez um ferimento insignificante.

Giletti caíra; no momento em que Fabrice avançava para cima dele, olhando sua mão esquerda que segurava um facão, essa mão se abriu mecanicamente e deixou escapar a arma. “O patife morreu”, pensou Fabrice; olhou para seu rosto, Giletti soltava muito sangue pela boca. Fabrice correu até o carro.

— Tem um espelho? — gritou para Marietta. Ela o olhava muito pálida e não respondia. A velha abriu com grande sangue-frio uma sacola de costura, verde, e apresentou a Fabrice um espelhinho de cabo, do tamanho da mão. “Os olhos estão bons”, ele pensou, “já é muito.” Olhou os dentes, não estavam quebrados.

— Mas por que é que está doendo tanto? — pensou a meia-voz.

A velha respondeu:

— É que o alto de sua face foi esmagada entre o punho da espada de Giletti e o osso que temos aqui. Sua bochecha está horrivelmente inchada e roxa: ponha umas sanguessugas agora mesmo, e não vai acontecer nada.

— Ah! Sanguessugas agora mesmo — disse Fabrice, rindo, e recuperou todo o seu sangue-frio. Viu que os operários cercavam Giletti e o olhavam sem ousar tocá-lo.

— Mas socorram este homem — gritou-lhes —; tirem-lhe a roupa...

Ele ia continuar mas, erguendo os olhos, viu cinco ou seis homens a trezentos passos, na estrada real, que avançavam a pé com um andar comedido para o local da cena. “São gendarmes”, pensou, “e, como há um homem morto, vão me prender, e terei a honra de fazer uma entrada solene na cidade de Parma. Que história para os cortesãos amigos da marquesa Raversi e que detestam minha tia!”

Logo, e com a rapidez de um relâmpago, jogou para os operários embasbacados todo o dinheiro que tinha nos bolsos e se enfiou dentro do carro.

— Impeçam os gendarmes de me perseguir — gritou para seus operários — e façam a fortuna de vocês; digam-lhes que sou inocente, que esse homem *me atacou e queria me matar*. E você — disse ao *vetturino* —, ponha seus cavalos a galope, terá quatro napoleões de ouro se cruzar o Pó antes que aqueles homens lá consigam me alcançar.

— Tudo bem! — disse o *vetturino*. — Mas, afinal, não tenha medo, aqueles homens lá estão a pé, e só o trote de meus cavalinhos basta para deixá-los tremendamente para trás.

Dizendo essas palavras, ele os pôs a galope.

Nosso herói ficou chocado com a palavra *medo* empregada pelo cocheiro: é que realmente ele tivera um medo dos diabos depois da pancada com o punho da espada que recebera no rosto.

— Podemos passar pelas pessoas a cavalo vindo em nossa direção — disse o *vetturino*

prudente, pensando nos quatro napoleões —, e os homens que estão nos seguindo podem gritar para eles para que nos prendam.

Isso queria dizer: “Recarreguem suas armas...”.

— Ah! Como você é valente, meu padrezinho! — exclamou Marietta, beijando Fabrice.

A velha olhava para fora do carro pela portinhola: algum tempo depois recolheu a cabeça.

— Ninguém nos persegue, senhor — ela disse a Fabrice com grande sangue-frio —, e não há ninguém na estrada diante de nós. O senhor sabe como os funcionários da polícia austríaca são formalistas: se o virem chegar assim a galope ao dique na beira do Pó, irão prendê-lo, não tenha a menor dúvida.

Fabrice olhou pela portinhola.

— No trote — disse ao cocheiro. — Que passaporte tem? — perguntou à velha.

— Três em vez de um — ela respondeu —, e que nos custaram, cada um, quatro francos: não é um horror para pobres artistas dramáticos que viajam o ano todo? Aqui está o passaporte do senhor Giletti, artista dramático, que será o senhor; aqui estão os nossos dois passaportes, o de Mariettina e o meu. Mas Giletti estava com todo o nosso dinheiro no bolso, o que será de nós?

— Quanto ele tinha? — indagou Fabrice.

— Quarenta belos escudos de cinco francos — disse a velha.

— Isto é, seis, e um troco de moedinhas — disse Marietta, rindo. — Não quero que enganem meu padrezinho.

— Não é perfeitamente natural, senhor — recomeçou a velha com grande serenidade —, que eu tente lhe surrupiar trinta e quatro escudos? O que são trinta e quatro escudos para o senhor? E nós, nós perdemos nosso protetor; quem é que se encarregará de nos alojar, de discutir os preços com os *vetturini* quando viajamos e de meter medo em todo mundo? Giletti não era bonito mas era muito conveniente e, se a pequena que aí está não fosse uma tola, que foi logo se enrabichando pelo senhor, Giletti nunca teria percebido nada, e o senhor nos teria dado uns belos escudos. Garanto-lhe que somos muito pobres.

Fabrice ficou tocado; puxou a bolsa e deu uns napoleões à velha.

— Está vendo — disse-lhe — que só me restam quinze, portanto, daqui para a frente é inútil querer me passar a perna.

A pequena Marietta pulou em seu pescoço e a velha lhe beijou as mãos. O carro continuava a andar num pequeno trote. Quando viram de longe as barreiras amarelas riscadas de preto que anunciam as possessões austríacas, a velha disse a Fabrice:

— Seria melhor se o senhor passasse a pé com o passaporte de Giletti no bolso; nós vamos parar um instante, com a desculpa de nos arrumarmos um pouco. E, aliás, a alfândega revistará nossos pertences. Se acreditar em mim, atravesse Casal-Maggiore num passo despreocupado; e até entre no café e beba um copo de aguardente; uma vez fora da aldeia, siga com firmeza. Em terra austríaca a polícia é vigilante como o diabo: logo saberá que houve um homem morto; o senhor está viajando com um passaporte que não é o seu, não se precisa mais que isso para passar dois anos na prisão. Chegue ao Pó, à direita, saindo da cidade, alugue uma barca e se refugie em Ravenna ou em Ferrara; saia o quanto antes dos estados austríacos. Com dois luíses poderá comprar de um guarda alfandegário

outro passaporte, este aqui lhe seria fatal; lembre-se de que matou o homem.

Aproximando-se a pé da ponte dos barcos de Casal-Maggiore, Fabrice relia atentamente o passaporte de Giletti. Nosso herói estava morrendo de medo, lembrava-se perfeitamente de tudo o que o conde Mosca lhe dissera sobre o perigo que era para ele voltar aos estados austríacos; ora, via a duzentos passos à sua frente a ponte terrível que lhe daria acesso a esse país, cuja capital, a seus olhos, era o Spielberg. Mas como agir de outra maneira? O ducado de Módena, que se limita ao sul com o estado de Parma, lhe devolvia os fugitivos em virtude de uma convenção expressa; a fronteira do estado que se estende pelas montanhas, do lado de Gênova, era longe demais; sua desventura seria conhecida em Parma bem antes que ele conseguisse chegar a essas montanhas; portanto, só sobravam os estados da Áustria, na margem esquerda do Pó. Antes que alguém tivesse tempo de escrever às autoridades austríacas para solicitar que o prendessem, talvez se passassem trinta e seis horas ou dois dias. Feitas todas essas reflexões, Fabrice queimou com o fogo de seu charuto o próprio passaporte; em terra austríaca, era melhor para ele ser um vagabundo que ser Fabrice del Dongo, e era possível que o revistassem.

Independentemente da repugnância muito natural que tinha em confiar sua vida ao passaporte do infeliz Giletti, aquele documento apresentava dificuldades materiais: a estatura de Fabrice chegava, no máximo, a cinco pés e cinco polegadas, e não a cinco pés e dez polegadas, como anunciava o passaporte; ele tinha quase vinte e quatro anos e parecia mais moço, Giletti tinha trinta e nove. Admitiremos que nosso herói perambulou uma boa meia hora num dique do Pó, vizinho à ponte das barcas, antes de se decidir a descer ali. “O que eu aconselharia a outro que estivesse em meu lugar?”, pensou enfim. “Evidentemente, a passar: há perigo em ficar no estado de Parma; um gendarme pode ser enviado ao encalço de um homem que matou outro, ainda que fosse em legítima defesa.” Fabrice revistou seus bolsos, rasgou todos os papéis e só guardou, mais exatamente, o lenço e a charuteira; importava-lhe abreviar o exame que iria sofrer. Pensou na terrível objeção que poderiam lhe fazer e para a qual só encontrava más respostas: ia dizer que se chamava Giletti e toda a sua roupa estava marcada com um F. D.

Como se vê, Fabrice era um desses infelizes atormentados pela imaginação; na Itália, costuma ser o defeito das pessoas inteligentes. Um soldado francês, de coragem igual ou mesmo inferior, teria se apresentado para passar pela ponte imediatamente, e sem pensar de antemão em nenhuma dificuldade; mas também teria posto nisso todo o seu sangue-frio, e Fabrice estava bem longe de ter sangue-frio quando, na extremidade da ponte, um homenzinho vestido de cinza lhe disse:

— Entre no posto de polícia para seu passaporte.

Esse posto tinha paredes sujas guarnecidas de pregos nos quais os cachimbos e os chapéus sujos dos funcionários estavam pendurados. A grande mesa de pinho atrás da qual eles se mantinham entrincheirados estava toda manchada de tinta e de vinho; dois ou três registros encadernados de couro verde traziam manchas de todas as cores, e a borda das páginas estava enegrecida pelas mãos. Nos registros arrumados em pilha um sobre o outro havia três magníficas coroas de louros douradas que tinham servido, na antevéspera, a uma das festas do imperador.

Fabrice ficou impressionado com todos esses detalhes que lhe apertaram o coração; esse

era o preço a pagar pelo luxo magnífico e cheio de frescor que resplandecia em seu lindo aposento do palácio Sanseverina. Era obrigado a entrar naquele gabinete sujo e ali parecer inferior; iria sofrer um interrogatório.

O funcionário que estendeu a mão amarela para pegar seu passaporte era baixinho e escuro, usava uma joia de latão na gravata. “Este é um burguês de mau humor”, pensou Fabrice; o personagem pareceu extremamente surpreso ao ler o passaporte, e essa leitura durou bem cinco minutos.

— O senhor teve um acidente — disse ele ao estrangeiro, apontando com o olhar para sua bochecha.

— O *vetturino* nos derrubou no quebra-mar do Pó.

Depois se fez silêncio novamente e o funcionário lançou olhares ferozes para o viajante.

“Já sei”, pensou Fabrice, “vai me dizer que está aborrecido por ter uma má notícia a me comunicar, e que estou preso.” Ideias de todo tipo chegaram à cabeça de nosso herói, que nessa altura não era dos mais lógicos. Por exemplo, pensou em fugir pela porta da sala que ficara aberta. “Desfaço-me de minha roupa; jogo-me no Pó, e provavelmente conseguirei atravessá-lo a nado. Tudo é preferível ao Spielberg.” O funcionário de polícia olhava fixo para Fabrice no momento em que ele calculava as chances de êxito dessa empreitada, e isso criava duas boas fisionomias. A presença do perigo dá engenho ao homem sensato, e o põe, por assim dizer, acima de si mesmo; ao homem de imaginação inspira romances, atrevidos, é verdade, mas volta e meia absurdos.

Só vendo o jeito indignado de nosso herói diante do olhar escrutador daquele funcionário de polícia enfeitado com suas joias de cobre! “Se eu o matasse”, pensou Fabrice, “seria condenado por homicídio a vinte anos de galés ou à morte, o que é bem menos pavoroso que o Spielberg com uma corrente de cento e vinte libras em cada pé e oito onças de pão como único alimento, e isso durante vinte anos; portanto, eu só sairia de lá aos quarenta e quatro anos.” A lógica de Fabrice esquecia que, como ele queimara seu passaporte, nada indicava ao funcionário de polícia que ele fosse o rebelde Fabrice del Dongo.

Nosso herói estava suficientemente apavorado, como se vê; teria ficado muito mais se tivesse conhecido os pensamentos que agitavam o funcionário de polícia. Aquele homem era amigo de Giletti; pode-se imaginar sua surpresa quando viu o passaporte dele nas mãos de outro; seu primeiro impulso foi mandar prender esse outro, depois pensou que Giletti podia muito bem ter vendido o passaporte a esse belo rapaz que, aparentemente, acabava de se meter em alguma trapalhada em Parma. “Se o prender”, pensou, “Giletti ficará comprometido; facilmente se descobrirá que vendeu seu passaporte; por outro lado, que dirão meus chefes se chegarem a verificar que eu, amigo de Giletti, visei seu passaporte usado por outro?” O funcionário se levantou bocejando e disse a Fabrice:

— Espere, senhor.

Depois, por um hábito de policial, acrescentou:

— Apresenta-se uma dificuldade.

Fabrice pensou com seus botões: “Minha fuga é que se apresenta”.

De fato, o funcionário saiu da sala, cuja porta deixou aberta, e o passaporte ficou em cima da mesa de pinho. “O perigo é evidente”, pensou Fabrice. “Vou pegar meu passaporte e cruzar de novo a ponte, aos passinhos; se o guarda me interrogar, direi que

esqueci de mandar visar meu passaporte pelo comissário de polícia da última aldeia dos estados de Parma.” Fabrice já estava com o passaporte na mão quando, para seu inexprimível espanto, ouviu o funcionário das joias de cobre dizer:

— Não aguento mais, palavra de honra; o calor me sufoca; vou ao café tomar uma meia xícara. Entre na sala quando tiver terminado seu cachimbo, há um passaporte a visar; o estrangeiro está lá.

Fabrice, que saía de mansinho, viu-se frente a frente com um belo rapaz que pensava alto, cantarolando: “Muito bem! Visemos então esse passaporte, vou lhe pôr minha rubrica”.

— Aonde o senhor quer ir?

— A Mântua, Veneza e Ferrara.

— Ferrara, que seja — respondeu o empregado, assobiando; pegou um carimbo, imprimiu o visto com tinta azul sobre o passaporte, escreveu rapidamente as palavras: Mântua, Veneza e Ferrara no espaço deixado em branco pelo carimbo, depois deu várias voltas no ar com a mão, assinou e molhou de novo a pena na tinta para a rubrica, que executou com lentidão e tomando infinitos cuidados.

Fabrice seguia todos os movimentos daquela pena; o funcionário olhou para sua rubrica com condescendência, a ela acrescentou cinco ou seis pontos, e finalmente entregou o passaporte a Fabrice dizendo num tom leve:

— Boa viagem, senhor.

Fabrice se afastava num passo cuja rapidez tentava dissimular, quando se sentiu agarrado pelo braço esquerdo: instintivamente pôs a mão no cabo do punhal e, se não tivesse se visto cercado de casas, talvez houvesse cometido uma leviandade. O homem que lhe tocava o braço esquerdo, vendo-o com o ar muito assustado, disse à guisa de desculpa:

— Mas o chamei três vezes, sem que o senhor respondesse; tem alguma coisa a declarar à alfândega?

— Só tenho comigo meu lenço; vou aqui pertinho caçar na casa de um de meus parentes.

Ele teria ficado bem atrapalhado se lhe houvessem pedido para dar o nome desse parente. Com o calorão que fazia e com essas emoções, Fabrice estava molhado como se tivesse caído no Pó. “Não me falta coragem com os comediantes, mas os funcionários enfeitados com joias de cobre me deixam fora de mim; com essa ideia farei um soneto cômico para a duquesa.”

Assim que entrou em Casal-Maggiore, Fabrice pegou à direita uma rua feiosa que desce até o Pó. “Estou precisando muito”, pensou, “do socorro de Baco e de Ceres”, e entrou numa taberna fora da qual havia, amarrado num pau, um trapo cinza em que estava escrita a palavra *Trattoria*. Um lençol vagabundo sustentado por duas argolas de madeira muito finas, e caindo até três pés da terra, punha a porta da *Trattoria* ao abrigo dos raios diretos do sol. Lá, uma mulher seminua e muito bonita recebeu com respeito nosso herói, o que lhe deu o maior prazer; ele se apressou em dizer que estava morto de fome. Enquanto a mulher preparava o almoço, entrou um homem de uns trinta anos e que não o cumprimentara ao entrar; de repente, levantou-se do banco onde se jogara com ar familiar e disse a Fabrice: *Eccellenza, la riverisco* (Saúdo a Vossa Excelência).

Fabrice estava muito alegre nesse momento, e em vez de formular projetos sinistros respondeu, rindo:

— E de onde você conhece minha Excelência, diachos?

— Como! Vossa Excelência não reconhece Ludovic, um dos cocheiros da senhora duquesa Sanseverina? Em Sacca, a casa de campo aonde íamos todos os anos, eu estava sempre com febre; então pedi a pensão à senhora e me aposentei. Eis-me rico; em vez da pensão de doze escudos por ano à qual poderia ter direito, no máximo, a senhora me disse que, para me dar tempo de escrever sonetos, pois sou poeta em língua vulgar, ela me concederia vinte e quatro escudos, e o senhor conde me falou que, se algum dia eu enfrentasse tempos difíceis, bastaria ir falar com ele. Tive a honra de conduzir *monsignore* durante um percurso, quando o senhor foi fazer seu retiro, como bom cristão, na cartuxa de Velleja.

Fabrice olhou para aquele homem e o reconheceu um pouco. Era um dos cocheiros mais elegantes da casa Sanseverina: agora que era rico, ele dizia, tinha como único traje uma camisa grossa rasgada e uma calça de algodão, outrora tingida de preto, que mal lhe chegava aos joelhos; um par de sapatos e um chapéu ordinário completavam o vestuário. Ademais, fazia quinze dias que não se barbeava. Ao comer sua omelete, Fabrice conversou com ele perfeitamente de igual para igual; ficou com a impressão de que Ludovic era amante da hospedeira. Terminou depressa o almoço, depois disse a meia-voz a Ludovic:

— Quero lhe dar uma palavrinha.

— Vossa Excelência pode falar livremente na frente dela, é de fato uma mulher boa — disse Ludovic com ar meigo.

— Pois bem, meus amigos — recomeçou Fabrice sem hesitar —, estou enrascado e preciso da ajuda vocês. Primeiro, não há nada político no meu caso; simplesmente matei um homem que queria me assassinar porque eu estava falando com a amante dele.

— Pobre rapaz! — disse a hospedeira.

— Que Vossa Excelência conte comigo! — exclamou o cocheiro com olhos inflamados pela mais profunda dedicação. — Aonde Vossa Excelência quer ir?

— A Ferrara. Tenho um passaporte mas preferiria não falar com os guardas, que podem ter conhecimento desse fato.

— Quando foi que despachou o outro?

— De manhã, às seis horas.

— Vossa Excelência não tem sangue nas roupas? — indagou a hospedeira.

— Eu estava pensando nisso — retrucou o cocheiro —, e, aliás, o pano dessas roupas é muito fino; não vemos muitas parecidas nos nossos campos, isso atrairia os olhares para nós; vou comprar roupas com o judeu. Vossa Excelência é mais ou menos do meu tamanho, porém mais magro.

— Por favor, não me chame mais de Excelência, isso pode chamar a atenção.

— Sim, Excelência — respondeu o cocheiro saindo da taberna.

— Pois é! Pois é! — exclamou Fabrice. — E o dinheiro? Mas volte aqui!

— Mas que dinheiro que nada! — disse a hospedeira. — Ele tem sessenta e sete escudos que estão inteiramente às suas ordens. Eu mesma — acrescentou, baixando a voz — tenho uns quarenta escudos que lhe ofereço de todo o coração; nem sempre temos dinheiro conosco quando acontecem esses acidentes.

Ao entrar na *Trattoria*, Fabrice tirara a casaca por causa do calor.

— O senhor tem aí um colete que poderia nos causar constrangimento se alguém

entrasse: esse belo *tecido inglês* chamaria a atenção.

Ela deu a nosso fugitivo um colete de pano tingido de preto, que pertencia a seu marido. Um rapaz alto entrou na taberna por uma porta interna; estava vestido com certa elegância.

— É meu marido — explicou a hospedeira. — Pierre-Antoine — disse ao marido —, este senhor é amigo de Ludovic; aconteceu-lhe um acidente hoje de manhã, do outro lado do rio, ele quer fugir para Ferrara.

— Ah! Nós o passaremos — disse o marido com ar muito educado —, temos o barco de Charles-Joseph.

Por outra fraqueza de nosso herói, que confessaremos tão naturalmente como contamos seu medo no posto de polícia na extremidade da ponte, ele estava com lágrimas nos olhos; sentia-se profundamente enternecido com a perfeita dedicação que encontrava entre esses camponeses: pensava também na bondade característica de sua tia; gostaria de poder fazer a fortuna dessa gente. Ludovic voltou carregando um embrulho.

— Adeus a este outro — disse-lhe o marido com ar de boa amizade.

— Não se trata disso — retrucou Ludovic num tom muito alarmado. — Começam a falar do senhor, repararam que hesitou ao entrar em nosso *vicolo*, e saiu da rua principal como um homem que tentasse se esconder.

— Suba depressa para o quarto — disse o marido.

Esse quarto, muito grande e muito bonito, tinha um pano cinza no lugar das vidraças das duas janelas, e ali se viam quatro camas, cada uma com seis pés de largura e cinco de altura.

— E depressa, depressa! — disse Ludovic. — Há um guarda enfatuado, recém-chegado, que andava querendo cortejar a bela mulher ali de baixo, e eu previ que quando ele estiver a serviço na estrada poderá muito bem topar com uma bala; se esse cachorro ouvir falar de Vossa Excelência, vai querer nos armar uma confusão, tentará prendê-lo aqui a fim de desclassificar a *Trattoria* da Theodolinda.

“O quê?”, continuou Ludovic vendo a camisa toda manchada de sangue e os ferimentos cobertos com lenços. “Então o *porco* se defendeu? Aí estão cem vezes mais que o necessário para que o senhor seja preso: eu não comprei camisa.” Ele abriu, sem cerimônia, o armário do marido e deu uma das camisas dele a Fabrice, que logo ficou vestido como um rico burguês do campo. Ludovic desprendeu uma rede suspensa na parede, pôs as roupas de Fabrice dentro da cesta onde se guarda o peixe, desceu correndo e saiu depressa por uma porta dos fundos; Fabrice o seguiu.

— Theodolinda — gritou, passando perto da venda —, esconda o que está lá em cima, vamos esperar nos salgueiros; e você, Pierre-Antoine, envie-nos bem depressa um barco, pagamos bem.

Ludovic fez Fabrice passar por cima de mais de vinte fossos. Havia tábuas muito compridas e muito flexíveis que serviam de pontes sobre os fossos mais largos; Ludovic retirava essas tábuas depois de terem passado. Chegando ao último canal, puxou a tábua apressadamente.

— Agora, respiremos — disse —; esse gendarme cachorro teria mais de duas léguas a percorrer para alcançar Vossa Excelência. O senhor está muito pálido — disse a Fabrice

—, não esqueci a garrafinha de aguardente.

— Ela vem bem a calhar: o ferimento da coxa começa a latejar; e, aliás, tive um baita medo no posto de polícia na entrada da ponte.

— Acredito — disse Ludovic —; com uma camisa cheia de sangue como estava a sua, nem sequer imagino como se atreveu a entrar num lugar desses. Quanto aos ferimentos, sou um entendido: vou pô-lo num lugar bem fresco, onde poderá dormir uma hora; o barco irá nos buscar ali, se houver como conseguir um barco; se não, quando tiver descansado um pouco, andaremos mais duas leguazinhas e o levarei a um moinho onde eu mesmo pegarei um barco. Vossa Excelência tem bem mais relações que eu: a senhora duquesa vai ficar desesperada quando souber do acidente; vão dizer a ela que o senhor está mortalmente ferido, talvez até que matou o outro à traição. A marquesa Raversi não deixará de espalhar todos os boatos falsos que podem entristecer a senhora. Vossa Excelência poderia escrever.

— E como conseguir que a carta seja entregue?

— Os moços do moinho aonde vamos ganham doze vinténs por dia; em um dia e meio eles chegam a Parma, portanto quatro francos para a viagem; dois francos pelo gasto dos sapatos: se a corrida fosse feita por um pobre homem como eu, seriam seis francos; como é para o serviço de um senhor, darei doze.

Quando chegaram ao lugar de repouso, num bosque de amieiros e salgueiros, bem cerrado e bem fresco, Ludovic foi procurar tinta e papel, a mais de uma hora dali.

— Santo Deus, como estou bem aqui! — exclamou Fabrice. — Carreira! Adeus! Jamais serei arcebispo!

Ao voltar, Ludovic o encontrou dormindo profundamente e não quis acordá-lo. O barco só chegou lá pelo pôr do sol; assim que Ludovic o viu aparecer ao longe, chamou Fabrice, que escreveu duas cartas.

— Vossa Excelência tem bem mais conhecidos que eu — disse Ludovic com ar pesaroso — e temo desagradá-lo no fundo do coração, embora o senhor diga que não, se eu acrescentar uma coisa.

— Não sou tão bobo como você pensa — respondeu Fabrice — e pouco importa o que você possa dizer, pois para mim será sempre um servidor fiel de minha tia e um homem que fez tudo no mundo para me tirar de uma feia enrascada.

Ludovic precisou de muitas outras declarações até se decidir a falar, e quando afinal tomou essa decisão, começou por um preâmbulo que durou bem uns cinco minutos. Fabrice se impacientou, e depois pensou: “De quem é a culpa? De nossa vaidade, que este homem viu muito bem, do alto de sua boleia”. A dedicação levou Ludovic, enfim, a correr o risco de falar francamente.

— O que a marquesa Raversi não daria ao andarilho que o senhor vai despachar a Parma para ter estas duas cartas! Elas são de seu próprio punho, e por conseguinte constituem provas jurídicas contra o senhor. Vossa Excelência vai me tomar por um curioso indiscreto; em segundo lugar, talvez tenha vergonha de pôr diante dos olhos da senhora marquesa minha pobre letra de cocheiro; mas, afinal, sua segurança me faz abrir a boca, embora o senhor possa me julgar um impertinente. Vossa Excelência não poderia me ditar essas duas cartas? Nesse caso, sou o único comprometido, e mesmo assim muito pouco; eu

diria, se necessário, que o senhor apareceu no meio de um campo com uma escrivanhinha de chifre numa das mãos e uma pistola na outra, e que me obrigou a escrever.

— Dê-me sua mão, meu caro Ludovic — exclamou Fabrice —, e para lhe provar que não quero ter segredos com um amigo como você, copie estas duas cartas tais como estão.

Ludovic compreendeu todo o alcance dessa prova de confiança, à qual foi extremamente sensível, mas ao fim de algumas linhas, como via o barco avançar rápido pelo rio, disse a Fabrice:

— As cartas ficarão prontas mais depressa se Vossa Excelência quiser se dar ao trabalho de me ditá-las.

Terminadas as cartas, Fabrice escreveu um A e um B na última linha e, numa tirinha de papel que em seguida ele amassou, pôs em francês: *Croyez A et B.*<sup>b</sup> O mensageiro devia esconder entre suas roupas esse papel amarrotado.

Estando o barco ao alcance da voz, Ludovic chamou os barqueiros por nomes que não eram os deles; não responderam e atracaram quinhentas toesas mais abaixo, olhando para todos os lados a fim de saber se não eram vistos por algum guarda alfandegário.

— Estou às suas ordens — disse Ludovic a Fabrice —, quer que eu mesmo leve as cartas a Parma? Quer que o acompanhe a Ferrara?

— Acompanhar-me a Ferrara é um serviço que eu quase não ousava lhe pedir. Será preciso desembarcar e tentar entrar na cidade sem mostrar o passaporte. Digo-lhe que tenho a maior repugnância em viajar com o nome de Giletti, e não vejo outra pessoa, senão você, que possa me comprar outro passaporte.

— Por que não falou em Casal-Maggiore?! Sei de um espião que teria me vendido um excelente passaporte, e barato, por quarenta ou cinquenta francos.

Um dos dois marinheiros, que nascera na margem direita do Pó, e por conseguinte não precisava de passaporte no estrangeiro para ir a Parma, se encarregou de levar as cartas. Ludovic, que sabia manejar o remo, fez questão de conduzir o barco, com o outro barqueiro.

— Vamos encontrar no baixo Pó — ele disse — vários barcos armados que pertencem à polícia, e saberei evitá-los.

Mais de dez vezes foram obrigados a se esconder no meio das pequenas ilhas à flor d'água, carregadas de salgueiros. Três vezes desembarcaram para deixar passarem os barcos vazios, diante das embarcações da polícia. Ludovic aproveitou esses longos momentos de folga para recitar a Fabrice vários de seus sonetos. Os sentimentos eram bastante justos, mas como que embotados pela expressão, e não valiam a pena ser escritos; o singular é que esse ex-cocheiro tinha paixões e modos de ver vivos e pitorescos; tornava-se frio e comum assim que escrevia. “É o contrário do que vemos na sociedade”, pensou Fabrice; “agora sabemos expressar tudo com graça, mas os corações nada têm a dizer.” Compreendeu que o maior prazer que poderia dar a esse servidor fiel seria corrigir os erros de ortografia de seus sonetos.

— Zombam de mim quando empresto meu caderno — dizia Ludovic —, mas, se Vossa Excelência se dignasse a me ditar a ortografia das palavras, letra por letra, os invejosos não saberiam mais o que dizer: a ortografia não faz o gênio.

Foi só dois dias depois, à noite, que Fabrice conseguiu desembarcar em total segurança

num bosque de amieiros, uma légua antes de chegar a Ponte Lago Oscuro. Ficou o dia todo escondido numa plantação de cânhamo, e Ludovic o precedeu em Ferrara; lá, alugou um pequeno apartamento na casa de um judeu pobre, que compreendeu de imediato que havia dinheiro a ganhar se soubesse se calar. À tardinha, ao cair o dia, Fabrice entrou em Ferrara montado num cavalinho; bem que precisava desse auxílio, pois o calor o castigara no rio; a facada que recebera na coxa e o golpe de espada que Giletti lhe dera no ombro, no início da luta, tinham inflamado e lhe davam febre.

a Esses são golpes seus, senhor!

b Acredite em A e B.

O judeu, dono do apartamento, procurara um cirurgião discreto, o qual, compreendendo por sua vez que havia dinheiro na bolsa, disse a Ludovic que sua consciência o obrigava a fazer um relatório à polícia sobre os ferimentos do rapaz que ele, Ludovic, chamava de irmão.

— A lei é clara — acrescentou —; é por demais evidente que seu irmão não se feriu sozinho, como ele conta, ao cair de uma escada, quando segurava na mão uma faca aberta.

Ludovic respondeu friamente àquele honesto cirurgião que, se cogitasse de ceder às inspirações de sua consciência, ele mesmo teria a honra de, antes de deixar Ferrara, cair-lhe em cima, justamente, com uma faca aberta na mão. Quando contou esse incidente a Fabrice, este o repreendeu fortemente, mas não havia nem mais um instante a perder antes de darem no pé. Ludovic disse ao judeu que queria tentar fazer o irmão tomar ares; foi procurar um carro e nossos amigos saíram da casa para não mais voltar. Com certeza o leitor acha bem longos os relatos de todas essas providências que se tornam necessárias pela ausência de um passaporte: esse tipo de preocupação não existe mais na França; mas na Itália, e sobretudo nos arredores do Pó, todo mundo fala de passaporte. Tendo saído de Ferrara sem atropelo, como para fazer um passeio, Ludovic despachou o fiacre, depois voltou para a cidade por outra porta e foi pegar Fabrice com uma *sediola* que alugara para percorrer doze léguas. Tendo chegado perto de Bolonha, nossos amigos se fizeram conduzir, cruzando os campos, pela estrada que vai de Bolonha a Florença; passaram a noite no mais miserável albergue que conseguiram descobrir e, no dia seguinte, sentindo-se Fabrice com a força de andar um pouco, entraram em Bolonha como quem estivesse passeando. Tinham queimado o passaporte de Giletti: já deviam saber da morte do comediante, e havia menos perigo em ser presos como pessoas sem passaportes do que como portadores de um passaporte de um homem morto.

Ludovic conhecia em Bolonha dois ou três criados de casas importantes; ficou combinado que iria ter uma prosinha com eles. Disse-lhes que, vindo de Florença e viajando com seu jovem irmão, este, sentindo a necessidade de dormir, o deixara partir sozinho uma hora antes do amanhecer. Devia encontrá-lo no vilarejo onde ele, Ludovic, pararia para passar as horas do calorão. Mas, não vendo seu irmão chegar, Ludovic decidira voltar atrás; e o encontrara ferido por uma pedrada e várias facadas, e, além disso, roubado por gente que quis puxar briga com ele. Esse irmão era um moço bonito, sabia fazer curativos e guiar cavalos, ler e escrever, e gostaria muito de encontrar um lugar em alguma boa casa. Ludovic se reservou o direito de acrescentar, quando a ocasião se apresentasse, que, tendo Fabrice caído, os ladrões haviam fugido levando a pequena sacola onde estavam as roupas e os passaportes deles.

Ao chegar a Bolonha, Fabrice se sentia muito cansado, e não ousando, sem passaporte, apresentar-se num albergue, entrara na imensa igreja de San Petronio. Ali encontrou um delicioso ar fresco; logo se sentiu recuperado. “Ingrato que sou”, pensou de repente, “entro numa igreja e é para me sentar, como num café!” Jogou-se de joelhos e agradeceu a Deus efusivamente pela proteção evidente de que estava cercado desde que tivera a infelicidade de matar Giletti. O perigo que ainda o fazia tremer era ser reconhecido no posto de polícia de Casal-Maggiore. “Como”, ele conjecturava, “aquele funcionário, cujos olhos indicavam tantas suspeitas, e que releu meu passaporte até três vezes, não se apercebeu que não tenho cinco pés e dez polegadas, que não tenho trinta e oito anos, que não sou muito marcado pela bexiga? Quantas graças vos devo, ó meu Deus! E pude retardar até este momento para depositar minha insignificância a vossos pés! Meu orgulho quis acreditar que era a uma vã prudência humana que eu devia a felicidade de escapar do Spielberg, que já se abria para me engolir!”

Fabrice passou mais de uma hora nesse enternecimento extremo, em presença da imensa bondade de Deus. Ludovic se aproximou sem que ele o ouvisse chegar e se postou na frente dele. Fabrice, com a fronte escondida pelas mãos, levantou a cabeça e seu fiel servidor viu as lágrimas que sulcavam suas faces.

— Volte daqui a uma hora — disse-lhe Fabrice com muita dureza.

Ludovic perdoou esse tom resultante da devoção. Fabrice recitou várias vezes os sete salmos da penitência, que sabia de cor; parou longamente nos versículos que tinham a ver com sua situação presente.

Fabrice pedia perdão a Deus por muitas coisas, mas, o que é notável, é que não lhe veio ao espírito incluir entre suas faltas o projeto de se tornar arcebispo, unicamente porque o conde Mosca era primeiro-ministro e porque achava esse posto e a grande existência por ele proporcionada convenientes ao sobrinho da duquesa. Ele o desejara sem paixão, é verdade, mas afinal tinha pensado nisso, exatamente como num posto de ministro ou de general. Não lhe viera ao espírito que sua consciência pudesse estar interessada nesse plano da duquesa. Isso é um traço notável da religião que ele devia aos ensinamentos dos jesuítas milaneses. Essa religião *tira a coragem de pensar nas coisas insólitas* e, sobretudo, proíbe o *exame pessoal* como sendo o pecado mais grave; é um passo rumo ao protestantismo. Para saber do que somos culpados, temos de interrogar nosso pároco ou ler a lista dos pecados tal como ela se encontra impressa nos livros intitulados: *Preparação ao sacramento da penitência*. Fabrice sabia de cor a lista dos pecados redigida em língua latina, que ele aprendera na Academia Eclesiástica de Nápoles. Portanto, recitando essa lista, ao chegar ao artigo sobre o homicídio ele se acusara perante Deus de ter matado um homem, mas ao defender a própria vida. Passara rapidamente, e sem lhes prestar a menor atenção, pelos diversos artigos relativos ao pecado de *simonia* (conseguir por dinheiro as dignidades eclesiásticas). Se lhe tivessem proposto dar cem luíses para se tornar primeiro vigário-geral do arcebispo de Parma, teria rejeitado com horror essa ideia; mas, embora não lhe faltasse inteligência nem, sobretudo, lógica, não lhe veio uma só vez ao espírito que o prestígio do conde Mosca, empregado em seu favor, fosse uma *simonia*. Tal é o triunfo da educação jesuítica: instaurar o hábito de não se prestar atenção a coisas mais claras que o dia. Um francês, educado entre as marcas de interesse pessoal e a ironia tão característica de Paris,

poderia, sem estar de má-fé, acusar Fabrice de hipocrisia no mesmo instante em que nosso herói abria sua alma a Deus com a mais extrema sinceridade e a emoção mais profunda.

Fabrice só saiu da igreja depois de ter preparado a confissão que se propunha a fazer já no dia seguinte; encontrou Ludovic sentado nos degraus do vasto peristilo de pedra que se ergue na grande praça defronte da fachada de San Petronio. Assim como depois de uma grande tempestade o ar fica mais puro, da mesma forma a alma de Fabrice estava tranquila, feliz e como que refrescada.

— Sinto-me muito forte, quase não sinto mais meus ferimentos — disse a Ludovic, que se aproximava —; mas antes de tudo devo lhe pedir perdão; eu lhe respondi com mau humor quando você veio falar comigo na igreja; estava fazendo meu exame de consciência. Pois bem! Como vão nossos negócios?

— Vão o melhor possível: peguei um alojamento, na verdade bem pouco digno de Vossa Excelência, na casa da mulher de um de meus amigos, que é muito bonita e, além disso, intimamente ligada a um dos principais agentes da polícia. Amanhã irei declarar que nossos passaportes foram roubados; essa declaração será tomada na devida conta; mas pagarei o porte da carta que a polícia escreverá a Casal-Maggiore, para saber se existe nessa comuna alguém chamado Ludovic San-Micheli, o qual tem um irmão chamado Fabrice, a serviço da senhora duquesa Sanseverina, em Parma. Tudo terminou, *siamo a cavallo* (Provérbio italiano: estamos salvos).

Fabrice adotara de repente um ar muito sério: pediu a Ludovic que o esperasse um instante, entrou na igreja quase correndo e, mal ali se viu novamente, atirou-se de joelhos; beijava humildemente as lajes de pedra.

— É um milagre, senhor — exclamou com lágrimas nos olhos —: quando vistes minha alma disposta a voltar ao dever, me salvastes. Meu Deus! É possível que um dia eu seja morto em alguma encrenca: lembrai-vos, no momento de minha morte, do estado em que minha alma se encontra neste momento.

Foi com ímpetos da mais profunda alegria que Fabrice recitou de novo os sete salmos da penitência. Antes de sair, aproximou-se de uma velha que estava sentada diante de uma grande madona e ao lado de um triângulo de ferro posto verticalmente sobre um pé do mesmo metal. Nas beiras desse triângulo havia uma profusão de pontas espetadas, destinadas a receber pequenos círios que a devoção dos fiéis acende diante da famosa Madona de Cimabue. Só sete círios estavam acesos quando Fabrice se aproximou; ele guardou essa circunstância na memória, com a intenção de refletir sobre isso mais tarde, calmamente.

— Quanto custam as velas? — perguntou à mulher.

— Dois *baiocchi*<sup>a</sup> cada uma.

De fato, não eram mais grossas que um tubo de pena, e não tinham um pé de comprimento.

— Quantas velas ainda é possível espetar em seu triângulo?

— Sessenta e três, já que têm sete acesas.

— Ah — disse Fabrice —, sessenta e três mais sete são setenta: isso também deve ser anotado.

Pagou as velas, depositou-as ele mesmo e acendeu as sete primeiras, depois se ajoelhou

para fazer sua oferenda e disse à velha, ao se levantar: — É *por uma graça recebida*.

— Estou morrendo de fome — disse Fabrice a Ludovic, indo encontrá-lo.

— Não entremos numa taberna, vamos para o alojamento; a dona da casa irá lhe comprar o que for necessário para almoçar; roubará uns vinte tostões e ficará mais afeiçoada ainda ao recém-chegado.

— Isso só leva, nada menos, a eu ter de continuar morto de fome por mais uma boa hora — disse Fabrice, rindo com a serenidade de uma criança, e entrou numa taberna vizinha a San Petronio. Para sua grande surpresa, numa mesa vizinha àquela onde estava, viu Pepe, o primeiro criado de quarto de sua tia, aquele mesmo que outrora fora encontrá-lo em Genebra. Fabrice lhe fez sinal para se calar; depois, tendo almoçado depressa, com o sorriso da felicidade passeando em seus lábios, levantou-se; Pepe o seguiu e, pela terceira vez, nosso herói entrou na San Petronio. Por discricção, Ludovic ficou passeando pela praça.

— Ei, meu Deus! Monsenhor! Como vão seus ferimentos? A senhora duquesa está tremendamente aflita: por um dia inteiro ela acreditou que o senhor estava morto, abandonado em alguma ilha do Pó; vou lhe despachar um correio neste instante. Há seis dias que o procuro, passei três em Ferrara, correndo todos os albergues.

— Tem um passaporte para mim?

— Tenho três diferentes: um com os nomes e os títulos de Vossa Excelência; o segundo, só com seu nome; e o terceiro, com um nome falso, Joseph Bossi. Cada passaporte foi expedido duas vezes, caso Vossa Excelência queira chegar de Florença ou de Módena. Trata-se apenas de fazer um passeio fora da cidade. O senhor conde veria com prazer o senhor se hospedar no albergue *Del Pelegrino*, cujo dono é amigo dele.

Fabrice, aparentando andar ao acaso, avançou pela nave direita da igreja até o lugar em que suas velas estavam acesas; seus olhos se fixaram na Madona de Cimabue, e depois ele disse a Pepe, ajoelhando-se:

— Preciso dar graças a Deus, um instante.

Pepe o imitou. Ao sair da igreja, Pepe observou que Fabrice dava uma moeda de vinte francos ao primeiro pobre que lhe pediu esmola; esse mendigo soltou gritos de gratidão que atraíram no rastro da caridosa criatura nuvens de pobres de todo tipo, que em geral ornamentam a praça de San Petronio. Todos queriam sua parte do napoleão. As mulheres, perdendo as esperanças de entrar no empurra-empurra que o cercava, precipitaram-se sobre Fabrice, perguntando-lhe aos gritos se não era verdade que ele quisera dar seu napoleão para ser dividido entre todos os pobres do bom Deus. Pepe, brandindo sua bengala de castão de ouro, lhes ordenou que deixassem Sua Excelência em paz.

— Ah! Excelência — recomeçaram todas essas mulheres com uma voz mais estridente —, dê também um napoleão de ouro para as pobres mulheres!

Fabrice apressou o passo, as mulheres o seguiram aos gritos, e muitos pobres machos, acorrendo de todas as ruas, fizeram uma espécie de pequena sedição. Toda essa multidão horrivelmente suja e enérgica gritava:

— *Excelência!*

Fabrice teve a maior dificuldade para se livrar do tumulto; essa cena trouxe sua imaginação para a terra. “Tenho apenas o que mereço”, pensou, “fui me roçar com a ralé.”

Duas mulheres o seguiram até a porta de Saragoça, pela qual ele saiu da cidade; Pepe as deteve, ameaçando-as seriamente com sua bengala e lhes jogando umas moedas. Fabrice subiu a encantadora colina de San Michele in Bosco, rodeou uma parte da cidade fora dos muros, depois entrou em Bolonha e entregou, com ar grave, ao funcionário da polícia um passaporte em que sua descrição física estava anotada com grande exatidão. Esse passaporte dava-lhe o nome de Joseph Bossi, estudante de teologia. Fabrice observou uma manchinha de tinta vermelha jogada, como por acaso, na extremidade inferior da folha, indo para o canto direito. Duas horas depois ele tinha um espião em seu encalço por causa do título de *Excelência* que seu companheiro lhe dera diante dos pobres de San Petronio, embora seu passaporte não mencionasse nenhum dos títulos que dão a um homem o direito de ser chamado de Excelência por seus criados.

Fabrice viu o espião e não deu a menor importância para ele; já não pensava nem nos passaportes nem na polícia, e se divertia com tudo, qual uma criança. Pepe, que tinha ordens de ficar perto dele, vendo-o muito contente com Ludovic preferiu ir levar, pessoalmente, as boas notícias à duquesa. Fabrice escreveu duas longuíssimas cartas às pessoas que lhe eram caras; depois teve a ideia de escrever uma terceira ao venerável arcebispo Landriani. Essa carta produziu um resultado maravilhoso, pois continha um relato muito exato da luta com Giletti. O bom arcebispo, muito enternecido, não deixou de ir ler a carta ao príncipe, que aceitou escutá-lo, muito curioso de ver como o jovem *monsignore* se virava para desculpar um homicídio tão horroroso. Graças aos inúmeros amigos da marquesa Raversi, o príncipe, assim como toda a cidade de Parma, acreditava que Fabrice fora ajudado por vinte ou trinta camponeses para matar um mau ator que tivera a insolência de disputar com ele a pequena Marietta. Nas cortes despóticas, o primeiro intrigante hábil dita a *verdade*, assim como a moda em Paris.

— Mas que diabo! — dizia o príncipe ao arcebispo. — A gente manda um outro fazer essas coisas; a própria pessoa fazê-las não é hábito; e além disso, não se mata um ator como Giletti, é melhor comprá-lo.

Fabrice nem de longe desconfiava do que se passava em Parma. Na verdade, tratava-se de saber se a morte desse ator, que quando vivo ganhava trinta e dois francos por mês, levaria à queda do ministério ultra e de seu chefe, o conde Mosca.

Ao saber da morte de Giletti, o príncipe, irritado com os ares de independência que a duquesa demonstrava, ordenara ao promotor geral Rassi que cuidasse de todo esse processo como se se tratasse de um liberal. Fabrice, de seu lado, acreditava que um homem de sua condição estava acima das leis; não calculava que, nos países onde os grandes nunca são punidos, a intriga pode tudo, mesmo contra eles. Volta e meia falava com Ludovic a respeito de sua absoluta inocência, que bem depressa seria proclamada; seu grande argumento era que ele não era culpado. Diante disso, Ludovic lhe disse um dia:

— Não concebo como Vossa Excelência, que tem tanta inteligência e instrução, se dá ao trabalho de dizer essas coisas a mim, que sou seu servidor devotado; Vossa Excelência toma demasiadas precauções, essas coisas são boas para se dizer em público ou perante um tribunal.

“Esse homem acha que sou um assassino e nem por isso gosta menos de mim”, pensou Fabrice, caindo das nuvens.

Três dias depois da partida de Pepe, ele ficou muito espantado ao receber uma carta imensa fechada com uma trança de seda, como no tempo de Luís XIV, e dirigida *a Sua Excelência reverendíssima, monsenhor Fabrice del Dongo, primeiro vigário-geral da diocese de Parma, cônego etc.*

“Mas será que ainda sou tudo isso?”, pensou, rindo. A epístola do arcebispo Landriani era uma obra-prima de lógica e clareza; tinha nada menos que dezenove grandes páginas, e contava muito bem tudo o que acontecera em Parma por ocasião da morte de Giletti.

“Um exército francês comandado pelo marechal Ney e marchando sobre a cidade não teria produzido mais efeito”, dizia-lhe o bom arcebispo; “com exceção da duquesa e de mim, meu caríssimo filho, todos acreditam que você se deu ao prazer de matar o histrião Giletti. Tivesse lhe acontecido essa desgraça, são coisas que atenuamos com duzentos luíses e uma ausência de seis meses; mas a Raversi quer derrubar o conde Mosca com a ajuda desse incidente. Não é o pavoroso pecado do homicídio que o público critica em você, é unicamente a *inabilidade*, ou melhor, a insolência de não ter se dignado a recorrer a um *bulo* (espécie de ferrabrás subalterno). Traduzo-lhe aqui em termos claros os discursos que me cercam, pois, desde essa desgraça para sempre deplorável, vou todos os dias a três casas das mais consideráveis da cidade para ter a ocasião de justificá-lo. E nunca pensei fazer um uso mais santo do pouco de eloquência que o céu se dignou a me conferir.”

Fabrice ia abrindo os olhos para seu erro; as numerosas cartas da duquesa, cheias de ímpetos de amizade, jamais aceitavam dar notícias. A duquesa jurava sair de Parma para sempre, se em breve ele não entrasse lá triunfante. “O conde fará tudo por você”, disse-lhe na carta que acompanhava a do arcebispo, “tudo o que é humanamente possível. Quanto a mim, você mudou meu caráter com essa bela aventura; agora sou tão avarenta quanto o banqueiro Tombone; despedi todos os meus empregados, e fiz mais, ditei ao conde o inventário de minha fortuna, que resultou ser bem menos considerável do que eu pensava. Depois da morte do excelente conde Pietranera, que, entre parênteses, você devia ter vingado em vez de se expor contra uma criatura da laia de Giletti, fiquei com mil e duzentas libras de renda e cinco mil francos de dívidas; lembro-me, entre outras coisas, de que tinha duas dúzias e meia de sapatos de cetim branco vindos de Paris, e um só par de sapatos para andar na rua. Estou quase decidida a pegar os trezentos mil francos que o duque me deixa, e que eu queria empregar inteiramente em erguer para ele um túmulo magnífico. De resto, a marquesa Raversi é sua principal inimiga, isto é, a minha; se você se aborrece sozinho em Bolonha, basta dizer uma palavra e irei encontrá-lo. Aqui seguem mais quatro letras de câmbio” etc. etc.

A duquesa não dizia uma palavra a Fabrice sobre a opinião que se tinha em Parma do seu caso, queria antes de tudo consolá-lo e, de qualquer maneira, a morte de uma criatura ridícula como Giletti não lhe parecia digna de ser seriamente recriminada a um Del Dongo. “Quantos Giletti nossos ancestrais não despacharam para o outro mundo”, ela dizia ao conde, “sem que ninguém tivesse teimado em lhes passar um carão!”

Fabrice, muito espantado, e entrevendo pela primeira vez o verdadeiro estado das coisas, se pôs a estudar a carta do arcebispo. Infelizmente, o próprio arcebispo acreditava que ele estava mais informado do que realmente estava. Fabrice compreendeu que o que fazia, sobretudo, o triunfo da marquesa Raversi é que era impossível encontrar testemunhas *de*

*visu* daquele combate fatal. O criado de quarto, que fora o primeiro a levar a notícia a Parma, estava no albergue do vilarejo Sanguigna quando o fato aconteceu; a pequena Marietta e a velha que lhe servia de mãe tinham desaparecido, e a marquesa comprara o *vetturino* que guiava o carro e que fizera, agora, um depoimento abominável. “Embora o processo esteja cercado do mais profundo mistério”, escreveu o bom arcebispo com seu estilo ciceroniano, “e dirigido pelo promotor geral Rassi, de quem só a caridade cristã pode me impedir de falar mal, mas que fez sua fortuna se encarniçando contra os infelizes acusados como o cão de caça contra a lebre; embora Rassi, estava dizendo, cuja torpeza e venalidade sua imaginação não conseguiria exagerar, tenha sido encarregado da condução do processo por um príncipe irado, pude ler os três depoimentos do *vetturino*. Por uma insigne felicidade, esse desgraçado se contradiz. E acrescentarei, porque estou falando com meu vigário-geral, com aquele que, depois de mim, deve assumir a direção desta diocese, que convoquei o cura da paróquia onde habita esse pecador extraviado. Vou lhe dizer, meu querido filho, mas sob o segredo da confissão, que esse pároco já conhece, pela mulher do *vetturino*, o número de escudos que ele recebeu da marquesa Raversi; não ousarei dizer que a marquesa exigiu dele que o caluniasse, mas o fato é provável. Os escudos foram entregues por um padre desgraçado que cumpre funções de pouco relevo junto a essa marquesa, e a quem fui obrigado a proibir pela segunda vez de rezar a missa. Não vou cansá-lo com o relato de várias outras providências que você devia esperar de mim, e que aliás fazem parte de meu dever. Um cônego, seu colega na catedral, e que, aliás, por vezes se lembra um pouco demais da influência dos bens de sua família, dos quais, por permissão divina, ele ficou sendo o único herdeiro, tendo-se permitido dizer na casa do senhor conde Zurla, ministro do Interior, que ele considerava essa bagatela como tendo sido provada contra você (ele falava do assassinato do coitado do Giletti), eu o fiz comparecer perante mim e ali, em presença de meus três outros vigários-gerais, de meu capelão e de dois curas que estavam na sala de espera, pedi-lhe que nos comunicasse, a nós, seus irmãos, os elementos da convicção completa que ele dizia ter adquirido contra um de seus colegas na catedral; o infeliz só conseguiu articular argumentos pouco conclusivos; todos se ergueram contra ele e, embora eu tivesse julgado que só devesse acrescentar bem poucas palavras, ele caiu aos prantos e nos tornou testemunhas da plena confissão de seu erro completo, diante do que lhe prometi segredo, em meu nome e no de todas as pessoas que tinham assistido a essa conferência, contanto, porém, que empregasse todo o seu zelo em retificar as falsas impressões que tinham causado os discursos por ele proferidos nos últimos quinze dias.

“Não vou lhe repetir, meu querido filho, o que você deve saber há muito tempo, isto é, que dos trinta e quatro camponeses empregados na escavação empreendida pelo conde Mosca e que a Raversi alega estarem sendo assalariados por você para ajudá-lo num crime, trinta e dois estavam no fundo de seu fosso, ocupados com seus afazeres, quando você pegou a faca de caça e a usou para defender sua vida contra o homem que o atacava inesperadamente. Dois deles, que estavam fora do fosso, gritaram para os outros: *Estão assassinando monsenhor!* Só esse grito mostra sua inocência em todo o seu esplendor. Pois bem! O promotor geral Rassi alega que esses dois homens desapareceram; bem mais, encontraram oito homens que estavam no fundo do fosso; no primeiro interrogatório seis declararam ter ouvido o grito *estão assassinando monsenhor!* Eu sei, por vias indiretas, que

no quinto interrogatório, que ocorreu ontem à noite, cinco declararam que não se lembravam muito bem se tinham ouvido diretamente esse grito ou se apenas ele lhes fora contado por algum de seus camaradas. Ordens foram dadas para que me informem o domicílio desses operários cavouqueiros, e os párocos deles os farão compreender que eles se condenam se, para ganharem alguns escudos, deixarem-se induzir a alterar a verdade.”

O bom arcebispo entrava em minúcias infinitas, como se pode julgar pelas que acabamos de relatar. Depois, acrescentava, servindo-se da língua latina:

“Esse negócio é nada mais, nada menos que uma tentativa de mudança de ministério. Se você for condenado, só pode ser às galés ou à morte, e nesse caso eu interviria declarando, do alto de minha curul arquiiepiscopal, que sei que você é inocente, que você simplesmente defendeu sua vida contra um bandido, e que, por fim, eu o proibi de voltar a Parma enquanto seus inimigos aí triunfarem; proponho-me até mesmo a estigmatizar, como ele merece, o promotor geral; o ódio contra esse homem é tão comum quanto é rara a estima por seu caráter. Mas, finalmente, na véspera do dia em que esse promotor proferir essa sentença tão injusta, a duquesa Sanseverina sairá da cidade e talvez até dos estados de Parma: nesse caso, não há nenhuma dúvida de que o conde entrega sua demissão. Então, muito provavelmente, o general Fabio Conti chegará ao ministério e a marquesa Raversi triunfará. O grande mal do seu caso é que nenhum homem entendido está encarregado de tomar as providências necessárias para trazer à luz sua inocência e frustrar as tentativas feitas para subornar as testemunhas. O conde julga assumir esse papel; mas é demasiado nobre para descer a certos detalhes; ademais, em sua qualidade de ministro da Polícia deve ter dado, no primeiro momento, as ordens mais severas contra você. Enfim — ousarei dizê-lo? —, nosso soberano senhor crê que você é culpado, ou pelo menos simula essa crença, e leva algum azedume a esse caso.” (As palavras correspondendo a *nosso soberano senhor* e a *simula essa crença* estavam em grego, e Fabrice sentiu infinita gratidão ao arcebispo por ter ousado escrevê-las. Com um canivete, cortou essa linha da carta e a destruiu imediatamente.)

Fabrice interrompeu-se vinte vezes lendo essa carta; estava agitado com os ímpetos da mais viva gratidão; respondeu no mesmo instante com uma carta de oito páginas. Várias vezes foi obrigado a levantar a cabeça para que suas lágrimas não caíssem no papel. No dia seguinte, no momento de lacrar a carta, achou que o tom estava muito mundano. “Vou escrever em latim”, pensou, “parecerá mais conveniente ao digno arcebispo.” Mas, ao tentar construir belas frases latinas bem compridas, bem imitadas de Cícero, lembrou que um dia o arcebispo, lhe falando de Napoleão, afetou chamá-lo de Buonaparte; no mesmo instante desapareceu toda a emoção que, na véspera, o tocara até as lágrimas. “Ó rei da Itália”, exclamou, “essa fidelidade que tantos outros te juraram quando vivias, eu a conservarei depois de tua morte. Ele gosta de mim, sem dúvida, mas porque sou um Del Dongo e ele, um filho de burguês.” Para que sua bela carta em italiano não se perdesse, Fabrice fez algumas mudanças necessárias e a endereçou ao conde Mosca.

Nesse mesmo dia, Fabrice encontrou na rua a pequena Marietta; ela corou de felicidade e lhe fez sinal para segui-la sem abordá-la. Chegou depressa a um pórtico deserto; ali, puxou mais a renda preta que, seguindo a moda do país, lhe cobria a cabeça, de modo que não pudesse ser reconhecida; depois, virando-se com vivacidade, disse a Fabrice:

— Como é possível que esteja andando assimlivremente pela rua?

Fabrice lhe contou sua história.

— Por Deus! Você esteve em Ferrara! Eu, que tanto o procurei por lá! Saiba que briguei com a velha porque ela queria me levar a Veneza, aonde eu sabia muito bem que você jamais iria, pois está na lista negra da Áustria. Vendi meu colar de ouro para vir a Bolonha, um pressentimento me anunciava a felicidade que sinto em encontrá-lo; a velha chegou dois dias depois de mim. Assim, não o comprometerei pedindo-lhe para vir à nossa casa, ela lhe faria mais um desses feios pedidos de dinheiro que me dão tanta vergonha. Vivemos muito decentemente desde o dia fatal que você conhece, e não gastamos nem um quarto do que nos deu. Não gostaria de ir vê-lo no albergue Del Pelegrino, seria uma *publicidade*. Tente alugar um quartinho numa rua deserta, e na ave-maria (ao anoitecer) estarei aqui, sob este mesmo pórtico.

Ditas essas palavras, fugiu.

a Antiga moeda papal de mínimo valor.

Todas as ideias sérias foram esquecidas com a aparição imprevista dessa agradável pessoa. Fabrice começou a viver em Bolonha com profunda alegria e em total segurança. Essa ingênua disposição a se considerar feliz com tudo o que enchia sua vida transparecia nas cartas que endereçava à duquesa; isso a ponto de ela ficar de mau humor. Fabrice mal reparou; apenas escreveu em sinais abreviados, no mostrador de seu relógio: “Quando escrevo à D., jamais devo dizer ‘quando eu era prelado, quando eu era homem de igreja’; isso a aborrece”. Comprara dois cavaleiros com os quais estava muito contente: atrelava-os a uma caleça de aluguel toda vez que a pequena Marietta queria ir ver algum desses lugares encantadores dos arredores de Bolonha; quase toda noite a levava à Cascata do Reno. Na volta, parava na casa do amável Crescentini, que se julgava um pouco o pai de Marietta.

“Palavra de honra! Se é essa a vida de café que me parecia tão ridícula para um homem de algum valor, fiz mal em rejeitá-la”, pensava Fabrice. Esquecia que nunca ia ao café senão para ler *Le Constitutionnel*, e que, perfeitamente desconhecido de toda a bela sociedade de Bolonha, os prazeres da vaidade em nada participavam de sua felicidade presente. Quando não estava com a pequena Marietta, via-no no Observatório, onde seguia um curso de astronomia; o professor se apegara a ele com grande amizade e Fabrice lhe emprestava seus cavalos no domingo para que ele fosse brilhar, com a mulher, no Corso da Montagnola.

Ele execrava causar a infelicidade de qualquer criatura, por menos estimável que fosse. Marietta não queria de jeito nenhum que ele visse a velha; mas um dia em que ela estava na igreja, ele subiu à casa da *mammia*, que ficou vermelha de raiva ao vê-lo entrar. “É hora de se comportar como um Del Dongo”, pensou Fabrice.

— Quanto Marietta ganha por mês quando está contratada? — indagou com jeito de um rapaz que se respeita e que entra, em Paris, no balcão do Bouffes.<sup>a</sup>

— Cinquenta escudos.

— Está mentindo, como sempre: diga a verdade, ou, por Deus, não terá nem um centavo.

— Pois bem, ela ganhava vinte e dois escudos em nossa companhia, em Parma, quando tivemos a desgraça de conhecê-lo; eu ganhava doze escudos, e cada uma de nós dava a Giletti, nosso protetor, um terço do que nos cabia. Diante disso, mais ou menos todo mês Giletti dava um presente à Marietta; esse presente podia muito bem valer dois escudos.

— A senhora continua a mentir; a senhora só recebia quatro escudos. Mas, se for boa com a Marietta, eu a contrato como se eu fosse um *impresario*; todo mês receberá doze escudos para si e vinte e dois para ela; mas, se a vir de olhos vermelhos, declaro bancarrota.

— O senhor está bancando o orgulhoso; muito bem! Sua bela generosidade nos arruína — respondeu a velha num tom furioso. — Perdemos o *avviamento* (a freguesia). Quando tivermos a enorme desgraça de ser privadas da proteção de Vossa Excelência, não seremos mais conhecidas de nenhuma trupe, todas estarão completas, não conseguiremos mais nenhum contrato, e por sua causa morreremos de fome.

— Vá para o diabo! — disse Fabrice, indo embora.

— Não irei para o diabo, ímpio desgraçado! Mas simplesmente para o posto de polícia, que saberá por mim que o senhor é um *monsignore* que jogou a batina às urtigas e que se chama Joseph Bossi tanto quanto eu me chamo.

Fabrice já tinha descido uns degraus da escada, mas voltou.

— Primeiro, a polícia sabe melhor que você qual é meu nome verdadeiro; mas, se você se atrever a me denunciar, se cometer essa infâmia — disse-lhe muito sério —, Ludovic virá falar com você, e não são seis facadas que sua velha carcaça receberá, mas duas dúzias, e você ficará seis meses no hospital, e sem tabaco.

A velha empalideceu e se precipitou para a mão de Fabrice, querendo beijá-la.

— Aceito com gratidão a sorte que o senhor nos oferece, à Marietta e a mim. O senhor tem um jeito tão bom que eu imaginava que fosse um bobo; e pense bem nisso, outros além de mim poderão cometer o mesmo erro; aconselho-o a ter habitualmente o ar mais nobre possível.

Depois acrescentou, com admirável impudência:

— O senhor refletirá sobre esse bom conselho e, como o inverno não está muito longe, nos dará de presente, a Marietta e a mim, duas boas roupas desse belo pano inglês que o negociante gordo da praça San Petronio vende.

O amor da linda Marietta oferecia a Fabrice todos os encantos da amizade mais doce, o que o fazia imaginar a felicidade do mesmo tipo que poderia ter encontrado junto à duquesa.

“Mas não é uma coisa muito simpática”, pensava às vezes, “que eu não seja sujeito a essa preocupação exclusiva e apaixonada que eles chamam de amor? Entre as ligações que o acaso me concedeu em Novara ou em Nápoles, terei eu jamais encontrado mulher cuja presença, mesmo nos primeiros dias, fosse para mim preferível a um passeio montado num belo cavalo desconhecido? O que se chama amor”, acrescentou, “seria então mais uma mentira? Eu amo, sem dúvida, assim como tenho bom apetite às seis horas! Seria o amor essa propensão um tanto vulgar, com que esses mentirosos teriam feito o amor de Otelo, o amor de Tancredo? Ou é de crer que sou constituído diferentemente dos outros homens? Minha alma careceria de uma paixão? Por que isso? Seria um singular destino!”

Em Nápoles, sobretudo nos últimos tempos, Fabrice encontrara mulheres que, orgulhosas de seu próprio nível, de sua beleza e da posição que ocupavam na sociedade os adoradores que elas lhe haviam sacrificado, tinham pretendido controlá-lo. À vista desse projeto, Fabrice rompera da maneira mais escandalosa e mais rápida. “Ora”, dizia a si mesmo, “se um dia eu me deixar levar pelo prazer, decerto muito profundo, de me sentir bem com essa mulher bonita que se chama duquesa Sanseverina, serei exatamente como aquele francês desastrado que um dia matou a galinha dos ovos de ouro. É à duquesa que devo a única felicidade que jamais senti pelos sentimentos ternos: minha amizade por ela é minha vida,

e, aliás, sem ela quem sou eu? Um pobre exilado reduzido a vegetar a duras penas num castelo em mau estado, nos arredores de Novara. Lembro-me de que, durante as grandes chuvas de outono, eu era obrigado, à noite, por temor de acidente, a ajeitar um guarda-chuva no dossel de minha cama. Eu montava os cavalos do administrador, que tolerava isso por respeito ao meu *sangue azul* (por meu alto nascimento), mas ele começava a achar minha estada um pouco longa; meu pai me atribuíra uma pensão de mil e duzentos francos e se acreditava condenado por dar pão a um jacobino. Minha pobre mãe e minhas irmãs aceitavam ser privadas de vestidos para me porem em condições de oferecer uns presentinhos às minhas amantes. Esse modo de ser generoso me trespassava o coração. E, ademais, começava-se a desconfiar de minha miséria, e a jovem nobreza dos arredores ia ter pena de mim. Mais cedo ou mais tarde, algum enfatuado deixaria transparecer seu desprezo por um jacobino pobre e infeliz em seus desígnios, pois aos olhos dessa gente eu não era outra coisa. Eu teria dado ou recebido algum bom golpe de espada que me teria conduzido à fortaleza de Fendestrelles, ou então teria novamente ido me refugiar na Suíça, sempre com mil e duzentos francos de pensão. Tenho a felicidade de dever à duquesa a ausência de todos esses males; além disso, é ela que sente por mim os ímpetos de afeto que eu deveria sentir por ela.

“Em vez dessa vida ridícula e insignificante que teria feito de mim um animal triste, um bobo, há quatro anos vivo numa grande cidade e tenho uma excelente carruagem, o que me impediu de conhecer a inveja e todos os sentimentos baixos da província. Essa tia amável ao extremo sempre me repreende porque não pego bastante dinheiro com o banqueiro. Quero eu estragar para sempre essa admirável posição? Quero eu perder a única amiga que tenho no mundo? Basta proferir *uma mentira*, basta dizer a uma mulher encantadora e talvez única no mundo, e por quem tenho a amizade mais apaixonada: *Eu te amo*, eu, que não sei o que é amar de amor. Ela passaria o dia a me imputar o crime da ausência dessas exaltações que me são desconhecidas. Marietta, ao contrário, que não enxerga dentro do meu coração e que confunde uma carícia com um arroubo da alma, crê que estou louco de amor e se considera a mais feliz das mulheres.

“Na prática, só conheci essa preocupação terna que se chama, creio, *o amor*, com a jovem Aniken do albergue de *Zonder's*, perto da fronteira com a Bélgica.”

É com pesar que vamos contar aqui uma das piores ações de Fabrice: em meio a essa vida tranquila, um miserável *ataque* de vaidade dominou esse coração rebelde ao amor e o levou muito longe. Ao mesmo tempo que ele, estava em Bolonha a famosa Fausta F\*, sem contestação uma das maiores cantoras de nossa época, e talvez a mulher mais caprichosa que já se viu. O excelente poeta Burati, de Veneza, fizera para ela esse famoso soneto satírico que então estava na boca tanto dos príncipes como dos últimos pivetes das esquinas:

Querer e não querer, adorar e detestar em um só dia, só estar contente na inconstância, desprezar o que o mundo adora, enquanto o mundo a adora, Fausta tem esses defeitos e bem outros mais. Portanto, jamais vejas essa serpente. Se a vires, imprudente, esquece seus caprichos. Se tiveres a felicidade de ouvi-la, esquece-te de ti mesmo, e o amor fará de ti, num instante, o que Circe fez outrora dos companheiros de Ulisses.

Por ora, esse milagre da beleza estava sob o feitiço das enormes suíças e da alta insolência do jovem conde M\*\*\*, a ponto de não ficar revoltada com seu abominável ciúme. Fabrice viu esse conde nas ruas de Bolonha e ficou chocado com o ar de superioridade com que ele ocupava a rua e se dignava a mostrar suas graças ao público. Esse rapaz era muito rico, acreditava que tudo lhe era permitido, e como suas *prepotenze* lhe tinham atraído ameaças, agora só se mostrava cercado por oito ou dez *buli* (espécie de capangas) vestidos com sua libré, e que ele mandara buscar em suas terras dos arredores de Brescia. Os olhares de Fabrice tinham encontrado uma ou duas vezes os desse terrível conde, quando o acaso o levou a ouvir Fausta. Ficou espantado com a doçura angelical daquela voz: não imaginava nada parecido; a ela deveu sensações de suma felicidade, que criavam um belo contraste com a *placidez* de sua vida presente. Seria, enfim, aquilo o amor?, ele pensava. Muito curioso de experimentar esse sentimento, e aliás achando graça no ato de desafiar esse conde M\*\*\*, cuja aparência era mais terrível que a de qualquer *tambor-mor*, nosso herói se entregou à infantilidade de passar com demasiada frequência diante do palácio Tanari, que o conde M\*\*\* alugara para Fausta.

Um dia, ali pelo cair da noite, Fabrice, tentando ser avistado por Fausta, foi saudado por gargalhadas muito fortes, lançadas pelos *buli* do conde que estavam na porta do palácio Tanari. Correu para casa, pegou boas armas e passou de novo diante daquele palácio. Fausta, escondida atrás das persianas, esperava esse regresso e levou isso em conta. M\*\*\*, ciumento da terra inteira, tornou-se especialmente ciumento do sr. Joseph Bossi e se deixou arrastar em declarações ridículas; diante disso, todas as manhãs nosso herói lhe fazia chegar uma carta que continha apenas estas palavras:

O senhor Joseph Bossi destrói os insetos incômodos e hospeda-se no *Pelegrino*, via Larga, nº 79.

O conde M\*\*\*, acostumado ao respeito que lhe garantiam em todos os lugares sua enorme fortuna, seu *sangue azul* e a bravura de seus trinta criados, não quis saber da linguagem desse bilhete.

Fabrice escreveu outros a Fausta; M\*\*\* pôs espiões em torno desse rival, que talvez não desagradasse a ela; primeiro, soube seu nome verdadeiro, e, depois, que por ora ele não podia se mostrar em Parma. Passados poucos dias, o conde M\*\*\*, seus *buli*, seus magníficos cavalos e Fausta partiram para Parma.

Fabrice, entusiasmado com o jogo, os seguiu no dia seguinte. Foi em vão que o bom Ludovic lhe fez advertências patéticas; Fabrice o mandou passear, e Ludovic, ele mesmo muito corajoso, o admirou; aliás, essa viagem o aproximava da linda amante que ele tinha em Casal-Maggiore. Graças aos cuidados de Ludovic, oito ou dez antigos soldados dos regimentos de Napoleão entraram para a casa do sr. Joseph Bossi, sob o nome de criados. “Contanto”, pensou Fabrice, fazendo a loucura de seguir Fausta, “que eu não tenha nenhum contato nem com o ministro da Polícia, conde Mosca, nem com a duquesa, só estarei expondo a mim mesmo. Mais tarde direi à minha tia que ia em busca do amor, essa bela coisa que jamais encontrei. O fato é que penso em Fausta mesmo quando não a vejo...”

Mas será a lembrança de sua voz que eu amo, ou sua pessoa?” Não mais pensando na carreira eclesiástica, Fabrice arvorava bigodes e suíças quase tão terríveis como as do conde M\*\*\*, o que o disfarçava um pouco. Instalou seu quartel-general não em Parma, pois teria sido muito imprudente, mas num vilarejo dos arredores, no meio dos bosques, na estrada de Sacca, onde ficava o castelo de sua tia. Seguindo os conselhos de Ludovic, anunciou-se nesse vilarejo como criado de quarto de um grande senhor inglês muito original, que gastava cem mil francos por ano para se dar ao prazer da caça e que chegaria dentro de pouco tempo, vindo do lago de Como, onde estava preso pela pesca das trutas. Felizmente, o lindo palaciazinho que o conde M\*\*\* alugara para a bela Fausta ficava na ponta meridional da cidade de Parma, justamente na estrada de Sacca, e as janelas de Fausta davam para as belas alamedas com grandes árvores que se estendem sob a alta torre da cidadela. Fabrice não era conhecido nesse bairro deserto; não deixou de mandar seguir o conde M\*\*\* e, um dia em que este acabava de sair da casa da admirável cantora, teve a audácia de aparecer na rua em pleno dia; na verdade, estava montado num excelente cavalo, e bem armado. Músicos, desses que correm as ruas na Itália e que às vezes são excelentes, foram plantar seus contrabaixos sob as janelas de Fausta: depois de terem feito um prelúdio, entoaram muito bem uma cantata em homenagem a ela. Fausta apareceu na janela e facilmente observou um rapaz muito educado que, parado a cavalo no meio da rua, primeiro a cumprimentou, e depois começou a lhe dirigir olhares muito pouco equívocos. Apesar do exagerado traje inglês adotado por Fabrice, ela logo reconheceu o autor das cartas apaixonadas que tinham resultado em sua partida de Bolonha. “Esta é uma criatura singular”, pensou, “parece-me que vou amá-lo. Tenho cem luíses diante de mim, posso muito bem deixar plantado ali esse terrível conde M\*\*\*. Na verdade, ele não tem espírito nem senso de imprevisto, a única coisa divertida nele são as caras atroztes de sua criadagem.”

No dia seguinte, tendo sabido que todo dia, por volta das onze horas, Fausta ia ouvir a missa no centro da cidade, naquela mesma igreja de San Giovanni onde ficava o túmulo de seu tio-avô, o arcebispo Ascanio del Dongo, Fabrice ousou segui-la. Na verdade, Ludovic lhe conseguira uma bela peruca inglesa com cabelos do mais lindo ruivo. A propósito da cor desses cabelos, que era a das chamas que queimavam seu coração, ele fez um soneto que Fausta achou encantador; certa mão desconhecida tivera o cuidado de depositá-lo sobre o piano dela. Essa guerrinha durou bem uns oito dias, mas Fabrice achava que, apesar de suas iniciativas de todo tipo, ele não fazia verdadeiros progressos: Fausta se recusava a recebê-lo. Ele exagerou os matizes da singularidade; ela disse, depois, que tinha medo dele. Nada mais segurava Fabrice a não ser um resto de esperança de conseguir sentir o que se chama *amor*, mas volta e meia ele se aborrecia.

— Senhor, vamos embora — repetia-lhe Ludovic —, o senhor não está apaixonado; vejo-o com um sangue-frio e um bom senso desesperadores. Aliás, o senhor não avança; por pura vergonha, vamos dar no pé.

Fabrice ia partir no primeiro instante de mau humor quando soube que Fausta devia cantar na casa da duquesa Sanseverina. “Quem sabe se aquela voz sublime acabará de incendiar meu coração”, pensou; e ousou se introduzir disfarçado no palácio onde todos os olhos o conheciam. Que se imagine a emoção da duquesa, quando bem no fim do concerto

reparou num homem de libré de caçador, empé, perto da porta do grande salão; aquele jeito lembrava alguém. Ela procurou o conde Mosca, que só então lhe contou a insigne e verdadeiramente inacreditável loucura de Fabrice. Ele a aceitara muito bem. Esse amor por outra que não a duquesa muito lhe agradava; o conde, perfeito homem galante, fora da política, agia segundo essa máxima de que só podia encontrar a felicidade na medida em que a duquesa fosse feliz. “Eu o salvarei dele mesmo”, disse à amante; “calcule a alegria de nossos inimigos se o prendessem neste palácio! Assim sendo, tenho aqui mais de cem homens meus, e é por isso que lhe pedi as chaves da grande caixa d’água. Ele se comporta como loucamente apaixonado por Fausta, e até aqui não conseguiu tirá-la do conde M\*\*\*, que dá a essa louca uma existência de rainha.” A fisionomia da duquesa traiu a dor mais profunda: então Fabrice não passava de um libertino completamente incapaz de um sentimento terno e sério.

— E não ter vindo nos ver! É o que jamais conseguirei lhe perdoar! — ela disse enfim. — E eu, que lhe escrevo todos os dias para Bolonha!

— Aprecio muito o comedimento dele — retrucou o conde —, não quer nos comprometer com sua aventura, e será divertido ouvir a história.

Fausta estava muito alucinada para conseguir calar o que a preocupava; no dia seguinte ao concerto, durante o qual seus olhos dirigiram todas as árias àquele rapaz alto vestido como caçador, falou com o conde M\*\*\* a respeito de um desconhecido atento.

— Onde você o vê? — perguntou-lhe o conde, furioso.

— Nas ruas, na igreja — respondeu Fausta, confusa.

Logo quis consertar sua imprudência ou, pelo menos, afastar tudo o que podia lembrar Fabrice: jogou-se numa descrição infinita de um rapaz alto de cabelos vermelhos, que tinha os olhos azuis; com certeza era algum inglês muito rico e muito desajeitado, ou algum príncipe. Diante dessa palavra, o conde M\*\*\*, que não brilhava pela exatidão de suas observações, foi imaginar, coisa deliciosa para sua vaidade, que esse rival não era outro senão o príncipe herdeiro de Parma. Esse pobre jovem melancólico, vigiado por cinco ou seis mentores, submentores, preceptores etc. etc., e que só o deixavam sair depois de terem conferenciado, lançava estranhos olhares para todas as mulheres razoáveis de quem lhe permitiam se aproximar. No concerto da duquesa, sua condição o pusera na frente de todos os ouvintes, numa poltrona isolada, a três passos da bela Fausta, e seus olhares tinham sumamente chocado o conde M\*\*\*. Essa loucura de deliciosa vaidade: ter um príncipe como rival, divertiu muito Fausta, que se deu ao prazer de confirmá-la por centenas de detalhes ingenuamente fornecidos.

— Sua raça — ela dizia ao conde — é tão antiga quanto a dos Farnese à qual pertence esse rapaz?

— O que quer dizer? Tão antiga! Eu não tenho bastardos na minha família.<sup>7</sup>

Quis o acaso que jamais o conde M\*\*\* conseguisse ver com tranquilidade esse pretenso rival; o que o confirmou na ideia lisonjeira de ter um príncipe como antagonista. De fato, quando os interesses de sua empreitada não convocavam Fabrice a Parma, ele permanecia nos bosques, na direção de Sacca, e nas margens do Pó. O conde M\*\*\* era bem mais orgulhoso, mas também mais prudente desde que se julgara em vias de disputar o coração de Fausta com um príncipe; pediu-lhe seriamente que se mostrasse muito reservada em

todas as suas iniciativas. Depois de ter se jogado a seus pés como amante ciumento e apaixonado, declarou-lhe muito explicitamente que em nome de sua honra ela não devia ser tapeada pelo jovem príncipe.

— Permita-me: eu não seria tapeada por ele se o amasse; jamais vi um príncipe a meus pés.

— Se você ceder — ele retrucou com olhar altivo —, talvez não poderei me vingar do príncipe; mas com toda a certeza me vingarei.

E saiu batendo as portas com violência. Se Fabrice tivesse se apresentado nesse instante, ganharia seu processo.

— Se você se apega à vida — ele lhe disse à noite, despedindo-se dela depois do espetáculo —, faça com que eu jamais saiba que o jovem príncipe penetrou em sua casa. Não posso nada contra ele, é uma pena! Mas não me faça lembrar que posso tudo contra você!

— Ah! Meu pequeno Fabrice — exclamou Fausta —, se eu soubesse onde ir encontrá-lo!

A vaidade ferida pode levar longe um rapaz rico e sempre cercado de bajuladores, desde o berço. A paixão muito verdadeira que o conde M\*\*\* tivera por Fausta despertou com furor: ele não foi detido pela perspectiva perigosa de lutar com o filho único do soberano em cuja corte estava; da mesma forma, não teve a inteligência de procurar ver esse príncipe, ou ao menos mandar segui-lo. Não podendo atacá-lo de outra maneira, M\*\*\* ousou pensar em pô-lo no ridículo. “Serei banido para sempre dos estados de Parma”, pensou, “pois é! Que me importa?” Se tivesse procurado reconhecer a posição do inimigo, o conde M\*\*\* ficaria sabendo que o pobre jovem príncipe jamais saía sem ser seguido por três ou quatro velhotes, tediosos guardas da etiqueta, e que o único prazer de sua escolha que lhe permitiam no mundo era a mineralogia. Tanto de dia como de noite, o pequeno palácio ocupado por Fausta e onde a boa sociedade de Parma se acotovelava, estava cercado de observadores; M\*\*\* sabia, hora a hora, o que ela fazia e, sobretudo, o que faziam em torno dela. Pode-se louvar algo nas precauções desse ciumento: é que essa mulher tão caprichosa não teve, de início, a menor ideia de que a vigilância fora redobrada. Os relatórios de todos os seus agentes diziam ao conde M\*\*\* que um homem muito moço, usando uma peruca ruiva, aparecia com muita frequência sob as janelas de Fausta, mas sempre com um disfarce novo. “Evidentemente, é o jovem príncipe”, pensou M\*\*\*, “do contrário, por que se disfarçar? E, santo Deus!, um homem como eu não é feito para lhe ceder. Sem as usurpações da República de Veneza eu também seria príncipe soberano.”

No dia de San Stefano, os relatórios dos espões tomaram um colorido mais sombrio; pareciam indicar que Fausta começava a responder às solitudes do desconhecido. “Posso partir neste instante com essa mulher!”, pensou M\*\*\*. “Mas, como! Em Bolonha fugi diante de um Del Dongo; aqui, eu fugiria diante de um príncipe! Mas o que diria esse jovem? Poderia pensar que consegui me amedrontar! E diachos! Sou de uma família tão boa quanto ele.” M\*\*\* estava furioso mas, para cúmulo da desgraça, fazia questão, antes de mais nada, de não se pôr diante dos olhos de Fausta, que ele sabia ser zombeteira, no ridículo papel do ciumento. Portanto, no dia de San Stefano, depois de passar uma hora com ela e de ter sido recebido com uma solicitude que lhe pareceu o cúmulo da falsidade,

deixou-a por volta das onze horas, vestindo-se para ir assistir à missa na igreja de San Giovanni. O conde M\*\*\* voltou para casa, pegou a roupa preta surrada de um jovem aluno de teologia e correu à San Giovanni; escolheu um lugar atrás de um dos túmulos que ornamentam a terceira capela à direita; por baixo do braço de um cardeal que estava representado de joelhos em seu túmulo via tudo o que acontecia na igreja; essa estátua tapava a luz no fundo da capela e o escondia o suficiente. Logo viu Fausta chegar, mais bela que nunca; estava com traje de luxo, e vinte adoradores pertencendo à mais alta sociedade lhe faziam um cortejo. O sorriso e a alegria brilhavam em seus olhos e em seus lábios; “é evidente”, pensou o pobre ciumento, “que ela pretende encontrar aqui o homem que ama, e que talvez há muito tempo, graças a mim, não pôde ver.” De repente, a felicidade mais profunda pareceu redobrar nos olhos de Fausta. “Meu rival está presente”, pensou M\*\*\*, e sua fúria de vaidade não teve mais limites. “Que papel estou fazendo aqui, servindo de par a um jovem príncipe que se disfarça?” Mas, por mais esforços que tenha feito, jamais conseguiu descobrir esse rival que seus olhares famintos procuravam em todo lado.

A todo instante Fausta, depois de percorrer com os olhos os cantos da igreja, acabava por fixar seus olhares carregados de amor e felicidade no lugar escuro onde M\*\*\* se escondera. Num coração apaixonado, o amor é dado a exagerar os matizes mais leves, e disso tira as consequências mais ridículas. E não é que o pobre M\*\*\* acabou se convencendo de que Fausta o tinha visto e de que, apesar de seus esforços, tendo ela percebido seu ciúme mortal, queria repreendê-lo por isso, e ao mesmo tempo consolá-lo com seus olhares tão meigos?

O túmulo do cardeal, atrás do qual M\*\*\* se postara em observação, ficava quatro ou cinco pés mais alto que o piso de mármore da San Giovanni. Como a missa na moda terminava por volta da uma da tarde, a maioria dos fiéis tinha ido embora e Fausta despachara os *janotas* da cidade, pretextando devoção; ficara ajoelhada em sua cadeira e seus olhos, agora mais ternos e mais brilhantes, estavam fixados em M\*\*\*; como só havia poucas pessoas na igreja, seus olhares não se davam mais ao trabalho de percorrê-la por inteiro antes de pararem, felizes, na estátua do cardeal. Quanta delicadeza, pensava o conde M\*\*\*, acreditando estar sendo mirado! Por fim, Fausta se levantou e saiu abruptamente, depois de ter feito com as mãos alguns gestos singulares.

M\*\*\*, inebriado de amor e quase totalmente curado de seu louco ciúme, saiu de seu lugar para ir voando até o palácio da amante e agradecer-lhe mil e mil vezes, quando, passando diante do túmulo do cardeal, avistou um jovem todo de preto; essa criatura funesta se mantivera, até agora, ajoelhada contra o epitáfio do túmulo, de modo que os olhares do amante ciumento que o procuravam podiam passar por cima de sua cabeça e não vê-lo.

O rapaz se levantou, andou depressa e, no mesmo instante, foi cercado por sete ou oito personagens um tanto desastrados, de aspecto peculiar e que pareciam estar sob suas ordens. M\*\*\* se precipitou atrás dele, mas, sem que nada houvesse de muito significativo, foi detido na passagem apertada que se forma na porta giratória de madeira, à entrada, por aqueles homens desajeitados que protegiam seu rival; por fim, quando, atrás deles, chegou à rua, só conseguiu ver se fechar a portinhola de um carro de aparência medíocre, o qual,

por estranho contraste, estava atrelado com dois excelentes cavalos, e num instante ficou fora de sua visão.

Voltou para casa bufando de fúria; logo chegaram seus observadores, os quais lhe relataram friamente que, naquele dia, o amante misterioso, fantasiado de padre, se ajoelhou muito devotamente bem encostado num túmulo que ficava na entrada de uma capela escura da igreja de San Giovanni. Fausta ficara na igreja até que ficasse praticamente deserta, e então trocara depressa certos sinais com esse desconhecido; com as mãos fazia como que cruces. M\*\*\* correu à casa da infiel; pela primeira vez ela não conseguiu esconder sua perturbação; contou com a ingenuidade mentirosa de uma mulher apaixonada que, como de costume, fora à San Giovanni, mas que lá não avistara o homem que a perseguia. Diante dessas palavras, M\*\*\*, fora de si, a tratou como à última das criaturas, disse-lhe tudo o que ele mesmo tinha visto e, como o atrevimento das mentiras crescia com a vivacidade das acusações, ele pegou seu punhal e se atirou sobre ela. Com sangue-frio, Fausta lhe disse:

— Pois bem! Tudo isso de que se queixa é a pura verdade, mas tentei escondê-lo para que você não jogue sua audácia em planos de vingança insensatos que podem ser nossa perdição, a de nós dois; pois saiba de uma vez por todas que, segundo minhas conjecturas, o homem que me persegue com suas atenções é feito para não encontrar obstáculos às suas vontades, ao menos nesta terra.

Depois de lembrar com muito jeito que, afinal de contas, M\*\*\* não tinha nenhum direito sobre ela, Fausta acabou dizendo que provavelmente não iria mais à igreja de San Giovanni. M\*\*\* estava perdidamente apaixonado, um pouco de coquetismo podia ter se juntado à prudência no coração dessa moça, e ele se sentiu desarmado. Teve a ideia de sair de Parma; o jovem príncipe, por mais poderoso que fosse, não poderia segui-lo, ou se o seguisse não seria mais que seu igual. Mas o orgulho tornou a lhe indicar que essa partida teria sempre o aspecto de uma fuga, e o conde M\*\*\* se proibiu de sequer pensar nisso.

“Ele não desconfiou da presença de meu pequeno Fabrice”, pensou a cantora, radiante, “e agora poderemos caçar dele de um modo precioso!”

Fabrice não adivinhou sua própria felicidade quando, no dia seguinte, encontrou as janelas da cantora cuidadosamente fechadas e não a viu em lugar nenhum; a brincadeira começou a lhe parecer longa. Sentia remorsos. “Em que situação é que estou pondo esse pobre conde Mosca, ele, ministro da Polícia! Vão acreditar que é meu cúmplice, terei vindo a esta terra para estraçalhar sua carreira! Mas, se eu abandonar um projeto tão longamente perseguido, que dirá a duquesa quando eu lhe contar minhas tentativas amorosas?”

Uma noite em que, prestes a abandonar o jogo, ele dava a si mesmo uma lição de moral, ao rondar sob as grandes árvores que separam o palácio de Fausta e a cidadela ele reparou que era seguido por um espião baixotinho; em vão, para se livrar dele, foi caminhar por várias ruas: aquele ser microscópico parecia sempre grudado em seus calcanhares. Impaciente, correu por uma rua solitária ao longo do rio Parma, na qual seus empregados estavam em emboscada; a um sinal seu, pularam sobre o pobre espião baixinho, que se atirou a seus pés: era Bettina, camareira de Fausta; depois de três dias de tédio e reclusão, fantasiada de homem para escapar ao punhal do conde M\*\*\*, de quem sua amante e ela mesma morriam de medo, resolvera ir dizer a Fabrice que ele era amado apaixonadamente

e que alguém morria de vontade de vê-lo; mas não podia mais haver visitas na igreja de San Giovanni. “Já era tempo”, disse Fabrice, “viva a insistência!”

A camareira baixinha era muito bonita, o que tirou Fabrice de seus devaneios morais. Ela lhe informou que a avenida e todas as ruas por onde ele passara naquela noite estavam cuidadosamente vigiadas, sem que aparentasse, por espões de M\*\*\*. Tinham alugado quartos no térreo ou no primeiro andar, e escondidos atrás das venezianas e mantendo um profundo silêncio observavam tudo o que se passava na rua, aparentemente a mais solitária, e ouviam o que ali se dizia.

— Se esses espões tivessem reconhecido minha voz — disse a pequena Bettina —, eu seria apunhalada sem perdão na minha volta para casa, e talvez minha pobre patroa junto comigo.

Esse terror a tornava encantadora aos olhos de Fabrice.

— O conde M\*\*\* — continuou — está furioso, e a minha senhora sabe que ele é capaz de tudo... Encarregou-me de lhe dizer que gostaria de estar a cem léguas daqui, com o senhor!

Então contou a cena do dia de San Stefano, e a fúria de M\*\*\*, que não perdera nenhum dos olhares e dos sinais de amor que Fausta, naquele dia alucinada por Fabrice, lhe dirigira. O conde puxara o punhal, agarrara Fausta pelos cabelos, e sem presença de espírito ela estaria perdida.

Fabrice fez a linda Bettina subir a um pequeno apartamento que ele tinha ali perto. Contou-lhe que era de Turim, filho de uma grande personalidade que, por ora, estava em Parma, o que o obrigava a ser muito cauteloso. Bettina lhe respondeu rindo que ele era bem mais nobre do que queria aparentar. Nosso herói precisou de um certo tempo até compreender que a moça encantadora o tomava por uma personalidade não menor que o próprio príncipe herdeiro. Fausta começava a ter medo e a amar Fabrice; tomara a decisão de não dizer esse nome à sua camareira, e de lhe falar do príncipe. Fabrice acabou confessando à linda moça que ela tinha adivinhado tudo.

— Mas, se meu nome for divulgado — acrescentou —, apesar da grande paixão da qual dei tantas provas à sua patroa, serei obrigado a cessar de vê-la, e logo os ministros de meu pai, esses sujeitos malvados, que um dia destituirei, não deixarão de lhe enviar a ordem de evacuar o país, que até agora ela embelezou com sua presença.

Já quase de manhã, Fabrice combinou com a pequena camareira vários projetos de encontros para chegar até Fausta; mandou chamar Ludovic e outro empregado seu, muito hábil, que se entenderam com Bettina, enquanto ele escrevia a Fausta a carta mais extravagante; a situação comportava todos os exageros da tragédia, e deles Fabrice não se privou. Só ao amanhecer é que se separou da pequena camareira, muito contente com os modos do jovem príncipe.

Cem vezes fora repetido, agora que Fausta chegara a um acordo com seu amante, que este não repassaria mais sob as janelas do palacete a não ser quando pudesse ser recebido ali, e nesse caso haveria um sinal. Mas Fabrice, enamorado por Bettina, e acreditando estar perto do desfecho com Fausta, não conseguiu permanecer em seu vilarejo a duas léguas de Parma. No dia seguinte, por volta de meia-noite, foi a cavalo, e bem acompanhado, cantar debaixo das janelas de Fausta uma melodia então na moda, e cuja letra ele mudara. “Não é

assim que agem os senhores amantes?”, ele dizia a si mesmo.

Desde que Fausta manifestara o desejo de um encontro, toda essa caçada parecia bem longa para Fabrice. “Não, eu não a amo”, pensava, cantando muito mal sob as janelas do palacete; “Bettina me parece cem vezes preferível a Fausta, e é por ela que eu gostaria de ser recebido neste momento.” Fabrice, um tanto entediado, regressava à sua aldeia quando, a cinquenta passos do palácio de Fausta, quinze ou vinte homens se jogaram em cima dele, quatro pegaram a rédea de seu cavalo, dois outros agarraram seus braços. Ludovic e os *bravi* de Fabrice foram assaltados, mas conseguiram se safar; deram uns tiros de pistola. Tudo isso foi coisa de um instante: num abrir e fechar de olhos e como por encanto cinquenta tochas acesas apareceram na rua. Todos esses homens estavam bem armados. Fabrice pulara do cavalo, apesar das pessoas que o seguravam; tentou se libertar; até feriu um dos homens que lhe apertava os braços com mãos parecidas com tornos; mas ficou muito espantado ao ouvir esse homem lhe dizer no tom mais respeitoso:

— Vossa Alteza me dará uma boa pensão por esse ferimento, o que para mim será melhor que cair no crime de lesa-majestade, puxando a espada contra meu príncipe.

“Este é justamente o castigo por minha tolice”, pensou Fabrice, “eu me terei condenado por um pecado que não me parecia agradável.”

Apenas chegou ao fim a pequena tentativa de combate, vários lacaios em libré de gala apareceram com uma cadeirinha, dourada e pintada de um modo esquisito: era uma dessas cadeirinhas grotescas que os mascarados usam durante o carnaval. Seis homens, de punhal na mão, pediram a Sua Alteza que entrasse, dizendo-lhe que o ar fresco da noite poderia prejudicar sua voz; demonstravam as formas mais respeitosas, a denominação príncipe era repetida a todo instante, e quase aos gritos. O cortejo começou a desfilar. Fabrice contou na rua mais de cinquenta homens carregando tochas acesas. Podia ser uma hora da manhã, todo mundo assomara nas janelas, a coisa se passava com certa gravidade. “Eu temia punhaladas da parte do conde M\*\*\*”, pensou Fabrice; “ele se contenta em zombar de mim, eu não acreditava que tivesse tanto gosto. Mas será que pensa realmente estar tratando com o príncipe? Se souber que sou apenas Fabrice, cuidado com as punhaladas!”

Os cinquenta homens carregando tochas e os vinte homens armados, depois de terem parado por muito tempo sob as janelas de Fausta, foram desfilar diante dos mais belos palácios da cidade. Mordomos postos dos dois lados da cadeirinha transportada perguntavam de vez em quando a Sua Alteza se tinha alguma ordem a lhes dar. Fabrice não perdeu a cabeça; com a ajuda da claridade que as tochas espalhavam, viu que Ludovic e seus homens seguiam o cortejo, tanto quanto possível. Fabrice pensou: “Ludovic tem apenas oito ou dez homens e não ousa atacar”. De dentro de sua cadeirinha, Fabrice via muito bem que os homens responsáveis pela brincadeira de mau gosto estavam armados até os dentes. Fingia rir junto com os mordomos encarregados de cuidar dele. Depois de mais de duas horas de marcha triunfal, viu que passariam no fim da rua onde ficava o palácio Sanseverina.

Quando viravam na rua que leva até lá, ele abriu com rapidez a porta dianteira da cadeirinha, pulou por cima de um dos varais, derrubou com um golpe de punhal um dos rufiões que lhe levava sua tocha ao rosto; recebeu um golpe de adaga no ombro; um segundo brigão lhe queimou a barba com sua tocha acesa; e finalmente Fabrice chegou a

Ludovic, a quem gritou: *Mate! mate todo mundo que carrega tochas!* Ludovic deu golpes de espada e o libertou dos dois homens que se aferravam em persegui-lo. Fabrice chegou correndo à porta do palácio Sanseverina; por curiosidade, o porteiro tinha aberto a portinhola de três pés de altura, encaixada na porta grande, e olhava todo espantado para aquela profusão de tochas. Fabrice entrou de um pulo e fechou atrás de si aquela porta em miniatura; correu até o jardim e escapou por uma porta que dava para uma rua deserta. Uma hora depois, estava fora da cidade, no amanhecer cruzava a fronteira dos estados de Módena e se achava em segurança. À noite, entrou em Bolonha. “Eis uma bela expedição”, pensou; “nem sequer pude falar com minha beldade.” Apressou-se em escrever cartas de desculpas ao conde e à duquesa, cartas prudentes e que, descrevendo o que se passava em seu coração, nada podiam informar a um inimigo. “Eu estava amoroso do amor”, disse à duquesa; “fiz tudo no mundo para conhecê-lo, mas parece que a natureza me recusou um coração para amar e ser melancólico; não consigo me elevar mais alto que o vulgar prazer” etc. etc.

Não conseguiríamos dar uma ideia do ruído que essa aventura causou em Parma. O mistério excitava a curiosidade: uma infinidade de gente vira as tochas e a cadeirinha transportada. Mas quem era aquele homem sequestrado e junto a quem demonstravam todas as formas de respeito? No dia seguinte nenhum personagem conhecido deixou de comparecer à cidade.

O povinho que morava na rua por onde o prisioneiro escapara dizia ter visto direitinho um cadáver, mas já com dia claro, quando os moradores se atreveram a sair de casa, não encontraram outros vestígios da luta senão muito sangue espalhado no calçamento. Mais de vinte mil curiosos foram visitar a rua durante o dia. As cidades da Itália estão acostumadas a espetáculos singulares, mas sempre sabem o *por quê* e o *como*. O que chocou Parma naquele caso foi que, mesmo um mês depois, quando o passeio das tochas deixou de ser o único assunto de conversas, ninguém, graças à prudência do conde Mosca, conseguira adivinhar o nome do rival que quisera tirar Fausta do conde M\*\*\*. Esse amante ciumento e vingativo fugira desde o começo do desfile. Por ordem do conde, Fausta foi posta na cidadela. A duquesa riu muito de uma pequena injustiça que o conde teve de se permitir para conter de vez a curiosidade do príncipe, que do contrário poderia ter chegado até o nome de Fabrice.

Via-se em Parma um homem erudito chegado do norte para escrever uma história da Idade Média; ele procurava manuscritos nas bibliotecas e o conde lhe dera todas as autorizações possíveis. Mas esse sábio, ainda muito jovem, mostrava-se irascível; acreditava, por exemplo, que todos em Parma queriam zombar dele. É verdade que os garotos das ruas às vezes o seguiam por causa de uma imensa cabeleira ruiva clara exibida com orgulho. Esse sábio acreditava que no albergue cobravam-lhe preços exorbitantes por qualquer coisa, e não pagava a menor bagatela sem procurar o preço no guia de viagem de uma senhora Starke,<sup>b</sup> que chegara à vigésima edição, porque ali estava indicado ao inglês prudente o preço de um peru, de uma maçã, de um copo de leite etc. etc.

O sábio de juba vermelha, na mesma noite em que Fabrice fez esse passeio forçado, ficou furioso em seu albergue e tirou do bolso *pequenas pistolas* para se vingar do *camariere*, que lhe pedia dois vinténs por um pêssego medíocre. Foi preso, pois portar pistolinhas era

um grande crime!

Como esse sábio irascível era comprido e magro, o conde teve a ideia, na manhã seguinte, de fazê-lo passar, aos olhos do príncipe, pelo temerário que, tendo pretendido tomar Fausta do conde M\*\*\*, tinha sido o alvo da mistificação. Em Parma, o porte das pistolinhas de bolso é punido com três anos de galés; mas essa pena nunca é aplicada. Depois de quinze dias de prisão, durante os quais o sábio só viu um advogado que lhe meteu um medo horrível com as leis atrozes dirigidas pela pusilanimidade dos poderosos contra os portadores de armas escondidas, outro advogado visitou a prisão e lhe contou o passeio infligido pelo conde M\*\*\* a um rival cuja identidade se mantivera desconhecida.

— A polícia não quer confessar ao príncipe que não conseguiu saber quem é esse rival: confesse que o senhor queria agradar a Fausta, que cinquenta bandidos o sequestraram quando cantava sob sua janela, que durante uma hora passearam consigo numa cadeirinha sem lhe dirigir outra coisa além de amabilidades. Essa confissão nada tem de humilhante, só lhe pedem umas palavrinhas. Logo depois de pronunciá-las, tirando assim a polícia dessa enrascada, ela o embarca numa diligência e o conduz à fronteira, onde lhe desejaremos boa-noite.

O sábio resistiu durante um mês; duas ou três vezes o príncipe esteve prestes a mandá-lo comparecer ao Ministério do Interior e a estar presente ao interrogatório. Mas, afinal, não pensava mais nisso quando o historiador, aborrecido, decidiu confessar tudo e foi conduzido à fronteira. O príncipe ficou convencido de que o rival do conde M\*\*\* tinha uma floresta de cabelos vermelhos.

Três dias depois daquele passeio, quando, escondido em Bolonha, Fabrice organizava com o fiel Ludovic os meios de encontrar o conde M\*\*\*, soube que ele também se escondia numa aldeia da montanha, na estrada de Florença. O conde só tinha consigo três de seus *buli*; no dia seguinte, quando voltava do passeio, foi sequestrado por oito homens mascarados que se apresentaram a ele como sendo esbirros de Parma. Conduziram-no, depois de lhe terem vendado os olhos, a um albergue a duas léguas mais adiante, na montanha, onde recebeu todas as atenções possíveis e uma ceia muito abundante. Serviram-lhe os melhores vinhos da Itália e da Espanha.

— Sou então prisioneiro de Estado? — perguntou o conde.

— Por nada neste mundo! — respondeu-lhe, muito educado, Ludovic, mascarado. — O senhor ofendeu um simples particular, encarregando-se de fazê-lo passear de cadeirinha; amanhã de manhã, ele quer se bater em duelo. Se o senhor o matar, encontrará dois bons cavalos, dinheiro e mudas preparadas na estrada de Gênova.

— Qual é o nome do ferrabrás? — perguntou o conde, irritado.

— Chama-se *Bombace*. O senhor terá a escolha das armas e de boas testemunhas, bem leais, mas um dos dois tem de morrer!

— Então é um assassinato! — disse o conde M\*\*\*, apavorado.

— Deus nos livre! É pura e simplesmente um duelo à morte, com o rapaz que o senhor passeou pelas ruas de Parma no meio da noite, e que ficaria desonrado se o senhor permanecesse em vida. Um dos dois está sobrando neste mundo, portanto, tente matá-lo; terá espadas, pistolas, sabres, todas as armas que conseguimos em algumas horas, pois tivemos de nos apressar; a polícia de Bolonha é muito diligente, como sabe, e não deve

impedir esse duelo necessário à honra do jovem de quem o senhor escarneceu.

— Mas se esse rapaz for um príncipe...

— É um simples particular como o senhor, e até muito menos rico, mas quer se bater à morte, e o forçará a se bater, estou lhe avisando.

— Não temo nada no mundo! — exclamou M\*\*\*.

— É o que seu adversário deseja com mais paixão — retrucou Ludovic. — Amanhã, bem cedinho, prepare-se para defender sua vida; ela será atacada por um homem que tem razão de estar muito furioso e não o poupará; repito-lhe que terá a escolha das armas; e faça seu testamento.

Por volta das seis da manhã, no dia seguinte, serviram o desjejum ao conde M\*\*\*, depois abriram uma porta do quarto onde ele estava guardado e lhe pediram para passar ao pátio de um albergue do campo; esse pátio era cercado de sebes e muros bem altos, e as portas estavam cuidadosamente fechadas.

Num canto, sobre uma mesa da qual se pediu que o conde M\*\*\* se aproximasse, ele encontrou algumas garrafas de vinho e de aguardente, duas pistolas, duas espadas, dois sabres, papel e tinta; uns vinte camponeses estavam nas janelas do albergue, que davam para o pátio. O conde implorou piedade.

— Querem me assassinar! — exclamou. — Salvem-me a vida!

— O senhor se engana! Ou quer enganar — gritou-lhe Fabrice, que estava no canto oposto do pátio, ao lado de uma mesa carregada de armas; tirara a casaca, e seu rosto estava escondido por uma dessas máscaras de arame que se encontram nas salas de armas. — Aconselho-o — acrescentou Fabrice — a pegar a máscara de arame que está perto de si, e em seguida avance em minha direção com uma espada ou pistolas; como lhe disseram ontem à noite, tem a escolha das armas.

O conde M\*\*\* opunha dificuldades inúmeras, e parecia muito contrariado em lutar; Fabrice, de seu lado, temia a chegada da polícia, embora estivessem na montanha a cinco grandes léguas de Bolonha; acabou dirigindo a seu rival as injúrias mais atrozes; por fim, teve a sorte de enraivecer o conde M\*\*\*, que pegou uma espada e andou na direção de Fabrice; o combate teve um início bastante suave.

Depois de alguns minutos, foi interrompido por um barulhão. Nosso herói sentira que se jogava numa ação que, durante toda a sua vida, poderia ser para ele um motivo de reprimendas ou pelo menos de imputações caluniosas. Despachara Ludovic ao campo a fim de lhe recrutar testemunhas. Ludovic deu dinheiro a estrangeiros que trabalhavam num bosque vizinho; eles acorreram aos gritos, pensando que se tratava de matar um inimigo do homem que pagava. Chegando eles ao albergue, Ludovic lhes pediu para olharem com todos os olhos e ver se um dos dois rapazes que lutavam agia como traidor e tomava sobre o outro vantagens ilícitas.

O combate, interrompido um instante pelos gritos de morte dos camponeses, custava a recomeçar; Fabrice insultou de novo a fatuidade do conde.

— Senhor conde — gritou-lhe —, quem é insolente precisa ser corajoso. Sinto que a situação é dura para o senhor, que prefere pagar pessoas que são corajosas.

O conde, novamente irritado, se pôs a gritar que tinha frequentado por muito tempo a sala de armas do famoso Battistino em Nápoles, e que ia castigar sua insolência; tendo

enfim reaparecido a cólera do conde M\*\*\*, ele lutou com bastante firmeza, o que não impediu Fabrice de lhe dar um belíssimo golpe de espada no peito, que o deixou de cama vários meses. Ludovic, ao prestar os primeiros cuidados ao ferido, lhe disse ao ouvido:

— Se denunciar este duelo à polícia, vou mandar apunhalá-lo em sua cama.

Fabrice fugiu para Florença; como se mantivera escondido em Bolonha, foi só em Florença que recebeu todas as cartas de reprimendas da duquesa; ela não podia perdoá-lo por ter ido a seu concerto e não ter tentado lhe falar. Fabrice ficou radiante com as cartas do conde Mosca, que transpiravam uma franca amizade e os sentimentos mais nobres. Adivinhou que o conde escrevera a Bolonha, de modo a afastar as suspeitas que podiam pesar sobre ele em relação ao duelo; a polícia foi de uma justiça perfeita: constatou que dois estrangeiros, dos quais só um, o ferido, era conhecido (o conde M\*\*\*), tinham se duelado com espada, diante de mais de trinta camponeses, entre os quais estava, no fim do combate, o pároco da aldeia, que fizera esforços inúteis para separar os duelistas. Como o nome de Joseph Bossi não fora pronunciado, menos de dois meses depois Fabrice ousou voltar a Bolonha, mais convencido que nunca de que seu destino o condenava a jamais conhecer a parte nobre e intelectual do amor. Foi o que se deu ao prazer de explicar muito minuciosamente à duquesa; estava bem cansado de sua vida solitária e então desejava apaixonadamente reencontrar os saraus encantadores que passava entre o conde e sua tia. Desde então não tornara a ver as doçuras da boa companhia.

“Aborreci-me tanto com o amor que queria me dar, e com Fausta”, escreveu à duquesa, “que agora, ainda que o capricho dela me fosse favorável, eu não percorreria vinte léguas para instá-la a cumprir sua palavra; portanto, não tema, como você me diz, que eu vá até Paris, onde vejo que ela estreia com um êxito louco. Eu percorreria todas as léguas possíveis para passar uma noite com você e com esse conde tão bom para os seus amigos.”

a Teatro de Paris.

b Mariana Starke, autora inglesa do *Guia do viajante na Itália*, traduzido em francês em 1826 e reimpresso em 1837.

7 Pedro Luís, o primeiro soberano da família Farnese, tão célebre por suas virtudes, foi, como se sabe, filho natural do santo papa Paulo III.

# LIVRO II

*Par ses cris continuels, cette république nous empêcherait de jouir de la meilleure des monarchies.*<sup>a</sup>

*A cartuxa de Parma, cap. 23*

a A epígrafe lembra, mas não reproduz textualmente, a frase que, no capítulo 23 do romance, é: “*Avec ces propos de république, les fous nous empêcheraient de jouir de la meilleure des monarchies*” [Com essas conversas de república, os loucos nos impediriam de gozar da melhor das monarquias]. Stendhal pode ter corrigido o manuscrito e esquecido de corrigir a epígrafe.

Enquanto Fabrice estava à cata do amor num vilarejo vizinho a Parma, o promotor geral Rassi, que não sabia que ele estava tão perto de si, continuava a cuidar de seu caso como se ele fosse um liberal: fingiu não conseguir encontrar, ou melhor, intimidar as testemunhas de defesa; e por fim, depois de um trabalho muito douto de quase um ano, e cerca de dois meses depois do último regresso de Fabrice a Bolonha, uma certa sexta-feira a marquesa Raversi, inebriada de alegria, disse publicamente num salão que, no dia seguinte, a sentença que acabava de ser ditada, fazia uma hora, contra o pequeno Del Dongo, seria apresentada ao príncipe para a assinatura e aprovação. Minutos depois a duquesa soube dessas palavras de sua inimiga.

“É preciso que o conde esteja bem mal servido por seus agentes!”, pensou; “ainda hoje de manhã ele acreditava que a sentença não podia ser proferida antes de uma semana. Talvez não ficasse aborrecido de afastar de Parma meu jovem vigário-geral; mas”, acrescentou cantando, “nós o veremos voltar, e um dia ele será nosso arcebispo.”

A duquesa tocou a campainha:

— Reúna todos os domésticos na sala de espera — disse a seu criado de quarto —, até mesmo os cozinheiros; vá pegar com o comandante da praça a autorização necessária para ter quatro cavalos de posta, e que antes de meia hora esses cavalos estejam atrelados ao meu landau.

Todas as mulheres da casa foram cuidar de fazer as malas, a duquesa vestiu às pressas uma roupa de viagem, e tudo isso sem nada dizer ao conde; a ideia de zombar um pouco dele a extasiava de alegria.

— Meus amigos — disse aos domésticos reunidos —, acabo de saber que meu pobre sobrinho vai ser condenado à revelia por ter tido a audácia de defender sua vida contra um furioso; era Giletti que queria matá-lo. Todos vocês puderam ver como o caráter de Fabrice é suave e inofensivo. Justamente indignada com essa injúria atroz, parto para Florença; deixo a cada um seus ordenados durante dez anos; se forem infelizes, escrevam-me, e enquanto eu tiver um sequim haverá alguma coisa para vocês.

A duquesa pensava exatamente o que dizia, e depois de suas últimas palavras os domésticos caíram aos prantos; ela também estava de olhos marejados; acrescentou com voz emocionada:

— Rezem a Deus por mim e por monsenhor Fabrice del Dongo, primeiro vigário-geral da diocese, que amanhã de manhã vai ser condenado às galés, ou, o que seria menos idiota, à pena de morte.

As lágrimas dos domésticos redobraram e pouco a pouco se tornaram gritos quase sediciosos; a duquesa subiu em sua carruagem e se fez conduzir ao palácio do príncipe.

Apesar da hora indevida, mandou o general Fontana, ajudante de ordens de plantão, solicitar uma audiência; não estava em luxuoso traje de corte, o que deixou esse ajudante de ordens num profundo estupor. Quanto ao príncipe, não ficou surpreso, e menos ainda zangado com o pedido de audiência. “Vamos ver lágrimas espalhadas por belos olhos”, ele pensou, esfregando as mãos. “Ela vem pedir o perdão para o sobrinho; finalmente essa orgulhosa beldade vai se humilhar! Afinal, andava insuportável com seus arezinhos de independência! Esses olhos tão expressivos pareciam sempre me dizer, diante da menor coisa que a chocava: ‘Nápoles ou Milão seriam uma paragem muito mais agradável que sua cidadezinha de Parma’. Na verdade eu não reino sobre Nápoles ou Milão; mas, afinal, essa grande senhora vem me pedir alguma coisa que depende unicamente de mim e que ela morre de vontade de conseguir; sempre pensei que a chegada desse sobrinho me deixaria tirar uma casquinha da situação.”

Enquanto o príncipe sorria com esses pensamentos e se entregava a todas essas agradáveis previsões, passeava por seu grande gabinete em cuja porta o general Fontana ficara em pé e empertigado como um soldado ao apresentar armas. Vendo os olhos brilhantes do príncipe, e lembrando-se do traje de viagem da duquesa, ele pensou na dissolução da monarquia. Sua perplexidade não teve mais limites quando ouviu o príncipe lhe dizer:

— Peça à senhora duquesa que espere uns quinze minutinhos.

O general ajudante de ordens deu meia-volta como um soldado na parada; o príncipe sorriu de novo. “Fontana não está acostumado”, pensou, “a ver essa orgulhosa duquesa esperar: a fisionomia espantada com que vai falar dos *quinze minutinhos de espera* preparará a passagem às lágrimas pungentes que este gabinete verá serem derramadas”. Os quinze minutinhos foram deliciosos para o príncipe, que andava com um passo firme e igual: ele *reinava*. “Aqui se trata de não dizer nada que não esteja perfeitamente em seu lugar; quaisquer que sejam meus sentimentos pela duquesa, não devo esquecer que é uma das maiores damas de minha corte. Como Luís XIV falava com as princesas suas filhas quando havia razão para estar descontente com elas?”, e seus olhos se fixaram no retrato do grande rei.

O engraçado da situação é que o príncipe já não cogitava em perguntar a si mesmo se daria o perdão a Fabrice e qual seria esse perdão. Por fim, vinte minutos depois o fiel Fontana se apresentou novamente à porta, mas sem dizer nada.

— A duquesa Sanseverina pode entrar — gritou o príncipe com ar teatral.

“As lágrimas vão começar”, pensou, e, como para se preparar para tal espetáculo, puxou o lenço.

Nunca a duquesa estivera tão vivaz e tão bonita; não tinha vinte e cinco anos. Ao ver seu passinho leve e rápido aflorar apenas os tapetes, o pobre ajudante de ordens esteve prestes a perder de vez a razão.

— Tenho muitos perdões a pedir a Vossa Alteza Sereníssima — disse a duquesa com sua vozinha ligeira e alegre —, tomei a liberdade de me apresentar perante si com um traje que não é propriamente adequado, mas Vossa Alteza me habituou tanto a suas bondades que ousei esperar que aceitasse me conceder também esse favor.

A duquesa falava devagar, a fim de se dar tempo de desfrutar do semblante do príncipe; ele estava delicioso por conta do profundo espanto e dos vestígios dos ares arrogantes que

a posição da cabeça e dos braços ainda indicava. O príncipe ficara como que fulminado por um raio; com sua vozinha aguda e perturbada, exclamava de vez em quando, articulando apenas:

— *Como! Como!*

A duquesa, como que por respeito, depois de terminar seu cumprimento deixou-lhe todo o tempo de responder; em seguida, acrescentou:

— Ouso esperar que Vossa Alteza Sereníssima se digne a perdoar a incongruência de meu traje.

Mas, ao falar assim, seus olhos debochados brilhavam com um esplendor tão profundo que o príncipe não conseguiu suportá-lo; olhou para o teto, o que nele era o último sinal do mais extremo embaraço.

— *Como! Como!* — disse ainda.

Depois teve a felicidade de encontrar uma frase:

— Mas, senhora duquesa, sente-se.

Ele mesmo puxou uma poltrona, e com bastante graça. A duquesa não foi insensível a essa cortesia, moderou a petulância do olhar.

— *Como! Como!* — repetiu ainda o príncipe, agitando-se em sua poltrona, sobre a qual parecia não conseguir encontrar posição firme.

— Vou aproveitar o ar fresco da noite para viajar — recomeçou a duquesa —, e como minha ausência pode ser de alguma duração, não quis sair dos estados de Sua Alteza Sereníssima sem agradecer-lhe por todas as bondades que há cinco anos se digna a ter comigo.

Diante dessas palavras o príncipe compreendeu, enfim; empalideceu: era o homem do mundo que mais sofria por ter se enganado em suas previsões; depois, adotou um ar de grandeza perfeitamente digno do retrato de Luís XIV que estava diante de seus olhos. “Antes isso, aí está um homem”, pensou a duquesa.

— E qual é o motivo desse partida súbita? — perguntou o príncipe num tom bastante firme.

— Eu tinha esse projeto há muito tempo — respondeu a duquesa — e um pequeno insulto que fizeram a *monsignore* Del Dongo, que amanhã vai ser condenado à morte ou às galés, me faz apressar a partida.

— E para que cidade vai?

— Nápoles, penso.

E acrescentou, levantando-se:

— Só me resta despedir-me de Vossa Alteza Sereníssima e agradecer-lhe muito humildemente por suas *antigas* bondades.

A duquesa, por sua vez, partia num tom tão determinado que o príncipe viu muito bem que dali a dois segundos tudo estaria terminado; tendo já ocorrido o choque da partida, ele sabia que qualquer conciliação era impossível; ela não era mulher de voltar atrás em suas iniciativas. Correu atrás dela.

— Mas a senhora bem sabe, duquesa — disse-lhe, pegando sua mão —, que eu sempre lhe quis bem, e com uma amizade à qual só dependia de si dar outro nome. Um homicídio foi cometido, é o que não se pode negar; confiei a instrução do processo a meus melhores

juízes...

Diante dessas palavras, a duquesa se ergueu em toda a sua altivez; toda aparência de respeito e até mesmo de urbanidade desapareceu num piscar de olhos: a mulher ultrajada apareceu claramente, e a mulher ultrajada dirigiu-se a uma criatura que ela sabia estar de má-fé. Foi com a expressão da cólera mais profunda e até de desprezo que ela disse ao príncipe, pesando todas as palavras:

— Deixo para sempre os estados de Vossa Alteza Sereníssima, para jamais ouvir falar do promotor Rassi e dos outros infames assassinos que condenaram à morte meu sobrinho e tantos outros; se Vossa Alteza Sereníssima não quer misturar um sentimento de amargura aos últimos instantes que passo perto de um príncipe bem-educado e inteligente quando não é ludibriado, peço-lhe muito humildemente não me lembrar a decisão desses juízes infames que se vendem por mil escudos ou uma condecoração.

O tom admirável e sobretudo verdadeiro com que foram proferidas essas palavras fez o príncipe estremecer; ele temeu um instante ver sua dignidade comprometida por uma acusação ainda mais direta, mas, em suma, sua sensação logo acabou sendo de prazer: admirava a duquesa; o conjunto de sua pessoa atingiu nesse momento uma beleza sublime. “Meu Deus! Como é bela”, pensou o príncipe. “Deve-se conceder algo a uma mulher tão única que talvez não exista outra em toda a Itália... Pois bem! Com um pouco de boa política talvez não fosse impossível torná-la, um dia, minha amante; há uma grande distância entre uma criatura assim e essa boneca da marquesa Balbi, e que ainda todo ano rouba ao menos trezentos mil francos de meus pobres súditos... Mas terei entendido bem?”, pensou de repente. “Ela disse: condenaram meu sobrinho e tantos outros.” Então a raiva emergiu e foi com altivez digna de sua suprema condição que o príncipe disse, depois de um silêncio:

— E o que seria preciso fazer para que a senhora não partisse?

— Alguma coisa de que não é capaz — retrucou a duquesa com o toque da ironia mais amarga e do desprezo menos disfarçado.

O príncipe estava fora de si, mas devia ao hábito de seu ofício de soberano absoluto a força de resistir a um primeiro impulso. “Preciso possuir esta mulher”, pensou, “é o que devo a mim mesmo, e depois preciso fazê-la morrer pelo desprezo... Se ela sair deste gabinete, nunca mais a verei.” Mas, ébrio de raiva e de ódio como estava naquele momento, onde encontrar uma palavra que pudesse a um só tempo satisfazer aquilo que devia a si mesmo e levar a duquesa a não desertar de sua corte nesse instante? “Não é possível”, pensou, “repetir nem pôr no ridículo um gesto”, e foi se postar entre a duquesa e a porta de seu gabinete. Pouco depois, ouviu arranharem de leve essa porta.

— Quem é o palerma — esbravejou, xingando com toda a força de seus pulmões —, quem é o palerma que vem aqui me trazer sua presença idiota?

O pobre general Fontana mostrou seu rosto pálido e totalmente transtornado, e foi com o ar de um homem na agonia que proferiu estas palavras mal articuladas:

— Sua Excelência, o conde Mosca solicita a honra de ser introduzido.

— Que entre! — disse o príncipe, gritando.

E quando Mosca o saudou:

— Pois bem! — ele lhe disse. — Aqui está a senhora duquesa Sanseverina, que pretende

abandonar Parma neste instante para ir se instalar em Nápoles, e que, como se não bastasse, me diz impertinências.

— Como! — disse Mosca, empalidecendo.

— O quê? O senhor não sabia desse projeto de partida?

— Nem uma só palavra; deixei a senhora às seis horas, alegre e satisfeita.

Essa frase produziu no príncipe um efeito inacreditável. Primeiro, olhou para Mosca; sua palidez crescente lhe mostrou que falava a verdade e não era cúmplice do despautério da duquesa. “Neste caso”, ele pensou, “vou perdê-la para sempre; prazer e vingança, tudo se esvai ao mesmo tempo. Em Nápoles ela fará epigramas com o sobrinho Fabrice sobre a grande cólera do pequeno príncipe de Parma.” Olhou para a duquesa; o mais violento desprezo e a cólera disputavam o coração dela; nesse momento, seus olhos estavam fitos no conde Mosca, e os contornos tão finos daquela linda boca expressavam o desdém mais amargo. Todo o seu rosto dizia: cortesão vil! “Assim”, pensou o príncipe depois de tê-la examinado, “perco esse meio de trazê-la de volta a este país. Ainda neste momento, se ela sair deste gabinete estará perdida para mim, Deus sabe o que dirá em Nápoles a respeito dos meus juízes... E com esse espírito e essa força de persuasão divina que o céu lhe deu, fará com que todos acreditem nela. A ela deverei a reputação de um tirano ridículo que se levanta de noite para olhar debaixo da cama...” Então, por uma manobra hábil e tentando caminhar como que para diminuir sua agitação, o príncipe se pôs de novo diante da porta do gabinete; o conde estava à sua direita e a três passos de distância, pálido, desfeito e tão trêmulo que ele foi obrigado a procurar um apoio nas costas da poltrona que a duquesa ocupara no início da audiência, e que o príncipe, num gesto de cólera, empurrara para longe. O conde estava apaixonado. “Se a duquesa partir, a seguirei”, pensou; “mas ela quererá me ter em seu séquito? Esta é a questão.”

À esquerda do príncipe, a duquesa em pé, de braços cruzados e apertados contra o peito, o olhava com uma impertinência admirável; uma palidez completa e profunda sucedera às cores vivas que outrora animavam aquela cabeça sublime.

O príncipe, ao contrário dos dois outros personagens, tinha o rosto vermelho e a fisionomia aflita; sua mão esquerda brincava convulsamente com a cruz presa no grande cordão de sua ordem, que ele usava debaixo da casaca; com a mão direita acariciava o queixo.

— Que é preciso fazer? — perguntou ao conde, sem saber muito bem o que ele mesmo fazia, e arrastado pelo hábito de consultá-lo para tudo.

— Na verdade, não sei rigorosamente nada, Alteza Sereníssima — respondeu o conde com o semblante de um homem que dá seu último suspiro.

Mal podia pronunciar as palavras de sua resposta. O tom dessa voz deu ao príncipe o primeiro consolo que seu orgulho ferido encontrou naquela audiência, e essa pequena felicidade lhe forneceu uma frase feliz para seu amor-próprio.

— Pois bem! — disse. — Sou o mais sensato dos três; aceito fazer total abstração de minha posição no mundo. Vou falar *como um amigo* — e acrescentou, com um belo sorriso de condescendência bem imitado dos tempos felizes de Luís XIV: — *como um amigo falando com amigos*; senhora duquesa, o que é preciso fazer para que esqueça uma resolução intempestiva?

— Na verdade, eu não sei de nada — respondeu a duquesa com um grande suspiro —; na verdade, eu não sei de nada, de tanto horror que sinto de Parma.

Não havia a menor intenção de epigrama nessas palavras, via-se que a própria sinceridade falava por sua boca.

O conde se virou prontamente para o lado dela; a alma do cortesão estava escandalizada: depois ele dirigiu ao príncipe um olhar suplicante. Com muita dignidade e sangue-frio o príncipe deixou passar um momento; em seguida, dirigindo-se ao conde, disse:

— Vejo que sua encantadora amiga está totalmente fora de si; é muito simples, ela *adora* o sobrinho.

E, virando-se para a duquesa, acrescentou com o olhar mais galante e ao mesmo tempo com o ar que se assume para citar a frase de uma comédia:

— *O que é preciso fazer para agradar a estes belos olhos?*

A duquesa tivera tempo de refletir; num tom firme e lento, como se tivesse ditado seu *ultimatum*, respondeu:

— Sua Alteza me escreveria uma carta graciosa, como sabe tão bem fazê-las, e me diria que, não estando convencido da culpa de Fabrice del Dongo, primeiro vigário-geral do arcebispado, não assinará a sentença quando vierem apresentá-la, e que esse processo injusto não terá no futuro nenhuma consequência.

— Como, *injusto*? — exclamou o príncipe, enrubescendo até o branco dos olhos e retomando sua cólera.

— E não é tudo! — retrucou a duquesa com orgulho romano. — *Ainda esta noite*, e — acrescentou olhando para o relógio de pêndulo — já são onze e quinze; já esta noite Sua Alteza Sereníssima mandará dizer à marquesa Raversi que a aconselha a ir para o campo para repousar dos cansaços que deve ter lhe causado um certo processo do qual ela falava em seu salão no começo da noite.

O príncipe caminhava por seu gabinete como um homem furioso.

— Já se viu algum dia uma mulher assim?... — exclamou. — Ela me falta ao respeito.

A duquesa respondeu com perfeita graça:

— Nunca na vida me veio a ideia de faltar com o respeito a Sua Alteza Sereníssima; Sua Alteza teve a extrema condescendência de dizer que falava *como um amigo a amigos*. Aliás, não tenho a menor vontade de permanecer em Parma — acrescentou, olhando para o conde com o pior desprezo. Esse olhar fez o príncipe, até então muito inseguro, se decidir, embora essas palavras aparentassem anunciar um compromisso; mas ele pouco ligava para as palavras.

Ainda houve umas palavras trocadas, mas finalmente o conde Mosca recebeu a ordem de escrever o gracioso bilhete solicitado pela duquesa. Omitiu a frase: *Este processo injusto não terá no futuro nenhuma consequência*. “Basta”, pensou o conde, “que o príncipe prometa não assinar a sentença que lhe será apresentada.” O príncipe lhe agradeceu com uma piscadela, ao assinar.

O conde cometeu um grande erro, o príncipe estava cansado e teria assinado tudo; ele acreditava sair-se bem de cena, e a seu ver todo o negócio estava dominado por estas palavras: “Se a duquesa partir, antes que a semana acabe acharei minha corte enfadonha”. O conde notou que seu patrão corrigia a data e punha a do dia seguinte. Olhou para o

relógio, que marcava quase meia-noite. O ministro não viu nessa data corrigida senão a vontade pedantesca de dar provas de exatidão e de bom governo. Quanto ao exílio da marquesa Raversi, ele não ofereceu a menor resistência; o príncipe tinha um prazer particular em exilar as pessoas.

— General Fontana! — exclamou entreabrindo a porta.

O general apareceu com um rosto tão espantado e tão curioso que houve troca de um olhar alegre entre a duquesa e o conde, e esse olhar restabeleceu a paz.

— General Fontana — disse o príncipe —, o senhor vai subir no meu carro que espera sob a colunata; irá à casa da marquesa Raversi e se fará anunciar; se ela estiver na cama, acrescente que vem de minha parte, e, chegando ao quarto dela, diga estas palavras precisas, e não outras: “Senhora marquesa Raversi, Sua Alteza Sereníssima a exorta a partir amanhã, antes das oito horas, para seu castelo de Velleja; Sua Alteza lhe dará a conhecer quando poderá voltar a Parma”.

O príncipe procurou com os olhos os olhos da duquesa, a qual, sem agradecer como ele esperava, lhe fez uma reverência extremamente respeitosa e saiu depressa.

— Que mulher! — disse o príncipe, virando-se para o conde Mosca.

Este, radiante com o exílio da marquesa Raversi, o que facilitava todas as suas ações como ministro, falou durante uma boa meia hora como cortesão consumado; queria consolar o amor-próprio do soberano e só se despediu quando o viu bem convencido de que a história anedótica de Luís XIV não tinha página mais bela que essa que ele acabava de fornecer a seus futuros historiadores.

Ao voltar para casa, a duquesa trancou a porta e pediu que não admitissem ninguém, nem mesmo o conde. Queria ficar sozinha consigo mesma e refletir um pouco na cena que acabava de acontecer. Agira sem premeditação, e para se dar um prazer no próprio momento; mas, fosse qual fosse a iniciativa pela qual se deixara arrastar, iria sustentá-la com firmeza. Não iria se censurar por ter recuperado o sangue-frio, menos ainda se arrepender: este era o caráter ao qual devia o fato de ainda ser, aos trinta e seis anos, a mulher mais bonita da corte.

Entre nove e onze horas ela acreditara tão firmemente deixar esse país para sempre, que, nesse momento, imaginava o que Parma podia oferecer de agradável, como teria feito ao voltar de uma longa viagem.

“Esse pobre conde fez uma cara engraçada quando soube de minha partida, em presença do príncipe... Na verdade, é um homem amável e com um coração de ouro. Teria abandonado seus ministros para me seguir... Mas também, durante cinco anos inteiros, não teve uma distração a me reprovar. Quantas mulheres casadas no altar poderiam dizer o mesmo a seu senhor e soberano? É de convir que ele não se julga importante, não é pedante. Não dá nenhuma vontade enganá-lo; diante de mim sempre parece ter vergonha de seu poder... Fez uma cara engraçada em presença de seu senhor e soberano; se estivesse aqui, eu o beijaria... Mas por nada no mundo eu me encarregaria de divertir um ministro que perdeu sua pasta, isso é uma doença da qual a gente só se cura com a morte, e... que faz morrer. Que desgraça seria ser ministro na mocidade! Tenho de lhe escrever, é uma das coisas que ele deve saber oficialmente antes de se desentender com seu príncipe... Mas ia me esquecendo de meus bons criados.”

A duquesa chamou. Suas criadas ainda faziam as malas; a carruagem estava estacionada sob o pórtico e a carregavam; todos os domésticos que não tinham serviço a fazer cercavam aquela carruagem, com lágrimas nos olhos. Chekina, que nas grandes ocasiões era a única que entrava nos aposentos da duquesa, lhe contou todos esses detalhes.

— Mande-os subir — disse a duquesa.

Um instante depois ela passou para a sala de espera.

— Prometeram-me — ela lhes disse — que a sentença contra meu sobrinho não será assinada pelo *soberano* (é assim que se fala na Itália); suspendo minha partida; veremos se meus inimigos terão poder para fazer mudar essa resolução.

Depois de um curto silêncio, os domésticos começaram a gritar:

“Viva a senhora duquesa!”, e aplaudiram freneticamente. A duquesa, que já estava numa sala ao lado, reapareceu como uma atriz ovacionada, fez para seus domésticos uma pequena reverência cheia de graça e disse:

— *Meus amigos, eu lhes agradeço.*

Se tivesse dito uma palavra, todos, naquele momento, teriam marchado até o palácio para atacá-lo. Ela fez sinal a um postilhão, antigo contrabandista e homem devotado, que a seguiu.

— Você vai se vestir como um camponês abastado, sairá de Parma como puder, alugará uma *sediola* e irá a Bolonha o mais depressa possível. Entrará em Bolonha como quem está a passeio e pela porta de Florença, e entregará a Fabrice, que está no *Pelegrino*, um embrulho que Chekina vai lhe dar. Fabrice se esconde e lá se chama senhor Joseph Bossi; não vá traí-lo por um gesto estouvado, não faça cara de conhecê-lo; meus inimigos talvez ponham inimigos em seus calcanhares. Fabrice o enviará de volta para cá depois de algumas horas ou alguns dias: é sobretudo no regresso que você tem de redobrar as precauções para não traí-lo.

— Ah! Os empregados da marquesa Raversi! — exclamou o postilhão. — Estamos esperando por eles, e se a senhora quisesse em breve seriam exterminados.

— Um dia talvez! Mas, por amor à vida, não façam nada sem ordem minha.

Era a cópia do bilhete do príncipe que a duquesa queria enviar a Fabrice; não conseguiu resistir ao prazer de diverti-lo, e acrescentou uma palavrinha sobre a cena que levava ao bilhete; essa palavrinha se tornou uma carta de dez páginas. Mandou chamar o postilhão.

— Você só pode partir — disse-lhe — às quatro horas, ao se abrirem as portas.

— Eu contava passar pelo grande esgoto, ficaria com água até o queixo, mas passaria.

— Não — disse a duquesa —, não quero que um de meus mais fiéis servidores pegue uma febre. Conhece alguém na casa do senhor arcebispo?

— O segundo cocheiro é meu amigo.

— Aqui está uma carta para esse santo prelado: introduza-se sem barulho no palácio dele, faça-se levar até o criado de quarto; eu não gostaria que acordassem o monsenhor. Se ele já estiver trancado no quarto, passe a noite no palácio e, como é de praxe levantar-se com o dia, amanhã de manhã, às quatro horas, faça-se anunciar, de minha parte, peça a bênção ao santo arcebispo, entregue-lhe este pacote e pegue as cartas que ele lhe entregar, talvez, para Bolonha.

A duquesa endereçava ao arcebispo o próprio original do bilhete do príncipe; como esse

bilhete era relativo a seu primeiro vigário-geral, ela lhe pedia para depositá-lo nos arquivos do arcebispado, onde esperava que os senhores vigários-gerais e os cônegos, colegas de seu sobrinho, fizessem a fineza de tomar conhecimento dele; tudo isso sob a condição do mais profundo segredo.

A duquesa escrevia a monsenhor Landriani com uma familiaridade que devia encantar aquele bom burguês; só a assinatura tinha três linhas; a carta, muito amistosa, era seguida destas palavras: *Angelina-Cornelia-Isola Valserra del Dongo, duquesa Sanseverina*.

“Creio que não escrevi tanto”, pensou a duquesa, rindo, “desde meu contrato de casamento com o pobre duque; mas só é possível controlar essas pessoas por meio dessas coisas, e aos olhos dos burgueses a caricatura é a beleza.” Não conseguiu terminar a noite sem ceder à tentação de escrever uma carta de escárnio ao pobre conde; anunciou-lhe oficialmente, para seu *governo*, dizia, *nas suas relações com as cabeças coroadas*, que ela não se sentia capaz de divertir um ministro caído em desgraça. “O príncipe lhe mete medo; quando você não puder mais vê-lo, caberia então a mim meter-lhe medo?” Mandou entregar a carta imediatamente.

De seu lado, no dia seguinte, já as sete da manhã, o príncipe convocou o conde Zurla, ministro do Interior.

— De novo — ele lhe disse — dê as ordens mais severas a todos os podestades para que mandem prender o senhor Fabrice del Dongo. Anunciam-nos que talvez ele ousará reaparecer em nossos estados. Como esse fugitivo se encontra em Bolonha, onde parece desafiar as perseguições de nossos tribunais, ponha uns esbirros que o conhecem pessoalmente, 1<sup>o</sup>, nas aldeias na estrada de Bolonha a Parma; 2<sup>o</sup>, nos arredores do castelo da duquesa Sanseverina, em Sacca, e de sua casa de Castelnovo; 3<sup>o</sup>, em torno do castelo do conde Mosca. Ouso esperar de sua alta sabedoria, senhor conde, que conseguirá esconder do conde Mosca o conhecimento dessas ordens de seu soberano. Saiba que quero que se prenda o senhor Fabrice del Dongo.

Nem bem esse ministro saiu, uma porta secreta introduziu no gabinete do príncipe o promotor geral Rassi, que avançou curvado em dois e saudando a cada passo. O rosto desse pilantra merecia ser pintado; justificava toda a infâmia de seu papel, e, enquanto os gestos rápidos e desordenados de seus olhos traíam o conhecimento que tinha de seus méritos, a segurança arrogante e careteira de sua boca mostrava que ele sabia lutar contra o desprezo.

Como esse personagem terá uma influência bastante grande no destino de Fabrice, pode-se dizer uma palavra a seu respeito. Era alto, tinha belos olhos muito inteligentes, mas um rosto estragado pela bexiga; quanto a espírito, tinha, e muito, e do mais fino; atribuíam-lhe um perfeito domínio da ciência do direito, mas era sobretudo pelo conhecimento dos recursos que ele brilhava. De qualquer lado que se pudesse apresentar um caso, ele achava facilmente, e em poucos instantes, os meios muito bem fundados no direito para chegar a uma condenação ou a uma absolvição; era, acima de tudo, o rei das sutilezas de um procurador.

Nesse homem, que grandes monarquias teriam invejado ao príncipe de Parma, só se conhecia uma paixão: estar em conversações íntimas com grandes personalidades e agradecer-lhes com suas palhaçadas. Pouco lhe importava se o homem poderoso ria daquilo

que ele dizia ou de sua própria pessoa, ou se fazia brincadeiras revoltantes sobre a sra. Rassi; contanto que o visse rir e que o tratasse com familiaridade, ficava contente. Às vezes o príncipe, não sabendo mais como abusar da dignidade desse grande juiz, lhe dava uns pontapés; se os pontapés lhe fizessem mal, ele começava a chorar. Mas nele o instinto da palhaçada era tão forte que o viam todos os dias preferir o salão de um ministro que o ridicularizava a seu próprio salão, onde ele reinava despoticamente sobre todas as togas do país. Rassi criara para si, sobretudo, uma situação à parte, no sentido de que era impossível ao nobre mais insolente conseguir humilhá-lo; seu jeito de se vingar das injúrias que sofria durante o dia todo era contá-las ao príncipe, junto a quem adquirira o privilégio de dizer tudo; é verdade que, volta e meia, a resposta era uma bofetada bem aplicada e que lhe doía, mas ele não se ofendia de jeito nenhum. A presença desse grande juiz distraía o príncipe em seus momentos de mau humor, que então se divertia em ultrajá-lo. Vê-se que Rassi era mais ou menos o homem perfeito na corte: sem honra e sem rancor.

— Acima de tudo, é preciso segredo! — gritou-lhe o príncipe sem saudá-lo, e o tratando quase como a um caipira, ele, que era tão cortês com todo mundo. — De quando está datada sua sentença?

— De ontem de manhã, Alteza Sereníssima.

— Por quantos juízes está assinada?

— Pelos cinco.

— E a pena?

— Vinte anos de fortaleza, como Vossa Alteza Sereníssima me disse.

— A pena de morte teria revoltado — disse o príncipe como se falando consigo mesmo —, que se há de fazer! Que efeito sobre aquela mulher! Mas é um Del Dongo, e esse nome é venerado em Parma, por causa dos três arcebispos quase sucessivos... O senhor me diz vinte anos de fortaleza?

— Sim, Alteza Sereníssima — recomeçou o promotor Rassi, sempre em pé e curvado em dois —, tendo previamente um pedido de desculpa pública diante do retrato de Sua Alteza Sereníssima; ademais, jejum a pão e água todas as sextas-feiras e todas as vésperas das principais festas, *sendo o súdito notoriamente ímpio*. Isso, para o futuro e para destruir a carreira dele.

— Escreva — disse o príncipe —: “Tendo Sua Alteza Sereníssima se dignado a escutar com bondade as humílimas súplicas da marquesa Del Dongo, mãe do réu, e da duquesa Sanseverina, sua tia, as quais argumentaram que na época do crime seu filho e sobrinho era muito moço e, aliás, extraviado por uma louca paixão concebida pela mulher do desgraçado Giletti, aceitou, apesar do horror inspirado por tal homicídio, comutar a pena à qual Fabrice del Dongo foi condenado para a de doze anos de fortaleza”. Dê-me, para eu assinar.

O príncipe assinou e datou da véspera; depois, devolvendo a sentença a Rassi, disse-lhe:

— Escreva imediatamente abaixo de minha assinatura: “A duquesa Sanseverina tendo se jogado mais uma vez aos pés de Sua Alteza, o príncipe permitiu que todas as quintas-feiras o réu tenha uma hora de passeio na plataforma da torre quadrada, vulgarmente chamada de Torre Farnese”. Assine isto — disse o príncipe —, e, sobretudo, boca fechada, ouça o que ouvir na cidade. O senhor dirá ao conselheiro De Capitani, que votou por dois anos de

fortaleza e que até mesmo perorou em favor dessa opinião ridícula, que o exorto a reler as leis e os regulamentos. Mais uma vez, silêncio, e boa noite.

O promotor Rassi fez com muita lentidão três profundas reverências, que o príncipe não viu.

Isso se passou às sete horas da manhã. Horas mais tarde, a notícia do exílio da marquesa Raversi se espalhava pela cidade e pelos cafés, todo mundo falava ao mesmo tempo desse grande acontecimento. O exílio da marquesa enxotou de Parma por algum tempo esse implacável inimigo das cidadezinhas e das pequenas cortes: o tédio. O general Fabio Conti, que já se considerava ministro, pretextou uma crise de gota e por vários dias não saiu de sua fortaleza. A burguesia e, em seguida, o povinho concluíram do que se passava que era claro que o príncipe decidira dar o arcebispado de Parma a monsenhor Del Dongo. Os fins políticos de café chegaram até mesmo a alegar que tinham exortado o padre Landriani, o arcebispo atual, a fingir uma doença e apresentar sua demissão; eles lhe dariam uma gorda pensão sobre os impostos do tabaco, tinham certeza: esse rumor chegou até o arcebispo, que se alarmou muito, e por alguns dias seu zelo por nosso herói ficou praticamente paralisado. Dois meses depois, essa bela notícia estava nos jornais de Paris, com a pequena mudança de que era o conde Mosca, sobrinho da duquesa de Sanseverina, que ia ser feito arcebispo.

A marquesa Raversi estava furibunda em seu castelo de Velleja; não era uma mulherzinha, dessas que acreditam se vingar soltando declarações ultrajantes contra seus inimigos. Já no dia seguinte de sua desgraça, o cavaleiro Riscara e três outros seus amigos se apresentaram ao príncipe, por ordem dela, e lhe pediram a permissão de ir vê-la em seu castelo. A Alteza recebeu esses senhores com perfeita graça, e a chegada deles a Velleja foi um grande consolo para a marquesa. Antes do fim da segunda semana, ela tinha trinta pessoas em seu castelo, todos aqueles que o ministério liberal devia levar aos primeiros postos. Toda noite a marquesa mantinha um conselho regular com seus amigos mais bem informados. Um dia em que recebera muitas cartas de Parma e de Bolonha, retirou-se cedo: a camareira favorita introduziu, primeiro, o amante titular, conde Baldi, rapaz de admirável estampa e muito insignificante; e mais tarde, o cavaleiro Riscara, seu predecessor: este era um homenzinho escuro no físico e na moral, e que, tendo começado como repetidor de geometria no colégio dos nobres em Parma, se via agora conselheiro de Estado e cavaleiro de várias ordens.

— Tenho o bom hábito — disse a marquesa a esses dois homens — de jamais destruir qualquer papel, e ainda bem; aqui estão nove cartas que a duquesa Sanseverina me escreveu em diferentes ocasiões. Vocês dois vão partir para Gênova, procurarão entre os forçados um ex-tabelião chamado Burati, como o grande poeta de Veneza, ou Durati. Você, conde Baldi, ponha-se em meu gabinete e escreva o que vou lhe ditar.

Veio-me uma ideia e lhe escrevo este bilhete. Vou à minha choupana, perto de Castelnovo; se quiser vir passar doze horas comigo, ficarei muito feliz: não há, parece-me, grande perigo depois do que acaba de acontecer; as nuvens se dissipam. No entanto, pare antes de entrar em Castelnovo; encontrará na estrada um de meus criados, todos eles gostam loucamente de você. Conservará, bem entendido, o nome de Bossi para essa

pequena viagem. Dizem que você tem barba como o mais admirável capuchinho, e só o viram em Parma com o rosto decente de um grande vigário.

— Está entendendo, Riscara?

— Perfeitamente; mas a viagem a Gênova é um luxo inútil; conheço um homem em Parma que, para falar a verdade, ainda não está nas galés mas não pode deixar de chegar lá. Ele falsificará admiravelmente bem a letra da Sanseverina.

Diante dessas palavras, o conde Baldi abriu exageradamente seus olhos tão belos; acabava de compreender.

— Se você conhece esse digno personagem de Parma, para quem espera uma promoção — disse a marquesa a Riscara —, aparentemente ele também o conhece; a amante dele, o confessor dele, o amigo dele, podem estar vendidos para a Sanseverina; prefiro retardar alguns dias essa pequena brincadeira e não me expor a nenhum risco. Partam daqui a duas horas, como bons cordeirinhos, não vejam viva alma em Gênova e voltem bem depressa.

O cavaleiro Riscara fugiu rindo, e, falando fanhoso como Polichinelo, dizia ao correr de um jeito burlesco: *É preciso preparar os pacotes*. Ele queria deixar Baldi sozinho com a senhora. Cinco dias depois, Riscara levou de volta à marquesa seu conde Baldi todo estropiado: para abreviar seis léguas, fizeram-no cruzar uma montanha em lombo de mula; ele jurava que não o pegariam de novo para fazer viagens grandes. Baldi entregou à marquesa três exemplares da carta que ela lhe tinha ditado, e cinco ou seis outras cartas com a mesma letra, escritas por Riscara, e das quais poderiam talvez tirar partido mais adiante. Uma dessas cartas continha gracejos muito bonitos sobre os medos que o príncipe tinha de noite, e sobre a deplorável magreza da marquesa Balbi, sua amante, a qual deixava, dizia-se, a marca de uma pequena pinça na almofada das poltronas depois de ter se sentado ali um instante. Poder-se-ia jurar que todas essas cartas eram escritas pela mão da senhora Sanseverina.

— Agora eu sei, sem a menor dúvida — disse a marquesa —, que Fabrice, o amigo do peito, está em Bolonha ou nos arredores...

— Estou muito doente — exclamou o conde Baldi, interrompendo-a. — Peço a graça de ser dispensado dessa segunda viagem, ou pelo menos gostaria de ter uns dias de descanso para minha saúde se recuperar.

— Vou defender sua causa — disse Riscara; levantou-se e falou baixo com a marquesa.

— Pois bem! Que seja, consinto — ela respondeu sorrindo.

— Tranquelize-se, não partirá — disse a marquesa a Baldi, com um ar bastante desdenhoso.

— Obrigado — este exclamou do fundo do coração.

Na verdade, Riscara subiu sozinho no carro de posta. Fazia apenas dois dias que estava em Bolonha quando avistou numa caleça Fabrice e a pequena Marietta.

“Diabos!”, pensou, “parece que nosso futuro arcebispo não se constringe; eu terei de comunicar isso à duquesa, que ficará encantada.”

Riscara teve apenas o trabalho de seguir Fabrice para saber onde era seu domicílio; na manhã seguinte, este recebeu por um correio a carta de fabricação genovesa; achou-a um pouco curta, mas, quanto ao resto, não teve nenhuma suspeita. A ideia de rever a duquesa

e o conde o deixou louco de felicidade, e, apesar do que pudesse dizer Ludovic, pegou um cavalo na posta e partiu a galope. Sem desconfiar de nada, era seguido a pouca distância pelo cavaleiro Riscara, que, ao chegar, a seis léguas de Parma, à posta antes de Castelnovo, teve o prazer de ver um grande amontoado diante da prisão do lugar; acabavam de levar para lá nosso herói, reconhecido na posta, quando trocava de cavalo, por dois esbirros escolhidos e enviados pelo conde Zurla.

Os olhinhos do cavaleiro Riscara brilhavam de alegria; verificou com paciência exemplar tudo o que acabava de acontecer naquele vilarejo, depois despachou um correio à marquesa Raversi. Em seguida, percorrendo as ruas como se fosse visitar uma igreja muito interessante, e depois ver um quadro de Parmigiano que lhe disseram existir no lugar, encontrou enfim o podestade que se apressou em prestar suas homenagens a um conselheiro de Estado. Riscara fez um ar de espanto por ele não ter enviado imediatamente para a cidadela de Parma o conspirador que tivera a felicidade de mandar prender.

— Podia-se temer — acrescentou Riscara com ar frio — que os numerosos amigos dele que o procuravam anteontem para ajudar sua passagem pelos estados de Sua Alteza Sereníssima encontrassem os gendarmes; esses rebeldes eram bem uns doze ou quinze a cavalo.

— *Intelligenti pauca!*<sup>a</sup> — exclamou o podestade com ar malicioso.

<sup>a</sup> Homens de pouca inteligência.

Duas horas depois, o pobre Fabrice, usando algemas e preso por uma longa corrente à própria *sediola* na qual o tinham mandado subir, partia para a cidadela de Parma, escoltado por oito gendarmes. Estes tinham ordem de levar todos os policiais estacionados nas aldeias que o cortejo devia atravessar; o próprio podestade acompanhava esse preso importante. Por volta das sete da noite, a *sediola*, escoltada por todos os meninos de Parma e trinta gendarmes, cruzou o belo passeio, passou diante do palacete que outrora Fausta habitara por alguns meses, e finalmente se apresentou na porta externa da cidadela, no instante em que o general Fabio Conti e sua filha iam sair. O carro do governador parou antes de chegar à ponte levadiça, para deixar entrar a *sediola* à qual Fabrice estava amarrado; o general logo gritou que se fechassem as portas da cidadela, e se apressou em ir até a sala de entrada para ver um pouco do que se tratava; não foi pequena sua surpresa quando reconheceu o preso, o qual agora estava completamente rígido, preso na *sediola* durante uma viagem tão longa; quatro gendarmes o levantaram e o levaram ao gabinete do registro de admissão. “Quer dizer que tenho em meu poder”, pensou o vaidoso governador, “esse famoso Fabrice del Dongo, de quem, ao que parece, há quase um ano a alta sociedade de Parma jurou se ocupar exclusivamente!”

Vinte vezes o general o encontrara na corte, na casa da duquesa e em outros lugares; mas evitou demonstrar que o conhecia; temia se comprometer.

— Que se redija — gritou ao escrevente da prisão — uma autuação bem circunstanciada da entrega que me é feita do preso pelo digno podestade de Castelnovo.

Barbone, o escrevente, personagem terrível pelo volume de sua barba e pelo jeito marcial, adotou um ar mais importante que de costume, parecia um carcereiro alemão. Acreditando saber que era sobretudo a duquesa Sanseverina que impedira seu patrão, o governador, de tornar-se ministro da Guerra, ele foi de uma insolência mais que habitual com o prisioneiro; dirigia-lhe a palavra chamando-o de *voi*, o que na Itália é o modo de falar com os domésticos.

— Sou prelado da santa Igreja romana — disse-lhe Fabrice com firmeza — e vigário-geral desta diocese; só meu nascimento já me dá direito a consideração.

— Não sei de nada disso! — retrucou o escrevente com impertinência. — Prove suas asserções exibindo as patentes que lhe dão direito a esses títulos muito respeitáveis.

Fabrice não tinha os documentos e não respondeu. O general Fabio Conti, em pé ao lado do escrevente, o olhava escrever sem erguer os olhos para o preso, a fim de não ser obrigado a dizer que ele era realmente Fabrice del Dongo.

De repente, Clélia Conti, que esperava no carro, ouviu um barulhão horroroso no corpo da guarda. O escrevente Barbone, ao fazer uma descrição insolente e muito longa da pessoa

do prisioneiro, ordenou-lhe abrir suas roupas a fim de que pudesse verificar e constatar o número e o estado dos arranhões recebidos por ocasião do caso Giletti.

— Não posso — disse Fabrice, sorrindo amargamente. — Estou sem condições de obedecer às suas ordens, as algemas me impedem!

— O quê! — exclamou o general com ar ingênuo. — O preso está algemado! Dentro da fortaleza! Isso é contra os regulamentos, é preciso uma ordem *ad hoc*; tirem-lhe as algemas.

Fabrice olhou para ele. “Aí está um agradável jesuíta!”, pensou. “Há uma hora ele me vê com estas algemas que me incomodam horrivelmente, e faz-se de espantado!”

As algemas foram tiradas pelos gendarmes; acabavam de saber que Fabrice era sobrinho da duquesa Sanseverina, e se apressaram em demonstrar uma cortesia melíflua que contrastava com a grosseria do escrevente; este pareceu zangado e mandou Fabrice ficar imóvel:

— Vamos logo! Apressemos-nos! Mostre-nos esses arranhões que recebeu do pobre Giletti, durante o assassinato.

De um pulo Fabrice se lançou para cima do escrevente e lhe deu uma tamanha bofetada que Barbone caiu da cadeira, sobre as pernas do general. Os gendarmes agarraram os braços de Fabrice, que continuava imóvel; o próprio general e dois gendarmes que estavam a seu lado se apressaram em levantar o escrevente, cujo rosto sangrava abundantemente. Dois gendarmes mais afastados correram para fechar a porta do gabinete, com a ideia de que o preso procurava fugir. O brigadeiro que os comandava pensou que o jovem Del Dongo não podia tentar uma fuga muito séria, já que, afinal, estava dentro da cidadela; todavia, por um instinto de gendarme, aproximou-se da janela para impedir a desordem. Diante da janela aberta, a dois passos, estava parado o carro do general: Clélia se encolhera no fundo do veículo, a fim de não ser testemunha da triste cena que se passava no gabinete; quando ouviu toda aquela barulheira, olhou.

— O que está acontecendo? — perguntou ao brigadeiro.

— Senhorita, é o jovem Fabrice del Dongo que acaba de tascar uma tremenda bofetada nesse insolente do Barbone!

— O quê? É o senhor Del Dongo que estão levando para a prisão?

— É! Provavelmente — disse o brigadeiro. — É por causa da alta estirpe desse pobre rapaz que fazem tanta cerimônia; pensei que a senhorita estava sabendo.

Clélia não saiu mais da portinhola; quando os gendarmes que cercavam a mesa se afastaram um pouco, ela avistou o preso. “Quem diria”, pensou, “que eu o tornaria a ver, pela primeira vez, nessa triste situação, quando o encontrei na estrada do lago de Como?... Ele me deu a mão para subir na carruagem de sua mãe... Já estava com a duquesa! Os amores deles teriam começado nessa época?”

É preciso informar ao leitor que no partido liberal dirigido pela marquesa Raversi e pelo general Conti fingiam não duvidar da terna ligação que devia existir entre Fabrice e a duquesa. O conde Mosca, que eles abominavam, era alvo de eternas pilhérias pelo fato de ser enganado.

“Assim”, pensou Clélia, “ei-lo prisioneiro, e prisioneiro de seus inimigos! Pois, no fundo, o conde Mosca, em quem queriam enxergar um anjo, vai ficar radiante com essa captura.”

Uma sonora gargalhada estourou no corpo da guarda.

— Jacopo — ela disse ao brigadeiro com voz comovida —, mas o que está acontecendo?

— O general perguntou enérgico ao prisioneiro por que ele batera em Barbone; monsenhor Fabrice respondeu friamente: “Ele me chamou de *assassino*, que mostre os títulos e as patentes que o autorizam a me dar esse título”; e todos riram.

Um carcereiro que sabia escrever substituiu Barbone; Clélia o viu sair, enxugando com o lenço o sangue que corria abundante de seu terrível ferimento; ele xingava como um pagão: “Esse f... Fabrice”, disse bem alto, “só vai morrer pela minha mão. Roubarei o carrasco” etc. etc. Parara entre a janela do gabinete e o carro do general para olhar Fabrice, e seus xingamentos redobram.

— Siga seu caminho — disse-lhe o brigadeiro —; não se xinga assim diante da senhorita.

Barbone levantou a cabeça para olhar dentro do carro, seus olhos encontraram os de Clélia, que deixou escapar um grito de horror; ela nunca tinha visto de tão perto uma expressão de rosto tão atroz. “Ele matará Fabrice!”, pensou, “tenho de prevenir dom Cesare.” Era o tio dela, um dos padres mais respeitáveis da cidade; o general Conti, irmão dele, lhe conseguira o lugar de ecônomo e de primeiro capelão da prisão.

O general subiu de novo no carro.

— Quer voltar para casa? — perguntou à filha. — Ou me esperar talvez muito tempo no pátio do palácio? Preciso ir prestar contas de tudo isso ao soberano.

Fabrice saía do gabinete escoltado por três gendarmes; levaram-no ao quarto que lhe tinham destinado; Clélia olhava pela portinhola, o prisioneiro estava bem pertinho dela. Nesse instante, respondeu à pergunta do pai com estas palavras: *Vou acompanhá-lo*. Fabrice, ouvindo pronunciarem essa frase perto dele, ergueu os olhos e encontrou o olhar da moça. Ficou sobremodo impressionado com a expressão de melancolia de seu rosto. “Como ela embelezou”, pensou, “desde nosso encontro perto de Como! Que expressão de pensamento profundo!... Têm razão em compará-la com a duquesa; que fisionomia angelical!” Barbone, o escrevente ensanguentado, que não se pusera perto do carro sem segundas intenções, deteve com um gesto os três gendarmes que conduziam Fabrice e, rodeando o carro por trás, para chegar à portinhola junto da qual estava o general, disse:

— Como o prisioneiro cometeu ato de violência no interior da cidadela, em virtude do artigo 157 do regulamento, não seria o caso de lhe aplicar algemas por três dias?

— Vá para o diabo! — exclamou o general, que não deixava de se sentir embaraçado com essa detenção.

Para ele, tratava-se de não pôr contra a parede a duquesa nem o conde Mosca: e, aliás, como o conde iria interpretar esse caso? No fundo, o assassinato de um Giletti era uma bagatela, e só mesmo a intriga é que conseguira torná-la alguma coisa.

Durante esse curto diálogo, Fabrice estava soberbo no meio daqueles gendarmes, era de fato a fisionomia mais orgulhosa e a mais nobre; suas feições finas e delicadas, e o sorriso de desprezo que passeava em seus lábios formavam um contraste encantador com as aparências grosseiras dos gendarmes que o cercavam. Mas tudo isso só era, por assim dizer, a parte externa de sua fisionomia; ele estava radiante com a beleza celeste de Clélia, e seus olhos traíam toda a sua surpresa. Ela, profundamente pensativa, não cogitara em passar a cabeça pela portinhola; ele a cumprimentou com um meio sorriso muito

respeitoso; depois de um instante, disse-lhe:

— Parece-me, senhorita, que antigamente, perto de um lago, já tive a honra de encontrá-la com um acompanhamento de gendarmes.

Clélia corou e ficou de tal forma perplexa que não encontrou nenhuma palavra para responder. “Que ar nobre no meio dessas criaturas grosseiras!”, pensou quando Fabrice lhe dirigiu a palavra. A profunda piedade, e diremos quase a ternura em que ela estava mergulhada, lhe tiraram a presença de espírito necessária para encontrar uma palavra qualquer, e ela se deu conta de seu silêncio e corou mais ainda. Nesse instante, puxavam com violência os ferrolhos da grande porta da cidadela: o carro de Sua Excelência já não esperava havia pelo menos um minuto? O barulho foi tão violento sob aquela abóbada que, mesmo que Clélia tivesse encontrado uma frase para responder, Fabrice não conseguiria ter ouvido suas palavras.

Levada pelos cavalos que tinham iniciado o galope logo depois da ponte levadiça, Clélia dizia consigo mesma: “Ele terá me achado bem ridícula!”. Depois, de repente, acrescentou: “Não só ridícula; terá pensado ver em mim uma alma baixa, terá pensado que não respondi a seu cumprimento porque é um prisioneiro, e eu, a filha do governador”.

Tal ideia foi um desespero para essa moça que tinha a alma elevada. “O que torna meu procedimento totalmente aviltante”, acrescentou, “é que outrora, quando nos encontramos pela primeira vez, também *com acompanhamento de gendarmes*, como ele disse, a prisioneira era eu, e ele me prestou um favor e me tirou de um embaraço muito grande... Sim, é preciso convir, meu procedimento é inadmissível, é a um só tempo grosseria e ingratidão. Infelizmente! Pobre rapaz! Agora que está na desgraça, todo mundo vai se mostrar ingrato com ele. Na época me dissera: ‘Você se lembrará de meu nome em Parma?’. Como me despreza nesta hora! Uma palavra cortês era tão fácil de dizer! Devo confessar, sim, meu comportamento com ele foi atroz. Outrora, sem a oferta generosa do carro de sua mãe, eu deveria ter seguido a pé os gendarmes, na poeira, ou, o que é bem pior, subido na garupa atrás de um daqueles homens; na época era meu pai que estava preso e eu, sem defesa! Sim, meu procedimento é inqualificável. E como uma criatura igual a ele deve tê-lo sentido profundamente! Que contraste entre sua fisionomia e meu comportamento! Que nobreza! Que serenidade! Como tinha o ar de um herói cercado por seus inimigos ignóbeis! Compreendo agora a paixão da duquesa: se ele é assim no meio de um acontecimento adverso e que pode ter consequências horrorosas, como não deve ser quando sua alma é feliz!”

A carruagem do governador da cidadela ficou mais de hora e meia no pátio do palácio, e todavia, quando o general desceu do encontro com o príncipe, Clélia não achou que ele tivesse ficado lá muito tempo.

— Qual é a vontade de Sua Alteza? — perguntou Clélia.

— Sua palavra disse: a prisão! E seu olhar: a morte!

— A morte! Ó céus! — exclamou Clélia.

— Vamos, cale-se! — continuou o general, mal-humorado. — Como sou bobo de responder a uma criança!

Enquanto isso, Fabrice subia os trezentos e oitenta degraus que levavam à Torre Farnese, nova prisão construída sobre a plataforma da grande torre, a uma altura prodigiosa. Não

pensou nem uma só vez, ao menos de forma clara, na grande mudança que acabava de se operar em seu destino. “Que olhar!”, ele pensava; “quantas coisas expressava! Que piedade profunda! Ela tinha jeito de dizer: ‘a vida é um tal tecido de desgraças! Não se aflija demais com o que lhe acontecer! Será que não estamos aqui nesta terra para sermos desafortunados?’. Como seus olhos tão belos ficavam presos em mim, mesmo quando os cavalos avançavam com tanto barulho sob a abóbada!”

Fabrice esquecia-se completamente de ser infeliz.

Clélia acompanhou o pai em vários salões; no começo da noite, ninguém sabia ainda a notícia da prisão do *grande culpado*, pois foi este o nome que os cortesãos deram, duas horas depois, a esse pobre rapaz imprudente.

Nessa noite notou-se mais animação que de costume no rosto de Clélia; ora, a animação, o jeito de tomar parte no que a cercava, eram sobretudo o que faltava a essa bela pessoa. Quando se comparava sua beleza com a da duquesa, era sobretudo esse ar de não se comover com coisa nenhuma, esse modo de estar como que acima de todas as coisas que faziam pender a balança em favor de sua rival. Na Inglaterra, na França, países de vaidade, provavelmente se teria uma opinião totalmente oposta. Clélia Conti era uma moça ainda esbelta em excesso, e que podia ser comparada às belas figuras de Guido Reni; não dissimularemos que, seguindo os padrões da beleza grega, se poderia censurar naquela cabeça feições um pouco pronunciadas, por exemplo, os lábios repletos da graça mais tocante eram um pouco grossos.

A admirável singularidade daquele rosto em que brilhavam as graças ingênuas e a marca celeste da alma mais nobre era que, embora da mais rara e mais singular beleza, ele não se parecia de nenhuma maneira com as cabeças de estátuas gregas. Inversamente, a duquesa tinha em demasia a *familiar* beleza do ideal, e sua cabeça realmente lombarda lembrava o sorriso voluptuoso e a terna melancolia das belas Herodíadas de Leonardo da Vinci. Da mesma forma que a duquesa era buliçosa, cintilante de espírito e de malícia, ligando-se com paixão, se podemos dizer assim, a todos os assuntos que o curso da conversação levava diante dos olhos de sua alma, assim Clélia se mostrava calma e lenta para se emocionar, fosse por desprezar o que a cercava, fosse pelo pesar de alguma quimera ausente. Por muito tempo se pensou que ela acabaria abraçando a vida religiosa. Aos vinte anos viam-lhe repugnância de ir ao baile, e se ela acompanhava o pai era apenas por obediência e para não prejudicar os interesses de sua ambição.

“Portanto”, costumava repetir a alma vulgar do general, “tendo o céu me dado como filha a mais bela pessoa dos estados de nosso soberano, e a mais virtuosa, me será impossível tirar disso algum partido para o avanço de minha carreira! Minha vida é isolada demais, só tenho a ela no mundo, e tenho grande necessidade de uma família que me escore na sociedade e que me proporcione um certo número de salões, onde meu mérito e, sobretudo, minha aptidão para o ministério sejam vistos como bases não acatáveis por qualquer argumentação política. Pois bem! Minha filha tão bela, tão sensata, tão piedosa, fica de mau humor assim que um rapaz bem estabelecido na corte resolve lhe dispensar suas homenagens. Se esse pretendente é despachado, seu caráter se torna menos sombrio e a vejo quase alegre, até que um outro pretendente entre na fila. O mais belo homem da corte, o conde Baldi, se apresentou e desagradou; o homem mais rico dos estados de Sua

Alteza, o marquês Crescenzi, lhe sucedeu, mas ela alega que ele faria sua infelicidade.”

“Decididamente”, dizia outras vezes o general, “os olhos de minha filha são mais belos que os da duquesa, sobretudo porque em raras ocasiões são suscetíveis de uma expressão mais profunda; mas essa expressão magnífica, quando é que a vemos nela? Nunca num salão onde poderia ser admirada, e sim num passeio, sozinha comigo, quando se deixará enternecer, por exemplo, com a desgraça de um labrego hediondo. ‘Conserve alguma lembrança desse olhar sublime’, eu lhe digo às vezes, ‘para os salões a que compareceremos esta noite.’ Nada: se ela se digna a me acompanhar em sociedade, esse rosto nobre e puro oferece a expressão muito ativa e pouco estimulante da obediência passiva.” O general não poupava nenhuma iniciativa, como se vê, para encontrar um genro conveniente, mas dizia a verdade.

Os cortesãos, que não têm nada para olhar dentro de suas almas, são atentos a tudo: tinham notado que era especialmente nesses dias em que Clélia não conseguia se decidir a se lançar para fora de seus queridos devaneios e fingir interesse por alguma coisa que a duquesa gostava de ficar perto dela e procurava fazê-la falar. Clélia tinha cabelos louros acinzentados, que se destacavam, por um efeito muito suave, sobre faces de um colorido delicado, mas em geral muito pálido. Só a forma da fronte poderia anunciar para um observador atento que aquele ar tão nobre, aquela atitude tão acima das graças vulgares, decorriam de um profundo desinteresse por tudo o que é vulgar. Era a ausência, e não a impossibilidade de se interessar por alguma coisa. Desde que seu pai era governador da cidadela, Clélia vivia feliz, ou ao menos isenta de tristeza, em seu apartamento tão alto. O número assustador de degraus que devia subir para chegar àquele palácio do governador, situado na esplanada da torre grande, afastava as visitas enfadonhas, e Clélia, por essa razão material, desfrutava da liberdade do convento; ali estava quase todo o ideal de felicidade que, em certa época, ela sonhara em pedir à vida religiosa. Era invadida por uma espécie de horror só de pensar em pôr sua querida solidão e seus pensamentos íntimos à disposição de um rapaz que o título de marido autorizaria a perturbar toda aquela vida interior. Se pela solidão ela não alcançava a felicidade, pelo menos chegara a evitar as sensações demasiado dolorosas.

No dia em que Fabrice foi conduzido à fortaleza, a duquesa encontrou Clélia na festa do ministro do Interior, o conde Zurla; todos formavam uma roda em torno delas: naquela noite, a beleza de Clélia sobrepujava a da duquesa. Os olhos da moça tinham uma expressão tão singular e tão profunda que eram quase indiscretos: havia religiosidade, havia também indignação e cólera em seus olhares. A alegria e as ideias brilhantes da duquesa pareciam jogar Clélia em momentos de pesar indo às raias do horror. “Quais serão os gritos e gemidos da pobre mulher”, ela pensava, “quando souber que seu amante, esse rapaz de um coração tão grande e de fisionomia tão nobre, acaba de ser jogado na prisão! E esses olhares do soberano que o condenam à morte! Ó poder absoluto, quando cessarás de pesar sobre a Itália! Ó almas venais e baixas! E sou filha de um carcereiro! E não desmenti esse nobre caráter ao não me dignar a responder a Fabrice! E outrora ele foi meu benfeitor! Que pensa ele de mim a esta hora, sozinho em seu quarto e frente a frente com sua pequena lâmpada?” Revoltada com essa ideia, Clélia dava olhares de horror para a magnífica iluminação dos salões do ministro do Interior.

Jamais, dizia-se no círculo de cortesãos que se formava em torno das duas beldades na moda e que tentava se meter na conversa delas, jamais elas conversaram de um jeito tão animado e ao mesmo tempo tão íntimo. A duquesa, sempre atenta em conjurar os ódios despertados pelo primeiro-ministro, teria sonhado com algum grande casamento para Clélia? Essa conjectura estava baseada numa circunstância que até então jamais se apresentara à observação da corte: os olhos da moça tinham mais fogo, e mesmo, caso se possa dizer assim, mais paixão que os da bela duquesa. Esta, de seu lado, estava espantada e, pode-se dizer em sua glória, radiante com as graças tão novas que descobria na jovem solitária; fazia uma hora que a olhava com um prazer muito raramente sentido ao ver uma rival. “Mas então, o que estará acontecendo?”, perguntava-se a duquesa. “Jamais Clélia esteve tão bela, e pode-se dizer tão tocante: seu coração terá falado?... Mas, nesse caso, decerto, é amor infeliz, há uma dor sombria no fundo dessa animação tão nova... Mas o amor infeliz se cala! Tratar-se-ia de trazer de volta um inconstante por meio de um triunfo social?” E a duquesa olhava com atenção os jovens que as cercavam. Não via em lugar nenhum expressão singular, era sempre a fatuidade mais ou menos satisfeita. “Mas aqui há um milagre”, pensava a duquesa, zangada por não adivinhar. “Onde está o conde Mosca, essa criatura tão fina? Não, eu não me engano, Clélia olha para mim com atenção e como se eu fosse para ela o objeto de um interesse todo novo. Será o efeito de alguma ordem dada por seu pai, esse vil cortesão? Pensei que essa alma nobre e jovem fosse incapaz de se rebaixar a interesses de dinheiro. O general Fabio Conti teria algum pedido decisivo a fazer ao conde?”

Por volta das dez horas, um amigo da duquesa se aproximou e lhe disse duas palavrinhas em voz baixa; ela empalideceu exageradamente; Clélia pegou-lhe a mão e ousou apertá-la.

— Agradeço-lhe e compreendo-a agora... Você tem uma bela alma! — disse a duquesa, fazendo um esforço sobre si mesma; teve apenas a força de pronunciar essas poucas palavras. Dirigiu muitos sorrisos à dona da casa, que se levantou para acompanhá-la até a porta do último salão: essas honras só eram prestadas a princesas de sangue e constituíam para a duquesa um cruel contrassenso com sua posição atual. Assim, sorriu muito para a condessa Zurla, mas apesar de esforços inauditos jamais conseguiu lhe dirigir uma só palavra.

Os olhos de Clélia se encheram de lágrimas ao ver passar a duquesa no meio daqueles salões repletos do que havia então de mais brilhante na sociedade. “Que vai ser dessa pobre mulher”, disse consigo mesma, “quando se encontrar sozinha em seu carro? Seria uma indiscrição oferecer-me para acompanhá-la! Não ousar... No entanto, como esse pobre prisioneiro, sentado em algum quarto pavoroso, frente a frente com sua pequena lâmpada, ficaria consolado se soubesse que é amado a esse ponto! Que solidão pavorosa esta em que o afundaram! E nós, nós estamos aqui nestes salões tão brilhantes! Que horror! Haveria um meio de fazer chegar a ele uma palavrinha? Meu Deus! Seria trair meu pai; sua situação é tão delicada entre os dois partidos! Que será dele caso se exponha ao ódio apaixonado da duquesa, que dispõe da vontade do primeiro-ministro, o qual é quem manda em três quartas partes dos negócios! Por outro lado, o príncipe se ocupa o tempo todo do que acontece na fortaleza, e não admite brincadeiras sobre esse assunto; o medo torna cruel... Seja como for, Fabrice (Clélia já não dizia senhor Del Dongo) é muito mais

digno de pena!... Trata-se para ele de coisa muito diferente do perigo de perder um lugar lucrativo!... E a duquesa!... Que terrível paixão é o amor!... e, no entanto, todos esses mentirosos do mundo falam dele como de uma fonte de felicidade! Temos pena das mulheres idosas porque não podem mais sentir ou inspirar o amor!... Jamais esquecerei o que acabo de ver; que mudança súbita! Como os olhos da duquesa, tão belos, tão radiosos, se tornaram sombrios, apagados, depois das palavras fatais que o marquês N\*\*\* veio lhe dizer!... Fabrice deve ser muito digno de ser amado!...”

No meio dessas reflexões muito sérias e que ocupavam toda a alma de Clélia, os cumprimentos que sempre a cercavam lhe pareceram mais desagradáveis ainda que de costume. Para se livrar deles, aproximou-se de uma janela aberta e semivelada por uma cortina de tafetá; esperava que ninguém tivesse o atrevimento de segui-la nessa espécie de retiro. A janela dava para um pequeno bosque de laranjeiras plantadas diretamente na terra; na verdade, todo inverno era preciso cobri-las com um telheiro. Clélia respirava deliciada o perfume dessas flores, e esse prazer parecia dar um pouco de calma à sua alma... “Achei-a com um aspecto muito nobre”, pensou; “mas inspirar tal paixão a uma mulher tão distinta!... Ela teve a glória de recusar as homenagens do príncipe e, se tivesse se dignado a querê-lo, teria sido a rainha destes estados... Meu pai diz que a paixão do soberano ia a ponto de desposá-la caso ele ficasse desimpedido!... E esse amor por Fabrice dura há tanto tempo! Pois faz bem cinco anos que os encontramos perto do lago de Como! ... Sim, há cinco anos”, pensou depois de um instante de reflexão. “Fiquei impressionada mesmo naquela época, eu, a quem tantas coisas passavam despercebidas diante de meus olhos de criança! Como essas duas damas pareciam admirar Fabrice!...”

Clélia reparou com alegria que nenhum dos rapazes que falavam com ela com tanta solícitude ousara se aproximar da sacada. Um deles, o marquês Crescenzi, dera uns passos nessa direção, e depois parara perto de uma mesa de jogo. “Se ao menos”, ela pensou, “debaixo de minha janelinha do palácio da fortaleza, a única que tem sombra, eu tivesse a vista de lindas laranjeiras, tais como estas aqui, minhas ideias seriam menos tristes! Mas a única perspectiva são as enormes pedras de cantaria da Torre Farnese... Ah!”, exclamou fazendo um gesto, “talvez seja lá que o puseram! Que vontade de poder falar com dom Cesare! Ele será menos severo que o general. Meu pai certamente não me dirá nada voltando para a fortaleza, mas saberei tudo por dom Cesare... Tenho dinheiro, poderia comprar algumas laranjeiras que, postas debaixo da janela do meu viveiro, me impediriam de ver aquele muro grosso da Torre Farnese. Como me será mais odioso ainda, agora que eu conheço uma das pessoas de quem ele esconde a luz!... Sim, é mesmo a terceira vez que o vi; uma vez na corte, no baile do dia do nascimento da princesa; hoje, cercado por três gendarmes, enquanto esse horrível Barbone solicitava as algemas para ele, e, por fim, perto do lago de Como... Já se passaram cinco anos; que ar de garoto malandro ele tinha então! Que olhares lançava para os gendarmes, e que olhares singulares sua mãe e sua tia lhe dirigiam! Certamente havia naquele dia algum segredo, alguma coisa de particular entre eles; outrora, veio-me a ideia de que ele também tinha medo dos gendarmes...” Clélia estremeceu. “Mas como eu era ignorante! Provavelmente, já naquele tempo a duquesa tinha interesse por ele... Como nos fez rir momentos depois, quando aquelas senhoras, apesar de sua evidente preocupação, se habituaram um pouco com a presença de uma

estrangeira!... E esta noite fui capaz de não responder às palavras que me dirigiu!... Ó ignorância e timidez! Como tantas vezes vos assemelhais ao que há de mais negro! E sou assim aos vinte anos feitos!... Eu tinha muita razão de sonhar com o claustro; realmente, só sou feita para o retiro! ‘Digna filha de um carcereiro!’, ele terá pensado. Ele me despreza e, assim que puder escrever à duquesa, falará de minha falta de consideração, e a duquesa pensará que sou uma garotinha bem falsa; pois, enfim, esta noite pôde pensar que sou cheia de sensibilidade por sua desgraça.”

Clélia percebeu que alguém se aproximava e aparentemente com o objetivo de se pôr ao lado dela no balcão de ferro da janela; ficou contrariada, embora se recriminando por isso; os devaneios dos quais a arrancavam não deixavam de ter certa doçura. “Aí está um importuno que vou receber lindamente!”, pensou. Virou a cabeça com um olhar altivo e avistou o rosto tímido do arcebispo que se aproximava do balcão com pequenos movimentos insensíveis. “Esse santo homem não tem traquejo”, pensou Clélia; “por que vir perturbar uma pobre moça como eu? Minha tranquilidade é tudo o que possuo.” Ela o cumprimentou com respeito, mas também com um ar presunçoso, quando o prelado lhe disse:

— Senhorita, sabe da horrível notícia?

Os olhos da jovem já tinham tomado uma expressão muito diferente; mas, segundo as instruções cem vezes repetidas por seu pai, respondeu com um ar de ignorância que a linguagem de seus olhos contradizia perfeitamente:

— Não soube de nada, monsenhor.

— Meu primeiro vigário-geral, o pobre Fabrice del Dongo, que é tão culpado como eu pela morte desse bandido de Giletti, foi sequestrado em Bolonha, onde vivia sob o nome falso de Joseph Bossi; trancaram-no em sua cidadela; ele chegou lá *acorrentado* ao próprio carro que o transportava. Uma espécie de carcereiro chamado Barbone, que outrora teve seu indulto depois de ter assassinado um dos irmãos, quis que Fabrice sofresse uma violência pessoal; mas meu jovem amigo não é homem de sofrer um insulto. Jogou o infame adversário a seus pés, e nisso desceram com ele para uma masmorra a vinte pés abaixo do nível do chão, depois de lhe terem posto as algemas.

— Algemas, não.

— Ah! Você sabe de alguma coisa! — exclamou o arcebispo, e as feições do velho perderam sua profunda expressão de desânimo. — Mas, antes de mais nada, podem se aproximar desta sacada e nos interromper: a senhorita seria bastante caridosa para entregar pessoalmente a dom Cesare meu anel pastoral que aqui está?

A moça pegou o anel mas não sabia onde pô-lo para não correr o risco de perdê-lo.

— Ponha-o no polegar — disse o arcebispo; e ele mesmo o enfiou. — Posso contar consigo para entregar esse anel?

— Pode, monsenhor.

— Quer me prometer segredo sobre o que vou acrescentar, mesmo no caso em que não ache conveniente aceitar meu pedido?

— Mas sim, monsenhor — respondeu a moça, toda trêmula ao ver o ar sombrio e sério que o velho assumira de repente... — Nosso respeitável arcebispo — acrescentou — só pode me dar ordens dignas dele e de mim.

— Diga a dom Cesare que lhe recomendo meu filho adotivo: sei que os esbirros que o sequestraram não lhe deram tempo de pegar seu breviário, e peça a dom Cesare que lhe entregue o dele, e se o senhor seu tio quiser enviar alguém amanhã ao arcebispado, encarrego-me de substituir o livro dado por ele a Fabrice. Peço a dom Cesare que também mande entregar ao senhor Del Dongo o anel que está nesta linda mão.

O arcebispo foi interrompido pelo general Fabio Conti, que vinha pegar a filha para levá-la a seu carro; houve ali um momentinho de conversa que não foi desprovida de habilidade por parte do prelado. Sem falar rigorosamente nada do novo prisioneiro, ele deu um jeito para que o curso da conversa pudesse levar adequadamente à sua boca certas máximas morais e políticas. Por exemplo: há momentos de crise na vida das cortes que decidem por muito tempo a existência dos maiores personagens; haveria uma notável imprudência em transformar em *ódio pessoal* o estado de afastamento político que costuma ser o resultado muito simples de posições opostas. O arcebispo, deixando-se um pouco arrastar pela profunda tristeza que lhe causava uma prisão tão imprevista, chegou a ponto de dizer que, seguramente, era preciso manter as posições de que se desfrutava, mas que seria uma imprudência um tanto gratuita atrair para si, em seguida, ódios furibundos pelo fato de se prestar a certas coisas que não se esquecem.

Quando o general estava na carruagem com a filha, disse-lhe:

— Isso pode ser chamado de ameaças... ameaças a um homem de minha categoria!

Não houve outras palavras trocadas entre pai e filha durante vinte minutos.

Ao receber o anel pastoral do arcebispo, Clélia prometera a si mesma falar com seu pai, quando ele estivesse na carruagem, do servicinho que o prelado lhe pedia. Mas depois da palavra *ameaças* proferida com raiva, ela teve certeza de que seu pai interceptaria o serviço; cobria o anel com a mão esquerda e o apertava com paixão. Durante todo o tempo que levaram para ir do Ministério do Interior à cidadela, ficou pensando se seria criminoso de sua parte não falar com o pai. Era muito religiosa, muito timorata, e seu coração, em geral tão tranquilo, batia com uma violência inusual; mas, por fim, o *quem vem lá?* da sentinela postada na muralha acima da porta ressoou quando o carro se aproximou, antes que Clélia tivesse encontrado os termos convenientes para dispor seu pai a não recusar, de tal modo ela temia sofrer uma recusa! Ao subir os trezentos e sessenta degraus que levavam ao palácio do governador, Clélia não achou nada para dizer.

Apressou-se em falar com seu tio, que ralhou com ela e se recusou a se prestar a qualquer coisa.

— Pois é! — exclamou o general, avistando seu irmão dom Cesare. — Aí está a duquesa que vai gastar cem mil escudos para zombar de mim e conseguir salvar o prisioneiro!

Mas por ora somos obrigados a deixar Fabrice em sua prisão, bem no alto da cidadela de Parma; guardam-no bem, e ali o reencontraremos talvez um pouco mudado. Antes de mais nada, vamos nos ocupar da corte, onde intrigas muito complicadas, e sobretudo as paixões de uma mulher infeliz, vão decidir a sorte dele. Subindo os trezentos e noventa degraus de sua prisão na Torre Farnese, diante dos olhos do governador, Fabrice, que tanto temera esse momento, achou que não tinha tempo de pensar na desgraça.

Ao voltar para casa depois da festa do conde Zurla, a duquesa despachou com um gesto suas criadas; em seguida, deixando-se cair toda vestida na cama, exclamou em voz alta:

— Fabrice está em poder de seus inimigos, e talvez por minha causa eles lhe darão veneno!

Como pintar o momento de desespero que se seguiu a essa exposição da situação, numa mulher tão pouco sensata, tão escrava da sensação presente e, sem confessar, perdidamente apaixonada pelo jovem prisioneiro? Foram gritos desarticulados, ímpetos de raiva, gestos convulsos, mas nem uma lágrima. Ela despachava as criadas para esconder as lágrimas, pensava que ia explodir em soluços assim que ficasse sozinha; mas as lágrimas, esse primeiro alívio para as grandes dores, lhe faltaram de todo. A cólera, a indignação, o sentimento de inferioridade diante do príncipe, dominavam em demasia essa alma altaneira.

“Estou humilhada demais!”, exclamava a todo instante; “ultrajam-me e, bem mais, expõem a vida de Fabrice! E não me vingarei! Alto lá, meu príncipe! O senhor me mata, está bem, pois tem poder para isso; mas, em seguida, eu terei sua vida. Ai de mim! Pobre Fabrice, de que isso lhe servirá? Que diferença daquele dia em que eu quis abandonar Parma! E no entanto, naquela ocasião eu me julgava infeliz... que cegueira! Ia quebrar todos os hábitos de uma vida agradável: infelizmente! Sem saber, eu tocava num acontecimento que decidiria para sempre meu destino. Se, por seus hábitos infames de reles cortesia, o conde não tivesse suprimido a expressão *processo injusto* naquele bilhete fatal que a vaidade do príncipe me concedia, estaríamos salvos. Eu tivera a sorte, mais que a felicidade, convém admitir, de pôr em jogo o amor-próprio dele a respeito de sua querida cidade de Parma. Naquele momento eu ameaçava partir, naquele momento era livre! Meu Deus! Sou demasiado escrava! Agora, eis-me pregada nesta cloaca infame, e Fabrice acorrentado na cidadela, nessa cidadela que para tantas pessoas distintas foi a antecâmara da morte! E já não posso impor respeito a esse tigre por seu temor de me ver deixar seu covil!

“Ele tem muito inteligência para não sentir que jamais me afastarei da torre infame a que meu coração está acorrentado. Agora, a vaidade ferida desse homem pode lhe sugerir as ideias mais singulares, cuja estranha crueldade apenas reforçará sua espantosa vaidade. Se voltar às suas antigas declarações de insossa galanteria, se me disser: ‘Aceite as homenagens de seu escravo, ou Fabrice morrerá...’, pois bem! A velha história de Judite... Sim, mas se para mim é apenas um suicídio, para Fabrice é um assassinio; o palerma do sucessor, nosso príncipe real, e o infame carrasco Rassi mandarão enforcar Fabrice como meu cúmplice.”

A duquesa soltou gritos: essa alternativa, da qual não via nenhuma maneira de escapar, torturava esse coração infeliz. Sua cabeça perturbada não via outra probabilidade no futuro. Por dez minutos agitou-se como uma alucinada; afinal, um sono de exaustão substituiu por alguns instantes esse estado horrível em que a vida se consumia. Minutos depois, acordou sobressaltada e se viu sentada na cama; pareceu-lhe que, em sua presença, o príncipe queria mandar cortar a cabeça de Fabrice. Que olhares desvairados a duquesa não jogou em torno de si! Quando enfim se convenceu de que não tinha diante dos olhos nem o príncipe nem Fabrice, caiu de novo na cama e ficou prestes a desmaiar. Sua fraqueza física era tamanha que não sentia a força de mudar de posição. “Meu Deus! Se eu pudesse morrer!”, dizia... “Mas que covardia! Eu, abandonar Fabrice na desgraça! Estou me extraviando... Vejamos, voltemos à verdade; examinemos com serenidade a execrável situação em que mergulhei como que por prazer. Que funesto estouvamento! Vir morar na corte de um príncipe absoluto! Um tirano que conhece todas as suas vítimas! Cada um de seus olhares lhe parece uma bravata diante de seu poder. Infelizmente, foi o que nem o conde nem eu vimos quando saí de Milão: e eu pensava nas graças de uma corte afável; alguma coisa de inferior, é verdade, mas alguma coisa no gênero dos belos dias do príncipe Eugène!

“De longe não fazíamos ideia do que é a autoridade de um déspota que conhece de vista todos os seus súditos. A forma exterior do despotismo é a mesma que a dos outros governos: há juízes, por exemplo, mas são uns Rassi; um monstro, que não acharia nada de extraordinário mandar enforcar o próprio pai se o príncipe assim lhe ordenasse... ele chamaria a isso de seu dever... Seduzir Rassi! Como sou desgraçada! Não possuo nenhum meio de fazê-lo. Que posso lhe oferecer? Cem mil francos talvez! E afirma-se que, por ocasião da última punhalada, da qual a cólera do céu contra este país desgraçado fez com que ele escapasse, o príncipe lhe mandou dez mil sequins de ouro dentro de um cofrezinho! Aliás, que quantia poderia seduzi-lo? Essa alma de lama, que jamais viu senão desprezo nos olhares dos homens, aqui tem o prazer de ver neles o temor, e até mesmo o respeito; pode se tornar ministro da Polícia, por que não? Então, três quartos dos habitantes do país serão seus ignóbeis cortesãos, e tremerão diante dele, tão servilmente como ele mesmo treme diante do soberano.

“Já que não posso fugir deste lugar detestado, preciso, aqui, ser útil a Fabrice: viver só, solitária, desesperada! Que posso então por Fabrice? Vamos, anda, mulher desgraçada, faz teu dever, vai às recepções, finje não pensar mais em Fabrice... Fingir esquecer-te, querido anjo!”

Diante dessa palavra, a duquesa caiu em prantos; finalmente, conseguiu chorar. Depois

de uma hora conferida à fraqueza humana, viu com certo consolo que suas ideias começavam a se aclarar. “Ter o tapete mágico”, pensou, “tirar Fabrice da cidadela e me refugiar com ele em algum país venturoso, onde não pudéssemos ser perseguidos, Paris, por exemplo. Ali viveríamos, primeiro, com os mil e duzentos francos que o administrador do pai dele me manda entregar com tão prazerosa pontualidade. Eu poderia muito bem juntar cem mil francos dos restos de minha fortuna!” A imaginação da duquesa passava em revista, com instantes inexprimíveis de delícia, todos os detalhes da vida que levaria a trezentas léguas de Parma. “Lá”, pensava, “ele poderia entrar para o exército com um nome falso... Posto num regimento desses bravos franceses, logo o jovem Valserra teria uma reputação; finalmente, seria feliz.”

Essas imagens venturosas puxaram as lágrimas uma segunda vez, mas estas foram lágrimas doces. Quer dizer que a felicidade existia em algum lugar! Esse estado durou muito tempo; a pobre mulher tinha horror a voltar à contemplação da pavorosa realidade. Finalmente, quando o nascimento do dia começava a marcar com uma linha branca a copa das árvores de seu jardim, ela se fez uma violência. “Daqui a algumas horas”, pensou, “estarei no campo de batalha; trata-se de agir e, se acontecer alguma coisa que me irrite, se o príncipe resolver me dirigir alguma palavra relativa a Fabrice, não tenho certeza de que conseguirei manter todo o meu sangue-frio. Portanto preciso, aqui e sem demora, *tomar decisões*.

“Se for declarada criminosa de Estado, Rassi mandará penhorar tudo o que se encontra neste palácio; no dia 1º deste mês, o conde e eu queimamos, segundo o costume, todos os papéis que a polícia poderia explorar, e o engraçado é que ele é ministro da Polícia. Tenho três diamantes de certo valor: amanhã, Fulgence, meu antigo barqueiro de Griante, partirá para Genebra, onde os porá em segurança. Se por acaso Fabrice fugir (meu Deus! Sede-me propício! — e fez um sinal da cruz), a incomensurável covardia do marquês Del Dongo considerará que é pecado mandar pão a um homem perseguido por um príncipe legítimo; então ele encontrará, ao menos, meus diamantes, e terá pão.

“Despachar o conde... encontrar-me a sós com ele, depois do que acaba de acontecer, é impossível. Pobre homem! Não é mau, ao contrário, é apenas fraco. Essa alma vulgar não está à altura das nossas. Pobre Fabrice! Por que você não pode estar aqui um instante comigo, para nos consultarmos sobre nossos perigos?

“A prudência meticulosa do conde atrapalharia todos os meus planos, e aliás não o devo arrastar em minha perda... Pois, afinal, por que a vaidade desse tirano não me jogaria na prisão? Eu terei conspirado... o que há de mais fácil em provar? Se ele me mandasse para sua cidadela, e se eu pudesse, em troca de ouro, falar com Fabrice, ainda que um instante, com que coragem marcharíamos juntos para a morte! Mas deixemos essas loucuras; o Rassi do príncipe o aconselharia a acabar comigo por meio do veneno; minha presença nas ruas, posta sobre uma carroça, poderia comover a sensibilidade de seus queridos parmesãos... Mas, ora bolas! Sempre um romance! Ai de mim! Devem-se perdoar essas loucuras numa pobre mulher cujo destino real é tão triste! A verdade de tudo isso é que o príncipe não me despachará para a morte; mas nada mais fácil que me jogar na prisão e lá me manter; mandará esconder num canto de meu palácio todos os tipos de papéis suspeitos, como fizeram com esse pobre L\*\*\*. Então, bastarão três juizes não muito

safados, pois haverá o que chamam de *peças comprobatórias*, e uma dúzia de falsos testemunhos. Portanto, posso ser condenada à morte por ter conspirado; e o príncipe, em sua clemência infinita, considerando que outrora tive a honra de ser admitida em sua corte, comutará minha pena para dez anos de fortaleza. Mas eu, para não decepcionar esse caráter violento que fez a marquesa Raversi e todos os meus inimigos dizerem tantas bobagens, eu me envenenarei bravamente. Pelo menos o público terá a bondade de acreditar nisso; mas aposto que Rassi aparecerá em minha masmorra para me levar galantemente, da parte do príncipe, um frasquinho de estriçnina ou de ópio de Perugia.

“Sim, tenho de me indispor muito ostensivamente com o conde, pois não quero arrastá-lo na minha perda, seria uma infâmia; o pobre homem me amou com tanta candura! Minha bobagem foi acreditar que num verdadeiro cortesão restasse alma suficiente para ser capaz de amar. Muito provavelmente o príncipe encontrará algum pretexto para me atirar na prisão; temerá que eu perverta a opinião pública em relação a Fabrice. O conde é homem de grande honra; no mesmo instante fará o que os pedantes desta corte, em seu espanto profundo, chamarão de uma loucura, e abandonará a corte. Desafiei a autoridade do príncipe na noite do bilhete, posso esperar tudo de sua vaidade ferida: um homem nascido príncipe jamais esquecerá a sensação que lhe causei naquela noite? Aliás, o conde indisposto comigo fica em posição melhor para ser útil a Fabrice. Mas e se o conde, a quem minha resolução levará ao desespero, se vingasse?... Aí está uma ideia, por exemplo, que ele jamais terá; não tem a alma profundamente ignóbil do príncipe; o conde pode, gemendo, ratificar um decreto infame, mas tem honra. E ademais, vingar-se de quê? Do fato de que, depois de tê-lo amado cinco anos, sem fazer a menor ofensa a seu amor, eu lhe diga: ‘Querido conde! Tive a felicidade de amá-lo; pois bem, essa chama se apaga; não mais o amo! Mas conheço o fundo do seu coração, guardo por si uma estima profunda, e você será sempre o melhor de meus amigos’?

“Que pode responder um homem galante a uma declaração tão sincera?

“Pegarei um novo amante, pelo menos em sociedade acreditarão nisso. Direi a esse amante: ‘No fundo, o príncipe tem razão de punir a leviandade de Fabrice; mas, no dia de seu padroeiro, nosso gracioso soberano lhe devolverá a liberdade’. Assim ganho seis meses. O novo amante designado pela prudência seria esse juiz vendido, esse infame carrasco, esse Rassi... Ele se veria enobrecido e, na verdade, eu lhe facilitaria a admissão na alta sociedade. Desculpe, querido Fabrice! Um tamanho esforço está para mim acima do possível. Arre! Esse monstro, ainda todo coberto do sangue do conde P. e D.! Ele me faria desmaiar de horror ao se aproximar de mim, ou melhor, eu agarraria uma faca e a enfiaria em seu coração infame. Não me peça coisas impossíveis!

“Sim, sobretudo, esquecer Fabrice! E nem sombra de raiva contra o príncipe; retomar minha alegria corrente, que parecerá mais amável para essas almas lamacentas, primeiramente porque terei ares de me submeter de boa vontade ao soberano delas; em segundo lugar, porque, bem longe de escarnecer delas, ficarei atenta para realçar seus lindos meritozinhos; por exemplo, farei um cumprimento ao conde Zurla pela beleza da pluma branca de seu chapéu que ele acaba de mandar vir de Lyon por um correio, e que o enche de felicidade.

“Escolher um amante no campo da Raversi... Se o conde for embora, será este o partido

ministerial; lá estará o poder. Será um amigo da marquesa que reinará sobre a cidadela, pois Fabio Conti chegará ao ministério. Como poderá o príncipe, homem de boa sociedade, homem de espírito, acostumado com o trabalho encantador do conde, tratar de negócios com esse boi, com esse rei dos tolos que durante toda a vida se ocupou deste problema capital: ‘Os soldados de Sua Alteza devem usar, no peito da casaca, sete ou nove botões?’. São essas bestas brutais, muito ciumentas de mim, e eis o que faz seu perigo, querido Fabrice! São essas bestas brutais que hão de decidir meu destino e o seu! Portanto, não admitir que o conde peça demissão! Que ele permaneça, ainda que devendo sofrer humilhações! Ele sempre imagina que pedir demissão é o maior sacrifício que possa fazer um primeiro-ministro; e todas as vezes que seu espelho lhe diz que ele está envelhecendo, oferece-me esse sacrifício: portanto, ruptura completa, sim, e reconciliação apenas caso só houvesse esse meio de impedi-lo de ir embora. Seguramente, hei de me despedir dele da maneira mais amigável possível; mas, depois da omissão cortesanesca das palavras *processo injusto* no bilhete do príncipe, sinto que para não odiá-lo preciso passar alguns meses sem vê-lo. Naquela noite decisiva, eu não precisava da inteligência dele; bastava apenas que escrevesse o que eu ditasse, bastava que escrevesse essas palavras *que eu tinha obtido* graças ao meu temperamento: seus hábitos de cortesão subserviente o arrastaram. No dia seguinte, ele me disse que não pudera mandar seu príncipe assinar um absurdo, que teriam sido necessárias as *cartas de perdão*: ora! meu Deus! com gente assim, com monstros de vaidade e rancor que são os chamados *Farnese*, a gente pega o que pode.”

Diante dessa ideia, a raiva da duquesa se reacendeu. “O príncipe me enganou”, ela pensava, “e com que covardia!... Esse homem é indesculpável: tem inteligência, espírito, raciocínio; nele, só as paixões são baixas. Vinte vezes o conde e eu reparamos, seu espírito só se torna vulgar quando ele imagina que quiseram ofendê-lo. Pois bem! O crime de Fabrice é alheio à política, é um pequeno assassinato como se contam cem por ano nos felizes estados dele, e o conde me jurou que mandou colher as informações mais exatas e que Fabrice é inocente. Esse Giletti não era alguém sem coragem: vendo-se a dois passos da fronteira, teve de súbito a tentação de se desfazer de um rival que agradava.”

A duquesa ficou muito tempo parada, examinando se era possível crer na culpa de Fabrice: não que achasse que fosse um pecado muito grave, num fidalgo da estirpe de seu sobrinho, desfazer-se da impertinência de um histrião; mas, em seu desespero, começava a sentir vagamente que ia ser obrigada a lutar para provar a inocência de Fabrice. “Não”, pensou enfim, “eis uma prova decisiva; ele é como o pobre Pietranera, sempre tem armas em todos os bolsos, e naquele dia só trazia um fuzil ruim, de um tiro, e mesmo assim, emprestado de um dos operários.

“Odeio o príncipe porque ele me enganou, e enganou do modo mais covarde; depois de seu bilhete de perdão, mandou sequestrar o pobre garoto em Bolonha etc. Mas essa conta será acertada.” Por volta das cinco da manhã, a duquesa, aniquilada por esse longo acesso de desespero, chamou suas criadas; estas deram um grito. Vendo-a na cama, toda vestida, com seus diamantes, pálida como seus lençóis e de olhos fechados, tiveram a impressão de vê-la exposta sobre um leito de morte. Pensariam que ela estava totalmente desacordada se não tivessem se lembrado de que a duquesa acabava de chamá-las. Algumas lágrimas muito raras corriam de vez em quando em suas faces insensíveis; suas criadas compreenderam,

por um sinal, que ela queria ser posta na cama.

Depois da noite do ministro Zurla, duas vezes o conde se apresentara na casa da duquesa: sempre recusado, escreveu-lhe que tinha um conselho a lhe pedir para ele mesmo: devia manter sua posição depois da afronta que ousaram lhe fazer? O conde acrescentava: “O rapaz é inocente; mas, fosse ele culpado, deviam prendê-lo sem me prevenir, a mim, seu protetor declarado?”. A duquesa só viu essa carta no dia seguinte.

O conde não era virtuoso; pode-se até acrescentar que aquilo que os liberais entendem por *virtude* (buscar a felicidade do maior número) lhe parecia um logro; considerava-se obrigado a buscar, antes de tudo, a felicidade do conde Mosca della Rovere; mas tinha muita honra e era perfeitamente sincero quando falava de sua demissão. Em sua vida só dissera uma mentira à duquesa; esta, aliás, não prestou a menor atenção a essa carta; sua decisão, e uma decisão muito penosa, estava tomada, *fingir esquecer Fabrice*; depois desse esforço, tudo lhe era indiferente.

No dia seguinte, por volta do meio-dia, o conde, que passara dez vezes no palácio Sanseverina, foi enfim recebido; ficou aterrado ao ver a duquesa... “Ela está com quarenta anos!”, pensou, “e ontem, tão brilhante! Tão jovem!... Todo mundo me diz que, durante sua longa conversa com Clélia Conti, tinha a aparência muito jovem e muito mais sedutora.”

A voz, o tom da duquesa, eram tão estranhos quanto o aspecto de sua pessoa. Esse tom, despido de qualquer paixão, de qualquer interesse humano, de qualquer raiva, fez o conde empalidecer; lembrou-lhe a maneira de ser de um de seus amigos que, poucos meses antes, prestes a morrer, e já tendo recebido os sacramentos, quisera conversar com ele.

Depois de alguns minutos, a duquesa conseguiu lhe falar. Olhou para ele, e seus olhos continuaram apagados:

— Separemo-nos, meu querido conde — disse-lhe com voz fraca mas bem articulada —, é preciso! O céu é testemunha que, faz cinco anos, meu comportamento com você tem sido irrepreensível. Deu-me uma existência brilhante, em vez do tédio que teria sido meu triste quinhão no castelo de Griante; sem você eu teria encontrado a velhice alguns anos mais cedo... De meu lado, minha única ocupação foi procurar fazê-lo encontrar a felicidade. É porque o amo que lhe proponho essa separação *à l'amiable*, como se diria na França.

O conde não compreendia; ela foi obrigada a repetir várias vezes. Ele ficou mortalmente pálido, e, atirando-se de joelhos perto de seu leito, disse tudo o que o espanto profundo e, em seguida, o desespero mais vivo podem inspirar a um homem de espírito apaixonadamente enamorado. A todo momento oferecia pedir demissão e seguir sua amante para algum retiro a mil léguas de Parma.

— Você ousa me falar de partida, e Fabrice está aqui! — ela exclamou, enfim, erguendo-se um pouco.

Mas como percebeu que esse nome de Fabrice causava uma impressão penosa, ela acrescentou depois de um momento de repouso, e apertando ligeiramente a mão do conde:

— Não, querido amigo, não lhe direi que o amei com essa paixão e esses enlevos que não mais sentimos, parece-me, depois dos trinta anos, e já estou bem longe dessa idade. Devem ter lhe dito que eu amava Fabrice, pois sei que o rumor correu nessa corte *perversa*. (Seus olhos brilharam pela primeira vez nessa conversa, ao pronunciar a palavra *perversa*.) Juro-

lhe perante Deus, e pela vida de Fabrice, que jamais se passou entre mim e ele a menor coisa que não pudesse ser tolerada pelos olhos de um terceiro. Não lhe direi tampouco que o amo exatamente como o amaria uma irmã; amo-o por instinto, para dizer assim. Amo nele sua coragem tão simples e tão perfeita que se pode dizer que ele mesmo não se dá conta dela; lembro-me de que esse gênero de admiração começou no regresso dele de Waterloo. Ainda era uma criança, apesar de seus dezessete anos. Sua grande inquietação era saber se realmente assistira à batalha, e, em caso afirmativo, se podia dizer que lutara, ele, que não marchara ao ataque de nenhuma bateria nem de nenhuma coluna inimiga. Foi durante as graves discussões que tivemos sobre esse assunto importante que comecei a ver nele uma graça perfeita. Sua grande alma se revelou para mim; quantas sábias mentiras teria exibido, no lugar dele, um rapaz bem-educado! Enfim, se ele não é feliz, não posso ser feliz. Veja, aí está uma palavra que descreve muito bem o estado de meu coração; se não é a verdade, é, ao menos, tudo o que dela eu vejo.

O conde, encorajado com esse tom de franqueza e de intimidade, quis lhe beijar a mão: ela a retirou com uma espécie de horror.

— Já não é mais tempo — ela lhe disse —; sou uma mulher de trinta e sete anos, encontro-me às portas da velhice, já sinto todos os seus desânimos, e talvez mesmo esteja vizinha ao túmulo. Este momento é terrível, pelo que dizem, e no entanto me parece que o desejo. Sinto o pior sintoma da velhice: meu coração está apagado por essa terrível desgraça, não posso mais amar. Não vejo mais em você, querido conde, senão a sombra de alguém que me foi muito caro. Direi mais, é só a gratidão que me faz empregar essa linguagem com você.

— Que será de mim? — repetia o conde. — Eu que me sinto ligado a você com mais paixão que nos primeiros dias, quando a via no La Scala!

— Vou lhe confessar uma coisa, querido amigo, falar de amor me aborrece, e me parece indecente. Vamos — disse tentando sorrir, mas em vão —, coragem! Seja homem de espírito, homem judicioso, homem de recursos nessas circunstâncias. Seja comigo o que é realmente aos olhos dos indiferentes, o homem mais hábil e o maior político que a Itália produziu faz séculos.

O conde se levantou e caminhou em silêncio por alguns instantes.

— Impossível, querida amiga — disse-lhe por fim —, estou às voltas com as dilacerações da paixão mais violenta, e você me pede para interrogar minha razão! Não há mais razão para mim!

— Não falemos de paixão, eu lhe peço — ela disse num tom seco; e foi pela primeira vez, depois de duas horas de conversa, que sua voz teve uma expressão qualquer.

O próprio conde, no desespero, tentou consolá-la.

— Ele me enganou — ela exclamou, sem responder de maneira nenhuma aos motivos para esperar que o conde lhe expunha —; *ele* me enganou do modo mais covarde!

E por um instante sua palidez mortal desapareceu; mas, mesmo nesse momento de excitação violenta, o conde observou que ela não tinha força para levantar os braços.

“Meu Deus! Seria possível”, pensou, “que ela apenas estivesse doente? Nesse caso, porém, seria o início de uma doença muito grave.” Então, cheio de inquietação, propôs mandar chamar o célebre Razoni,<sup>a</sup> o primeiro médico da cidade e da Itália.

— Então quer dar a um estrangeiro o prazer de conhecer toda a extensão de meu desespero?... É este o conselho de um traidor ou de um amigo? — E o fitou com olhos estranhos.

“Está tudo terminado”, ele pensou com desespero, “ela não tem mais amor por mim! E, bem mais, já não me põe nem sequer no grupo dos homens honrados vulgares.”

— Vou lhe dizer — acrescentou o conde, solícito — que quis, antes de mais nada, ter detalhes sobre a prisão que nos joga no desespero e, coisa estranha, ainda não sei nada de definitivo; mandei interrogar os gendarmes do posto vizinho, eles viram o prisioneiro chegar pela estrada de Castelnovo e receberam a ordem de seguir sua *sediola*. Logo despachei de novo Bruno, cujo zelo, tanto quanto a dedicação, você conhece; ele tem ordens de percorrer posto após posto, para saber onde e como Fabrice foi preso.

Ao ouvir pronunciar o nome de Fabrice, a duquesa foi tomada por uma leve convulsão.

— Desculpe, meu amigo — disse ao conde assim que conseguiu falar —; esses detalhes me interessam muito, dê-me todos eles, faça-me compreender bem as menores circunstâncias.

— Pois bem! — retomou o conde, esboçando um arzinho de ligeireza para tentar distraí-la um pouco. — Tenho vontade de enviar um funcionário de confiança até Bruno e lhe dar ordens de ir a Bolonha; é lá, talvez, que terão sequestrado nosso jovem amigo. Qual é a data da última carta dele?

— Terça-feira, faz cinco dias.

— Foi aberta no correio?

— Nenhum vestígio de abertura. É preciso lhe dizer que foi escrita num papel horroroso; o endereço é de mão de mulher, e esse endereço traz o nome de uma velha lavadeira, parente de minha camareira. A lavadeira crê que se trata de um caso de amor, e Chekina lhe reembolsa os portes das cartas, sem nada acrescentar.

O conde, que assumira totalmente o tom de um homem de negócios, tentou descobrir, conversando com a duquesa, qual podia ter sido o dia do sequestro em Bolonha. Só então se deu conta, ele, que via de regra tinha tanto tato, de que era esse o tom que devia adotar. Esses detalhes interessavam a mulher infeliz e pareciam distraí-la um pouco. Se o conde não estivesse apaixonado por ela, teria tido essa ideia tão simples assim que entrou no quarto. A duquesa o despachou, para que ele pudesse sem demora mandar novas ordens ao fiel Bruno. Como, de passagem, tratassem da questão de saber se tinha havido sentença antes que o príncipe houvesse assinado o bilhete endereçado à duquesa, esta agarrou com uma espécie de ardor a ocasião de dizer ao conde:

— Não o criticarei por ter omitido as palavras *processo injusto* no bilhete que escreveu e que ele assinou, era o instinto de cortesão que o agarrava pela garganta; sem nem desconfiar, você preferiu o interesse do seu patrão ao de sua amante. Pôs seus atos às minhas ordens, querido conde, e isso há muito tempo, mas não está em seu poder mudar sua natureza; tem grandes talentos para ser ministro, mas tem também o instinto desse ofício. A supressão da palavra *injusto* me perde; mas longe de mim censurá-lo de alguma forma por isso, foi culpa do instinto e não da vontade. Lembre-se — acrescentou, mudando de tom e com o ar mais imperioso — de que não estou por demais aflita com o sequestro de Fabrice, que não tive a menor veleidade de me afastar desta terra e que sou plena de

respeito pelo príncipe. Eis o que você deve dizer, e eis o que quero lhe dizer: como conto dirigir sozinha minha conduta no futuro, quero me separar de você amigavelmente, isto é, como boa e velha amiga. Considere que tenho sessenta anos; a jovem mulher morreu em mim, não posso mais exagerar nada no mundo, não posso mais amar. Mas ainda seria mais infeliz do que sou se me acontecesse comprometer seu destino. Pode entrar em meus projetos dar-me a aparência de ter um jovem amante, e não gostaria de vê-lo aflito por isso. Posso lhe jurar pela felicidade de Fabrice — parou um meio minuto depois dessa palavra — que jamais cometi uma infidelidade, e isso em cinco anos. É bastante tempo — disse; tentou sorrir, suas faces tão pálidas se agitaram, mas seus lábios não conseguiram se separar. — Juro-lhe até mesmo que nunca tive o projeto nem a vontade de fazê-lo. Estando isso bem estabelecido, deixe-me.

O conde saiu, desesperado, do palácio Sanseverina: via na duquesa a intenção bem firme de se separar dele, e nunca estivera tão perdidamente apaixonado. É esta uma dessas coisas às quais sou obrigado a voltar com frequência, porque são improváveis fora da Itália. Ao regressar à casa, ele despachou até seis pessoas diferentes para a estrada de Castelnovo e de Bolonha, e as carregou de cartas. “Mas não é tudo”, pensou o pobre conde, “o príncipe pode ter a fantasia de mandar executar essa criança infeliz, e isso para se vingar do tom que a duquesa adotou com ele no dia desse bilhete fatal. Eu sentia que a duquesa passava de um limite que nunca se deve ultrapassar, e foi para ajeitar as coisas que cometi a bobagem inacreditável de suprimir a expressão *processo injusto*, a única que envolveria o soberano... Mas, ora bolas! Há alguma coisa que envolva essas pessoas? Este é provavelmente o maior erro de minha vida, entreguei ao acaso tudo o que pode ter valor para mim: trata-se de reparar essa leviandade à custa de atividade e de habilidade; mas, enfim, se eu nada puder obter, ainda que sacrificando um pouco minha dignidade, deixo ali plantado esse homem; com seus sonhos de alta política, com suas ideias de se tornar rei constitucional da Lombardia, veremos como ele me substituirá... Fabio Conti não passa de um tolo, o talento de Rassi se resume a mandar enforcar legalmente um homem que desagrada ao poder.”

Uma vez bem firmada essa decisão de renunciar ao ministério se os rigores em relação a Fabrice ultrapassassem os de uma simples detenção, o conde pensou: “Se um capricho da vaidade desse homem imprudentemente desafiado me custar a felicidade, ao menos a honra me restará... A propósito, já que escarneço de minha pasta, posso me permitir cem ações que, ainda esta manhã, me pareceriam acima do possível. Por exemplo, vou tentar tudo o que é humanamente factível para fazer Fabrice se evadir... Por Deus!”, exclamou o conde, interrompendo-se e com seus olhos se arregalando como diante de uma felicidade imprevista, “a duquesa não me falou de evasão, teria lhe faltado sinceridade uma vez na vida, e a ruptura não seria senão o desejo de que eu traísse o príncipe? De qualquer maneira, está feito!”

Os olhos do conde tinham recuperado toda a sua finura satírica. “Esse amável promotor Rassi é pago pelo patrão para todas as sentenças que nos desonram na Europa, mas não é homem de recusar ser pago por mim para trair os segredos do patrão. Esse animal tem uma amante e um confessor, mas a amante é de uma espécie demasiado vil para que eu possa falar com ela, pois no dia seguinte contaria a conversa a todas as vendedoras de

frutas da vizinhança.” O conde, ressuscitado por esse clarão de esperança, já estava a caminho da catedral; espantado com que leveza estava andando, sorriu apesar do desgosto: “É isso que significa”, pensou, “não ser mais ministro!” Essa catedral, como muitas igrejas na Itália, serve de passagem de uma rua à outra, e o conde viu de longe um dos vigários-gerais do arcebispo que atravessava a nave.

— Já que o encontro — ele lhe disse —, o senhor fará a grande bondade de poupar à minha gota o cansaço mortal de subir até a casa do monsenhor arcebispo. Eu lhe ficaria imensamente agradecido se ele quisesse descer à sacristia.

O arcebispo ficou radiante com essa mensagem, tinha mil coisas a dizer ao ministro a respeito de Fabrice. Mas o ministro adivinhou que essas coisas não passavam de frases vazias e não quis escutar nada.

— Que tipo de homem é Dugnani, vigário de San Paolo?

— Um espírito pequeno e uma grande ambição — respondeu o arcebispo —, poucos escrúpulos e uma extrema pobreza, pois nós temos muitos vícios!

— Santo Deus, monsenhor! — exclamou o ministro. — O senhor o pinta como Tácito.

E despediu-se dele rindo. Mal chegou de volta ao ministério, mandou chamar o padre Dugnani.

— O senhor dirige a consciência de meu excelente amigo, o promotor geral Rassi; ele não teria nada a me dizer?

E, sem outras palavras ou mais cerimônia, despediu-se de Dugnani.

a Giuseppe Rasori (1766-1837), médico favorável à França que Stendhal conheceu em Milão.

O conde se considerava como fora do ministério. “Vejam os um pouco”, pensou, “quantos cavalos podemos ter depois de minha desgraça, pois é assim que qualificarão minha retirada.” O conde fez um balanço de sua fortuna: entrara no ministério com oitenta mil francos de bens; para seu grande espanto, achou que, tudo contado, seus haveres atuais não se elevavam a quinhentos mil francos: “São vinte mil libras de renda, no máximo”, disse. “É preciso convir que sou um grande desajuizado! Não há um burguês em Parma que não creia que eu tenha cento e cinquenta mil libras de renda; e o príncipe, a esse respeito, é mais burguês que qualquer outro. Quando me virem na lama, dirão que sei muito bem esconder minha fortuna. Meu Deus”, exclamou, “se eu ainda for ministro três meses, vamos vê-la dobrada, essa fortuna.” Encontrou nessa ideia a oportunidade de escrever à duquesa, e a agarrou avidamente; mas, para se fazer perdoar, nos termos em que eles estavam, encheu uma carta de números e cálculos. “Só teremos vinte mil libras de renda”, disse-lhe, “para viver, os três, em Nápoles, Fabrice, você e eu.” O ministro acabava de enviar sua carta quando anunciaram o promotor geral Rassi; recebeu-o com uma altivez que frisava a impertinência.

— Como, senhor — ele lhe disse —, manda sequestrar em Bolonha um conspirador que eu protejo, além disso quer lhe cortar o pescoço, e não me diz nada! Sabe ao menos o nome de meu sucessor? Será o general Conti, ou o senhor mesmo?

Rassi ficou aterrado; estava bem pouco acostumado com a boa sociedade para adivinhar se o conde falava sério: ficou muito vermelho, resmungou umas palavras pouco inteligíveis; o conde olhava para ele e desfrutava de seu constrangimento. De repente, Rassi se sacudiu e exclamou com um desembaraço perfeito e com o ar de Figaro pego em flagrante por Almaviva:

— Palavra de honra, senhor conde, não ficarei cheio de rodeios com Vossa Excelência: o que me dará para responder a todas as suas perguntas como eu responderia às de meu confessor?

— A cruz de São Paulo (isto é, a ordem de Parma) ou dinheiro, se puder me fornecer um pretexto para que eu lhe conceda.

— Prefiro a cruz de São Paulo, porque ela me enobrece.

— Como, caro promotor, o senhor ainda leva a sério nossa pobre pequena nobreza?

— Se eu tivesse nascido nobre — respondeu Rassi com toda a impudência de seu ofício —, os parentes das pessoas que mandei enforcar me odiariam, mas não me desprezariam.

— Muito bem! Vou salvá-lo do desprezo — disse o conde —, mas me cure de minha ignorância. O que conta fazer com Fabrice?

— O príncipe está muito constrangido, palavra de honra; teme que, seduzido pelos belos

olhos de Armida,<sup>a</sup> desculpe essa linguagem um pouco viva, mas são os termos exatos do soberano; teme que, seduzido pelos olhos belíssimos que também o tocaram um pouco, o senhor o deixe plantado ali, e só o senhor é que pode resolver os negócios da Lombardia. Vou lhe dizer até mesmo — acrescentou Rassi baixando o tom — que há aí uma tremenda oportunidade para o senhor, e que vale tanto quanto a cruz de São Paulo que vai me dar. O príncipe lhe conferiria, como recompensa nacional, uma linda propriedade valendo seiscentos mil francos, que ele subtrairia de seus próprios domínios, ou uma gratificação de trezentos mil francos-escudos, se o senhor consentisse em não interferir no destino de Fabrice del Dongo, ou pelo menos em só lhe falar disso em público.

— Eu esperava algo melhor que isso — disse o conde —; não me envolver com Fabrice é me indispor com a duquesa.

— Pois é! E é também o que diz o príncipe. O fato é que ele está terrivelmente irritado com a senhora duquesa, seja dito entre nós; e teme que, como compensação da desavença com essa amável dama, agora que o senhor está viúvo, venha a lhe pedir a mão da prima dele, a velha princesa Isota, que tem apenas cinquenta anos.

— Ele acertou em cheio — exclamou o conde —, nosso chefe é o homem mais fino de seus estados.

Jamais o conde tivera a ideia barroca de desposar essa velha princesa; nada cairia tão mal para um homem que se aborrecia mortalmente com as cerimônias da corte.

Ele começou a brincar com a tabaqueira sobre o mármore de uma mesinha ao lado de sua poltrona. Rassi viu nesse gesto de embaraço a possibilidade de uma sorte inesperada; seus olhos brilharam.

— Por favor, senhor conde — exclamou —, se Vossa Excelência quiser aceitar a propriedade de seiscentos mil francos ou a gratificação em dinheiro, peço-lhe não escolher outro negociador senão eu. Eu me julgaria capaz — acrescentou, baixando a voz — de conseguir aumentar a gratificação em dinheiro ou até mesmo juntar uma floresta muito importante à terra dominial. Se Vossa Excelência se dignasse a pôr um pouco de consideração e suavidade em seu modo de falar com o príncipe a respeito desse pirralho que engaiolaram, talvez fosse possível erigir em ducado a terra que a gratidão nacional lhe ofereceria. Repito-o a Vossa Excelência: o príncipe, neste momento, execra a duquesa, mas está muito constrangido, a tal ponto que, por vezes, pensei que haveria alguma circunstância secreta que ele não ousasse me confessar. No fundo, podemos ter aqui uma mina de ouro, eu, vendendo ao senhor os segredos mais íntimos dele, e muito livremente, pois me julgam ser seu inimigo jurado. No fundo, se ele está furioso com a duquesa, também acredita, como nós todos, que só o senhor é capaz de conduzir corretamente todas as negociações secretas relativas ao ducado de Milão. Vossa Excelência me permite repetir textualmente as palavras do soberano? — indagou Rassi, animando-se. O arranjo das palavras volta e meia revela um semblante que nenhuma tradução consegue restituir, e o senhor poderá ver nelas mais do que eu vejo.

— Permito tudo — disse o conde, continuando, com ar distraído, a bater sua tabaqueira de ouro na mesa de mármore —, permito tudo e serei grato.

— Dê-me cartas de nobreza transmissível, independentemente da cruz, e ficarei mais que satisfeito. Quando falo com o príncipe sobre o enobrecimento, ele me responde: “Um

patife como você, nobre? Eu teria de fechar o estabelecimento já no dia seguinte! Mais ninguém em Parma gostaria de ser enobrecido”. Para voltar ao negócio do ducado de Milão, o príncipe me dizia, não faz três dias: “Só há mesmo esse velhaco para acompanhar o fio de nossas intrigas; caso eu o expulse, ou caso ele siga a duquesa, mais vale que eu desista da esperança de me ver um dia como o chefe dos liberais e adorado por toda a Itália”.

Diante dessas palavras, o conde respirou: “Fabrice não morrerá”.

Em toda a sua vida Rassi não conseguira ter uma conversa íntima com o primeiro-ministro: estava fora de si de felicidade; via-se na véspera de poder largar esse sobrenome Rassi, transformado no país em sinônimo de tudo o que havia de baixo e vil; o povinho dava o nome de *Rassi* aos cães raivosos; fazia pouco, soldados tinham se batido em duelo porque um dos companheiros deles os chamara de Rassi. Por fim, não se passava semana sem que esse sobrenome infeliz fosse se encaixar em algum soneto atroz. Seu filho, jovem inocente estudante de dezesseis anos, era expulso dos cafés, ao ouvirem seu sobrenome.

Foi a lembrança abrasadora de todos esses encantos de sua posição que o fez cometer uma imprudência.

— Tenho uma propriedade — ele disse ao conde, aproximando sua cadeira da poltrona do ministro —, ela se chama Riva, gostaria de ser barão Riva.

— Por que não? — disse o ministro.

Rassi estava exultante.

— Pois bem, senhor conde, me permitirei ser indiscreto, ousarei adivinhar o objetivo de seus desejos, o senhor aspira à mão da princesa Isota, e é uma nobre ambição. Uma vez parente, o senhor ficará ao abrigo da desgraça, o senhor *amarrará* o nosso homem. Não lhe esconderei que ele tem horror a esse casamento com a princesa Isota; mas se o negócio fosse confiado a alguém hábil e *bem pago*, seria possível não perder a esperança do sucesso.

— Eu, meu caro barão, estava perdendo a esperança; desautorizo de antemão todas as palavras que o senhor poderá levar em meu nome; mas, no dia em que essa aliança ilustre vier satisfazer meus votos e me der tão alta posição no Estado, vou lhe oferecer, eu, trezentos mil francos de meu dinheiro, ou então aconselharei o príncipe a lhe conferir uma demonstração de simpatia que o senhor mesmo preferirá a essa quantia de dinheiro.

O leitor achará essa conversa muito longa; ela se prolongou por mais duas horas. Rassi saiu da casa do conde louco de felicidade; o conde ficou com grandes esperanças de salvar Fabrice, e mais resolutivo que nunca a pedir demissão. Considerava que seu prestígio requeria ser renovado pela presença no poder de gente tal como Rassi e o general Conti; e desfrutava, deliciado, de uma possibilidade que acabava de entrever de se vingar do príncipe: “Ele pode fazer a duquesa partir”, exclamou, “mas, santo Deus, renunciará à esperança de ser rei constitucional da Lombardia”. (Essa fantasia era ridícula: o príncipe era muito inteligente, mas, de tanto sonhar com isso, tornara-se loucamente apaixonado por essa quimera.)

O conde não cabia em si de alegria ao correr à casa da duquesa para lhe dar conta de sua conversa com o promotor. Encontrou a porta fechada para ele; o porteiro quase não ousava lhe confessar a ordem recebida da própria boca de sua patroa. O conde voltou

tristemente para o palácio do ministério, o infortúnio que acabava de sofrer eclipsava totalmente a alegria que lhe dera a conversa com o confidente do príncipe. Não tendo mais ânimo de cuidar de nada, o conde perambulava tristemente por sua galeria de quadros, quando, quinze minutos depois, recebeu um bilhete assim redigido:

Já que é verdade, caro e bom amigo, que não somos nada além de amigos, deve vir me ver só três vezes por semana. Em quinze dias reduziremos essas visitas, sempre tão caras a meu coração, a duas por mês. Se quiser me agradar, dê publicidade a essa espécie de ruptura; se quisesse me retribuir quase todo o amor que outrora tive por você, faria a opção por uma nova amante. Quanto a mim, tenho grandes projetos de dissipação: conto frequentar muito a sociedade, talvez até encontre um homem de espírito para me fazer esquecer minhas desgraças. Sem dúvida, na qualidade de amigo, o primeiro lugar em meu coração lhe será sempre reservado; mas não quero mais que se diga que minhas iniciativas foram ditadas por sua sabedoria; quero, sobretudo, que se saiba muito bem que perdi toda influência sobre suas decisões. Em suma, caro conde, creia que será sempre meu amigo mais querido, mas jamais outra coisa. Não guarde, peço-lhe, nenhuma ideia de reatar, tudo está bem acabado. Conte para sempre com minha amizade.

Este último toque foi forte demais para a coragem do conde: ele escreveu uma bela carta ao príncipe para pedir demissão de todos os seus cargos, e a dirigiu à duquesa com a solicitação de fazê-la chegar ao palácio. Um instante depois, recebeu sua demissão, rasgada em quatro, e numa das margens do papel a duquesa se dignara a escrever: *Não, mil vezes não!*

Seria difícil descrever o desespero do pobre ministro. “Ela tem razão, admito”, pensava a cada instante; “minha omissão da expressão *processo injusto* é uma terrível infelicidade; acarretará talvez a morte de Fabrice, e esta acarretará a minha.” Foi com dor no coração que o conde, que não queria aparecer no palácio do soberano antes de ser chamado, escreveu de próprio punho o *motu proprio*<sup>b</sup> que nomeava Rassi cavaleiro da ordem de São Paulo e lhe conferia a nobreza transmissível; a isso o conde juntou um relatório de meia página que expunha ao príncipe as razões de Estado que aconselhavam essa medida. Encontrou uma espécie de alegria melancólica em fazer dessas peças duas belas cópias, que encaminhou à duquesa.

Perdia-se em suposições; tentava adivinhar qual seria no futuro o plano de conduta da mulher que amava. “Ela mesma não sabe nada”, pensou; “só uma coisa é certa, é que por nada no mundo ela deixaria de cumprir as resoluções que algum dia teria me anunciado.” O que aumentava ainda mais sua infelicidade é que não conseguia achar a duquesa censurável. “Ela me conferiu uma graça ao me amar, deixa de me amar depois de um erro involuntário, é verdade, mas que pode acarretar uma consequência terrível; não tenho nenhum direito de me queixar.” Na manhã seguinte, o conde soube que a duquesa recomeçara a frequentar a sociedade; aparecera na véspera, à noite, em todas as casas que recebiam. O que seria dele se tivesse se encontrado com ela no mesmo salão? Como falar com ela? Em que tom lhe dirigir a palavra? E como não falar com ela?

O dia seguinte foi fúnebre; espalhava-se o rumor de que Fabrice ia ser executado, a cidade ficou comovida. Acrescentava-se que o príncipe, levando em consideração seu elevado nascimento, se dignara a decidir que ele teria a cabeça cortada.

“Sou eu que o mato”, pensou o conde; “já não posso pretender rever algum dia a duquesa.” Apesar desse raciocínio bastante simples, não pôde se impedir de passar três vezes por sua porta; na verdade, para não ser notado foi à casa dela a pé. Em seu desespero, teve até mesmo a coragem de lhe escrever. Mandara chamar Rassi duas vezes; o promotor geral não se apresentara. “O patife está me traindo”, pensou o conde.

No dia seguinte, três grandes notícias agitavam a alta sociedade de Parma, e até a burguesia. A execução de Fabrice era, mais que nunca, certa; e, complemento bem estranho dessa notícia, a duquesa não parecia muito desesperada. Segundo as aparências, só manifestava tristezas muito moderadas por seu jovem amante; todavia, aproveitava com uma arte infinita a palidez que acabava de lhe dar uma indisposição bastante grave, e que ocorrera ao mesmo tempo que a prisão de Fabrice. Os burgueses reconheciam muito bem, por esses detalhes, o coração seco de uma grande dama da corte. No entanto, por decência, e como sacrifício aos manes do jovem Fabrice, ela romperia com o conde Mosca.

— Que imoralidade! — exclamavam os jansenistas<sup>c</sup> de Parma.

Mas, coisa incrível, a duquesa já parecia disposta a dar ouvidos aos afagos dos mais belos rapazes da corte! Observava-se, entre outras singularidades, que ela se mostrara muito alegre numa conversa com o conde Baldi, o atual amante da marquesa Raversi, e o cobrira de gracejos sobre suas idas frequentes ao castelo de Velleja. A pequena burguesia e o povo estavam indignados com a morte de Fabrice, que essa boa gente atribuía ao ciúme do conde Mosca. A sociedade da corte também se ocupava muito do conde, mas era para caçoar dele. A terceira das grandes notícias que anunciamos não era outra, na verdade, senão a demissão do conde; todos debochavam de um amante ridículo que, aos cinquenta e seis anos de idade, sacrificava uma posição magnífica à tristeza de ser abandonado por uma mulher sem coração e que, há muito tempo, a ele preferia um rapaz. Só o arcebispo teve o espírito, ou melhor, o coração para adivinhar que a honra proibia ao conde permanecer primeiro-ministro num país onde iam cortar a cabeça, e sem consultá-lo, de um rapaz, seu protegido. A notícia da demissão do conde teve o efeito de curar de sua gota o general Fabio Conti, como diremos no momento apropriado, quando falarmos de como o pobre Fabrice passava seu tempo na cidadela, enquanto toda a cidade indagava a hora de sua execução.

No dia seguinte, o conde reviu Bruno, o agente fiel que ele despachara para Bolonha; o conde se enterneceu quando esse homem entrou em seu gabinete; vê-lo lembrava-lhe o estado feliz em que se encontrava quando o enviara a Bolonha, quase que de comum acordo com a duquesa. Bruno chegava de Bolonha, onde nada tinha descoberto; não conseguira encontrar Ludovic, que o podestade de Castelnovo mantivera na prisão de sua aldeia.

— Vou mandá-lo de volta a Bolonha — disse o conde a Bruno —: a duquesa faz questão de ter o triste prazer de conhecer os detalhes da desgraça de Fabrice. Dirija-se ao brigadeiro da gendarmeria que comanda o posto de Castelnovo... Mas não! — exclamou o conde, interrompendo-se —; parta neste instante para a Lombardia e distribua dinheiro, e

a rodo, a todos os nossos correspondentes. Meu objetivo é obter de toda essa gente relatórios da mais animadora natureza.

Bruno, tendo entendido muito bem o objetivo de sua missão, pôs-se a escrever suas cartas credenciais; quando lhe dava as últimas instruções, o conde recebeu uma carta perfeitamente falsa, mas muito bem escrita; parecia um amigo escrevendo a outro amigo para lhe pedir um favor. O amigo que escrevia era ninguém menos que o príncipe. Tendo ouvido falar de certos projetos de retirada, ele suplicava a seu amigo, o conde Mosca, que conservasse o ministério; pedia-lhe isso em nome da amizade e dos *perigos da pátria*; e lhe ordenava fazê-lo, como seu senhor. Acrescentava que, como o rei, acabava de pôr à sua disposição dois cordões de sua ordem, guardaria um para si e enviava a outra a seu querido conde Mosca.

— Esse animal faz minha desgraça! — exclamou o conde, furioso, diante de um Bruno estupefato. — E acredita me seduzir com essas mesmas frases hipócritas que tantas vezes nós fabricamos juntos para apanhar na rede algum trouxa.

Recusou a ordem que lhe ofereciam e em sua resposta falou do estado de sua saúde, que só lhe deixava bem pouca esperança de poder cumprir por muito mais tempo os penosos afazeres do ministério. O conde estava furioso. Um instante depois anunciaram o promotor Rassi, a quem ele tratou como a um negro.

— Pois bem! Porque o fiz nobre o senhor começa a se fazer de insolente! Por que não ter vindo ontem para me agradecer, como era seu estrito dever, senhor pernóstico?

Rassi estava bem acima das injúrias: era com esse tom que diariamente era recebido pelo príncipe, mas queria ser barão e se justificou com espírito. Nada era mais fácil.

— O príncipe me manteve pregado à mesa ontem, durante o dia todo; não consegui sair do palácio. Sua Alteza me mandou copiar com minha letra ruim de promotor uma quantidade de documentos diplomáticos tão idiotas e tão palavrosos que creio, na verdade, que seu único objetivo era me reter prisioneiro. Quando, enfim, consegui me despedir, por volta das cinco horas, morrendo de fome, ele me deu a ordem de ir direto para casa e não sair à noite. De fato, vi dois de seus espiões particulares, de mim bem conhecidos, passeando na minha rua até cerca de meia-noite. Esta manhã, assim que pude, mandei vir um carro que me conduziu até a porta da catedral. Desci do carro muito devagar, e depois, pegando um passo rápido, atravessei a igreja e eis-me aqui. Vossa Excelência é neste momento o homem do mundo inteiro a quem desejo agradar com mais paixão.

— E eu, senhor patife, não me deixo tapear com todas essas lorotas mais ou menos bem construídas! O senhor se recusou a me falar de Fabrice anteontem; respeitei seus escrúpulos e seus juramentos relativos ao segredo, embora os juramentos, para uma criatura como o senhor, sejam no máximo meios de ser derrotado. Hoje, quero a verdade: o que são esses boatos ridículos que fazem condenar à morte esse rapaz como assassino do comediante Giletti?

— Ninguém melhor que eu pode prestar contas a Vossa Excelência sobre esses boatos, posto que eu mesmo é que mandei espalhá-los, por ordem do soberano; e, pensando nisso, foi talvez para me impedir de lhe comunicar esse incidente que ontem, durante o dia todo, ele me reteve prisioneiro. O príncipe, que não me julga um louco, não podia duvidar que eu viria lhe trazer minha cruz e lhe suplicar que a prendesse na minha lapela.

— Atenha-se aos fatos! Mas nada de frases — exclamou o ministro.

— Sem dúvida o príncipe gostaria de ter uma sentença de morte contra o senhor Del Dongo, mas, como certamente o senhor sabe, tem apenas uma condenação a vinte anos de galés, comutada por ele, já no dia seguinte à sentença, em doze anos de fortaleza com jejum a pão e água todas as sextas-feiras, e outras patacoadas religiosas.

— É porque eu sabia dessa condenação apenas à prisão que estava apavorado com os boatos de uma execução para breve, que se espalham pela cidade; lembro-me da morte do conde Palanza, tão bem escamoteada pelo senhor.

— Naquele momento é que eu deveria ter tido a cruz! — exclamou Rassi sem se constranger. — Eu deveria ter apertado o botão enquanto o tinha nas mãos, e enquanto o homem desejava essa morte. Naquele momento fui um tonto, e é armado dessa experiência que ousou aconselhá-lo, hoje, a não me imitar. (Essa comparação pareceu do pior gosto ao interlocutor, que foi obrigado a se conter para não dar uns pontapés em Rassi.)

— Primeiro — este continuou, com a lógica de um jurisconsulto e a segurança perfeita de um homem que nenhum insulto pode ofender —, primeiro está fora de questão a execução do dito Del Dongo; o príncipe não ousaria. Os tempos estão bem mudados! E, por fim, eu, nobre e esperando por seu intermédio tornar-me barão, não me prestaria a isso. Ora, é só de mim, como sabe Vossa Excelência, que o executor pode receber ordens, e, juro ao senhor, o cavaleiro Rassi jamais as dará contra o senhor Del Dongo.

— E agirá sabiamente — disse o conde, escrutando-o com ar severo.

— Façamos uma distinção! — continuou Rassi com um sorriso. — Só sou a favor dos mortos oficiais, e se o senhor Del Dongo vier a morrer de uma cólica, não vá atribuí-la a mim! O príncipe está ultrajado, e não sei por quê, por conta da Sanseverina (três dias antes Rassi teria dito “a duquesa”, mas, como toda a cidade, sabia da ruptura com o primeiro-ministro).

O conde ficou impressionado com a supressão do título em tal boca, e pode-se imaginar o prazer que isso lhe deu; lançou para Rassi um olhar carregado do mais vivo ódio. “Meu querido anjo”, pensou em seguida, “só posso lhe mostrar meu amor obedecendo cegamente às suas ordens.”

— Vou lhe confessar — ele disse ao promotor — que não tenho um interesse propriamente apaixonado pelos diversos caprichos da senhora duquesa; todavia, como ela me apresentou esse mau sujeito Fabrice, que deveria muito bem ter ficado em Nápoles, e não vir para cá embaralhar nossos negócios, faço questão de que ele não seja executado durante minha gestão, e quero lhe dar minha palavra de que o senhor será barão nos oito dias que se seguirem à saída dele da prisão.

— Nesse caso, senhor conde, só serei barão depois de passados doze anos, pois o príncipe está furioso e seu ódio contra a duquesa é tão profundo que ele procura escondê-lo.

— Sua Alteza é muito engraçada! Que necessidade tem de esconder seu ódio, já que seu primeiro-ministro não protege mais a duquesa? Só que não desejo que me possam acusar de vilania, nem, sobretudo, de ciúme: fui eu que fiz a duquesa vir para esta terra, e se Fabrice morrer na prisão o senhor não será barão, mas talvez será apunhalado. Mas deixemos essa bagatela: o fato é que fiz a conta de minha fortuna; mal e mal somei vinte mil libras de renda, e por isso tenho o plano de encaminhar muito humildemente minha

demissão ao soberano. Tenho alguma esperança de ser empregado pelo rei de Nápoles: essa grande cidade me oferecerá distrações de que neste momento necessito, e que não posso encontrar num buraco como Parma; só ficaria aqui se o senhor me fizesse conseguir a mão da princesa Isota.

Etc. etc. A conversa sobre esse assunto foi interminável. Quando Rassi se levantou, o conde lhe disse com ar muito indiferente:

— O senhor sabe que disseram que Fabrice me enganava, no sentido de que era um dos amantes da duquesa; não aceito esse boato, e para desmenti-lo quero que o senhor faça passar esta bolsa a Fabrice.

— Mas, senhor conde — disse Rassi, apavorado, e olhando a bolsa —, há aqui uma quantia enorme, e os regulamentos...

— Para o senhor, meu caro, ela pode ser enorme — retrucou o conde com o ar do mais soberano desprezo —: um burguês tal como o senhor, enviando dinheiro a seu amigo na prisão, acredita arruinar-se dando-lhe dez sequins; eu, eu *quero* que Fabrice receba estes seis mil francos, e sobretudo que o castelo nada saiba desse envio.

Quando Rassi, assustado, quis retrucar, o conde fechou a porta atrás dele, com impaciência. “Essa gente”, pensou, “só vê o poder atrás da insolência.” Dito isto, esse grande ministro se entregou a um ato tão ridículo que temos certa dificuldade em relatá-lo; correu para pegar em sua sala um retrato em miniatura da duquesa e o cobriu de beijos apaixonados. “Desculpe, meu querido anjo”, exclamou, “se não joguei pela janela e com minhas próprias mãos esse caipira que ousa falar de você com um quê de familiaridade, mas se ajo com esse excesso de paciência é para obedecer a você! E ele não perde por esperar!”

Depois de uma longa conversa com o retrato, o conde, que sentia o coração morto dentro do peito, teve a ideia de fazer um gesto ridículo e a ele se entregou com um entusiasmo infantil. Mandou que lhe trouxessem uma casaca com medalhas e foi fazer uma visita à velha princesa Isota; em toda a sua vida, só se apresentara àquela casa por ocasião do dia de ano-novo. Encontrou-a cercada de uma quantidade de cães e coberta por todos os seus enfeites, e até mesmo com diamantes, como se fosse à corte. Tendo o conde demonstrado algum temor de atrapalhar os projetos de Sua Alteza, que provavelmente ia sair, a Alteza respondeu ao ministro que uma princesa de Parma devia a si mesma estar sempre assim. Pela primeira vez desde sua desgraça o conde teve um ímpeto de alegria. “Fiz bem de aparecer aqui”, pensou, “e já hoje tenho de fazer minha declaração.” A princesa ficara radiante ao ver chegar à sua casa um homem tão renomado por sua inteligência, e um primeiro-ministro! A pobre solteirona não estava acostumada a tais visitas. O conde começou por um preâmbulo hábil, relativo à imensa distância que sempre há de separar de um simples gentil-homem os membros de uma família reinante.

— Convém fazer uma distinção — disse a princesa —: a filha de um rei da França, por exemplo, não tem nenhuma esperança de chegar um dia à coroa; mas as coisas não são assim na família de Parma. Por isso é que nós, os Farnese, devemos sempre conservar certa dignidade em nosso exterior; e eu, pobre princesa, tal como o senhor me vê, não posso dizer que seja absolutamente impossível que um dia o senhor seja meu primeiro-ministro.

Essa ideia, por seu imprevisto barroco, deu ao pobre conde um segundo instante de

perfeita alegria.

Ao sair da casa da princesa Isota, que enrubescera imensamente ao receber a confissão da paixão do primeiro-ministro, este encontrou um dos furriéis do palácio: o príncipe o mandava chamar com toda urgência.

— Estou doente — respondeu o ministro, radiante de poder fazer uma grosseria ao seu príncipe. — Ah! Ah! O senhor me faz perder a paciência — exclamou com furor — e depois quer que eu o sirva! Mas saiba, meu príncipe, que neste século já não basta ter recebido o poder da Providência, é preciso ter muita inteligência e um grande caráter para conseguir ser déspota.

Depois de ter despachado o furriel do palácio, muito escandalizado com a perfeita saúde desse doente, o conde achou divertido ir ver os dois homens da corte que tinham mais influência sobre o general Fabio Conti. O que acima de tudo fazia o ministro estremecer e lhe tirava toda a coragem é que o governador da cidadela era acusado de, outrora, ter se desvencilhado de um capitão, seu inimigo pessoal, por meio da *aquetta* de Peruggia.

O conde sabia que, fazia oito dias, a duquesa tinha distribuído somas alucinantes para conseguir cumplicidades na cidadela; mas a seu ver havia pouca esperança de êxito, pois todos os olhos ainda estavam demasiado abertos. Não contaremos ao leitor todas as tentativas de corrupção tentadas por essa mulher infeliz: ela estava desesperada, e agentes de todos os tipos e perfeitamente dedicados a secundavam. Mas talvez só haja um único gênero de negócios que se faça à perfeição nas pequenas cortes despóticas: é a guarda dos presos políticos. O ouro da duquesa não produziu outro efeito senão fazer demitir da cidadela oito ou dez homens de todas as patentes.

a A mágica Armida, uma das heroínas de *Jerusalém libertada*, de Torquato Tasso, usa seus feitiços para evitar que o cavaleiro cristão Rinaldo se junte ao exército dos cruzados.

b Por iniciativa própria. Designa aqui uma carta em que o príncipe dá seu acordo.

c Seita cristã francesa muito severa, da segunda metade do século XVII. Stendhal usa o termo como sinônimo de moralistas beatos.

Assim, apesar de uma dedicação completa ao prisioneiro, a duquesa e o primeiro-ministro só tinham conseguido fazer muito pouco por ele. O príncipe estava furioso, a corte, assim como o público, estavam *rancorosos* com Fabrice e radiantes de verem lhe acontecer uma desgraça; ele fora feliz demais. Apesar do ouro jogado a mancheias, a duquesa não conseguira dar um passo no cerco à cidadela; não se passava um dia sem que a marquesa Raversi ou o cavaleiro Riscara tivessem alguma nova informação a comunicar ao general Fabio Conti. Amparavam sua fraqueza.

Como dissemos, no dia de sua prisão Fabrice foi conduzido, primeiro, ao palácio do governador: é um lindo e pequeno edifício construído no século passado segundo os desenhos de Vanvitelli,<sup>a</sup> que o instalou a cento e oitenta pés de altura, sobre a plataforma da imensa torre redonda. Das janelas desse palacete, isolado nas costas da enorme torre como a corcunda de um camelo, Fabrice descobria o campo e os Alpes muito ao longe; seguia com o olhar, ao pé da cidadela, o curso do Parma, espécie de torrente que, virando à direita a quatro léguas da cidade, vai se jogar no Pó. Mais além da margem esquerda desse rio, que formava como uma sequência de imensas manchas brancas no meio dos campos verdejantes, seu olhar radiante avistava nitidamente cada um dos cimos do imenso muro que os Alpes formam ao norte da Itália. Esses cimos, sempre cobertos de neve, mesmo no mês de agosto, no qual então se estava, dão como uma espécie de frescor imaginário no meio daqueles campos escaldantes; ali o olhar pode acompanhar os menores detalhes, que no entanto estão a mais de trinta léguas da cidadela de Parma. O panorama tão extenso que se tem do bonito palácio do governador é interceptado num canto, ao sul, pela Torre Farnese, na qual se preparava às pressas um quarto para Fabrice. Essa segunda torre, como o leitor talvez se lembre, foi construída sobre a plataforma da torre grande, em homenagem a um príncipe herdeiro que, muito diferente de Hipólito, filho de Teseu, não rejeitara as cortesias de uma jovem madrasta. A princesa morreu em algumas horas; o filho do príncipe só recuperou sua liberdade dezessete anos mais tarde, ao subir ao trono por ocasião da morte do pai. Essa Torre Farnese, para onde, depois de quarenta e cinco minutos, fizeram Fabrice subir, é muito feia no exterior, e é erguida a uns cinquenta pés acima da plataforma da torre grande e guarnecida por uma profusão de para-raios. O príncipe descontente de sua mulher, e que mandou construir essa prisão vista de todas as partes, teve a singular pretensão de convencer seus súditos de que ela existia havia longos anos: foi por isso que lhe impôs o nome de *Torre Farnese*. Era proibido falar dessa construção, e de todas as partes da cidade de Parma e das planícies vizinhas viam-se perfeitamente os pedreiros dispostos, uma a uma, as pedras que compõem esse edifício pentágono. A fim de provar que ela era antiga, pôs-se em cima da porta de dois pés de

largura e quatro de altura, pela qual se entra, um magnífico baixo-relevo que representa Alexandre Farnese, o famoso general, forçando Henrique IV a se afastar de Paris. Essa Torre Farnese, instalada em lugar tão conspicuo, compõe-se de um térreo com pelo menos quarenta passos de comprimento, largura na mesma proporção e todo cheio de colunas muito atarracadas, pois essa peça tão desmesuradamente vasta não tem mais de quinze pés de altura. É ocupada pelo corpo da guarda, e do centro a escada sobe girando em torno de uma das colunas: é uma pequena escada de ferro, muito leve, com apenas dois pés de largura e construída em filigrana. Por essa escada trêmula sob o peso dos carcereiros que o escoltavam, Fabrice chegou a vastos cômodos de mais de vinte pés de altura, formando um magnífico primeiro andar. Outrora, foram mobiliados com o maior luxo para o jovem príncipe que lá passou os dezessete anos mais belos de sua vida. Numa das extremidades desse apartamento, mostraram ao novo preso uma capela da maior magnificência; os muros e a abóbada são inteiramente revestidos de mármore preto; colunas também pretas e da mais nobre proporção são postas em linhas ao longo das paredes pretas, sem tocá-las, e essas paredes são ornadas com uma profusão de caveiras de mármore branco, de proporções colossais, elegantemente esculpidas e com dois ossos em xis. “Esta é decerto uma invenção do ódio que não é capaz de matar”, pensou Fabrice, “e que diabo de ideia me mostrar isso!”

Uma escada de ferro em filigrana muito leve, igualmente disposta em torno de uma coluna, dá acesso ao segundo andar dessa prisão, e é nos quartos do segundo andar, com cerca de quinze pés de altura, que há um ano o general Fabio Conti dava provas de seu gênio. Primeiro, sob sua direção tinham solidamente gradeado as janelas desses quartos outrora ocupados pelos domésticos do príncipe, e que ficam a mais de trinta pés de altura das lajes de pedra que formam a plataforma da grande torre redonda. É por um corredor escuro, situado no centro da construção, que se chega àqueles quartos, que, todos, têm duas janelas; e nesse corredor muito estreito Fabrice reparou em três portas de ferro sucessivas, formadas por barras enormes e se elevando até a abóbada. Foram os planos, cortes e elevações de todas essas belas invenções que, durante dois anos, valeram ao general uma audiência semanal com seu chefe. Um conspirador posto num desses quartos não poderia se queixar à opinião pública de ser tratado de modo desumano, e no entanto não conseguiria ter comunicação com ninguém no mundo nem fazer um gesto sem que o ouvissem. O general mandara pôr em cada quarto pranchões grossos de carvalho formando como bancos de três pés de altura, e era essa sua invenção capital, essa que lhe dava direitos ao Ministério da Polícia. Sobre esses bancos ele mandara instalar uma cabana de tábuas, muito sonora, com dez pés de altura, e que só encostava na parede do lado das janelas. Nos três outros lados havia um corredorzinho de quatro pés de largura, entre o muro primitivo da prisão, feito de enormes pedras de cantaria, e as paredes de tábua da cabana. Essas paredes, formadas por quatro tábuas duplas de nogueira, carvalho e pinho, eram solidamente presas por cavilhas de ferro e uma profusão de pregos.

Foi num desses quartos construídos há um ano, e obra-prima do general Fabio Conti, a qual recebera o belo nome de *Obediência passiva*, que Fabrice foi introduzido. Correu para as janelas; a vista que se tinha dessas janelas gradeadas era sublime: só um cantinho do horizonte estava tapado, no lado nordeste, pelo teto em galeria do bonito palácio do

governador, que só tinha dois andares; o térreo estava ocupado pelas salas do Estado-maior; primeiro os olhos de Fabrice foram atraídos para uma das janelas do segundo andar, onde havia, dentro de lindas gaiolas, uma profusão de pássaros de toda espécie. Fabrice se divertiu em ouvi-los cantar e em vê-los saudar os últimos raios do crepúsculo da tarde, enquanto os carcereiros se agitavam em volta dele. Essa janela do viveiro não estava a mais de vinte e cinco pés de uma das suas, e ficava a cinco ou seis pés mais abaixo, de modo que seu olhar mergulhava sobre os pássaros.

Havia lua naquele dia, e quando Fabrice entrou na prisão ela se levantava, majestosa, no horizonte, à direita, acima da cadeia dos Alpes, na direção de Trevisa. Eram apenas oito horas da noite e, na outra ponta do horizonte, no poente, um brilhante crepúsculo vermelho alaranjado desenhava perfeitamente os contornos do monte Viso e de outros picos dos Alpes que sobem de Nice para o monte Cenis e Turim; sem pensar muito mais em sua desgraça, Fabrice ficou emocionado e radiante com esse espetáculo sublime. “É então nesse mundo encantador que vive Clélia Conti! Com sua alma pensativa e séria, ela deve desfrutar dessa vista mais que qualquer outro; aqui estamos como nas montanhas solitárias a cem léguas de Parma.” Foi só depois de ter passado mais de duas horas na janela, admirando esse horizonte que falava à sua alma, e volta e meia fixando também sua vista no lindo palácio do governador, que Fabrice exclamou de repente: “Mas isto é uma prisão? É isto o que eu tanto temi?”. Em vez de perceber a cada passo contrariedades e motivos de amargura, nosso herói se deixava enfeitiçar pelas doçuras da prisão.

De repente, sua atenção foi violentamente chamada à realidade por uma barulheira horrorosa: seu quarto de madeira, bem parecido com uma jaula, e sobretudo muito sonoro, era violentamente sacudido; latidos de cachorro e gritinhos agudos completavam o barulho mais estranho. “Mas o que é isso? Eu poderia escapar tão depressa?”, pensou Fabrice. Um instante depois, ria como jamais se riu numa prisão. Por ordem do general, tinham feito subir ao mesmo tempo que os carcereiros um cão inglês, ferocíssimo, encarregado da guarda dos presos importantes, e que devia passar a noite no espaço tão engenhosamente preservado ao redor de toda a jaula de Fabrice. O cão e o carcereiro deviam dormir no intervalo de três pés criado entre as lajes de pedra do chão primitivo do quarto e o piso de madeira sobre o qual o prisioneiro não podia dar um passo sem ser ouvido.

Ora, na chegada de Fabrice, o quarto da *obediência passiva* estava ocupado por uma centena de ratos enormes que fugiram em todas as direções. O cão, espécie de *spaniel* cruzado com um *fox* inglês, não era bonito, mas em compensação mostrou-se muito alerta. Tinham-no prendido no piso de lajes de pedra, embaixo do soalho do quarto de madeira; mas, quando sentiu passarem os ratos pertinho dele, fez esforços tão extraordinários que conseguiu soltar a cabeça da coleira; então, travou-se essa batalha admirável e cuja barulheira acordou Fabrice mergulhado em seus devaneios menos tristes. Os ratos que conseguiram se salvar da primeira dentada refugiaram-se no quarto de madeira, e o cão subiu atrás deles os seis degraus que levavam do piso de pedra à cabana de Fabrice. Aí começou um alvoroço bem mais terrível: a cabana era sacudida até em suas fundações. Fabrice gargalhava como um louco e chorava de tanto rir: o carcereiro Grillo, não rindo menos, fechara a porta; o cão, correndo atrás dos ratos, não se atrapalhava com nenhum móvel, pois o quarto estava absolutamente nu; só havia para atrapalhar os pulos do cão de

çaça uma estufa de ferro num canto. Quando o cão triunfou sobre todos os seus inimigos, Fabrice o chamou, acariciou-o, conseguiu agradá-lo: “Se algum dia ele me vir pulando por cima de um muro, não latirá”, pensou. Mas essa política sofisticada era uma pretensão de sua parte: no estado de espírito em que estava, ele encontrava sua felicidade ao brincar com esse cão. Por uma estranheza na qual não refletia, uma secreta alegria reinava no fundo de sua alma.

Depois que ficou bem ofegante por correr com o cão, Fabrice perguntou ao carcereiro:

— Como você se chama?

— Grillo, para servir Vossa Excelência em tudo o que é permitido pelo regulamento.

— Muito bem! Meu caro Grillo, um tal de Giletti quis me assassinar no meio de uma estrada real, eu me defendi e o matei; eu o mataria de novo se a situação se reapresentasse: mas ainda assim quero levar uma vida alegre, enquanto for seu hóspede. Solicite a autorização de seus chefes e vá pedir uma muda de roupa branca no palácio Sanseverina; além disso, compre-me muito *nébieu d’Asti*.

É um vinho espumante bastante bom que se fabrica no Piemonte, na pátria de Alfieri, e que é muito estimado, sobretudo pela classe de amadores à qual pertencem os carcereiros. Oito ou dez desses senhores estavam ocupados em transportar para o quarto de madeira de Fabrice alguns móveis antigos e muito dourados que eles tiravam do primeiro andar do apartamento do príncipe; todos recolheram religiosamente em seu pensamento as palavras em favor do vinho de Asti. Por mais que tivessem se esforçado, a instalação de Fabrice para essa primeira noite foi de dar pena; mas ele só ficou chocado com a ausência de uma garrafa de bom *nébieu*.

— Este aí tem jeito de ser um bom menino... — disseram os carcereiros ao saírem — e só há uma coisa a desejar, é que nossos senhores deixem que lhe passem dinheiro.

Quando ficou sozinho e um pouco refeito de toda essa barulheira, pensou Fabrice, olhando para aquele imenso horizonte de Trevisa ao monte Viso, a cadeia tão extensa dos Alpes, os picos cobertos de neve, as estrelas etc.: “Será possível que isto seja a prisão? E, para completar, uma primeira noite na prisão? Imagino que Clélia Conti goste desta solidão aérea; aqui estamos a mil léguas acima das mesquinhas e das maldades que lá embaixo nos ocupam. Se estes pássaros que estão ali debaixo de minha janela pertencem a ela, então vou vê-la... Vai enrubescer ao me ver?”. Foi discutindo essa grande questão que o prisioneiro conciliou o sono numa hora muito avançada da noite.

Já no dia seguinte, depois desta primeira noite passada na prisão, e durante a qual ele não se impacientou nem uma vez, Fabrice se viu reduzido a puxar conversa com Fox, o cão inglês; Grillo, o carcereiro, continuava a olhar para ele, cheio de amabilidades, mas uma nova ordem o tornara mudo, e ele não trazia nem roupa nem *nébieu*.

“Verei Clélia?”, pensou Fabrice ao acordar. “Mas esses pássaros são dela?” Os pássaros começavam a soltar gorjeios e a cantar, e naquela elevação era o único barulho que se ouvia nos ares. O vasto silêncio que reinava nessas alturas foi para Fabrice uma sensação cheia de novidade e prazer: ele escutava radiante os pequenos chilreios interrompidos e tão vivos com os quais seus vizinhos, os pássaros, saudavam o dia. “Se eles lhe pertencem, ela aparecerá um instante naquele quarto, ali debaixo de minha janela”, e enquanto examinava as imensas cadeias dos Alpes, diante de cujo primeiro patamar a cidadela de Parma parecia

se elevar como um bastião avançado, seus olhares voltavam a todo instante às magníficas gaiolas de limoeiro e mogno que, guarnecidas com arames dourados, se erguiam no meio do quarto muito claro que servia de viveiro. O que Fabrice só soube mais tarde é que aquele quarto era o único do segundo andar do palácio a ter sombra das onze às quatro horas; estava protegido pela Torre Farnese.

“Qual não será meu pesar”, pensou Fabrice, “se em vez dessa fisionomia celeste e pensativa que eu espero e que corará talvez um pouco se me avistar, eu vir chegar o rosto gordo de alguma camareira bem banal, encarregada por procuração de cuidar dos pássaros! Mas, se vir Clélia, será que se dignará a me ver? Palavra de honra, é preciso fazer indiscrições para ser notado; minha situação deve ter certos privilégios; aliás, estamos os dois sozinhos aqui e tão longe do mundo! Sou um prisioneiro, aparentemente o que o general Conti e os outros miseráveis dessa espécie chamam de seus subordinados... Mas ela tem tanta inteligência, ou melhor, tanta alma, como supõe o conde, que talvez, pelo que ele diz, despreze o ofício do pai; daí viria sua melancolia! Nobre causa de tristeza! Mas, afinal de contas, não sou propriamente um desconhecido para ela. Com que graça cheia de modéstia ontem me saudou! Lembro-me muito bem de que, durante nosso encontro perto de Como, eu lhe disse: ‘Um dia irei ver seus belos quadros de Parma, você se lembrará deste nome: Fabrice del Dongo?’. Terá ela esquecido? Naquele momento era tão jovem!”

“Mas, a propósito”, pensou Fabrice espantado, interrompendo de repente o curso de seus pensamentos, “esqueço de ficar furioso! Seria eu uma dessas grandes coragens de que a Antiguidade mostrou ao mundo alguns exemplos? Sou um herói sem me dar conta? Como! Eu, que tinha tanto medo da prisão, aqui estou, e não me lembro de ficar triste! É bem o caso de dizer que o medo foi cem vezes pior que o mal. Pois é! Preciso me chamar à razão para ficar aflito com essa prisão, que, como diz Blanès, pode durar tanto dez anos como dez meses? Seria o espanto diante de toda essa recente instalação que me distrai do pesar que eu deveria sentir? Talvez esse bom humor alheio à minha vontade e pouco sensato cesse de repente, talvez num instante caia na negra desgraça que eu deveria sentir.

“Seja como for, é muito espantoso estar na prisão e ter de se recriminar para ficar triste! Palavra de honra, volto à minha suposição, talvez eu tenha um grande caráter.”

Os devaneios de Fabrice foram interrompidos pelo carpinteiro da cidadela, que ia tomar medidas para um *quebra-luz* em suas janelas; era a primeira vez que essa prisão ia ser ocupada, e tinham se esquecido de completá-la nessa parte essencial.

“Com que então”, disse Fabrice consigo mesmo, “vou ser privado dessa vista sublime”, e procurava se entristecer com essa privação.

— Mas, ora! — exclamou de repente, falando com o carpinteiro. — Não mais verei esses lindos pássaros?

— Ah! Os pássaros da senhorita! Que ela adora! — disse o homem com ar de bondade. — Escondidos, eclipsados, desaparecidos, como todo o resto.

O carpinteiro, tanto como os carcereiros, estava terminantemente proibido de falar, mas esse homem tinha pena da juventude do prisioneiro: ele lhe informou que aqueles quebra-luzes enormes, dispostos sobre o parapeito das duas janelas, iriam se afastando da parede à medida que subiam, e só deviam deixar aos presos a vista do céu.

— Faz-se isso para a moral — ele lhe disse —, a fim de aumentar na alma dos

prisioneiros uma tristeza salutar e a vontade de se corrigir; o general — acrescentou o marceneiro — também inventou de lhes retirar as vidraças e mandar substituí-las nas janelas por papel oleoso.

Fabrice adorou o feitiço epigramático dessa conversa, muito raro na Itália.

— Eu bem que gostaria de um pássaro para me desentediado, gosto loucamente deles; compre um da camareira da senhorita Clélia Conti.

— O quê! O senhor a conhece, dizendo tão bem o nome dela? — exclamou o carpinteiro.

— Quem não ouviu falar dessa beleza tão famosa? Mas tive a honra de encontrá-la várias vezes na corte.

— A pobre senhorita se aborrece muito aqui — acrescentou o carpinteiro. — Ela passa a vida ali, com seus pássaros. Esta manhã acaba de mandar comprar belas laranjeiras que plantaram, por ordem dela, na porta da torre, debaixo de sua janela; se não fosse a cornija, o senhor poderia vê-las.

Havia nessa resposta palavras muito preciosas para Fabrice, que encontrou um jeito delicado de dar algum dinheiro ao carpinteiro.

— Cometo dois erros de uma só vez — disse-lhe o homem —, falo com Vossa Excelência e recebo dinheiro. Depois de amanhã, quando voltar para os quebra-luzes, terei um pássaro no meu bolso, e se eu não estiver sozinho fingirei deixá-lo voar; e mesmo, se puder, vou lhe trazer um livro de orações: o senhor deve sofrer bastante por não poder seguir os ofícios religiosos.

“Quer dizer”, pensou Fabrice assim que ficou sozinho, “que esses pássaros são dela, mas daqui a dois dias não mais os verei!” Diante desse pensamento, seus olhares assumiram um toque de infelicidade. Mas por fim, para sua infável alegria, depois de uma espera tão longa e de tantos olhares, por volta do meio-dia Clélia foi cuidar dos pássaros. Fabrice ficou imóvel e prendendo a respiração, estava em pé contra as enormes barras de sua janela, e bem pertinho. Reparou que ela não erguia os olhos para ele, mas seus gestos tinham um jeito constrangido, como os de alguém que se sente observado. Mesmo se quisesse, a pobre moça não poderia ter esquecido o sorriso tão fino que viu passar pelos lábios do preso, na véspera, quando os gendarmes o levavam do corpo da guarda.

Embora, segundo todas as aparências, ela vigiasse seus atos com o maior cuidado, no momento em que se aproximou da janela do viveiro enrubesceu muito sensivelmente. O primeiro pensamento de Fabrice, colado nas grades de ferro de sua janela, foi se entregar à criancice de bater um pouco com a mão naquelas grades, o que produziria um barulhinho; depois, só a ideia dessa falta de delicadeza o horrorizou. “Eu mereceria que durante oito dias ela mandasse a camareira cuidar dos pássaros.” Essa ideia delicada não lhe teria ocorrido em Nápoles nem em Novara.

Ele a seguia ardentemente com os olhos. “Com certeza”, pensava, “ela vai embora sem se dignar a dar uma olhada para esta pobre janela, e no entanto está bem defronte.” Mas, ao voltar do fundo do quarto que Fabrice, graças à posição mais alta, avistava muito bem, Clélia não pôde se impedir de olhar para ele de relance, enquanto caminhava, e foi o bastante para que Fabrice se julgasse autorizado a saudá-la. “Não estamos sós neste mundo aqui?”, pensou, para se dar coragem. Diante desse cumprimento, a moça ficou imóvel e baixou os olhos; depois Fabrice a viu erguê-los muito devagar; e, evidentemente,

fazendo um esforço consigo mesma, ela cumprimentou o prisioneiro com o gesto mais grave e mais *distante* mas não conseguiu impor silêncio a seus olhos; provavelmente, sem que ela soubesse, eles expressaram um instante da mais viva piedade. Fabrice observou que ela corava tanto que o colorido rosa se estendia depressa até o alto dos ombros, cujo xale de renda preta ela afastara, ao chegar ao viveiro, por causa do calor. O olhar involuntário com que Fabrice respondeu ao cumprimento redobrou a perturbação da moça. “Como essa pobre mulher ficaria feliz”, ela dizia a si mesma, pensando na duquesa, “se um só instante pudesse vê-lo como o vejo!”

Fabrice tivera alguma leve esperança de cumprimentá-la de novo quando ela se foi; mas, para evitar essa nova delicadeza, Clélia fez uma sábia retirada por escalas, de gaiola em gaiola, como se, terminando, tivesse de cuidar dos pássaros instalados mais perto da porta. Por fim, saiu; Fabrice permaneceu imóvel a olhar a porta pela qual ela acabava de desaparecer; era um outro homem.

Desde esse momento o único objeto de seus pensamentos foi saber como poderia conseguir continuar a vê-la, mesmo quando tivessem instalado esse horrível quebra-luz diante da janela que dava para o palácio do governador.

Na véspera, à noite, antes de se deitar, ele se impusera o longo aborrecimento de esconder a maior parte do ouro que tinha, em vários dos buracos de ratos que ornamentavam seu quarto de madeira. “Esta noite preciso esconder meu relógio. Não ouvi dizer que com paciência e uma mola de relógio desbeijada é possível cortar madeira, e até ferro? Portanto, poderei serrar este quebra-luz.” Esse trabalho de esconder o relógio, que durou duas grandes horas, não lhe pareceu longo; pensava nos diferentes meios de alcançar seu objetivo, e no que sabia fazer de trabalhos de marcenaria. “Se eu souber como fazer”, pensou, “poderei cortar um pedaço quadrado na tábua de carvalho que formará o quebra-luz, perto da parte que descansará sobre o parapeito da janela; tirarei e reporei esse pedaço, dependendo das circunstâncias; darei a Grillo tudo o que possuir a fim de que ele faça a bondade de não se aperceber dessa pequena artimanha.” Agora, toda a felicidade de Fabrice estava ligada à possibilidade de executar esse trabalho, e ele não pensava em outra coisa. “Se ao menos eu conseguir vê-la, ficarei feliz... Não”, pensou, “é preciso também que ela veja que a vejo.” Durante a noite toda ele ficou com a cabeça repleta de esquemas de marcenaria, e talvez só tenha pensado uma vez na corte de Parma, na cólera do príncipe etc. Confessaremos que tampouco pensou na dor em que a duquesa devia estar mergulhada. Esperava com impaciência o dia seguinte, mas o carpinteiro não reapareceu: aparentemente, passava por ser um liberal na prisão; tiveram o cuidado de enviar-lhe um outro, de cara carrancuda, e que jamais respondeu senão por um resmungo de mau augúrio a todas as coisas agradáveis que o espírito de Fabrice tentava lhe dizer. Algumas das numerosas tentativas da duquesa para iniciar uma correspondência com Fabrice tinham sido rastreadas pelos inúmeros agentes da marquesa Raversi, e, por ela, o general Fabio Conti era diariamente avisado, ficando assustado e ferido em seu amor-próprio. A cada oito horas, seis soldados da guarda se rendiam na grande sala das cem colunas, no térreo; ademais, o governador instalou um carcereiro de plantão em cada uma das três portas de ferro sucessivas do corredor, e o pobre Grillo, o único que viu o prisioneiro, foi condenado a só sair da Torre Farnese a cada oito dias, o que muito o contrariou. Fez sentir seu mau

humor a Fabrice, que teve a presença de espírito de só responder com estas palavras: “Muito *nébieu d’Asti*, meu amigo”, e lhe deu o dinheiro.

— Pois bem! Até isso, que nos consola de todos os males — exclamou Grillo, indignado, com uma voz apenas alta o suficiente para ser ouvido pelo prisioneiro —, proibem-nos de receber e eu deveria recusar, mas aceito-o; aliás, dinheiro perdido; não posso lhe dizer nada sobre coisa nenhuma. Sabe, é preciso que o senhor seja tremendamente culpado, toda a cidadela está de pernas para o ar por sua causa; as belas manobras da senhora duquesa já fizeram com que despedissem três de nós.

“O quebra-luz estará pronto antes do meio-dia?” Esta foi a grande pergunta que fez disparar o coração de Fabrice durante toda aquela longa manhã; contava todos os quartos de hora que batiam no relógio da cidadela. Afinal, quando bateram onze horas e quarenta e cinco minutos, o quebra-luz ainda não tinha chegado; Clélia reapareceu, cuidando de seus pássaros. A necessidade cruel fizera a audácia de Fabrice dar passos tão grandes, e o perigo de não mais vê-la lhe parecia tão acima de tudo, que ele ousou, olhando para Célia, fazer com o dedo o gesto de serrar o quebra-luz; é verdade que, logo depois de ter percebido esse gesto tão sedicioso na prisão, ela o cumprimentou depressa e se retirou.

“Ora essa!”, pensou Fabrice espantado, “seria tão insensata para ver uma familiaridade ridícula num gesto ditado pela mais imperiosa necessidade? Eu queria lhe pedir que sempre se dignasse, ao cuidar de seus pássaros, a olhar às vezes para a janela da prisão, mesmo quando a encontrar tapada por um enorme postigo de madeira; eu queria lhe indicar que farei tudo o que é humanamente possível para conseguir vê-la. Meu Deus! Será que amanhã ela não vem, por causa desse gesto indiscreto?” Esse temor, que perturbou o sono de Fabrice, se verificou cabalmente; no dia seguinte, Clélia ainda não aparecera até as três horas, quando terminaram de pôr diante das janelas de Fabrice os dois enormes quebra-luzes; tinham feito subir as diversas peças a partir da esplanada da torre grande, por meio de cordas e polias amarradas por fora das grades de ferro das janelas. É verdade que, escondida atrás de uma veneziana de seu apartamento, Clélia acompanhara com angústia todos os gestos dos operários; vira muito bem a inquietação mortal de Fabrice, mas ainda assim tivera a coragem de cumprir a promessa que fizera a si mesma.

Clélia era uma pequena sectária do liberalismo; em sua primeira juventude levara a sério todos as propostas do liberalismo que ouvia na companhia de seu pai, o qual só pensava em conseguir uma posição; partira então para ter desprezo, e quase horror, pelo caráter flexível do cortesão: daí sua antipatia pelo casamento. Desde a chegada de Fabrice, estava atormentada pelos remorsos. “Eis que meu indigno coração”, pensava, “se põe do lado das pessoas que querem trair meu pai! Ele ousa me fazer o gesto de serrar uma porta!... Mas”, logo pensou com a alma aflita, “toda a cidade fala de sua morte em breve! Amanhã talvez seja o dia fatal! Com os monstros que nos governam, qual coisa no mundo não é possível? Que doçura, que serenidade heroica nesses olhos que talvez se fechem! Deus! Quais não devem ser as angústias da duquesa! Por isso dizem que ela está em total desespero. Eu iria apunhalar o príncipe, como a heroica Charlotte Corday.”<sup>b</sup>

Durante todo esse terceiro dia de prisão, Fabrice ficou ultrajado de raiva, mas unicamente por não ter visto Clélia reaparecer. “Cólera por cólera, eu deveria ter lhe dito que a amava”, exclamou; pois tinha chegado a essa descoberta. “Não, não é por grandeza

de alma que não penso na prisão e que desminto a profecia de Blanès, tanta honra não me pertence. Sem que eu queira, penso nesse olhar de doce piedade que Clélia deixou cair sobre mim quando os gendarmes me levaram do corpo da guarda; esse olhar apagou toda a minha vida passada. Quem diria que eu encontraria olhos tão doce num tal lugar! E no momento em que meus olhares estavam conspurcados pela fisionomia de Barbone e pela do senhor general governador. O céu apareceu no meio dessas criaturas vis. E como fazer para não amar a beleza e procurar revê-la? Não, não é por grandeza de alma que sou indiferente a todas as pequenas vexações com que a prisão me esmaga.” A imaginação de Fabrice, percorrendo depressa todas as possibilidades, chegou àquela de ser posto em liberdade. “Com certeza a amizade da duquesa fará milagres por mim. Pois bem! Só lhe agradecerei pela liberdade da boca para fora; esses não são lugares para onde se volta! Uma vez fora da prisão, separados das sociedades como estamos, eu praticamente nunca mais tornaria a ver Clélia! E, na verdade, que mal me faz a prisão? Se Clélia se dignasse a não me acabrunhar com sua cólera, o que teria eu a pedir ao céu?”

Na noite desse dia em que ele não vira sua linda vizinha, teve uma grande ideia: com o crucifixo de ferro do terço que se distribui a todos os prisioneiros quando entram na prisão, ele começou, e com sucesso, a furar o quebra-luz. “Talvez seja uma imprudência”, pensou antes de começar. “Os carpinteiros não disseram na minha frente que, já amanhã, serão substituídos por operários pintores? Que dirão estes se encontrarem o quebra-luz da janela furado? Mas, se não cometo essa imprudência, amanhã não posso vê-la. Ora essa! Por culpa minha eu ficaria um dia sem vê-la! E, para completar, justo quando ela foi embora zangada!” A imprudência de Fabrice foi recompensada; depois de quinze horas de trabalho, viu Clélia, e, para cúmulo da felicidade, como ela não acreditava estar sendo vista por ele ficou muito tempo imóvel e com o olhar fixo naquele imenso quebra-luz; ele teve todo o tempo de ler em seus olhos os sinais da mais meiga piedade. No fim da visita, ela até mesmo negligenciava, era evidente, os cuidados a ter com seus pássaros, para ficar minutos inteiros imóvel a contemplar a janela. Sua alma estava profundamente perturbada; ela pensava na duquesa, cuja extrema desgraça lhe inspirara tanta pena, e no entanto começava a odiá-la. Não entendia nada da profunda melancolia que se apossava de seu temperamento, sentia um mau humor contra si mesma. Duas ou três vezes, durante essa visita, Fabrice teve a impaciência de tentar sacudir o quebra-luz; parecia-lhe que não seria feliz enquanto não conseguisse demonstrar a Clélia que a estava vendo. “No entanto”, pensava, “tímida e reservada como é, se soubesse que a avisto com tanta facilidade decerto se esquivaria de meus olhares.”

Ficou muito mais feliz no dia seguinte (com que misérias não faz o amor sua felicidade!): enquanto ela olhava tristemente para o imenso quebra-luz, ele conseguiu passar um pedacinho de arame pela abertura que a cruz de ferro fizera, e lhe enviou sinais que ela, evidentemente, compreendeu, pelo menos no sentido que queriam dizer: estou aqui e a vejo.

Fabrice ficou infeliz nos dias que se seguiram. Queria tirar do colossal quebra-luz um pedaço de tábua do tamanho de sua mão, que poderia reposicionar à vontade e que lhe permitiria ver e ser visto, isto é, falar, ao menos por sinais, sobre o que se passava em sua alma; mas ocorre que o barulho da serrinha muito imperfeita que ele fabricara com a mola

do relógio limada pelo crucifixo inquietava Grillo, que ia passar longas horas em seu quarto. É verdade que ele pareceu notar que a severidade de Clélia aparentava diminuir à medida que aumentavam as dificuldades materiais que se opunham a qualquer correspondência; Fabrice observou muito bem que ela já não fingia baixar os olhos ou olhar os pássaros quando ele tentava lhe dar um sinal de presença com a ajuda de seu mirrado pedaço de arame; tinha o prazer de ver que ela jamais deixava de aparecer no viveiro no momento exato em que batiam onze horas e quarenta e cinco minutos, e quase teve a presunção de se julgar a causa dessa pontualidade tão perfeita. Por quê? Essa ideia não parece razoável; mas o amor percebe matizes que são invisíveis ao olhar indiferente, e disso tira consequências infinitas. Por exemplo, desde que Clélia não via mais o prisioneiro, quase no mesmo instante que entrava no viveiro levantava os olhos para sua janela. Eram esses dias fúnebres em que ninguém em Parma duvidava de que Fabrice logo seria morto: só ele o ignorava; mas essa ideia pavorosa não mais deixava Clélia, e como ela teria se recriminado pelo grande interesse que tinha por Fabrice? Ele ia morrer! E pela causa da liberdade! Pois era um imenso absurdo levar à morte um Del Dongo por causa de um golpe de espada dado num histrião. É verdade que esse amável rapaz estava ligado a outra mulher! Clélia estava profundamente infeliz, e sem admitir propriamente o gênero de interesse que tinha pela sorte dele, pensava: “Sem dúvida, se o levarem à morte fugirei para um convento, e pelo resto da vida não reaparecerei nessa sociedade da corte, que me horroriza. Assassinos civilizados!”.

No oitavo dia da prisão de Fabrice, ela teve um grande motivo de vergonha: olhava fixamente, e absorta em seus tristes pensamentos, para o quebra-luz que escondia a janela do prisioneiro; naquele dia ele ainda não dera nenhum sinal de presença: de repente, um pedacinho do quebra-luz, maior que a mão, foi retirado por ele; ele a olhou com ar alegre, e ela viu que seus olhos a saudavam. Não conseguiu suportar essa prova inesperada, virou-se depressa para seus pássaros e começou a cuidar deles; mas tremia a ponto de derramar a água que lhes distribuía, e Fabrice podia ver perfeitamente sua emoção; ela não conseguiu suportar a situação e tomou a decisão de fugir, correndo.

Esse momento foi o mais belo da vida de Fabrice, sem nenhuma comparação. Com que ímpetos ele teria recusado a liberdade se a tivessem lhe oferecido nesse instante!

O dia seguinte foi o dia de grande desespero da duquesa. Todos na cidade davam como certo que Fabrice estava perdido; Clélia não teve a triste coragem de lhe mostrar uma dureza que não existia em seu coração, passou uma hora e meia no viveiro, olhou todos os seus sinais, e quase sempre lhe respondeu, ao menos pela expressão do mais vivo e mais sincero interesse; deixava-o uns instantes para esconder suas lágrimas. Sua vaidade de mulher sentia profundamente a imperfeição da linguagem empregada: se tivessem se falado, quantos modos diferentes não poderia ela ter usado para adivinhar qual era exatamente a natureza dos sentimentos que Fabrice nutria pela duquesa! Clélia já quase não podia se iludir, sentia ódio pela sra. Sanseverina.

Uma noite, Fabrice chegou a pensar um pouco seriamente em sua tia: ficou espantado, custou a reconhecer sua imagem, a lembrança que guardava dela estava totalmente mudada; para ele, a essa altura ela tinha cinquenta anos.

— Meu Deus! — exclamou com entusiasmo. — Como eu estava inspirado ao não lhe

dizer que a amava!

Estava prestes a já ser incapaz de entender como a achara tão bonita. Sob esse aspecto, a pequena Marietta lhe impressionava por não ter mudado tão sensivelmente; é que jamais ele imaginara que sua alma estivesse de alguma forma envolvida no amor por Marietta, ao passo que frequentemente acreditara que sua alma inteira pertencia à duquesa. Agora a duquesa d'A\*\*\* e Marietta lhe faziam o efeito de duas jovens pombinhas cujo total encanto estaria na fraqueza e na inocência, ao passo que a imagem sublime de Clélia Conti, apoderando-se de toda a sua alma, chegava às raias de lhe inspirar terror. Sentia muito bem que a eterna felicidade de sua vida ia forçá-lo a contar com a filha do governador, e que ela tinha poder para fazer dele o mais infeliz dos homens. Todo dia temia mortalmente ver terminar de repente, por um capricho inapelável da vontade dela, essa espécie de vida singular e deliciosa que encontrava perto de si; porém, ela já enchera de felicidade seus dois primeiros meses de prisão. Era a época em que, duas vezes por semana, o general Fabio Conti dizia ao príncipe:

— Posso dar minha palavra de honra a Vossa Alteza que o prisioneiro Del Dongo não fala com nenhuma alma viva, e passa a vida na prostração do mais profundo desespero, ou então dormindo.

Clélia ia duas ou três vezes por dia ver seus pássaros, às vezes por instantes: se Fabrice não a amasse tanto, teria visto muito bem que era amado; mas tinha dúvidas mortais a esse respeito. Clélia mandara levar um piano para o viveiro. Enquanto batia nas teclas, para que o som do instrumento pudesse dar conta de sua presença e ocupasse as sentinelas que passeavam sob suas janelas, ela respondia com os olhos às perguntas de Fabrice. Sobre um só assunto jamais dava resposta, e até mesmo, nas grandes ocasiões, fugia, e às vezes desaparecia um dia inteiro: era quando os sinais de Fabrice indicavam sentimentos cuja confissão era muito difícil não entender: nesse ponto, era inexorável.

Assim, embora estreitamente apertado dentro de uma gaiola bem pequena, Fabrice tinha uma vida muito ocupada; ela era empregada inteiramente em buscar a solução para esse problema tão importante: “Ela me ama?”. O resultado de milhares de observações incessantemente renovadas, mas também incessantemente postas em dúvida, era este: “Todos os seus gestos voluntários dizem não, mas o que é involuntário no movimento de seus olhos parece confessar que ela se toma de afeto por mim”.

Clélia esperava que jamais chegasse a uma confissão, e foi para afastar esse perigo que ela rejeitara, com uma cólera excessiva, um pedido que Fabrice lhe fizera muitas vezes. A miséria dos recursos empregados pelo pobre prisioneiro deveria, parece, inspirar a Clélia mais piedade. Ele queria se corresponder com ela por meio de caracteres que ele traçava em sua mão com um pedaço de carvão cuja preciosa descoberta dentro de sua estufa ele fizera; formaria as palavras letra por letra, sucessivamente. Essa invenção teria dobrado os meios de conversa, no sentido de que teria permitido dizer coisas precisas. Sua janela estava afastada da de Clélia cerca de vinte e cinco pés; teria sido muito arriscado falarem-se por cima da cabeça das sentinelas andando defronte do palácio do governador. Fabrice duvidava se era amado; se tivesse alguma experiência do amor, não lhe restariam dúvidas: mas jamais uma mulher ocupara seu coração; aliás, não tinha a menor desconfiança de um segredo que o teria deixado no desespero se o soubesse; muito se comentava do casamento

de Clélia Conti com o marquês Crescenzi, o homem mais rico da corte.

a Luigi Vanvitelli (1700-73), arquiteto italiano que construía no estilo neoclássico.

b Charlotte Corday (1768-93) apunhalou o extremista Jean-Paul Marat na banheira, pensando assim estancar a violência da época do Terror, durante a Revolução Francesa. Foi guilhotinada quatro dias depois do assassinato.

A ambição do general Fabio Conti, exaltada até a loucura pelos embaraços que vinham se interpor no meio da carreira do primeiro-ministro Mosca e que pareciam anunciar sua queda, o levava a fazer cenas violentas para a filha; ele repetia sem parar, e com raiva, que ela arruinaria sua carreira se não se resolvesse, enfim, a fazer uma escolha; aos vinte anos passados, era tempo de tomar uma decisão; esse estado de isolamento cruel em que sua obstinação insensata mergulhava o general devia por fim cessar etc.

Era, primeiro, para se furtar a esses ataques de mau humor de todos os instantes que Clélia se refugiava no viveiro; só se podia chegar lá por uma escadinha de madeira muito incômoda, e que para o governador era um obstáculo sério por causa de sua gota. Fazia algumas semanas, a alma de Clélia estava tão agitada, e ela mesma sabia tão pouco o que devia desejar, que, sem propriamente empenhar uma palavra diante do pai, quase se deixou comprometer. Num desses acessos de raiva, o general exclamara que seria capaz de mandá-la se entediar no mais triste convento de Parma, e que lá a deixaria se consumir até que se dignasse a fazer uma escolha.

— Você sabe que nossa família, embora muito antiga, não reúne seis mil libras de renda, ao passo que a fortuna do marquês Crescenzi se eleva a mais de cem mil escudos por ano. Todos na corte concordam em reconhecer nele o caráter mais suave; jamais deu motivo de queixa a ninguém; é um homem muito bonito, jovem, bem-visto pelo príncipe, e digo que é preciso ser louca varrida para rejeitar as homenagens dele. Se essa recusa fosse a primeira, eu talvez pudesse suportar; mas eis que você, como uma tolinha que é, recusa cinco ou seis partidos, e dos primeiros da corte. E o que seria de você, pergunto-lhe, se eu fosse posto a meio soldo? Que triunfo para meus inimigos se me vissem morando em algum segundo andar, eu, de quem tanto se falou para o ministério! Não, com os diabos! Eis que já faz tempo de sobra que minha bondade me leva a representar o papel de um Cassandro. Você vai me fornecer uma objeção válida contra esse pobre marquês Crescenzi, que tem a bondade de estar apaixonado por você, de querer desposá-la sem dote e lhe atribuir uma renda de trinta mil libras, com a qual pelo menos poderei ter moradia; você vai me falar com sensatez ou, com os diabos, o desposará daqui a dois meses!...

Uma só frase de todo esse discurso impressionara Clélia, era a ameaça de ser posta no convento, e por conseguinte ficar afastada da cidadela, e no momento em que a vida de Fabrice ainda parecia estar por um fio, pois não se passava mês sem que o boato de sua morte próxima corresse de novo na cidade e na corte. Fosse qual fosse o argumento que ela elaborasse, não conseguiu se decidir a correr esse risco: ficar separada de Fabrice, e no momento em que ela temia por sua vida! Era, a seu ver, o maior dos males, e, quando nada, era o mais imediato.

Não é que, mesmo não estando afastada de Fabrice, seu coração encontrasse a perspectiva da felicidade; acreditava que ele era amado pela duquesa, e sua alma estava dilacerada por um ciúme mortal. Pensava sem cessar nas vantagens daquela mulher geralmente tão admirada. A extrema reserva que ela se impunha com Fabrice, a linguagem dos sinais a que o confinara, de medo de cair em alguma indiscrição, tudo parecia se juntar para lhe tirar os meios de chegar a algum esclarecimento sobre sua maneira de ser com a duquesa. Por isso, todo dia ela sentia mais cruelmente a pavorosa infelicidade de ter uma rival no coração de Fabrice, e todo dia se atrevia menos a se expor ao perigo de lhe dar a ocasião de dizer toda a verdade sobre o que se passava naquele coração. Mas que encantamento ouvi-lo fazer a confissão de seus sentimentos verdadeiros! Que felicidade para Clélia poder esclarecer as suspeitas horrorosas que envenenavam sua vida!

Fabrice era leviano; em Nápoles, tinha a reputação de mudar muito facilmente de amante. Apesar de toda a reserva imposta ao papel de uma senhorita, desde que ela era cômica e frequentava a corte, Clélia, sem jamais interrogar, mas ouvindo com atenção, aprendera a conhecer a reputação criada pelos jovens que tinham sucessivamente desejado sua mão; pois bem! Fabrice, comparado a todos esses jovens, era aquele que demonstrava mais leviandade em suas relações amorosas. Estava na prisão, enfadava-se, cortejava a única mulher com quem pudesse falar; o que de mais simples? O que mesmo de *mais comum*? E era o que desolava Clélia. Ainda que, por uma revelação completa, ela tivesse sabido que Fabrice não amava mais a duquesa, que confiança podia ter em suas palavras? Ainda que acreditasse na sinceridade de seus discursos, que confiança podia ter na duração de seus sentimentos? E, por fim, para acabar de instalar o desespero em seu coração, Fabrice já não estava muito adiantado na carreira eclesiástica? Não estava em véspera de proferir os votos eternos? As maiores dignidades não o esperavam nesse gênero de vida? “Se me restasse o menor lampejo de bom senso”, pensava a pobre Clélia, “eu não deveria fugir? Não deveria suplicar a meu pai que me trancasse em algum convento muito longe? E, para cúmulo da desgraça, é justamente o temor de ser afastada da cidadela e trancada num convento que dirige todo o meu comportamento! É esse temor que me força a dissimular, que me obriga à hedionda e desonrosa mentira de fingir aceitar os cuidados e as atenções públicas do marquês Crescenzi.”

A personalidade de Clélia era profundamente sensata; em toda a sua vida ela não tivera de se recriminar uma só iniciativa inconsiderada, e seu comportamento nesse caso era o cúmulo da insensatez: por aí dá para julgar seus sofrimentos!... Eles eram mais cruéis ainda porque ela não alimentava a menor ilusão. Afeiçoava-se a um homem que era perdidamente amado pela mais bela mulher da corte, por uma mulher que, em tantos títulos, era superior a ela, Clélia! E esse mesmo homem, fosse ele livre, não era capaz de uma ligação séria, ao passo que ela, conforme o sentia muito bem, não teria jamais senão um amor na vida.

Portanto, era com o coração agitado pelos mais pavorosos remorsos que todo dia Clélia ia ao viveiro: levada para esse lugar como que sem querer, sua aflição mudava de objeto e se tornava menos cruel, os remorsos desapareciam por alguns instantes; ela espiava, com indizíveis batimentos de coração, os momentos em que Fabrice podia abrir a espécie de janelinha por ele perfurada no imenso quebra-luz que tapava sua janela. A presença do

carcereiro Grillo em seu quarto costumava impedi-lo de se entreter por sinais com sua amiga.

Uma noite, cerca de onze horas, Fabrice ouviu barulhos da mais estranha natureza na cidadela: durante a noite, deitando-se na janela e pondo a cabeça para fora da janelinha, conseguia distinguir os barulhos um pouco altos que se faziam na grande escada, chamada *dos Trezentos Degraus*, a qual levava do primeiro pátio no interior da torre redonda à esplanada de pedra sobre a qual se haviam construído o palácio do governador e a prisão Farnese, onde ele estava.

No meio de seu percurso, a cento e oitenta degraus de altura, essa escada passava do lado meridional de um vasto pátio para o lado norte; ali havia uma ponte de ferro muito leve e muito estreita, no meio do qual estava instalado um porteiro. Esse homem era rendido a cada seis horas, e era obrigado a se levantar e espremer o corpo para que se pudesse passar pela ponte que ele vigiava, e só por ela se podia chegar ao palácio do governador e à Torre Farnese. Bastava dar duas voltas numa mola, cuja chave o governador levava consigo, para atirar aquela ponte de ferro no pátio, de uma altura de mais de cem pés; tomada essa simples precaução, como não havia outra escada em toda a cidadela, e como diariamente, à meia-noite, um ordenança levava para a casa do governador, e para um gabinete no qual se entrava pelo quarto dele, as cordas de todos os poços, o governador ficava completamente inacessível dentro de seu palácio, e seria igualmente impossível a quem quer que fosse chegar à Torre Farnese. Era o que Fabrice tinha notado perfeitamente bem no dia de sua entrada na cidadela, e o que Grillo, que como todos os carcereiros gostava de se gabar de sua prisão, lhe explicara várias vezes: portanto, ele não tinha esperança de fugir. No entanto, lembrava-se de uma máxima do padre Blanès: “O amante sonha com mais frequência em chegar junto à sua amante do que o marido em vigiar sua mulher; o prisioneiro sonha com mais frequência em fugir do que o carcereiro em fechar a porta; portanto, quaisquer que sejam os obstáculos, o amante e o prisioneiro devem ser bem-sucedidos”.

Naquela noite Fabrice ouviu muito nitidamente uma quantidade de homens passarem pela ponte de ferro, a chamada ponte do Escravo, porque outrora um escravo dálmata conseguira fugir jogando no pátio o guarda da ponte.

“Estão vindo aqui para um sequestro, talvez me levem para me enforcar; mas pode haver desordem, trata-se de aproveitar.” Pegara suas armas, já retirava o ouro de alguns esconderijos, quando de repente parou.

“O homem é um animal engraçado”, exclamou, “há de se convir! Que diria um espectador invisível que visse meus preparativos? Será que acaso eu quero fugir? O que seria de mim no dia seguinte àquele em que eu estivesse de volta a Parma? Será que não faria tudo no mundo a fim de voltar para perto de Clélia? Se houver desordem, aproveitemos para eu me meter no palácio do governador; talvez possa falar com Clélia, talvez autorizado pela desordem ouse lhe beijar a mão. O general Conti, muito desconfiado por natureza, e não menos vaidoso, manda guardar seu palácio por cinco sentinelas, uma em cada ângulo da construção, e uma quinta na porta de entrada, mas felizmente a noite está um breu.” Pé ante pé, Fabrice foi verificar o que faziam o carcereiro Grillo e seu cão: o carcereiro estava dormindo profundamente dentro de uma pele de boi suspensa no teto

por quatro cordas, e cercada por uma rede grosseira; o cão Fox abriu os olhos, levantou-se, avançou devagarinho em direção a Fabrice para lhe fazer festa.

Nosso preso subiu de mansinho os seis degraus que levavam à sua cabana de madeira; o barulho ia ficando tão forte ao pé da Torre Farnese, e justamente diante de sua porta, que ele pensou que Grillo poderia acordar. Fabrice, carregando todas as suas armas, pronto para agir, julgava-se fadado nessa noite às grandes aventuras, quando de repente ouviu se iniciar a mais bela sinfonia do mundo: era uma serenata que faziam para o general ou para sua filha. Teve um alucinante acesso de riso: “E eu que já pensava em dar golpes de adaga! Como se uma serenata não fosse uma coisa infinitamente mais banal que um sequestro necessitando a presença de oitenta pessoas numa prisão, ou que uma revolta!”. A música era excelente e Fabrice a achou deliciosa, pois sua alma não tivera nenhuma distração há tantas semanas; ela o fez derramar muitas doces lágrimas; em sua exaltação, ele dirigia os discursos mais irresistíveis à bela Clélia. Mas no dia seguinte, ao meio-dia, encontrou-a numa melancolia tão sombria, ela estava tão pálida, dirigia-lhe olhares em que ele lia às vezes tanta raiva, que não se sentiu autorizado o bastante para lhe fazer uma pergunta sobre a serenata; temeu ser descortês.

Clélia tinha muita razão de estar triste, era uma serenata que lhe oferecia o marquês Crescenzi; uma iniciativa tão pública era, de certa forma, o anúncio oficial do casamento. Até o próprio dia da serenata, e até as nove horas da noite, Clélia fizera a mais bela resistência, mas tivera a fraqueza de ceder à ameaça de ser mandada imediatamente para o convento, que lhe fora feita pelo pai.

“Como! Eu não mais o veria!”, ela disse chorando. Foi em vão que sua razão acrescentou: “Eu não o veria mais, a essa criatura que de toda maneira fará minha infelicidade, eu não mais veria esse amante da duquesa, eu não mais veria esse homem leviano que teve dez amantes conhecidas em Nápoles, e traiu todas; eu não mais veria esse jovem ambicioso que, se sobreviver à sentença que pesa contra ele, vai se comprometer com as ordens sacras! Para mim seria um crime olhar de novo para Fabrice quando ele estiver fora desta cidadela, e sua inconstância natural me poupará essa tentação; pois, quem sou eu para ele? Um pretexto para passar menos enfadonhamente algumas horas de cada um de seus dias de prisão.” Em meio a todas essas injúrias, Clélia conseguiu se lembrar do sorriso com que ele olhava para os gendarmes que o cercavam quando saía da sala do registro dos presos para subir à Torre Farnese. Lágrimas inundaram seus olhos: “Querido amigo, o que eu não faria por você! Você me perderá, eu sei, este é meu destino; eu mesma me perco de modo atroz ao assistir esta noite a essa horrível serenata, mas amanhã, ao meio-dia, reverei seus olhos!”.

Foi justamente no dia seguinte a este em que Clélia fizera tão grandes sacrifícios ao jovem prisioneiro que amava com uma paixão tão profunda; foi no dia seguinte a este em que, vendo todos os seus defeitos, lhe sacrificara sua vida, que Fabrice ficou desesperado com a frieza dela. Se, mesmo empregando apenas a linguagem tão imperfeita dos sinais, ele tivesse feito a menor violência à alma de Clélia, provavelmente ela não poderia conter as lágrimas, e Fabrice teria obtido a confissão de tudo o que sentia por ele, mas faltava-lhe audácia, ele temia mortalmente ofender Clélia, ela podia puni-lo com uma pena por demais severa. Em outras palavras, Fabrice não tinha a menor experiência do gênero de emoção

causada por uma mulher a quem se ama; era uma sensação que ele jamais tivera, nem mesmo em sua mais fraca nuance. Precisou de oito dias, depois daquele da serenata, para se repor com Clélia nos termos habituais da boa amizade. A pobre moça se armava de severidade, morrendo de medo de se trair, e Fabrice achava que cada dia estava em menos bons termos com ela.

Certo dia, e fazia então quase três meses que Fabrice estava na prisão sem ter tido nenhuma comunicação com o exterior, e no entanto sem se achar infeliz, Grillo ficou de manhã até muito tarde em seu quarto; Fabrice não sabia como despachá-lo, estava desesperado; por fim, meio-dia e meia já tinha soado quando conseguiu abrir os dois alçapões de um pé de altura que ele fizera no quebra-luz fatal.

Clélia estava em pé, na janela do viveiro, os olhos fixos nos de Fabrice; suas feições contraídas expressavam o mais violento desespero. Mal viu Fabrice, fez sinal de que estava tudo perdido: precipitou-se para seu piano e, fingindo cantar um recitativo da ópera então na moda, disse-lhe, em frases interrompidas pelo desespero e pelo medo de ser compreendida pelas sentinelas que passeavam sob a janela:

— Deus do céu! Você ainda está vivo? Como é grande meu reconhecimento com o céu! Barbone, esse carcereiro cuja insolência você puniu no dia de sua entrada aqui, desaparecera, não estava mais na cidadela; anteontem ele voltou, e desde ontem tenho razão para acreditar que tenta envenená-lo. Ele veio rondar na cozinha particular do palácio, que fornece suas refeições. Não tenho certeza de nada, mas minha camareira acredita que essa figura atroz só vem à cozinha do palácio com o objetivo de lhe tirar a vida. Eu morria de aflição ao não vê-lo mais aparecer, julgava-o morto. Abstenha-se de qualquer alimento até nova ordem, vou fazer o impossível para lhe mandar um pouco de chocolate. Seja como for, esta noite às nove horas, se a bondade do céu quiser que você tenha um barbante ou puder fazer uma corda com sua roupa, deixe-a descer de sua janela até as laranjeiras, nela amarrarei uma corda que você puxará de novo e, com a ajuda dessa corda, vou lhe passar pão e chocolate.

Fabrice conservara como um tesouro o pedaço de carvão que encontrara na estufa de seu quarto: apressou-se em aproveitar a emoção de Clélia e escrever em sua mão uma série de letras cuja aparição sucessiva formava estas palavras:

— Amo-a, e a vida só me é preciosa porque a vejo; sobretudo, envie-me papel e um lápis.

Assim como Fabrice previra, o terror extremo que lia nas feições de Clélia impediu que a moça rompesse a conversa depois destas palavras tão ousadas, “amo-a”; ela se contentou em demonstrar muito mau humor. Fabrice teve a presença de espírito de acrescentar:

— Com a ventania que faz hoje, só ouço muito imperfeitamente os avisos que você se digna a me dar cantando, o som do piano abafa a voz. O que é, por exemplo, esse veneno de que me fala?

Diante dessa palavra, o terror da moça reapareceu por inteiro; ela se pôs, às pressas, a traçar grandes letras com tinta nas páginas de um livro que rasgou, e Fabrice se sentiu transportado de alegria ao ver enfim estabelecido, depois de três meses de atenções, esse meio de comunicação que tão inutilmente ele solicitara. Não fez a tolice de largar a pequena astúcia que lhe deratou bom resultado, pois aspirava a escrever letras e fingia a todo instante não entender muito bem as palavras cujas letras Clélia expunha

sucessivamente a seus olhos.

Ela foi obrigada a sair do viveiro e correr para junto de seu pai; temia acima de tudo que ele fosse lá procurá-la; seu temperamento desconfiado não ficaria contente com a grande vizinhança entre a janela daquele viveiro e o quebra-luz que tapava a do prisioneiro. A própria Clélia tivera a ideia, momentos antes, quando o não aparecimento de Fabrice a mergulhou numa aflição tão mortal, de jogar uma pedrinha enrolada num pedaço de papel na parte superior daquele quebra-luz; se o acaso quisesse que nesse instante o carcereiro encarregado da vigilância de Fabrice não estivesse em seu quarto, seria um meio certo de correspondência.

Nosso prisioneiro se apressou em construir uma espécie de corda com a roupa branca; e à noite, um pouco depois das nove horas, ouviu muito bem as pancadinhas batidas nas caixas das laranjeiras que ficavam debaixo de sua janela; deixou a corda escorregar e ela lhe trouxe uma cordinha muito comprida, com a ajuda da qual ele retirou, primeiro, uma provisão de chocolate, e depois, para sua inexprimível satisfação, um rolo de papel e um lápis. Foi em vão que, em seguida, ele lhe estendeu a corda, não recebeu mais nada; aparentemente, as sentinelas tinham se aproximado das laranjeiras. Mas ele estava inebriado de alegria. Apressou-se em escrever uma carta interminável a Clélia: mal a terminou, amarrou-a na corda e ela desceu. Por mais de três horas esperou, em vão, que a fossem pegar, e várias vezes a retirou para fazer modificações. “Se Clélia não vir minha carta esta noite”, pensou, “enquanto ela ainda está comovida com suas ideias de veneno, talvez amanhã de manhã rejeite para bem longe a ideia de receber uma carta.”

O fato é que Clélia não pudera deixar de ir à cidade com o pai: Fabrice praticamente pressentiu esse fato ao ouvir, por volta de meia-noite e meia, o carro do general entrar; conhecia o passo dos cavalos. Qual não foi sua alegria quando, alguns minutos depois de ouvir o general atravessar a esplanada e as sentinelas lhe apresentarem armas, sentiu se mexer a corda que ele não deixara de manter enrolada no braço! Um grande peso estava preso a essa corda, duas pancadinhas lhe deram o sinal para que a puxasse. Custou muito a fazer com que o peso que puxava passasse por uma cornija extremamente saliente que ficava debaixo de sua janela.

Esse objeto que tivera tanta dificuldade para fazer subir era uma garrafa cheia de água enrolada num xale. Foi deliciado que esse pobre rapaz, que vivia havia tanto tempo numa solidão tão completa, cobriu de beijos esse xale. Mas devemos renunciar a pintar sua emoção quando, enfim, depois de tantos dias de vã esperança, descobriu um pedacinho de papel que estava preso no xale por um alfinete.

“Beba só esta água, viva com o chocolate; amanhã farei tudo no mundo para lhe mandar pão, que marcarei de todos os lados com cruzinhas traçadas a tinta. É horrível dizer, mas é preciso que saiba, talvez Barbone esteja encarregado de envenená-lo. Como você não sentiu que o assunto de que trata a lápis em sua carta é feito para me desagradar? Por isso eu não lhe escreveria se não fosse o perigo extremo que o ameaça. Acabo de ver a duquesa, ela vai bem, assim como o conde, mas emagreceu muito; não me escreva mais sobre esse assunto: quer me aborrecer?”

Para Clélia foi um grande esforço de virtude escrever a penúltima linha desse bilhete. Na sociedade da corte todos asseveravam que a sra. Sanseverina tomava-se de grande amizade

pelo conde Baldi, esse homem tão bonito, o antigo amante da marquesa Raversi. O que havia de certo é que ele se desentendera da maneira mais escandalosa com essa marquesa que, durante seis anos, lhe servira de mãe e o instalara na sociedade. Clélia fora obrigada a recomençar o bilhete escrito às pressas, porque na primeira redação transparecia algo dos novos amores que a maldade pública atribuía à duquesa.

— Que baixeza, a minha! — exclamou. — Falar mal para Fabrice da mulher que ele ama!...

Na manhã seguinte, bem antes do sol, Grillo entrou no quarto de Fabrice, ali depositou um pacote pesado e desapareceu sem dizer uma palavra. Esse pacote continha um pão bem grande, guarnecido de todos os lados de cruzinhas traçadas a pena. Fabrice o cobriu de beijos: estava apaixonado. Ao lado do pão havia um rolo envolto num grande número de folhas de papel; continha seis mil francos em sequins; por último, Fabrice encontrou um breviário novo em folha: começava a conhecer aquela mão que traçara à margem estas palavras:

“O *veneno!* Tomar cuidado com a água, o vinho, tudo; viver de chocolate, tratar de fazer o cão comer o jantar no qual não se tocará; não se deve parecer desconfiado, o inimigo procuraria outro meio. Nada de desatenção, em nome de Deus! Nada de leviandade!”

Fabrice se apressou em limpar aqueles caracteres queridos que podiam comprometer Clélia, e em rasgar uma quantidade de folhas do breviário, com a ajuda das quais fez vários alfabetos; cada letra era cuidadosamente traçada com carvão amassado, diluído no vinho. Esses alfabetos ficaram secos quando, às onze e quarenta e cinco, Clélia apareceu a dois passos da janela do viveiro. “O grande negócio agora”, pensou Fabrice, “é que ela consinta em usá-las.” Mas, felizmente, acontece que ela tinha muitas coisas para dizer ao jovem prisioneiro acerca da tentativa de envenenamento: um cachorro das moças de serviço tinha morrido por ter comido um prato que era destinado a ele. Clélia, bem longe de fazer objeções contra o uso dos alfabetos, preparara um magnífico, com tinta. A conversa mantida por esse meio, bastante incômoda nos primeiros momentos, durou nada menos que uma hora e meia, isto é, todo o tempo que Clélia pôde ficar no viveiro. Duas ou três vezes, como Fabrice se permitisse coisas proibidas, ela não respondeu e foi por um instante prestar a seus pássaros os cuidados necessários.

Fabrice conseguira que, à noite, ao lhe enviar água, ela lhe fizesse chegar um dos alfabetos traçados a tinta, e que se enxergava muito melhor. Ele não deixou de escrever uma carta muito longa em que teve o cuidado de não pôr coisas carinhosas, pelo menos de modo que pudesse ofender. Esse método deu certo; sua carta foi aceita.

No dia seguinte, na conversa pelos alfabetos, Clélia não fez reprimendas; contou-lhe que o perigo do veneno diminuía; Barbone tinha sido atacado e quase morto pelas pessoas que cortejavam as moças da cozinha do palácio do governador, provavelmente não se atreveria a reaparecer na cozinha. Clélia confessou que, para ele, ousara roubar do pai o contraveneno; enviava-o: o essencial era rejeitar de imediato qualquer alimento que tivesse um sabor extraordinário.

Clélia fizera muitas perguntas a dom Cesare, sem conseguir descobrir de onde provinham os seiscentos sequins recebidos por Fabrice; seja como for, era um excelente sinal; a severidade diminuía.

Esse episódio do veneno avançou infinitamente os negócios de nosso prisioneiro; todavia, ele jamais conseguiu obter a menor confissão que se parecesse com amor, mas tinha a felicidade de viver da maneira mais íntima com Clélia. Todas as manhãs, e com frequência às noites, havia uma longa conversa com os alfabetos; toda noite, às nove horas, Clélia aceitava uma longa carta, e às vezes respondia com algumas palavras; ela lhe enviava o jornal e alguns livros; enfim, Grillo fora amaciado a ponto de levar a Fabrice pão e vinho, que lhe eram entregues diariamente pela camareira de Clélia. O carcereiro Grillo concluía que o governador não estava de acordo com as pessoas que haviam encarregado Barbone de envenenar o jovem *monsignore*, e estava muito feliz, bem como todos os seus companheiros, pois um provérbio se instaurara na prisão: basta olhar de frente *monsignore* Del Dongo para que ele lhe dê dinheiro.

Fabrice empalidecera muito; a falta absoluta de exercício prejudicava sua saúde; fora isso, nunca tinha sido tão feliz. O tom da conversa entre Clélia e ele era íntimo, e às vezes muito alegre. Os únicos momentos da vida de Clélia que não eram assediados por previsões funestas e remorsos eram os que ela passava a se entreter com ele. Um dia, teve a imprudência de lhe dizer:

— Admiro sua delicadeza; como sou a filha do governador, você jamais me fala do desejo de recuperar a liberdade!

— É que evito ter um desejo tão absurdo — respondeu Fabrice —, uma vez de volta a Parma, como eu iria revê-la? E a vida me seria, a partir de então, insuportável se não pudesse lhe dizer tudo o que penso... não, não exatamente tudo o que penso, pois você põe ordem nisso; mas, enfim, apesar de sua maldade, viver sem vê-la todos os dias seria para mim um suplício bem pior que esta prisão! Nunca na vida fui tão feliz!... Não é engraçado ver que a felicidade me esperava na prisão?

— Há muitas coisas a dizer sobre esse assunto — respondeu Clélia com um ar que se tornou de repente extremamente sério e quase sinistro.

— Como! — exclamou Fabrice, muito alarmado. — Estaria eu exposto a perder este lugar tão pequeno que consegui ganhar em seu coração, e que faz minha única alegria neste mundo?

— Sim — ela lhe disse —, tenho tudo para crer que lhe falta probidade comigo, embora você, aliás, tenha na sociedade fama de um perfeito cavalheiro; mas não quero tratar desse assunto hoje.

Essa abertura singular jogou grande embaraço na conversa deles, e várias vezes um e outro ficaram com lágrimas nos olhos.

O promotor geral Rassi continuava aspirando a mudar de nome; estava muito cansado daquele que conquistara, e queria se tornar barão Riva. O conde Mosca, de seu lado, trabalhava, com toda a habilidade de que era capaz, para fortalecer naquele juiz vendido a paixão da baronia, assim como procurava redobrar no príncipe a louca esperança de se tornar rei constitucional da Lombardia. Eram os únicos meios que ele conseguira inventar para retardar a morte de Fabrice.

O príncipe dizia a Rassi:

— Quinze dias de desespero e quinze dias de esperança, é com esse regime pacientemente seguido que conseguiremos vencer o caráter dessa mulher altaneira; é com essas

alternativas de doçura e de dureza que se chega a domar os cavalos mais ferozes. Aplique o cáustico com firmeza.

De fato, a cada quinze dias via-se renascer em Parma um novo boato anunciando a morte de Fabrice para breve. Esses comentários mergulhavam a infeliz duquesa no pior desespero. Fiel à resolução de não arrastar o conde em sua ruína, só o via duas vezes por mês; mas era punida por sua crueldade com esse pobre homem pelas contínuas alternativas de sombrio desespero em que ela passava a vida. Em vão o conde Mosca, superando o ciúme cruel que lhe inspiravam as assiduidades do conde Baldi, esse homem tão bonito, escrevia à duquesa quando não podia vê-la e lhe dava conhecimento de todas as informações que devia ao zelo do futuro barão Riva; a duquesa precisaria, para conseguir resistir aos rumores atrozes que corriam sem parar sobre Fabrice, passar sua vida com um homem de espírito e de coração tal como Mosca; a nulidade de Baldi, deixando-a com seus pensamentos, lhe dava uma existência pavorosa, e o conde era incapaz de conseguir lhe comunicar suas razões de ter esperança.

Por meio de diversos pretextos bastante engenhosos, esse ministro conseguira fazer o príncipe aceitar que se depositassem num castelo amigo, no centro mesmo da Lombardia, nos arredores de Saronó, os arquivos de todas as intrigas muito complicadas graças às quais Ranuce-Ernest IV nutria a esperança arquiouca de se tornar rei constitucional desse belo país.

Mais de vinte dessas peças muito comprometedoras eram de próprio punho do príncipe ou assinadas por ele e, caso a vida de Fabrice fosse seriamente ameaçada, o conde tinha o plano de anunciar a Sua Alteza que ia entregar essas peças a uma grande potência que, com uma palavra, poderia aniquilá-lo.

O conde Mosca se considerava seguro com o futuro barão Riva, só temia o veneno; a tentativa de Barbone o alarmara profundamente, e a tal ponto que ele tomara a decisão de arriscar uma iniciativa aparentemente louca. Uma manhã, passou na porta da cidadela e mandou chamar o general Fabio Conti, que desceu até o bastião acima da porta; lá, caminhando amicalmente com ele, não hesitou em lhe dizer, depois de um pequeno preâmbulo agridoce e conveniente:

— Se Fabrice morrer de modo suspeito, essa morte poderá me ser atribuída, passarei por um ciumento, isso seria para mim um ridículo abominável que estou decidido a não aceitar. Portanto, e para me lavar disso, se ele morrer de doença, eu o matarei com minhas mãos, general; conte com isso.

O general Fabio Conti deu uma resposta magnífica e falou de sua bravura, mas o olhar do conde ficou presente em seu pensamento.

Poucos dias depois, e como se ele tivesse combinado com o conde, o promotor Rassi se permitiu uma imprudência bem peculiar em tal homem. O desprezo público ligado a seu nome, proverbial entre a canalha, o deixava doente desde que Rassi tinha a esperança fundada de conseguir escapar a ele. Dirigiu ao general Fabio Conti uma cópia oficial da sentença que condenava Fabrice a doze anos de cidadela. De acordo com a lei, era o que deveria ter sido feito desde o dia seguinte da entrada de Fabrice na prisão; mas o que era inacreditável em Parma, nesse país de medidas secretas, é que a justiça se permitisse tal providência sem a ordem expressa do soberano. Com efeito, como nutrir a esperança de

redobrar a cada quinze dias o pavor da duquesa, e de domar esse caráter altaneiro, segundo as palavras do príncipe, posto que uma cópia oficial da sentença saíra da chancelaria de justiça? Na véspera do dia em que recebeu do promotor Rassi o envelope oficial, o general Fabio Conti soube que o funcionário Barbone tinha sido moído de pancada ao voltar um pouco tarde para a cidadela; disso concluiu que em certo lugar já não se tratava de se desfazer de Fabrice; e, por um rasgo de prudência que salvou Rassi das consequências imediatas de sua loucura, ele não disse nada ao príncipe, na primeira audiência que obteve, sobre a cópia oficial da sentença do prisioneiro a ele transmitida. Felizmente, o conde descobrira, para a tranquilidade da pobre duquesa, que a tentativa desastrada de Barbone não fora senão uma veleidade de vingança pessoal, e mandara dar a esse funcionário a advertência mencionada acima.

Fabrice ficou muito agradavelmente surpreso quando, depois de cento e trinta e cinco dias de prisão numa gaiola tão estreita, o bom capelão dom Cesare foi buscá-lo numa quinta-feira para fazê-lo passear no torreão da Torre Farnese: fazia apenas dez minutos que Fabrice estava lá quando, exposto ao ar fresco, passou mal. Dom Cesare pretextou esse acidente para lhe conseguir um passeio de meia hora todos os dias. Foi uma tolice; logo esses passeios frequentes restituíram a nosso herói forças das quais ele abusou.

Houve várias serenatas; o meticuloso governador só as suportava porque elas comprometiam o marquês Crescenzi com sua filha Clélia, cujo temperamento lhe dava medo: sentia vagamente que não havia nenhum ponto de contato entre ela e ele, e sempre temia da parte dela algum despropósito. Ela podia fugir do convento, e ele ficaria desarmado. Aliás, o general temia que toda aquela música, cujos sons podiam penetrar até nas masmorras mais profundas, reservadas aos mais negros liberais, contivesse sinais. Os músicos também lhe davam preocupação, por eles próprios; assim, mal terminada a serenata, eram trancados a chave nas grandes salas baixas do palácio do governador, as quais de dia serviam de salas para o Estado-maior, e só lhes abriam a porta no dia seguinte de manhã, já com o sol. Era o próprio governador que, postando-se na ponte do Escravo, os mandava revistar em sua presença e lhes restituía a liberdade, não sem lhes repetir várias vezes que mandaria enforcar no mesmo instante quem, entre eles, tivesse a audácia de se encarregar do menor recado para algum preso. E sabia-se que, com seu medo de desagradar, era homem de cumprir a palavra, de modo que o marquês Crescenzi era obrigado a pagar o triplo a seus músicos muito chocados com aquela noite a passar na prisão.

Tudo o que a duquesa conseguiu obter, a muito custo, da pusilanimidade de um desses homens foi que ele se encarregaria de uma carta para entregá-la ao governador. A carta era dirigida a Fabrice; deplorava a fatalidade que fazia com que, havendo mais de cinco meses que ele estava na prisão, seus amigos do exterior não tinham conseguido estabelecer com ele a menor comunicação.

Entrando na cidadela, o músico subornado se jogou aos pés do general Fabio Conti e lhe confessou que um padre, para ele desconhecido, insistira tanto para encarregá-lo de uma carta endereçada ao sr. Del Dongo que ele não ousara recusar; mas, fiel a seu dever, apressava-se em entregá-la nas mãos de Sua Excelência.

A Excelência ficou muito lisonjeada: conhecia os recursos de que dispunha a duquesa, e

tinha muito medo de ser mistificado. Em sua alegria, o general foi apresentar essa carta ao príncipe, que ficou radiante.

— Com que então a firmeza de minha administração conseguiu me vingar! Essa mulher altaneira sofre há cinco meses! Mas um dia desses vamos mandar preparar um cadafalso, e sua louca imaginação não deixará de crer que ele está destinado ao pequeno Del Dongo.

Uma noite, por volta de uma da manhã, Fabrice, deitado em sua janela, passara a cabeça pela portinhola feita no quebra-luz e contemplava as estrelas e o imenso horizonte que se descortina do alto da Torre Farnese. Seus olhos, vagando pelo campo do lado do baixo Pó e de Ferrara, repararam por acaso numa luz extremamente pequena, mas muito viva, que parecia partir do alto de uma torre. “Essa luz não deve ser vista da planície”, pensou Fabrice, “a grossura da torre a impede de ser vista de baixo; deve ser algum sinal para um ponto afastado.” De repente, observou que esse clarão aparecia e desaparecia a intervalos muito próximos. “É alguma moça que fala com seu amante no vilarejo vizinho.” Contou oito aparições sucessivas: “Isto é um I”, disse. De fato, o I é a nona letra do alfabeto. Em seguida, depois de uma pausa houve catorze aparições: “Isto é um N”, então, de novo depois de uma pausa, uma só aparição: “É um A; a palavra é ina”. Qual não foram sua alegria e seu espanto quando as aparições sucessivas, sempre separadas por pequenas pausas, completaram as seguinte palavras:

INA PENSA A TE.

Evidentemente: “Gina pensa em você”.

Ele respondeu no mesmo instante com aparições sucessivas de sua lâmpada pela portinhola que tinha aberto:

FABRICE TE AMA!

A correspondência continuou até o amanhecer. Essa noite era a centésima septuagésima terceira de seu cativeiro, e lhe disseram que fazia quatro meses que surgiam esses sinais todas as noites. Mas qualquer pessoa podia vê-los e compreendê-los; desde essa primeira noite começaram a estabelecer abreviações: três aparições que se seguiam muito depressa indicavam a duquesa; quatro, o príncipe; duas, o conde Mosca; duas aparições rápidas seguidas por duas lentas queriam dizer *evasão*. Combinaram seguir no futuro o antigo alfabeto *alla monaca*, que, a fim de não ser adivinhado por indiscretos, muda o número usual das letras e lhes dá outros arbitrários: A, por exemplo, tem o número 10; B, o número 3; isso quer dizer que três eclipses sucessivas da lâmpada significam B, dez eclipses sucessivas, o A etc.; um momento de escuridão faz a separação das palavras. Marcaram encontro para o dia seguinte à uma hora da madrugada, e no dia seguinte a duquesa foi àquela torre, que ficava a um quarto de légua da cidade. Seus olhos se encheram de lágrimas ao ver os sinais feitos por esse Fabrice que tantas vezes ela julgara estar morto. Ela mesma lhe disse com as aparições de lâmpada: *Eu te amo, coragem, saúde, muita*

*esperança! Exercite suas forças no seu quarto, vai precisar da força de seus braços.* “Não o vi”, pensava a duquesa, “desde o concerto de Fausta, quando ele apareceu na porta de meu salão vestido de caçador. Quem então me diria o destino que nos esperava!”

A duquesa mandou fazer sinais que anunciavam a Fabrice que em breve ele seria solto graças à bondade do príncipe (esses sinais podiam ser compreendidos); depois voltou a lhe dizer ternuras; não conseguia sair de perto dele! Só as insinuações de Ludovic, que, por ter sido útil a Fabrice, se tornara seu factótum, conseguiram incitá-la, quando o dia já ia raiar, a parar os sinais que podiam atrair os olhares de algum perverso. Esse anúncio, várias vezes repetido, de uma libertação próxima jogou Fabrice numa profunda tristeza: Clélia, tendo-a reparado no dia seguinte, cometeu a imprudência de lhe perguntar a razão.

— Vejo-me prestes a dar um grave motivo de descontentamento à duquesa.

— E o que ela pode exigir que você lhe recuse?

— Ela quer que eu saia daqui — respondeu — e é isso que jamais aceitarei.

Clélia não conseguiu responder, olhou para ele e caiu em prantos. Se ele pudesse ter lhe dirigido a palavra de perto, talvez então tivesse obtido a confissão de sentimentos cuja incerteza costumava afundá-lo em profundo desânimo; sentia vivamente que a vida, sem o amor de Clélia, só podia ser para ele uma série de tristezas amargas ou tédios insuportáveis. Talvez não valesse mais a pena viver para reencontrar essas felicidades que lhe pareciam interessantes antes de ter conhecido o amor, e, embora o suicídio ainda não esteja na moda na Itália, ele pensara nisso como um recurso, caso o destino o separasse de Clélia.

No dia seguinte recebeu dela uma carta muito longa.

“É preciso, meu amigo, que saiba a verdade: muitas vezes, desde que você está aqui, pensou-se em Parma que seu último dia tinha chegado. É verdade que você só está condenado a doze anos de fortaleza; mas, infelizmente, é impossível duvidar de que um ódio todo-poderoso se aferra em persegui-lo, e vinte vezes temi que o veneno viesse pôr fim a seus dias; portanto agarre todos os meios *possíveis* de sair daqui. Como vê, para você estou faltando aos deveres mais sagrados; julgue a iminência do perigo pelas coisas que me arrisco a lhe dizer e que ficam tão deslocadas em minha boca. Se é preciso de qualquer maneira, se não há nenhum outro meio de salvação, fuja. Cada instante que passa aqui nesta fortaleza pode pôr sua vida no maior perigo; pense que há uma facção na corte que jamais se deixou deter em seus desígnios pela perspectiva de um crime. E não vê todos os projetos dessa facção incessantemente desbaratados pela habilidade superior do conde Mosca? Ora, encontrou-se um meio seguro de exilá-lo de Parma, é o desespero da duquesa; e não estão absolutamente certos de provocar esse desespero pela morte de um jovem prisioneiro? Só essas palavras, que não têm resposta, devem fazê-lo julgar sua situação. Você diz que tem afeto por mim: pense primeiro em quantos obstáculos intransponíveis se opõem a que esse sentimento jamais adquira certa firmeza entre nós. Teremos nos encontrado em nossa juventude, teremos nos dado a mão misericordiosa num período infeliz; o destino me terá posto neste lugar severo para suavizar suas penas, mas eu não me faria críticas eternas se ilusões, que nada autoriza e nunca autorizará, o levassem a não agarrar todas as ocasiões possíveis de subtrair sua vida a tão terrível perigo. Perdi a paz da alma pela cruel imprudência que cometi trocando com você alguns sinais de boa amizade.

Se nossos jogos de criança, com os alfabetos, o levam a ilusões tão pouco fundadas e que podem lhe ser tão fatais, seria inútil que eu me lembrasse, para me justificar, da tentativa de Barbone. Eu mesma lhe terei jogado num perigo bem mais terrível, bem mais certo, acreditando preservá-lo a um perigo momentâneo; e minhas imprudências são para sempre imperdoáveis se fizeram nascer sentimentos que possam levá-lo a resistir aos conselhos da duquesa. Veja o que me obriga a lhe repetir; fuja, ordeno-lhe...”

Essa carta era muito longa; alguns trechos, tal como o *ordeno-lhe*, que acabamos de transcrever, deram momentos de deliciosa esperança ao amor de Fabrice. Parecia-lhe que o fundo dos sentimentos era muito terno, conquanto as expressões fossem notavelmente prudentes. Em outros instantes, ele pagava por sua completa ignorância nesse gênero de guerra; só via na carta de Clélia simples amizade, ou até mesmo uma humanidade muito banal.

Aliás, tudo o que ela lhe informava não o fez mudar um instante seu objetivo: supondo que os perigos que ela lhe descrevia fossem bem reais, seria demais comprar, em troca de alguns perigos momentâneos, a felicidade de vê-la todos os dias? Que vida levaria quando estivesse de novo refugiado em Bolonha ou em Florença? Pois, fugindo da cidadela, não podia nem sequer esperar ter a permissão de viver em Parma. E mesmo assim, quando o príncipe mudasse a ponto de pô-lo em liberdade (o que era tão pouco provável, já que ele, Fabrice, se tornara, para uma facção importante, um meio de derrubar o conde Mosca), que vida levaria em Parma, separado de Clélia por todo o ódio que dividia os dois partidos? Uma ou duas vezes por mês, talvez, o acaso os juntaria nos mesmos salões; mas, mesmo então, que espécie de conversa poderia ter com ela? Como reencontrar essa intimidade perfeita de que agora, todo dia, desfrutava por várias horas? O que seria a conversa de salão, comparada com o que faziam com os alfabetos? “E mesmo se eu tivesse de comprar essa vida de delícias e essa chance única de felicidade em troca de alguns pequenos perigos, onde estaria o mal? E, ainda assim, não seria uma felicidade encontrar uma pequena oportunidade de lhe dar uma prova de meu amor?”

Fabrice viu na carta de Clélia apenas a ocasião de lhe pedir uma entrevista: era o único e constante objeto de todos os seus desejos; só tinha falado com ela uma vez, e, mesmo assim, por um instante, no momento de sua entrada na prisão, e isso já fora mais de duzentos dias antes.

Havia um meio fácil de encontrar Clélia: o excelente padre dom Cesare concedia a Fabrice meia hora de passeio no terraço da Torre Farnese toda quinta-feira, durante o dia; mas nos outros dias da semana esse passeio, que podia ser notado por todos os moradores de Parma e dos arredores, e comprometer gravemente o governador, só ocorria ao anoitecer. Para subir ao terraço da Torre Farnese não havia outra escada senão a do pequeno campanário, que dependia da capela tão lugubramente decorada de mármore preto e branco, e da qual o leitor talvez se lembre. Grillo levava Fabrice a essa capela, abria-lhe a escadinha do campanário: seu dever seria acompanhá-lo, mas, como as noites começavam a ser frescas, o carcereiro o deixava subir sozinho, trancava-o a chave nesse campanário que se comunicava com o terraço e voltava para se aquecer em seu quarto. Pois bem! Clélia não poderia estar, escoltada por sua camareira, na capela de mármore preto numa noite dessas?

Toda a longa carta pela qual Fabrice respondia à de Clélia era calculada para obter essa entrevista. Aliás, ele lhe confidenciava com perfeita sinceridade, e como se se tratasse de outra pessoa, todas as razões que o decidiam a não sair da cidadela.

“Eu me exporia diariamente à perspectiva de mil mortes para ter a felicidade de lhe falar com a ajuda de nossos alfabetos, que agora não nos detêm um só instante, e você quer que eu faça a bobagem de me exilar em Parma, ou talvez em Bolonha, ou mesmo em Florença! Quer que eu vá mais longe para me afastar de você! Saiba que tal esforço me é impossível; em vão eu lhe daria minha palavra, pois não conseguiria cumpri-la.”

O resultado desse pedido de encontro foi uma ausência de Clélia, que durou nada menos que cinco dias; durante cinco dias ela só foi ao viveiro nos instantes em que sabia que Fabrice não podia recorrer à pequena abertura feita no quebra-luz. Fabrice ficou desesperado; concluiu dessa ausência que, apesar de certos olhares que o fizeram conceber loucas esperanças, jamais ele inspirara a Clélia outros sentimentos além dos de uma simples amizade. “Nesse caso”, pensou, “que me importa a vida? Que o príncipe me faça perdê-la, será bem-vindo; razão a mais para não sair da fortaleza.” E era com profundo sentimento de desgosto que, toda noite, respondia aos sinais da pequena lâmpada. A duquesa pensou que ele estava completamente louco quando leu, no boletim dos sinais que Ludovic lhe levava todas as manhãs, estas palavras estranhas: *não quero me salvar; quero morrer aqui!*

Durante esses cinco dias, tão cruéis para Fabrice, Clélia foi mais infeliz que ele; ela tivera esta ideia, tão pungente para uma alma generosa: “Meu dever é fugir para um convento, longe da cidadela; quando Fabrice souber que não estou mais aqui, e mandarei Grillo e todos os carcereiros lhe dizerem isso, há de se decidir por uma tentativa de evasão”. Mas ir para o convento era renunciar a nunca mais ver Fabrice; e renunciar a vê-lo quando ele dava uma prova tão evidente de que os sentimentos que outrora podiam tê-lo ligado à duquesa agora não existiam mais! Que prova de amor mais comovente um rapaz podia dar? Depois de sete longos meses de prisão, que tinham alterado gravemente sua saúde, ele se recusava a recuperar a liberdade. Uma criatura leviana, tal como os discursos dos cortesãos haviam pintado Fabrice aos olhos de Clélia, teria sacrificado vinte amantes para sair da cidadela um dia mais cedo; e o que não teria feito para sair de uma prisão onde diariamente o veneno podia pôr fim em sua vida?

Clélia não tinha coragem; cometeu o erro notável de não buscar refúgio num convento, o que ao mesmo tempo lhe teria sido uma maneira muito natural de romper com o marquês Crescenzi. Uma vez cometido o erro, como resistir a esse rapaz tão amável, tão natural, tão carinhoso, que expunha sua vida a perigos pavorosos para obter a simples felicidade de avistá-la de uma janela a outra? Depois de cinco dias de combates medonhos, entremeados de momentos de desprezo por si mesma, Clélia se decidiu a responder à carta em que Fabrice solicitava a felicidade de lhe falar na capela de mármore preto. Na verdade, ela recusou, e em termos bastante duros; mas a partir desse momento perdeu toda e qualquer tranquilidade, a todo instante sua imaginação lhe pintava Fabrice sucumbindo aos malefícios do veneno; ia seis ou oito vezes por dia ao viveiro, sentia a apaixonada necessidade de se certificar, por seus próprios olhos, de que Fabrice estava vivo.

“Se ele ainda está na fortaleza”, pensava, “se está exposto a todos os horrores que a

facção Raversi talvez trame contra ele com o objetivo de expulsar o conde Mosca, é unicamente porque tive a covardia de não fugir para o convento! Que pretexto ele teria para ficar aqui se tivesse a certeza de que eu me afastara para sempre?”

Essa moça tão tímida e ao mesmo tempo tão altiva resolveu correr o risco de uma recusa por parte do carcereiro Grillo; bem mais, expôs-se a todos os comentários que esse homem poderia se permitir sobre a singularidade de seu comportamento. Baixou a esse grau de humilhação de mandar chamá-lo e de lhe dizer com voz trêmula, e que traía todo o seu segredo, que dali a poucos dias Fabrice ia obter a liberdade, que a duquesa Sanseverina, nutrindo essa esperança, se dedicava às providências mais ativas, que com frequência era necessário ter no mesmo instante a resposta do prisioneiro a certas propostas que lhe eram feitas, e que ela o encarregava, a ele, Grillo, de permitir que Fabrice fizesse uma abertura no quebra-luz que tapava sua janela a fim de que ela pudesse lhe comunicar por sinais os avisos que recebia várias vezes por dia da sra. Sanseverina. Grillo sorriu e lhe assegurou seu respeito e sua obediência. Clélia lhe agradeceu infinitamente por ele não ter acrescentado nenhuma palavra; era óbvio que ele sabia perfeitamente tudo o que acontecia havia muitos meses.

Nem bem o carcereiro saiu de seus aposentos, Clélia fez o sinal que estava combinado para chamar Fabrice nas grandes ocasiões; confessou-lhe tudo o que acabara de fazer.

— Você quer morrer envenenado — acrescentou —; espero ter um dia desses a coragem de abandonar meu pai e fugir para um convento distante; eis a obrigação que terei com você; então, espero que não mais resista aos planos que podem lhe ser propostos para tirá-lo daqui; enquanto você aqui estiver, passarei por momentos pavorosos e alucinantes; em toda a minha vida jamais contribuí para a desgraça de alguém, e parece-me que sou a causa de sua morte. Uma ideia dessas que eu tivesse a respeito de um perfeito desconhecido me jogaria no desespero, julgue o que estou sentindo quando acabo de me dar conta de que um amigo, cuja insensatez me dá graves motivos de queixas, mas que, afinal, eu vejo todos os dias, há tanto tempo, está às voltas neste exato momento com as dores da morte. Às vezes sinto necessidade de saber, por você mesmo, que está vivo.

“É para me furtar dessa dor horrorosa que acabo de me rebaixar a ponto de pedir um favor a um subalterno que podia me recusá-lo, e que ainda pode me trair. De resto, eu talvez ficasse feliz se ele fosse me denunciar a meu pai, pois no mesmo instante eu partiria para o convento, não seria mais a cúmplice um tanto involuntária de suas cruéis loucuras. Mas, creia-me, isso não pode durar muito, você obedecerá às ordens da duquesa. Está satisfeito, amigo cruel? Sou eu que lhe peço que traia meu pai! Chame Grillo, e dê-lhe um presente.”

Fabrice estava tão apaixonado, a mais simples expressão da vontade de Clélia o mergulhava em tal receio, que mesmo essa estranha comunicação não significou para ele a certeza de ser amado. Chamou Grillo, a quem pagou generosamente pelas condescendências passadas, e, quanto ao futuro, disse-lhe que por cada dia que lhe permitisse usar a abertura feita no quebra-luz ele receberia um sequim. Grillo ficou encantado com essas condições.

— Vou lhe falar de peito aberto, monsenhor: quer se submeter a comer seu jantar frio todos os dias? Há um meio muito simples de evitar o veneno. Mas lhe peço a mais

profunda discricção, um carcereiro deve ver tudo e nada adivinhar etc. Em vez de um cão, terei vários, e o senhor mesmo os fará provar todos os pratos que planejar comer; quanto ao vinho, vou lhe dar o meu, e o senhor só tocará nas garrafas em que eu tiver bebido. Mas se Vossa Excelência quer me perder para sempre, basta confidenciar esses detalhes à senhorita Clélia; as mulheres são sempre mulheres; se amanhã ela se zangar com o senhor, depois de amanhã, para se vingar, contará toda essa invenção ao pai, cuja mais doce alegria seria ter motivos para mandar enforcar um carcereiro. Depois de Barbone, é talvez a criatura mais perversa da fortaleza, e é isso que faz o verdadeiro perigo de sua situação; ele sabe manejar o veneno, tenha certeza, e não me perdoaria essa ideia de ter três ou quatro cachorrinhos.

Houve mais uma serenata. Agora Grillo respondia a todas as perguntas de Fabrice; todavia, prometera a si mesmo ser prudente e não trair a srta. Clélia, que a seu ver, embora estando prestes a se casar com o marquês Crescenzi, o homem mais rico dos estados de Parma, nem por isso deixava de namorar, tanto quanto os muros da prisão permitiam, o amável *monsignore* Del Dongo. Estava respondendo às últimas perguntas deste sobre a serenata quando teve a tolice de acrescentar:

— Dizem que ele a desposará em breve.

Pode-se imaginar o efeito em Fabrice dessa simples palavra. À noite, só respondeu aos sinais da lâmpada para anunciar que estava doente. Na manhã seguinte, já às dez horas, tendo Clélia aparecido no viveiro, ele lhe perguntou, em tom de cerimoniosa cortesia, algo novo entre eles, por que não lhe dissera muito simplesmente que amava o marquês Crescenzi e que estava prestes a se casar com ele.

— É que nada disso é verdade — respondeu Clélia com impaciência.

Também é verdade que o resto de sua resposta foi menos clara: Fabrice observou isso e aproveitou a ocasião para renovar o pedido de um encontro. Clélia, que via sua boa-fé questionada, lhe concedeu isso quase de imediato, embora observando que se desonrava para sempre aos olhos de Grillo. À noite, quando escureceu, ela surgiu, acompanhada pela camareira, na capela de mármore preto; parou no meio, ao lado da lâmpada de vigília; a camareira e Grillo recuaram trinta passos, ficando perto da porta. Clélia, toda trêmula, preparara um belo discurso: seu objetivo era não fazer nenhuma confissão comprometedora. Mas a lógica da paixão é premente; o profundo interesse que demonstra em saber a verdade não lhe permite obedecer a inúteis comedimentos, ao mesmo tempo que a extrema dedicação que sente pelo objeto amado lhe retira o temor de ofender. Fabrice ficou, primeiro, maravilhado com a beleza de Clélia; fazia oito meses que só tinha visto de tão perto os carcereiros. Mas o nome do marquês Crescenzi lhe devolveu toda a sua fúria, que aumentou quando viu claramente que Clélia só respondia com prudentes reservas; a própria Clélia compreendeu que aumentava as suspeitas em vez de dissipá-las. Essa sensação foi muito cruel para ela.

— Estará você muito feliz — ela lhe disse com uma espécie de raiva e lágrimas nos olhos — por ter me feito passar por cima de tudo o que devo a mim mesma? Até o dia 3 de agosto do ano passado eu só sentira desinteresse pelos homens que haviam tentado me agradar. Tinha um desprezo sem limites e provavelmente exagerado pelo caráter dos cortesãos, tudo o que era felicidade nessa corte me desagradava. Inversamente, encontrei

qualidades singulares num prisioneiro que no dia 3 de agosto foi trazido para esta cidadela. Senti, primeiro sem me dar conta, todos os tormentos do ciúme. As graças de uma mulher encantadora, e de mim bem conhecida, eram punhaladas em meu coração, porque eu acreditava, e ainda acredito um pouco, que esse prisioneiro lhe era afeiçoado. Logo as perseguições do marquês Crescenzi, que pedira minha mão, redobraram; ele é muito rico e nós não temos nenhuma fortuna; recusei-as com grande liberdade de espírito, quando meu pai pronunciou a palavra fatal: convento; compreendi que se eu deixasse a cidadela não poderia mais velar sobre a vida do prisioneiro cujo destino me interessava. A obra-prima de minhas precauções é que até esse momento ele não duvidava de nenhuma maneira dos pavorosos perigos que ameaçavam sua vida. Eu tinha prometido a mim mesma jamais trair meu pai nem meu segredo; mas a mulher, de uma atividade admirável, de um espírito superior, de uma vontade terrível, que protege esse prisioneiro, lhe ofereceu, pelo que suponho, meios de evasão. Ele os recusou e quis me convencer de que se negava a deixar a cidadela para não se afastar de mim. Então cometi um grande erro, lutei durante cinco dias, deveria ter me refugiado no mesmo instante no convento e abandonado a fortaleza: essa providência me ofereceria um meio muito simples de romper com o marquês Crescenzi. Não tive coragem de abandonar a fortaleza e sou uma moça perdida: liguei-me a um homem leviano, sei qual foi sua conduta em Nápoles; e que razão eu teria de crer que ele terá mudado de caráter? Trancado numa prisão severa, cortejou a única mulher que pôde ver, ela foi uma distração para seu tédio. Como não podia falar com ela a não ser mediante certas dificuldades, essa diversão tomou a falsa aparência de uma paixão. Esse prisioneiro, tendo conquistado um nome na sociedade por sua coragem, imagina provar que seu amor é mais que um simples gosto passageiro, expondo-se a perigos bastante grandes para continuar a ver a pessoa que ele acredita amar. Mas, assim que estiver numa cidade grande, novamente cercado pelas seduções da sociedade, será de novo o que sempre foi, um homem do mundo dado às dissipações, ao galanteio, e sua pobre companheira de prisão terminará seus dias num convento, esquecida dessa criatura leviana e com o arrependimento mortal de ter lhe feito uma confissão.”

Esse discurso histórico, do qual só damos os principais trechos, foi, como há de se imaginar, vinte vezes interrompido por Fabrice. Ele estava perdidamente apaixonado, e por isso estava perfeitamente convencido de que jamais amara antes de ter visto Clélia, e de que o destino de sua vida era viver só para ela.

O leitor com certeza imagina as belas coisas que ele dizia, quando a camareira avisou à patroa que acabava de dar onze e meia, e que o general podia voltar a qualquer momento; a separação foi cruel.

— Talvez eu o esteja vendo pela última vez — disse Clélia ao prisioneiro —; uma medida de evidente interesse da cabala Raversi pode lhe fornecer um meio cruel de provar que você não é inconstante.

Clélia deixou Fabrice, sufocada em seus soluços, e morrendo de vergonha de não poder escondê-los completamente da camareira, nem sobretudo do carcereiro Grillo. Uma segunda conversa só seria possível quando o general anunciasse que deveria passar a noite em sociedade; mas como, desde a prisão de Fabrice e o interesse que ela inspirava à curiosidade do cortesão, ele achara prudente obsequiar-se com um acesso de gota quase

contínuo, suas idas à cidade, submetidas às exigências de uma sábia política, só eram decididas no momento de subir na carruagem.

Desde essa noite na capela de mármore, a vida de Fabrice foi uma série de ímpetos de alegria. Grandes obstáculos, é verdade, pareciam ainda se opor à sua felicidade; mas, enfim, ele tinha essa alegria suprema e pouco esperada de ser amado pelo ser divino que ocupava todos os seus pensamentos. No terceiro dia depois desse encontro, os sinais da lâmpada acabaram muito cedo, mais ou menos por volta de meia-noite; no instante em que terminaram, Fabrice quase teve a cabeça quebrada por uma grande bola de chumbo que, lançada na parte superior do quebra-luz de sua janela, foi quebrar as vidraças de papel e caiu dentro de seu quarto.

Essa imensa bola não era tão pesada como parecia anunciar seu volume; Fabrice conseguiu abri-la facilmente e dentro encontrou uma carta da duquesa. Por intermédio do arcebispo, elogiado meticulosamente, ela subornara um soldado da guarnição da cidadela. Esse homem, engenhoso fundibuliário, enganava os soldados de sentinela postos nos cantos e na porta do palácio do governador ou se arranjava com eles.

“Você tem de fugir por meio de cordas; tremo em lhe dar esse conselho estranho, hesito há mais de dois meses em lhe dizer essas palavras; mas o futuro oficial se escurece a cada dia e pode-se esperar pelo pior. A propósito, recomece imediatamente os sinais com sua lâmpada, para nos provar que recebeu esta carta perigosa: marque P, B, G *alla monaca*, isto é, quatro, doze e dois; só respirarei depois de ter visto esse sinal; estou na torre, responderemos por N e O, sete e cinco. Recebida a resposta, não faça mais nenhum sinal, e ocupe-se unicamente em compreender minha carta.”

Fabrice tratou de obedecer e fez os sinais combinados, que foram seguidos pelas respostas anunciadas, e depois continuou a leitura da carta.

“Pode-se esperar pelo pior; foi o que me declararam os três homens em quem tenho mais confiança, depois que os fiz jurar sobre o Evangelho que me diriam a verdade, por mais cruel que pudesse ser para mim. O primeiro desses homens ameaçou o cirurgião denunciador de Ferrara de cair em cima dele com uma faca aberta na mão; o segundo disse a você, em seu regresso de Belgirate, que, definitivamente, teria sido mais prudente dar um tiro de pistola no criado de quarto que chegava cantando pelo bosque, trazendo pela rédea um belo cavalo um pouco magro; você não conhece o terceiro, é um ladrão de beira de estrada, amigo meu, homem de ação se necessário, e que tem tanta coragem como você; foi sobretudo por isso que pedi a ele que me dissesse o que você devia fazer. Os três me disseram, sem que nenhum deles soubesse que eu tinha consultado os dois outros, que é melhor se expor a quebrar o pescoço do que passar mais onze anos e quatro meses no temor contínuo de um veneno muito provável. Durante um mês você precisa se exercitar em seu quarto a subir e descer por meio de uma corda com nós. Em seguida, num dia de festa em que a guarnição da cidadela tiver recebido uma gratificação de vinho, você tentará a grande façanha. Terá três cordas de seda e cânhamo, da grossura de uma pena de cisne, a primeira de oitenta pés para descer os trinta e cinco pés que há de sua janela ao bosque de laranjeiras, a segunda de trezentos pés, e aí está a dificuldade por causa do peso, para descer os cento e oitenta pés de altura do muro da torre grande; uma terceira, de trinta pés, lhe servirá para descer a muralha. Passo minha vida a estudar o grande muro a oriente, isto

é, do lado de Ferrara: uma rachadura causada por um terremoto foi tapada por meio de um contraforte que forma um *plano inclinado*. Meu ladrão de beira de estrada me garante que desceria por esse lado sem muita dificuldade e sofrendo somente uns arranhões, deixando-se escorregar sobre o plano inclinado formado por esse contraforte. O espaço vertical tem apenas vinte e oito pés até a parte baixa; esse lado é o menos vigiado.

“No entanto, pensando bem, meu ladrão, que três vezes fugiu de uma prisão, e de quem você gostaria caso o conhecesse, embora ele execre as pessoas de sua casta; meu ladrão de beira de estrada, digo, ágil e lesto como você, acha que preferiria descer pelo lado do poente, exatamente em frente do palacete ocupado outrora por Fausta, que você tão bem conhece. O que o decidiria por esse lado é que a muralha, embora muito pouco inclinada, está quase constantemente coberta de mato; há galhos de madeira, do tamanho do dedo mindinho, que podem muito bem arranhar, se não se prestar atenção, mas que também são excelentes para a pessoa se segurar. Ainda esta manhã eu olhava para esse lado do poente com uma excelente luneta; o lugar a escolher é justamente abaixo de uma pedra nova que foi posta na balaustrada do alto, há dois ou três anos. Verticalmente, abaixo dessa pedra, você encontrará, primeiro, um espaço nu de uns vinte pés; você deve ir até ali muito lentamente (sinta como meu coração estremece ao lhe dar essas instruções terríveis, mas a coragem consiste em saber escolher o mal menor, por mais pavoroso que ainda seja); depois do espaço nu você encontrará oitenta ou noventa pés de mato muito cerrado, onde vemos voarem os pássaros, e depois um espaço de trinta pés que só tem ervas, goiveiros e parietárias. Em seguida, aproximando-se do chão, vinte pés de urzes e, finalmente, vinte e cinco ou trinta pés recentemente rebocados.

“O que me decidiria por esse lado é que, verticalmente, abaixo da pedra nova da balaustrada do alto, existe uma cabana de madeira construída por um soldado em seu jardim, e que o capitão do corpo de engenheiros que serve na fortaleza quer forçá-lo a demolir; ela tem dezessete pés de altura, é coberta de colmo e o telhado encosta no grande muro da cidadela. É esse telhado que me tenta; no caso terrível de um acidente, ele amorteceria a queda. Uma vez chegando lá, você está no recinto das muralhas vigiadas um tanto negligentemente; se o pegarem ali, dê uns tiros de pistola e defenda-se por alguns minutos. Seu amigo de Ferrara e um outro homem de coragem, este a quem chamo de ladrão de beira de estrada, terão escadas e não hesitarão em escalar esse parapeito bastante baixo e em acudir em seu auxílio.

“O parapeito tem apenas vinte e três pés de altura e um declive muito grande. Estarei ao pé deste último muro com uma porção de gente armada.

“Tenho a esperança de fazer chegar a você cinco ou seis cartas pelo mesmo caminho que esta. Repetirei sem parar as mesmas coisas em outros termos a fim de que fiquemos perfeitamente de acordo. Você pode adivinhar em que estado de espírito lhe digo que o homem do  *tiro de pistola no criado de quarto*, que, afinal, é a melhor das criaturas e morre de arrependimento, pensa que você se safará em troca de um braço quebrado. O ladrão de beira de estrada, que tem mais experiência dessa espécie de expedições, pensa que, se você quiser descer muito lentamente, e sobretudo sem se apressar, sua liberdade só lhe custará uns arranhões. A grande dificuldade é arranjar as cordas; é nisso que também penso constantemente, há quinze dias, desde que essa grande ideia ocupa todos os meus instantes.

“Não respondo a essa loucura, à única coisa sem espírito que você disse em sua vida: ‘Não quero fugir!’. O homem do tiro de pistola no criado de quarto exclamou que o tédio o enlouquecera. Não lhe esconderei que tememos um perigo muito iminente que talvez faça antecipar o dia de sua fuga. Para lhe anunciar esse perigo, a lâmpada dirá várias vezes seguidas: *Pegou fogo no castelo!*”

“Você responderá: *Meus livros queimaram?*”

Essa carta continha mais cinco ou seis páginas com detalhes; era escrita em caracteres microscópicos em papel muito fino.

“Tudo isso é muito bonito e muito bem inventado”, pensou Fabrice; “devo uma gratidão eterna ao conde e à duquesa; eles acreditarão talvez que eu tive medo, mas não fugirei. Acaso um dia alguém fugiu de um lugar onde está no auge da felicidade, para ir se jogar num exílio pavoroso onde tudo faltará, até o ar para respirar? Que faria eu ao fim de um mês que estivesse em Florença? Envergaria um disfarce para vir rondar perto da porta desta fortaleza, e tentar espiar um olhar?”

No dia seguinte, Fabrice teve medo; estava em sua janela, por volta das onze horas, olhando a magnífica paisagem e esperando o instante feliz em que poderia ver Clélia, quando Grillo entrou ofegante no quarto:

— Depressa! Depressa! Monsenhor, jogue-se na cama, faça de conta que está doente; eis que três juízes estão subindo! Vão interrogá-lo: reflita bem antes de falar; eles vêm para embrulhá-lo.

Ao dizer essas palavras, Grillo se apressou em fechar o alçapão do quebra-luz, empurrou Fabrice para a cama e jogou duas ou três mantas em cima dele.

— Diga que está com muitas dores e fale pouco, sobretudo mande repetir as perguntas, para refletir.

Os três juízes entraram. “Três foragidos das galés”, pensou Fabrice ao ver aquelas fisionomias cheias de baixeza, “e não três juízes”; usavam longas togas pretas. Saudaram gravemente e ocuparam, sem dizer uma palavra, as três cadeiras que havia no quarto.

— Senhor Fabrice del Dongo — disse o mais velho —, estamos consternados com a triste missão que viemos cumprir junto ao senhor. Estamos aqui para lhe anunciar a morte de Sua Excelência o senhor marquês Del Dongo, seu pai, segundo grão mordomo-mor do reino lombardo-veneziano, cavaleiro grão-cruz das ordens de... etc. etc.

Fabrice caiu em prantos; o juiz continuou.

— A senhora marquesa Del Dongo, sua mãe, lhe comunica esta notícia por uma missiva; mas, como ela juntou ao fato reflexões inconvenientes, por um decreto de ontem a Corte de Justiça decidiu que sua carta lhe seria comunicada somente por extrato, e é este extrato que o senhor escrivão Bona vai ler.

Terminada a leitura, o juiz se aproximou de Fabrice, sempre deitado, e o fez acompanhar na carta de sua mãe as passagens cujas cópias acabavam de ler. Fabrice viu na carta as palavras *encarceramento injusto, punição cruel por um crime que não é crime*, e compreendeu o que motivara a visita dos juízes. Aliás, em seu desprezo por magistrados sem probidade, só lhes disse exatamente estas palavras:

— Estou doente, senhores, estou morrendo de languidez, e os senhores me desculpem se não posso me levantar.

Saindo os juízes, Fabrice ainda chorou muito, e depois pensou: “Sou hipócrita? Suponho que não o amava”. Nesse dia e nos que se seguiram, Clélia ficou muito triste; chamou-o diversas vezes, mas mal teve coragem de lhe dizer umas palavras. Na manhã do quinto dia que se seguiu ao primeiro encontro, disse-lhe que à noite iria à capela de mármore.

— Só posso lhe dirigir umas poucas palavras — disse ao entrar.

Estava tão trêmula que precisava se apoiar na camareira. Depois de tê-la despachado para a entrada da capela, acrescentou, com voz apenas audível:

— Você vai me dar sua palavra de honra, vai me dar sua palavra de honra de obedecer à duquesa, e de tentar fugir no dia em que ela lhe ordenar e da maneira como lhe indicar, ou amanhã de manhã vou me refugiar num convento, e juro que nunca mais na vida lhe dirigirei a palavra.

Fabrice ficou mudo.

— Prometa-me — disse Clélia, com lágrimas nos olhos e como que fora de si — ou então estamos nos falando pela última vez. A vida que você me fez levar é horrível: você está aqui por minha causa e cada dia pode ser o último de sua existência.

Nesse momento Clélia estava tão fraca que foi obrigada a procurar um apoio numa enorme poltrona posta outrora no meio da capela, para uso do príncipe prisioneiro; estava prestes a desmaiar.

— O que preciso prometer? — perguntou Fabrice com ar arrasado.

— Você sabe.

— Então, juro me precipitar ciente e voluntariamente numa infelicidade atroz e me condenar a viver longe de tudo o que amo no mundo.

— Prometa coisas precisas.

— Juro obedecer à duquesa e fugir no dia em que ela quiser e como quiser. E o que será de mim uma vez longe de você?

— Jure fugir, aconteça o que acontecer.

— Como! Está decidida a se casar com o marquês Crescenzi assim que eu não existir mais?

— Ó Deus! Que alma pensa que eu tenho?... Mas jure, ou não terei mais um só instante de sossego no espírito.

— Pois bem! Juro fugir daqui no dia em que a senhora Sanseverina ordenar, e aconteça o que acontecer daqui até lá.

Obtido esse juramento, Clélia estava tão fraca que foi obrigada a se retirar depois de ter agradecido a Fabrice.

— Tudo estava pronto para minha fuga amanhã de manhã — ela lhe disse —, para o caso de você se obstinar em ficar. Eu o teria visto neste instante pela última vez na minha vida, eu tinha feito essa promessa à Madona. Agora, assim que puder sair de meu quarto irei examinar o muro terrível abaixo da pedra nova da balaustrada.

No dia seguinte, ele a achou pálida a ponto de lhe dar uma grande tristeza. Ela lhe disse da janela do viveiro:

— Não tenhamos ilusão, querido amigo; como há pecado em nossa amizade, não duvido que nos aconteça uma desgraça. Você será descoberto ao tentar fugir, e ficará perdido para sempre, se não for pior; todavia, é preciso satisfazer a prudência humana, ela nos ordena

tentar tudo. Você precisa, para descer por fora da grande torre, de uma corda sólida de mais de duzentos pés de comprimento. Por mais cuidados que eu tenha tido desde que sei do projeto da duquesa, só pude conseguir, juntando tudo, apenas uns cinquenta pés de cordas. Por uma ordem do dia do governador, todas as cordas que se veem na fortaleza são queimadas, e todas as noites retiram as cordas dos poços, tão fracas, aliás, que volta e meia arreventam ao subirem com seu fardo leve. Mas rogue a Deus para que ele me perdoe, eu traí meu pai, e trabalho, filha desnaturada, para lhe causar uma tristeza mortal. Reze a Deus por mim, e se sua vida for salva faça a promessa de consagrar todos os instantes à glória dele.

“Eis uma ideia que eu tive: daqui a oito dias sairei da cidadela para assistir às núpcias de uma das irmãs do marquês Crescenzi. Voltarei à noite, como convém, mas farei tudo no mundo para só voltar muito tarde, e talvez Barbone não ouse me examinar de muito perto. Nessas núpcias da irmã do marquês estarão as maiores damas da corte, e certamente a senhora Sanseverina. Em nome de Deus! Faça com que uma dessas senhoras me entregue um rolo de cordas bem apertadas, não muito grossas, e reduzidas ao menor volume. Tivesse eu de me expor a mil mortes, empregaria os meios, mesmo os mais perigosos, para introduzir esse pacote de cordas na cidadela, desprezando, ai de mim, todos os meus deveres. Se meu pai tiver conhecimento disso, nunca mais o verei; mas, qualquer que seja o destino que me espera, serei feliz nos limites de uma amizade de irmã se puder contribuir para salvá-lo.”

Na mesma noite, pela correspondência noturna por meio da lâmpada, Fabrice comunicou à duquesa a oportunidade única que haveria para fazer entrar na cidadela uma quantidade suficiente de cordas. Mas lhe suplicava que guardasse o segredo até mesmo em relação ao conde, o que pareceu estranho. “Ele está louco”, pensou a duquesa, “a prisão o modificou, encara as coisas como algo trágico.” No dia seguinte, uma bola de chumbo, lançada pelo fundibuliário, levou ao prisioneiro o aviso do maior perigo possível: a pessoa que se encarregava de fazer entrar as cordas, diziam-lhe, lhe salvava positivamente a vida. Fabrice se apressou em dar essa notícia a Clélia. Essa bola de chumbo também levava a Fabrice uma visão muito exata do muro do poente pelo qual devia descer do alto da torre grande no espaço compreendido entre os bastiões; desse lugar era muito fácil fugir, pois as muralhas tinham apenas vinte e três pés de altura e eram vigiadas com muito desleixo. No reverso do plano estava escrito com uma letrinha delicada um soneto magnífico: uma alma generosa exortava Fabrice a fugir, a não deixar sua alma se aviltar e seu corpo perecer pelos onze anos de cativeiro que ele ainda tinha de sofrer.

Aqui, um detalhe interessante e que explica em parte a coragem que teve a duquesa para aconselhar a Fabrice uma fuga tão perigosa nos obriga a interromper por um instante a história dessa ousada empreitada.

Como todos os partidos que não estão no poder, o partido Raversi não era muito unido. O cavaleiro Riscara detestava o promotor Rassi, a quem acusava de lhe ter feito perder um processo importante no qual, na verdade, ele, Riscara, não tinha razão. Por Riscara, o príncipe recebeu um aviso anônimo que o advertia de que um traslado da sentença de Fabrice fora encaminhado oficialmente ao governador da cidadela. A marquesa Raversi, essa hábil chefe de partido, ficou extremamente contrariada com esse passo em falso, e

mandou que fosse logo comunicado a seu amigo, o promotor geral; achava muito natural que ele quisesse tirar alguma coisa do ministro Mosca, enquanto Mosca estava no poder. Rassi se apresentou intrépido no palácio, pensando que sofreria apenas alguns pontapés; o príncipe não podia prescindir de um jurisconsulto hábil, e Rassi mandara exilar, como sendo liberais, um juiz e um advogado, os únicos homens do país que poderiam tomar seu lugar.

O príncipe, fora de si, o cobriu de injúrias e avançou para ele a fim de espancá-lo.

— Mas ora! Foi distração de um funcionário — respondeu Rassi com o maior sangüefrio. — A coisa está prescrita pela lei, deveria ter sido feita no dia seguinte do registro de admissão do senhor Del Dongo na cidadela. O funcionário, cheio de zelo, pensou ter tido um esquecimento, e me terá mandado assinar a carta de remessa como mera formalidade.

— E você pretende que eu acredite em mentiras tão mal construídas? — exclamou o príncipe, furioso. — É melhor dizer que você se vendeu a esse velhaco do Mosca, e é por isso que ele lhe deu a cruz. Mas, com os diabos, você não se safará só com umas pancadas; vou levá-lo a julgamento e o demitirei vergonhosamente.

— Desafio-o a me levar a julgamento! — respondeu Rassi com segurança, pois sabia que era um meio seguro de acalmar o príncipe. — A lei está do meu lado, e o senhor não tem um segundo Rassi para saber eludi-la. Não me demitirá pois há momentos em que seu caráter é severo, e então tem sede de sangue, mas ao mesmo tempo faz questão de conservar a estima dos italianos sensatos; essa estima é um *sine qua non* para sua ambição. Enfim, o senhor me chamará de volta na primeira vez em que seu caráter o forçar a mostrar severidade, e como de costume eu lhe conseguirei uma sentença muito regular proferida por juízes tímidos e bastante honrados, e que satisfará suas paixões. Encontre outro homem em seus estados tão útil como eu!

Depois de dizer isso, Rassi se foi; sentira-se quite em troca de uma reguada bem dada e de cinco ou seis pontapés. Ao sair do palácio, partiu para sua propriedade em Riva; tinha certo temor de uma punhalada ao primeiro ímpeto de cólera, mas tampouco duvidava de que antes de quinze dias um mensageiro o chamasse de volta à capital. Empregou o tempo passado no campo organizando um meio de correspondência seguro com o conde Mosca; estava loucamente apaixonado pelo título de barão e pensava que o príncipe fazia grande caso dessa coisa outrora sublime, a nobreza, para algum dia lhe conferi-la; ao passo que o conde, muito orgulhoso de sua estirpe, só estimava a nobreza provada por títulos anteriores ao ano de 1400.

O promotor geral não se enganara em suas previsões: havia apenas oito dias que estava em suas terras quando um amigo do príncipe, que foi lá por acaso, o aconselhou a voltar a Parma sem demora; o príncipe o recebeu rindo, adotou em seguida um jeito muito sério e o fez jurar sobre o Evangelho que guardaria segredo sobre o que ia lhe confiar. Rassi jurou com absoluta seriedade e o príncipe, com o olhar inflamado de ódio, exclamou que não seria senhor em seu país enquanto Fabrice del Dongo estivesse vivo.

— Não posso — acrescentou — expulsar a duquesa nem tolerar a presença dela; seus olhares me desafiam e me impedem de viver.

Depois de deixar o príncipe se explicar demoradamente, ele, Rassi, mostrando extremo embaraço, exclamou enfim:

— Vossa Alteza será obedecida, sem dúvida, mas a coisa é de uma terrível dificuldade: não há como condenar à morte um Del Dongo pelo homicídio de um Gilletti; já é uma surpreendente proeza ter tirado disso doze anos de cidadela. Ademais, desconfio que a duquesa descobriu três dos camponeses que trabalham na escavação de Sanguigna e que estavam fora do fosso no momento em que esse bandido do Gilletti atacou Del Dongo.

— E onde estão essas testemunhas? — perguntou o príncipe, irritado.

— Escondidas no Piemonte, suponho. Seria preciso uma conspiração contra a vida de Vossa Alteza...

— Esse meio tem seus perigos — disse o príncipe —, isso faz com que se lembrem dessa ideia.

— Pois é — disse Rassi com falsa inocência —, aí está todo o meu arsenal oficial.

— Resta o veneno...

— Mas quem o dará? Será esse imbecil do Conti?

— Pelo que dizem, não seria sua primeira tentativa...

— Seria preciso deixá-lo furioso — retrucou Rassi. — E, aliás, quando ele despachou o capitão, não tinha trinta anos e estava apaixonado, e era infinitamente menos pusilânime que hoje em dia. Sem dúvida, tudo deve ceder à razão de Estado; mas, pego assim desprevenido e à primeira vista, só vejo, para executar as ordens do soberano, um certo Barbone, preposto escrivão da prisão, e que o senhor Del Dongo derrubou com uma bofetada no dia em que lá entrou.

Uma vez estando o príncipe à vontade, a conversa foi interminável; ele a encerrou concedendo a seu promotor geral o prazo de um mês; Rassi queria dois. No dia seguinte, recebeu uma gratificação secreta de mil sequins. Durante três dias, refletiu; no quarto, voltou a seu argumento, que lhe parecia evidente: “Só o conde Mosca terá coragem de cumprir a palavra que me deu, pois ao me fazer barão ele não estará me dando nada que estima; *secundo*, advertindo-o, eu provavelmente me livro de um crime para o qual sou mais ou menos pago de antemão; *tertio*, vingo os primeiros golpes humilhantes recebidos pelo cavaleiro Rassi”.

Na noite seguinte, comunicou ao conde Mosca toda a sua conversa com o príncipe.

O conde cortejava secretamente a duquesa; é bem verdade que só a via, sempre na casa dela, uma ou duas vezes por mês, mas quase todas as semanas e quando ele sabia criar as ocasiões de falar de Fabrice, a duquesa, acompanhada de Chekina, vinha, noite avançada, passar uns instantes no jardim do conde. Ela sabia enganar até mesmo seu cocheiro, que lhe era dedicado e pensava estar a patroa em visita a uma casa vizinha.

Pode-se imaginar que o conde, tendo recebido a terrível confiança do promotor, logo fez à duquesa o sinal combinado. Embora estivessem no meio da noite, ela o mandou chamar, por Chekina, para que fosse no mesmo instante à casa dela. O conde, radiante como um apaixonado com essa aparência de intimidade, hesitava porém em dizer tudo à duquesa; temia vê-la enlouquecer de dor. Depois de procurar meias palavras para mitigar o anúncio fatal, acabou, entretanto, por lhe dizer tudo; não estava em seu poder guardar um segredo que ela lhe pedia para revelar. Fazia nove meses que a extrema infelicidade tivera grande influência sobre essa alma ardente; fortalecera-a, e a duquesa não explodiu em soluços ou queixumes.

Na noite seguinte, mandou fazerem a Fabrice o sinal do grande perigo: *O castelo pegou fogo.*

Ele respondeu corretamente: *Meus livros queimaram?*

Na mesma noite ela teve a felicidade de fazer chegar a ele uma carta dentro de uma bola de chumbo. Foi uma semana depois que se realizou o casamento da irmã do marquês Crescenzi, durante o qual a duquesa cometeu a enorme imprudência de que falaremos no momento oportuno.

Na época de suas desventuras, já fazia perto de um ano que a duquesa tivera um encontro singular: um dia em que estava de *luna*, como se diz na terra, tinha ido de improviso, à noite, a seu castelo de Sacca, situado além de Colorno, na colina que domina o Pó. Gostava de embelezar aquela propriedade; amava a vasta floresta que coroa a colina e toca o castelo; ocupava-se de fazer abrirem ali trilhas em direções pitorescas.

— A senhora será sequestrada pelos bandidos, bela duquesa — disse-lhe um dia o príncipe. — É impossível que permaneça deserta uma floresta por onde se sabe que a senhora passeia.

O príncipe lançou um olhar para o conde, cujo ciúme ele pretendia excitar.

— Não tenho temores, Alteza Sereníssima — respondeu a duquesa com ar ingênuo —, quando passeio em meus bosques; tranquilizo-me com este pensamento: não fiz mal a ninguém, quem poderia me odiar?

Essa declaração foi considerada atrevida, lembrava as injúrias proferidas pelos liberais do país, gente muito insolente.

No dia do passeio de que estamos falando, as palavras do príncipe voltaram à mente da duquesa, ao observar um homem muito malvestido que a seguia de longe através dos bosques. Num desvio imprevisto que a duquesa fez, continuando seu passeio, esse desconhecido ficou tão perto que ela sentiu medo. Seu primeiro gesto foi chamar seu couteiro, que ela deixara a mil passos de lá, no canteiro de flores pertinho do castelo. O desconhecido teve tempo de se aproximar e se jogou a seus pés. Era jovem, homem muito bonito, mas horrivelmente malposto; suas roupas tinham rasgões de um pé de comprimento, mas seus olhos transpiravam o fogo de uma alma ardente.

— Sou um condenado à morte, sou o médico Ferrante Palla, morro de fome, assim como meus cinco filhos.

A duquesa reparara que ele era terrivelmente magro; mas seus olhos eram tão belos e repletos de uma exaltação tão terna que lhe afastaram a ideia de crime. “Pallagi”, ela pensou, “deveria ter dado olhos assim ao *São João no Deserto* que acaba de instalar na catedral.” A ideia de *são João* lhe era sugerida pela inacreditável magreza de Ferrante. A duquesa lhe deu três sequins que tinha na bolsa, desculpando-se de oferecer tão pouco, porque acabava de pagar uma conta de seu jardineiro. Ferrante agradeceu com efusão.

— Infelizmente — ele disse —, outrora eu morava nas cidades, via mulheres elegantes; desde que, cumprindo meus deveres de cidadão, fui condenado à morte, vivo nos bosques, mas eu a seguia, não para pedir esmola ou roubá-la, e sim como um selvagem fascinado por uma beleza angélica. Há tanto tempo que não vejo duas belas mãos brancas!

— Mas, então, levante-se — disse-lhe a duquesa, pois ele ficara de joelhos.

— Permita-me ficar assim — disse-lhe Ferrante —; essa posição me prova que neste momento não estou ocupado em roubar, e me tranquiliza; pois a senhora saberá que roubo para viver desde que me impedem de exercer minha profissão. Mas neste momento aqui sou apenas um simples mortal que adora a beleza sublime.

A duquesa compreendeu que ele era meio louco, mas não teve medo; via nos olhos desse homem que tinha uma alma ardente e boa, e, aliás, não odiava as fisionomias extraordinárias.

— Pois é, sou médico e cortejava a mulher do boticário Sarasine de Parma; ele nos flagrou e a expulsou, bem como aos três filhos que suspeitava, com razão, serem meus e não dele. Desde então tive mais dois. A mãe e os cinco filhos vivem na pior miséria, no fundo de uma espécie de cabana construída por minhas mãos, a uma légua daqui, no bosque. Pois devo me proteger contra os gendarmes, e a pobre mulher não quer se separar de mim. Fui condenado à morte, e com muita razão: eu conspirava. Execro o príncipe, que é um tirano. Não fugi só por causa de dinheiro. Minhas desgraças são bem maiores, e eu deveria mil vezes ter me matado; já não amo a infeliz mulher que me deu esses cinco filhos e se perdeu por mim; amo a outra. Mas, se me matar, os cinco filhos e a mãe morrerão literalmente de fome.

Esse homem tinha um quê de sinceridade.

— Mas como vive? — perguntou-lhe a condessa, enternecida.

— A mãe das crianças fia; a menina mais velha é alimentada numa fazenda de liberais, onde toma conta dos carneiros; eu roubo na estrada de Piacenza a Gênova.

— Como combina o roubo com seus princípios liberais?

— Tomo nota das pessoas que eu roubo, e se um dia tiver alguma coisa lhes devolverei as somas roubadas. Considero que um tribuno do povo tal como eu executa um trabalho que, em razão de seu perigo, vale bem cem francos por mês; por isso, evito pegar mais de mil e duzentos francos por ano. Equivoco-me, roubo alguma pequena quantia além dessa, pois por esse meio enfrento as despesas de impressão de minhas obras.

— Quais obras?

— *A... terá ela um dia um quarto e um orçamento?*

— O quê! — disse a duquesa, espantada. — É o senhor, cavalheiro, um dos maiores poetas do século, o famoso Ferrante Palla?

— Famoso talvez, mas muito infeliz, é certo.

— E um homem de seu talento, senhor, é obrigado a roubar para viver!

— Talvez seja por isso que eu tenho algum talento. Até aqui, todos os nossos autores que se fizeram conhecer eram pessoas pagas pelo governo ou pela religião que eles queriam sabotar. Eu, *primo*, exponho minha vida; *secundo*, pense, senhora, nas reflexões que me agitam quando vou roubar! Estarei eu no correto?, penso. O cargo de tribuno presta serviços que valem realmente cem francos por mês? Tenho duas camisas, o casaco que a senhora vê, algumas armas ruins, e tenho certeza de que vou acabar enforcado: ousou acreditar que sou um desinteresseiro. Seria feliz sem esse amor fatal que já não me deixa encontrar senão desgraça junto à mãe de meus filhos. A pobreza me pesa por ser feia: amo as belas roupas, as mãos brancas...

Olhava paraas da duquesa de tal forma que o medo a agarrou.

— Adeus, senhor — ela lhe disse —; posso lhe ser útil de alguma forma em Parma?

— Pense de vez em quando nesta questão: o emprego dele é despertar os corações e impedi-los de adormecer nessa falsa felicidade totalmente material que é dada nas monarquias. O serviço que ele presta a seus concidadãos vale cem francos por mês?... Minha desgraça é amar — disse num tom muito suave — e há quase dois anos minha alma está ocupada somente com a senhora, mas até aqui eu a tinha visto sem lhe meter medo.

E fugiu com uma rapidez prodigiosa que espantou a duquesa e a serenou. “Os gendarmes custariam a alcançá-lo”, pensou; “de fato, é louco.”

— Ele é louco — disseram-lhe seus criados —; nós todos sabemos há muito tempo que o pobre homem é apaixonado pela senhora; quando está aqui nós o vemos perambular nas partes mais elevadas do bosque, e assim que a senhora se vai ele não deixa de vir se sentar nos mesmos lugares onde a senhora parou; apanha, curiosamente, as flores que puderam cair de seu ramalhete e as conserva muito tempo presas em seu chapéu ordinário.

— E vocês nunca tinham me falado dessas loucuras — disse a duquesa quase em tom de reprimenda.

— Temíamos que a senhora dissesse isso ao ministro Mosca. O pobre Ferrante é um rapaz tão bom! Nunca fez mal a ninguém, e porque ama nosso Napoleão o condenaram à morte.

Ela não disse uma palavra ao ministro sobre esse encontro, e como nos últimos quatro anos era o primeiro segredo que não lhe contava, dez vezes foi obrigada a parar de chofre no meio de uma frase. Voltou a Sacca levando ouro. Ferrante não deu as caras. Voltou quinze dias depois: Ferrante, após tê-la seguido por algum tempo, pulando pelo bosque a cem passos de distância, jogou-se sobre ela com a rapidez do gavião e se precipitou a seus pés como na primeira vez.

— Onde estava, quinze dias atrás?

— Na montanha, para lá de Novi, para roubar os arrieiros que voltavam de Milão, onde tinham vendido azeite.

— Aceite esta bolsa.

Ferrante abriu a bolsa, pegou um sequim, que beijou e pôs em seu peito, e depois a devolveu.

— O senhor me devolve esta bolsa e rouba!

— Sem dúvida; minha prática é esta, jamais devo ter mais de cem francos; ora, neste momento a mãe de meus filhos tem oitenta francos e eu tenho vinte e cinco, estou com cinco a mais, e se me enforcassem agora eu teria remorsos. Peguei este sequim porque vem da senhora e porque a amo.

A entonação dessa palavra muito simples foi perfeita. “Ele ama realmente”, pensou a duquesa.

Nesse dia, ele estava com a fisionomia completamente desvairada. Disse que havia em Parma pessoas que lhe deviam seiscentos francos, e que com essa quantia consertaria sua cabana, onde agora seus pobres filhinhos se resfriavam.

— Mas vou lhe adiantar esses seiscentos francos — disse a duquesa, toda comovida.

— Mas então, o partido contrário não poderá me caluniar, a mim, homem público, e dizer que estou me vendendo?

A duquesa, enternecida, lhe ofereceu um esconderijo em Parma, se ele aceitasse jurar que por ora não exerceria sua magistratura nessa cidade, e que sobretudo não executaria nenhuma das sentenças de morte que, conforme dizia, tinha *in petto*.

— E se me enforcarem por causa de minha imprudência — disse Ferrante, gravemente —, todos esses patifes, tão nocivos ao povo, viverão longos anos, e de quem será a culpa? O que me dirá meu pai ao me receber lá no alto?

A duquesa lhe falou muito de seus filhinhos, em quem a umidade podia causar doenças mortais; ele acabou aceitando a oferta do esconderijo em Parma.

O duque Sanseverina, no único meio dia que passou em Parma desde seu casamento, mostrara à duquesa um esconderijo muito singular que existe no ângulo meridional do palácio homônimo. O muro da fachada, que data da Idade Média, tem oito pés de espessura; escavaram-no dentro, e aí se encontra um esconderijo de vinte pés de altura, mas de apenas dois pés de largura. Fica bem ali daquele lado em que se admira esse reservatório de água citado em todas as viagens, obra famosa do século XII, feita durante o cerco de Parma pelo imperador Sigismundo, e que mais tarde foi incorporado ao recinto do palácio Sanseverina.

Entra-se no esconderijo mexendo-se uma enorme pedra em torno de um eixo de ferro instalado no centro do bloco. A duquesa estava tão profundamente comovida com a loucura de Ferrante e com a sorte de seus filhos, para os quais ele recusava obstinadamente qualquer presente tendo um valor, que lhe permitiu usar aquele esconderijo por muito tempo. Ela o reviu um mês depois, sempre nos bosques de Sacca, e como, nesse dia, estava um pouco mais calmo, ele recitou um de seus sonetos que lhe pareceu igual ou superior a tudo o que se fez de mais belo na Itália nos últimos dois séculos. Ferrante conseguiu vários encontros; mas seu amor se exaltou, tornou-se inoportuno, e a duquesa se deu conta de que essa paixão seguia as leis de todos os amores que vislumbram a possibilidade de se imaginarem um clarão de esperança. Ela o mandou de volta para seus bosques, proibiu-o de lhe dirigir a palavra: ele obedeceu no mesmo instante, e com perfeita doçura. As coisas estavam nesse ponto quando Fabrice foi preso. Três dias depois, ao cair da noite, um capuchinho se apresentou à porta do palácio Sanseverina; tinha, dizia, um segredo importante a comunicar à dona da casa. Ela estava tão infeliz que o mandou entrar: era Ferrante.

— Está acontecendo aqui mais uma iniquidade de que o tribuno do povo deve tomar conhecimento — disse-lhe esse homem louco de amor. — Por outro lado, agindo como simples particular — acrescentou —, só posso dar à senhora duquesa Sanseverina minha vida, e venho trazê-la.

Essa dedicação tão sincera por parte de um ladrão e de um louco tocou profundamente a duquesa. Ela falou por muito tempo com esse homem que tinha fama de ser o maior poeta do norte da Itália, e chorou muito. “Eis um homem que compreende meu coração”, pensou. No dia seguinte ele reapareceu na hora da ave-maria, disfarçado de doméstico e vestindo libré.

— Não saí de Parma: ouvi dizer um horror que minha boca não repetirá; mas eis-me aqui. Pense, senhora, no que está recusando! A criatura que está vendo não é um boneco de corte, é um homem!

Estava de joelhos ao pronunciar essas palavras de um jeito que as valorizava.

— Ontem, pensei: “Ela chorou em minha presença, portanto se sente um pouco menos infeliz!” — acrescentou.

— Mas, senhor, pense enfim em quais perigos o cercam, o senhor será preso nesta cidade!

— O tribuno lhe dirá: “Senhora, o que é a vida quando o dever fala?”. O homem infeliz, e que tem a dor de não mais sentir paixão pela virtude desde que está sendo queimado pelo amor, acrescentará: “Senhora duquesa, Fabrice, um homem de valor, talvez vá morrer; não rejeite um outro homem de valor que se oferece à senhora! Aqui estão um corpo de ferro e uma alma que só teme no mundo desagradar-lhe”.

— Se me falar de novo de seus sentimentos, fecho-lhe para sempre minha porta.

A duquesa teve a ideia, nessa noite, de anunciar a Ferrante que daria uma pequena pensão a seus filhos, mas temeu que ele saísse dali para ir se matar.

Mal ele se foi, ela pensou, repleta de pressentimentos funestos: “Eu também posso morrer, e prouvera a Deus que fosse assim, e breve! Se eu encontrasse um homem digno desse nome a quem recomendar meu pobre Fabrice!”.

Uma ideia tomou conta da duquesa: pegou um pedaço de papel e reconheceu, por um texto escrito ao qual misturou os poucos termos de direito que sabia, que recebera do senhor Ferrante Palla a quantia de vinte e cinco mil francos, sob a condição expressa de pagar cada ano uma renda vitalícia de mil e quinhentos francos à senhora Sarasine e a seus cinco filhos. A duquesa acrescentou: “Ademais, lego uma renda vitalícia de trezentos francos a cada um de seus cinco filhos, sob a condição de que Ferrante Palla dispense cuidados como médico a meu sobrinho Fabrice del Dongo, e seja para ele um irmão. É o que lhe peço”. Assinou, antedatou de um ano e guardou o papel.

Dois dias depois Ferrante apareceu. Era quando toda a cidade estava agitada pelo boato da próxima execução de Fabrice. Essa triste cerimônia ocorreria na cidadela ou sob as árvores do passeio público? Muitos homens do povo foram passear nessa noite diante da porta da cidadela, para tentar ver se estavam armando o cadafalso: esse espetáculo comovera Ferrante. Encontrou a duquesa afogada em lágrimas e sem condições de falar; ela o saudou com a mão e lhe apontou uma cadeira.

Ferrante, nesse dia disfarçado de capuchinho, estava fantástico; em vez de se sentar, pôs-se de joelhos e, a meia-voz, rezou devotamente a Deus. Num momento em que a duquesa parecia um pouco mais calma, sem sair de sua posição, ele interrompeu sua prece um instante e disse estas palavras:

— Novamente ele oferece sua vida.

— Pense no que está dizendo — exclamou a duquesa, com esse olhar esgazeado que, depois dos soluços, anuncia que a cólera se sobrepõe à ternura.

— Ele oferece sua vida para antepor um obstáculo ao destino de Fabrice, ou para vingá-lo.

— Pode se apresentar o caso — retrucou a duquesa — em que eu aceite o sacrifício de sua vida.

Olhava para ele com uma atenção severa. Um lampejo de alegria brilhou em seu olhar; ele se levantou depressa e estendeu os braços para o céu. A duquesa foi buscar um papel escondido no segredo de um grande armário de nogueira.

— Leia — disse a Ferrante.

Era a doação em favor dos filhos dele, da qual falamos.

As lágrimas e os soluços impediam Ferrante de ler o fim; caiu de joelhos.

— Devolva-me este papel — disse a duquesa, e, na frente dele, o queimou na vela.

— Se o senhor for pego e executado, meu nome não deve aparecer, pois disso depende sua cabeça — ela acrescentou.

— Minha alegria é morrer prejudicando o tirano, uma alegria bem maior é morrer pela senhora. Isto posto, e tudo bem compreendido, digne-se a não mais mencionar esse detalhe de dinheiro, pois nisso eu veria uma dúvida injuriosa.

— Se o senhor ficar comprometido, eu também poderei ficar — retrucou a duquesa —, e depois de mim, Fabrice: é por isso, e não porque duvido de sua bravura, que exijo que o homem que me trespassa o coração seja envenenado, e não morto. Pela mesma razão, importante para mim, ordeno-lhe que faça tudo no mundo para se salvar.

— Hei de executá-lo fielmente, pontualmente e prudentemente. Prevejo, senhora duquesa, que minha vingança será misturada com a sua: se fosse de outra maneira, mesmo assim eu obedeceria fielmente, pontualmente e prudentemente. Posso não ter êxito, mas empregarei toda a minha força de homem.

— Trata-se de envenenar o assassino de Fabrice.

— Eu tinha adivinhado, e nos vinte e sete meses em que levo essa vida errante e abominável, volta e meia pensei em semelhante ato praticado por minha conta.

— Se eu for descoberta e condenada como cúmplice — prosseguiu a duquesa num tom de orgulho —, não quero que possam me imputar o fato de tê-lo seduzido. Ordeno-lhe que não mais procure me ver até a época de nossa vingança: trata-se de matá-lo só quando eu tiver lhe dado o sinal. Neste momento, por exemplo, a morte dele, longe de me ser útil, seria funesta. Provavelmente a morte dele só deverá ocorrer daqui a vários meses, mas ocorrerá. Exijo que morra com o veneno, e preferiria deixá-lo viver a vê-lo atingido por um tiro. Por motivos que não quero lhe explicar, exijo que sua própria vida seja salva.

Ferrante estava radiante com esse tom de autoridade que a duquesa adotava com ele: seus olhos brilhavam de profunda alegria. Conforme dissemos, era horrivelmente magro; mas via-se que tinha sido muito bonito em sua primeira juventude, e ainda acreditava ser o que fora outrora. “Estou louco”, pensou, “ou a duquesa quer um dia, quando eu lhe tiver dado essa prova de dedicação, fazer de mim o homem mais feliz? E, pensando bem, por que não? Será que não valho esse boneco do conde Mosca que, nessa ocasião, nada pôde por ela, nem mesmo conseguir que *monsignore* Fabrice se evada?”

— Posso querer a morte dele a partir de amanhã — continuou a duquesa, sempre com o mesmo ar de autoridade. — O senhor conhece esse imenso reservatório de água que fica no canto do palácio, pertinho do esconderijo que ocupou algumas vezes; há um meio secreto de fazer toda essa água correr para a rua: pois bem! Será este o sinal de minha vingança. O senhor verá, se estiver em Parma, ou ouvirá dizer, se estiver nos bosques, que o grande reservatório do palácio Sanseverina arrebentou. Aja logo, mas com o veneno, e, sobretudo, só exponha sua vida o menos possível. Que nunca ninguém saiba que me meti nesse negócio.

— As palavras são inúteis — respondeu Ferrante com um entusiasmo mal contido —: já

decidi os meios que empregarei. A vida desse homem se torna mais odiosa para mim do que era, posto que não ousarei revê-la enquanto ele viver. Esperarei o sinal do reservatório arrebetado, na rua.

Cumprimentou-a bruscamente e partiu. A duquesa o olhava caminhar.

Quando ele chegou ao outro quarto, ela o chamou.

— Ferrante! — exclamou. — Homem sublime!

Ele voltou, como que impaciente por ser retido; nesse instante, seu rosto estava fantástico.

— E seus filhos?

— Senhora, eles serão mais ricos que eu; a senhora lhes concederá talvez uma pequena pensão.

— Tome — disse a duquesa, entregando-lhe uma espécie de grande estojo de oliveira —, aqui estão todos os diamantes que me restam; valem cinquenta mil francos.

— Ah, senhora! Está me humilhando!... — disse Ferrante com um gesto de horror, e seu rosto mudou por completo.

— Jamais tornarei a vê-lo antes da ação: tome, é meu desejo — acrescentou a duquesa com um ar de altivez que aterrorizou Ferrante; ele pôs o estojo no bolso e saiu.

A porta fora fechada por ele. A duquesa o chamou de novo; voltou, com ar aflito: a duquesa estava em pé no meio do salão; jogou-se em seus braços. Um instante depois, Ferrante quase desmaiou de felicidade; a duquesa se livrou de seus abraços e seus olhos lhe indicaram a porta.

“Este é o único homem que me compreendeu”, pensou, “é assim que Fabrice teria agido, se tivesse conseguido me entender.”

Havia duas coisas no caráter da duquesa: ela continuava a querer o que desejara uma vez; e nunca tornava a deliberar o que decidira uma vez. Citava a esse respeito uma frase de seu primeiro marido, o amável general Pietranera: “Que insolência para comigo mesmo! Por que acreditarei ter mais espírito hoje do que quando tomei essa decisão?”, ele dizia.

Desde esse momento, uma espécie de alegria reapareceu no temperamento da duquesa. Antes da resolução fatal, a cada passo que seu espírito dava, a cada coisa nova que ela via, tinha a sensação de sua inferioridade em relação ao príncipe, de sua fraqueza e de seu engano; o príncipe, segundo ela, a enganara covardemente, e o conde Mosca, em consequência de seu gênio cortesanesco, secundara o príncipe, embora inocentemente. Tão logo a vingança foi decidida, ela sentiu sua força, cada passo de seu espírito lhe dava alegria. Eu acreditaria perfeitamente que a felicidade imoral de se vingar que se encontra na Itália decorre da força de imaginação desse povo; as pessoas dos outros países não perdoam, falando propriamente, elas esquecem.

A duquesa só reviu Ferrante Palla nos últimos tempos da prisão de Fabrice. Como talvez se tenha adivinhado, foi ele que deu a ideia da evasão: havia nos bosques, a duas léguas de Sacca, uma torre da Idade Média, meio em ruínas, e com mais de cem pés de altura; antes de falar de fuga com a duquesa, uma segunda vez, Ferrante lhe suplicou que mandasse Ludovic dispor, com homens de confiança, uma série de escadas perto dessa torre. Em presença da duquesa ele subiu até o alto, pelas escadas, e desceu com uma simples corda de nós; renovou três vezes a experiência e depois explicou de novo sua ideia. Oito dias depois,

Ludovic também quis descer dessa velha torre com uma corda de nós: foi então que a duquesa comunicou a ideia a Fabrice.

Nos últimos dias que precederam a tentativa, que podia resultar na morte do prisioneiro, e de várias maneiras, a duquesa não conseguiu ter um instante de sossego a não ser quando Ferrante estava a seu lado; a coragem desse homem eletrizava a sua; mas percebe-se bem que ela devia esconder do conde essa vizinhança peculiar. Não temia que ele se revoltasse, mas ela teria se afligido com suas objeções, que redobriariam suas inquietações. “Como! Tomar como conselheiro íntimo um louco reconhecido como tal, e condenado à morte! E”, acrescentava a duquesa, falando consigo mesma, “um homem que, mais tarde, poderia fazer coisas tão estranhas!” Ferrante estava no salão da duquesa quando o conde foi lhe dar ciência da conversa que o príncipe tivera com Rassi; e, quando o conde saiu, ela teve muito trabalho para impedir Ferrante de ir imediatamente executar o terrível projeto!

— Agora estou forte! — exclamou esse louco. — Não tenho mais dúvida sobre a legitimidade da ação!

— Mas, no momento de cólera que se seguirá inevitavelmente, Fabrice será morto!

— Mas assim lhe pouparíamos o perigo dessa descida: ela é possível, fácil mesmo — ele acrescentou —; porém, falta experiência a esse rapaz.

Celebrou-se o casamento da irmã do marquês Crescenzi, e foi na festa dada nessa ocasião que a duquesa encontrou Clélia e pôde lhe falar sem levantar suspeitas entre os observadores que estavam em sua companhia. A própria duquesa entregou a Clélia o embrulho com as cordas, no jardim, aonde essas damas tinham ido respirar um instante. Essas cordas, fabricadas com o maior cuidado, metade de cânhamo e metade de seda, e com nós, eram muito finas e bem flexíveis; Ludovic testara sua solidez, e em todas as suas partes podiam carregar, sem arrebentar, um peso de oito quintais. Tinham sido comprimidas de modo a formar vários embrulhos na forma de um volume *in-quarto*; Clélia se apossou deles e prometeu à duquesa que tudo o que fosse humanamente possível seria feito para fazer chegar os pacotes à Torre Farnese.

— Mas temo a timidez do seu temperamento; e, aliás — acrescentou a duquesa, polidamente —, que interesse pode lhe inspirar um desconhecido?

— O senhor Del Dongo é infeliz, *e prometo-lhe que ele será salvo por mim!*

Mas a duquesa, só contando muito medianamente com a presença de espírito de uma jovem de vinte anos, tomara outras precauções, que evitou comunicar à filha do governador. Como era natural supor, esse governador estava na festa de casamento da irmã do marquês Crescenzi. A duquesa pensou que, se lhe mandasse dar um forte narcótico, se poderia acreditar, no primeiro momento, que se tratava de um ataque de apoplexia, e então, em vez de pôr o governador em sua carruagem para levá-lo de volta à cidadela, seria possível, com um pouco de habilidade, fazer prevalecer a opinião de usarem uma liteira, que estaria por acaso na casa onde se dava a festa. Ali também se encontrariam homens inteligentes, vestidos como operários empregados na festa, e que, na confusão geral, se ofereceriam obsequiosamente para transportar o doente até seu palácio tão nas alturas. Esses homens, dirigidos por Ludovic, carregavam uma quantidade de cordas muito grande, escondidas habilmente sob suas roupas. Vê-se que a duquesa tinha de fato o espírito desvairado desde que sonhava seriamente com a fuga de Fabrice. O perigo

que corria essa criatura querida era forte demais para sua alma, e sobretudo, durava demasiado tempo. Por excesso de precauções, ela quase fez essa fuga fracassar, conforme veremos. Tudo foi executado como projetara, com a única diferença de que o narcótico produziu um efeito potente demais; todos acreditaram, e até mesmo os profissionais da arte, que o general tivera um ataque de apoplexia.

Felizmente, Clélia, no desespero, não desconfiou de maneira nenhuma da tentativa tão criminosa da duquesa. A desordem foi tamanha, no momento em que entrou na cidadela a liteira onde o general, semimorto, estava fechado, que Ludovic e seus homens passaram sem objeção; só foram revistados por mera formalidade na ponte do Escravo. Depois de transportarem o general até seu leito, foram levados à copa, onde os domésticos os trataram muito bem; mas, depois dessa refeição, que só terminou já quase de manhã, explicaram-lhes que o costume da prisão exigia que, para o resto da noite, fossem trancados à chave nas salas baixas do palácio; no dia seguinte, quando clareasse, seriam postos em liberdade pelo lugar-tenente do governador.

Esses homens tinham dado um jeito para entregar a Ludovic as cordas de que se haviam encarregado, mas Ludovic teve muito trabalho para conseguir um instante de atenção de Clélia. Afinal, num momento em que ela passava de um quarto a outro, ele lhe fez ver que depositava pacotes de corda no canto escuro de um dos salões do primeiro andar. Clélia ficou profundamente surpresa com essa circunstância estranha: logo imaginou suspeitas atrozes.

— Quem é você? — perguntou a Ludovic.

E, diante da resposta muito ambígua, acrescentou:

— Eu deveria mandar prendê-lo; você ou os seus envenenaram meu pai!... Confesse imediatamente qual é a natureza do veneno que usou, a fim de que o médico da cidadela possa administrar os remédios adequados; confesse imediatamente, ou então, você e seus cúmplices jamais sairão desta cidadela!

— A senhorita está errada em se alarmar — respondeu Ludovic, com uma graça e uma cortesia perfeitas. — Não se trata de jeito nenhum de veneno; cometeu-se a imprudência de ministrar ao general uma dose de láudano, e parece que o criado encarregado desse crime pôs no copo algumas gotas a mais; sentiremos um remorso eterno por isso; mas a senhorita pode acreditar que, graças aos céus, não existe nenhum tipo de perigo: o senhor governador deve ser tratado por ter tomado, por erro, uma dose forte demais de láudano; mas, tenho a honra de repetir à senhorita, o laçao encarregado do crime não usava venenos de verdade, como Barbone quando quis envenenar monsenhor Fabrice. Ninguém pretendeu se vingar do perigo que correu monsenhor Fabrice; não se confiou a esse laçao desastrado senão um frasquinho em que havia láudano, posso jurar à senhorita! Mas é evidente que, se eu fosse interrogado oficialmente, negaria tudo.

“Aliás, se a senhorita falar com quem quer que seja sobre láudano e veneno, ainda que seja com o excelente dom Cesare, Fabrice será morto pela mão da senhorita, que impossibilita para sempre todos os planos de fuga; e a senhorita sabe melhor que eu que não é com simples láudano que se deseja envenenar o monsenhor; também sabe que alguém deu apenas um mês de prazo para esse crime, e que faz mais de uma semana que a ordem fatal foi recebida. Portanto, se me mandar prender, ou se somente disser uma palavra a

dom Cesare ou a qualquer outra pessoa, atrasará bem mais de um mês todas as nossas iniciativas, e tenho razão de dizer que matará com sua própria mão monsenhor Fabrice.

Clélia estava apavorada com a estranha tranquilidade de Ludovic.

“Quer dizer que estou num diálogo pacífico”, pensou, “com o envenenador de meu pai, e que emprega todos os rodeios corteses para falar comigo! E foi o amor que me levou a todos esses crimes!...”

O remorso lhe deixava apenas a força de falar; ela disse a Ludovic:

— Vou trancá-lo à chave neste salão. Corro para informar ao médico que só se trata de láudano; mas, por Deus, como lhe direi que eu mesma fiquei sabendo disso? Volto em seguida para soltá-lo. Mas — disse Clélia, retornando para perto da porta —, Fabrice sabia alguma coisa do láudano?

— Meu Deus, não, senhorita, ele jamais teria consentido. E, além disso, para que fazer uma confiança inútil? Agimos com a mais estrita prudência. Trata-se de salvar a vida de monsenhor, que será envenenado daqui a três semanas; a ordem foi dada por alguém que em geral não encontra obstáculos às suas vontades; e, para dizer tudo à senhorita, afirmase que foi o terrível promotor geral Rassi que recebeu essa missão.

Clélia fugiu, apavorada: contava tanto com a perfeita proibidade de dom Cesare que, recorrendo a certa precaução, se atreveu a lhe dizer que tinham administrado ao general láudano, e não outra coisa. Sem responder, sem questionar, dom Cesare correu até o médico.

Clélia voltou para o salão, onde trancara Ludovic com a intenção de pressioná-lo com perguntas sobre o láudano. Não mais o encontrou: ele conseguira escapar. Viu sobre uma mesa uma bolsa cheia de sequins e uma caixinha com várias espécies de venenos. A visão desses venenos a fez estremecer. “Quem me garante”, pensou, “que só deram láudano a meu pai, e que a duquesa não quis se vingar da tentativa de Barbone?”, exclamou. “Santo Deus! Eis-me em relação com os envenenadores de meu pai! E os deixo escapar! E talvez esse homem, questionado, teria confessado outra coisa além do láudano!”

Logo Clélia caiu de joelhos, desfazendo-se em lágrimas, e rezou à Madona com fervor.

Enquanto isso, o médico da cidadela, muito espantado com o aviso que recebia de dom Cesare, e segundo o qual ele só estava lidando com láudano, deu os remédios adequados que logo fizeram desaparecer os sintomas mais alarmantes. O general voltou um pouco a si quando o dia começava a raiar. Sua primeira ação, mostrando que recuperara os sentidos, foi cobrir de injúrias o coronel, segundo comandante da cidadela, que se atrevera a dar algumas ordens mais simples do mundo enquanto o general estava desacordado.

Em seguida, o governador demonstrou imensa raiva contra uma moça da cozinha que, trazendo-lhe um caldo, ousou proferir a palavra apoplexia.

— E tenho eu idade — exclamou — para ter apoplexias? Só mesmo meus inimigos ferrenhos podem se comprazer em espalhar tais rumores. E, aliás, por acaso sangrei, para que a própria calúnia ouse falar de apoplexia?

Fabrice, muito ocupado com os preparativos da fuga, não conseguiu imaginar o que eram os barulhos estranhos que enchiam a cidadela quando para lá levavam o governador, semimorto. Primeiro, imaginou vagamente que sua sentença tinha sido mudada e que vinham para matá-lo. Vendo, em seguida, que ninguém se apresentava em seu quarto,

pensou que Clélia fora traída, que em sua entrada na fortaleza tinham lhe tirado as cordas que provavelmente trazia, e que enfim seus planos de fuga eram, agora, impossíveis. No dia seguinte, ao raiar do dia, viu entrar em seu quarto um homem que desconhecia e que, sem dizer uma palavra, ali depositou uma cesta de frutas: sob as frutas estava escondida a seguinte carta:

“Tomada dos remorsos mais profundos pelo que foi feito, não, graças aos céus, com meu consentimento, mas por ocasião de uma ideia que eu tivera, fiz promessa à Santíssima Virgem de que, se pelo efeito de sua santa intercessão meu pai for salvo, jamais oporei uma recusa às ordens dele; desposarei o marquês logo que for pedida por ele, e nunca mais tornarei a ver você. Todavia, creio que é meu dever acabar o que foi começado. Domingo próximo, ao voltar da missa aonde o levarão a pedido meu (pense em preparar sua alma, você pode morrer na difícil empreitada); ao regressar da missa, digo, atrase o mais possível sua volta ao quarto; ali encontrará o que lhe é necessário para a empreitada meditada. Se morrer, ficarei com a alma desconsolada! Poderá você me acusar de ter contribuído para sua morte? A própria duquesa não me repetiu diversas vezes que a facção Raversi está vencendo? Querem se ligar ao príncipe por uma crueldade que o separe para sempre do conde Mosca. A duquesa, debulhando-se em lágrimas, me jurou que só resta esse recurso: você morrerá se não tentar alguma coisa. Não posso mais olhar para você, fiz esse voto; mas se domingo, à noitinha, me vir inteiramente vestida de preto, na janela costumeira, será o sinal de que na noite seguinte tudo estará disposto, na medida do possível de meus fracos meios. Depois de onze horas, talvez somente à meia-noite ou à uma hora, uma lampadazinha aparecerá na minha janela, será o instante decisivo; encomende-se a seu santo padroeiro, pegue às pressas as roupas de padre de que está munido, e vá.

“Adeus, Fabrice, estarei rezando, e espalhando as lágrimas mais amargas, pode acreditar, enquanto você correr perigos tão grandes. Se perecer, não lhe sobreviverei; meu Deus! O que estou dizendo? Mas, se for bem-sucedido, nunca mais o tornarei a ver. No domingo, depois da missa, você encontrará em sua prisão o dinheiro, os venenos, as cordas, enviados por essa mulher terrível que o ama com paixão, e que me repetiu até três vezes que era preciso tomar esse partido. Deus o salve, e a santa Madona!”

Fabio Conti era um carcereiro sempre inquieto, sempre infeliz, vendo sempre em sonho algum de seus prisioneiros escapar: era abominado por todos os que estavam na cidadela; mas, como a desgraça inspira as mesmas resoluções a todos os homens, os pobres prisioneiros, aqueles mesmos que estavam acorrentados nas masmorras de três pés de altura, três pés de largura e oito pés de comprimento, e onde não conseguiam ficar em pé ou sentados, todos os prisioneiros, mesmo aqueles, digo, tiveram a ideia de mandar cantar por conta própria um *Te Deum* quando souberam que o governador deles estava fora de perigo. Dois ou três desses pobres coitados fizeram sonetos em homenagem a Fabio Conti. Ó efeito da desgraça sobre esses homens! Que aquele que os recrimina seja levado por seu destino a passar um ano numa masmorra de três pés de altura, com oito onças de pão por dia e *jejuando* nas sextas-feiras.

Clélia, que não saía do quarto de seu pai senão para ir rezar na capela, disse que o governador decidira que os festejos só ocorreriam no domingo. Na manhã desse domingo, Fabrice assistiu à missa e ao *Te Deum*; à noite, houve fogos de artifício, e nas salas baixas

do castelo distribuíram aos soldados uma quantidade de vinho quatro vezes maior que aquela que o governador tinha concedido; uma mão desconhecida tinha até mesmo enviado vários tonéis de aguardente, que os soldados arrebentaram. A generosidade dos soldados que se embriagavam não quis que os cinco soldados que estavam de serviço como sentinelas em torno do palácio sofressem por causa de sua situação; à medida que chegavam às suas guaritas, um criado de confiança lhes dava vinho, e não se sabe por qual mão os que foram postos de sentinela à meia-noite e durante o resto da noite receberam também um copo de aguardente, e toda vez se esquecia a garrafa perto da guarita (como ficou provado no processo que se seguiu).

A desordem durou mais tempo do que Clélia pensara, e foi só por volta da uma da manhã que Fabrice, que fazia mais de oito dias serrara duas barras de sua janela, aquela que não dava para o viveiro, começou a desmontar o quebra-luz; trabalhava quase sobre a cabeça das sentinelas que guardavam o palácio do governador, mas elas não ouviram nada. Tinha feito apenas uns novos nós na imensa corda necessária para descer daquela terrível altura de cento e oitenta pés. Ajeitou essa corda a tiracolo, em torno do corpo: ela o incomodava muito, pois seu volume era enorme; os nós a impediam de ficar compacta e ela se afastava de seu corpo mais de dezoito polegadas. “É este o grande obstáculo”, pensou Fabrice.

Com essa corda mal ou bem acomodada, Fabrice pegou aquela com que contava descer os trinta e cinco pés que separavam sua janela da esplanada onde ficava o palácio do governador. Mas como, por mais embriagadas que estivessem as sentinelas, ele não podia descer exatamente sobre suas cabeças, saiu, conforme dissemos, pela segunda janela de seu quarto, aquela que abria para o telhado de uma espécie de vasto corpo da guarda. Por uma esquisitice de doente, assim que o general Fabio Conti conseguiu falar mandou subirem duzentos soldados para esse antigo corpo de guarda abandonado há um século. Dizia que, depois de o terem envenenado, queriam assassiná-lo em sua cama, e esses duzentos soldados deviam protegê-lo. Pode-se imaginar o efeito que essa medida imprevista produziu no coração de Clélia: essa moça piedosa sentia muito bem até que ponto traía o pai, e um pai que acabava de ser praticamente envenenado em proveito do prisioneiro que ela amava. Viu na chegada inesperada daqueles duzentos homens quase que um decreto da Providência que a proibia de ir adiante e de conceder a liberdade a Fabrice.

Mas todos em Parma falavam da morte próxima do prisioneiro. Tinham ainda tratado desse assunto na própria festa dada por ocasião do casamento da *signora* Giulia Crescenzi. Visto que, por uma ninharia dessas, um golpe de espada desastrado dado num comediante, um homem da linhagem de Fabrice não era posto em liberdade depois de nove meses de prisão e com a proteção do primeiro-ministro, devia haver alguma coisa de política em seu caso. Então, tinham dito, inútil de se ocupar mais dele; se não convinha ao poder fazê-lo morrer em praça pública, em breve ele morreria de doença. Um operário serralheiro que fora chamado ao palácio do general Fabio Conti falou de Fabrice como de um prisioneiro despachado há muito tempo, e cuja morte era silenciada por causa da política. As palavras desse homem decidiram Clélia.

Durante o dia Fabrice foi assaltado por alguns pensamentos sérios e desagradáveis, mas, à medida que ouvia baterem as horas que o aproximavam do momento da ação, sentiu-se alegre e disposto. A duquesa lhe escrevera que o ar livre o pegaria de surpresa e que, mal estivesse fora da prisão, se sentiria na impossibilidade de caminhar; nesse caso, era melhor, porém, expor-se a ser recapturado que se precipitar do alto de um muro de cento e oitenta pés. “Se essa desgraça me acontecer”, dizia Fabrice, “eu deitaria, encostado no parapeito, dormiria uma hora, e depois recomeçaria; já que jurei a Clélia, prefiro cair do alto de uma muralha, por mais alta que seja, a ficar sempre fazendo reflexões sobre o gosto do pão que eu como. Que dores horríveis não se deve sentir antes do fim, quando se morre envenenado! Fabio Conti não ficará cheio de dedos, vai mandar me darem o arsênico com que mata os ratos de sua cidadela.”

Cerca de meia-noite, um desses nevoeiros densos e brancos que o Pó joga às vezes em suas margens estendeu-se, primeiro, sobre a cidade, e depois ganhou a esplanada e os bastiões entre os quais se ergue a grande torre da cidadela. Fabrice teve a impressão de que, do parapeito da plataforma, já não se enxergavam as pequenas acácias que cercavam as hortas cultivadas pelos soldados ao sopé do muro de cento e oitenta pés. “Isso é excelente”, pensou.

Um pouco depois de bater meia-noite e meia, o sinal da pequena lâmpada apareceu na janela do viveiro. Fabrice estava pronto para agir; fez um sinal da cruz, depois amarrou em sua cama a cordinha destinada a fazê-lo descer os trinta e cinco pés que o separavam da plataforma onde ficava o palácio. Chegou sem dificuldade ao telhado do corpo da guarda, ocupado desde a véspera pelos duzentos homens de reforço de quem falamos. Infelizmente, os soldados, embora já fosse meia-noite e quarenta e cinco, ainda não estavam dormindo; enquanto andava devagarinho sobre o telhado de grandes telhas vazadas, Fabrice os ouvia dizerem que o diabo estava no telhado, e que deviam tentar matá-lo com um tiro de fuzil. Certas vozes pretendiam que esse desejo era pura impiedade, outros diziam que, se dessem um tiro de fuzil sem matar alguma coisa, o governador poria a todos na prisão por terem alarmado inutilmente a guarnição. Toda essa bela discussão fazia Fabrice se apressar o mais possível, andando sobre o telhado, e fazer muito barulho. O fato é que quando ele passou, pendurado em sua corda, defronte das janelas, a quatro ou cinco pés de distância, por causa do beiral do telhado, felizmente elas estavam cobertas de baionetas. Alguns afirmaram que Fabrice, sempre louco, tivera a ideia de fazer o papel do diabo, e que atirou para esses soldados um punhado de sequins. O certo é que ele espalhou sequins no soalho de seu quarto, e espalhou-os também na plataforma, no trajeto da Torre Farnese ao parapeito, a fim de se dar a chance de distrair os soldados que poderiam ter começado a

persegui-lo.

Chegando à plataforma e estando cercado de sentinelas que em geral gritavam a cada quinze minutos uma frase inteira: *Está tudo bem à volta de meu posto*, ele dirigiu seus passos para o parapeito do lado do poente e procurou a pedra nova.

O que parece incrível e poderia fazer duvidar do feito, se o resultado não tivesse como testemunha uma cidade inteira, é que as sentinelas instaladas ao longo do parapeito não houvessem visto e prendido Fabrice; na verdade, o nevoeiro de que falamos começava a subir, e Fabrice disse que, quando estava na plataforma, a neblina lhe parecia já ter chegado até a metade da Torre Farnese. Mas esse nevoeiro não era denso, e ele avistava muito bem as sentinelas, algumas passeando. Acrescentou que, impelido como que por uma força sobrenatural, foi se postar, ousadamente, entre duas sentinelas um tanto próximas uma da outra. Desfez tranquilamente a grande corda que tinha em volta do corpo e que se emaranhou duas vezes; precisou de muito tempo para desemaranhá-la e estendê-la sobre o parapeito. Ouvia os soldados falarem em todos os lados, bem decidido a apunhalar o primeiro que avançasse para cima dele. “Não estava nem um pouco perturbado”, acrescentou, “parecia-me que praticava uma cerimônia.”

Amarrou sua corda, enfim desenredada, numa abertura feita no parapeito pelo escoamento das águas, subiu sobre esse próprio parapeito e rezou a Deus, com fervor; depois, como um herói dos tempos de cavalaria, pensou um instante em Clélia. “Como sou diferente”, pensou, “do Fabrice leviano e libertino que entrou aqui há nove meses!” Finalmente, pôs-se a descer aquela espantosa altura. Agia mecanicamente, disse, e como teria feito em pleno dia, descendo diante dos amigos para ganhar uma aposta. Pelo meio do caminho, sentiu de repente seus braços perderem força; pensou até mesmo em largar a corda um instante; mas logo tornou a agarrá-la; talvez, disse, tivesse se segurado nas urzes sobre as quais deslizava e que o arranhavam. De vez em quando, sentia uma dor atroz entre os ombros, que chegava a ponto de fazê-lo perder a respiração. Houve um movimento de ondulação muito incômodo; era atirado sem parar da corda às urzes. Foi tocado por vários pássaros bastante grandes, que ele despertava e que se jogavam sobre ele ao voarem. Nas primeiras vezes pensou estar sendo atingido por pessoas que desciam da cidadela pelo mesmo caminho, para persegui-lo, e se preparou para se defender. Finalmente, chegou ao pé da grande torre sem outro inconveniente além de estar com as mãos ensanguentadas. Contou que, desde o meio da torre, o talude por ela formado lhe foi muito útil; ele roçava o muro ao descer, e as plantas que cresciam entre as pedras o seguravam muito. Chegando embaixo, nas hortas dos soldados, caiu em cima de uma acácia que, vista do alto, lhe parecia ter quatro ou cinco pés de altura, e na verdade tinha quinze ou vinte. Um bêbado que estava lá, dormindo, o confundiu com um ladrão. Ao cair dessa árvore, Fabrice quase luxou o braço esquerdo. Pôs-se a fugir em direção da muralha, mas, pelo que disse, suas pernas lhe pareciam como que de algodão; não tinha mais nenhuma força. Apesar do perigo, sentou-se e bebeu um pouco da aguardente que lhe restava. Adormeceu uns minutos, a ponto de não saber mais onde estava; ao acordar, não conseguia entender como, estando em seu quarto, via árvores. Por fim, a terrível verdade voltou-lhe à memória. Logo andou na direção da muralha; subiu nela por uma grande escada. A sentinela que estava ali pertinho roncava dentro da guarita. Ele encontrou um

canhão que jazia na relva; ali amarrou sua terceira corda, que resultou ser um pouco curta demais, e ele caiu num fosso lamacento onde podia haver um pé de água. Enquanto se levantava e procurava se orientar, sentiu-se agarrado por dois homens: por um instante, teve medo, mas logo ouviu pronunciarem perto de seu ouvido e em voz baixa:

— Ah! *Monsignore! Monsignore!*

Compreendeu vagamente que esses homens serviam à duquesa; logo desmaiou, profundamente. Algum tempo depois sentiu que estava sendo levado por homens que caminhavam calados e muito depressa; depois pararam, o que lhe deu muita inquietação. Mas não tinha força de falar nem de abrir os olhos; sentia que o apertavam; de repente reconheceu o perfume das roupas da duquesa. Esse perfume o reanimou; abriu os olhos, conseguiu pronunciar as palavras:

— Ah! Querida amiga!

Depois desmaiou de novo, profundamente.

O fiel Bruno, com um batalhão de policiais dedicados ao conde, estava em reserva a duzentos passos dali; o próprio conde estava escondido numa casinha bem perto do lugar onde a duquesa esperava. Ele não hesitaria, se fosse necessário, em empunhar a espada junto com alguns oficiais a meio soldo, seus amigos íntimos; via-se como que obrigado a salvar a vida de Fabrice, que lhe parecia muitíssimo exposto, e que outrora teria tido seu perdão assinado pelo príncipe se Mosca não tivesse cometido o desatino de querer evitar uma bobagem escrita ao soberano.

Desde meia-noite a duquesa, cercada de homens armados até os dentes, zanzava num profundo silêncio diante das muralhas da cidadela; não conseguia parar quieta, pensava que teria de lutar para arrancar Fabrice das pessoas que o perseguiram. Essa imaginação ardente tomara com precauções, longas demais para se detalhar aqui, e de uma inacreditável imprudência. Calculou-se que mais de oitenta agentes estavam mobilizados nessa noite, esperando lutarem por algo extraordinário. Felizmente, Ferrante e Ludovic estavam à frente de tudo isso, e o ministro da Polícia não era hostil; mas o próprio conde observou que a duquesa não foi traída por ninguém, e que como ministro ele não soube de nada.

A duquesa perdeu totalmente a cabeça ao rever Fabrice; apertava-o convulsamente nos braços, depois ficou desesperada ao se ver coberta de sangue: era o sangue das mãos de Fabrice; pensou que ele estava perigosamente ferido. Ajudada por um de seus domésticos, tirou-lhe a roupa para lhe fazer curativos, quando Ludovic, que felizmente estava ali, pôs com autoridade a duquesa e Fabrice num de seus pequenos carros que estavam escondidos num jardim perto da porta da cidade, e partiram a toda a brida para cruzarem o Pó, perto de Sacca. Ferrante, com vinte homens bem armados, cuidava da retaguarda, e prometera, em troca da própria cabeça, deter a perseguição. O conde, sozinho e a pé, só saiu dos arredores da cidadela duas horas mais tarde, quando viu que nada se mexia. “Eis-me metido numa alta traição!”, pensou, ébrio de alegria.

Ludovic teve a excelente ideia de pôr num carro um jovem cirurgião ligado à casa da duquesa, e que tinha muito do jeito de Fabrice.

— Fuja — disse-lhe — para os lados de Bolonha; seja muito desastrado, tente fazer com que o prendam; então, atrapalhe-se nas suas respostas, e finalmente confesse que é Fabrice

del Dongo; sobretudo, ganhe tempo. Seja hábil em sua inabilidade, e estará quite em troca de um mês de prisão, e a senhora lhe dará cinquenta sequins.

— E será que se pensa em dinheiro quando se serve à senhora duquesa?

Ele partiu e foi detido algumas horas mais tarde, o que causou uma alegria bem divertida no general Fabio Conti e em Rassi, que, com o perigo corrido por Fabrice, via sua baronia bater asas.

A evasão só foi sabida na cidadela por volta das seis da manhã, e só às dez é que ousaram informar ao príncipe. A duquesa tinha sido tão bem servida que, apesar do sono profundo de Fabrice, que ela achava ser um desmaio mortal, o que fez que três vezes tivesse mandado parar o carro, cruzou o Pó num barco quando estava dando quatro horas. Havia mudas de cavalos na margem esquerda; ainda andaram duas léguas com extrema rapidez, depois pararam mais de uma hora para a verificação dos passaportes. A duquesa os tinha de todo tipo, para ela e para Fabrice; mas nesse dia estava louca, e lembrou-se de dar dez napoleões ao funcionário da polícia austríaca e de pegar-lhe a mão, debulhando-se em lágrimas. Esse funcionário, muito assustado, recomeçou o exame. Pegaram a mala-posta; a duquesa pagou de um jeito tão extravagante que, por todo lado, levantou suspeitas nesse país em que qualquer estrangeiro é suspeito. Ludovic mais uma vez a socorreu, e disse que a senhora duquesa estava louca de dor, por causa da febre contínua do jovem conde Mosca, filho do primeiro-ministro de Parma, que ela levava consigo para consultar os médicos de Pavia.

Só a dez léguas mais para lá do Pó é que o prisioneiro acordou de vez; estava com um ombro luxado e muitos arranhões. A duquesa ainda mostrava uns modos tão extravagantes que o dono de um albergue de aldeia, onde jantaram, pensou estar tratando com uma princesa de sangue imperial, e ia fazer com que lhe prestassem as honras que ele imaginava lhe serem devidas quando Ludovic disse àquele homem que, inevitavelmente, a princesa o faria pô-lo na cadeia se ele resolvesse mandar bater os sinos.

Por fim, cerca de seis da tarde chegaram ao território piemontês. Só ali é que Fabrice ficou em absoluta segurança; levaram-no para uma pequena aldeia afastada da estrada real; trataram de suas mãos e ele dormiu mais algumas horas.

Foi nessa aldeia que a duquesa se entregou a uma ação não só horrível aos olhos da moral, mas que foi também um tanto funesta para seu sossego durante o resto de sua vida. Algumas semanas antes da evasão de Fabrice, e um dia em que toda Parma fora à porta da cidadela para tentar ver no pátio o cadafalso que se erguia em homenagem a ele, a duquesa mostrara a Ludovic, que se tornara o factótum de sua casa, o segredo pelo qual se fazia sair de uma pequena moldura de ferro, muito bem escondida, uma das pedras que formavam o fundo do famoso reservatório de água do palácio Sanseverina, obra do século XIII, e da qual falamos. Enquanto Fabrice dormia na *trattoria* dessa aldeola, a duquesa mandou chamar Ludovic; ele pensou que ela estava enlouquecendo, de tão peculiares eram os olhares que lhe lançava.

— Você deve estar esperando — disse ela — que eu vá lhe dar alguns milhares de francos. Pois bem! Não; eu o conheço, você é um poeta, logo teria dilapidado esse dinheiro. Dou-lhe a pequena propriedade de La Ricciarda, a uma légua de Casal-Maggiore.

Ludovic se jogou a seus pés, louco de alegria, e protestando, com um toque vindo do

coração, que não era para ganhar dinheiro que ele contribuía para salvar *monsignore* Fabrice; que sempre gostara dele de um modo particular desde que tivera a honra de conduzi-lo uma vez, em sua qualidade de terceiro cocheiro da senhora duquesa. Quando esse homem, que realmente tinha coração, pensou que uma dama tão ilustre se ocupara dele o suficiente, despediu-se; mas ela, com olhos cintilantes, disse-lhe:

— Fique.

Ela caminhava sem dizer uma palavra por esse quarto de taberna, fitando vez por outra Ludovic com olhos inacreditáveis. Afinal, esse homem, vendo que o estranho passeio não chegava ao fim, pensou que devia dirigir a palavra à sua patroa.

— A senhora me fez uma dádiva tão exagerada, tão acima de tudo o que um pobre homem como eu podia imaginar, tão superior, sobretudo, aos insignificantes serviços que tive a honra de prestar, que creio, em sã consciência, não poder conservar sua terra de La Ricciarda. Tenho a honra de devolver essa propriedade à senhora, e de lhe pedir que me conceda uma pensão de quatrocentos francos.

— Quantas vezes em sua vida — ela lhe disse com a altivez mais sombria —, quantas vezes ouviu dizer que eu tinha abandonado um projeto depois de tê-lo enunciado?

Depois dessa frase, a duquesa ainda caminhou por alguns minutos; então, parando de repente, exclamou:

— Foi por acaso, e porque ele soube agradar àquela mocinha, que a vida de Fabrice foi salva! Se ele não tivesse sido amável, morreria. Acaso você pode me negar isso? — disse, andando para Ludovic com olhos em que explodia o mais sombrio furor.

Ludovic recuou uns passos e julgou que ela estava louca, o que lhe deu profundas inquietações quanto à propriedade de sua terra de La Ricciarda.

— Pois bem! — recomeçou a duquesa no tom mais suave e mais alegre, e completamente mudado. — Quero que meus bons moradores de Sacca tenham um dia alucinante e do qual se lembrem por muito tempo. Você vai voltar a Sacca, tem alguma objeção? Pensa correr algum perigo?

— Pouca coisa, senhora; nenhum dos moradores de Sacca jamais dirá que eu estava no séquito de *monsignore* Fabrice. Aliás, se ousar dizê-lo à senhora, morro de vontade de ver *minha* propriedade de La Ricciarda: parece-me tão engraçado ser proprietário!

— Sua alegria me agrada. O granjeiro de La Ricciarda me deve, penso, três ou quatro anos de seu arrendamento: dou a ele, de presente, a metade do que me deve, e a outra metade de todos esses atrasados dou a você, mas com esta condição: você irá a Sacca, dirá que depois de amanhã é o dia da festa de uma de minhas padroeiras, e na noite que se seguir à sua chegada mandará iluminar meu castelo da maneira mais esplêndida. Não economize dinheiro nem trabalho: pense que se trata da maior felicidade de minha vida. Desde há muito preparei essa iluminação; há mais de três anos reuni nos porões do castelo tudo o que pode servir para essa nobre festa; dei em depósito ao jardineiro todos os elementos necessários para um fogo de artifício magnífico: você o fará queimar no terraço que dá para o Pó. Tenho oitenta e nove grandes tonéis de vinho em minhas adegas, você mandará fazerem oitenta e nove fontes de vinho no meu parque. Se no dia seguinte sobrar uma garrafa de vinho que não tenha sido bebida, direi que você não gosta de Fabrice. Quando as fontes de vinho, a iluminação e o fogos de artifício estiverem bem animados,

você se esquivará prudentemente, pois é possível, e é minha esperança, que em Parma todas essas belas coisas pareçam uma insolência.

— Isso não é apenas possível, é certo; como é certo também que o promotor Rassi, que assinou a sentença de *monsignore*, morrerá de raiva. E até mesmo... — acrescentou Ludovic com timidez —, se a senhora quisesse dar mais prazer a seu pobre servidor do que lhe entregar a metade dos atrasados de La Ricciarda, me permitiria fazer uma brincadeirinha com esse Rassi...

— Você é um homem fantástico! — exclamou a duquesa com exaltação. — Mas o proíbo terminantemente de fazer qualquer coisa com Rassi; tenho o projeto de fazê-lo enforcar em público, mais tarde. Quanto a você, trate de não ser preso em Sacca, se eu o perdesse tudo se estragaria.

— Eu, senhora! Quando tiver dito que festejo uma de suas padroeiras, se a polícia enviar trinta gendarmes para perturbar alguma coisa esteja certa de que, antes de terem chegado à cruz vermelha que existe no meio da cidade, nem um só deles estará montado no cavalo. Não, os moradores de Sacca se julgam os maiores; são todos rematados contrabandistas e adoram a senhora.

— Em suma — continuou a duquesa com um ar singularmente distante —, se dou vinho à minha brava gente de Sacca, quero inundar os moradores de Parma; na mesma noite em que meu castelo estiver iluminado, pegue o melhor cavalo de minha cavaliça, corra ao meu palácio, em Parma, e abra o reservatório.

— Ah! Excelente ideia a da senhora! — exclamou Ludovic, rindo como um louco. — Vinho para a brava gente de Sacca, água para os burgueses de Parma, que estavam tão seguros, os miseráveis, que *monsignore* Fabrice ia ser envenenado como o pobre L\*\*\*.

A alegria de Ludovic não acabava; a duquesa olhava com condescendência para suas risadas alucinadas; ele repetia sem parar:

— Vinho para a gente de Sacca e água para os de Parma! A senhora sabe, com certeza melhor que eu, que quando se esvaziou imprudentemente o reservatório, há uns vinte anos, várias ruas de Parma ficaram com até um pé de água.

— E água para a gente de Parma! — retrucou a duquesa, rindo. — A avenida em frente à cidadela teria ficado cheia de gente se tivessem cortado o pescoço de Fabrice... Todo mundo o chama de *o grande culpado*... Mas, sobretudo, faça isso com habilidade, que nunca ninguém vivo saiba que essa inundação foi feita por você nem ordenada por mim. Fabrice e o próprio conde devem ignorar essa louca brincadeira... Mas eu ia me esquecendo dos pobres de Sacca; vá escrever uma carta ao encarregado dos meus negócios, que eu assinarei; você lhe dirá que para a festa de minha santa padroeira ele distribua cem sequins aos pobres de Sacca e que lhe obedeça em tudo para a iluminação, os fogos de artifício e o vinho; que, em especial, no dia seguinte não sobre uma garrafa cheia nas minhas adegas.

— O encarregado dos seus negócios só ficará embaraçado num ponto: nos cinco anos em que a senhora tem o castelo, não deixou dez pobres em Sacca.

— *E água para a gente de Parma!* — retomou a duquesa, cantando. — Como você executará essa brincadeira?

— Meu plano está todo feito: parto de Sacca por volta das nove horas, às dez e meia meu

cavalo está no albergue dos *Trois Ganaches*, na estrada de Casal-Maggiore e da *minha* propriedade de La Ricciarda; às onze horas estou no meu quarto no palácio, e às onze e quinze, água para a gente de Parma, e mais do que eles quererão, para beber à saúde do grande culpado. Dez minutos depois saio da cidade pela estrada de Bolonha. De passagem, faço um profunda saudação à cidadela, que a coragem de *monsignore* e o espírito da senhora acabam de desonrar; pego uma trilha pelo campo, que conheço bem, e faço minha entrada em La Ricciarda.

Ludovic levantou os olhos para a duquesa e ficou assustado: ela mirava fixamente a parede nua a seis pés dali, e, é preciso convir, seu olhar estava atroz. “Ah! minha pobre propriedade!”, pensou Ludovic, “o fato é que ela está louca!” A duquesa o olhou e adivinhou seu pensamento.

— Ah! Senhor Ludovic, o grande poeta, quer uma doação por escrito: corra para me buscar uma folha de papel.

Ludovic não esperou que a duquesa repetisse essa ordem, e ela escreveu de próprio punho um longo reconhecimento, antedatado de um ano, e pelo qual declarava ter recebido de Ludovic San Micheli a quantia de oitenta mil francos, e de ter lhe dado como fiança a propriedade de La Ricciarda. Se depois de doze meses completos a duquesa não tivesse devolvido os ditos oitenta mil francos a Ludovic, a propriedade de La Ricciarda ficaria sendo dele.

“É bonito”, pensava a duquesa, “dar a um servidor fiel a terça parte, mais ou menos, do que me resta para mim mesma.”

— Ah, pois é! — disse a duquesa a Ludovic. — Depois da brincadeira do reservatório só lhe dou dois dias para se divertir em Casal-Maggiore. Para que a venda seja válida, diga que é um negócio que data de mais de um ano. Volte para me encontrar em Belgirate, e sem qualquer demora; Fabrice irá talvez para a Inglaterra, aonde você o acompanhará.

No dia seguinte bem cedo a duquesa e Fabrice estavam em Belgirate.

Instalaram-se nessa aldeia encantadora; mas uma tristeza mortal esperava pela duquesa à beira desse belo lago. Fabrice estava inteiramente mudado; desde os primeiros momentos em que acordara de seu sono, de certa forma letárgico, depois da fuga, a duquesa percebera que nele se passava algo extraordinário. O sentimento profundo por ele escondido com muito cuidado era um tanto bizarro, era nada menos que o seguinte: ele se sentia desesperado por estar fora da prisão. Evitava confessar a causa de sua tristeza, pois ela levaria a perguntas às quais não queria responder.

— Mas como! — dizia-lhe a duquesa, espantada. — Essa horrível sensação quando a fome o forçava a se alimentar, para não cair, com um desses pratos detestáveis fornecidos pela cozinha da prisão, essa sensação de que “haverá aqui algum gosto singular, estarei me envenenando neste instante?”, essa sensação não lhe dá horror?

— Eu pensava na morte — respondia Fabrice —, assim como suponho que pensam nela os soldados: era uma coisa possível que eu imaginava evitar com minha habilidade.

Assim sendo, quanta inquietação, quanta dor para a duquesa! Essa criatura adorada, singular, viva, original estava agora, diante de seus olhos, às voltas com um devaneio profundo; preferia a própria solidão ao prazer de falar de todas as coisas, e de coração aberto, com a melhor amiga que tinha no mundo. Continuava a ser bom, solícito, grato à

duquesa, e teria, como no passado, dado cem vezes a vida por ela; mas sua alma estava em outro lugar. Volta e meia andavam quatro ou cinco léguas naquele lago sublime sem trocarem uma palavra. A conversa, a troca de pensamentos frios agora possível entre eles, teria talvez parecido agradável a outros: mas ainda se lembravam, a duquesa sobretudo, do que era a conversa deles antes daquela luta fatal com Giletti que os separara. Fabrice devia à duquesa a história dos nove meses passados numa prisão horrorosa, e acontece que sobre essa temporada não tinha nada a dizer além de frases breves e incompletas. “Eis o que devia acontecer cedo ou tarde”, pensava a duquesa com um pesar sombrio. “A tristeza me envelheceu, ou então ele ama realmente, e não ocupo mais que o segundo lugar em seu coração.” Aviltada, aterrada por esse maior desgosto possível, a duquesa pensava às vezes: — Se o céu quisesse que Ferrante enlouquecesse de vez ou que lhe faltasse coragem, parece-me que eu seria menos infeliz.

Desde esse momento o semirremorso envenenou a estima que a duquesa tinha pelo próprio caráter. “Assim”, pensava com amargura, “arrependo-me de uma decisão tomada. Portanto, não sou mais uma Del Dongo! O céu o quis”, ela continuava. “Fabrice está apaixonado, e com que direito eu desejaria que não estivesse? Acaso uma só palavra de amor verdadeiro foi jamais trocada entre nós?”

Essa ideia tão sensata lhe tirou o sono, e, por fim — o que mostrava que a velhice e o enfraquecimento da alma tinham chegado para ela, com a perspectiva de uma ilustre vingança —, ela foi cem vezes mais infeliz em Belgirate que em Parma. Quanto à pessoa que podia causar o estranho devaneio de Fabrice, não era possível ter dúvidas razoáveis: Clélia Conti, essa moça tão piedosa, traíra o pai, posto que consentira embriagar a guarnição, e Fabrice jamais falava de Clélia. “Mas”, acrescentava a duquesa batendo no peito com desespero, “se a guarnição não estivesse embriagada, todas as minhas invenções, todos os meus cuidados se tornariam inúteis; portanto, foi ela que o salvou!”

Era com extrema dificuldade que a duquesa obtinha de Fabrice detalhes sobre os acontecimentos daquela noite, “que”, dizia a duquesa, “outrora teria sido entre nós o assunto de uma conversa incessantemente renovada! Naqueles tempos afortunados, ele teria falado um dia todo e com uma verve e uma alegria incessantemente renovadas sobre a menor bagatela que eu me lembrasse de trazer à baila.”

Como era preciso tudo prever, a duquesa instalara Fabrice no porto de Locarno, cidade suíça na extremidade do lago Maior. Todo dia ia pegá-lo de barco para longos passeios pelo lago. Pois bem! Uma vez que resolveu subir aos aposentos dele, encontrou seu quarto forrado com uma profusão de vistas da cidade de Parma que ele mandara vir de Milão ou de Parma mesmo, país pelo qual deveria sentir abominação. Seu salãozinho, transformado em ateliê, estava atulhado com todos os apetrechos de um pintor de aquarela, e ela o encontrou terminando uma terceira vista da Torre Farnese e do palácio do governador.

— Só lhe falta — disse com ar irritado — fazer de memória o retrato desse amável governador que queria apenas envenená-lo. Mas, pensando nisso — continuou a duquesa —, você deveria lhe escrever uma carta de desculpas por ter tomado a liberdade de fugir e ridicularizar a cidadela dele.

A pobre mulher não imaginava dizer algo tão verdadeiro: mal chegou a um lugar seguro, o primeiro cuidado de Fabrice fora escrever ao general Fabio Conti uma carta

perfeitamente polida e, em certo sentido, um tanto ridícula; pedia-lhe desculpas por ter fugido, alegando como escusa o fato de que tivera motivos para crer que certo subalterno da prisão fora encarregado de lhe ministrar veneno. Pouco lhe importava o que escrevia, Fabrice esperava que os olhos de Clélia vissem aquela carta, e seu rosto estava coberto de lágrimas ao escrevê-la. Terminou-a com uma frase bem divertida: ousava dizer que, achando-se em liberdade, volta e meia lhe acontecia ter saudades de seu quartinho da Torre Farnese. Era esse o pensamento capital de sua carta, e ele esperava que Clélia o compreendesse. Em sua disposição para escrever, e na esperança de ser lido por alguém, Fabrice dirigiu agradecimentos a dom Cesare, esse bom capelão que lhe emprestara livros de teologia. Alguns dias depois, Fabrice convenceu o pequeno livreiro de Locarno a fazer a viagem a Milão, onde esse livreiro, amigo do célebre bibliômano Reina, comprou as mais magníficas edições que conseguiu encontrar das obras emprestadas por dom Cesare. O bom capelão recebeu esses livros e uma bela carta que lhe dizia que, em momentos de impaciência, talvez perdoáveis num pobre prisioneiro, este tinha enchido as margens daqueles livros com notas ridículas. Por conseguinte, suplicava-lhe que os substituísse em sua biblioteca pelos volumes que a mais profunda gratidão se permitia apresentar-lhe.

Fabrice era bem modesto ao dar o simples nome de notas aos rabiscos infundáveis com que cobrira as margens de um exemplar in-fólio das obras de são Jerônimo. Na esperança de que poderia mandar de volta esse livro ao bom capelão, e de trocá-lo por outro, ele escrevera dia a dia, nas margens, um diário muito exato de tudo o que lhe tinha ocorrido na prisão; os grandes acontecimentos não eram outra coisa além dos êxtases de *amor divino* (a palavra divino substituíra outra que ele não ousava escrever). Ora esse amor divino conduzia o preso a um profundo desespero, ora uma voz ouvida através dos ares devolvia alguma esperança e causava ímpetos de felicidade. Tudo isso, felizmente, era escrito com tinta de prisão, feita de vinho, chocolate e sebo, e dom Cesare apenas dera uma olhada naquilo, substituindo em sua biblioteca o volume de são Jerônimo. Se tivesse lido as margens, teria visto que um dia o preso, julgando-se envenenado, felicitava-se por morrer a menos de quarenta passos de distância de quem ele mais amara neste mundo. Mas outros olhos que não os do bom capelão leram essa página desde a evasão. Esta bela ideia: *Morrer perto de quem se ama!*, expressa de cem maneiras diferentes, era seguida por um soneto em que se via que a alma separada, depois de tormentos atrozes, desse corpo frágil que ela habitara por vinte e três anos, impelida por esse instinto de felicidade natural a tudo o que existiu uma vez, não subiria ao céu para se misturar com os coros dos anjos assim que ficasse livre e caso o julgamento terrível lhe concedesse o perdão de seus pecados; porém, mais feliz depois da morte do que fora durante a vida, iria a poucos passos da prisão, onde por tanto tempo gemera, juntar-se a tudo o que amara no mundo. “E assim”, dizia o último verso do soneto, “terei encontrado meu paraíso na terra.”

Embora na cidadela de Parma só se falasse de Fabrice como de um traidor infame que violara os deveres mais sagrados, o bom padre dom Cesare ficou, porém, radiante ao ver os belos livros que um desconhecido lhe enviava; pois Fabrice tomara o cuidado de só escrever alguns dias depois do envio, temendo que seu nome fizesse rejeitarem o pacote com indignação. Dom Cesare não falou dessa atenção com seu irmão, que ficava furioso só de ouvir o nome de Fabrice; mas desde a fuga deste último ele retomara toda a antiga

intimidade com sua amável sobrinha; e como outrora lhe ensinara algumas palavras em latim, mostrou-lhe as belas obras que recebia. Esta tinha sido a esperança do viajante. De repente Clélia enrubesceu tremendamente, pois acabava de reconhecer a letra de Fabrice. Grandes tiras muito estreitas de papel amarelo estavam postas, à guisa de marcadores, em diversos lugares do volume. E como é certo dizer que, no meio dos meros interesses de dinheiro e da frieza desbotada dos pensamentos vulgares que enchem nossa vida, as iniciativas inspiradas por uma verdadeira paixão raramente deixam de produzir seus efeitos; e como se uma divindade propícia tomasse o cuidado de conduzi-los pela mão, Clélia, guiada por esse instinto e pelo pensamento de uma única coisa no mundo, pediu a seu tio que comparasse o antigo exemplar de são Jerônimo com aquele que acabava de receber. Como expressar seu encantamento em meio à sombria tristeza em que a ausência de Fabrice a afundara, quando ela encontrou nas margens do antigo são Jerônimo o soneto de que falamos, e as memórias, dia a dia, do amor que tinham sentido por ela!

Desde o primeiro dia ela aprendeu de cor o soneto; cantava-o, encostada na janela, diante da janela agora solitária, na qual vira tantas vezes uma pequena abertura aparecer no quebra-luz. Esse quebra-luz fora desmontado para ser posto na mesa do tribunal e servir de prova num processo ridículo que Rassi instaurara contra Fabrice, acusado do crime de ter fugido, ou, como dizia o promotor rindo de si mesmo, *de ter se furtado à clemência de um príncipe magnânimo!*

Cada iniciativa de Clélia era para ela objeto de profundo remorso, e desde que se sentia infeliz os remorsos eram mais vivos. Tentava apaziguar um pouco as críticas que fazia a si mesma, lembrando-se da promessa de nunca mais rever Fabrice, feita por ela à Madona por ocasião do semienvenenamento do general, e cada dia renovada.

Seu pai adoecera com a evasão de Fabrice, e ademais estivera prestes a perder seu lugar quando o príncipe, em sua cólera, destituiu todos os carcereiros da Torre Farnese e os fez passar como prisioneiros para a cadeia da cidade. O general foi salvo, em parte, pela intercessão do conde Mosca, que preferia vê-lo trancado no alto de sua cidadela a vê-lo como rival ativo e intrigante nos círculos da corte.

Foi durante os quinze dias que durou a incerteza relativa à desgraça do general Fabio Conti, realmente doente, que Clélia teve a coragem de executar o sacrifício que anunciara a Fabrice. Tivera a esperteza de adoecer no dia dos festejos gerais, que foi também o da fuga do prisioneiro, como o leitor talvez se lembre; também adoeceu no dia seguinte e, em suma, soube tão bem se comportar que, com exceção do carcereiro Grillo, encarregado especialmente da guarda de Fabrice, ninguém suspeitou de sua cumplicidade, e Grillo se calou.

Contudo, assim que não teve mais preocupações desse lado, Clélia foi ainda mais cruelmente agitada por seus justos remorsos. “Qual razão no mundo”, pensava, “pode diminuir o crime de uma filha que trai o pai?”

Uma noite, depois de um dia passado quase inteiramente na capela e aos prantos, pediu ao tio, dom Cesare, que a acompanhasse até os aposentos do general, cujos acessos de fúria a apavoravam mais ainda porque, a respeito de qualquer coisa, ele misturava a isso imprecações contra Fabrice, esse traidor abominável.

Chegando em presença do pai, teve a coragem de lhe dizer que, se sempre se recusara a

dar a mão ao marquês Crescenzi, é porque não sentia nenhuma atração por ele, e por isso tinha certeza de não encontrar a felicidade nessa união. Diante dessas palavras, o general ficou furioso; e Clélia teve muita dificuldade para retomar a palavra. Acrescentou que se seu pai, seduzido pela grande fortuna do marquês, pensava dever lhe dar a ordem estrita de desposá-lo, estava pronta para obedecer. O general ficou muito espantado com essa conclusão, a qual estava longe de esperar; terminou, porém, se alegrando. “Assim”, disse a seu irmão, “não me verei reduzido a morar num segundo andar, se esse descarado do Fabrice me fizer perder meu lugar por conta de seu mau procedimento.”

O conde Mosca não deixava de se mostrar profundamente escandalizado com a evasão desse *mau sujeito* de Fabrice, e repetia ocasionalmente a frase inventada por Rassi sobre o baixo procedimento desse rapaz, muito vulgar aliás, que se furtara à clemência do príncipe. Essa frase espirituosa, consagrada pela boa sociedade, não pegou entre o povo. Deixado a seu bom senso, e embora acreditando que Fabrice era muito culpado, o povo admirava a resolução que ele precisou ter para se lançar de um muro tão alto. Nem uma só pessoa da corte admirou essa coragem. Quanto à polícia, humilhadíssima com esse fracasso, descobrira oficialmente que uma tropa de vinte soldados subornados pelas distribuições de dinheiro da duquesa, essa mulher tão atrozmente ingrata, e cujo nome só era agora pronunciado junto com um suspiro, estendera a Fabrice quatro cordas amarradas juntas, e de quarenta e cinco pés de comprimento cada uma: tendo estendido uma corda que foi amarrada nas escadas, Fabrice só tivera o mérito muito vulgar de puxar essas escadas para si. Alguns liberais conhecidos por sua imprudência, entre eles o médico C\*, agente pago diretamente pelo príncipe, acrescentaram, mas se comprometendo, que essa polícia atroz cometera a barbárie de mandar fuzilar oito desses pobres soldados que haviam facilitado a fuga do ingrato Fabrice. Então ele foi criticado até mesmo pelos verdadeiros liberais, como tendo causado por sua imprudência a morte de oito pobres soldados. É assim que os pequenos despotismos reduzem a zero o valor da opinião pública.<sup>8</sup>

8 TR J. F. M. 31 [*Troubles, janvier, février, mars 1831*] (Distúrbios, janeiro, fevereiro, março de 1831), alusão à insurreição de Módena, reprimida por Francisco IV, e aventada no capítulo seguinte].

No meio dessa fúria geral, só o arcebispo Landriani mostrou-se fiel à causa de seu jovem amigo; ousava repetir, até mesmo na corte da princesa, a máxima de direito segundo a qual, em todo processo, é preciso reservar um ouvido puro de qualquer preconceito para ouvir as justificações de um ausente.

Já no dia seguinte da evasão de Fabrice, várias pessoas receberam um soneto muito medíocre que celebrava essa fuga como uma das belas ações do século, e comparava Fabrice a um anjo chegando na terra de asas abertas. Dois dias depois, à noite, toda Parma repetia um soneto sublime. Era o monólogo de Fabrice deixando-se escorregar ao longo da corda, e julgando os diversos incidentes de sua vida. Esse soneto lhe deu prestígio na opinião pública por dois versos magníficos, e todos os conhecedores reconheceram o estilo de Ferrante Palla.

Mas aqui eu teria de buscar o estilo épico: onde encontrar cores para pintar as torrentes de indignação que de repente submergiram de todos os corações bem pensantes, quando se soube da horrível insolência daquela iluminação do castelo de Sacca? Houve um só grito contra a duquesa; até mesmo os liberais de verdade acharam que era comprometer de um modo bárbaro os pobres suspeitos presos nas diversas cadeias, e exasperar inutilmente o coração do soberano. O conde Mosca declarou que só restava um recurso aos antigos amigos da duquesa, era esquecê-la. O concerto de execração foi, portanto, unânime: um estrangeiro passando pela cidade teria ficado impressionado com a energia da opinião pública. Mas nesse país em que se sabe apreciar o prazer da vingança, a iluminação de Sacca e a festa admirável dada no parque para mais de seis mil camponeses tiveram um imenso sucesso. Todos repetiam em Parma que a duquesa mandara distribuir mil sequins a seus camponeses; explicava-se assim a acolhida um pouco dura feita a uns trinta gendarmes que a polícia cometeu a estupidez de enviar àquela aldeola, trinta e seis horas depois da noite sublime e da embriaguez geral que se seguiu. Os gendarmes, recebidos a pedradas, tinham fugido, e dois deles, caídos do cavalo, foram jogados no Pó.

Quanto à ruptura do grande reservatório de água do palácio Sanseverina, passara quase despercebida: foi durante a noite que algumas ruas tinham sido mais ou menos inundadas, no dia seguinte dir-se-ia que chovera. Ludovic tomara o cuidado de quebrar as vidraças de uma janela do palácio, de modo que a entrada de ladrões estava explicada.

Tinham até mesmo encontrado uma pequena escada. Só o conde Mosca reconheceu o talento de sua amiga.

Fabrice estava perfeitamente decidido a voltar a Parma assim que pudesse; mandou Ludovic levar uma longa carga ao arcebispo, e esse fiel servidor voltou para pôr na posta, na primeira aldeia do Piemonte, em Sannazaro, a oeste de Pavia, uma epístola latina que o

digno prelado dirigia a seu jovem protegido. Acrescentaremos um detalhe que, como vários outros, sem dúvida, será inútil em países em que essas precauções não são mais necessárias. O nome de Fabrice del Dongo jamais era escrito; todas as cartas que lhe eram destinadas iam endereçadas a Ludovic San Micheli, em Locarno, Suíça, ou a Belgirate, no Piemonte. O envelope era feito de papel grosseiro, o carimbo, mal aplicado, o endereço, apenas legível, e às vezes ornamentado com recomendações dignas de uma cozinheira; todas as cartas eram datadas de Nápoles seis dias antes da data verdadeira.

Da aldeia piemontesa de Sannazaro, perto de Pavia, Ludovic voltou às pressas para Parma: estava encarregado de uma missão à qual Fabrice dava a maior importância; tratava-se, nada menos, de entregar a Clélia Conti um lenço de seda no qual estava impresso um soneto de Petrarca. É verdade que uma palavra desse soneto estava trocada; Clélia o encontrou sobre sua mesa, dois dias depois de ter recebido os agradecimentos do marquês Crescenzi, que se dizia o mais feliz dos homens, e não é necessário dizer que impressão essa marca de uma lembrança sempre constante produziu em seu coração.

Ludovic devia tentar conseguir todos os detalhes possíveis do que se passava na cidadela. Foi ele que contou a Fabrice a triste notícia de que o casamento do marquês Crescenzi parecia, agora, um fato consumado; praticamente não se passava dia sem que ele desse uma festa para Clélia, dentro da cidadela. Uma prova decisiva do casamento é que esse marquês, imensamente rico e, por conseguinte, muito avaro, como é de praxe entre as pessoas opulentas do norte da Itália, fazia preparativos imensos, e no entanto se casava com uma moça *sem dote*. É verdade que em sua vaidade, o general Fabio Conti, muito melindrado com essa observação, a primeira que se apresentou ao espírito de todos os seus conterrâneos, acabara de comprar uma propriedade de mais de trezentos mil francos, e ele, que não tinha nada, comprara essa terra à vista, aparentemente com os cobres do marquês. Portanto, o general declarara que dava essa terra como presente de casamento à filha. Mas as despesas notariais e outras, montando a mais de doze mil francos, pareceram um gasto extremamente absurdo para o marquês Crescenzi, criatura eminentemente lógica. De seu lado, ele mandava fabricar em Lyon tapeçarias coloridas magníficas, muito bem combinadas e desenhadas para o prazer dos olhos, pelo célebre Pallagi, pintor de Bolonha. Essas tapeçarias, cada uma delas com um motivo tirado das armas da família Crescenzi, que, como o universo sabe, descende do famoso Crescentius, cônsul de Roma em 985, deviam mobiliar os dezessete salões que formavam o andar térreo do palácio do marquês. As tapeçarias, os pêndulos e os lustres entregues em Parma custaram mais de trezentos e cinquenta mil francos; o preço dos espelhos novos, somados aos que a casa já possuía, se elevou a duzentos mil francos. Com exceção de dois salões, com obras célebres de Parmigiano, o grande pintor da região depois do divino Correggio, todas as peças do primeiro e do segundo andar eram agora ocupadas pelos pintores famosos de Florença, Roma e Milão, que as enfeitavam com pinturas a fresco. Fogelberg, o grande escultor sueco, Tenerani de Roma e Marchesi de Milão trabalhavam havia um ano em dez baixos-relevos representando outras tantas belas ações de Crescentius, esse verdadeiro grande homem. A maioria dos tetos, com afrescos, ofereceria também alguma alusão à vida dele. Admirava-se geralmente o teto em que Hayez, de Milão, representara Crescentius recebido nos Campos Elíseos por Francisco Sforza; Lourenço, o Magnífico, o rei Roberto, o tribuno

Cola de Rienzi, Maquiavel, Dante e os outros grandes homens da Idade Média. A admiração por essas almas de elite supostamente deveria funcionar como um epigrama contra as pessoas no poder.

Todos esses detalhes magníficos ocupavam exclusivamente a atenção da nobreza e dos burgueses de Parma, e trespassaram o coração de nosso herói quando os leu, contados com admiração ingênua, numa longa carta de mais de vinte páginas que Ludovic ditara a um guarda alfandegário de Casal-Maggiore.

“E eu sou tão pobre!”, pensava Fabrice, “quatro mil libras de renda ao todo e nada mais! É realmente uma insolência minha ousar estar apaixonado por Clélia Conti, para quem se fazem todos esses milagres.”

Um só trecho da longa carta de Ludovic, mas este escrito com sua letra ruim, anunciava a seu patrão que ele encontrara à noite, e na posição de um homem que se esconde, o pobre Grillo, seu antigo carcereiro, que fora posto na cadeia e depois solto. Esse homem lhe pedira um sequim, por caridade, e Ludovic lhe dera quatro, em nome da duquesa. Os antigos carcereiros recém-postos em liberdade, doze ao total, se preparavam para recepcionar na base de punhaladas (*un trattamento de coltellate*) os novos carcereiros, seus sucessores, caso conseguissem encontrá-los fora da cidadela. Grillo dissera que quase todo dia havia serenata na fortaleza, que a srta. Clélia andava muito pálida, volta e meia doente, e *outras coisas semelhantes*. Essa mensagem ridícula fez com que Ludovic recebesse, correio após correio, a ordem de voltar a Locarno. Voltou, e os detalhes que deu de viva voz foram ainda mais tristes para Fabrice.

Pode-se julgar a amabilidade que este demonstrava com a pobre duquesa; teria suportado mil mortes a proferir diante dela o nome de Clélia Conti. A duquesa abominava Parma; e para Fabrice, tudo o que lembrava essa cidade era a um só tempo sublime e enternecedor.

A duquesa tinha, menos que nunca, esquecido sua vingança; era tão feliz antes do incidente da morte de Giletti! E agora, qual era seu destino! Vivia na espera de um acontecimento horrível do qual evitaria a todo custo dizer uma palavra a Fabrice, ela, que outrora, por ocasião de seu arranjo com Ferrante, acreditava tanto alegrar Fabrice dizendo-lhe que um dia ele seria vingado.

Agora é possível ter uma vaga ideia de como eram divertidas as conversas de Fabrice com a duquesa: quase sempre um silêncio sombrio pairava entre eles. Para aumentar os encantos das relações entre ambos, a duquesa cedera à tentação de pregar uma peça a esse sobrinho muito querido. O conde lhe escrevia quase todo dia; aparentemente, enviava correios como na época de seus amores, pois suas cartas sempre traziam o selo de alguma cidadezinha da Suíça. O pobre homem torturava o espírito para não falar muito abertamente de sua ternura, e para construir cartas divertidas, e a duquesa mal as percorria com um olhar distraído. O que significa, infelizmente, a fidelidade de um amante estimado, quando se tem o coração trespassado pela frieza do outro que é o preferido?

Em dois meses a duquesa só lhe respondeu uma vez e foi para exortá-lo a sondar o terreno junto à princesa, e para ver se, apesar da insolência dos fogos de artifício, receberiam com prazer uma carta da duquesa. A carta que ele deveria apresentar, se a julgasse apropriada, pedia o lugar de cavaleiro de honra da princesa, que fazia pouco estava vago, para o marquês Crescenzi, e desejava que isso lhe fosse concedido em

consideração ao seu casamento. A carta da duquesa era uma obra-prima: era o respeito mais meigo e mais bem expresso; não se admitia naquele estilo cortesanesco a menor palavra cujas consequências, mesmo as mais remotas, pudessem não ser agradáveis à princesa. Assim, a resposta transpirava uma amizade carinhosa que a ausência tortura.

“Meu filho e eu”, dizia-lhe a princesa, “não tivemos nem uma noite um pouco razoável desde sua partida tão brusca. Minha querida duquesa então não se lembra mais de que foi ela que me fez conceder um voto consultativo na nomeação dos oficiais de minha casa? Considera-se então obrigada a me dar motivos para o posto do marquês, como se seu desejo expressado não fosse para mim o primeiro dos motivos? O marquês terá o lugar, se eu tiver algum poder; e haverá sempre um em meu coração, e o primeiro, para minha amável duquesa. Meu filho se serve exatamente das mesmas expressões, um pouco fortes, porém, na boca de um rapaz de vinte e um anos, e lhe pede amostras de minerais do vale de Orta, vizinho de Belgirate. Pode endereçar suas cartas, que espero frequentes, ao conde, que ainda a detesta e a quem estimo sobretudo por causa desses sentimentos. O arcebispo também lhe permaneceu fiel. Esperamos todos revê-la um dia: lembre-se de que é preciso. A marquesa Ghisleri, minha primeira-dama, se dispõe a trocar este mundo por outro melhor: a pobre mulher me fez muito mal; ainda me desagrada por ir embora tão inoportunamente; sua doença me faz pensar no nome que outrora eu teria posto com tanto prazer no lugar dela, se todavia tivesse conseguido obter esse sacrifício da independência dessa mulher única que, fugindo de nós, levou consigo toda a alegria de minha pequena corte” etc.

Era, portanto, com a consciência de ter tentado apressar, tanto quanto estava a seu alcance, o casamento que punha Fabrice no desespero, que a duquesa o via todos os dias. Assim, às vezes passavam quatro ou cinco horas a vagar juntos no lago, sem trocarem uma só palavra. Do lado de Fabrice, a benevolência era integral e perfeita; mas ele pensava em outras coisas, e sua alma ingênua e simples não lhe fornecia nada a dizer. A duquesa o via, e isso era seu suplício.

Esquecemos de contar no devido momento que a duquesa alugara uma casa em Belgirate, aldeia encantadora, e que tem tudo o que seu nome promete (a vista de uma bela volta do lago). Da porta-janela do salão, a duquesa podia pôr o pé em seu barco. Pegara um muito corriqueiro, e para o qual quatro remadores bastariam; contratou doze e se arranjou de modo a ter um homem de cada uma das aldeias situadas nos arredores de Belgirate. Na terceira ou quarta vez que se viu no meio do lago com todos esses homens escolhidos a dedo, mandou parar o movimento dos remos.

— Considero-os, todos, como amigos — disse-lhes — e quero lhes confiar um segredo. Meu sobrinho Fabrice fugiu da prisão; e talvez, por traição, tentem recapturá-lo, embora ele esteja à beira do lago de vocês, terra de imunidade. Fiquem de ouvidos alertas e me previnam de tudo o que conseguirem saber. Autorizo-os a entrarem em meu quarto de dia e de noite.

Os remadores responderam com entusiasmo; ela sabia se fazer amar. Mas não pensava que se tratasse de recapturar Fabrice: todos esses cuidados eram para ela, e antes da ordem fatal de abrir o reservatório do palácio Sanseverina ela não teria pensado nisso.

Sua prudência também a levava a alugar um apartamento no porto de Locarno, para

Fabrice; todos os dias ele ia vê-la, ou ela mesma ia à Suíça. Pode-se imaginar quão agradáveis eram seus eternos tête-à-têtes por este detalhe: a marquesa e suas filhas foram vê-los duas vezes, e a presença dessas estranhas lhes foi agradável; pois, apesar dos laços de sangue, pode-se chamar de estranha uma pessoa que não sabe nada de nossos mais caros interesses, e que só vemos uma vez por ano.

Uma tarde, a duquesa estava em Locarno, na casa de Fabrice, com a marquesa e suas duas filhas. O arcebispo do país e o padre tinham ido apresentar seus respeitos a essas damas: o arcebispo, que andava interessado numa casa comercial, e se mantinha muito a par das novidades, resolveu dizer:

— O príncipe de Parma morreu!

A duquesa empalideceu ao extremo; mal teve coragem de dizer:

— Sabem-se os detalhes?

— Não — respondeu o arcebispo —; a notícia se limita a anunciar a morte, que é certa.

A duquesa olhou para Fabrice. “Fiz isso por ele”, pensou, “teria feito mil vezes pior, e eilo aqui na minha frente, indiferente e pensando em outra!” Era acima das forças da duquesa suportar esse terrível pensamento; caiu num desfalecimento profundo. Todos trataram de socorrê-la; mas, ao voltar a si, observou que Fabrice movimentava-se menos que o arcebispo e o padre; ele sonhava, como de costume.

“Ele pensa em regressar a Parma”, cogitou a duquesa, “e talvez em romper o casamento de Clélia com o marquês; mas saberei impedi-lo.”

Depois, lembrando-se da presença dos dois padres, apressou-se em acrescentar:

— Era um grande príncipe, e que foi muito caluniado! É uma perda imensa para nós!

Os dois padres se despediram e a duquesa, para ficar sozinha, anunciou que ia para a cama.

“Sem dúvida”, pensava, “a prudência me ordena esperar um mês ou dois antes de voltar a Parma; mas sinto que jamais terei essa paciência; sofro demais aqui. Esse devaneio contínuo, esse silêncio de Fabrice, são para meu coração um espetáculo intolerável. Quem me diria que eu haveria de me entediar ao passear por este lago encantador, a sós com ele, e no momento em que fiz para vingá-lo mais do que posso lhe dizer! Depois de um tal espetáculo, a morte não é nada. É agora que estou pagando pelos arroubos de felicidade e de alegria infantil que encontrava em meu palácio em Parma quando recebi Fabrice voltando de Nápoles. Se eu tivesse dito uma palavra, tudo estaria terminado, e talvez, ligado a mim, ele não teria sonhado com essa pequena Clélia; mas essa palavra me dava uma horrível repugnância. Agora ela me vence. O que há de mais simples? Ela tem vinte anos; e eu, mudada pelas preocupações, doente, tenho o dobro de sua idade!... É preciso morrer, é preciso acabar! Uma mulher de quarenta anos não é mais nada senão para os homens que a amaram em sua juventude! Agora só encontrarei os gozos da vaidade; e vale a pena viver por eles? Razão a mais para ir a Parma, e para me divertir. Se as coisas tomassem um certo rumo, tirariam minha vida. Pois bem! Onde está o mal? Serei uma morta magnífica, e antes de terminar, mas só então, direi a Fabrice: ‘Ingrato! Foi por você! ...’. Sim, não posso encontrar ocupação para esse pouco de vida que me resta a não ser em Parma; lá bancarei a grande dama. Que felicidade se agora eu pudesse ser sensível a todas essas distinções que outrora faziam a desgraça da marquesa Raversi! Na época, para ver

minha felicidade eu precisava olhar nos olhos da inveja... Minha vaidade tem uma alegria; excetuando-se o conde, talvez, ninguém poderá ter adivinhado qual foi o acontecimento que pôs fim à vida de meu coração... Amarei Fabrice, serei devotada à sua carreira, mas ele não tem de romper o casamento de Clélia e acabar desposando-a... Não, isso não acontecerá!”

A duquesa estava nesse ponto de seu triste monólogo quando ouviu um barulhão na casa.

“Bom!”, pensou, “eis que vêm me prender; Ferrante terá se deixado agarrar, terá falado. Pois bem! Antes disso! Vou ter uma ocupação; vou disputar-lhes minha cabeça. Mas, *primo*, não devo me deixar agarrar.”

A duquesa, semivestida, fugiu para o fundo de seu jardim: já sonhava em passar por cima de um murinho e escapar pelo campo; mas viu que entravam em seu quarto. Reconheceu Bruno, o homem de confiança do conde: estava sozinho, com sua camareira. Ela se aproximou da porta-janela. Esse homem falava com a camareira sobre os ferimentos que tinha recebido. A duquesa voltou para casa, Bruno quase se jogou a seus pés, conjurando-a a não dizer ao conde a hora absurda em que chegara.

— Logo depois da morte do príncipe — acrescentou —, o senhor conde deu ordem a todas as postas para que não fornecessem cavalos aos súditos dos estados de Parma. Por conseguinte, fui até o Pó com os cavalos da casa; mas, ao sair do barco, meu carro foi virado, quebrou e ficou destruído, e eu tive contusões tão graves que não consegui montar a cavalo, como era meu dever.

— Pois é! — disse a duquesa. — São três horas da manhã: direi que você chegou ao meio-dia; você não vai me contradizer.

— Reconheço as bondades da senhora.

A política, numa obra literária, é um tiro de pistola no meio de um concerto, algo grosseiro, mas ao qual não é possível recusar sua atenção.

Vamos falar de coisas muito feias, e que, por mais de uma razão, gostaríamos de calar; mas somos forçados a tocar em acontecimentos que são de nosso terreno, já que têm como teatro o coração dos personagens.

— Mas, meu Deus! Como morreu esse grande príncipe? — perguntou a duquesa a Bruno.

— Ele estava na caçada das aves de arribação, nos pântanos, ao longo do Pó, a duas léguas de Sacca. Caiu num buraco escondido por um tufo de mato; estava todo suado, e o frio o agarrou; foi transportado para uma casa isolada, onde morreu ao fim de algumas horas. Outros afirmam que os senhores Catena e Borone também morreram, e que todo o acidente decorre das panelas de cobre do camponês em cuja casa entraram, e que estavam cheias de azinhavre. Almoçaram na casa desse homem. Enfim, as cabeças exaltadas, os jacobinos, que contam o que querem, falam de veneno. Sei que meu amigo Toto, fúriel da corte, teria morrido sem os cuidados generosos de um campônio que parecia ter grandes conhecimentos de medicina e lhe mandou fazer remédios muito peculiares. Mas já quase não se fala mais nessa morte do príncipe: na verdade, era um homem cruel. Quando eu parti, o povo se reunia para massacrar o promotor geral Rassi; queriam também atear fogo nas portas da cidadela, para tentar salvar os prisioneiros. Mas se afirmava que Fabio Conti atiraria com seus canhões. Outros garantiam que os artilheiros da cidadela tinham jogado água na pólvora e não queriam massacrar seus compatriotas. Mas aí está uma coisa que é

bem mais interessante: enquanto o cirurgião de Sandoralo arrumava meu pobre braço, chegou um homem de Parma, que disse que o povo, tendo encontrado nas ruas Barbone, esse famoso funcionário da cidadela, o matou, e em seguida foram enforcá-lo na árvore da avenida que fica mais perto da cidadela. O povo estava em marcha para ir quebrar essa bela estátua do príncipe que fica nos jardins da corte. Mas o senhor conde pegou um batalhão da guarda, formou-o diante da estátua e mandou dizer ao povo que nenhum dos que entrassem nos jardins sairia vivo de lá, e o povo ficou com medo. Mas o que é bem singular, e que esse homem chegando de Parma, e que é um antigo gendarme, me repetiu várias vezes, é que o senhor conde deu pontapés no general P\*, comandante da guarda do príncipe, e o fez ser conduzido para fora do jardim por dois fuzileiros, depois de ter lhe arrancado as dragonas.

— Nisto eu reconheço bem o conde — exclamou a duquesa com um ímpeto de alegria que ela não teria previsto um minuto antes —: ele nunca tolerará que se ultraje nossa princesa; e quanto ao general P\*, por dedicação a seus senhores legítimos, jamais quis servir ao usurpador, ao passo que o conde, menos delicado, fez todas as campanhas da Espanha, e por isso volta e meia o criticavam na corte.

A duquesa abriu a carta do conde, mas interrompia sua leitura para fazer cem perguntas a Bruno. A carta era muito divertida; o conde empregava os termos mais lúgubres, e no entanto a alegria mais profunda estourava a cada palavra; evitava os detalhes sobre o gênero de morte do príncipe e terminava a carta com estas palavras:

“Talvez você volte, meu querido anjo! Mas aconselho que espere um dia ou dois pelo correio que a princesa lhe enviará, conforme acredito, hoje ou amanhã; é preciso que sua volta seja magnífica, assim como sua partida foi ousada. Quanto ao grande criminoso que está perto de você, conto mandá-lo ser julgado por doze juízes chamados de todas as partes deste estado. Mas, para castigar esse monstro como ele merece, é preciso, primeiro, que eu possa picar em pedacinhos a primeira sentença, se ela existe.”

O conde abriu de novo sua carta:

“Eis o outro assunto: acabo de mandar distribuir cartuchos para os dois batalhões da guarda; vou lutar e merecer o melhor possível esse apelido de O Cruel com que os liberais me gratificaram há tanto tempo. Essa velha múmia do general P\* ousou falar na caserna em entrar em negociações com o povo semirrevoltado. Escrevo-lhe do meio da rua; vou ao palácio, onde só penetrarão passando por cima do meu cadáver. Adeus! Se eu morrer, será adorando-a, *apesar de tudo*, assim como vivi! Não esqueça de mandar pegar trezentos mil francos depositados em seu nome com D\*, em Lyon.

“Eis esse pobre-diabo de Rassi pálido como a morte, e sem peruca; você não tem ideia dessa figura! O povo quer a todo custo enforcá-lo; seria um grande erro que cometeriam com ele, que merece ser esquartejado. Refugiava-se no meu palácio e correu atrás de mim na rua; não sei muito bem o que fazer com ele... não quero conduzi-lo ao palácio do príncipe; seria fazer estourar a revolta desse lado. F\* verá se gosto dele; minha primeira palavra para Rassi foi: ‘Preciso da sentença contra o senhor Del Dongo e de todas as cópias que o senhor pode ter dela, e diga a todos esses juízes iníquos, que são a causa dessa revolta, que farei com que todos sejam enforcados, assim como o senhor, meu caro amigo, se eles disserem uma palavra sobre essa sentença que jamais existiu’. Em nome de Fabrice,

envio uma companhia de granadeiros para o arcebispo. Adeus, querido anjo! Meu palácio será queimado, perderei os retratos encantadores que tenho de você. Corro ao palácio para conseguir destituir esse infame general P\*, que faz das suas; adula abjetamente o povo, como outrora adulava o finado príncipe. Todos esses generais têm um medo dos diabos; vou, creio, fazer-me nomear general em chefe.”

A duquesa teve a malícia de não mandar acordar Fabrice; sentia pelo conde um acesso de admiração que muito se assemelhava ao amor. “Feitas todas essas reflexões”, pensou, “tenho de desposá-lo.” Logo lhe escreveu e mandou um de seus empregados partir. Nessa noite a duquesa não teve tempo de ser infeliz.

No dia seguinte, por volta de meio-dia, viu um barco carregando dez remadores e que cortava rapidamente as águas do lago; Fabrice e ela logo reconheceram um homem usando a libré do príncipe de Parma: era, de fato, um de seus mensageiros, que antes de descer à terra gritou para a duquesa:

— A revolta se acalmou!

Esse mensageiro lhe entregou várias cartas do conde, uma carta admirável da princesa e um decreto do príncipe Ranuce-Ernest V, em pergaminho, que a nomeava duquesa de San Giovanni e grande primeira-dama da princesa mãe. Esse jovem príncipe, sábio em mineralogia, e que ela julgava ser um imbecil, tivera o espírito de lhe escrever um bilhete; mas havia amor no final. O bilhete começava assim:

“O conde disse, senhora duquesa, que está contente comigo; o fato é que peguei uns tiros de fuzil ao lado dele e que meu cavalo foi atingido: ao ver o barulho que fizeram por tão pouca coisa, desejo profundamente assistir a uma verdadeira batalha, mas que não seja contra meus súditos. Devo tudo ao conde; todos os meus generais, que não fizeram a guerra, se conduziram como lebres; creio que dois ou três fugiram até Bolonha. Desde que um grande e deplorável acontecimento me deu o poder, não assinei decreto que me tenha sido tão agradável como o que a nomeia grande primeira-dama de minha mãe. Ela e eu nos lembramos de que um dia a senhora admirou a bela vista que se tem do *pallazzeto* de San Giovanni, que outrora pertenceu a Petrarca, pelo menos é o que dizem; minha mãe quis lhe dar essa pequena propriedade; e eu, não sabendo o que lhe dar, e não ousando oferecer tudo o que lhe pertence, a fiz duquesa de meu país; não sei se a senhora é erudita o suficiente para saber que Sanseverina é um título romano. Acabo de dar o grande cordão de minha ordem a nosso digno arcebispo, que demonstrou uma firmeza bem rara entre os homens de setenta anos. Não me queira mal por ter chamado de volta todas as damas exiladas. Dizem-me que não devo mais assinar, doravante, senão depois de ter escrito as palavras *seu afeiçoado*: aborrece-me que me façam prodigalizar uma certeza que só é completamente verdadeira quando lhe escrevo.

*Seu afeiçoado,*

RANUCE-ERNEST

Quem não diria, de acordo com essa linguagem, que a duquesa iria gozar da mais alta simpatia? Contudo, encontrou algo de muito singular nas outras cartas do conde, que recebeu duas horas depois. Ele não dava mais explicações, mas a aconselhava a atrasar por

alguns dias o regresso a Parma, e a escrever à princesa dizendo que estava muito indisposta. Mesmo assim, a duquesa e Fabrice partiram para Parma logo depois do jantar. O objetivo da duquesa, que todavia ela não confessava, era apressar o casamento do marquês Crescenzi: Fabrice, de seu lado, percorreu a estrada entre ímpetos alucinantes de felicidade, e que para sua tia pareciam ridículos. Tinha a esperança de rever Clélia em breve; contava de fato sequestrá-la, mesmo contra a vontade dela, se só houvesse esse meio de evitar o casamento.

A viagem da duquesa e de seu sobrinho foi muito alegre. Numa posta antes de Parma, Fabrice parou um instante para retomar o traje eclesiástico; em geral se vestia como um homem de luto. Quando entrou no quarto da duquesa, ela lhe disse:

— Acho algo suspeito e inexplicável nas cartas do conde. Se você acreditasse em mim, passaria aqui algumas horas; enviarei um mensageiro assim que tiver falado com esse grande ministro.

Foi com imenso pesar que Fabrice se rendeu a essa opinião sensata. Explosões de alegria dignos de uma criança de quinze anos marcaram a recepção que o conde fez à duquesa, a quem chamava de sua mulher. Ficou muito tempo sem querer falar de política, e quando finalmente chegaram à triste razão disso, ele disse:

— Você fez muito bem de impedir Fabrice de chegar oficialmente; estamos aqui em plena reação. Adivinhe só o colega que o príncipe me deu como ministro da Justiça! É Rassi, minha querida, Rassi, a quem tratei como um mendigo que ele é, no dia de nossos grandes acontecimentos. A propósito, advirto-a que suprimiram tudo o que ocorreu aqui. Se ler nossa gazeta, verá que um funcionário da cidadela, chamado Barbone, morreu da queda de um carro. Quanto aos sessenta e tantos canalhas que mandei matar a bala quando atacavam a estátua do príncipe nos jardins, eles se portam muito bem, só que estão viajando. O conde Zurla, ministro do Interior, foi ele mesmo à casa de cada um desses heróis infelizes e entregou quinze sequins às suas famílias ou a seus amigos, com ordem de dizer que o defunto estava viajando, e a claríssima ameaça de prisão se alguém resolvesse dar a entender que o cadáver tinha sido morto. Um homem de meu próprio ministério, as Relações Exteriores, foi enviado em missão junto aos jornalistas de Milão e de Turim, a fim de que não se fale sobre o *infausto acontecimento*, é a expressão consagrada; esse homem deve ir até Paris e Londres, a fim de desmentir em todos os jornais, e quase oficialmente, tudo o que se poderia dizer sobre nossos distúrbios. Outro agente se encaminhou para Bolonha e Florença. Eu dei de ombros.

“Mas o engraçado, em minha idade, é que tive um momento de entusiasmo ao falar aos soldados da guarda e arrancar as dragonas desse poltrão do general P\*. Nesse instante eu teria dado minha vida, sem titubear, pelo príncipe; agora confesso que teria sido uma maneira bem idiota de acabar. Por mais bom rapaz que seja, hoje o príncipe daria cem escudos para que eu morresse de doença; ainda não ousa pedir minha demissão, mas nos falamos o mais raramente possível, e envio a ele uma quantidade de pequenos relatórios por escrito, como fazia com o finado príncipe, depois da prisão de Fabrice. A propósito, não piquei em pedacinhos a sentença assinada contra ele, pela grande razão de que esse velhaco do Rassi não me entregou. Portanto, você agiu muito bem ao impedir Fabrice de chegar aqui oficialmente. A sentença continua a ser executória; não creio, porém, que Rassi

se atrevesse, hoje, a mandar prender nosso sobrinho, mas é possível que se atreva daqui a quinze dias. Se Fabrice quiser de qualquer maneira voltar para a cidade, que venha se hospedar na minha casa.”

— Mas, e a causa de tudo isso? — exclamou a duquesa, espantada.

— Convenceram o príncipe de que eu me dou ares de ditador e de salvador da pátria, e que quero dirigi-lo como a uma criança; para completar, falando dele eu teria proferido a palavra fatal: *essa criança*. O fato pode ser verdadeiro, nesse dia eu estava exaltado: por exemplo, eu o via como um grande homem, porque ele não tinha muito medo no meio dos primeiros tiros de fuzil que ouviu na vida. Não lhe falta inteligência, ele tem até mesmo um estilo melhor que o pai: em suma, eu não deveria repetir muito, mas o fundo do coração é honesto e bom; porém, esse coração sincero e jovem se crispa quando lhe contam alguma trama de um tratante, e acredita que só tendo pessoalmente uma alma bem negra é que alguém se dá conta de tais coisas: pense na educação que ele recebeu!...

— Vossa Excelência deveria ter pensado que um dia ele seria o soberano, e posto um homem inteligente perto dele.

— Primeiro, temos o exemplo do padre de Condillac,<sup>a</sup> que, convocado pelo marquês de Felino, meu predecessor, fez de seu discípulo apenas o rei dos palermas. Ele ia à procissão, mas em 1796 não soube tratar com o general Bonaparte, que teria triplicado a extensão de seus estados. Em segundo lugar, jamais acreditei permanecer ministro dez anos seguidos. Agora, que estou desiludido com tudo, e isso há um mês, quero juntar um milhão, antes de deixar entregue a si mesma essa balbúrdia que salvei. Sem mim, Parma teria sido república durante dois meses, com o poeta Ferrante Palla como ditador.

Esse nome fez a duquesa corar. O conde ignorava tudo.

— Vamos cair de novo na monarquia corrente do século XVIII: o confessor e a amante. No fundo, o príncipe só gosta de mineralogia, e talvez de você, duquesa. Desde que ele reina, seu laçao, cujo irmão acabo de promover a capitão, esse irmão com nove meses de serviço, esse laçao, digo eu, foi lhe meter na cabeça que ele deve ser mais feliz que outros pois seu perfil vai ser gravado nos escudos. Em seguida a essa bela ideia, o tédio se instalou. Agora ele precisa de um ajudante de ordens, remédio contra o tédio. Pois bem! Mesmo que me oferecesse esse famoso milhão que nos é necessário para vivermos bem em Nápoles ou em Paris, eu não gostaria de ser a solução para o tédio dele, e passar cada dia quatro ou cinco horas com Sua Alteza. Aliás, como sou mais inteligente que ele, no fim de um mês ele me consideraria um monstro. O finado príncipe era perverso e invejoso, mas tinha feito a guerra e comandado corpos do exército, o que lhe dera uma postura; nele se via o estofado de um príncipe, e eu podia ser ministro, para o bem ou para o mal. Com esse filho, homem honrado, cândido e realmente bom, sou forçado a ser um intrigante. Pois aqui estou, como rival da última mulherzinha do castelo, e rival muito inferior, pois desprezarei cem detalhes necessários. Por exemplo, há três dias uma dessas mulheres que distribuem toda manhã nos aposentos as toalhas brancas teve a ideia de fazer o príncipe perder a chave de uma de suas escrivatinhas inglesas. Diante disso, Sua Alteza recusou-se a tratar de todos os negócios cujos papéis ficam nessa escrivatinha; na verdade, por vinte francos pode-se fazer soltar as tábuas que formam seu fundo, ou usar chaves falsas; mas Ranuce-Ernest V me disse que isso seria dar maus hábitos ao serralheiro da corte.

“Até aqui foi para ele absolutamente impossível desejar três dias seguidos a mesma coisa. Se tivesse nascido marquês fulano de tal, com fortuna, esse jovem príncipe teria sido um dos homens mais estimáveis de sua corte, uma espécie de Luís XVI; mas de que maneira, ingênuo e pio como é, vai resistir a todas as sábias ciladas de que está cercado? Assim, o salão de sua inimiga, a Raversi, está mais poderoso que nunca; lá se descobriu que eu, que mandei atirar contra o povo, e que estava decidido a matar três mil homens se necessário, em vez de deixar ultrajarem a estátua do príncipe que tinha sido meu senhor, sou um liberal furioso, queria mandar assinar uma constituição, e cem absurdos semelhantes. Com essas conversas de república, os loucos nos impediriam de gozar da melhor das monarquias... Em suma, duquesa, você é a única pessoa do partido liberal atual cuja chefia meus inimigos me atribuem, e a propósito de quem o príncipe não tenha se manifestado em termos descorteses; o arcebispo, sempre perfeito homem honrado, por ter falado em termos sensatos daquilo que eu fiz *no infausto dia*, está em plena desgraça.

“No dia seguinte àquele que ainda não se chamava *infausto*, quando ainda era verdade que a revolta existira, o príncipe disse ao arcebispo que, para que você não tivesse de pegar um título inferior ao me desposar, ele me faria duque. Hoje, creio que é Rassi, enobrecido por mim quando me vendia os segredos do finado príncipe, que vai ser feito conde. Em presença de tal promoção, farei o papel de um idiota.”

— E o pobre príncipe chafurdará na lama.

— Com certeza: mas no fundo ele *é o senhor*, qualidade que, em menos de quinze dias, faz desaparecer o *ridículo*. Assim, querida duquesa, façamos como no jogo de gamão, *vamos embora!*

— Mas ainda não estaremos ricos.

— No fundo, nem você nem eu precisamos de luxo. Se me der em Nápoles um lugar num camarote do San Carlo e um cavalo, estou mais que satisfeito; nunca será um pouco mais ou um pouco menos de luxo aquilo que nos dará um certo nível, a você e a mim, e sim o prazer que as pessoas de espírito daquela cidade poderão encontrar talvez ao irem tomar uma xícara de chá em sua casa.

— Mas — continuou a duquesa — o que teria acontecido, no *dia infausto*, se você tivesse se mantido afastado, como espero que fará no futuro?

— As tropas teriam se fraternizado com o povo, haveria três dias de massacres e de incêndios (pois este país precisa de cem anos para que a república não seja aqui um absurdo), e depois, quinze dias de pilhagem, até que dois ou três regimentos fornecidos pelo estrangeiro tivessem vindo dar um basta. Ferrante Palla estava no meio do povo, cheio de coragem e furibundo, como de costume; tinha, com certeza, uma dúzia de amigos que agiam em conluio com ele, com o que Rassi fará uma fantástica conspiração. O que há de seguro é que, envergando de um traje incrivelmente esfarrapado, distribuía ouro a mancheias.

A duquesa, maravilhada com todas essas notícias, apressou-se em ir agradecer à princesa. No momento de sua entrada no quarto, a açaфata lhe entregou a chavezinha de ouro que se carrega na cintura, e que é a marca de autoridade suprema na parte do palácio que depende da princesa. Clara-Paolina se apressou em mandar todo mundo sair; e, uma vez a sós com a amiga, persistiu por uns instantes em só se explicar pela metade. A duquesa não

compreendia muito bem o que tudo aquilo queria dizer, e só respondia com muita reserva. Por fim, a princesa desatou em lágrimas e, jogando-se nos braços da duquesa, exclamou:

— Os tempos de minha desgraça vão começar: meu filho me tratará pior do que me tratou o pai dele!

— É o que impedirei — retrucou vivamente a duquesa. — Mas, primeiro, preciso — continuou — que Vossa Alteza Sereníssima se digne a aceitar aqui a homenagem de todo o meu reconhecimento e de meu profundo respeito.

— O que quer dizer? — exclamou a princesa, cheia de inquietação, e temendo uma demissão.

— É que todas as vezes que Vossa Alteza Sereníssima me permitir virar para a direita o queixo trêmulo daquele bibelô que está sobre a lareira, também me permitirá chamar as coisas por seu verdadeiro nome.

— É só isso, minha querida duquesa? — exclamou Clara-Paolina, levantando-se e correndo para pôr, ela mesma, o bibelô na posição certa. — Mas então fale em total liberdade, senhora camareira-mor — disse num tom de voz encantador.

— Senhora — a duquesa recomeçou —, Vossa Alteza viu perfeitamente minha situação; corremos, nós duas, os maiores perigos; a sentença contra Fabrice não foi revogada; por conseguinte, no dia em que quiserem se desfazer de mim e ultrajá-la, metem-no de novo na prisão. Nossa posição é pior que nunca. Quanto a mim, pessoalmente, caso-me com o conde e vamos nos instalar em Nápoles ou em Paris. O último episódio de ingratidão de que o conde é vítima neste momento o deixou totalmente desgostoso dos negócios, e, salvo o interesse de Vossa Alteza Sereníssima, eu não o aconselharia a permanecer neste atoleiro a não ser que o príncipe lhe desse uma quantia enorme. Pedirei licença a Vossa Alteza para explicar que o conde, que tinha cento e trinta mil francos quando assumiu seu cargo, possui apenas, hoje, vinte mil libras de renda. Há muito tempo eu o pressionava a pensar em sua fortuna, mas foi em vão. Durante minha ausência, ele brigou com os recebedores gerais do príncipe, que eram uns tratantes; o conde os substituiu por outros tratantes, que lhe deram oitocentos mil francos.

— Como! — exclamou a princesa, espantada. — Meu Deus! Como estou desgostosa com isso!

— Senhora — retrucou a duquesa com imenso sangue-frio —, devo virar o nariz do bibelô para a esquerda?

— Meu Deus, não — exclamou a princesa —, mas estou desgostosa que um homem do caráter do conde tenha pensado nesse gênero de ganho.

— Sem esse roubo, ele era desprezado por todas as pessoas honestas.

— Santo Deus! Será possível?

— Senhora — continuou a duquesa —, exceto meu amigo, o marquês Crescenzi, que tem trezentas ou quatrocentas libras de renda, todo mundo rouba aqui; e como não roubaria num país em que a gratidão pelos maiores serviços não dura nem um mês? Portanto, só resta de real, e sobrevivendo à desgraça, o dinheiro. Vou me permitir, senhora, verdades terríveis.

— Permito-lhe — disse a princesa com um profundo suspiro —, e no entanto elas me são cruelmente desagradáveis.

— Pois bem, senhora! O príncipe, seu filho, perfeito homem honrado, pode torná-la muito mais infeliz do que o fez o pai dele; o finado príncipe tinha caráter, mais ou menos como todo mundo. Nosso soberano atual não tem certeza de querer a mesma coisa três dias seguidos; por conseguinte, para que se possa ter confiança nele, é preciso viver continuamente com ele e não deixá-lo falar com ninguém. Como essa verdade não é muito difícil de adivinhar, o novo partido *ultra*, dirigido por aquelas duas boas cabeças, Rassi e a marquesa Raversi, vão tentar dar uma amante ao príncipe. Essa amante terá autorização para fazer sua fortuna e distribuir alguns cargos subalternos, mas deverá responder ao partido pela constante vontade do senhor.

“Eu, para me sentir bem instalada na corte de Vossa Alteza, preciso que Rassi seja exilado e escarnecido; quero, ademais, que Fabrice seja julgado pelos juízes mais honestos que for possível encontrar: se esses senhores reconhecem, como espero, que ele é inocente, será natural conceder ao senhor arcebispo que Fabrice seja seu coadjutor, com futura sucessão. Se eu fracassar, o conde e eu nos retiraremos; então, deixo, ao partir, este conselho a Vossa Alteza Sereníssima: jamais deve perdoar Rassi, e jamais tampouco sair dos estados de seu filho. De perto, esse bom filho não lhe fará um mal sério.”

— Segui seus argumentos com toda a atenção requerida — respondeu a princesa, sorrindo. — Então será preciso que eu me encarregue de dar uma amante a meu filho?

— Não, senhora, mas faça com que, para começar, seu salão seja o único onde ele se diverte.

A conversa foi interminável nesse sentido, a inocente e espirituosa princesa ia ficando de queixo caído.

Um mensageiro da duquesa foi dizer a Fabrice que ele podia entrar na cidade, mas se escondendo. Mal o avistaram: passava a vida disfarçado de camponês na barraca de madeira de um vendedor de castanhas, instalado diante da porta da cidadela, sob as árvores da avenida.

a Étienne Bonnot de Condillac (1715-80), filósofo muito influenciado por Locke, foi tutor do duque de Parma de 1758 a 1767.

A duquesa organizou festas encantadoras no palácio, que jamais tinha visto tanta alegria; nunca ela foi tão amável como nesse inverno, e no entanto viveu no meio dos maiores perigos; mas também, durante essa temporada crítica, não lhe ocorreu duas vezes pensar com certo grau de tristeza na estranha mudança de Fabrice. O jovem príncipe ia muito cedo para as festas agradáveis de sua mãe, que sempre lhe dizia:

— Mas vá governar; aposto que há sobre sua mesa mais de vinte relatórios que esperam por um sim ou um não, e não quero que a Europa me acuse de fazer de você um rei vagabundo para que eu reine em seu lugar.

Esses avisos tinham a desvantagem de ser oferecidos sempre nos momentos mais inoportunos, isto é, quando Sua Alteza, tendo vencido a timidez, participava de alguma charada em ação, que o divertia muito. Duas vezes por semana havia reuniões campestres em que, a pretexto de conquistar para o novo soberano a afeição de seu povo, a princesa admitia as mais lindas mulheres da burguesia. A duquesa, alma dessa corte alegre, esperava que essas belas burguesas, que viam com inveja mortal a proeminente carreira do burguês Rassi, contassem ao príncipe algumas das inúmeras vigarices desse ministro. Ora, entre outras ideias infantis, o príncipe pretendia ter um ministério *moral*.

Rassi tinha muito bom senso para não sentir como essas festas brilhantes da corte da princesa, dirigidas por sua inimiga, eram perigosas para ele. Não quisera entregar ao conde Mosca a sentença perfeitamente legal decretada contra Fabrice; portanto, a duquesa ou ele teriam de desaparecer da corte.

No dia daquele movimento popular, cuja existência agora era de bom-tom negar, haviam distribuído dinheiro ao povo. Rassi partiu daí: ainda mais malvestido que de costume, subiu nas casas mais miseráveis da cidade e passou horas inteiras em conversas metódicas com seus pobres moradores. Foi recompensado por tantos cuidados: depois de quinze dias desse gênero de vida, teve a certeza de que Ferrante Palla fora o chefe secreto da insurreição, e, bem mais, que essa criatura, pobre durante toda a sua vida de grande poeta, mandara vender oito ou dez diamantes em Gênova.

Citavam-se, entre outras, cinco pedras preciosas que realmente valiam mais de quarenta mil francos, e que, *dez dias antes da morte do príncipe*, tinham sido vendidas por trinta e cinco mil porque, dizia-se, *precisavam de dinheiro*.

Como descrever os assomos de alegria do ministro da Justiça com essa descoberta? Ele se dava conta de que todos os dias lhe contavam coisas ridículas na corte da princesa mãe, e várias vezes o príncipe, falando de negócios com ele, rira em sua cara com toda a ingenuidade da juventude. É preciso confessar que Rassi tinha hábitos singularmente plebeus: por exemplo, assim que uma discussão lhe interessava, cruzava as pernas e pegava

seu sapato com a mão; se o interesse aumentava, abria o lenço de algodão vermelho em cima da perna etc. O príncipe rira muito com a brincadeira de uma das mais bonitas mulheres da burguesia, que, aliás, sabendo que tinha a perna muito bem-feita, começara a imitar esse gesto elegante do ministro da Justiça.

Rassi solicitou uma audiência extraordinária e disse ao príncipe:

— Vossa Alteza estaria disposta a dar cem mil francos para saber exatamente qual foi o tipo de morte de seu augusto pai? Por essa quantia, a justiça estaria em condições de agarrar os culpados, se houver.

A resposta do príncipe não podia ser duvidosa.

Algum tempo depois, Chekina advertiu a duquesa de que lhe tinham oferecido uma vultosa quantia para que deixasse um ourives examinar os diamantes de sua patroa; ela recusara com indignação. A duquesa ralhou com ela por ter recusado; e, uma semana depois, Chekina tinha uns diamantes para mostrar. No dia marcado para essa exibição dos diamantes, o conde Mosca pôs dois homens de confiança junto a cada um dos ourives de Parma, e por volta de meia-noite foi dizer à duquesa que o ourives curioso não era outro senão o irmão de Rassi. A duquesa, que nessa noite estava muito alegre (representavam no palácio uma *commedia dell'arte*, isto é, na qual cada personagem inventa o diálogo à medida que o diz, enquanto só o plano da comédia está afixado nos bastidores), a duquesa, que representava um papel, tinha como seu namorado na peça o conde Baldi, ex-amante da marquesa Raversi, que estava presente. O príncipe, o homem mais tímido de seus estados, mas rapaz muito bonito e dotado do mais carinhoso coração, estudava o papel do conde Baldi e queria representá-lo na segunda apresentação.

— Estou com pouquíssimo tempo — disse a duquesa ao conde —, pois apareço na primeira cena do segundo ato; passemos à sala dos guardas.

Lá, no meio de vinte guarda-costas, todos muito alertas e muito atentos às palavras do primeiro-ministro e da camareira-mor, a duquesa disse rindo a seu amante:

— Você sempre ralha comigo quando conto segredos inutilmente. Foi por mim que Ernest V foi levado ao trono; tratava-se de vingar Fabrice, que na época eu amava bem mais que hoje, embora sempre muito inocentemente. Sei bastante bem que você não acredita nessa inocência, mas pouco importa, já que me ama apesar de meus crimes. Pois bem! Eis um crime verdadeiro: dei todos os meus diamantes a uma espécie de louco muito interessante, chamado Ferrante Palla, e até mesmo o abracei, para que ele matasse o homem que queria mandar envenenar Fabrice. Onde está o mal?

— Ah! Então foi aí que Ferrante pegou o dinheiro para seu motim! — disse o conde, meio estupefato. — E você me conta tudo isso na sala dos guardas!

— É que estou apressada, e agora Rassi está na pista do crime. É bem verdade que jamais falei de insurreição, pois abomino os jacobinos. Reflita sobre isso e me dê sua opinião depois da peça.

— Vou lhe dizer imediatamente que é preciso inspirar amor ao príncipe... Mas sem segundas intenções, pelo menos!

Estavam chamando a duquesa para sua entrada em cena, ela se foi.

Alguns dias depois, a duquesa recebeu pelo correio uma longa carta ridícula, assinada com o nome de uma antiga camareira sua; essa mulher pedia para ser empregada na corte,

mas a duquesa reconheceu à primeira vista que não era sua letra nem seu estilo. Abrindo a folha para ler a segunda página, a duquesa viu cair a seus pés uma imagenzinha milagrosa da Madona, dobrada dentro de uma folha impressa de um velho livro. Depois de dar uma olhadela na imagem, a duquesa leu umas linhas da velha folha impressa. Seus olhos brilharam e ela ali encontrou estas palavras:

“O tribuno pegou cem francos por mês, não mais; com o resto desejamos reavivar o fogo sagrado nas almas que estavam congeladas pelo egoísmo. A raposa está no meu rastro, por isso é que não tentei ver uma última vez a criatura adorada. Pensei: ela não ama a república, ela, que me é superior pela inteligência tanto quanto pelas graças e pela beleza. Aliás, como fazer uma república sem republicanos? Será que me enganei? Dentro de seis meses, percorrerei, de microscópio na mão, e a pé, as cidadezinhas da América, verei se ainda devo amar a única rival que a senhora tem em meu coração. Se receber esta carta, senhora baronesa, e que nenhum olho profano a tiver lido antes de si, mande quebrar um dos jovens freixos plantados a vinte passos do lugar onde ousei lhe falar pela primeira vez. Então ali enterrarei, sob o grande buxo do jardim que a senhora observou uma vez em meus dias felizes, uma caixa onde se encontrarão essas coisas que fazem com que sejam caluniadas as pessoas de minha opinião. Decerto, eu teria evitado escrever se a raposa não estivesse no meu rastro e não pudesse chegar a essa criatura celeste; ver o buxo daqui a quinze dias.”

“Já que ele tem uma imprensa às suas ordens”, pensou a duquesa, “em breve nós teremos uma coletânea de sonetos, Deus sabe o nome que me dará neles!”

A faceirice da duquesa quis fazer uma experiência; durante oito dias sentiu-se indisposta, e a corte não teve mais belas festas. A princesa, muito escandalizada com tudo o que o medo que tinha do filho a obrigava a fazer desde os primeiros momentos de sua viuvez, foi passar esses oito dias num convento ao lado da igreja onde o falecido príncipe fora inumado. Essa interrupção das noitadas jogou nos braços do príncipe um volume imenso de horas vagas, e causou notável prejuízo no prestígio do ministro da Justiça. Ernest V compreendeu todo o tédio que o ameaçava se a duquesa abandonasse a corte, ou somente parasse de espalhar sua alegria. As noitadas recomeçaram, e o príncipe mostrou-se cada vez mais interessado nas *comedias dell'arte*. Tinha o plano de ficar com um papel, mas não ousava confessar essa ambição. Um dia, enrubescendo muito, disse à duquesa:

— Por que eu também não representaria?

— Estamos todos aqui às ordens de Vossa Alteza; se se dignar a me dar a ordem, mandarei arranjar o plano de uma comédia, todas as cenas brilhantes do papel de Vossa Alteza serão comigo e, como nos primeiros dias qualquer um hesita um pouco, se Vossa Alteza quiser me olhar com alguma atenção eu lhe direi as réplicas que deve dar.

Tudo ficou arranjado, e com uma habilidade infinita. O príncipe muito tímido tinha vergonha de ser tímido; os cuidados que a duquesa teve para não ferir essa timidez inata causaram profunda impressão no jovem soberano.

No dia de sua estreia, o espetáculo começou meia hora mais cedo que de costume, e no salão só havia, no momento em que se passou para a sala de espetáculo, oito ou dez mulheres idosas. Essas figuras não impressionaram o príncipe, e aliás, educadas em Munique segundo os verdadeiros princípios monárquicos, elas sempre aplaudiam. Usando

toda a sua autoridade de grande primeira-dama, a duquesa fechou à chave a porta pela qual os vulgares cortesãos entravam no espetáculo. O príncipe, que tinha o espírito *literário* e uma bela presença, saiu-se muito bem em suas primeiras cenas; repetia com inteligência as frases que lia nos olhos da duquesa, ou que ela lhe indicava a meia-voz. Num momento em que os raros espectadores aplaudiram com todas as suas forças, a duquesa fez um sinal, a porta de honra se abriu e a sala de espetáculo foi ocupada num instante por todas as lindas mulheres da corte, que, vendo no príncipe uma figura encantadora e uma aparência muito alegre, começaram a aplaudir; o príncipe corou de felicidade. Representava o papel de um apaixonado pela duquesa. Bem longe de ter de lhe sugerir as palavras, logo ela foi obrigada a incitá-lo a abreviar as cenas; ele falava de amor com um entusiasmo que volta e meia constrangia a atriz; suas réplicas duravam cinco minutos. A duquesa já não era aquela beleza deslumbrante do ano anterior; a prisão de Fabrice, e, bem mais, a temporada no lago Maior com o sobrinho, agora melancólico e calado, tinham dado mais dez anos à bela Gina. Suas feições estavam marcadas, tinham mais espírito e menos juventude. Já não ostentavam, senão muito raramente, o frescor da mocidade; mas no palco, com o carmim e todos os auxílios que a arte fornece às atrizes, ainda era a mais linda mulher da corte. As tiradas apaixonadas, ditas pelo príncipe, despertaram os cortesãos; todos, nessa noite, pensaram: “Eis a Balbi desse novo reinado”. O conde se revoltou internamente. Terminada a peça, a duquesa disse ao príncipe, diante de toda a corte:

— Vossa Alteza representa muito bem; vão dizer que está apaixonado por uma mulher de trinta e oito anos, o que arruinará minha ligação com o conde. Assim, não mais representarei com Vossa Alteza, a não ser que o príncipe jure dirigir-me a palavra como o faria a uma mulher de certa idade, à senhora marquesa Raversi, por exemplo.

Repetiram três vezes a mesma peça; o príncipe estava louco de felicidade, mas uma noite pareceu muito preocupado.

— Ou me engano redondamente — disse a grande primeira-dama à sua princesa — ou Rassi tenta nos pregar uma peça; eu aconselharia a Vossa Alteza indicar um espetáculo para amanhã; o príncipe representará mal, e em seu desespero lhe dirá alguma coisa.

De fato, o príncipe representou muito mal; nem sequer o ouviam, e ele não sabia mais terminar suas frases. No fim do primeiro ato, estava quase com lágrimas nos olhos; a duquesa se mantinha perto dele, mas fria e imóvel. O príncipe, vendo-se um instante a sós com ela, no foyer dos atores, foi fechar a porta.

— Jamais — ele lhe disse — conseguirei representar o segundo e o terceiro ato; não quero mais, de jeito nenhum, ser aplaudido por condescendência; os aplausos que me davam esta noite me partiam o coração. Dê-me um conselho: o que é preciso fazer?

— Vou avançar no palco, fazer uma profunda reverência a Sua Alteza, uma outra ao público, como um verdadeiro diretor de comédia, e direi que, como o ator que fazia o papel de *Lelio* ficou subitamente indisposto, o espetáculo terminará com pequenos números de música. O conde Rusca e a pequena Ghisolfi ficarão radiantes de poder mostrar a uma assembleia tão brilhante suas vozinhas esganiçadas.

O príncipe pegou a mão da duquesa e a beijou com entusiasmo.

— Por que a senhora não é um homem? — disse-lhe. — Pois me daria um bom conselho:

Rassi acaba de depositar em minha mesa cento e oitenta e dois depoimentos contra os pretensos assassinos de meu pai. Além dos depoimentos, há um ato de acusação de mais de duzentas páginas; tenho de ler tudo isso, e, além do mais, dei minha palavra de nada dizer ao conde. Isso leva direto às execuções. Ele já quer que eu mande sequestrar na França, perto de Antibes, Ferrante Palla, esse grande poeta que tanto admiro. Ele está lá, sob o nome de Poncet.

— No dia em que o senhor mandar enforcar um liberal, Rassi será preso ao ministério por correntes de ferro, e é o que ele quer, acima de tudo; mas Vossa Alteza não poderá mais anunciar um passeio com duas horas de antecipação. Não falarei nem com a princesa nem com o conde a respeito do grito de dor que acaba de lhe escapar; mas, como depois de meu juramento não devo ter nenhum segredo com a princesa, ficaria feliz se Vossa Alteza quisesse dizer à sua mãe as mesmas coisas que lhe escaparam comigo.

Essa ideia distraiu o pesar do ator caído, que acabrunhava o soberano.

— Pois bem! Vá avisar minha mãe, estou indo para o gabinete dela.

O príncipe saiu dos bastidores, cruzou o salão pelo qual se chegava ao teatro, despachou com ar duro o camareiro-mor e o ajudante de ordens de serviço que o seguiam; de seu lado, a princesa deixou precipitadamente o espetáculo; chegando ao grande gabinete, a camareira-mor fez uma profunda reverência à mãe e ao filho e os deixou a sós. Pode-se imaginar o alvoroço da corte, sendo essas as coisas que a tornam tão divertida. Ao fim de uma hora, o próprio príncipe se apresentou à porta do gabinete e chamou a duquesa; a princesa estava em lágrimas, o filho tinha uma fisionomia alterada.

“Aí estão pessoas fracas e de mau humor”, pensou a camareira-mor, “e que buscam um pretexto para se zangar com alguém.” Primeiro, mãe e filho disputaram a palavra para contar os detalhes à duquesa, que em suas respostas teve o grande cuidado de não apresentar nenhuma ideia. Durante duas horas mortais os três atores dessa cena enfadonha não saíram dos papéis que acabamos de indicar. O príncipe foi pessoalmente buscar as duas enormes pastas que Rassi depositara sobre sua mesa; saindo do grande gabinete de sua mãe, encontrou toda a corte esperando.

— Vão embora, deixem-me em paz! — exclamou num tom muito impolido e que jamais tinham visto nele.

O príncipe não queria ser visto carregando ele mesmo as duas pastas, um príncipe não deve carregar nada. Os cortesãos desapareceram num piscar de olhos. Ao passar de novo, o príncipe só encontrou os criados de quarto, que apagavam as velas; furioso, despachou-os, bem como ao pobre Fontana, ajudante de ordens de plantão, que por zelo cometera a inabilidade de ficar.

— Todos se aferram em me irritar esta noite — ele disse com mau humor à duquesa, quando voltava ao gabinete.

Ele lhe creditava muito espírito e estava furioso que ela se obstinasse, obviamente, em não dar uma opinião. Ela, de seu lado, estava decidida a nada dizer enquanto não lhe pedissem sua opinião *bem explicitamente*. Passou-se ainda uma boa meia hora até que o príncipe, que tinha o sentimento de sua dignidade, resolvesse lhe dizer:

— Mas não está dizendo nada, senhora!

— Estou aqui para servir a princesa, e esquecer bem depressa o que se diz na minha

frente.

— Pois bem! Senhora — disse o príncipe, corando muito —, ordeno-lhe que me dê sua opinião.

— Punem-se os crimes para impedir que se repitam. O finado príncipe foi envenenado? É muito duvidoso; foi envenenado pelos jacobinos? É o que Rassi adoraria provar, pois então se tornaria, para Vossa Alteza, um instrumento necessário de uma vez por todas. Nesse caso, Vossa Alteza, que está começando seu reinado, pode prometer a si mesmo muitas noites iguais a esta. Seus súditos dizem em geral, o que é absoluta verdade, que Vossa Alteza tem bondade de caráter; enquanto não mandar enforcar algum liberal, o senhor gozará dessa reputação, e muito certamente ninguém pensará em lhe preparar um veneno.

— Sua conclusão é evidente — exclamou a princesa de mau humor —; a senhora não quer que castiguem os assassinos de meu marido!

— É que aparentemente, senhora, estou ligada a eles por uma terna amizade.

A duquesa via nos olhos do príncipe que ele pensava estar ela perfeitamente de acordo com sua mãe para lhe ditar um plano de conduta. Houve entre as duas mulheres uma sucessão bastante rápida de réplicas ácidas, em seguida às quais a duquesa afirmou que não diria mais uma só palavra, e foi fiel à sua resolução; mas o príncipe, depois de uma longa discussão com a mãe, lhe ordenou novamente que desse sua opinião.

— É o que juro às Vossas Altezas não fazer!

— Mas é uma verdadeira criancice! — exclamou o príncipe.

— Peço-lhe que fale, senhora duquesa — disse a princesa com ar digno.

— É o que lhe suplico que me dispense de fazer, senhora; mas Vossa Alteza — acrescentou a duquesa, dirigindo-se ao príncipe — lê francês perfeitamente; para acalmar nossos espíritos alvoroçados, gostaria de ler *para nós* uma fábula de La Fontaine?

A princesa achou esse *nós* um tanto insolente, mas ficou com uma fisionomia a um só tempo espantada e divertida, quando a camareira, que fora com o maior sangue-frio abrir a biblioteca, voltou com um volume das *Fábulas* de La Fontaine; ela o folheou uns instantes e depois disse ao príncipe, apresentando-lhe o livro:

— Suplico a Vossa Alteza que leia *toda* a fábula.

## O JARDINEIRO E SEU SENHOR

Um amante de jardinagem

Meio burguês, meio labrego,

Possuía em certa aldeia

Um jardim muito limpo, e o cercado contíguo.

Fechara com uma cerca viva essa extensão:

Ali cresciam à vontade a azedinha e a alface,

E o necessário para fazer a Margot um buquê para sua festa,

Pouco jasmim da Espanha e serpão em profusão.

Essa felicidade, perturbada por uma lebre,

Fez que ao senhor do burgo nosso homem se queixasse.

Esse maldito animal vem pegar seu bocado

De noite e de dia, ele disse, e das armadilhas se ri;  
As pedras, os porretes, perdem seu crédito:  
Ele é feiticeiro, creio. — Feiticeiro! Desafio-o,  
Retrucou o senhor: fosse ele o diabo, Miraut,  
Apesar de seus truques, em breve o agarrará.  
Eu o livrarei dele, bom homem, por minha vida,  
— E quando? — E já amanhã, sem mais tardar.  
Decisão assim tomada, ele vem com sua gente.  
— Bem, almoçemos, ele diz: suas galinhas estão tenras?  
O alvoroço dos caçadores se sucede ao almoço.  
Todos se animam e se preparam;  
As trompas e os clarins fazem tal alarido  
Que o homem fica espantado.  
O pior foi que deixaram em lastimável estado  
A pobre horta. Adeus canteiros, tabuleiros;  
Adeus chicória e alhos-porros;  
Adeus tudo o que pôr na sopa.  
O bom homem dizia: São passatempos de príncipe.  
Mas o deixavam dizer; e os cães e os domésticos  
Fizeram numa hora mais estragos  
Do que o teriam feito em cem anos  
Todas as lebres da província.

Pequenos príncipes, resolvi vossas disputas entre vós;  
Por recorrerdes aos reis vós sereis uns grandes loucos.  
Jamais deveis envolvê-los em vossas guerras,  
Nem deixá-los entrar em vossas terras.

Um longo silêncio se seguiu a essa leitura. O príncipe passeava pelo gabinete, depois de ter ido, ele mesmo, pôr o volume no lugar.

— Pois bem! A senhora — disse a princesa — vai se dignar a falar?

— Decerto que não, senhora! Enquanto Sua Alteza não tiver me nomeado ministro, falando aqui eu correria o risco de perder meu lugar de camareira-mor.

Novo silêncio de um bom quarto de hora; finalmente a princesa pensou no papel que outrora foi representado por Maria de Médici, mãe de Luís XIII: todos os dias anteriores, a camareira-mor fizera a leitora ler a excelente *Histoire de Louis XIII*, de Bazin.<sup>a</sup> A princesa, embora bastante agastada, pensou que a duquesa poderia muito bem abandonar o país, e então Rassi, que lhe dava um medo atroz, poderia muito bem imitar Richelieu e fazer seu filho exilá-la. Nesse momento, a princesa teria dado tudo no mundo para humilhar sua camareira-mor; mas não podia: levantou-se e foi, com um sorriso meio exagerado, pegar a mão da duquesa e lhe dizer:

— Vamos, senhora, prove-me sua amizade: fale.

— Muito bem! Duas palavras, e mais nada: queimar, na lareira que aí está, todos os

papéis reunidos por essa víbora do Rassi, e jamais lhe confessar que foram queimados.

Acrescentou baixinho, e num tom familiar, ao ouvido da princesa:

— Rassi pode ser Richelieu!

— Mas, diabos! Esses papéis me custam mais de oitenta mil francos! — exclamou o príncipe, zangado.

— Meu príncipe — retrucou a duquesa com energia —, eis o que custa empregar celerados sem berço. Quem dera o senhor pudesse perder um milhão, e jamais dar crédito aos patifes abjetos que impediram seu pai de dormir durante os seis últimos anos de seu reinado.

A expressão *sem berço* agradara extremamente à princesa, que achava que o conde e sua amiga tinham uma estima muito exclusiva pelas tiradas espirituosas, que sempre eram meio primas-irmãs do jacobinismo.

Durante o curto instante de profundo silêncio, preenchido pelas reflexões da princesa, o relógio do castelo bateu três horas. A princesa se levantou, fez uma profunda reverência a seu filho e lhe disse:

— Minha saúde não me permite prolongar mais a conversa. Um ministro sem berço, nunca! Você não me tirará a ideia de que o seu Rassi lhe roubou a metade do dinheiro que o fez gastar em espionagem.

A princesa pegou duas velas nos candelabros e as dispôs na lareira, de tal modo que não se apagassem; depois, aproximando-se do filho, acrescentou:

— A fábula de La Fontaine vence, no meu espírito, o justo desejo de vingar um esposo. Vossa Alteza quer me permitir queimar *estes escritos*?

O príncipe ficou imóvel.

“Sua fisionomia é realmente estúpida”, pensou a duquesa; “o conde tem razão: o falecido príncipe não nos teria feito velar até as três da madrugada, antes de tomar uma decisão.”

A princesa, ainda em pé, acrescentou:

— Esse promotorzinho ficaria muito orgulhoso se soubesse que suas papeladas, cheias de mentiras, e arranjadas de modo a conseguir sua promoção, fizeram dois dos mais altos personagens do Estado varar a noite.

O príncipe se jogou sobre uma das pastas como um possesso, e esvaziou todo o seu conteúdo na lareira. A massa de papéis por pouco não abafou as duas velas; o apartamento se encheu de fumaça. A princesa viu nos olhos do filho que ele estava tentado a agarrar uma garrafa e salvar aqueles papéis, que lhe custaram oitenta mil francos.

— Mas abra a janela! — ela gritou para a duquesa, de mau humor.

A duquesa tratou de obedecer; logo todos os papéis se inflamaram na mesma hora; ouviu-se um grande barulho na lareira, e ficou evidente que ela se incendiara.

O príncipe tinha a alma pequena para todas as coisas de dinheiro; acreditou estar vendo seu palácio em chamas, e destruídas todas as riquezas que ele continha; correu à janela e chamou a guarda, com voz muito alterada. Os soldados, em alvoroço, correram ao pátio ao ouvirem o príncipe, e ele voltou para perto da lareira, que atraía o ar da janela aberta com um barulho realmente assustador; ele se impacientou, xingou, deu duas ou três voltas pelo gabinete como um homem fora de si, e finalmente saiu correndo.

A princesa e sua camareira-mor ficaram em pé, uma em frente da outra, e mantendo um

profundo silêncio.

“A cólera vai recomeçar?”, pensou a duquesa; “meu processo está ganho, palavra de honra.” E se preparava para ser muito impertinente em suas réplicas quando um pensamento a iluminou; viu a segunda pasta, intacta. “Não, meu processo só está ganho pela metade!” Disse à princesa, com um semblante um tanto frio:

— A senhora me permite que queime o resto desses papéis?

— E onde os queimará? — perguntou a princesa mal-humorada.

— Na lareira do salão; jogando-os ali, um depois do outro, não há perigo.

A duquesa pôs sob o braço a pasta abarrotada de papéis, pegou uma vela e passou ao salão vizinho. Teve tempo de ver que aquela pasta era a dos depoimentos, pôs dentro de seu xale cinco ou seis maços de papéis, queimou o resto com muito cuidado, depois desapareceu, sem se despedir da princesa.

“Aí está uma boa impertinência”, disse consigo mesma, rindo; “mas com suas afetações de viúva inconsolável, ela quase me fez perder a cabeça num cadafalso.”

Ao ouvir o barulho do carro da duquesa, a princesa se sentiu indignada com sua camareira-mor.

Apesar da hora indevida, a duquesa mandou chamar o conde; ele estava no incêndio do castelo, mas logo apareceu com a notícia de que estava tudo terminado.

— Esse príncipezinho realmente mostrou muita coragem, e o cumprimentei por isso, com efusão.

— Examine bem estes depoimentos, e queimemo-los o quanto antes.

O conde leu e empalideceu.

— Palavra, eles chegaram bem perto da verdade; esse processo está feito com grande habilidade, eles estão na pista de Ferrante Palla, sem a menor dúvida; e, se ele falar, teremos de representar um papel difícil.

— Mas ele não falará — exclamou a duquesa. — É um homem de honra, esse aí: queimemos, queimemos.

— Ainda não. Permita-me pegar os nomes de doze ou quinze testemunhas perigosas, e que tomarei a liberdade de mandar sequestrar, caso Rassi queira recomeçar.

— Lembrarei a Vossa Excelência que o príncipe deu sua palavra de nada dizer a seu ministro da Justiça sobre nossa expedição noturna.

— Por pusilanimidade, e por medo de uma cena, ele a manterá.

— Agora, meu amigo, esta noite antecipa muito nosso casamento; eu não gostaria de ter lhe levado como dote um processo criminal, e, além disso, por um pecado que me fez cometer meu interesse por outro.

O conde estava apaixonado, tomou-lhe a mão e desdobrou-se em exclamações; tinha lágrimas nos olhos.

— Antes de partir, dê-me conselhos sobre a conduta que devo ter com a princesa; estou morrendo de cansaço, representei uma hora de comédia no teatro, e cinco horas no gabinete.

— Pela impertinência de sua saída, você se vingou amplamente das declarações azedas da princesa, que não passavam de fraqueza. Retome amanhã com ela o tom que tinha esta manhã; Rassi ainda não está na cadeia nem exilado, ainda não rasgamos a sentença de

Fabrice.

“Você pediu à princesa que tomasse uma decisão, o que sempre causa mau humor nos príncipes e até mesmo nos primeiros-ministros; em suma, você é sua camareira-mor, isto é, sua pequena serva. Por uma reviravolta, que é infalível entre as pessoas fracas, daqui a três dias Rassi estará mais que nunca em boas graças; vai tentar enforcar alguém: enquanto não comprometer o príncipe, não se sentirá seguro de nada.

“Houve um homem ferido no incêndio esta noite; é um alfaiate que, devo dizer, mostrou uma intrepidez extraordinária. Amanhã, vou dizer ao príncipe que se apoie em meu braço e venha comigo fazer uma visita ao alfaiate; estarei armado até os dentes e de olho vivo; aliás, esse jovem príncipe ainda não é odiado. Quero acostumá-lo a passear pelas ruas, é uma peça que prego em Rassi, que certamente vai me suceder, e já não poderá permitir tais imprudências. Voltando da casa do alfaiate, farei o príncipe passar diante da estátua do pai dele; observará as pedradas que quebraram o saiote à romana com que o pateta do estatuário o enfarpelou; e, afinal, o príncipe terá bem pouco espírito se por si mesmo não fizer esta reflexão: ‘Eis o que se ganha em mandar enforcar jacobinos’. Ao que retrucarei: ‘É preciso enforcar dez mil, ou nenhum: a Noite de São Bartolomeu destruiu os protestantes na França’.

“Amanhã, meu amor, antes de meu passeio, faça-se anunciar ao príncipe e lhe diga: ‘Ontem à noite, fiz junto ao senhor o serviço de ministro, dei-lhe conselhos, e por ordens suas incorri no descontentamento da princesa; o senhor precisa me pagar’. Ele esperará um pedido de dinheiro, e franzirá o cenho; você o deixará mergulhado nessa ideia infeliz por mais tempo que puder; depois lhe dirá: ‘Peço a Vossa Alteza ordenar que Fabrice seja julgado *sob contraditório* (o que quer dizer com ele presente) pelos doze juízes mais respeitados de seus estados’. E, sem perder tempo, lhe apresentará para assinar um pequeno decreto escrito por sua bela mão, e que vou lhe ditar; porei, evidentemente, a cláusula de que a sentença anterior está anulada. A isso só há uma objeção; mas, se você mantiver a pressão, ela não passará pela mente do príncipe. Ele pode lhe dizer: ‘Fabrice precisa se constituir prisioneiro na cidadela’. Ao que você responderá: ‘Ele se constituirá prisioneiro na cadeia da cidade (você sabe que mando ali, toda noite seu sobrinho irá vê-la)’. Se o príncipe lhe responder: ‘Não, a fuga dele abalou a honra de minha cidadela, e quero, por formalidade, que ele volte para o quarto onde estava’, você, por sua vez, responderá: ‘Não, pois lá ficaria à disposição de meu inimigo Rassi’. E, por uma dessas frases de mulher que você sabe tão bem soltar, o fará compreender que, para dobrar Rassi, você poderá lhe contar o auto de fé desta noite; se ele insistir, você anunciará que vai passar quinze dias em seu castelo de Sacca.

“Você vai mandar chamar Fabrice e consultá-lo sobre essa iniciativa, que pode conduzi-lo à prisão. Para que tenhamos tudo previsto, se enquanto ele estiver atrás das grades, Rassi, muito impaciente, mandar me envenenar, Fabrice poderá correr perigo. Mas é pouco provável; você sabe que mandei vir um cozinheiro francês, que é o mais alegre dos homens e que faz trocadilhos; ora, o trocadilho é incompatível com assassinato. Já disse ao nosso amigo Fabrice que encontrei todas as testemunhas de sua ação bela e corajosa; evidentemente, foi esse Giletti que quis assassiná-lo. Não falei a você dessas testemunhas porque queria lhe fazer uma surpresa, mas esse plano falhou; o príncipe não quis assinar.

Disse a nosso Fabrice que, certamente, eu lhe conseguiria um grande posto eclesiástico; mas terei muita dificuldade se os inimigos dele conseguirem objetar no tribunal de Roma que ele teve uma acusação de assassinato.

“Compreende, duquesa, que, se ele não for julgado da maneira mais solene, o nome de Giletti lhe será desagradável durante toda a vida dele? Seria uma grande pusilanimidade uma pessoa não ser julgada quando tem certeza de ser inocente. Aliás, fosse ele culpado, eu o mandaria absolver. Quando falei com ele, o impetuoso rapaz não me deixou terminar, pegou o almanaque oficial e escolhemos juntos os doze juízes mais íntegros e os mais sábios: feita a lista, apagamos seis nomes, que substituímos por seis jurisconsultos, meus inimigos pessoais, e como não conseguimos encontrar senão dois inimigos, a isso suprimos com quatro vigaristas devotos a Rassi.”

Essa proposta do conde inquietou mortalmente a duquesa, e não sem motivo; por fim, ela se curvou à razão e, sob o ditado do ministro, escreveu o decreto que nomeava os juízes.

O conde só a deixou às seis horas da manhã; ela tentou dormir, mas em vão. Às nove horas, tomou o pequeno almoço com Fabrice, a quem encontrou morrendo de vontade de ser julgado; às dez horas, foi ver a princesa, que não estava visível; às onze horas, viu o príncipe, que cuidava de seu levantar, e que assinou o decreto sem a menor objeção. A duquesa enviou o decreto para o conde e voltou para a cama.

Talvez fosse divertido contar a fúria de Rassi, quando o conde o obrigou a contra-assinar, em presença do príncipe, o decreto assinado de manhã por este último; mas os acontecimentos nos apressam.

O conde discutiu o mérito de cada juiz e ofereceu mudar os nomes. Mas o leitor talvez esteja um pouco cansado de todos esses detalhes processuais, não menos que de todas essas intrigas de corte. De tudo isso, pode-se tirar a seguinte moral: a de que o homem que se aproxima da corte compromete sua felicidade, se é feliz, e em todos os casos faz depender seu futuro das intrigas de uma criada de quarto.

Por outro lado, na América, na república, há que se entediar o dia inteiro fazendo uma séria corte aos lojistas da rua, e tornar-se tão idiota como eles; e lá, nada de Ópera.

A duquesa, ao se levantar à tarde, teve um momento de profunda inquietação: não se encontrava mais Fabrice; enfim, por volta de meia-noite, no espetáculo da corte, ela recebeu uma carta dele. Em vez de se constituir prisioneiro *na prisão da cidade*, onde o conde é quem mandava, ele tinha ido reocupar seu antigo quarto na cidadela, feliz demais por habitar a poucos passos de Clélia.

Foi um acontecimento de imensa consequência: nesse lugar ele estava, mais que nunca, exposto ao veneno. Essa loucura deixou a duquesa no desespero; ela perdoou o motivo, um amor louco por Clélia, porque decididamente dali a alguns dias ela ia se casar com o rico marquês Crescenzi. Essa loucura devolveu a Fabrice toda a influência que tivera no passado sobre a alma da duquesa.

“É esse maldito papel que fui mandar ser assinado que lhe dará a morte! Como esses homens são loucos com suas ideias de honra! Como se fosse preciso pensar em honra nos governos absolutistas, nos países onde um Rassi é ministro da Justiça! Seria preciso, nada mais nada menos, aceitar o perdão que o príncipe teria assinado tão facilmente como a convocação desse tribunal extraordinário. Afinal de contas, o que importa que um homem

da extração de Fabrice seja mais ou menos acusado de ter ele mesmo matado, e de espada na mão, um histrião como Giletti!”

Assim que recebeu o bilhete de Fabrice, a duquesa correu à casa do conde, que ela encontrou muito pálido.

— Santo Deus! Meu amor, tenho a mão infeliz com esse menino, e mais uma vez você vai me querer mal. Posso lhe provar que mandei vir ontem à noite o carcereiro da prisão da cidade; todos os dias seu sobrinho teria ido tomar chá em sua casa. O que há de pavoroso é que é impossível para você e para mim dizer ao príncipe que tememos o veneno, e o veneno ministrado por Rassi; essa suspeita lhe pareceria o cúmulo da imoralidade. Todavia, se você exigir, estou pronto a ir ao palácio; mas estou certo da resposta dele. Vou lhe dizer mais: ofereço-lhe um meio que eu não empregaria para mim mesmo. Desde que exerço o poder neste país, não mandei matar um só homem, e você sabe que sou tão bobo quanto a isso que, às vezes, ao cair da tarde, ainda penso naqueles dois espiões que mandei fuzilar um pouco levianamente na Espanha. Pois bem! Quer que eu a livre de Rassi? O perigo que ele faz Fabrice correr é sem limites; ele tem aí um meio seguro de me fazer dar o fora.

Essa proposta agradou extremamente à duquesa; mas ela não a adotou.

— Não quero — disse ao conde — que em nosso retiro, sob esse belo céu de Nápoles, você tenha ideias negras de noite.

— Mas, minha querida, parece-me que as ideias negras são nossa única opção. O que será de você, o que será de mim mesmo, se Fabrice for levado por uma doença?

A discussão recomeçou a todo vapor sobre essa ideia, e a duquesa a terminou com esta frase:

— Rassi deve a vida ao fato de que amo mais a você que a Fabrice; não, não quero envenenar todas as noites da velhice que vamos passar juntos.

A duquesa correu à fortaleza; o general Fabio Conti ficou encantado de ter de lhe opor o texto formal das leis militares: ninguém pode penetrar numa prisão de Estado sem ordem assinada pelo príncipe.

— Mas o marquês Crescenzi e seus músicos vêm todo dia à cidadela?

— É que consegui para eles uma ordem do príncipe.

A pobre duquesa ainda não conhecia todas as suas desgraças. O general Fabio Conti se considerara como pessoalmente desonrado com a fuga de Fabrice; quando o viu chegar à cidadela, não deveria tê-lo recebido pois não tinha nenhuma ordem para isso. “Mas”, pensou, “é o céu que o envia para reparar minha honra e me salvar do ridículo que mancharia minha carreira militar. Trata-se de não perder a ocasião: certamente vão absolvê-lo, e tenho apenas poucos dias para me vingar.”

a Maria de Médici (1573-1642), nascida na Itália, tornou-se rainha da França ao casar com o rei Henrique IV. Depois do assassinato dele, em 1610, ela se declarou regente durante a menoridade do filho, Luís XIII, porém, mais tarde, este a mandou prender e ela teve de recorrer às armas contra ele. O cardeal Richelieu negociou uma reconciliação, mas finalmente Maria de Médici teve de se exilar na Alemanha. Anaís de Bazin escreveu *Histoire de France sous Louis XIII* em 1842.

A chegada de nosso herói deixou Clélia desesperada: a pobre moça, piedosa e sincera consigo mesma, não conseguia disfarçar que para ela jamais existiria felicidade longe de Fabrice; mas durante o semienvenenamento de seu pai tinha prometido à Madona cumprir o sacrifício de se casar com o marquês Crescenzi. Fizera a promessa de nunca mais rever Fabrice, e já estava às voltas com os mais terríveis remorsos, pela confissão a que fora impelida a fazer na carta escrita a Fabrice na véspera de sua fuga. Como descrever o que se passou nesse triste coração quando, melancolicamente ocupada em ver seus pássaros em revoada, e levantando os olhos, por hábito e com ternura, para a janela da qual outrora Fabrice a olhava, Clélia lá viu de novo que ele a saudava com um afetuoso respeito.

Pensou numa visão que o céu lhe permitia para puni-la; depois a atroz realidade surgiu diante de sua razão. “Eles o recapturaram”, pensou, “e ele está perdido!” Lembrava-se dos comentários havidos na fortaleza depois da fuga; os últimos dos carcereiros se consideravam mortalmente ofendidos. Clélia olhou para Fabrice e, sem querer, esse olhar pintou por inteiro a paixão que a deixava no desespero.

“Você acredita”, parecia dizer a Fabrice, “que encontrarei a felicidade nesse palácio suntuoso que preparam para mim? Meu pai me repete fartamente que você é tão pobre como nós; mas, meu Deus! Com que felicidade eu dividiria essa pobreza! Porém, ai de mim! Não devemos nunca mais nos rever.”

Clélia não teve a força de empregar os alfabetos: olhando para Fabrice, sentiu-se mal e caiu sobre uma cadeira ao lado da janela. Seu rosto repousava no peitoril dessa janela; e, como ela quisera vê-lo até o último momento, seu rosto se virara para Fabrice, que podia avistá-lo por inteiro. Quando, instantes depois, reabriu os olhos, seu primeiro olhar foi para Fabrice: viu lágrimas nos olhos dele; mas essas lágrimas eram o efeito da extrema felicidade; ele via que a ausência não a fizera esquecer. Os dois pobres jovens ficaram certo tempo como que enfeitiçados com a visão um do outro. Fabrice ousou cantar, como se se acompanhasse com a guitarra, algumas palavras improvisadas e que diziam: *É para revê-la que voltei para a prisão: vão me julgar.*

Essas palavras pareceram despertar toda a virtude de Clélia: levantou-se depressa, escondeu os olhos e, com os gestos mais vivos, procurou lhe expressar que não devia nunca mais revê-lo; prometera à Madona, e acabava de olhar para ele por esquecimento. Como Fabrice ainda ousasse expressar seu amor, Clélia fugiu indignada e jurando a si mesma que jamais o reveria, pois estes eram os termos exatos de sua promessa à Madona: *Meus olhos não o reverão jamais.* Ela os escrevera num papelzinho que seu tio Cesare lhe permitira queimar no altar no momento da oferenda, enquanto rezava a missa.

Mas, apesar de todos esses juramentos, a presença de Fabrice na Torre Farnese devolvera

a Clélia todos os seus antigos modos de agir. Geralmente passava o dia inteiro sozinha no quarto. Apenas refeita da perturbação imprevista em que a jogara a visão de Fabrice, começou a percorrer o palácio e, por assim dizer, a refazer contato com todos os seus amigos subalternos. Uma velha muito tagarela, empregada na cozinha, lhe disse com ar de mistério:

— Dessa vez, o senhor Fabrice não sairá da cidadela.

— Ele não cometerá mais o erro de passar por cima dos muros — disse Clélia. — Sairá pela porta, se for absolvido.

— Eu digo e posso dizer a Vossa Excelência que ele não sairá da cidadela a não ser com os pés primeiro.

Clélia empalideceu terrivelmente, e a velha, ao notar isso, cortou de vez sua eloquência. Pensou que cometera uma imprudência falando assim diante da filha do governador, cujo dever seria ir dizer a todo mundo que Fabrice tinha morrido de doença. Subindo para seus aposentos, Clélia encontrou o médico da prisão, espécie de homem honrado, tímido, que lhe disse de um jeito um tanto espantado que Fabrice estava muito doente. Clélia mal podia se aguentar, procurou por toda parte seu tio, o bom padre dom Cesare, e finalmente o encontrou na capela, onde ele rezava com fervor; estava com o rosto transtornado. Tocaram a sineta do jantar. À mesa, não houve uma palavra trocada entre os dois irmãos; lá pelo fim da refeição, o general apenas dirigiu umas palavras muito azedas a seu irmão. Este olhou para os criados, que saíram.

— General — disse dom Cesare ao governador —, tenho a honra de preveni-lo que vou abandonar a cidadela: peço minha demissão.

— Bravo! Bravíssimo! Para me tornar suspeito!... E qual a razão, por favor?

— Minha consciência.

— Ora, você não passa de um beato! Não conhece nada em matéria de honra.

“Fabrice morreu”, pensou Clélia; “o envenenaram no jantar, ou é para amanhã.” Correu ao viveiro, decidida a cantar, acompanhando-se ao piano. “Vou me confessar”, pensou, “e vão me perdoar por ter violado minha promessa, para salvar a vida de um homem.” Qual não foi sua consternação quando, chegando ao viveiro, viu que os quebra-luzes acabavam de ser substituídos por tábuas presas nas barras de ferro! Desesperada, tentou dar um aviso ao prisioneiro por algumas palavras mais gritadas que cantadas. Não teve nenhuma espécie de resposta; um silêncio mortal já reinava na Torre Farnese. “Está tudo consumado”, pensou. Desceu, fora de si, depois subiu de novo a fim de se munir do pouco dinheiro que tinha e de seus pequenos brincos de diamantes; pegou também, de passagem, o pão que restava do jantar e que tinha sido posto num bufê. “Se ele ainda vive, meu dever é salvá-lo.” Avançou com ar altivo para a portinha da torre; essa porta estava aberta e acabavam de postar oito soldados na sala das colunas, no térreo. Olhou ousadamente para esses soldados; Clélia contava dirigir a palavra ao sargento que devia comandá-los: esse homem estava ausente. Clélia se lançou pela escadinha de ferro que descia em espiral em volta de uma coluna; os soldados a olharam, muito espantados, mas, aparentemente, por causa de seu xale de renda e de seu chapéu, não ousaram lhe dizer nada. No primeiro andar não havia ninguém; mas chegando ao segundo, à entrada do corredor que, se o leitor se lembra, era fechado por três portas de barras de ferro e levava ao quarto de Fabrice, encontrou um

carcereiro que não conhecia, e que lhe disse com ar espantado:

— Ele ainda não jantou.

— Sei muito bem — disse Clélia com altivez.

O homem não se atreveu a detê-la. Vinte passos adiante, Clélia encontrou, sentado no primeiro dos seis degraus de madeira que levavam ao quarto de Fabrice, outro carcereiro muito idoso e muito vermelho, que lhe disse, decidido:

— Senhorita, tem uma ordem do governador?

— Será que não me conhece?

Nesse momento Clélia era animada por uma força sobrenatural, estava fora de si mesma. “Vou salvar meu marido”, pensou. Enquanto o velho carcereiro exclamava: “Mas meu dever não permite...”, Clélia subiu depressa os seis degraus; precipitou-se contra a porta: havia uma chave enorme na fechadura; ela precisou de todas as suas forças para girá-la. Nesse instante, o velho carcereiro semiembriagado agarrou a barra de seu vestido; ela entrou correndo no quarto, fechou a porta, rasgando o vestido, e, como o carcereiro a empurrava para entrar atrás, ela a fechou com um ferrolho que havia ao alcance de sua mão. Olhou para o quarto e viu Fabrice sentado diante de uma mesa muito pequena, onde estava seu jantar. Precipitou-se para a mesa, derrubou-a e, agarrando o braço de Fabrice, lhe perguntou:

— Você comeu?

Fabrice ficou radiante com esse tratamento informal. Em sua perturbação, Clélia esquecia pela primeira vez o recato feminino e deixava à mostra seu amor.

Fabrice ia começar a refeição fatal: pegou-a em seus braços e a cobriu de beijos. “Esse jantar estava envenenado”, pensou. “Se eu lhe disser que não toquei nele, a religião retoma seus direitos e Clélia foge. Se, ao contrário, ela me olhar como a um moribundo, conseguirei que não me deixe. Ela deseja encontrar um meio de romper seu execrável casamento, o acaso o apresenta a nós: os carcereiros vão se juntar, arrombarão a porta, e então teremos um tamanho escândalo que talvez o marquês Crescenzi fique apavorado e o casamento, rompido.”

Durante o instante de silêncio ocupado por essas reflexões, Fabrice sentiu que Clélia já tentava se soltar de seus abraços.

— Ainda não sinto dores — ele lhe disse —, mas logo elas me derrubarão a seus pés; ajude-me a morrer.

— Ó meu único amor! — ela lhe disse. — Morrerei com você.

E o apertava em seus braços, como num movimento convulso.

Estava tão bela, semivestida e nesse estado de extrema paixão, que Fabrice não pôde resistir a um gesto quase involuntário. Nenhuma resistência lhe foi oposta.

No entusiasmo de paixão e de generosidade que se segue a uma felicidade extrema, ele lhe disse, irrefletidamente:

— Uma mentira indigna não deve vir conspurcar os primeiros instantes de nossa felicidade: sem sua coragem eu não seria mais que um cadáver, ou me debateria contra dores atrozes; mas eu ia começar a jantar quando você entrou, e não toquei nestes pratos.

Fabrice se prolongava sobre essas imagens atrozes para conjurar a indignação que lia nos olhos de Clélia. Ela o fitou uns instantes, lutando entre dois sentimentos violentos e

opostos, e depois se jogou em seus braços. Ouviu-se um grande barulho no corredor, abriram-se e fecharam-se com violência as três portas de ferro, falava-se aos gritos.

— Ah! Se eu tivesse armas! — exclamou Fabrice. — Fizeram-me entregá-las para me deixarem entrar. Com certeza eles vêm para acabar comigo! Adeus, minha Clélia, abençoo minha morte, já que ela foi a ocasião de minha felicidade.

Clélia o beijou e lhe deu um punhalzinho de cabo de marfim, cuja lâmina não era mais longa que a de um canivete.

— Não se deixe matar — ela lhe disse — e defenda-se até o último momento; se meu tio, o padre, ouviu o barulho, tem coragem e virtude e o salvará; vou falar com ele.

Ao dizer essas palavras, precipitou-se para a porta.

— Se você não for morto — disse com exaltação, segurando o ferrolho da porta e virando a cabeça para o lado dele —, deixe-se morrer de fome, antes de tocar em qualquer comida. Leve sempre este pão consigo.

O barulho se aproximava, Fabrice a agarrou pela cintura, pegou o lugar dela junto à porta, e, abrindo-a com furor, despencou pela escada de madeira de seis degraus. Tinha na mão o punhalzinho de cabo de marfim, e esteve prestes a furar com ele o colete do general Fontana, ajudante de ordens do príncipe, que recuou bem depressa, exclamando, apavorado:

— Mas venho salvá-lo, senhor Del Dongo.

Fabrice subiu os seis degraus e disse no quarto: *Fontana vem me salvar*. Depois, voltando para perto do general nos degraus de madeira, explicou-se friamente com ele. Pediu-lhe demoradamente que lhe perdoasse por um primeiro gesto de cólera.

— Queriam me envenenar; este jantar que se encontra aí na minha frente está envenenado; tive a presença de espírito de não tocar nele, mas vou lhe confessar que esse procedimento me chocou. Ao ouvi-lo subir, acreditei que vinham acabar comigo a golpes de adaga... Senhor general, exijo que ordene que ninguém entre em meu quarto: levariam o veneno, e nosso bom príncipe deve saber de tudo.

O general, muito pálido e todo atrapalhado, transmitiu as ordens indicadas por Fabrice aos carcereiros de elite que o seguiam: essa gente, muito envergonhada por ver o veneno descoberto, se apressou em descer; aparentemente, tomavam a dianteira, a fim de não deter na escada tão estreita o ajudante de ordens do príncipe, mas, na verdade, era para dar no pé e desaparecer. Para grande espanto do general Fontana, Fabrice parou um bom quarto de hora na escadinha de ferro em torno da coluna do térreo; queria dar tempo a Clélia para se esconder no primeiro andar.

Foi a duquesa que, depois de várias loucas providências, conseguira mandar o general Fontana à cidadela; foi bem-sucedida, por acaso. Ao deixar o conde Mosca, tão alarmado quanto ela, correr ao palácio. A princesa, que tinha acentuada repugnância por essa energia que lhe parecia vulgar, pensou que ela estava louca e não pareceu nem um pouco disposta a tentar, em seu favor, alguma iniciativa insólita. A duquesa, fora de si, chorava aos prantos, só sabia repetir a todo instante:

— Mas, senhora, daqui a quinze minutos Fabrice será morto pelo veneno!

E, vendo o perfeito sangue-frio da princesa, a duquesa ficou louca de dor. Não fez essa reflexão moral, que não teria escapado a uma mulher criada numa dessas religiões do

Norte que admitem o exame pessoal: “Fui a primeira a usar o veneno, e estou morrendo pelo veneno”. Na Itália, reflexões desse tipo, nos momentos apaixonados, parecem mostrar uma pobreza de espírito, como ocorreria em Paris ao se fazer um trocadilho em circunstância parecida.

No desespero, a duquesa arriscou-se a ir ao salão onde estava o marquês Crescenzi, de serviço nesse dia. Quando a duquesa voltara a Parma, ele lhe agradecera efusivamente pelo posto de cavaleiro de honra ao qual, sem ela, jamais poderia ter pretendido. Não faltaram de parte dele os protestos de uma ilimitada devoção. A duquesa o abordou com estas palavras:

— Rassi vai mandar envenenar Fabrice, que está na cidadela. Ponha no bolso chocolate e uma garrafa d’água que vou lhe dar. Suba à cidadela e devolva-me a vida, dizendo ao general Fabio Conti que romperá com a filha dele se não lhe permitir entregar pessoalmente a Fabrice esta água e este chocolate.

O marquês empalideceu, e sua fisionomia, longe de se animar com essas palavras, descreveu o embaraço mais banal; não conseguia acreditar num crime tão pavoroso numa cidade tão moral como Parma, e na qual reinava um príncipe tão grande etc.; e, ainda assim, dizia essas banalidades lentamente. Em suma, a duquesa encontrou um homem honrado, mas tremendamente fraco e incapaz de se decidir a agir. Depois de vinte frases semelhantes interrompidas pelos gritos de impaciência da sra. Sanseverina, ele teve uma excelente ideia: o juramento que prestara como cavaleiro de honra o proibia de se meter em manobras contra o governo.

Quem poderia imaginar a ansiedade e o desespero da duquesa, que sentia o tempo voar?  
— Mas, pelo menos, veja o governador, diga-lhe que perseguirei até os infernos os assassinos de Fabrice!...

O desespero aumentava a eloquência natural da duquesa, mas todo esse fogo apenas apavorava mais o marquês e redobrava sua irresolução; uma hora depois, estava menos disposto a agir que no primeiro momento.

Essa mulher infeliz, tendo chegado aos derradeiros limites do desespero e sentindo muito bem que o governador nada recusaria a um genro tão rico, chegou ao ponto de se jogar a seus pés: então, a pusilanimidade do marquês Crescenzi pareceu aumentar ainda mais; ele mesmo, ao ver esse espetáculo estranho, temeu se comprometer involuntariamente; mas aconteceu algo singular: o marquês, no fundo um bom homem, ficou tocado com as lágrimas e a posição a seus pés de uma mulher tão bela e, sobretudo, tão poderosa.

“Eu mesmo, tão nobre e tão rico”, pensou, “talvez um dia esteja também de joelhos perante algum republicano!”. O marquês começou a chorar, e afinal ficou combinado que a duquesa, em sua qualidade de camareira-mor, o apresentaria à princesa, que lhe daria autorização para entregar a Fabrice um cestinho cujo conteúdo ele declararia ignorar.

Na véspera à noite, antes que a duquesa soubesse da loucura de Fabrice de ir para a cidadela, tinham representado na corte uma *commedia dell’arte*; e o príncipe, que sempre reservava para si os papéis de louco de amor pela duquesa, ficara tão apaixonado ao falar com ela de sua ternura, que teria se mostrado ridículo, se, na Itália, um homem apaixonado ou um príncipe jamais pudesse sê-lo!

O príncipe, muito tímido, mas sempre levando muito a sério as coisas de amor,

encontrou num dos corredores do castelo a duquesa, que arrastava o marquês Crescenzi, todo perturbado, aos aposentos da princesa. Ficou tão surpreso e deslumbrado com a beleza cheia de emoção que o desespero dava à camareira-mor que pela primeira vez na vida teve pulso. Com um gesto mais que imperioso, despachou o marquês e começou a fazer uma declaração de amor, perfeitamente formal, à duquesa. Com certeza, o príncipe a elaborara muito tempo antes, pois nela havia coisas um tanto sensatas.

— Posto que as conveniências de minha posição me proíbem dar-me a felicidade suprema de desposá-la, vou lhe jurar sobre a santa hóstia consagrada jamais me casar sem sua permissão por escrito. Bem sinto — acrescentou — que a faço perder a mão de um primeiro-ministro, homem de espírito e muito amável; mas, afinal, ele tem cinquenta e seis anos, e eu ainda não tenho vinte e dois. Eu consideraria lhe fazer uma injúria e merecer sua recusa se lhe falasse das vantagens alheias ao amor; mas todos os que gostam de dinheiro em minha corte falam com admiração da prova de amor que o conde lhe dá, fazendo-a depositária de tudo o que pertence a ele. Eu ficaria muito feliz de imitá-lo nesse ponto. A senhora fará um uso melhor de minha fortuna do que eu mesmo, e disporá inteiramente da soma anual que meus ministros entregam ao intendente-geral de minha coroa; de modo que será a senhora, duquesa, que decidirá sobre as quantias que poderei despender cada mês.

A duquesa achava todos esses detalhes longos demais; os perigos corridos por Fabrice lhe trespassavam o coração.

— Mas o senhor não sabe, meu príncipe — exclamou —, que neste momento envenenam Fabrice, em sua cidadela? Salve-o! Eu creio em tudo o que diz.

O arranjo dessa frase era de uma inabilidade completa. Só com a palavra “veneno”, toda a impetuosidade, toda a boa-fé que esse pobre príncipe moral imprimia à conversa desapareceram num piscar de olhos; a duquesa só se deu conta dessa inépcia quando não dava mais tempo de remediá-la, e seu desespero aumentou, coisa que ela julgava impossível. “Se eu não tivesse falado de veneno”, disse consigo mesma, “ele me concederia a liberdade de Fabrice. Ó querido Fabrice!”, acrescentou, “então está escrito que sou eu que devo trespassar seu coração com minhas asneiras!”

A duquesa precisou de muito tempo e de muita manha para fazer o príncipe voltar às suas palavras de amor apaixonado; mas ele ficou profundamente assustado. Era só seu espírito que falava; sua alma gelara diante da ideia do veneno, primeiro, e em seguida diante desta outra ideia, tão desagradável quanto a primeira era terrível: “Ministra-se veneno em meus estados, e isso sem me dizê-lo! Com que então, Rassi quer me desonrar aos olhos da Europa! E Deus sabe o que lerei no próximo mês nos jornais de Paris!”.

De repente, como a alma desse jovem tão tímido se calou, seu espírito chegou a uma ideia.

— Querida duquesa! A senhora sabe como lhe sou afeiçoado. Suas ideias atrozes sobre o veneno não têm fundamento, quero crer; mas, afinal, também me dão o que pensar, quase me fazem esquecer por um instante a paixão que tenho por si, e que é a única que senti em minha vida. Sinto que não sou amável; não passo de uma criança apaixonada; mas, enfim, ponha-me à prova.

O príncipe se animara bastante ao falar nesses termos.

— Salve Fabrice, e acreditarei em tudo! Sem dúvida sou arrastada pelos temores loucos de uma alma de mãe; mas mande imediatamente buscarem Fabrice na cidadela, para que eu o veja. Se ele ainda vive, envie-o do palácio à prisão da cidade, onde ficará meses inteiros, se Vossa Alteza exigir, e até seu julgamento.

A duquesa viu com desespero que o príncipe, em vez de conceder com uma palavra uma coisa tão simples, se tornara sombrio; estava muito vermelho, olhava para a duquesa, depois baixava os olhos e suas faces empalideciam. A ideia de veneno, aventada como um despropósito, lhe sugerira uma ideia digna de seu pai ou de Filipe II: mas ele não ousava exprimi-la.

— Sabe, duquesa — ele disse enfim, como que se violentando, e num tom muito pouco gracioso —, a senhora me despreza como a uma criança, e além do mais, como a uma criatura sem atrativos: pois bem! Vou lhe dizer uma coisa terrível, mas que me é sugerida neste instante pela paixão profunda e verdadeira que tenho por si. Se eu acreditasse o mínimo que fosse no veneno, já teria agido, meu dever teria me ditado isso; mas em seu pedido vejo apenas uma fantasia apaixonada, e da qual talvez, peço-lhe licença para lhe dizer, não vejo todo o alcance. A senhora quer que eu aja sem consultar meus ministros, eu, que reino há apenas três meses! Pede-me uma grande exceção em meu modo corrente de agir, e que acredito ser muito sensato, confesso. É a senhora que, neste momento, é aqui o soberano absoluto, a senhora me dá esperanças num assunto que é tudo para mim; mas daqui a uma hora, quando esse veneno imaginário, quando esse pesadelo tiver desaparecido, minha presença se tornará inoportuna, a senhora me retirará sua simpatia. Muito bem! Preciso de um juramento: jure, duquesa, que se Fabrice lhe for entregue são e salvo, obterei da senhora, daqui a três meses, tudo o que meu amor pode desejar de mais feliz; a senhora assegurará a felicidade de minha vida inteira pondo-me à minha disposição uma hora da sua, e será toda minha.

Nesse instante, o relógio do castelo bateu duas horas. “Ah! Talvez já não haja tempo”, pensou a duquesa.

— Juro — ela exclamou, com os olhos desvairados.

Logo o príncipe se tornou outro homem; correu até a extremidade da galeria onde ficava o salão dos ajudantes de ordens.

— General Fontana, corra à cidadela a toda brida, suba tão depressa quanto possível ao quarto onde se guarda o senhor Del Dongo e traga-o aqui, preciso lhe falar dentro de vinte minutos, e em quinze se possível.

— Ah! General — exclamou a duquesa, que seguira o príncipe —, um minuto pode decidir minha vida. Um talvez falso relatório me faz temer que Fabrice seja envenenado; grite para ele, assim que estiver ao alcance de voz, que não coma. Se tocou na refeição, faça-o vomitar, diga-lhe que sou eu que quero isso, empregue a força, se necessário; diga-lhe que o estou seguindo bem de perto, e creia-me que lhe serei grata por toda a vida.

— Senhora duquesa, meu cavalo está selado, passo por saber manejar um cavalo, e vou correr a toda brida, estarei na cidadela oito minutos antes da senhora.

— E eu, senhora duquesa — exclamou o príncipe —, peço-lhe quatro desses oito minutos.

O ajudante de ordens desaparecera, era um homem que não tinha outro mérito além de montar a cavalo. Mal ele fechou a porta, o jovem príncipe, que parecia ter firmeza, pegou

a mão da duquesa.

— Digne-se, senhora — disse-lhe com paixão —, a vir comigo à capela.

A duquesa, perturbada pela primeira vez na vida, o seguiu sem dizer uma palavra. O príncipe e ela percorreram às pressas todo o comprimento da grande galeria do palácio, pois a capela ficava na outra extremidade. Depois de entrar na capela, o príncipe se pôs de joelhos, quase tanto diante da duquesa como diante do altar.

— Repita o juramento — ele disse com paixão. — Se a senhora tivesse sido justa, se essa desgraçada condição de príncipe não me tivesse prejudicado, a senhora teria me concedido por piedade por meu amor o que agora me deve porque o jurou.

— Se eu revir Fabrice não envenenado, se ele ainda viver daqui a uma semana, se Sua Alteza o nomear coadjutor, com futura sucessão, do arcebispo Landriani, minha honra, minha dignidade de mulher, tudo por mim será pisoteado, e serei de Sua Alteza.

— Minha *querida amiga* — disse o príncipe com uma tímida ansiedade e uma ternura mescladas e bem graciosas —, temo alguma armadilha que não compreendo e que poderia destruir minha felicidade; eu morreria por causa disso. Se o arcebispo me opuser uma dessas razões eclesiásticas que fazem os negócios se arrastarem anos a fio, o que será de mim? Está vendo que ajo com inteira boa-fé; a senhora será comigo um pequeno jesuíta?

— Não: de boa-fé, se Fabrice for salvo, se com todo o seu poder o senhor o fizer coadjutor e futuro arcebispo, eu me desonro e serei sua. Vossa Alteza se compromete a apor um *aprovado* na margem de um pedido que monsenhor, o arcebispo, lhe apresentará daqui a uma semana.

— Assino-lhe um papel em branco, reine sobre mim e sobre meus estados — exclamou o príncipe, corando de felicidade e realmente fora de si.

Exigiu um segundo juramento. Estava tão emocionado que esqueceu a timidez que lhe era natural, e nessa capela do palácio onde estavam a sós, disse em voz baixa à duquesa coisas que, ditas três dias antes, teriam mudado a opinião que ela tinha a seu respeito. Mas nela o desespero que causava o perigo corrido por Fabrice dera lugar ao horror à promessa que lhe tinham arrancado.

A duquesa estava transtornada com o que acabava de fazer. Se ainda não sentia toda a horrorosa amargura da palavra proferida, era porque sua atenção estava ocupada em saber se o general Fontana poderia chegar a tempo à cidadela.

Para se livrar das declarações loucamente carinhosas daquela criança e mudar um pouco a conversa, elogiou um quadro célebre de Parmigiano, que estava no altar-mor dessa capela.

— Seja bastante boa para me permitir que eu o envie à senhora— disse o príncipe.

— Aceito — continuou a duquesa —, mas permita-me que eu corra ao encontro de Fabrice.

Com ar desvairado, disse a seu cocheiro para pôr os cavalos a galope. Encontrou na ponte do fosso da cidadela o general Fontana e Fabrice, que saíam a pé.

— Você comeu?

— Não, por milagre.

A duquesa se atirou ao pescoço de Fabrice e caiu num desfalecimento que durou uma hora e inspirou temores, primeiro por sua vida, e depois por sua razão.

O governador Fabio Conti empalidecera de raiva ao ver o general Fontana: ele agira com tamanha lentidão para obedecer à ordem do príncipe que o ajudante de ordens, que supunha que a duquesa ia ocupar o lugar de amante reinante, acabou se zangando. O governador contava fazer com que a doença de Fabrice durasse dois ou três dias, “e eis que”, dizia, “o general, um homem da corte, vai encontrar esse insolente se debatendo nas dores que me vingam de sua fuga.”

Fabio Conti, muito pensativo, parou no corpo da guarda do térreo da Torre Farnese, de onde tratou de despachar os soldados; não queria testemunhas para a cena que se preparava. Cinco minutos depois, ficou petrificado de espanto ao ouvir Fabrice falar e ao vê-lo, vivo e alerta, fazendo ao general Fontana a descrição da prisão. Desapareceu.

Fabrice se mostrou um perfeito gentleman em sua entrevista com o príncipe. Primeiro, não quis adotar ares de uma criança que se apavora a troco de nada. Quando o príncipe lhe perguntou com bondade como estava passando, respondeu:

— Como um homem, Alteza Sereníssima, que morre de fome, não tendo, por felicidade, nem almoçado nem jantado.

Depois de ter a honra de agradecer ao príncipe, solicitou a permissão de ver o arcebispo antes de ir para a prisão da cidade. O príncipe se tornara prodigiosamente pálido, quando brotou em sua cabeça de criança a ideia de que o veneno não era totalmente uma quimera da imaginação da duquesa. Absorto nesse pensamento cruel, primeiro não respondeu ao pedido de ver o arcebispo que Fabrice lhe dirigia; depois, julgou-se obrigado a reparar sua distração com muitas amabilidades.

— Saia sozinho, senhor, vá pelas ruas de minha capital sem nenhum guarda. Pelas dez ou onze horas, irá para a prisão, onde tenho a esperança de que não permanecerá muito tempo.

No dia seguinte a esse grande dia, o mais notável de sua vida, o príncipe se julgava um pequeno Napoleão; lera que esse grande homem fora bem tratado por várias das mulheres bonitas de sua corte. E, uma vez tendo se tornado Napoleão no que se refere às boas aventuras, lembrou-se de que o tinha sido diante das balas. Seu coração ainda estava embevecido com a firmeza de sua conduta com a duquesa. A consciência de ter feito algo difícil fez dele um homem totalmente outro durante quinze dias; tornou-se sensível aos argumentos generosos; teve algum pulso.

Iniciou esse dia queimando a patente de conde redigida em favor de Rassi, que estava em cima de sua mesa há um mês. Destituiu o general Fabio Conti e pediu ao coronel Lange, seu sucessor, a verdade sobre o veneno. Lange, bravo militar polonês, meteu medo nos carcereiros e disse ao príncipe que tinham desejado envenenar o almoço do sr. Del Dongo; mas teria sido necessário pôr muita gente a par do segredo. As medidas foram mais eficientes para o jantar; e, sem a chegada do general Fontana, o sr. Del Dongo estava perdido. O príncipe ficou consternado; mas, como estava realmente muito apaixonado, foi um consolo para ele poder pensar: “Ocorre que realmente salvei a vida do sr. Del Dongo, e a duquesa não ousará descumprir a palavra que me deu”. Chegou a outra ideia: “Meu ofício é bem mais difícil do que eu pensava; todos admitem que a duquesa é infinitamente inteligente, a política aqui está de acordo com meu coração. Seria divino para mim se ela quisesse ser meu primeiro-ministro”.

À noite, o príncipe estava tão irritado com os horrores que descobrira que não quis se envolver com a comédia.

— Eu ficaria felicíssimo — disse à duquesa — se a senhora quisesse reinar sobre meus estados como reina sobre meu coração. Para começar, vou lhe dizer o emprego de meu dia.

Então lhe contou tudo, com absoluta exatidão: a queima da patente de conde de Rassi, a nomeação de Lange, seu relatório sobre o envenenamento etc.

— Acho-me com bem pouca experiência para reinar. O conde me humilha com suas brincadeiras, ele brinca até mesmo no conselho, e em sociedade faz declarações cuja veracidade a senhora vai contestar; diz que sou uma criança que ele leva para onde quer. Não é por ser príncipe, senhora, que se deixa de ser homem, e essas coisas aborrecem. A fim de dar um caráter inverossímil às histórias que pode contar o senhor Mosca, me fizeram chamar para o ministério esse perigoso patife Rassi, e agora eis que esse general Conti ainda o considera tão poderoso que não ousa admitir que foi ele ou a marquesa Raversi que o incitaram a fazer seu sobrinho morrer; tenho muita vontade de, pura e simplesmente, despachar perante os tribunais o general Fabio Conti; os juízes verão se ele é culpado de tentativa de envenenamento.

— Mas, meu príncipe, o senhor tem juízes?

— Como? — perguntou o príncipe, espantado.

— O senhor tem jurisconsultos sábios e que andam pela rua com fisionomia grave; aliás, sempre julgarão como aprouver ao partido dominante em sua corte.

Enquanto o jovem príncipe, escandalizado, pronunciava frases que mostravam sua candura bem mais que sua sagacidade, a duquesa dizia a si mesma: “Convém a mim deixar Conti ser desonrado? Não, certamente, pois então o casamento de sua filha com esse banal homem honrado, o marquês Crescenzi, torna-se impossível”.

Sobre esse assunto, houve um diálogo interminável entre a duquesa e o príncipe. O príncipe estava deslumbrado de admiração. Em favor do casamento de Clélia Conti com o marquês Crescenzi, mas sob essa condição expressa, por ele declarada com raiva ao ex-governador, ele lhe perdoou sua tentativa de envenenamento; porém, a conselho da duquesa, exilou-o até a época do casamento da filha. A duquesa acreditava não mais sentir amor por Fabrice, mas ainda desejava apaixonadamente o casamento de Clélia Conti com o marquês; havia nisso a vaga esperança de que, pouco a pouco, visse desaparecer a obsessão de Fabrice.

O príncipe, extasiado de felicidade, queria naquela noite destituir, de modo escandaloso, o ministro Rassi. A duquesa lhe disse, rindo:

— Conhece um dito de Napoleão? “Um homem posto num lugar elevado, e que todos olham, não deve se permitir gestos violentos.” Mas esta noite já é muito tarde, deixemos os negócios para amanhã.

Queria ter tempo de consultar o conde, a quem contou muito exatamente todo o diálogo da noite, suprimindo, todavia, as frequentes alusões feitas pelo príncipe a uma promessa que envenenava sua vida. A duquesa se gabava de se tornar tão necessária que poderia obter um adiamento infinito dizendo ao príncipe: “Se cometer a barbárie de querer me submeter a essa humilhação, que eu não lhe perdoaria, no dia seguinte saio de seus estados”. Consultado pela duquesa sobre a sorte de Rassi, o conde se mostrou muito

filósofo. O general Fabio Conti e ele foram viajar pelo Piemonte.

Uma dificuldade peculiar surgiu para o processo de Fabrice: os juizes queriam absolvê-lo por aclamação, e desde a primeira sessão. O conde precisou brandir a ameaça para que o processo durasse ao menos oito dias, e que os juizes se dessem ao trabalho de ouvir todas as testemunhas. “Essas pessoas são sempre as mesmas”, pensou.

No dia seguinte de sua absolvição, Fabrice del Dongo tomou enfim posse no posto de vigário-geral do bom arcebispo Landriani. No mesmo dia, o príncipe assinou os despachos necessários para obter que Fabrice fosse nomeado coadjutor, com futura sucessão, e menos de dois meses depois ele foi instalado no cargo.

Todos cumprimentavam a duquesa pelo ar grave de seu sobrinho; o fato é que ele estava desesperado. Desde o dia seguinte de sua soltura, seguida da destituição e do exílio do general Fabio Conti, e da alta consideração da duquesa, Clélia se refugiara na casa da condessa Contarini, sua tia, mulher muito rica, muito idosa, e ocupada unicamente com os cuidados de sua saúde. Clélia poderia ter visto Fabrice: mas alguém que tivesse conhecido seus compromissos anteriores e que a tivesse visto agir agora poderia ter pensado que, com os perigos corridos por seu amado, seu amor por ele terminara. Não só Fabrice passava na frente do palácio Contarini tantas vezes quanto podia, como também conseguira, depois de dificuldades infindas, alugar um apartamentozinho defronte das janelas do primeiro andar. Uma vez, Clélia se pôs à janela irrefletidamente para ver passar uma procissão, mas se retirou no mesmo instante e como que chocada de horror; avistara Fabrice, vestido de preto, como um operário muito pobre, olhando para ela de uma das janelas daquela pocilga que tinha vidraças de papel oleoso, igual a seu quarto na Torre Farnese. Fabrice gostaria de poder se convencer de que Clélia fugia dele em seguida à desgraça do pai, a qual o rumor público atribuía à duquesa; mas conhecia muito bem uma outra causa desse afastamento, e nada conseguia distraí-lo de sua melancolia.

Não fora sensível nem à sua absolvição nem à sua instalação em belas funções, as primeiras que teve de desempenhar na vida, nem à sua bela posição na sociedade, nem, enfim, à corte assídua que lhe faziam todos os eclesiásticos e todos os devotos da diocese. O apartamento encantador que tinha no palácio Sanseverina deixou de ser suficiente. Para seu extremo prazer, a duquesa teve de lhe ceder todo o segundo andar de seu palácio e dois belos salões no primeiro, os quais estavam sempre repletos de personagens que esperavam o instante de cortejar o jovem coadjutor. A cláusula da futura sucessão produzira um efeito surpreendente no país; agora transformavam em virtudes de Fabrice todas essas qualidades firmes de seu caráter, que outrora tanto escandalizavam os cortesãos pobres e tolos.

Foi uma grande lição de filosofia para Fabrice ver-se perfeitamente insensível a todas essas honras, e muito mais infeliz naquele apartamento magnífico, com dez lacaios usando sua libré, do que ele fora no quarto de madeira da Torre Farnese, cercado de carcereiros medonhos e sempre temendo por sua vida. Sua mãe e sua irmã, a duquesa V\*\*\*, que foram a Parma para vê-lo em sua glória, ficaram impressionadas com sua profunda tristeza. A marquesa Del Dongo, agora a menos romanesca das mulheres, ficou tão profundamente alarmada que pensou que na Torre Farnese o tinham feito tomar algum veneno lento. Apesar de sua extrema discrição, considerou ter de falar dessa tristeza tão extraordinária, e Fabrice só respondeu por meio de lágrimas.

Uma profusão de vantagens, consequência de sua brilhante posição, não produzia nele outro efeito senão deixá-lo de mau humor. Seu irmão, essa alma vaidosa e gangrenada pelo mais abjeto egoísmo, lhe escreveu uma carta de congratulação quase oficial, e a essa carta juntou um vale de cinquenta mil francos, a fim de que ele pudesse, dizia o novo marquês, comprar cavalos e uma carruagem dignos de seu nome. Fabrice enviou a quantia à irmã caçula, mal casada.

O conde Mosca mandara fazer uma bela tradução, em italiano, da genealogia da família Valserra del Dongo, publicada outrora em latim pelo arcebispo de Parma, Fabrizio. Mandou-a imprimir magnificamente com o texto latino ao lado; as gravuras foram reproduzidas por meio de fantásticas litografias feitas em Paris. A duquesa quisera que um belo retrato de Fabrice fosse posto lado a lado com o do antigo arcebispo. Essa tradução foi publicada como sendo a obra de Fabrice durante sua primeira detenção. Mas em nosso herói estava tudo aniquilado, até mesmo a vaidade tão natural de um homem; não se dignou a ler uma página sequer dessa obra que lhe era atribuída. Sua posição na sociedade lhe criou uma obrigação de apresentar um exemplar da obra, magnificamente encadernada, ao príncipe, que julgou lhe dever uma indenização pela morte cruel da qual passara tão perto, e lhe conferiu a permissão de entrar em sua câmara, favor que o tornou uma *Excelência*.<sup>9</sup>

9 4. 9. 38. 26. X. 38. fir. s. 6. last 26 m. 39. 3 Ri d. f. g. D, ha. s. so. p. [Criptograma enigmático de Stendhal. A primeira linha faz alusão às datas de composição de *A cartuxa de Parma* e de releitura das provas. Significaria: 4 de novembro de 1838 a 26 de dezembro de 1838; primeiras folhas: 6 de fevereiro, últimas: 26 de março de 1839. A segunda permanece incompreensível. Ver *La chartreuse de Parme*, La Pléaïde, Gallimard, Paris, 1960, p. 1430.]

Os únicos instantes em que Fabrice tinha alguma chance de sair de sua profunda tristeza eram os que passava escondido atrás de uma vidraça, com que substituíra um quadrado de papel encerado na janela de seu apartamento defronte ao palácio Contarini, onde, como se sabe, Clélia se refugiara; nas poucas vezes que a vira desde que saíra da cidadela, ficara profundamente aflito com uma mudança impressionante, e que lhe parecia um péssimo sinal. Desde seu erro, a fisionomia de Clélia tomara um aspecto de nobreza e seriedade realmente notáveis; parecia ter trinta anos. Nessa mudança extraordinária, Fabrice percebeu o reflexo de alguma firme resolução. “A cada instante do dia”, ele pensava, “ela jura a si mesma ser fiel à promessa que fez à Madona, e jamais me rever.”

Fabrice só adivinhava em parte as desditas de Clélia; ela sabia que o pai, que caíra numa profunda desgraça, não podia voltar a Parma e reaparecer na corte (coisa sem a qual a vida era impossível para ele) senão no dia de seu casamento com o marquês de Crescenzi, e então lhe escreveu dizendo desejar esse casamento. Na época, o general estava refugiado em Turim, e doente de desgosto. Na verdade, o contragolpe dessa grande resolução fora envelhecê-la dez anos.

Ela descobrira, de fato, que Fabrice tinha uma janela defronte ao palácio Contarini; mas só tivera a desgraça de olhar para ele uma única vez; mal avistava algo semelhante a uma cabeça ou um jeito de homem parecendo um pouco o dele, fechava os olhos no mesmo instante. Sua devoção profunda e sua confiança no socorro da Madona eram, agora, seus únicos recursos. Tinha a dor de não sentir estima pelo pai; o caráter de seu futuro marido lhe parecia perfeitamente banal e na altura de qualquer outro da alta sociedade; por fim, adorava um homem que nunca mais devia rever, e que no entanto tinha direitos sobre ela. Esse conjunto de destinos lhe parecia a desgraça perfeita, e admitiremos que tinha razão. Teria sido preciso, depois de seu casamento, ir viver a duzentas léguas de Parma.

Fabrice conhecia a profunda modéstia de Clélia; sabia que qualquer iniciativa extraordinária, e que pudesse gerar mexericos, se ela descobrisse, com toda a certeza lhe desagradaria. No entanto, impelido ao extremo por sua excessiva melancolia e por aqueles olhares de Clélia que constantemente se desviavam dele, ousou tentar conquistar dois domésticos da sra. Contarini, tia dela. Um dia, ao cair da noite, Fabrice, vestido como um burguês do campo, se apresentou à porta do palácio, onde o esperava um dos domésticos subornados por ele; anunciou-se como chegado de Turim e tendo para Clélia cartas de seu pai. O doméstico foi levar seu recado e o fez subir a uma imensa antecâmara, no primeiro andar do palácio. Foi nesse lugar que Fabrice passou talvez os quinze minutos de sua vida mais cheios de ansiedade. Se Clélia o repelisse, para ele não haveria mais esperança de sossego. “A fim de acabar de uma vez por todas com os encargos inoportunos com que me

esmaga minha nova dignidade, privarei a Igreja de um mau padre e, sob um nome falso, irei me refugiar em alguma cartuxa.” Finalmente, o doméstico foi lhe anunciar que a srta. Clélia estava sentada diante de uma mesinha sobre a qual só havia uma vela. Assim que reconheceu Fabrice debaixo de seu disfarce, ela fugiu e foi se esconder no fundo do salão.

— É assim que você se preocupa com minha salvação — gritou-lhe, escondendo o rosto com as mãos. — No entanto, sabe que, quando meu pai esteve prestes a morrer por causa do veneno, fiz à Madona a promessa de jamais revê-lo. Não faltei com essa promessa senão naquele dia, o mais infeliz de minha vida, em que acreditei em sã consciência dever subtraí-lo à morte. Já é muito que, por uma interpretação forçada, e com certeza criminosa, eu consinta em escutá-lo.

Essa última frase espantou tanto Fabrice que ele precisou de alguns segundos para se alegrar com ela. Esperara a mais profunda cólera, e ver Clélia fugir; enfim, a presença de espírito lhe voltou e ele apagou a única vela. Embora pensasse ter entendido bem as ordens de Clélia, estava todo trêmulo ao avançar para o fundo do salão onde ela se refugiara atrás de um sofá; não sabia se não a ofenderia beijando-lhe a mão; ela estava toda trêmula de amor e se jogou em seus braços.

— Querido Fabrice — disse-lhe —, como você demorou a vir! Só posso lhe falar um instante pois é com certeza um grande pecado; e, quando prometi não mais revê-lo, decerto também entendia prometer não mais falar com você. Mas como pôde perseguir tão barbaramente a ideia de vingança que meu pobre pai teve? Pois, afinal, foi ele, primeiro, que quase foi envenenado para facilitar sua fuga. Você não devia fazer alguma coisa por mim, que tanto expus minha boa reputação a fim de salvá-lo? E, aliás, ei-lo totalmente ligado às ordens sacras; você não poderia mais se casar comigo mesmo se eu encontrasse um meio de afastar esse odioso marquês. E além disso, como você ousou, na noite da procissão, pretender me ver em pleno dia, e violar assim, da maneira mais gritante, a santa promessa que fiz à Madona?

Fabrice a apertava em seus braços, louco de surpresa e de felicidade.

Uma conversa que começava com essa quantidade de coisas a ser ditas não devia terminar tão cedo. Fabrice lhe contou a exata verdade sobre o exílio de seu pai; a duquesa não tinha se metido naquilo, de nenhuma maneira, pela grande razão de que não acreditara nem um só instante que a ideia do veneno fosse do general Conti; ela sempre pensara que era uma característica do espírito da facção Raversi, que queria expulsar o conde Mosca. Essa verdade histórica, longamente desenvolvida, deixou Clélia muito feliz; estava desconsolada por ter de odiar alguém que pertencia a Fabrice. Agora já não via a duquesa com olhos ciumentos.

A felicidade que essa noite instalou só durou alguns dias.

O excelente dom Cesare chegou de Turim; e, indo buscar audácia na perfeita honestidade de seu coração, ousou pedir para ser apresentado à duquesa. Depois de pedir sua palavra de não abusar da confiança que ia lhe fazer, confessou que seu irmão, enganado por uma falsa questão de honra, e se julgando desafiado e perdido perante a opinião pública por causa da fuga de Fabrice, acreditara ter de se vingar.

Dom Cesare não tinha falado dois minutos e seu processo já estava ganho: sua virtude perfeita tocara a duquesa, que não estava acostumada a um espetáculo desses. Ele lhe

agradou, como uma novidade.

— Apresse o casamento da filha do general com o marquês Crescenzi, e lhe dou minha palavra de que farei tudo o que está a meu alcance para que o general seja recebido como se voltasse de viagem. Vou convidá-lo para jantar; está satisfeito? Com certeza haverá certa frieza no início, e o general não deverá se apressar em pedir seu lugar de governador da cidadela. Mas o senhor sabe que tenho amizade pelo marquês e não guardarei rancor contra o sogro dele.

Armado com essas palavras, dom Cesare foi dizer à sobrinha que ela tinha nas mãos a vida do pai, doente de desespero. Fazia vários meses que ele não aparecera em nenhuma corte. Clélia quis ver o pai, refugiado sob um nome falso num vilarejo perto de Turim; pois ele imaginara que a corte de Parma pedia sua extradição à de Turim, para levá-lo a julgamento. Ela o encontrou doente e quase louco. Na mesma noite escreveu a Fabrice uma carta de ruptura eterna. Ao receber essa carta, Fabrice, que estava desenvolvendo um temperamento totalmente semelhante ao de sua amada, foi se pôr em retiro no convento de Velleja, situado nas montanhas a dez léguas de Parma. Clélia lhe escreveu uma carta de dez páginas: ela lhe jurara, outrora, jamais se casar com o marquês sem seu consentimento; agora o pedia, e Fabrice o concedeu, do fundo de seu retiro em Velleja, por uma carta repleta da mais pura amizade.

Ao receber essa carta, cujo tom de amizade, é preciso reconhecer, a irritou, Clélia fixou pessoalmente o dia do seu casamento, cujas festas foram aumentar ainda mais a magnificência com que brilhou nesse inverno a corte de Parma.

Ranuce-Ernest V era, no fundo, avarento; mas estava perdidamente apaixonado e esperava fixar a duquesa em sua corte: pediu à sua mãe que aceitasse uma quantia um tanto considerável e que desse festas. A camareira-mor soube tirar um admirável proveito desse aumento de riquezas; as festas de Parma, nesse inverno, lembraram os belos dias da corte de Milão e daquele amável príncipe Eugène, vice-rei da Itália, cuja bondade deixou tão duradoura lembrança.

Os deveres do coadjutor o haviam chamado a Parma, mas ele declarou que, por motivos pios, continuaria seu retiro no pequeno apartamento que seu protetor, monsenhor Landriani, o forçara a tomar no arcebispado; e lá foi se trancar, acompanhado por um só criado. Portanto, não assistiu a nenhuma das festas tão brilhantes da corte, o que lhe valeu em Parma e em sua futura diocese uma imensa reputação de santidade. Por um efeito inesperado desse retiro que só uma tristeza profunda e sem esperança inspirava a Fabrice, o bom arcebispo Landriani, de quem ele sempre gostara, e que na prática tivera a ideia de fazê-lo coadjutor, demonstrou a seu respeito um certo ciúme. O arcebispo acreditava, com razão, ter de ir a todas as festas da corte, como é de praxe na Itália. Nessas ocasiões, usava seu traje de grande gala, que, com pequenas diferenças, é igual àquele que o viam usar no coro da catedral. As centenas de criados reunidos na antecâmara em colunata do palácio não deixavam de se levantar e de pedir a bênção ao monsenhor, que aceitava parar e dá-la. Foi num desses momentos de silêncio solene que monsenhor Landriani ouviu uma voz que dizia:

— Nosso arcebispo vai ao baile, e monsenhor Del Dongo não sai de seu quarto!

A partir desse momento terminou no arcebispado a imensa simpatia de que Fabrice

desfrutara; mas ele podia voar com as próprias asas. Todo esse comportamento, que só fora inspirado pelo desespero em que o mergulhara o casamento de Clélia, foi confundido como que com o efeito de uma religiosidade simples e sublime, e os devotos liam, como um livro de edificação, a tradução da genealogia de sua família, na qual perpassava a mais alucinante vaidade. Os livreiros fizeram uma edição litografada de seu retrato, que se esgotou em poucos dias, sobretudo graças à gente do povo; o gravador, por ignorância, reproduzira em torno do retrato de Fabrice vários ornamentos que só devem figurar dos retratos dos bispos, e aos quais um coadjutor não poderia aspirar. O arcebispo viu um desses retratos e seu furor já não conheceu limites; mandou chamar Fabrice e lhe dirigiu as coisas mais duras e em termos que a paixão tornou por vezes muito grosseiros.

Fabrice não teve nenhum esforço a fazer, como é fácil imaginar, para se conduzir como o teria feito Fénelon em circunstância parecida; escutou o arcebispo com toda a humildade e todo o respeito possíveis; e, quando esse prelado parou de falar, contou-lhe toda a história da tradução dessa genealogia feita por ordem do conde Mosca, na época de sua primeira prisão. Ela fora publicada com fins mundanos, e que sempre lhe tinham parecido pouco adequados para um homem de sua condição. Quanto ao retrato, era completamente alheio à segunda edição, assim como à primeira; e tendo o livreiro lhe endereçado ao arcebispado, durante seu retiro, vinte e quatro exemplares dessa segunda edição, ele mandara seu criado comprar um vigésimo quinto; e, tendo sabido por esse meio que aquele retrato se vendia por trinta vinténs, mandara cem francos como pagamento por vinte e quatro exemplares.

Todas essas razões, embora expostas no tom mais sensato por um homem que tinha vários outros desgostos no coração, levaram ao desvario a raiva do arcebispo; ele chegou a ponto de acusar Fabrice de hipocrisia.

“Eis o que são essas pessoas vulgares”, pensou Fabrice, “mesmo quando têm inteligência!”

Ele tinha então uma preocupação mais séria; eram as cartas de sua tia, que exigia categoricamente que ele fosse retomar seu apartamento no palácio Sanseverina, ou que ao menos fosse vê-la de vez em quando. Lá, Fabrice tinha certeza de ouvir falar das festas esplêndidas dadas pelo marquês Crescenzi por ocasião de seu casamento: ora, era o que ele não tinha certeza de conseguir suportar sem se prestar a um espetáculo.

Quando houve a cerimônia do casamento, fazia oito dias exatos que Fabrice se votara ao silêncio mais completo, depois de ter ordenado a seu criado e aos empregados do arcebispado com quem tinha alguma relação que jamais lhe dirigissem a palavra.

Tendo sabido dessa nova afetação, monsenhor Landriani mandou chamar Fabrice com muito mais frequência que de costume, e quis ter com ele conversas muito longas; obrigou-o até a conferências com alguns cônegos do campo, que pretendiam que o arcebispado agira contra seus privilégios. Fabrice encarou todas essas coisas com a perfeita indiferença de um homem que tem outros pensamentos. “Seria melhor para mim”, pensava, “tornar-me cartuxo; eu sofreria menos nos rochedos de Velleja.”

Foi ver sua tia e não conseguiu conter as lágrimas ao beijá-la. Ela o achou tão mudado, seus olhos, ainda maiores por causa da extrema magreza, pareciam tanto lhe sair da face, e ele mesmo tinha uma aparência tão franzina e infeliz, com sua batinazinha preta e puída de simples padre, que nesse primeiro encontro a duquesa também não conseguiu segurar as

lágrimas; mas um instante depois, quando pensou que toda essa mudança na aparência daquele belo rapaz era causada pelo casamento de Clélia, teve sentimentos quase iguais em veemência aos do arcebispo, embora mais habilmente contidos. Cometeu a barbaridade de falar longamente de certos detalhes pitorescos que tinham marcado as festas encantadoras dadas pelo marquês Crescenzi. Fabrice não respondia; mas seus olhos se fecharam um pouco, por um movimento convulso, e ele ficou ainda mais pálido do que era, o que, a princípio, pareceria impossível. Nesses momentos de profunda dor, sua palidez tomava um tom esverdeado.

O conde Mosca apareceu, e o que ele via e lhe parecia inacreditável curou-o enfim por completo do ciúme que Fabrice nunca deixara de lhe inspirar. Esse homem hábil deu as voltas mais delicadas e mais engenhosas para tentar restituir a Fabrice algum interesse pelas coisas deste mundo. O conde sempre tivera por ele muita estima e bastante amizade; essa amizade, não sendo mais contrabalançada pelo ciúme, tornou-se nesse momento quase devoção. “De fato, ele pagou um alto preço por sua bela carreira”, pensava, recapitulando suas desgraças. A pretexto de lhe mostrar o quadro de Parmigiano que o príncipe mandara para a duquesa, o conde pegou Fabrice à parte e lhe disse:

— Pois é, meu amigo, falemos como homens: posso lhe ser útil em alguma coisa? Você não deve temer perguntas de minha parte; mas, afinal, o dinheiro pode lhe ser útil, o poder pode lhe servir? Fale, estou às suas ordens; se preferir escrever, escreva-me.

Fabrice o abraçou ternamente e lhe falou do quadro.

— Seu comportamento é a obra-prima da mais fina política — disse-lhe o conde, voltando ao tom leve da conversa. — Você está se reservando um futuro muito agradável, o príncipe o respeita, o povo o venera, sua batinazinha preta puída faz monsenhor Landriani passar noites péssimas. Tenho alguma prática nos negócios e posso lhe jurar que não saberia que conselho lhe dar para aperfeiçoar o que vejo. Seu primeiro passo na sociedade, aos vinte e cinco anos, o faz alcançar a perfeição. Fala-se muito de você na corte; e sabe a que se deve essa distinção única na sua idade? À batinazinha preta surrada. A duquesa e eu dispomos, como sabe, da antiga casa de Petrarca no alto daquela linda colina, no meio da floresta, nos arredores do Pó; se algum dia estiver cansado dos procedimentozinhos perversos da inveja, pensei que poderia ser o sucessor de Petrarca, cuja fama aumentará a sua.

O conde torturou a própria mente para fazer com que nascesse um sorriso naquele rosto de anacoreta, mas não conseguiu. O que tornava a mudança mais chocante era que, antes desses últimos tempos, se o rosto de Fabrice tinha um defeito era o de apresentar às vezes, de modo descabido, a expressão da volúpia e da alegria.

O conde não o deixou ir embora sem lhe dizer que, apesar de sua situação de retiro, talvez houvesse alguma afetação em não comparecer à corte no sábado seguinte, quando era o aniversário da princesa. Essa palavra foi uma punhalada para Fabrice.

“Santo Deus!”, pensou, “que vim fazer neste palácio!” Não conseguia pensar sem estremecer no encontro que podia fazer na corte. Essa ideia absorveu todas as outras; pensou que o único recurso que lhe restava era chegar ao palácio no instante exato em que abrissem as portas dos salões.

De fato, o nome de monsenhor Del Dongo foi um dos primeiros anunciados na noite de

grande gala, e a princesa o recebeu com toda a distinção possível. Os olhos de Fabrice estavam fixos no relógio de pêndulo, e no instante em que este marcou o vigésimo minuto de sua presença naquele salão, ele se levantava para se despedir quando o príncipe entrou onde estava sua mãe. Depois de ter lhe cortejado alguns instantes, Fabrice se aproximava da porta por uma sábia manobra quando viu estourar à sua custa um desses pequenos nadas de corte que a camareira-mor sabia tão bem administrar: o camarista de serviço correu atrás dele para lhe dizer que ele fora designado para parceiro de uíste do príncipe. Em Parma, é uma honra insigne e bem acima da posição que o coadjutor ocupava na sociedade. Ser parceiro de uíste era uma acentuada honra mesmo para o arcebispo. Diante das palavras do camarista, Fabrice sentiu o coração trespassado, e, embora inimigo mortal de qualquer palco público, esteve prestes a ir lhe dizer que fora acometido de uma tonteira súbita; mas pensou que ficaria às voltas com perguntas e condolências, mais intoleráveis ainda que o jogo. Nesse dia estava com horror a falar.

Felizmente, o geral dos Irmãos Menores estava entre as grandes personalidades que tinham ido fazer a corte à princesa. Esse monge, muito erudito, digno êmulo dos Fontana e dos Duvoisin,<sup>a</sup> se postara num canto recuado do salão: Fabrice ficou de pé, diante dele, de modo a não avistar a porta de entrada, e lhe falou de teologia. Mas não conseguiu que seus ouvidos deixassem de escutar o sr. marquês e a sra. marquesa Crescenzi sendo anunciados. Fabrice, contra sua expectativa, sentiu um violento ímpeto de cólera.

“Fosse eu *Borso Valserra*”, pensou (era um dos generais do primeiro Sforza), “iria apunhalar esse pesado marquês, justamente com aquele punhalzinho de cabo de marfim que Clélia me deu naquele dia feliz, e lhe mostraria se ele pode ter a insolência de se apresentar com essa marquesa num lugar onde estou!”

Sua fisionomia mudou tanto que o geral dos Irmãos Menores lhe disse:

— Vossa Excelência se sente indisposta?

— Estou com uma dor de cabeça alucinante... essas luzes me fazem mal... e só fico porque fui designado para a partida de uíste do príncipe.

Diante dessas palavras, o geral dos Irmãos Menores, que era um burguês, ficou tão desconcertado que, não mais sabendo o que fazer, começou a cumprimentar Fabrice, o qual, de seu lado, bem mais perturbado que o geral dos Menores, se pôs a falar com uma estranha loquacidade; percebia que se fizera um grande silêncio atrás dele e não queria olhar. De repente, um arco bateu numa estante de música; tocaram um ritornelo, e a famosa sra. P\* cantou esta ária de Cimarosa, outrora tão famosa: “*Quelle pupille tenere!*”.<sup>b</sup>

Fabrice aguentou firme nos primeiros compassos, mas logo sua raiva se dissipou e ele sentiu uma necessidade extrema de derramar lágrimas. “Meu Deus!”, pensou, “que cena ridícula! E com minha batina, ainda por cima!” Pensou que seria mais sensato falar de si.

— Essas dores de cabeça extremas, quando as contrario, como esta noite — disse ao geral dos Irmãos Menores —, acabam com acessos de lágrimas que poderiam dar motivos para maledicência num homem de nossa posição; portanto, peço-lhe, Vossa Reverência Ilustríssima, que me permita chorar olhando para o senhor, e que não preste mais atenção a isso.

— Nosso padre provincial de Catanzara sofre do mesmo incômodo — disse o geral dos

Menores.

E começou em voz baixa uma história sem fim.

O ridículo dessa história, que desencavara os detalhes das refeições vespertinas desse padre provincial, fez Fabrice sorrir, o que não lhe acontecia havia tempo; mas logo deixou de escutar o geral dos Menores. A sra. P\* cantava, com um talento divino, uma ária de Pergolese (a princesa gostava de música antiquada). Ouviu-se um pequeno ruído a três passos de Fabrice; pela primeira vez na noite ele desviou os olhos. A poltrona que acabava de causar esse estalinho no soalho estava ocupada pela marquesa Crescenzi, cujos olhos rasos de lágrimas encontraram em cheio os de Fabrice, que não estavam em melhor estado. A marquesa baixou a cabeça; Fabrice continuou a olhar para ela por alguns segundos: travava conhecimento com aquela cabeça carregada de diamantes, mas seu olhar expressava a raiva e o desdém. Depois, pensando: *E meus olhos jamais olharão para você*, virou-se para o padre geral e disse:

— Eis que meu incômodo me pega mais forte que nunca.

De fato, Fabrice chorou aos prantos durante mais de meia hora. Felizmente, uma sinfonia de Mozart, horrivelmente desafinada, como é de praxe na Itália, veio socorrê-lo e o ajudou a secar as lágrimas.

Ele ficou firme e não virou os olhos para a marquesa Crescenzi; mas a sra. P\* tornou a cantar, e a alma de Fabrice, aliviada pelas lágrimas, chegou a um estado perfeito de paz. Então a vida lhe apareceu sob uma nova luz. “Será que pretendo”, pensou, “poder esquecê-la inteiramente desde os primeiros momentos? Isso me seria possível?” Chegou à seguinte ideia: “Posso ser mais infeliz do que sou há dois meses? E se nada é capaz de aumentar minha angústia, por que resistir ao prazer de vê-la? Ela esqueceu seus juramentos, é leviana: todas as mulheres não o são? Mas quem poderia lhe recusar uma beleza celeste? Tem um olhar que me alegra em êxtase, ao passo que sou obrigado a fazer um esforço comigo mesmo para olhar as mulheres que passam pelas mais belas! Pois bem! Por que não me deixar maravilhar? Será, pelo menos, um momento de trégua.”

Fabrice tinha algum conhecimento dos homens, mas nenhuma experiência das paixões, sem o que ele teria pensado que esse prazer de um momento, ao qual ia ceder, inutilizaria todos os esforços que fazia nos dois últimos meses para esquecer Clélia.

Essa pobre mulher só fora àquela festa forçada pelo marido; queria, no mínimo, retirar-se depois de uma meia hora, sob pretexto de saúde, mas o marquês lhe declarou que fazer avançar sua carruagem para partir, quando muitas carruagens ainda chegavam, seria algo totalmente inusitado, e que poderia até ser interpretado como uma crítica indireta à festa dada pela princesa.

— Em minha condição de cavaleiro de honra — acrescentou o marquês —, devo ficar no salão às ordens da princesa, até que todos tenham partido: pode haver e na certa haverá ordens a dar aos criados, eles são tão negligentes! E você quer que um simples escudeiro da princesa usurpe essa honra?

Clélia se resignou; não tinha visto Fabrice, ainda esperava que ele não tivesse ido a essa festa. Mas, quando o concerto ia começar, como a princesa permitira às senhoras sentarem-se, Clélia, muito pouco alerta para esse tipo de coisa, deixou que lhe pegassem os melhores lugares perto da princesa e teve de ir procurar uma poltrona no fundo da sala,

num canto recuado onde Fabrice se refugiara. Ao chegar à poltrona, seus olhos foram atraídos pelo traje singular, num lugar daqueles, do geral dos Irmãos Menores, e de início não reparou no homem magro e vestindo uma simples batina preta que falava com ele; todavia, um certo gesto secreto fixara seus olhos naquele homem. “Todos aqui estão de uniforme ou com casacas ricamente bordadas: quem pode ser aquele rapaz de batina preta tão simples?” Olhava para ele com profunda atenção, quando uma dama, vindo se sentar, fez a poltrona dela se mover. Fabrice virou a cabeça: ela não o reconheceu, de tal forma estava mudado. Primeiro, pensou: “Aí está alguém que se parece com ele, deve ser seu irmão mais velho; mas achava que ele era só uns anos mais velho, e este é um homem de quarenta anos”. De repente o reconheceu por um movimento da boca. “Coitado, como sofreu!”, pensou; e baixou a cabeça, arrasada de dor, e não por ser fiel à sua promessa. Seu coração estava transtornado de compaixão. Esta não era a fisionomia que ele tinha depois de nove meses de prisão! Não o olhou mais; contudo, sem virar propriamente os olhos para seu lado, via todos os seus gestos.

Depois do concerto, percebeu que ele se aproximava da mesa de jogo do príncipe, posta a poucos passos do trono; respirou quando Fabrice ficou, assim, muito longe dela.

Mas o marquês Crescenzi estava muito agastado ao ver sua mulher relegada tão longe do trono; durante toda a noite se ocupara em convencer uma senhora sentada a três poltronas da princesa, e cujo marido lhe devia favores de dinheiro, que ela bem faria de trocar de lugar com a marquesa. A pobre mulher resistia, como era natural, e ele foi buscar o marido devedor, que fez sua cara-metade ouvir a triste voz da razão, e finalmente o marquês teve o prazer de consumir a troca, indo buscar sua mulher.

— Você é sempre modesta demais — ele lhe disse. — Por que andar assim de olhos baixos? Vão confundi-la com uma dessas burguesas muito espantadas de se encontrar aqui, e que todos se espantam em ver aqui. Essa louca da camareira-mor está sempre fazendo das suas! E falam em retardar o progresso do jacobinismo! Pense que seu marido ocupa o primeiro lugar masculino na corte da princesa; e mesmo se os republicanos conseguissem suprimir a corte e até a nobreza, seu marido ainda seria o homem mais rico deste estado. É esta uma ideia que você não põe o suficiente na cabeça.

A poltrona em que o marquês teve o prazer de instalar sua mulher estava a apenas seis passos da mesa de jogo do príncipe; ela só via Fabrice de perfil, mas o achou tão magro, e, sobretudo, com o ar tão acima de tudo o que podia acontecer neste mundo, ele que outrora não deixava passar nenhum incidente sem dar sua opinião, que acabou chegando a essa pavorosa conclusão: Fabrice estava totalmente mudado; ele a esquecera; se tinha emagrecido tanto, era o efeito dos jejuns severos aos quais sua religiosidade se submetia. Clélia foi confirmada nessa triste ideia pela conversa de todos os seus vizinhos: o nome do coadjutor estava em todas as bocas; buscava-se a causa do insigne favor de que o viam ser alvo; ele, tão jovem, ser admitido no jogo do príncipe! Admiravam a indiferença polida e os ares de altivez com que jogava as cartas, mesmo quando cortava Sua Alteza.

— Mas isso é inacreditável! — exclamavam velhos cortesãos. — A simpatia de sua tia lhe virou completamente a cabeça... mas, graças aos céus, isso não durará; nosso soberano não gosta que alguém tome esses arezinhos de superioridade.

A duquesa se aproximou do príncipe; os cortesãos que se mantinham a uma distância

muito respeitosa da mesa de jogo, de modo a só poderem escutar da conversa do príncipe algumas palavras ao acaso, repararam que Fabrice enrubescia muito. “A tia dele lhe terá dado um carão”, pensaram, “sobre seus grandes ares de indiferença.” Fabrice acabava de ouvir a voz de Clélia, ela respondia à princesa que, dando uma volta pelo salão, dirigira a palavra à mulher de seu cavaleiro de honra. Chegou o momento em que Fabrice teve de mudar de lugar no uíste; então ficou exatamente defronte de Clélia e se entregou várias vezes à felicidade de contemplá-la. A pobre marquesa, sentindo-se olhada por ele, perdeu completamente a compostura. Várias vezes esqueceu o que devia à sua promessa; no desejo de adivinhar o que se passava no coração de Fabrice, fixava os olhos nele.

Terminado o jogo do príncipe, as damas se levantaram para passar à sala da ceia. Houve um pouco de desordem. Fabrice se viu pertinho de Clélia; ainda estava muito resoluto, mas reconheceu um perfume bem fraco que ela punha em seus vestidos; essa sensação pôs abaixo tudo o que prometera a si mesmo. Aproximou-se dela e proferiu a meia-voz, e como que falando a si mesmo, dois versos do soneto de Petrarca que ele lhe enviara do lago Maior, impresso num lenço de seda: “Qual não era minha felicidade quando o vulgo me julgava infeliz, e agora, como minha sorte está mudada!”.

“Não, ele não me esqueceu”, pensou Clélia, num ímpeto de alegria. “Essa bela alma não é inconstante!”

*Não, jamais me vereis mudar,  
Belos olhos que me ensinastes a amar.*

Clélia ousou repetir a si mesma esses dois versos de Petrarca.<sup>c</sup>

A princesa se retirou logo depois da ceia; o príncipe a seguira até seus aposentos e já não apareceu nas salas de recepção. Assim que se soube dessa notícia, todos quiseram partir ao mesmo tempo; houve uma completa desordem nas antecâmaras; Clélia ficou pertinho de Fabrice; a profunda tristeza pintada em suas feições lhe deu pena.

— Esqueçamos o passado — ela lhe disse — e guarde esta lembrança de *amizade*.

Ao dizer essas palavras, pôs o leque de modo a que Fabrice pudesse pegá-lo.

Aos olhos de Fabrice, tudo mudou; num instante foi outro homem; já no dia seguinte declarou que seu retiro terminara, e voltou para reassumir seu magnífico apartamento no palácio Sanseverina. O arcebispo disse e pensou que a simpatia que o príncipe lhe demonstrara, admitindo-o no jogo, fizera esse novo santo perder inteiramente a cabeça: a duquesa viu que ele estava de bem com Clélia. Esse pensamento, vindo redobrar a infelicidade criada pela lembrança de uma promessa fatal, acabou de decidi-la a se ausentar. Admiraram sua loucura. Como! Afastar-se da corte no momento em que a simpatia de que era alvo parecia sem limites! O conde, sumamente feliz desde que via que não existia amor entre Fabrice e a duquesa, disse à amante:

— Esse novo príncipe é a virtude encarnada, mas o chamei de *essa criança*: ele me perdoará um dia? Só vejo uma maneira de me pôr novamente em excelentes termos com ele, é a ausência. Vou me mostrar perfeito em deferências e respeitos, depois do que ficarei doente e pedirei minha demissão. Você me permitirá fazer isso, já que a carreira de Fabrice está garantida. Mas me fará o imenso sacrifício — acrescentou, rindo — de mudar o título

sublime de duquesa por outro bem inferior? Para me divertir, deixo todos os negócios aqui numa desordem inextricável; eu tinha quatro ou cinco trabalhadores nos meus diversos ministérios, mandei que os pusessem com uma pensão, há dois meses, porque eles leem os jornais franceses; e os substituí por uns palermas inacreditáveis. Depois de nossa partida, o príncipe ficará num tal embaraço que, apesar do horror que tem pelo caráter de Rassi, não duvido que não seja obrigado a chamá-lo, e de meu lado apenas espero uma ordem do tirano que dispõe de minha sorte para escrever uma carta de terna amizade a meu amigo Rassi e lhe dizer que tenho motivos de esperar que em breve façam justiça a seu mérito.<sup>10</sup>

a Francesco Luigi Fontana (1750-1822), frade barnabita, e depois cardeal, cuidou da excomunhão de Napoleão pelo papa Pio VII, em 1809. Jean-Baptiste Duvoisin (1744-1813) era o conselheiro eclesiástico de Napoleão.

b “Essas ternas pupilas!”, da ópera *Horácios e Curiácios*, de Domenico Cimarosa, muito apreciado por Stendhal.

c Os versos são do poeta italiano Pietro Metastasio (1698-1782).

10 P y E in Olo. [Mais um criptograma de Stendhal relativo às irmãs Montijo, suas duas jovens amigas espanholas: Paca y Eugénie in Oloron.]

Essa conversa séria aconteceu no dia seguinte da volta de Fabrice ao palácio Sanseverina; a duquesa ainda estava sob o impacto da alegria que explodia em todos os atos de Fabrice. “Com que então”, ela se dizia, “essa devotazinha me enganou! Ela não soube resistir a seu amado por mais de três meses.”

A certeza de um desfecho feliz dera ao jovem príncipe, essa criatura tão pusilânime, a coragem de amar; teve algum conhecimento dos preparativos da partida que se fazia no palácio Sanseverina; e seu laçao francês, que pouco acreditava na virtude das grandes damas, o encorajou em relação à duquesa. Ernest V se permitiu uma iniciativa que foi severamente criticada pela princesa e por todas as pessoas sensatas da corte; o povo viu nisso a marca do favor espantoso de que desfrutava a duquesa. O príncipe foi vê-la em seu palácio.

— A senhora está de partida — disse-lhe num tom sério que pareceu odioso à duquesa —; a senhora está de partida; vai me trair e faltar aos seus juramentos! E, no entanto, se eu tivesse demorado dez minutos em lhe conceder o perdão de Fabrice, ele teria morrido. E a senhora me deixa infeliz! E sem seus juramentos eu jamais teria tido a coragem de amá-la como a amo! Então a senhora não tem honra?

— Reflita amadurecidamente, meu príncipe. Em toda a sua vida houve um tempo igual de felicidade comparável aos quatro meses que acabam de se passar? Sua glória como soberano e, se ousar crer, sua felicidade como homem agradável jamais se elevaram a esse ponto. Eis o trato que lhe proponho: caso se digne a aceitá-lo, não serei sua amante por um instante fugaz, e em virtude de um juramento extorquido pelo medo, mas dedicarei todos os instantes de minha vida a fazer sua felicidade, serei sempre o que fui há quatro meses, e talvez o amor venha coroar a amizade. Eu não juraria o contrário.

— Muito bem! — disse o príncipe, radiante. — Assuma outro papel, seja ainda mais, reine a um só tempo sobre mim e sobre meus estados, seja meu primeiro-ministro; ofereço-lhe um casamento tal como é permitido pelas tristes conveniências de minha posição; temos um exemplo disso perto de nós: o rei de Nápoles acaba de desposar a duquesa de Partana. Ofereço-lhe tudo o que posso fazer, um casamento do mesmo gênero. Vou acrescentar um triste pensamento político para lhe mostrar que não sou mais uma criança e que refleti em tudo. Não farei valer para a senhora a condição que imponho a mim mesmo de ser o último soberano de minha linhagem, a tristeza de ver em minha vida as grandes potências disporem de minha sucessão; abençoo esses aborrecimentos muito reais, já que me oferecem um meio a mais de lhe provar minha estima e minha paixão.

A duquesa hesitou um instante; o príncipe a aborrecia e o conde lhe parecia perfeitamente agradável; só havia no mundo um homem que ela poderia preferir. Aliás, reinava sobre o

conde, e o príncipe, dominado pelas exigências de sua posição, teria mais ou menos reinado sobre ela. E, além disso, ele poderia se tornar inconstante e tomar amantes; a diferença de idade pareceria, em poucos anos, lhe dar esse direito.

Desde o primeiro instante a perspectiva de se entediar decidiu tudo; no entanto, a duquesa, que queria ser encantadora, pediu licença para refletir.

Seria longo demais relatar aqui os floreios de frases quase afetuosas e os termos infinitamente graciosos em que ela soube envolver sua recusa. O príncipe ficou furioso; via toda a sua felicidade lhe escapar. O que seria dele depois que a duquesa tivesse abandonado sua corte? Aliás, que humilhação ser recusado! “Por fim, o que me dirá meu laçao francês quando eu lhe contar minha derrota?”

A duquesa teve a arte de acalmar o príncipe e de levar a negociação, pouco a pouco, a suas verdadeiras dimensões.

— Se Vossa Alteza se dignar a consentir em não apressar o efeito de uma promessa fatal, e horrível a meus olhos, como que me fazendo incorrer em meu próprio desprezo, passarei minha vida em sua corte, e essa corte será sempre o que foi este inverno; todos os meus instantes serão dedicados a contribuir para sua felicidade como homem, e para sua glória como soberano. Se exigir que eu obedeça a meu juramento, terá manchado o resto de minha vida, e no mesmo instante me verá abandonar seus estados para nunca mais voltar. O dia em que eu tiver perdido a honra será também o último dia em que o verei.

Mas o príncipe era obstinado como as criaturas pusilânimes; aliás, seu orgulho de homem e de soberano estava irritado com a recusa de sua mão; ela pensava em todas as dificuldades que teria tido de superar para que esse casamento fosse aceito, e que no entanto se decidira a vencer.

Durante três horas repetiram de parte a parte os mesmos argumentos, volta e meia misturados a palavras muito duras. O príncipe exclamou:

— Quer então me fazer crer, senhora, que lhe falta honra? Se eu tivesse hesitado tanto tempo no dia em que o general Fabio Conti dava veneno a Fabrice, a senhora estaria ocupada hoje em lhe erigir um túmulo numa das igrejas de Parma.

— Com toda a certeza não em Parma, este país de envenenadores.

— Pois bem! Parta, senhora duquesa — retrucou o príncipe com raiva —, e levará meu desprezo.

Quando ele estava indo, a duquesa lhe disse em voz baixa:

— Muito bem! Apresente-se aqui às dez horas da noite, no mais estrito anonimato, e fará um mau negócio. Terá me visto pela última vez, e eu teria dedicado minha vida a torná-lo tão feliz como um príncipe absoluto pode ser neste século de jacobinos. E pense no que será sua corte quando eu não estiver mais aqui para arrancá-la, à força, de sua insipidez e de sua maldade naturais.

— De seu lado, a senhora recusa a coroa de Parma, e melhor que a coroa, pois não teria sido uma princesa vulgar, desposada por motivo político, e a quem não se ama; meu coração é todo seu, e a senhora teria sido para sempre a dona absoluta tanto de meus atos como de meu governo.

— Sim, mas a princesa sua mãe teria tido o direito de me desprezar como a uma vil intrigante.

— Pois bem! Eu teria exilado a princesa com uma pensão.

Ainda houve quarenta e cinco minutos de réplicas incisivas. O príncipe, que tinha a alma delicada, não conseguia se decidir nem a usar de seu direito nem a deixar a duquesa partir. Haviam lhe dito que, depois de obtido o primeiro favor, pouco importa como, as mulheres voltam.

Expulso pela duquesa indignada, ele se atreveu a reaparecer, todo trêmulo e muito infeliz, às dez horas menos três minutos. Às dez e meia, a duquesa subiu na carruagem e partiu para Bolonha. Escreveu ao conde assim que ficou fora dos estados do príncipe:

“O sacrifício está feito. Durante um mês não me peça para ser alegre. Nunca mais verei Fabrice; espero por você em Bolonha, e quando quiser serei a condessa Mosca. Só lhe peço uma coisa, jamais me force a reaparecer no país que estou deixando, e pense sempre que, em vez das cento e cinquenta mil libras de renda, você terá no máximo trinta ou quarenta. Todos os bobos olhavam para você de boca aberta, e você não será mais considerado, a menos que aceite se rebaixar para compreender todas as pequenas ideias deles. *Tu l'as voulu, Georges Dandin!*”<sup>a</sup>

Oito dias depois, o casamento se celebrava em Perugia, numa igreja em que os ancestrais do conde têm seus túmulos. O príncipe estava desesperado. A duquesa recebera três ou quatro mensageiros dele e não deixara de lhe mandar de volta, dentro de envelopes, suas cartas não abertas. Ernest V dera ao conde um estipêndio magnífico e concedera o grande cordão de sua ordem a Fabrice.

— Foi sobretudo isso que me agradou nas despedidas dele. Nós nos separamos — disse o conde à nova condessa Mosca della Rovere — como os melhores amigos do mundo; deu-me uma grande condecoração espanhola e diamantes que valem tanto quanto a grande condecoração. Disse-me que me faria duque, a menos que queira se reservar esse recurso para chamá-la de volta a seus estados. Portanto, estou encarregado de lhe declarar, bela missão para um marido, que, se você se dignar a voltar a Parma, ainda que seja por um mês, serei feito duque, sob o nome que você escolherá, e você terá uma bela propriedade no campo.

Foi o que a duquesa recusou com uma espécie de horror.

Depois da cena que se passara no baile da corte, e que parecia bastante decisiva, Clélia pareceu não mais se lembrar do amor que dera a impressão de partilhar por um instante; os remorsos mais violentos se apoderaram dessa alma virtuosa e religiosa. Era o que Fabrice compreendia muito bem e, apesar de todas as esperanças que procurava dar a si mesmo, um sombrio infortúnio se apossara, porém, de sua alma. Dessa vez, no entanto, o infortúnio não o conduziu ao retiro, como na época do casamento de Clélia.

O conde pedira a *seu sobrinho* que lhe contasse com exatidão o que acontecia na corte, e Fabrice, que começava a compreender tudo o que lhe devia, prometera a si mesmo cumprir essa missão escrupulosamente.

Assim como a cidade e a corte, Fabrice não duvidava de que seu amigo não tivesse o projeto de voltar ao ministério, e com mais poder do que jamais tivera. As previsões do conde não demoraram a se verificar: menos de seis semanas depois de sua partida, Rassi era primeiro-ministro, Fabio Conti, ministro da Guerra, e as prisões, que o conde quase esvaziara, se encheram de novo. Chamando essas pessoas ao poder, o príncipe pensou se

vingar da duquesa; estava loucamente apaixonado e odiava, sobretudo, o conde Mosca como um rival.

Fabrice tinha muitos negócios oficiais; tendo monsenhor Landriani, com setenta e dois anos, caído num estado de grande langor e quase não mais saindo de seu palácio, cabia ao coadjutor cumprir quase todas as suas funções.

A marquesa Crescenzi, esmagada de remorsos e amedrontada por seu diretor de consciência, encontrara um excelente meio de se furtar aos olhares de Fabrice. Pretextando o fim de uma primeira gravidez, ela se atribuíra como prisão seu próprio palácio; mas esse palácio tinha um imenso jardim. Fabrice soube penetrar ali e pôs na alameda de que Clélia mais gostava flores arrumadas em ramalhetes, e dispostas numa ordem que lhes dava uma linguagem, como as que ela outrora lhe fizera chegar todas as noites, nos últimos dias de sua prisão na Torre Farnese.

A marquesa ficou muito irritada com essa iniciativa; os gestos de sua alma eram comandados ora pelo remorso, ora pela paixão. Por vários meses não se permitiu descer uma só vez ao jardim do palácio; tinha até mesmo escrúpulo de dar uma olhadela por ali.

Fabrice começava a crer que estava separado dela para sempre, e o desespero também começava a se apossar de sua alma. O mundo onde passava sua vida lhe desagradava mortalmente e, se não tivesse sido intimamente convencido de que o conde não conseguiria encontrar a paz de espírito fora do ministério, teria se retirado para seu pequeno apartamento do arcebispado. Para ele seria doce viver inteiramente entregue a seus pensamentos e não mais ouvir a voz humana senão no exercício oficial de suas funções.

“Mas”, pensava, “no interesse do conde e da condessa Mosca ninguém pode me substituir.”

O príncipe continuava a tratá-lo com uma distinção que o colocava no primeiro nível naquela corte e esse favor ele o devia em grande parte a si mesmo. A extrema reserva que, em Fabrice, vinha de uma indiferença que chegava às raias da repugnância por todas as afetações ou as pequenas paixões que enchiam a vida dos homens, ferira a vaidade do jovem príncipe; ele costumava dizer que Fabrice tinha tanto espírito quanto sua tia. A alma cândida do príncipe percebia só pela metade esta verdade: a de que ninguém se aproximava dele com as mesmas disposições emocionais de Fabrice. O que não podia escapar, nem mesmo ao mais vulgar cortesão, é que a consideração obtida por Fabrice não era a de um simples coadjutor, mas ultrapassava até mesmo as deferências que o soberano demonstrava ao arcebispo. Fabrice escrevia ao conde que, se acaso o príncipe tivesse inteligência bastante para se dar conta da devastação em que os ministros Rassi, Fabio Conti, Zurla e outros de mesma força haviam jogado seus negócios, ele, Fabrice, seria o canal natural pelo qual o príncipe tomaria uma iniciativa, sem comprometer demais seu amor-próprio.

“Sem a lembrança da expressão fatal, *essa criança*”, ele dizia à condessa Mosca, “aplicada por um homem de gênio a uma augusta pessoa, a augusta pessoa já teria exclamado: ‘Volte bem depressa e me expulse todos esses maltrapilhos!’. Já hoje, se a mulher do homem de gênio se dignasse a fazer um gesto, por pouco significativo que fosse, o conde seria chamado com entusiasmo; mas ela entrará por uma porta bem mais bela se quiser esperar que o fruto esteja maduro. Aliás, todos se entediam tremendamente nos salões da princesa, e só têm para se divertir a loucura de Rassi, que, desde que é conde, se

tornou maníaco de nobreza. Acabam de dar ordens severas para que qualquer pessoa que não consiga provar oito quartéis de nobreza *não ouse mais* se apresentar nos saraus da princesa (são os termos do rescrito). Todos os homens que estão gabaritados a entrar de manhã na grande galeria e se encontrarem na passagem do soberano quando ele vai à missa continuarão a gozar desse privilégio; mas os recém-chegados deverão dar provas dos oito quartéis. Diante disso, disseram que se pode ver muito bem que Rassi não tem quartel.”

É de imaginar que tais cartas não eram entregues ao correio. A condessa Mosca respondia de Nápoles:

“Temos um concerto toda quinta-feira, e conversação todos os domingos; não podemos nem nos mexer em nossos salões. O conde está encantado com suas escavações; a elas dedica mil francos por mês, e acaba de mandar vir operários das montanhas dos Abruzzos, que só lhe custam vinte e três vinténs por dia. Você deveria vir nos ver. Eis que faz mais de vinte vezes, senhor ingrato, que lhe faço esta intimação.”

Fabrice não tinha a menor intenção de obedecer: a simples carta que escrevia todo dia ao conde ou à condessa lhe parecia uma tarefa quase insuportável. Hão de perdoá-lo quando se souber que um ano inteiro se passou assim, sem que ele pudesse dirigir uma palavra à marquesa. Todas as suas tentativas para estabelecer alguma correspondência tinham sido rejeitadas com horror. O silêncio habitual que, por tédio da vida, Fabrice mantinha por toda parte, exceto no exercício de suas funções e na corte, unido à pureza perfeita de seus costumes, o levava a ser alvo de veneração tão extraordinária que ele decidiu enfim obedecer aos conselhos de sua tia.

“O príncipe tem por você tal veneração”, ela lhe escreveu, “que você deve esperar em breve algum desfavor; ele lhe prodigalizará sinais de desatenção, e os desprezos atroz dos cortesãos se seguirão aos dele. Esses pequenos déspotas, por mais honestos que sejam, são volúveis como a moda, e pela mesma razão: o tédio. Você só pode encontrar forças contra o capricho do soberano na prédica. Você improvisa tão bem em versos! Tente falar meia hora sobre religião; dirá heresias, no começo, mas pague a um teólogo erudito e discreto, que assistirá aos seus sermões, e ele o alertará sobre seus erros, que você reparará no dia seguinte.”

O gênero de infelicidade que um amor contrariado produz na alma faz com que qualquer coisa que exija atenção e ação se torne uma tarefa atroz. Mas Fabrice pensou que sua reputação junto ao povo, se ele a adquirisse, poderia um dia ser útil à sua tia e ao conde, por quem sua veneração aumentava diariamente, à medida que os negócios lhe ensinavam a conhecer a maldade dos homens. Decidiu-se a pregar, e seu êxito, preparado por sua magreza e sua batina surrada, foi sem precedentes. Encontravam em seus discursos um perfume de tristeza profunda, que, junto com sua figura encantadora e os relatos sobre a alta simpatia de que gozava na corte, arrebatou todos os corações femininos. As mulheres inventaram que ele fora um dos mais valentes capitães do exército de Napoleão. Logo esse fato absurdo passou a ser indubitável. Mandavam guardar lugares nas igrejas onde ele devia pregar; os pobres ali se instalavam, para especulação, desde as cinco horas da manhã.

O sucesso foi tamanho que Fabrice teve enfim a ideia que mudou tudo em sua alma: a de que, ainda que fosse por simples curiosidade, a marquesa Crescenzi bem poderia um dia ir assistir a um de seus sermões. De repente, o público radiante se apercebeu que seu talento

redobrava; ele se permitia, quando estava emocionado, imagens cujo atrevimento teria feito estremecer os oradores mais tarimbados; às vezes, esquecendo de si mesmo, entregava-se a momentos de inspiração apaixonada, e todo o auditório desfazia-se em lágrimas. Mas era em vão que seu olhar *aggrottato*<sup>b</sup> procurava entre tantos rostos voltados para o púlpito aquele cuja presença teria sido para ele um tão grande acontecimento.

“Mas se um dia eu tiver essa felicidade”, pensou, “ou passarei mal ou ficarei absolutamente lacônico.” Para se precaver contra este último inconveniente, compusera uma espécie de oração terna e apaixonada que sempre colocava no púlpito, sobre um banquinho; tinha o plano de se pôr a ler esse trecho se acaso a presença da marquesa o deixasse sem condições de encontrar uma palavra.

Um dia, soube pelos domésticos do marquês que estavam pagos por ele que ordens tinham sido dadas para que se preparasse no dia seguinte o camarote da Casa Crescenzi no grande teatro. Havia um ano que a marquesa não aparecia em nenhum espetáculo, e quem a levava a derrogar seus hábitos era um tenor que fazia grande sucesso e enchia a sala toda noite. O primeiro impulso de Fabrice foi uma extrema alegria. “Finalmente poderei vê-la durante toda uma noite! Dizem que está muito pálida.” E procurou imaginar o que podia ser aquela cabeça encantadora, com cores meio desmaiadas pelos combates da alma.

Seu amigo Ludovic, todo consternado com o que chamava de loucura de seu senhor, encontrou, com muito esforço, um camarote na quarta fileira, quase defronte daquele da marquesa. Uma ideia ocorreu a Fabrice: “Espero lhe suscitar o desejo de vir ao sermão, e escolherei uma igreja bem pequena, a fim de estar em condições de vê-la bem”. Via de regra Fabrice pregava às três horas. Já na manhã do dia em que a marquesa devia ir ao espetáculo ele mandou anunciar que, como um dever de seu cargo o retinha no arcebispado durante o dia todo, ele pregaria excepcionalmente às oito e meia da noite, na pequena igreja de Santa Maria da Visitação, situada justamente diante de uma das alas do palácio Crescenzi. Ludovic ofereceu, da parte dele, uma quantidade enorme de círios às religiosas da Visitação, com o pedido de iluminarem a igreja como se fosse dia. Ele teve toda uma companhia de granadeiros da guarda, e puseram uma sentinela, de baioneta calada, diante de cada capela, para impedir os roubos.

O sermão só era anunciado para as oito e meia, e como às duas horas a igreja estava inteiramente repleta, pode-se imaginar a barulheira que houve na rua solitária que dominava a nobre arquitetura do palácio Crescenzi. Fabrice mandara anunciar que, em homenagem à Nossa Senhora da Piedade, ele pregaria sobre a piedade que uma alma generosa deve ter por um infeliz, mesmo quando ele é culpado.

Disfarçado com todo o esmero possível, Fabrice foi para seu camarote no teatro no momento da abertura das portas, e quando ainda estava tudo apagado. O espetáculo começou por volta das oito, e minutos depois ele teve essa alegria que nenhum espírito pode imaginar se não o experimentou: viu a porta do camarote Crescenzi se abrir; pouco depois, a marquesa entrou; não a via tão bem desde o dia em que ela lhe dera seu leque. Fabrice pensou que sufocaria de alegria; sentiu uma agitação tão extraordinária que pensou: “Talvez eu vá morrer! Que modo encantador de acabar esta vida tão triste! Talvez eu vá cair neste camarote; os fiéis reunidos na Visitação não me verão chegar, e amanhã saberão que o futuro arcebispo deles perdeu os sentidos num camarote da Ópera, e para

completar, disfarçado de criado e vestindo uma libré! Adeus, toda a minha reputação! E que me importa minha reputação!”.

Todavia, por volta das oito e quarenta e cinco, Fabrice fez um esforço consigo mesmo; saiu do camarote da quarta fila e teve a maior dificuldade do mundo para chegar, a pé, ao lugar onde devia tirar a casaca de meia libré e vestir uma roupa mais adequada. Foi só pelas nove da noite que chegou à Visitação, num tamanho estado de palidez e fraqueza que se espalhou na igreja o rumor de que o senhor coadjutor não poderia pregar nessa noite. É de imaginar os cuidados que lhe prodigalizaram as freiras pela grade de seu parlatório interno onde ele se refugiara. Essas senhoras falavam muito; Fabrice pediu para ficar sozinho uns instantes, depois correu para o púlpito. Um de seus ajudantes de ordem lhe anunciara, por volta das três horas, que a igreja da Visitação estava completamente lotada, mas de pessoas pertencendo à classe mais baixa e, aparentemente, atraídas pelo espetáculo da iluminação. Entrando no púlpito, Fabrice foi agradavelmente surpreso ao encontrar todas as cadeiras ocupadas pelos jovens da moda e por personalidades da mais alta distinção.

Algumas frases de desculpas começaram seu sermão e foram recebidas com gritos reprimidos de admiração. Em seguida veio a descrição apaixonada do infeliz de quem se deve ter piedade para honrar dignamente a Madona da Piedade, que, ela mesma, tanto sofreu na Terra. O orador estava muito emocionado; havia momentos em que mal podia pronunciar as palavras de modo a ser ouvido em todas as partes dessa pequena igreja. Aos olhos de todas as mulheres e de bom número de homens, ele mesmo parecia o infeliz de quem se devia ter piedade, de tão extrema era sua palidez. Alguns minutos depois das frases de desculpas com que iniciara seu discurso, notou-se que não se encontrava em seu estado normal: nessa noite o acharam com uma tristeza mais profunda e mais terna que de costume. Uma vez o viram com lágrimas nos olhos: no mesmo instante elevou-se na audiência um soluço geral e tão ruidoso que todo o sermão foi interrompido.

Essa primeira interrupção foi seguida de dez outras; davam gritos de admiração, havia acessos de lágrimas; ouviam-se a todo instante exclamações como: Ah! Santa Madona! Ah! Santo Deus! A emoção era tão geral e tão invencível nesse público de elite que ninguém tinha vergonha de dar gritos, e as pessoas que eram impelidas a isso não pareciam ridículas para seus vizinhos.

Na pausa que é de praxe fazer no meio do sermão, disseram a Fabrice que não ficara absolutamente ninguém no espetáculo; no camarote ainda se via uma só dama, a marquesa Crescenzi. Durante esse momento de descanso ouviu-se de repente uma barulheira na sala: eram os fiéis que votavam por uma estátua ao senhor coadjutor. Seu sucesso na segunda parte do discurso foi tão alucinante e mundano, os ímpetos de contrição cristã foram de tal modo substituídos por gritos de admiração totalmente profanos que ele julgou dever dirigir, ao sair do púlpito, uma espécie de reprimenda aos ouvintes. Diante disso, todos saíram ao mesmo tempo num movimento que tinha algo de singular e compassado; e, chegando à rua, todos se puseram a aplaudir com furor e a gritar: *E viva del Dongo!*

Fabrice consultou seu relógio, precipitadamente, e correu até uma janelinha gradeada que iluminava a estreita passagem do órgão até o interior do convento. Por cortesia com a inacreditável e insólita multidão que lotava a rua, o guarda suíço do palácio Crescenzi

pusera uma dúzia de tochas naquelas mãos de ferro que se veem sair dos muros de fachada dos palácios construídos na Idade Média. Depois de alguns minutos, e muito tempo antes que os gritos tivessem cessado, o acontecimento que Fabrice esperava com tanta ansiedade ocorreu, a carruagem da marquesa, ao voltar do espetáculo, apareceu na rua; o cocheiro foi obrigado a parar, e foi só aos passinhos e na base de gritos que a carruagem conseguiu chegar à porta.

A marquesa ficara comovida com a música sublime, como ficam os corações sofredores, mas bem mais ainda com a perfeita solidão do espetáculo quando soube sua razão. No meio do segundo ato, e estando no palco o *tenor* admirável, até mesmo as pessoas da plateia tinham de repente desertado de seus lugares para irem tentar a sorte e se arriscarem a entrar na igreja da Visitação. A marquesa, vendo-se parada pela multidão diante de sua porta, caiu em lágrimas. “Eu não tinha feito uma má escolha!”, ela pensou.

Mas, justamente por causa desse momento de ternura, resistiu com firmeza às instâncias do marquês e de todos os amigos da casa, que não concebiam que não fosse ver um pregador tão assombroso. “Afim”, diziam, “ele ultrapassa até mesmo o melhor tenor da Itália!” “Se eu o vir, estou perdida!”, pensava a marquesa.

Foi em vão que Fabrice, cujo talento parecia mais brilhante a cada dia, ainda pregou várias vezes naquela mesma pequena igreja, vizinha ao palácio Crescenzi, pois jamais avistou Clélia, que até mesmo, no final, ficou mal-humorada com aquela afetação que ia perturbar a rua solitária, depois de já tê-la expulsado de seu jardim.

Percorrendo os rostos de mulheres que o escutavam, Fabrice reparara, já havia bastante tempo, numa carinha morena muito bonita, e cujos olhos lançavam chamas. Esses olhos magníficos ficavam, em geral, banhados de lágrimas desde a oitava ou décima frase do sermão. Quando Fabrice era obrigado a dizer coisas longas e enfadonhas para ele mesmo, de bom grado repousava seus olhares naquela cabeça cuja mocidade lhe agradava. Ficou sabendo que essa jovem pessoa se chamava Anetta Marini, filha única e herdeira do mais rico comerciante de tecidos de Parma, morto alguns meses antes.

Logo o nome dessa Anetta Marini, filha do comerciante de tecidos, esteve em todas as bocas; apaixonara-se perdidamente por Fabrice. Quando os famosos sermões começaram, seu casamento estava decidido com Giacomo Rassi, filho mais velho do ministro da Justiça, o qual não lhe desagradava; porém, mal ouviu duas vezes monsenhor Fabrice, declarou que não queria mais se casar; e, quando lhe perguntaram a causa de mudança tão singular, respondeu que não era digno de uma moça honesta casar-se com um homem sentindo-se perdidamente apaixonada por outro. Sua família tentou primeiro, sem sucesso, saber quem podia ser esse outro.

Mas as lágrimas ardentes que Anetta derramava durante o sermão levaram ao caminho da verdade; quando sua mãe e seus tios lhe perguntaram se amava monsenhor Fabrice, ela respondeu com coragem que, já que tinham descoberto a verdade, ela não se aviltaria por uma mentira; acrescentou que, não tendo nenhuma esperança de se casar com o homem que adorava, queria ao menos não ter mais os olhos ofendidos pela cara ridícula do *contino* Rassi. Em dois dias, esse ridículo atribuído ao filho de um homem perseguido pela inveja de toda a burguesia se tornou a conversa de toda a cidade. A resposta de Anetta Marini pareceu encantadora e todos a repetiram. Falou-se disso no palácio Crescenzi e

falou-se por toda parte.

Clélia evitou abrir a boca sobre um assunto desses em seu salão; mas fez perguntas à sua camareira e, no domingo seguinte, depois de ouvir a missa na capela do palácio, fez a camareira subir em sua carruagem e foi procurar uma segunda missa na paróquia da srta. Marini. Lá encontrou reunidos todos os elegantes da cidade, atraídos pelo mesmo motivo; esses cavalheiros se mantinham de pé, perto da porta. Logo, pela grande agitação que houve entre eles, a marquesa compreendeu que a srta. Marini estava entrando na igreja; ficou muito bem colocada para vê-la, e, apesar de sua devoção, não prestou atenção à missa. Clélia achou que essa beldade burguesa tinha um arzinho decidido que, a seu ver, poderia convir, quando muito, a uma mulher casada há muitos anos. Aliás, tinha um corpinho admiravelmente bem-feito, e seus olhos, como se diz na Lombardia, pareciam conversar com as coisas que olhavam. A marquesa fugiu antes do fim da missa.

Já no dia seguinte os amigos da casa Crescenzi, os quais iam lá diariamente, para o sarau, contaram um novo caso ridículo da Anetta Marini. Como sua mãe, temendo alguma loucura de sua parte, só deixava pouco dinheiro à sua disposição, Anetta fora oferecer um magnífico anel de diamantes, presente do pai, ao célebre Hayez, então em Parma para trabalhar nos salões do palácio Crescenzi, e lhe pediu que fizesse o retrato do sr. Del Dongo; mas quis que, nesse retrato, ele aparecesse vestido simplesmente de preto, e não com roupa de padre. Ora, na véspera a mãe da pequena Anetta ficara muito surpresa, e ainda mais escandalizada, de encontrar no quarto da filha um magnífico retrato de Fabrice del Dongo, cercado pela mais bela moldura que havia sido dourada em Parma nos últimos vinte anos.

a Famosa réplica da comédia de Molière *Georges Dandin ou le mari confondu* [Georges Dandin ou o marido confundido], em que o rico camponês Dandin consegue, em troca da fortuna, um título de nobreza e se casa com uma mulher que o trairá com um aristocrata. A frase significa “Assim você quis, Georges Dandin!”.

b Franzido, carrancudo.

Arrastados pelos acontecimentos, não tivemos tempo de esboçar a raça cômica de cortesãos que pululam na corte de Parma e faziam comentários engraçados sobre os eventos por nós contados. O que nesse país torna um fidalgo, dotado de três ou quatro mil libras de renda, digno de figurar com meias pretas, no *levantar* do príncipe, é, primeiro, nunca ter lido Voltaire e Rousseau: essa condição não é muito difícil de preencher. Em seguida, era preciso saber falar com ternura sobre o resfriado do soberano, ou sobre a última caixa de mineralogia que ele recebera de Saxe. Se depois disso ele não faltasse à missa um só dia do ano, se pudesse contar entre seus amigos íntimos com dois ou três monges gordos, o príncipe se dignava a lhe dirigir a palavra uma vez por ano, quinze dias antes ou quinze dias depois do primeiro de janeiro, o que lhe dava um grande relevo em sua paróquia, e o coletor de impostos não ousava vexá-lo muito se ele estivesse atrasado na quantia anual de cem francos com que eram taxadas suas pequenas propriedades.

O sr. Gonzo era um pobre-diabo dessa espécie, muito nobre, e que, além de possuir uns pequenos bens, obtivera pela influência do marquês Crescenzi um lugar magnífico, rendendo mil cento e cinquenta francos por ano. Esse homem poderia ter jantado em casa, mas tinha uma paixão: só se sentia à vontade e feliz quando estava no salão de um grande personagem que lhe diria de vez em quando: *Cale-se, Gonzo, você não passa de um tolo.*

Esse julgamento era ditado pelo mau humor, pois quase sempre Gonzo tinha mais inteligência que o grande personagem. Falava a respeito de tudo e com bastante graça: ademais, estava pronto a trocar de opinião diante de uma careta do dono da casa. A bem da verdade, embora profundamente astuto com seus interesses, não tinha ideias, e quando o príncipe não estava resfriado ele às vezes se sentia embaraçado na hora de entrar num salão.

O que em Parma valera uma reputação a Gonzo era o magnífico chapéu de três pontas, guarnecido de uma pena preta meio estragada, que ele usava mesmo estando de fraque; mas era preciso ver a maneira como usava essa pena, seja na cabeça, seja na mão; aí estava o talento e a importância. Informava-se com verdadeira ansiedade sobre o estado de saúde do cãozinho da marquesa, e se houvesse um incêndio no palácio Crescenzi teria exposto sua vida para salvar uma daquelas lindas poltronas de brocado de ouro, que fazia tantos anos se agarravam em sua calça de seda preta, quando por acaso ele se atrevia a sentar ali um instante.

Sete ou oito personagens dessa espécie chegavam toda noite, às sete horas, ao salão da marquesa Crescenzi. Mal se sentavam, um lacaios magnificamente vestido de uma libré amarelo-junquilha toda coberta de galões de prata, assim como a veste vermelha que

completava sua magnificência, ia pegar os chapéus e as bengalas dos pobres-diabos. Era seguido imediatamente por um criado de quarto trazendo uma xícara de café infinitamente pequena, sustentada por um pé de prata em filigrana; e a cada meia hora um mordomo, portando espada e magnífica casaca à francesa, vinha oferecer sorvetes.

Cerca de meia hora depois dos pequenos cortesãos de roupas surradas, viam-se chegar cinco ou seis oficiais falando alto e com um jeito bem militar, e geralmente discutindo sobre o número e o tipo de botões que deve haver na farda do soldado para que o general em chefe possa obter vitórias. Não seria prudente citar nesse salão um jornal francês; pois, mesmo que a notícia se revelasse das mais agradáveis, por exemplo, cinquenta liberais fuzilados na Espanha, nem por isso o narrador deixaria de ter lido um jornal francês. A obra-prima de habilidade de toda essa gente era obter a cada dez anos um aumento de pensão de cento e cinquenta francos. É assim que o príncipe divide com sua nobreza o prazer de reinar sobre os camponeses e sobre os burgueses.

O principal personagem, sem contestação, do salão Crescenzi era o cavaleiro Foscarini, homem perfeitamente honrado; por isso estivera um pouco na prisão sob todos os regimes. Era membro dessa famosa câmara de deputados que, em Milão, rejeitou a lei de registro introduzida por Napoleão, gesto pouco frequente na história. O cavaleiro Foscarini, depois de ser por vinte anos o amante da mãe do marquês, permanecera o homem influente da casa. Sempre tinha alguma história engraçada para contar, mas nada escapava à sua sutileza, e a jovem marquesa, que no fundo do coração se sentia culpada, tremia diante dele.

Como Gonzo tinha verdadeira paixão por esse grande nobre, que lhe dizia grosserias e o fazia chorar uma ou duas vezes por ano, sua mania era tentar lhe prestar uns servicinhos; e, se não se sentisse paralisado pelos hábitos de uma extrema pobreza, poderia ter conseguido isso algumas vezes, pois não lhe faltava certa dose de finura e outra, muito maior, de atrevimento.

Gonzo, tal como o conhecemos, desprezava um bocado a marquesa Crescenzi, pois em toda a sua vida ela nunca lhe dirigira uma palavra menos cortês; mas, enfim, era a mulher desse famoso marquês Crescenzi, cavaleiro de honra da princesa, e que, uma ou duas vezes por mês, dizia a Gonzo:

— Cale-se, Gonzo, você não passa de um imbecil.

Gonzo reparou que tudo o que se dizia da pequena Anetta Marini fazia a marquesa sair, por um instante, do estado de devaneio e desatenção em que ficava habitualmente mergulhada até que batessem onze horas, quando então ela fazia o chá e o oferecia a cada homem presente, chamando-o pelo nome. Depois disso, quando ia se recolher a seus aposentos, parecia encontrar um momento de alegria; era quando escolhiam lhe recitar os sonetos satíricos.

Fazem-nos excelentes na Itália: é o único gênero de literatura que ainda tem um pouco de vida; na verdade, não é submetido à censura, e os cortesãos da Casa Crescenzi anunciavam sempre seus sonetos com estas palavras:

— A senhora marquesa permite que se recite diante dela um soneto muito ruim?

E, quando o soneto fizera rir e fora repetido duas ou três vezes, um dos oficiais não deixava de exclamar:

— O senhor ministro da Polícia deveria se ocupar de fazer com quem fossem enforcados de vez em quando os autores de tais infâmias.

As sociedades burguesas, ao contrário, acolhem esses sonetos com a mais franca admiração, e os escreventes de procuradores vendem cópias deles.

Pelo tipo de curiosidade que a marquesa demonstrava, Gonzo imaginou que haviam louvado demais, diante dela, a beleza da pequena Marini, a qual, aliás, tinha um milhão de fortuna, e de quem a marquesa estava com ciúmes. Como Gonzo, com seu sorriso perpétuo e seu atrevimento completo diante de tudo o que não era nobre, penetrava em toda parte, já no dia seguinte chegou ao salão da marquesa usando com certo ar de triunfo o chapéu de penas, que só o viam usar uma ou duas vezes por ano, quando o príncipe lhe dizia: *Adeus, Gonzo*.

Depois de cumprimentar respeitosamente a marquesa, Gonzo não se afastou, como de costume, para ir se sentar na poltrona que acabavam de lhe oferecer. Pôs-se no meio do círculo e exclamou brutalmente:

— Vi o retrato de monsenhor Del Dongo.

Clélia ficou tão surpresa que teve de se apoiar no braço da poltrona; tentou resistir à tempestade, mas logo foi obrigada a abandonar o salão.

— É preciso convir, meu pobre Gonzo, que você é de uma falta de tato rara — exclamou com altivez um dos oficiais que terminava o quarto sorvete. — Como não sabe que o coadjutor, que foi um dos mais valentes coronéis do exército de Napoleão, outrora pregou uma peça digna de enforcamento ao pai da marquesa, ao fugir da cidadela que o general Conti comandava, como se saísse da Steccata (a principal igreja de Parma)?

— De fato, ignoro muitas coisas, meu caro capitão, e sou um pobre imbecil que comete gafes o dia todo.

Essa réplica, perfeitamente no gosto italiano, causou risos, à custa do brilhante oficial. A marquesa logo voltou; armara-se de coragem e não deixava de ter uma vaga esperança de poder pessoalmente admirar esse retrato de Fabrice, que diziam estar excelente. Comentou os elogios ao talento de Hayez, que o fizera. Sem se dar conta, dirigia sorrisos encantadores a Gonzo, que olhava para o oficial com ares maliciosos. Como todos os outros cortesãos da casa se entregavam ao mesmo prazer, o oficial deu no pé, não sem votar um ódio mortal a Gonzo; este triunfava, e à noite, ao se despedir, foi convidado para almoçar no dia seguinte.

— E aqui temos mais esta! — exclamou Gonzo, no dia seguinte, depois do almoço, quando os criados saíram. — Pois não é que nosso coadjutor ficou apaixonado pela pequena Mariani!...

Pode-se imaginar o desassossego que subiu ao coração de Clélia ao ouvir palavras tão extraordinárias. O próprio marquês ficou comovido.

— Mas Gonzo, meu amigo, como sempre, você fica aí divagando! E deveria falar com um pouco mais de reserva de um personagem que teve a honra de ser onze vezes parceiro de uíste de Sua Alteza!

— Pois bem! Senhor marquês — respondeu Gonzo com a grosseria das pessoas de sua espécie —, posso lhe jurar que ele também gostaria muito de ser o parceiro da pequena Mariani. Mas basta que esses detalhes lhe desagradem: eles não existem mais para mim,

que quero, antes de tudo, não chocar meu adorável marquês.

Depois do almoço o marquês sempre se retirava para fazer a sesta. Nesse dia, absteve-se; mas Gonzo teria preferido cortar a língua a acrescentar uma palavra sobre a pequena Mariani; e a todo instante começava um discurso, calculado de modo a que o marquês pudesse esperar que ele voltaria aos amores da burguesinha. Gonzo tinha em alto grau esse espírito italiano que consiste em diferir, deliciado, o instante de lançar a palavra desejada. O pobre marquês, morrendo de curiosidade, foi obrigado a dar o primeiro passo: disse a Gonzo que, quando tinha o prazer de almoçar com ele, comia duas vezes mais. Gonzo não entendeu e se pôs a descrever uma magnífica galeria de quadros que a marquesa Balbi, amante do finado príncipe, estava formando; três ou quatro vezes falou de Hayez, com a lentíssima entonação da mais profunda admiração. O marquês pensava: “Bem! Ele vai chegar, enfim, ao retrato encomendado pela pequena Mariani!”. Mas era o que Gonzo estava muito longe de fazer. Bateram cinco horas, o que deu muito mau humor ao marquês, que estava acostumado a subir na carruagem às cinco e meia, depois da sesta, para ir ao Corso.

— É assim que você é, com suas idiotices! — ele disse, grosseiramente, a Gonzo. — Você me fará chegar ao Corso depois da princesa, de quem sou o cavaleiro de honra, e que pode ter ordens a me dar. Ande! Apresse-se! Diga-me em poucas palavras, se puder, o que são esses pretensos amores do monsenhor coadjutor?

Mas Gonzo queria reservar esse relato para os ouvidos da marquesa, que o convidara a almoçar; portanto, *apressou-se*, em pouquíssimas palavras, para contar a história exigida, e o marquês, meio adormecido, correu para fazer sua sesta. Gonzo agiu de modo totalmente diferente com a pobre marquesa. Ela permanecera tão jovem e ingênua, apesar de sua grande fortuna, que pensou dever reparar a grosseria com que o marquês acabava de dirigir a palavra a Gonzo. Encantado com esse triunfo, este recuperou toda a sua eloquência e se deu ao prazer, não menos que ao dever, de com ela entrar em pormenores infindáveis.

A pequena Anetta Marini dava até um sequim por um lugar que lhe reservassem no sermão; chegava sempre com duas tias e o antigo tesoureiro de seu pai. Esses lugares, que ela mandava reservar de véspera, eram em geral escolhidos quase defronte do púlpito, mas um pouco do lado do altar-mor, pois ela reparara que o coadjutor costumava se virar para o altar. Ora, o que o público também reparara era que *não raro* os olhos tão eloquentes do jovem pregador se detinham, condescendentes, na jovem herdeira, essa beleza tão atraente; e aparentemente com alguma atenção, pois assim que tinha os olhos fixados nela seu sermão tornava-se erudito, as citações abundavam, e não mais se viam aqueles ímpetos que partem do coração; e as senhoras, para quem o interesse cessava quase de imediato, se punham a olhar para Marini e a falar mal dela.

Clélia pediu que lhe repetisse até três vezes todos esses detalhes singulares. Na terceira, ficou muito sonhadora; calculava que havia justamente catorze meses que não tinha visto Fabrice. “Haveria um grande mal”, pensou, “em passar uma hora numa igreja, não para ver Fabrice, mas para ouvir um pregador célebre? Aliás, eu me porei longe do púlpito, e só olharei para Fabrice uma vez entrando e outra vez no fim do sermão... Não”, pensava Clélia, “não é Fabrice que vou ver, vou ouvir o assombroso pregador!” Em meio a todos

esses argumentos, a marquesa sentia remorsos; seu comportamento fora tão belo nesses catorze meses! “Enfim”, pensou, para encontrar certa paz consigo mesma, “se a primeira mulher que vier aqui esta noite tiver ido ouvir monsenhor Del Dongo pregar, eu também irei; se não tiver ido, vou me abster.”

Uma vez tomada essa decisão, a marquesa fez a felicidade de Gonzo ao lhe dizer:

— Trate de saber que dia o coadjutor pregará, e em que igreja? Esta noite, antes que você saia, talvez tenha uma missão a lhe dar.

Nem bem Gonzo partiu para o Corso, Clélia foi tomar ar no jardim de seu palácio. Não pensou que fazia dez meses que não pisara ali. Estava viva, animada; com as feições coradas. À noite, a cada enfadonho que entrava no salão, seu coração palpitava de emoção. Finalmente, anunciaram Gonzo, que, já de relance, viu que seria o homem necessário nos próximos sete dias. “A marquesa está com ciúmes da pequena Marini, e seria, palavra de honra, uma comédia bem montada”, pensou, “esta em que a marquesa representaria o papel principal, a pequena Anetta, a empregadinha, e monsenhor Del Dongo, o apaixonado! A entrada a dois francos não seria muito cara, palavra de honra.” Não cabia em si de contente e durante a noite inteira cortou a palavra de todo mundo e contou as anedotas mais disparatadas (por exemplo, a da famosa atriz e do marquês de Pequigny,<sup>a</sup> que ele soubera na véspera, por um viajante francês.) De seu lado, a marquesa não conseguia parar quieta; passeava pelo salão, circulava por uma galeria contígua a ele, na qual o marquês só admitira quadros que custassem, cada um, mais de vinte mil francos. Esses quadros tinham uma linguagem tão clara, naquela noite, que cansavam o coração da marquesa, de tantas emoções. Por fim, ela ouviu abrirem os dois batentes da porta e correu ao salão: era a marquesa Raversi! Mas, ao lhe dirigir os cumprimentos de praxe, Clélia sentiu que a voz lhe faltava. A marquesa a fez repetir duas vezes a mesma pergunta, que de início ela não ouvira:

— Que me diz do pregador da moda?

— Eu o olhava como a um pequeno intrigante, digníssimo sobrinho da ilustre condessa Mosca; mas na última vez que ele pregou, na igreja da Visitação, sabe, bem em frente à sua casa, foi tão sublime que, esquecendo-me de todo o ódio, o considero como o homem mais eloquente que jamais ouvi.

— Quer dizer que assistiu a um de seus sermões? — perguntou Clélia, toda trêmula de felicidade.

— Mas, como! — disse a marquesa, rindo. — Então não estava me ouvindo? Eu não faltaria a eles por nada deste mundo. Dizem que está sofrendo do peito, e que em breve não pregará mais!

Assim que a marquesa saiu, Clélia chamou Gonzo na galeria.

— Estou quase decidida — disse-lhe — a ouvir esse pregador tão elogiado. Quando pregará?

— Na próxima segunda-feira, isto é, daqui a três dias; e parece que ele adivinhou o projeto de Vossa Excelência, pois vem pregar na igreja da Visitação.

Nem tudo fora explicado, mas Clélia não tinha mais voz para falar; deu cinco ou seis voltas pela galeria, sem acrescentar uma palavra. Gonzo pensava: “Eis que a vingança a está corroendo. Como se pode ser insolente o bastante para fugir de uma prisão, sobretudo

quando se tem a honra de ser guardado por um herói como o general Fabio Conti!”.

— Aliás, convém se apressar — acrescentou com fina ironia —; ele está atacado no peito. Ouvei o doutor Rambo dizer que não tem um ano de vida; Deus o castiga por ter quebrado seu banimento ao fugir traiçoeiramente da cidadela.

A marquesa se sentou no divã da galeria e fez um sinal a Gonzo, para imitá-la. Instantes depois, entregou-lhe uma bolsinha onde pusera alguns sequins.

— Faça-me reservar quatro lugares.

— Seria permitido ao pobre Gonzo insinuar-se no séquito de Vossa Excelência?

— Com certeza; mande reservar cinco lugares... Não faço a menor questão — acrescentou — de estar perto do púlpito mas gostaria de ver a senhorita Marini, que dizem ser tão bonita.

A marquesa não viveu durante os três dias que a separavam da famosa segunda-feira, dia do sermão. Gonzo, para quem era uma honra insigne ser visto em público no séquito de tão grande dama, arvorara sua casaca francesa, com a espada; e isso não foi tudo, pois, aproveitando-se da vizinhança do palácio, mandou levarem para a igreja uma poltrona dourada magnífica, destinada à marquesa, o que os burgueses consideraram a pior das insolências. Pode-se imaginar o que sentiu a pobre marquesa ao avistar aquela poltrona, que tinham colocado justamente defronte do púlpito. Clélia estava tão confusa, baixando os olhos, e refugiada num canto daquela imensa poltrona, que não teve nem sequer coragem de olhar para a pequena Marini, que Gonzo lhe indicava com a mão, com um descaramento que ela era incapaz de engolir. Aos olhos do cortesão, qualquer criatura não nobre era rigorosamente nada.

Fabrice apareceu no púlpito; estava tão magro, tão pálido, tão *consumido*, que no mesmo instante os olhos de Clélia se encheram de lágrimas. Fabrice disse umas palavras e depois parou, como se de repente lhe faltasse a voz; tentou em vão começar umas frases; virou-se e pegou um papel escrito.

— Meus irmãos — disse —, uma alma infeliz e bem digna de toda a vossa piedade incita-os, por minha voz, a rezar pelo fim de seus tormentos, que só cessarão com sua própria vida.

Fabrice leu muito lentamente o resto do papel; mas a expressão de sua voz era tal que, antes do meio da prece, todos choravam, até Gonzo. “Ao menos não repararão em mim”, pensava a marquesa, debulhando-se em lágrimas.

Enquanto lia o papel escrito, Fabrice elaborou duas ou três ideias sobre o estado do homem infeliz para quem ele acabava de solicitar as preces dos fiéis. Logo seus pensamentos lhe chegaram em profusão. Com jeito de se dirigir ao público, ele só falava à marquesa. Terminou o discurso um pouco mais cedo que de costume, porque, por mais que fizesse, as lágrimas o ganhavam a tal ponto que já não conseguia pronunciar de modo inteligível. Os bons juízes acharam singular aquele sermão, mas ao menos igual, no que se refere ao patético, ao famoso sermão pregado no dia da iluminação. Quanto à Clélia, nem bem ouviu as dez primeiras linhas da prece lida por Fabrice, considerou como um crime atroz ter podido passar catorze meses sem vê-lo. Ao voltar para casa, foi para a cama a fim de poder pensar em Fabrice com total liberdade; e no dia seguinte, bem cedinho, Fabrice recebeu um bilhete assim escrito:

“Conta-se com sua honra; procure quatro valentes em cuja discricção tenha confiança e amanhã, no momento em que bater meia-noite na Steccata, encontre-se perto de uma portinhola que traz o número 19, na rua San Paolo. Pense que pode ser atacado, não venha sozinho.”

Ao reconhecer essa letra divina, Fabrice caiu de joelhos e debulhou-se em lágrimas. “Finalmente”, exclamou, “depois de catorze meses e oito dias! Adeus, prédicas.”

Seria muito longo descrever todos os gêneros de loucuras com que andaram às voltas, nesse dia, os corações de Fabrice e Clélia. A pequena porta indicada no bilhete não era outra senão a do laranjal do palácio Crescenzi, e dez vezes ao dia Fabrice deu um jeito de vê-la. Pegou as armas, e sozinho, um pouco antes de meia-noite, com um passo rápido, estava passando perto daquela porta quando, para sua indizível alegria, ouviu uma voz bem conhecida dizer baixinho:

— Entre aqui, amigo de meu coração.

Fabrice entrou, cautelosamente, e na verdade se viu no laranjal, mas diante de uma janela fortemente gradeada e numa altura de três ou quatro pés acima do chão. A escuridão era total, Fabrice ouvira algum ruído naquela janela, e estava fazendo um reconhecimento da grade, aos tateios, quando sentiu a mão de alguém, passada pelas grades, pegar a sua e levá-la aos lábios que lhe deram um beijo.

— Sou eu — disse-lhe uma voz querida —, vim aqui para lhe dizer que o amo e perguntar se quer me obedecer.

Pode-se imaginar a resposta, a alegria, o espanto de Fabrice; depois dos primeiros arrebatamentos, Clélia disse:

— Fiz promessa à Madona, como sabe, de nunca mais vê-lo; por isso é que o recebo nesta escuridão total. Quero que saiba que, se algum dia você me forçasse a olhá-lo em pleno dia, tudo estaria terminado entre nós. Mas, primeiro, não quero que pregue diante de Anetta Marini, e não vá acreditar que fui eu que fiz a bobagem de mandar levar uma poltrona para a casa de Deus.

— Meu querido anjo, não mais pregarei diante de quem quer que seja; só preguei na esperança de um dia vê-la.

— Não fale assim, pense que não me é permitido vê-lo.

Aqui, pedimos licença para pular, sem dizer uma só palavra a respeito, por cima de um intervalo de três anos.

Na época em que nossa narrativa é retomada, já fazia muito tempo que o conde Mosca estava de volta a Parma, como primeiro-ministro, mais poderoso que nunca.

Depois desses três anos de divina felicidade, a alma de Fabrice teve um capricho de ternura que veio a modificar tudo. A marquesa tinha um menininho encantador de dois anos, Sandrino, que fazia a alegria da mãe; estava sempre com ela ou no colo do marquês Crescenzi; Fabrice, ao contrário, não o via quase nunca; não quis que ele se acostumasse a amar a um outro pai. Concebeu o desígnio de sequestrar a criança antes que suas lembranças fossem bem precisas.

Nas longas horas de cada dia em que a marquesa não podia ver seu amado, a presença de Sandrino a consolava; pois temos de confessar uma coisa que parecerá estranha ao norte dos Alpes: apesar de seus erros, ela permanecera fiel à sua promessa; prometera à Madona,

como talvez se lembrem, *jamais ver* Fabrice; essas tinham sido suas palavras exatas: por conseguinte, só o recebia à noite, e jamais havia luzes no apartamento.

Mas todas as noites ele era recebido por sua amante; e, o que é admirável, no meio de uma corte devorada pela curiosidade e pelo tédio, as precauções de Fabrice tinham sido tão habilmente calculadas que nunca essa *amicizia*, como se diz na Lombardia, foi sequer suspeitada. Esse amor era profundo demais para que não houvesse rugas; Clélia era muito dada a sentir ciúmes, mas quase sempre as brigas decorriam de outra causa. Fabrice abusava de alguma cerimônia pública para se encontrar no mesmo lugar que a marquesa e olhar para ela, e então ela agarrava um pretexto para sair bem depressa, e por muito tempo baniu seu amigo.

Espantavam-se na corte de Parma por não conhecer nenhuma intriga amorosa envolvendo uma mulher tão admirável por sua beleza e pela elevação de seu espírito; Clélia fez nascerem paixões que inspiraram muitas loucuras, e várias vezes Fabrice também foi ciumento.

Fazia tempo que o bom arcebispo Landriani morrera; a devoção, os costumes exemplares, a eloquência de Fabrice tinham jogado o outro no esquecimento; o irmão mais velho de Fabrice morrera e todos os bens da família lhe haviam tocado. A partir desse momento ele distribuiu todo ano aos vigários e aos curas de sua diocese os cento e poucos mil francos que rendia o arcebispado de Parma.

Teria sido difícil sonhar com uma vida mais honrada, mais honrosa e mais útil do que esta que Fabrice construía para si mesmo, quando tudo foi perturbado por aquele desventuroso capricho da ternura.

— Por causa dessa promessa, que respeito, e que no entanto faz a desgraça de minha vida, já que você não quer me ver de dia — disse ele certa vez a Clélia —, sou obrigado a viver constantemente sozinho, não tendo outra distração além do trabalho; e, ainda assim, este às vezes me falta. Em meio a esse modo severo e triste de passar as longas horas de cada dia, apresentou-se uma ideia, que faz meu tormento e que combato em vão há seis meses: meu filho não me amará, jamais ouve alguém dizer meu nome. Criado no meio do luxo agradável do palácio Crescenzi, mal e mal me conhece. Nas poucas vezes que o vejo, penso na mãe dele, cuja beleza celestial ele me faz lembrar, mas para a qual não posso olhar, e ele deve me achar um semblante sério, o que, para as crianças, quer dizer triste.

— Pois bem! — disse a marquesa. — O que pretende todo esse discurso que me apavora?

— Recuperar meu filho! Quero que ele more comigo; quero vê-lo todos os dias, quero que se acostume a me amar; quero amá-lo eu mesmo, à vontade. Já que uma fatalidade única no mundo quer que eu seja privado dessa felicidade de que gozam tantas almas ternas, e que eu não passe minha vida com tudo o que adoro, desejo ao menos ter perto de mim uma criatura que faça meu coração se lembrar de você, que a substitua, de certa forma. Em minha solidão forçada, os negócios e os homens me são uma carga; você sabe que a ambição sempre foi para mim uma palavra vazia, desde o instante em que tive a felicidade de ser encarcerado por Barbone, e tudo o que não é sensação da alma me parece ridículo na melancolia que, longe de você, me oprime.

Pode-se compreender a profunda dor com que a tristeza de seu amado encheu a alma da pobre Clélia; seu pesar foi mais profundo ainda porque ela sentia que Fabrice tinha certa

razão. Chegou ao ponto de se questionar se não devia tentar romper sua promessa. Então, teria recebido Fabrice durante o dia, como a qualquer outro personagem da sociedade, e sua reputação de bom comportamento estava muito bem estabelecida para que houvesse alguma maledicência. Pensava consigo mesma que, com muito dinheiro, poderia ficar desobrigada de sua promessa; mas também sentia que esse arranjo muito mundano não tranquilizaria sua consciência, e talvez o céu, irritado, a castigasse por esse novo crime.

Por outro lado, se aceitasse ceder ao desejo tão natural de Fabrice, se tentasse não causar a infelicidade dessa alma terna que ela conhecia tão bem, e cujo sossego sua promessa singular comprometia tão estranhamente, como imaginar sequestrar o filho único de um dos maiores nobres da Itália sem que a fraude fosse descoberta? O marquês Crescenzi prodigalizaria quantias enormes, ele mesmo estaria à frente das buscas, e cedo ou tarde o rapto seria conhecido. Só havia um meio de enfrentar esse perigo: era preciso enviar a criança para longe, para Edimburgo, por exemplo, ou para Paris; mas era com isso que a ternura da mãe não conseguia se resignar. O outro meio proposto por Fabrice, e de fato o mais sensato, tinha algo de sinistro agouro e de quase mais pavoroso ainda aos olhos daquela mãe enlouquecida; era preciso, dizia Fabrice, fingir uma doença; a criança ficaria cada vez pior, e finalmente acabaria morrendo durante uma ausência do marquês Crescenzi.

Uma repugnância que, em Clélia, chegava às raias do terror, causou um rompimento que não durou muito.

Clélia alegava que não deviam tentar a Deus; que aquele filho tão querido era o fruto de um crime, e que, se irritassem mais a cólera celeste, Deus não deixaria de tomá-lo para si. Fabrice tornava a falar de seu destino singular:

— A posição que o acaso me atribuiu — dizia a Clélia — e meu amor me obrigam a uma solidão eterna, não posso, como a maioria de meus colegas, ter as doçuras de uma união íntima, já que você só quer me receber na escuridão, o que reduz a instantes, por assim dizer, a parte de minha vida que posso passar com você.

Muitas lágrimas rolaram. Clélia caiu doente; mas amava demais Fabrice para continuar recusando o sacrifício terrível que ele lhe pedia. Sandrino, aparentemente, adoeceu; o marquês se apressou em mandar chamar os médicos mais famosos, e Clélia se deparou desde esse instante com um terrível embaraço que não previra; havia que impedir aquela criança adorada de tomar algum dos remédios receitados pelos médicos; não era um problema pequeno.

A criança, presa na cama mais que o necessário para sua saúde, adoeceu de verdade. Como contar ao médico a causa desse mal? Dilacerada por dois interesses contrários e tão queridos, Clélia esteve a ponto de perder a razão. Seria preciso aceitar uma cura aparente e sacrificar assim todo o fruto de um fingimento tão longo e tão penoso? Fabrice, de seu lado, não podia se perdoar a violência que exercia sobre o coração de sua amiga nem renunciar a seu projeto. Dera um jeito para ser introduzido todas as noites junto à criança doente, o que trouxera outra complicação. A marquesa ia cuidar do filho e, às vezes, Fabrice era obrigado a vê-la sob a claridade das velas, o que parecia ao pobre coração doente de Clélia um pecado horrível e que pressagiava a morte de Sandrino. Foi em vão que os casuístas mais célebres, consultados sobre a obediência a uma promessa, no caso em

que seu cumprimento fosse evidentemente nocivo, responderam que a promessa não podia ser considerada como quebrada de um modo criminoso enquanto a pessoa comprometida por uma promessa feita à Divindade se abstinisse de cumpri-la, não por vã satisfação dos sentidos, mas para não causar um prejuízo evidente. Nem por isso a marquesa deixou de se sentir desesperada, e Fabrice viu a hora em que sua estranha ideia ia levar à morte de Clélia e à de seu filho.

Recorreu a seu amigo íntimo, o conde Mosca, que, por mais velho ministro que fosse, se enterneceu com essa história de amor que em grande parte ele ignorava.

— Vou lhe proporcionar a ausência do marquês por pelo menos cinco ou seis dias: quando a deseja?

Passados alguns dias, Fabrice foi dizer ao conde que estava tudo preparado para que pudessem se aproveitar dessa ausência.

Dois dias depois, quando o marquês voltava a cavalo de uma de suas terras nos arredores de Mântua, uns bandidos, aparentemente pagos para uma vingança particular, o sequestraram, sem maltratá-lo de nenhuma maneira, e o puseram numa barca, que levou três dias para descer o Pó e para fazer a mesma viagem que Fabrice fizera outrora, depois do famoso caso Giletti. No quarto dia, os bandidos depositaram o marquês numa ilha deserta do Pó, depois de terem tido o cuidado de roubá-lo completamente e de não lhe deixarem nem dinheiro nem outro bem de algum valor. Passaram-se dois dias inteiros até o marquês poder voltar para seu palácio em Parma; ele o encontrou coberto de preto e todo o seu mundo em meio à desolação.

Esse rapto, muito habilmente executado, teve um resultado um tanto funesto: Sandrino, instalado secretamente numa grande e bela casa aonde a marquesa ia vê-lo quase todo dia, morreu ao fim de alguns meses. Clélia imaginou que tinha sido atingida por um justo castigo, por ter sido infiel à sua promessa à Madona: vira tantas vezes Fabrice sob as luzes, e até mesmo duas vezes em pleno dia, e com arroubos tão carinhosos, durante a doença de Sandrino! Ela só sobreviveu uns poucos meses a esse filho tão querido, mas teve a doçura de morrer nos braços de seu amante.

Fabrice estava apaixonado demais e tinha demasiada fé para recorrer ao suicídio; esperava reencontrar Clélia num mundo melhor, mas era muito inteligente para não sentir que tinha muito a reparar.

Poucos dias depois da morte de Clélia, assinou vários atos pelos quais assegurava uma pensão de mil francos a cada um de seus criados, e reservava para si mesmo uma pensão igual; dava terras, valendo mais ou menos cem mil libras de renda, à condessa Mosca; igual quantia à marquesa Del Dongo, sua mãe, e o que podia sobrar da fortuna paterna a uma de suas irmãs, mal casada. No dia seguinte, depois de encaminhar a quem de direito a demissão do arcebispado e de todos os postos com que o cumularam sucessivamente a simpatia de Ernest V e a amizade do primeiro-ministro, retirou-se para a Cartuxa de Parma, situada nos bosques vizinhos do Pó, a duas léguas de Sacca.

A condessa Mosca aprovara fortemente, em tempo idos, que seu marido reassumisse o ministério, mas jamais aceitara voltar para os estados de Ernest V. Tinha sua corte em Vignano, a um quarto de légua de Casal-Maggiore, na margem esquerda do Pó, e por conseguinte nos estados da Áustria. Nesse magnífico palácio de Vignano, que o conde lhe

fizera construir, recebia às quintas-feiras toda a alta sociedade de Parma e, todos os dias, seus numerosos amigos. Fabrice não deixou de ir a Vignano um dia. Em suma, a condessa reunia todas as aparências da felicidade, mas só sobreviveu pouco tempo a Fabrice, que ela adorava e que só passou um ano em sua Cartuxa.

As prisões de Parma estavam vazias, o conde, imensamente rico, Ernest V, adorado por seus súditos, que comparavam seu governo àquele dos grão-duques da Toscana.

TO THE HAPPY FEW<sup>b</sup>

a Alusão à rivalidade entre Beaumarchais e um certo sr. de Pecquigny a respeito de uma atriz.

b “Aos poucos privilegiados.” Citação tirada de *O vigário de Wakefield* (1766), do romancista irlandês Oliver Goldsmith (1728-74). Stendhal cita a frase em inglês pelo menos três vezes em suas obras.